

Josh McDowell

A hand in a dark suit sleeve holds a wooden gavel over a simple wooden cross. The background is a solid, deep red color. The text is overlaid on this scene.

**EVIDÊNCIA
QUE EXIGE UM
VEREDITO**

Evidências históricas da fé Cristã

EVIDÊNCIA QUE EXIGE UM VEREDITO

Evidências históricas
da fé Cristã

COMPILADO POR
Josh McDowell

Digitalizado por id



www.semeadoresdapalavra.net

Nossos e-books são disponibilizados gratuitamente, com a única finalidade de oferecer leitura edificante a todos aqueles que não tem condições econômicas para comprar.

Se você é financeiramente privilegiado, então utilize nosso acervo apenas para avaliação, e, se gostar, abençoe autores, editoras e livrarias, adquirindo os livros.

SEMEADORES DA PALAVRA e-books evangélicos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

McDowell, Josh

Evidência que exige um veredito : evidências históricas da fé cristã / compilado por Josh McDowell; Tradução Márcio Redondo I. - 2. ed. - São Paulo: Editora Candeia, 1996.

Título original: Evidence that demands a verdict. Bibliografia.

1. Bíblia - Autoridade, testemunhos etc. 2. Bíblia - História dos eventos bíblicos: 3. Fé I. Título.

96-2402 _____ CDD-220.1

ISBN 85-7352-008-6

Título do original em inglês:

EVIDENCE THAT DEMANDS A VERDICT

De Josh McDowell

Copyright © 1972 - Campus Crusade for Christ, Inc.

Coordenador de produção: Mauro Wanderlei Terrengui Tradução: Márcio Redondo

Revisão de provas: Solange Domingues da Silva Composição, frotolito, impressão e

acabamento: Associação Religiosa Imprensa da Fé

1ª Edição em Português: 1989

2ª Edição: 1992 — 3.000 exemplares

Reimpressão: 2000 — 1.000 exemplares

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados pela:

EDITORA E DISTRIBUIDORA CANDEIA

Rua: Belarmino Cardoso de Andrade, 108

Interlagos - São Paulo, SP

CEP 04809-270

Gostaríamos de saber sua opinião sobre este livro.

Escreva para a Editora Candeia

Conteúdo

APRESENTAÇÃO	6
PREFÁCIO	8
EXPLICAÇÃO DA FORMA DE APRESENTAÇÃO DO LIVRO	11
INTRODUÇÃO	13
Bibliografia	

PRIMEIRA PARTE: A BÍBLIA - EU ACREDITO NELA

Capítulo 1. A SINGULARIDADE DA BÍBLIA 23

Uma pessoa inteligente em busca da verdade certamente lera e examinará um livro com as qualificações históricas da Bíblia. Essas características distintivas tornam a Bíblia diferente de qualquer outro livro já escrito.

Capítulo 2. COMO A BÍBLIA FOI PREPARADA? ... 32

Que materiais foram empregados? Quando surgiu a divisão por capítulos e versículos? Por que a Bíblia é dividida dessa maneira?

Capítulo 3. O CANON 35

Por que temos apenas 39 livros no Antigo Testamento e 27 no Novo? E os apócrifos? Por que os outros livros não estão incluídos na Bíblia?

Capítulo 4. A CREDIBILIDADE DA BÍBLIA 43

Tópico 1 — A Confirmação do Texto Histórico.....

Refutação da acusação de que o Antigo e o Novo Testamentos não são fidedignos. Apresentação de vários tipos de testes de verificação da fidedignidade e exatidão de um texto; aplicação desses testes às Escrituras e comparação, em seguida, entre a historicidade da Bíblia e a da literatura clássica. A conclusão lógica, baseada nos dados existentes, é de que se alguém rejeitar a Bíblia como um livro confiável, então, caso seja coerente e tenha utilizado os mesmos testes, deve se desfazer de toda literatura clássica e rejeitar o testemunho histórico que ela tem.

Tópico 2 — A Confirmação pela Arqueologia

Descobertas arqueológicas específicas e bem documentadas confirmam que as Escrituras merecem nossa confiança.

Apresentação de testemunhos de céticos que mudaram radicalmente sua atitude para com a Bíblia como resultado da investigação arqueológica.

Bibliografia

SEGUNDA PARTE: SE JESUS NÃO ERA DEUS, ENTÃO MEREZIA O PRÊMIO DE MELHOR ATOR

Capítulo 5. JESUS - UM HOMEM DA HISTÓRIA 78

Fontes bem documentadas além da Bíblia, confirmam a pessoa histórica de Jesus de Nazaré.

Bibliografia

Capítulo 6. JESUS - O FILHO DE DEUS 84

Uma explicação do caráter de Cristo e as afirmações que fez sobre sua divindade, com destaque para fontes seculares e judaicas.

Capítulo 7. O TRILEMA – SENHOR, MENTIROSO OU LUNÁTICO? 96

Este capítulo discorre sobre quem foi Jesus e elimina a possível conclusão de que Ele foi apenas um bom homem ou um grande profeta.

Bibliografia

Capítulo 8. A GRANDE QUESTÃO 102

O argumento do tipo "se... então" é aplicado a Cristo. Em outras palavras, 'Se Deus se tornasse homem, *então* como é que ele seria?" ou "Jesus possuía as características de Deus?" O capítulo incorpora muitas citações e comentários de grandes homens, tanto cristãos como não-cristãos, a respeito da pessoa, caráter, vida e morte de Jesus de Nazaré, e do impacto que Ele tem causado no mundo durante dois mil anos.

Bibliografia

Capítulo 9. AS PROFECIAS MESSIÂNICAS DO ANTIGO TESTAMENTO CUMPRIDAS EM JESUS CRISTO 127

Esta seção apresenta inúmeras ilustrações a respeito das probabilidades de que todas essas profecias se cumpriram numa única pessoa, de modo a responder ao crítico que afirma que tudo não passa de uma grande coincidência.

Dá-se bastante ênfase a fontes judaicas que confirmam que essas predições são messiânicas como meio de refutar a seguinte acusação: "Essa é a maneira de vocês, cristãos, verem a questão, mas será que os judeus concordam com isso?"

Bibliografia

Capítulo 10. A RESSURREIÇÃO - FRAUDE OU HISTÓRIA? 162

Esta seção muito bem documentada apresenta a abordagem histórica correta da ressurreição, as provas positivas da ressurreição e uma refutação de cada teoria que procura rejeitar o milagre do acontecimento histórico da ressurreição de Cristo.

Bibliografia

TERCEIRA PARTE: DEUS AGINDO NA HISTÓRIA E NAS VIDAS HUMANAS

Capítulo 11. PROFECIAS CUMPRIDAS NA HISTÓRIA 228

Esta notável seção trata de uma das grandes provas de que existe um Deus vivo por detrás da Bíblia e da história. Analisam-se detalhadamente doze profecias. Há uma lista das profecias e datas em que foram formuladas, seu contexto histórico e um esboço resumido do cumprimento histórico de cada predição.

Bibliografia

Capítulo 12. A SINGULARIDADE DA EXPERIÊNCIA CRISTÃ 279

Com muita frequência o cristão nega a autoridade de uma vida transformada como prova da realidade de Cristo por ser uma experiência ou argumento subjetivo. Esta seção mostra que a vida transformada é apoiada por uma realidade objetiva — a ressurreição de Jesus Cristo.

Bibliografia

ELE TRANSFORMOU A MINHA VIDA 314

O testemunho de como um relacionamento com Jesus Cristo transformou a vida do autor.

FONTES HISTÓRICAS ADICIONAIS PARA ESTUDO DO CRISTIANISMO INFORMAÇÕES SOBRE AUTORES CITADOS AS QUATRO LEIS ESPIRITUAIS

Essas leis explicam como uma pessoa pode conhecer pessoalmente a Deus e experimentar a vida cristã abundante.

Apresentação

É possível crer no cristianismo?

Existe uma base intelectual para a fé em Jesus Cristo como o Filho de Deus?

Através dos séculos, estudiosos, bem como milhões de estudantes e pessoas mais experientes, responderiam a essas perguntas com um vibrante "Sim! É disso que trata o livro *Evidência que Exige um Veredito*, da autoria de Josh McDowell.

Desde 1964 Josh tem atuado como obreiro itinerante da Cruzada Estudantil e Profissional para Cristo Internacional. Cinco milhões de estudantes e professores em mais de 530 universidades e faculdades, em 53 países, têm sido esclarecidos, incentivados, ajudados e desafiados pelo testemunho inspirado de Josh McDowell. Sua experiência em falar em reuniões estudantis (tanto em grandes concentrações de estudantes como em pequenos grupos), mais a experiência de aulas ministradas, centenas de casos de aconselhamento, o fato de ter-se formado pelo Seminário Teológico Talbot com destaque e mais a vasta pesquisa que tem realizado acerca das provas históricas da fé cristã, tudo isso tem dado a Josh a qualificação para falar e escrever com autoridade a respeito da credibilidade do cristianismo.

Certa vez um advogado perguntou a Jesus: "Mestre, qual é o grande mandamento na lei?" Ao que Jesus respondeu: "Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento. Este é o grande e primeiro mandamento". Deus criou o homem com a capacidade de *pensar*, adquirir conhecimentos e discernir a verdade. *Deus deseja que usemos a mente*. O apóstolo Pedro admoesta: "Santificai a Cristo, como Senhor, em vossos corações, estando sempre preparados para responder a todo aquele que vos pedir razão da esperança que há em vós..."

Por essa razão, o ministério da Cruzada Estudantil e Profissional para Cristo sempre tem dado uma ênfase toda especial ao treinamento de cristãos sobre como experimentar e compartilhar a vida abundante e plena, que está à disposição de todos os que depositam sua fé em Jesus Cristo. E outros programas de treinamento têm ajudado centenas de pessoas a se prepararem para apresentar razões e argumentos válidos, convincentes, históricos e bem documentados de sua fé em Jesus Cristo

Em minha própria experiência de mais de vinte e oito anos compartilhando as boas novas sobre o Salvador com o mundo acadêmico, jamais ouvi uma única pessoa — que sinceramente analisou as provas — negar que Jesus Cristo é o Filho de Deus e o Salvador dos homens. As provas que confirmam a divindade do Senhor Jesus Cristo são impressionantemente conclusivas para qualquer pessoa que busque, honesta e objetivamente, a verdade. Todavia, nem todos — nem mesmo a maioria — aqueles com quem tenho falado têm-no aceito como seu Salvador e Senhor. A razão disso não é que sejam *incapazes* de crer — simplesmente *não desejam* crer. Por exemplo, um psiquiatra brilhante, mas ao mesmo tempo perturbado, que veio a Arrowhead Springs (sede da Cruzada Estudantil e Profissional Para Cristo) em busca de aconselhamento confessou-me com toda franqueza que jamais estivera disposto a considerar seriamente as reivindicações de Cristo acerca de sua própria vida com medo de tornar-se convicto e, como consequência, ter de mudar a sua maneira de viver. Outros ateístas professos e bem conhecidos, inclusive Aldous Huxley e Bertrand Russell, recusaram-se a encarar intelectualmente os fatos históricos básicos a respeito do nascimento, vida, ensinos, milagres, morte e ressurreição de Jesus de Nazaré. Aqueles que o têm feito, como é o caso de C. S. Lewis e de C. E. M. Joad, chegam à conclusão de que as provas são tão convincentes que aceitam o veredito de que Jesus Cristo é verdadeiramente quem ele mesmo afirmou ser — e que outros creram que ele era — o Filho de Deus e Salvador e Senhor deles mesmos.

Um estudo cuidadoso e em atitude de oração do material existente neste livro ajudará o leitor a estar sempre preparado para apresentar as boas novas de maneira inteligente e convincente. No entanto, fica aqui uma palavra final de advertência e conselho: não se deve presumir que, em geral, as pessoas tenham dúvidas intelectuais sobre a divindade de Jesus Cristo. A maioria das pessoas, na maioria dos países, não

precisa ser convencida da Sua divindade, nem de que necessitam dele como Salvador. Em vez disso, precisam saber como recebê-lo como Salvador e segui-lo como Senhor.

Assim, é o cristão quem vai tirar o maior proveito da leitura de *Evidência que Exige um Veredito*. Este livro não apenas fortalecerá a sua própria fé em Cristo, como também fornecerá dados que o capacitarão a compartilhar sua fé junto a outras pessoas de maneira mais eficaz.

"E logo disse a Tome: 'Põe aqui o teu dedo e vê as minhas mãos; chega também a tua mão e põe-na no meu lado; não sejas incrédulo, mas crente'. Respondeu-lhe Tome: 'Senhor meu e Deus meu!' Disse-lhe Jesus: 'Porque me viste, creste? Bem-aventurados os que não viram, e creram'" (João 20:27-29).

William R. Bright
Presidente Fundador da Cruzada Estudantil e Profissional para Cristo
Arrowhead Springs
San Bernadino, Califórnia 92414
Estados Unidos da América

Prefácio

O QUÊ? MAIS UM LIVRO?!

Não, este não é um livro. É uma compilação de anotações que preparei para minha série de palestras intitulada "Cristianismo: Fraude ou História?"

Tem existido uma clara deficiência de obras na área de documentação das provas históricas da fé cristã. Frequentemente estudantes, professores e leigos têm indagado: "Como podemos ter essas informações e usar isso que você e outras pessoas têm ensinado?"

POR QUE UMA EDIÇÃO REVISTA?

Desde que a primeira edição de *Evidência que Exige um Veredito* foi publicada em inglês, em 1972, novas e significativas descobertas têm ocorrido, confirmando ainda mais as provas históricas da fé cristã. Por exemplo, a primeira edição deste livro documenta que existiam mais de 13.000 cópias manuscritas de porções do Novo Testamento. Hoje em dia sabemos que existem mais de 24.000 porções manuscritas.

Como outro exemplo, desde 1974 escavações arqueológicas têm desenterrado cerca de 17.000 documentos escritos, da época do reino de Ebla, situado na região que hoje fica no norte da Síria. O estudo desse material tem dado um apoio valioso à autoria mosaica e à fidedignidade histórica do Pentateuco.

Essas e muitas outras descobertas me convenceram de que uma segunda edição de *Evidência que Exige um Veredito* era necessária, a fim de manter os cristãos atualizados acerca das mais recentes informações que comprovam a nossa fé.

O QUE FAZER COM ISTO?

Meu desejo é que estas anotações ajudem meus irmãos e irmãs em Jesus Cristo a escreverem trabalhos para a escola ou faculdade, darem palestras e introduzirem nos debates em classe suas convicções a respeito de Cristo, das Escrituras e da relevância do cristianismo no século XX.

Estudantes universitários têm comentado sobre como eles têm feito uso destas anotações.

Um deles escreveu: "... Na matéria de Oratória, usei as suas anotações para preparar as três palestras que eu tinha de apresentar em classe. A primeira foi sobre a fidedignidade das Escrituras; a segunda, sobre Jesus Cristo; e a terceira, sobre a ressurreição".

Um outro estudante escreveu: "... Seus dados documentados têm encorajado muitos de nós a falar, sem vacilação, nas classes... A ousadia dos cristãos está se tornando evidente em todos os lugares".

E ainda um outro disse: "Usei as anotações na preparação de uma alocução para um concurso de oratória. Ganhei o concurso e estarei apresentando o mesmo discurso por ocasião da formatura. Muito obrigado, meu irmão".

PRESTE ATENÇÃO À SUA ATITUDE

A motivação correta por detrás do uso destas anotações de palestras é glorificar e exaltar Jesus Cristo — não ganhar uma discussão. O objetivo destas provas não é confirmar a Palavra de Deus, mas apenas fornecer uma base para a fé.

Deve-se ter um espírito de mansidão e temor ao se fazer apologética ou apresentar as provas históricas: "Santificai a Cristo, como Senhor, em vossos corações, estando sempre preparados para responder a todo aquele que vos pedir razão da esperança que há em vós, fazendo-o, todavia, *com mansidão e temor*" (1 Pedro 3:15).

Estas anotações, utilizadas com a atitude apropriada, ajudarão a motivar uma pessoa a considerar honestamente Jesus Cristo e a trazê-la de volta ao assunto central e fundamental: o evangelho (tal como se

vê nas Quatro Leis Espirituais, apresentadas no final deste livro).

Minha filosofia sempre tem sido a seguinte: depois de compartilhar Cristo com alguém que tem dúvidas sinceras, apresentar-lhe informações suficientes que respondam suas perguntas e satisfaçam sua curiosidade, e, então, voltar a conversa para o assunto de seu relacionamento com Cristo. A apresentação das provas (apologética) jamais deve substituir o uso da Palavra de Deus.

POR QUE O COPIRRAITE?

A razão por que estas anotações estão sob a proteção do copirraite não é limitar o seu uso, mas protegê-las do uso indevido e salvaguardar os direitos dos autores e editoras das inúmeras citações que fiz e documentei.

POR QUE EM FORMA DE ESBOÇO?

Pelo fato de as anotações estarem em forma de esboço e as transições entre os vários conceitos não estarem muito desenvolvidas no papel, o uso deste material será proveitoso à medida que a pessoa gastar tempo pensando em cada seção do livro e desenvolvendo suas próprias convicções. Dessa maneira, isso passará a ser sua própria mensagem e não a simples repetição do que alguma outra pessoa disse.

A estrutura das anotações, em forma de esboço, poderá às vezes fazer uma pessoa entender errado uma ilustração ou conceito. Tome cuidado ao tirar conclusões quando não entender algo claramente. Estude o assunto em mais profundidade e investigue outras fontes.

UM INVESTIMENTO PARA TODA A VIDA

A seguir apresento livros que recomendo aos leitores terem em sua biblioteca particular. São também livros muito bons para doar à biblioteca de sua universidade. (Muitas vezes as bibliotecas de faculdades e universidades adquirem livros por solicitação dos alunos.)

1. ARCHER, Gleason. *Merece Confiança o Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1974.
2. BRUCE, F. F. *The Books and the Parchments* (Os Livros e os Pergaminhos). Westwood: Fleming Revell, 1969.
3. -----*Merece Confiança o Novo Testamento?* São Paulo: Junta Editorial Cristã, 1965.
4. GEISLER, Norman L. e NIX, William E. *A General Introduction to the Bible* (Uma Introdução Geral a Bíblia). Chicago: Moody, 1968.
5. HENRY, Carl, ed. *Revelation and the Bible* (A Revelação e a Bíblia). Grand Rapids: Baker.
6. KITCHEN, K. A. *Ancient Orient and Old Testament* (O Antigo Oriente e o Antigo Testamento). Downers Grove: Inter Varsity.
7. LITTLE, Paul. *Você pode explicar sua fé?* São Paulo: Mundo Cristão, 1972.
8. MONTGOMERY, John Warwick. *History and Christianity* (A História e o Cristianismo). Downers Grove: Inter Varsity, 1972.
9. -----*Shapes of the Past* (Imagens do Passado). Ann Arbor: Edwards Brothers, 1962.
10. PINNOCK, Clark. *Viva agora, amigo*. Atibaia: Fiel.
11. RAMM, Bernard. *Protestant Christian Evidences* (Provas Cristãs Protestantes). Chicago: Moody, 1954.
12. SMITH, Wilbur. *Therefore Stand* (Permaneça, pois, firmes). Grand Rapids: Baker, 1945.
13. STONER, Peter. *Science Speaks* (A Ciência Fala) Chicago: Moody, 1963.
14. STOTT, John. *Cristianismo Básico*. São Paulo: Vida Nova, 1964.
15. THOMAS, Griffith. *Christianity is Christ* (Cristianismo é Cristo) Chicago: Moody.

QUEM FOI QUE DISSE?

Foram gastos aproximadamente 5.000 homens-hora para identificar as fontes originais de um dado ou informação. Na bibliografia, no final de cada capítulo, o leitor encontra centenas de fontes documentadas, que poderá usar com confiança.

Na compilação desta pesquisa, trabalhou comigo uma equipe de onze estudantes, de nove faculdades ou

universidades diferentes. Tudo começou quando vários deles me abordaram, indagando a possibilidade de trabalhar no projeto de modo que pudessem receber créditos para seus cursos. (Desde então todos eles já se formaram.)

MEMBROS DA EQUIPE DE PESQUISA

Doug Wilder — Universidade do Estado de Michigan

PESQUISA: As Vidas dos Apóstolos

Phil Edwards — Universidade do Estado de Ohio

PESQUISA: Idéias Messiânicas

Ron Lutjens — Universidade de Bowling Green

PESQUISA: A Fidedignidade Histórica do Antigo Testamento

Wayne Trout — Instituto Politécnico de Virgínia

PESQUISA: O Caráter de Cristo

Brent Nelson — Universidade de Indiana

PESQUISA: Declarações de Cristo quanto à sua Deidade

David Sheldon — Universidade do Estado de Ohio

PESQUISA: Profecias Messiânicas

Franck Dickerson — Universidade do Estado de Ohio

PESQUISA: A Ressurreição

Steve Smith — Instituto Politécnico de Virgínia

PESQUISA: As Provas de Vidas Transformadas

James Davis — Instituto Politécnico de Louisiana

PESQUISA: Profecias

Linn Smith — Universidade Estadual do Norte do Texas

PESQUISA: Acontecimentos Atuais

Stick Ustick — Universidade Estadual de Sacramento

MEMBRO ASSOCIADO DA EQUIPE DE PESQUISA

EXPLICAÇÃO DA FORMA DE APRESENTAÇÃO DO LIVRO

NOTA DE RODAPÉ: Depois de cada citação haverá dois números ou jogos de números, separados por uma barra (por exemplo, 47/21-23). O número à esquerda da barra se refere à fonte constante da bibliografia do respectivo capítulo deste livro. O número à direita indica a página ou páginas da fonte de referência, de onde é extraída a citação.

BIBLIOGRAFIA: Neste livro não se tem toda a bibliografia no final do volume. Existem nove bibliografias diferentes, situadas no final de diversas partes das anotações.

Isso possibilita que uma pessoa destaque uma parte das anotações e tenha a bibliografia junto, de modo a facilitar a localização das fontes de referência.

ESBOÇO: Decidi não utilizar o método tradicional empregado em esboços. Em vez disso, fiz uso de um método que torna fácil a localização de referências específicas, nas anotações impressas, enquanto se apresenta uma palestra.

	Tradicional	Método Usado Aqui
I.		1A.
A.		1B.
1.		1C.
a.		1D.
(1)		1E.
(a)		1F.

O esboço existente no início de alguns capítulos não é o esboço daquele capítulo, mas um simples esboço que se pode completar com o material do capítulo, de maneira a facilitar o uso deste livro na preparação de palestras e trabalhos escritos.

RESUMOS BIOGRÁFICOS: No final do livro, o leitor encontrará breves biografias de vários autores. O propósito disso é fornecer uma idéia sobre a vida e o contexto de alguns dos autores citados.

O livro de Josh McDowell EVIDÊNCIA QUE EXIGE UM VEREDITO é o trabalho de um evangelista intelectual.

A compreensão intelectual do leitor se amplia nesta vasta obra de investigação e sistematização. É uma ferramenta eficaz e manual - uma enciclopédia funcional de antecedentes bíblicos que deve estar na mãos de todo cristão comprometido.

Em EVIDÊNCIA QUE EXIGE UM VEREDITO também vejo em Josh, o coração compassivo de um evangelista que se preocupa pelas pessoas. Ele apela por uma decisão à Cristo por parte do leitor, imediatamente após apresentar-lhe Sua evidência.

Josh McDowell chega assim, ao coração das pessoas por meio de seu intelecto. Esse evangelismo intelectual é um ministério que satisfaz uma necessidade incandescente do nosso mundo atual.

Enquanto percorro, com a ajuda de Deus, a América Latina pregando o Evangelho às multidões, o livro de Josh McDowell será um dos seus companheiros de viagem por muitos anos.

*Luiz Palau
Evangelista Continental*

PARA DOTTIE

*Minha amada, minha melhor amiga e minha esposa.
Sem sua paciência, amor e crítica construtiva,
este projeto jamais teria chegado ao fim.*

Introdução

1A. VAMOS ENTENDER BEM A QUESTÃO

1B. O Emprego da Apologética

"Santificai a Cristo, como Senhor, em vossos corações, estando sempre preparados para responder a todo aquele que vos pedir razão da esperança que há em vós, fazendo-o, todavia, com mansidão e temor..." (1 Pedro 3:15).

A palavra traduzida acima por "responder" é, no grego, *apologia* (isto é, "defesa"). Essa palavra sugere a idéia de "defesa da conduta ou procedimento". Wilbur Smith expressa-o da seguinte maneira: "... uma defesa verbal, uma palavra de defesa daquilo que alguém fez ou da verdade que alguém crê..." 19/481.

Apologia (palavra da qual surgiu em português a palavra *apologia*, que significa "discurso para justificar, defender ou louvar") foi uma palavra usada predominantemente no passado, "mas não para dar a idéia de pedido de desculpa, de tentativa de atenuar um erro ou de corrigir um prejuízo causado" (2/48), nem para elogiar.

O substantivo *apologia* (traduzido em português pelo verbo "responder" em 1 Pedro 3:15, acima citado) é empregado mais sete vezes no Novo Testamento:

Atos 22:1

"Irmãos e pais, ouvi agora a minha *defesa* perante vós."

Atos 25:16

"A eles respondi que não é costume dos romanos condenar quem quer que seja, sem que o acusado tenha presentes os seus acusados e possa *defender-se* da acusação."

1 Coríntios 9:3

"A minha *defesa* perante os que me interpelam é..."

2 Coríntios 7:11

"Porque, quanto cuidado não produziu isto mesmo em vós que segundo Deus fostes contristados! que *defesa*, que indignação, que temor, que saudades, que zelo, que vindita! em tudo destes prova de estardes inocentes neste assunto."

Filipenses 1:7

"... porque vos trago no coração, seja nas minhas algemas, seja na *defesa* e confirmação do evangelho, pois todos sois participantes da graça comigo." *Filipenses 1:16*

"... estes, por amor, sabendo que estou incumbido da *defesa* do evangelho."

2 Timóteo 4:16

"Na minha primeira *defesa* ninguém foi a meu favor; antes, todos me abandonaram. Que isto não lhes sej a posto em conta."

A maneira como a palavra "responder" (isto é, "defender") é empregada em 1 Pedro 3:15 indica o tipo de defesa que alguém apresentaria perante um inquérito policial: "Por que você é cristão?" Um crente é responsável por dar uma resposta adequada a essa pergunta.

Paul Little cita John Stott como tendo dito: "Não podemos fomentar a arrogância intelectual de uma pessoa, mas devemos alimentar sua integridade intelectual" (E eu acrescentaria que devemos responder a perguntas feitas com sinceridade). 10/28

Beattie conclui que: "Ou o cristianismo é TUDO para a humanidade, ou então não é NADA. Ou é a maior das certezas ou a maior das decepções. .. Mas se o cristianismo for TUDO para a humanidade, é

importante que cada pessoa seja capaz de apresentar uma boa razão para a esperança que possui em relação às verdades eternas da fé cristã. Aceitar tais verdades sem ponderar a respeito, ou aceitá-las simplesmente por causa da autoridade que têm, não é suficiente para uma fé inteligente e estável." 2/37, 38

A tese "apologética" fundamental destas anotações é: "Existe um Deus infinito, de sabedoria, poder e amor absolutos, que se revelou, por meios naturais e sobrenaturais, na criação, na natureza do homem, na história de Israel e da Igreja, nas páginas das Santas Escrituras, na sua encarnação em Cristo, e, através do evangelho, no coração daquele que crê." 15/33

2B. O Cristianismo É uma Religião de FATOS

O cristianismo apela à história, aos fatos da história, o que P. Carnegie Simpson chama de "os dados mais claros e acessíveis que existem". Simpson prossegue: "Ele (Jesus) é um fato histórico, verificável como qualquer outro".

J. N. D. Anderson registra o comentário de D. E. Jenkins: "O cristianismo se baseia em fatos inquestionáveis..." 1/10

Clark Pinnock define esse tipo de fatos: "Os fatos que apóiam as alegações cristãs não são um tipo especial de fato religioso. São os fatos que podem ser assimilados e entendidos pela mente humana, sobre os quais se baseiam todas as decisões de caráter histórico, legal e ordinário". 14/6, 7

Um dos propósitos destas "anotações de provas do cristianismo" é apresentar alguns desses "fatos indiscutíveis" e verificar se a interpretação desses fatos não é a mais lógica. O objetivo da apologética não é convencer uma pessoa a, inadvertidamente e contra a sua vontade, tornar-se cristã.

Clark Pinnock escreve: "Exige um grande esforço o trabalho de apresentar às pessoas, e de um modo inteligente, as provas em favor do evangelho, de maneira que elas possam tomar decisões significativas, convencidas pelo poder do Espírito Santo. O coração não pode se comprazer com aquilo que a mente rejeita como sendo falso". 14/8

A MELHOR DEFESA É O...

3B. Ataque

Enquanto cursava, na faculdade, uma disciplina na área de apologética filosófica, tive que escrever uma monografia acerca de "A Melhor Defesa do Cristianismo". Eu estava o tempo todo evitando ou adiando a redação desse trabalho, não porque não dispusesse de material para pesquisar, mas porque, a meu ver, eu achava que discordava daquilo que o professor estava esperando do trabalho (obviamente algo baseado nas anotações feitas durante as aulas daquela matéria).

Finalmente decidi expressar minhas convicções. Iniciei a monografia com a seguinte frase: "Algumas pessoas dizem que o melhor ataque é uma boa defesa, mas eu lhe garanto que a melhor defesa é um bom ataque". Então prossegui, explicando que eu achava que a melhor defesa do cristianismo é uma "apresentação clara e simples tanto das afirmações feitas por Cristo como de quem Ele é".

Pus, então, no papel o texto completo das "Quatro Leis Espirituais" e escrevi o testemunho de como, em 19 de dezembro de 1959, às oito e meia da noite, enquanto cursava o segundo ano da universidade, aceitei a Cristo. E concluí a monografia com uma apresentação das provas em favor da ressurreição.

Deve ter dado bastante trabalho para o professor corrigi-lo, mas deve ter concordado, pois consegui nota 9,6.

William Tyndale estava certo ao afirmar que "um jovem lavrador com a Bíblia sabe mais a respeito de Deus do que o mais culto religioso que a ignore". Em outras palavras, um rapazinho bóia-fria obterá, no final das contas, mais resultado ao compartilhar o evangelho do que um renomado professor universitário com todos os seus argumentos intelectuais.

HEBREUS 4:12

"Porque a palavra de Deus é viva e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até ao ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e apta para discernir os pensamentos e propósitos do coração."

Precisamos manter o equilíbrio entre as duas tendências acima mencionadas. Devemos pregar o evangelho, mas também devemos estar "sempre preparados para responder a todo aquele que (nos) pedir razão da esperança que há em (nós)".

O Espírito Santo convencerá as pessoas acerca da verdade; não é preciso tentar adivinhá-la. "Certa mulher chamada Lídia, da cidade de Tiatira, vendedora de púrpura, temente a Deus, nos escutava; *o Senhor lhe abriu o coração para atender às coisas que Paulo dizia*" (Atos 16:14).

Pinnock, um hábil apologeta e testemunha de Cristo, conclui a questão, expressando-se com muita propriedade: "Um cristão inteligente deve ser capaz de apontar as falhas numa posição não-cristã e apresentar fatos e argumentos em favor do evangelho. Se nossa apologética nos impede de explicar o evangelho a quem quer que seja, é uma apologética inadequada". 14/7

2A. VAMOS ESTABELEECER ALGUNS FATOS BÁSICOS

Antes de tratar das diversas provas que favorecem a fé cristã, deve-se esclarecer algumas idéias errôneas e entender várias questões fundamentais.

RÁPIDO! PRECISO DE UMA ASPIRINA.

1B. Fé Cega

Uma acusação bem comum e contundente feita contra o cristão é: "Vocês, cristãos, me deixam doente! Tudo o que vocês tem é uma 'fé cega'". Certamente essa é uma indicação de que o acusador crê que, para tornar-se cristã, a pessoa precisa cometer um "suicídio intelectual".

Pessoalmente, "meu coração não pode se alegrar com aquilo que minha mente rejeita". Meu coração e minha cabeça foram criados para juntos agirem e crerem em harmonia. Cristo nos mandou: "Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, e de todo o teu *entendimento*" (Mateus 22:37).

Quando Jesus Cristo e os apóstolos conclamavam uma pessoa a exercitar a fé, essa não era uma "fé cega", mas uma "fé inteligente". O apóstolo Paulo disse: "*Sei em que tenho crido*" (2 Timóteo 1:12). E Jesus disse: "Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará" (João 8:32). Conhecer, saber, é o contrário de ignorar.

A fé de um indivíduo envolve "a mente, as emoções e a vontade". F. R. Beattie tem toda razão ao afirmar que "o Espírito Santo não opera, no coração, uma fé cega e sem fundamentos..." 2/25

É justificável que Paul Little escreva: "A fé no cristianismo baseia-se em fatos. Não é contrária à razão. No sentido cristão, a fé vai além, mas não contra a razão". 10/30 A fé é a certeza que o coração tem de que as provas são suficientes.

UMA MANOBRA POLÍTICA

2B. A Fé Cristã É uma Fé Objetiva

A fé cristã é uma fé objetiva; deve, portanto, ter um objeto. O conceito cristão de fé "salvadora" é o de uma fé em que se estabelece um relacionamento com Jesus Cristo (o objeto); esse conceito está numa posição diametralmente oposta ao uso "filosófico" da palavra fé que, hoje em dia, se faz em geral nas salas de aula. Um clichê que se deve rejeitar é: "Não importa o que você crê, desde que você tenha convicção disso".

Vou ilustrar. Mantive um debate com o chefe do departamento de filosofia de uma universidade localizada no meio-oeste dos Estados Unidos. Ao responder uma pergunta, aconteceu de eu mencionar a importância da ressurreição. A essa altura, meu oponente me interrompeu e me disse com bastante sarcasmo: "Espere aí, McDowell. A questão principal é se a ressurreição aconteceu ou não? Ou se *"você crê que ela aconteceu?"* O que ele estava sugerindo (na verdade estava, com muita coragem, afirmando) é que minha crença era a coisa mais importante. Repliquei imediatamente: "Professor, na verdade importa, e muito, aquilo que creio como cristão, porque o valor da fé cristã não está em quem crê, mas naquele em quem se crê, no objeto da fé". E prossegui: "Se alguém pudesse me provar que Cristo não ressuscitou dos

mortos, eu não teria o direito à fé cristã" (1 Cor íntios 15:14).

A fé cristã é fé *em* Cristo. O seu valor não está naquele que crê, mas naquele em quem se crê não naquele que confia, mas naquele em quem se confia.

Logo após esse debate, um bolsista muçulmano me procurou para conversar e durante um diálogo muito construtivo, ele disse com toda sinceridade: "Conheço muitos muçulmanos que têm mais fé em Maomé do que alguns cristãos têm em Cristo". Respondi: "Pode ser verdade, mas o cristão é "salvo". Veja, não importa a quantidade de fé que você tenha, mas quem é o objeto da sua fé. Isso é importante do ponto de vista cristão.

Com frequência ouço estudantes dizerem: "Alguns budistas são mais consagrados e têm mais fé em Buda (o que revela uma compreensão errada do budismo) do que os cristãos têm em Cristo". Só posso responder o seguinte: "Talvez, mas o cristão é salvo".

Paulo disse: "Sei *em quem* tenho crido". Isso explica por que o evangelho gira em torno da pessoa de Jesus Cristo.

John Warwick Montgomery afirma: "Se o nosso 'Cristo da fé' se afasta um pouco do 'Jesus da história' que a Bíblia apresenta, então, na proporção desse afastamento, perdemos também o autêntico Cristo da fé. Conforme Herbet Butterfield, um dos maiores historiadores da nossa época, o expressou: 'Seria um erro perigoso imaginar que as características de uma religião histórica continuariam inalteradas caso o Cristo dos teólogos fosse divorciado do Jesus da história.'" 12/145.

A expressão "Não venha me confundir com os fatos" não é própria para um cristão.

VI COM MEUS PRÓPRIOS OLHOS

3B. Testemunhas Oculares

Os escritores do Novo Testamento ou escreveram na qualidade de testemunhas oculares dos eventos que descreveram ou registraram os acontecimentos, conforme relatados, em primeira mão, por testemunhas oculares.

"Porque não vos demos a conhecer o poder e a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, seguindo fábulas engenhosamente inventadas, mas nós mesmos fomos testemunhas oculares da sua majestade" (2 Pedro 1:16).

Eles certamente sabiam qual a diferença entre mito, lenda e realidade. Um professor de uma turma de literatura universal, à qual eu estava falando, fez a seguinte pergunta: "Qual sua opinião sobre a mitologia grega?" Respondi com uma outra pergunta: "Você quer saber se os acontecimentos da vida de Jesus — a ressurreição, o nascimento virginal, etc. — foram apenas um mito?" E ele respondeu: "Isso mesmo". Respondi, então, que, entre essas coisas aplicadas a Cristo e essas mesmas coisas aplicadas à mitologia grega, existe uma diferença óbvia que geralmente é ignorada. Os acontecimentos análogos da mitologia grega (como, por exemplo, a ressurreição) não se aplicavam a indivíduos reais, de carne e sangue, mas a personagens mitológicos. Na questão do cristianismo, esses acontecimentos estão ligados a uma pessoa que os escritores conheceram na dimensão tempo-espço da história, o Jesus de Nazaré da história, que eles conheceram pessoalmente.

Ao que o professor disse: "Você tem razão. Eu não tinha percebido isso."

S. Estborn, em *Gripped by Christ* (Atraído por Cristo), explica essa questão com mais detalhes. Ele conta que Anath Nath "estudou tanto a Bíblia como os *Shastras*, sendo que dois temas bíblicos prenderam profundamente sua atenção: primeiro, a realidade da encarnação, e, segundo, a expiação do pecado humano. Ele procurou harmonizar essas doutrinas com as Escrituras hindus e descobriu no sacrifício voluntário de Cristo um paralelo com Prajapati, o deus-criador veda. Também percebeu uma diferença vital. Enquanto o Prajapati veda é um símbolo mítico, que tem sido aplicado a inúmeras personagens, Jesus de Nazaré é uma pessoa histórica. Por isso ele disse: 'Jesus é o verdadeiro Prajapati, o verdadeiro Salvador do mundo.'" 6/43

J. B. Phillips, citado por Blaiklock, afirma: "'Já li, em grego e em latim, dezenas de histórias de mitos, mas não encontrei a menor idéia de mito na Bíblia'. A maioria das pessoas que conhece grego e latim, não importa qual seja sua atitude para com as narrativas do Novo Testamento, concordaria com ele..."

"Pode-se definir mito como uma tentativa pré-científica e imaginativa de explicar algum fenômeno, real ou aparente, que desperte a curiosidade daquele que faz o mito, ou, talvez, mais exatamente um esforço por alcançar um sentimento de satisfação, em vez de perplexidade, diante de tais fenômenos. Frequentemente apela mais às emoções do que à razão, e, de fato, em suas manifestações mais típicas, parece ter surgido em uma época quando não se exigiam explicações racionais'." 3/47

TESTEMUNHAS OCULARES

1 João 1 :1-3

"O que era desde o princípio, o que temos ouvido, o que temos visto com os nossos próprios olhos, o que contemplamos e as nossas mãos apalparam com respeito ao Verbo da vida (e a vida se manifestou, e nós a temos visto, e dela damos testemunho e vo-la anunciamos, a vida eterna, a qual estava com o Pai e nos foi manifestada), o que temos visto e ouvido anunciamos também a vós outros, para que vós igualmente mantenhais comunhão conosco. Ora, a nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho Jesus Cristo." *Lucas 1:1-3*

"Visto que muitos houve que empreenderam uma narração coordenada dos fatos que entre nós se realizaram, conforme nos transmitiram os que desde o princípio foram deles testemunhas oculares, e ministros da palavra, igualmente a mim me pareceu bem, depois de acurada investigação de tudo desde sua origem, dar-te por escrito, excelentíssimo Teófilo, uma exposição em ordem."

A obra *The Cambridge Ancient History* (A História Antiga de Cambridge), falando da preocupação de Lucas com a exatidão, afirma:

"Ele está naturalmente interessado em fazer uma boa defesa da religião que professa - e não apenas porque cria que era verdadeira (e não havia atrativo algum para se professar o cristianismo, a não ser que se estivesse totalmente convencido de sua veracidade)..." 4/258 *Atos 1:1-3*

"Escrevi o primeiro livro, ó Teófilo, relatando todas as coisas que Jesus fez e ensinou, até ao dia em que, depois de haver dado mandamentos por intermédio do Espírito Santo aos apóstolos que escolhera, foi elevado às alturas. A estes também, depois de ter padecido, se apresentou vivo, com muitas provas incontestáveis, aparecendo-lhes durante quarenta dias e falando das coisas concernentes ao reino de Deus." *1 Coríntios 15:6-8*

"Depois Jesus foi visto por mais de quinhentos irmãos de uma só vez, dos quais a maioria sobrevive até agora, porém alguns já dormem. Depois foi visto por Tiago, mais tarde por todos os apóstolos, e, afinal, depois de todos, foi visto também por mim, como por um nascido fora de tempo."

João 20:30,31

"Na verdade fez Jesus diante dos discípulos muitos outros sinais que não estão escritos neste livro. Estes, porém, foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome.* *Atos 10:39-42*

"É nós somos testemunhas de tudo o que ele fez na terra dos judeus e em Jerusalém? ao qual também tiraram a vida, pendurando-o no madeiro. A este ressuscitou Deus no terceiro dia, e concedeu que fosse manifesto, não a todo o povo, mas às testemunhas que foram anteriormente escolhidas por Deus, isto é, a nós que comemos e bebemos com ele, depois que ressurgiu dentre os mortos; e nos mandou pregar ao povo e testificar que ele é quem foi constituído por Deus Juiz de vivos e de mortos". *1 Pedro 5:1*

"Rogo, pois, aos presbíteros que há entre vós, eu, presbítero como eles, e testemunha dos sofrimentos de Cristo, e ainda co-participante da glória que há de ser revelada." *Atos 1.-9*

"Ditas estas palavras, foi Jesus elevado às alturas, à vista deles, e uma nuvem o encobriu dos seus olhos."

John Montgomery diz que "a inviabilidade de fazer distinção entre a afirmação de Jesus sobre si mesmo e a afirmação dos escritores do Novo Testamento não deve causar espanto, pois (1) a situação tem um paralelo exato com a de todas as personagens históricas que não optaram por escrever (por exemplo, Alexandre o Grande, César Augusto, Carlos Magno). Nesses casos, dificilmente diríamos que é impossível chegarmos a descrições históricas aceitáveis. E, também, (2)os escritores do Novo Testamento... registram testemunhos oculares sobre Jesus, pelo que se pode confiar, pois apresentam uma descrição histórica cuidadosa de Jesus." 11/48

Os apóstolos foram testemunhas de sua vida ressurreta:

Lucas 24:48	Atos 13:31
Atos 1:8	1 Coríntios 15:4-9
Atos 2:32	1 Coríntios 15:15
Atos 3:15	1 João 1:2
Atos 4:33	Atos 22:15
Atos 5:32	Atos 23:11
Atos 10:39	Atos 26:16
Atos 10:41	

NA VERDADE, VOCÊS MESMOS SABEM QUE....

4B. Conhecimento de Primeira Mão

Os escritores do Novo Testamento apelaram ao conhecimento de primeira mão que seus leitores e ouvintes possuíam a respeito dos fatos e das provas acerca da pessoa de Jesus Cristo.

Os escritores não disseram apenas: "Vejam, nós vimos isto ou ouvimos que...*", mas viraram a mesa e disseram face a face aos seus críticos mais mordazes: "Vocês também sabem dessas coisas... Vocês as viram. Vocês mesmos sabem a respeito".

É melhor a pessoa ter cuidado quando diz ao oponente: "Você também *sabe* disso", porque se ela estiver errada quanto a alguns detalhes, terá de "engolir o que disse". *Atos 2:22*

"Varões israelitas, atendi a estas palavras: Jesus, o Nazareno, varão aprovado por Deus diante de vós, com milagres, prodígios e sinais, os quais o próprio Deus realizou por intermédio dele entre vós, como vós mesmos sabeis..." *Atos 26:24-28*

"Dizendo ele (Paulo) estas coisas em sua defesa, Festo o interrompeu em alta voz: Estás louco, Paulo; as muitas letras te fazem delirar. Paulo, porém, respondeu: Não estou louco, ó excelentíssimo Festo; pelo contrário, digo palavras de verdade e de bom senso. Porque tudo isso é do conhecimento do rei, a quem me dirijo com franqueza, pois estou persuadido de que nenhuma destas coisas lhe é oculta; porquanto nada se passou aí, nalgum recanto. Acreditas, ó rei Agripa, nos profetas? Bem sei que acreditas. Então Agripa se dirigiu a Paulo, e disse: Por pouco me persuades a me fazer cristão."

UMA QUESTÃO DE DIREITOS INDIVIDUAIS...

5B. Preconceitos Históricos

"Se alguém for estudar historicamente a vida de Jesus de Nazaré, descobrirá uma pessoa muito notável, não o Filho de Deus." Algumas vezes me expressam essa idéia da seguinte maneira: "Pelo método 'histórico moderno' uma pessoa jamais decidirá pela ressurreição". Você está certo; é verdade. Mas antes de tirar conclusões apressadas, quero explicar-lhe o seguinte: para muitas pessoas, hoje em dia, o estudo da história carrega consigo as idéias de que não existe Deus, os milagres não são possíveis, vivemos num sistema fechado e não existe nada de sobrenatural. Com essas pressuposições, elas iniciam a investigação "crítica, aberta e honesta" da história. Quando estudam a vida de Cristo e lêem sobre os milagres ou a ressurreição, concluem que não houve milagre nem ressurreição porque sabemos (não histórica, mas filosoficamente) que não existe Deus, os milagres não são possíveis, vivemos num sistema fechado e não existe nada de sobrenatural. Portanto, essas coisas não podem ocorrer. O que os homens têm feito é eliminar a possibilidade da ressurreição de Cristo, antes mesmo de começarem uma investigação histórica da ressurreição.

Essas pressuposições não são tanto idéias históricas preconcebidas, mas principalmente *preconceitos filosóficos*.

Esse método de estudo da história se baseia na "pressuposição racionalista" de que Cristo não poderia ter ressuscitado dos mortos. Em vez de iniciar pelos dados históricos, eles atrapalham o devido estudo da

história por causa da "especulação metafísica".

John W. Montgomery escreve: "Não se pode eliminar *a priori*, em bases filosóficas, o fato da ressurreição. Os milagres só são impossíveis se assim forem definidos - mas uma tal definição elimina a correta investigação histórica". 12/139-144

Neste assunto faço longas citações de Montgomery, que é uma das pessoas que me tem estimulado a refletir sobre a história. Ele afirma: "Kant demonstrou, de maneira conclusiva, que todos os argumentos e sistemas principiam por pressuposições; mas isso não significa que todas as pressuposições sejam igualmente desejáveis. É melhor iniciar, como temos feito, pelas pressuposições de métodos (JS quais naturalmente conduzirão à verdade) do que pelas pressuposições de conteúdo substantivo (as quais presumem previamente um corpo de verdades). Em nosso mundo moderno, temos descoberto que as pressuposições do método empírico são as que melhor preenchem essa condição; note, contudo, que estamos agindo apenas com base nas pressuposições do método científico, não nas suposições racionalistas da ciência ('A Religião da Ciência')." 12/144

Montgomery cita os comentários de Huizenga concernentes ao ceticismo no âmbito da história ("De Historische Idee". In: *Verzamekde Werken. Haarlem, 1950, v.7, pp. 134-6*; conforme se encontra citado, em tradução para o inglês, na obra de Fritz Stern; ed., *The Varieties of History (As Variedades de História)*, Nova Iorque: Meridian, 1956, p. 302).

Huizenga afirma: "O mais forte argumento contra o ceticismo no âmbito da história... é o seguinte; o homem que têm dúvidas acerca da possibilidade de que os dados e a tradição sejam historicamente corretos não poderá, então, aceitar seus próprios dados, juízos, associações de fatos e interpretações. Não pode limitar a dúvida à crítica histórica que realiza, mas é necessário que deixe a dúvida operar em sua própria vida. Imediatamente descobrirá que não apenas lhe faltam provas conclusivas acerca de todos os aspectos de sua própria vida, os quais havia aceito sem maior reflexão, mas também que não há quaisquer provas. Em resumo, ele se vê obrigado a aceitar um ceticismo filosófico geral, paralelo ao ceticismo histórico. O ceticismo filosófico geral é uma interessante brincadeira intelectual, mas é impossível viver brincando nesse jogo." 12/139, 140

Millar Burrows, da Universidade Yale, um norte-americano especialista nos Rolos do Mar Morto, também citado por Montgomery, escreve: "Existe um tipo de fé cristã... muito forte hoje em dia, (que) considera as afirmações da fé cristã como declarações confessionais que o indivíduo aceita por ser membro da comunidade que crê, e que não dependem da razão ou dos fatos. Aqueles que sustentam essa posição não aceitarão que a investigação histórica possa ter alguma coisa a dizer sobre a singularidade de Cristo. Com frequência eles são céticos quanto à possibilidade de conhecer qualquer coisa acerca do Jesus histórico e parecem satisfeitos em prescindir desse conhecimento. Não posso partilhar esse ponto-de-vista. Estou profundamente convencido de que a revelação de Deus em Jesus de Nazaré deve ser o alicerce de qualquer fé realmente cristã. Qualquer indagação sobre o Jesus real que viveu na Palestina dezenove séculos atrás é, por conseguinte, de importância fundamental." 11/15,16

Montgomery acrescenta que os acontecimentos históricos são "únicos, e o teste de seu caráter fatural só pode ser o método aceito de documentação, o qual estamos seguindo. Nenhum historiador tem direito a um sistema fechado de causalidade, pois, conforme o lógico Max Black, da Universidade Cornell, demonstrou numa monografia (BLACK, Max. *Models and Metaphors (Modelos e Metáforas)*. Ithaca; Cornell University, 1962, p. 16), o próprio conceito de causa é 'uma noção estranha, não sistemática e inconsistente', e, portanto, 'qualquer tentativa de formular *uma lei universal de causalidade* será comprovadamente inútil". 11/76

O historiador Ethelbert Stauffer pode nos oferecer algumas sugestões sobre a atitude de estudar a história: "O que nós (historiadores) fazemos quando experimentamos surpresas que contrariam a todas as nossas expectativas, talvez todas as nossas convicções e até mesmo toda a maneira de entender a verdade, que sustentamos durante toda a vida? Afirmamos, tal como um grande historiador costumava fazê-lo em tais situações: 'Com toda certeza é possível.' E por que não? Para o historiador crítico nada é impossível". 11/76

A isso o historiador Philip Schaff acrescenta: "O propósito do historiador não é escrever uma história a partir de noções preconcebidas e adaptada ao seu próprio gosto, mas reconstruí-la a partir das melhores provas e deixar que ela fale por si mesma". 17/175

Robert M. Horn oferece uma boa ajuda para compreendermos as idéias preconcebidas que as pessoas têm ao estudar história: "Para tornar a questão o mais evidente possível, uma pessoa que negue a

existência de Deus não concordará com a crença na Bíblia".

"Um muçulmano, tendo a certeza de que Deus não pode gerar, não aceitará como Palavra de Deus um livro que ensina que Cristo é o Filho unigênito de Deus."

"Alguns crêem que Deus não é pessoal, mas é o Absoluto, o Fundamento do Ser. Essas pessoas estarão predispostas a rejeitar a Bíblia como auto-revelação pessoal de Deus. Com base nessa premissa, a Bíblia não pode ser a palavra pessoal de 'EU SOU O QUE SOIT' (Êxodo 3:14)."

"Outros eliminam o sobrenatural. Provavelmente não darão crédito ao livro que ensina que Cristo ressuscitou dentre os mortos."

"Ainda outros sustentam que Deus não pode, sem distorção, comunicar a Sua verdade através de homens pecadores; daí concluírem que a Bíblia é, pelo menos em algumas partes, um livro meramente humano." 8/10

Uma definição *básica* de história é, para mim, "um conhecimento do passado baseado em testemunhos". Alguns imediatamente reagirão: "Não concordo". Então eu pergunto: "Você crê que Dom Pedro II existiu e foi imperador do Brasil?" "Sim, eu creio", é o que geralmente respondem. No entanto, ninguém com quem eu tenha me encontrado chegou a, pessoalmente, ver e observar *Dom Pedro II*. A única maneira de se conhecer é pelo testemunho.

Advertência: Quando se tem essa definição de história, é preciso assegurar-se da credibilidade das testemunhas. Disso trataremos no capítulo quatro.

DEVO ESTAR CEGO

6B. Pulo? Que Pulo?

Freqüentemente acusam o cristão de dar um pulo às cegas, "um salto no escuro". Muitas vezes essa idéia tem raízes em Kierkegaard.

Para mim o cristianismo não era um "salto no escuro", mas "um passo na direção da luz". Apanhei os dados que consegui reunir e os coloquei na balança. Esta pendeu decisivamente para o lado de que Cristo era o Filho de Deus e que havia ressuscitado dos mortos. A balança pendia para o lado de Cristo de um modo tão impressionante que, quando me tornei cristão, dei "um passo na direção da luz" em vez de "um salto no escuro".

Caso tivesse exercitado uma fé cega, teria rejeitado Jesus Cristo e voltado as costas para todas as provas.

Tenha cuidado. Eu não provei, sem qualquer sombra de dúvida, que Jesus era o Filho de Deus. O que fiz foi investigar os dados e pesar os prós e os contras. Os resultados mostraram que Cristo deve ser quem Ele afirmou que era, e eu tive de tomar uma decisão, e tomei-a. A reação imediata de muitos é: "Você encontrou aquilo que você queria encontrar". Mas não foi esse o caso. Eu comprovei, através de investigação, aquilo que eu desejava refutar. Comecei com o propósito de provar a falsidade do cristianismo. Eu tinha idéias preconcebidas e preconceitos, não a favor, mas contra Cristo.

Hume diria que as provas históricas não são válidas porque não se pode provar, sem sombras de dúvida, a "verdade absoluta". Mas eu não estava atrás da verdade absoluta, e sim da "probabilidade histórica".

"Sem um critério objetivo", afirma John W. Montgomery, "a pessoa se vê perdida ao ter de fazer uma escolha significativa entre os *a priori*. A ressurreição fornece uma base, em termos de probabilidade histórica, para se experimentar a fé cristã. É preciso admitir que a base é uma base provável, não de certeza absoluta, mas a probabilidade é o único fundamento sobre o qual seres humanos finitos podem basear quaisquer decisões que tomem. Só a lógica dedutiva e a matemática pura proporcionam a 'verdade irrefutável', e isso ocorre porque elas se baseiam em axiomas formais auto-evidentes (por exemplo, a tautologia, se A, então A), que não incluem conteúdo fático. No instante em que penetramos no domínio dos fatos, temos de depender da probabilidade; pode ser algo indesejável, mas é inevitável." 12/141

Ao fim dos quatro artigos que escreveu para a revista *fíis* (D'Ele), John W. Montgomery afirma, a respeito da história e do cristianismo, que "...tentou mostrar que o peso da probabilidade histórica pende para o lado da veracidade da afirmação de Jesus de que era o Deus encarnado, o Salvador do homem e o Juiz que viria julgar o mundo. Caso a probabilidade apóie, de fato, essas afirmações (e será que podemos chegar a rejeitá-las, depois de termos estudado as provas?), então devemos agir em seu favor". 11/19

QUEM TEM CORAGEM DE REVELAR O SEU VERDADEIRO MOTIVO?

7B. Desculpas Intelectuais

Freqüentemente a rejeição de Cristo não se dá tanto em nível de "mente", como em nível de "vontade"; não é tanto uma questão de "não consigo", mas de "não quero".

Tenho encontrado muitas pessoas com desculpas intelectuais, mas bem poucas com problemas intelectuais (ainda assim, tenho encontrado algumas).

As desculpas podem cobrir uma imensidão de motivos. Respeito bastante as pessoas que gastaram tempo investigando as afirmações de Cristo e chegaram à conclusão de que simplesmente não podem crer. Eu me identifico com quem sabe porque não crê (do ponto-de-vista fatural e histórico), pois eu sei porque creio (também do ponto-de-vista fatural e histórico). Isso nos dá uma base comum (embora com diferentes conclusões).

Tenho visto que a maioria das pessoas rejeita Cristo por pelo menos uma das seguintes razões:

1. Ignorância - Romanos 1:18, 23 (freqüentemente por vontade própria), Mateus 22:29
2. Orgulho - João 5:40-44
3. Problema moral - João 3:19,20

Eu estava aconselhando uma mulher que estava entediada porque acreditava que o cristianismo não era histórico e que, quanto aos fatos, tudo era simples demais. Ela havia convencido todo mundo de que estudara profundamente a questão e que descobrira sérios problemas intelectuais no cristianismo como resultado de seus estudos universitários. Uma pessoa após outra tentou convencê-la intelectualmente de seu erro e responder às suas muitas acusações.

Eu a ouvi e então respondi às suas diversas indagações. Em menos de meia hora ela admitiu que havia enganado todo mundo e que havia desenvolvido essas dúvidas intelectuais a fim de justificar a sua vida moral.

E preciso responder ao problema básico, que é a questão real, e não à evasiva intelectual, que freqüentemente ocorre.

Um estudante de uma universidade na costa leste dos Estados Unidos disse que tinha um problema intelectual com o cristianismo e que, por essa razão, não poderia aceitar Cristo como o Salvador. "Por que você não pode crer?", indaguei. Ao que ele respondeu: "Não da para confiar no Novo Testamento". Então lhe perguntei: "Se eu provar para você que o Novo Testamento é um dos textos da literatura da antigüidade em que se pode ter um elevado grau de confiança, você irá crer?" Sua resposta foi: "Não!" "Bem, o problema não é com o seu intelecto, mas com a sua vontade", foi a minha resposta.

Um formando da mesma universidade, depois de uma palestra sobre "A Ressurreição: Fraude ou História?", estava me bombardeando com perguntas misturadas a acusações (mais tarde vim a saber que ele fazia o mesmo com a maioria dos oradores cristãos). Finalmente, depois de 45 minutos de diálogo, eu lhe perguntei: "Se eu lhe provar, sem qualquer sombra de dúvida, que Cristo ressuscitou dos mortos e é o Filho de Deus, você refletirá cuidadosamente sobre Ele?" A resposta imediata e enfática foi: "NÃO!"

Michael Green cita Aldous Huxley, o ateu que destruiu a crença de muitos e que foi aclamado como possuidor de uma mente privilegiada. Huxley admite seus próprios preconceitos (*Ends and Means* (Fins e Meios), p. 270ss) quando diz: "Eu tinha razões para querer que o mundo não tivesse um sentido; conseqüentemente, pressupus que não tivesse, e, sem qualquer dificuldade, consegui encontrar motivos satisfatórios para essa pressuposição. O filósofo que não encontra sentido algum no mundo não está preocupado exclusivamente com uma questão de metafísica pura; também se interessa em provar que não existem razões válidas devido às quais não se deva fazer o que quer, ou pelas quais seus amigos não devam tomar o poder político e o governo da maneira que acharem mais vantajosa para si mesmos... Quanto a mim, a filosofia da ausência de sentido foi basicamente um instrumento de libertação, tanto sexual como política". 8/36

Bertrand Russell é o exemplo de um ateu inteligente que não examinou cuidadosamente as provas em favor do cristianismo. Em seu livro *Why I Am Not a Christian* (Por que não sou cristão) é óbvio que ele nem mesmo levou em consideração as provas da ressurreição de Jesus, e, por seus comentários, é de se duvidar que tenha alguma vez corrido os olhos pelo Novo Testamento. Parece uma incoerência que um homem como esse não analisasse detalhadamente a ressurreição, visto que ela é o fundamento do

cristianismo. 8/86

João 7:17 nos assegura que: "Se alguém quiser fazer a vontade dele, conhecerá a respeito da doutrina, se ela é de Deus ou se falo por mim mesmo."

Se alguém estudar as afirmações de Jesus Cristo, desejoso de saber se são verdadeiras, querendo seguir Seus ensinamentos caso sejam verdade, ele certamente saberá. Mas não é possível estudar sem disposição para aceitar e, ainda assim, esperar descobrir a verdade.

O Filósofo francês Pascal escreveu: "As provas em favor da existência de Deus e do seu poder são mais do que suficientes, mas aqueles que insistem em não ter qualquer necessidade dele nem das provas, sempre encontrarão maneiras de desconsiderar a proposta". 13/s.p.

BIBLIOGRAFIA

1. ANDERSON, J. N. D. *Christianity: A Witness of History* (Cristianismo; Um testemunho da História). Downers Grove: Inter-Varsity, 1970. Usado com permissão.
- 2- BEATTIE, F. R. *Apobgetics* (Apologética). Richmond: Presbyterian Committee of Publication, 1903.
3. BLAIKLOCK, E. M. *Layman's Answer: An Examination of the New Theology* (A Resposta do Leigo: Um Exame da Nova Teologia). Londres: Hodder and Stoughton, 1968.
4. CAMBRIDGE *Ancient History, The* (A História Antiga de Cambridge). Cambridge: Cambridge University, 1965. v. 11.
5. CARNELL, E. J. *Christian Commitment* (Consagração Cristã). Nova Iorque: Macmillan, 1957.
6. ESTBORN, S. *Gripped by Christ* (Atraído por Cristo) Londres: Lutterworth, 1965.
7. FISHER, G. P. *The Grounds of Theistic and Christian Belief* (As Bases da Crença Teísta e Cristã). Londres: Hodder and Stoughton, 1902.
8. GREEN, Michael. *Runaway World*. Downers Grove: Inter-Varsity, 1968. Usado com permissão. Existe tradução em português desse livro; *Mundo em Fuga*. São Paulo: Vida Nova, s.d., esgotado.
9. HORN, Robert M. *The Book That Speaks for itself* (O Livro que Fala por Si Mesmo). Downers Grove: Inter-Varsity, 1970. Usado com permissão.
10. LITTLE, Paul. *Você pode explicar sua fé?* São Paulo: Mundo Cristão, 1972.
11. MONTGOMERY, John Warwick. *History and Christianity* (A História e o Cristianismo). Downers Grove: Inter-Varsity, 1972. Usado com permissão.
12. _____. *The Shape of the Past* (Imagens do Passado) Ann Arbor: Edwards Brothers, 1962.
13. PASCAL, Blaise. *Pensee's n° 430* (Pensamento n° 430) Trad. para o inglês por H. F. Stewart. Nova Iorque: Random House, s.d.
14. PINNOCK, Clark. *Viva Agora, Amigo*. Atibaia: Fiel.
15. RAMM, Bernard. *Protestant Christian Evidences* (Provas Cristãs Protestantes). Chicago; Moody, 1954. Usado com permissão.
16. ROBERTSON, Austin. *Apobgetics Defensively and Offensively Stated* (Apologética do Ponto-de-Vista Defensivo e do Ofensivo) Tese de mestrado, não publicada. Seminário Teológico de Dallas, 1961.
17. SHAFF, Philip. *History of the Christian Church* (História da Igreja Cristã) Grand Rapids: William B. Eerdmans, 1962. V. 1, p. 176.
18. SIMPSON, Carnegie P. *The Fact of Christ* (O Fato de Cristo) 6 ed., s. n. t.
19. SMITH, Wilbur. *Therefore Stand* (Permaneça, Pois Firmes) Grand Rapids: Baker, 1945.
20. TRUEBLOOD, Elton. *Philosophy of Religion* (Filosofia da Religião) Nova Iorque: Harper & Row, 1957.
21. VAN TIL, C. Anotações feitas em sala de aula da matéria "Apologética", 1953.
22. _____. *The Intellectual Challenge of the Gospel* (O Desafio Intelectual do Evangelho). Londres: Tyndale, 1950.

PRIMEIRA PARTE:

A BÍBLIA – EU ACREDITO NELA...

O propósito desta primeira parte do livro é desenvolver uma confiança suficiente na Palavra de Deus. A Bíblia é um livro que merece confiança, pois permite um exame minucioso.

A seguir você tem um esboço preparado para ajudá-lo a usar com eficácia este material.

1A. A BÍBLIA É ÚNICA

- 1B. Na sua Coerência
- 2B. Em sua Circulação
- 3B. Em sua Tradução
- 4B. Em sua Sobrevivência
- 5B. Nos seus Ensinos
- 6B. Na sua Influência sobre a Literatura

2A. A BÍBLIA É CONFIÁVEL

- 1B. O Teste Bibliográfico
- 2B. O Teste das Evidências Internas
- 3B. O Teste das Evidências Externas
- 4B. A Confirmação pela Arqueologia

capítulo 1:

A Singularidade da Bíblia...

1A. A SINGULARIDADE DAS ESCRITURAS

1B. Introdução

Parece um disco com defeito. Estou sempre ouvindo a mesma frase: "Não vai me dizer que você lê a Bíblia!" Algumas vezes isso é dito com outras palavras: "Ah! que é isso? A Bíblia é um livro igual aos outros; você devia ler... etc." E existe aquele estudante que tem orgulho pelo fato de sua Bíblia estar na prateleira junto com os outros livros, talvez empoeirada, nada gasta pelo uso, mas lá está ela junto com as

outras "grandes" obras.

Existe também o professor que menospreza a Bíblia diante dos alunos e que zomba só da idéia de pensar em lê-la, quanto mais de tê-la em sua biblioteca particular.

As indagações e observações acima mencionadas me perturbaram quando eu tentava, como um não-cristão, refutar a Bíblia como a Palavra de Deus ao homem. Finalmente cheguei à conclusão de que eram simples chavões ditos por homens e mulheres, quer adeptos a preconceitos e idéias preconcebidas, quer fossem simplesmente pessoas ignorantes e incultas.

Pelo que é, a Bíblia deve estar no alto da estante. A Bíblia é "única". E exatamente isso. Os pensamentos que desenvolvi para descrever a Bíblia resumem-se na palavra "única".

O dicionário define "único" como: "1. Que é um só; 2. de cuja espécie não existe outro; 3. exclusivo; excepcional. 4. a que nada é comparável... 5. superior a todos os demais".

M. Montiero-Williams, antigo professor de sânscrito, que passou 42 anos estudando livros orientais e comparando-os com a Bíblia, afirmou: "Se você quiser, empilhe-os no lado esquerdo de sua escrivaninha; mas coloque a sua Bíblia do lado direito - apenas ela, só ela - e que haja uma boa distância entre a pilha de livros e a Bíblia. Pois existe uma grande distância entre ela e os chamados livros sagrados do Oriente, de modo que estes se opõem àquela total, completa e definitivamente... um abismo real que nenhuma ciência do pensamento religioso conseguirá transpor". 18/314,315

2B. A Bíblia é Única.

É um livro "diferente de todos os demais" nos seguintes aspectos (além de em muitos e muitos outros):

1C. ÚNICA NA SUA COERÊNCIA. Esse é um livro:

1. Escrito durante um período de mais de 1.500 anos.
2. Escrito durante mais de 40 gerações.
3. Escrito por mais de 40 autores, envolvidos nas mais diferentes atividades, inclusive reis, camponeses, filósofos, pescadores, poetas, estadistas, estudiosos, etc:
Moisés, um líder político, que estudou nas universidades do Egito;
Pedro, um pescador;
Amos, um boiadeiro;
Josué, um general;
Neemias, um copeiro;
Daniel, um primeiro-ministro;
Lucas, um médico;
Salomão, um rei;
Mateus, um coletor de impostos;
Paulo, um rabino.
4. Escrito em diferentes lugares:
Moisés, no deserto;
Jeremias, numa masmorra;
Daniel, numa colina e num palácio;
Paulo, dentro de uma prisão;
Lucas, enquanto viajava;
João, na ilha de Patmos;
Outros, nos rigores de uma campanha militar.
5. Escrito em diferentes condições: Davi, em tempos de guerra; Salomão, em tempos de paz.

6. Escrito sob diferentes circunstâncias:

Alguns escreveram enquanto experimentavam o auge da alegria, enquanto outros escreveram numa profunda tristeza e desespero.

7. Escrito em três continentes: Ásia, África e Europa.

8. Escrito em três idiomas:

Hebraico: a língua do Antigo Testamento.

Em 2 Reis 18:26-28 essa língua é chamada de "judaica".

Em Isaías 19:18, de "língua de Canaã".

Aramaico: a "língua franca" do Oriente Próximo até a época de Alexandre o Grande (séc. VI a.C. - séc. IV a.C.). 32/218

Grego: a língua do Novo Testamento. Foi o idioma de uso internacional à época de Cristo.

9. A Bíblia trata de centenas de temas controversos. Tema controverso é aquele que pode gerar opiniões divergentes, quando mencionado ou discutido.

Os autores bíblicos falaram de centenas de temas controversos com harmonia e coerência, desde Gênesis até Apocalipse. Há uma única história que vai se revelando: "A redenção do homem por parte de Deus."

Geisler e Nix assim se expressam a respeito: "O 'Paraíso Perdido' de Gênesis se torna o 'Paraíso Recuperado*' de Apocalipse. Enquanto que o acesso à árvore da vida está fechado em Gênesis, encontra-se aberto para todo o sempre em Apocalipse". 32/24

F. F. Bruce comenta: "Qualquer parte do corpo humano só pode ser devidamente entendida em função do corpo na sua totalidade. E qualquer parte da Bíblia só pode ser devidamente entendida em função da Bíblia como um todo". 15/89

Bruce conclui: "À primeira vista, a Bíblia parece ser uma coleção de literatura, principalmente judaica. Se investigarmos as circunstâncias em que foram escritos os vários documentos bíblicos, descobriremos que foram escritos aos poucos, durante um período de aproximadamente 1.400 anos. Os escritores escreveram em vários países, desde a Itália, no ocidente, até a Mesopotâmia, e possivelmente a Pérsia, no oriente. Os escritores formavam eles mesmos um grupo heterogêneo de pessoas, não apenas separados uns dos outros por centenas de anos e centenas de quilômetros, mas pertencentes aos mais variados ramos de atividades. Havia reis, boiadeiros, militares, legisladores, pescadores, estadistas, pessoas da corte, sacerdotes e profetas, um rabino fabricante de tendas e um médico gentílico, para não falar de outros de quem nada sabemos, senão os escritos que nos deixaram. Os próprios escritos pertencem a uma grande diversidade de estilos literários. Incluem histórias, lei (civil, criminal, ética, ritual, sanitária), poesia religiosa, textos didáticos, poesia lírica, parábolas e alegorias, biografia, correspondência pessoal, reminiscências pessoais, diários, além dos estilos caracteristicamente bíblicos de literaturas proféticas e apocalípticas."

"Por tudo isso, a Bíblia não é uma simples antologia; existe uma unidade que dá coesão ao todo. Uma antologia é compilada por um antologista, mas nenhum antologista compilou a Bíblia." 15/88

10. Conclusão acerca de coerência — uma comparação com *Great Books of Western World* (Grandes Livros do Mundo Ocidental).

Um representante da editora dos *Great Books of Western World* veio à minha casa para recrutar vendedores para a coleção. Ele abriu o cartaz de propaganda da coleção e passou cinco minutos nos falando sobre a coleção *Great Books of Western World* e nós passamos uma hora e meia falando a ele sobre o maior dos Livros.

Eu o desafiei a apanhar apenas dez dos autores, devendo todos eles ter a mesma profissão, ser da mesma geração e do mesmo lugar, terem vivido na mesma época e experimentado as mesmas circunstâncias, falarem a mesma língua, e analisarem um único tema controverso. (A Bíblia fala de centenas com harmonia e concordância).

Então indaguei: "Será que esses autores iriam concordar entre si?" Ele pensou por um momento e

então respondeu: "Não!" E mais uma vez perguntei: "E que tipo de livro você teria?" E ele respondeu imediatamente: "Um amontoado de idéias".

Dois dias depois ele entregou a vida a Cristo (o que é o tema da Bíblia).

Por que tudo isso? É muito simples! Qualquer pessoa que esteja sinceramente procurando a verdade iria pelo menos analisar um livro com as características singulares acima mencionadas.

2C. ÚNICA EM CIRCULAÇÃO

Basicamente estou citando dados relativos apenas às Sociedades Bíblicas. Os dados foram extraídos da *Enciclopédia Britânica*, *Encyclopaedia Americana* (Enciclopédia Americana), *One Thousand Wonderful Things About the Bible* (Mil Maravilhas Sobre a Bíblia; por Pickering), *Ali About the Bible* (Tudo Acerca da Bíblia, por Collett), *Protestant Christian Evidences* (Provas Cristãs Protestantes; por B. Ramm) e *A General Introduction to the Bible* (Uma Introdução Geral à Bíblia; por Geisler e Nix).

IMPRESSÕES DA BÍBLIA

Data	Bíblias	Novos Testamentos	Porções (Livros ou partes)
A partir de 1804	409.000.000		
(Sociedade Bíblica Britânica)		X	
Em 1928	965.000	X	X
(Gideões dos Estados Unidos)			
(Sociedade Bíblica Nacional — Escócia)	88.070.068	X	X
(Sociedade Bíblica de Dublin)	6.987.691		
(Sociedade Bíblica Alemã, 1927)	900.000		
Em 1930	12.000.000		
A partir de 1932	1.330.213.815		
Em 1947	14.108.436		
Em 1951	952.666	1.913.314	13.135.965
Em 1955	25.393.161		
1950-1960 (anualmente)	3.037.898	3.223.986	18.417.989
Em 1963	54.123.820		
Em 1964	1.665.559		
(Sociedade Bíblica Americana)			
Outros	69.852.237	2.620.248	39.856.207
Em 1965	76.953.369		
Em 1966	87.398.961		

A Bíblia tem sido lida por mais pessoas e publicada em mais línguas do que qualquer outro livro. Existem mais cópias impressas de toda a Bíblia e mais porções e seleções dela do que de qualquer outro livro em toda a história. Alguém poderá refutar, afirmando que num determinado mês ou ano algum livro foi mais vendido. No entanto, em termos absolutos não existe qualquer livro que alcance, ou que mesmo comece a se igualar, à Bíblia, em termos de circulação. O primeiro grande livro a ser impresso foi a Vulgata (versão da Bíblia em latim), impressa por Gutenberg. 38/478-480.

Hy Pickering diz que, cerca de trinta anos atrás, para a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira atender à demanda, teve que imprimir "uma cópia a cada três segundos do dia ou da noite; 22 cópias a cada minuto do dia ou da noite; 1.369 cópias a cada hora do dia ou da noite; 32.876 cópias diariamente durante o ano. E é bem interessante saber que esse número surpreendente de Bíblias foi despachado para diversas partes do mundo em 4.583 caixas, num peso de 490 toneladas". 73/227

The Cambridge History of the Bible (A História da Bíblia, de Cambridge) diz: "Nenhum outro livro tem experimentado uma circulação constante que se aproxime da circulação da Bíblia". 38/479

O crítico está certo: "Isso não prova que a Bíblia seja a Palavra de Deus!" Mas mostra de um modo bem concreto que a Bíblia é única.

3C. ÚNICA EM TRADUÇÃO

A Bíblia foi um dos primeiros livros importantes a ser traduzido (Septuaginta: tradução em grego do Antigo Testamento hebraico, por volta de 250 a.C). 99/1147

A Bíblia tem sido traduzida, retraduzida e parafraçada mais do que qualquer outro livro existente.

A *Enciclopédia Britânica* informa que "até 1966 a Bíblia completa havia aparecido... em 240 línguas e dialetos... um ou mais livros da Bíblia em outros 739 idiomas, num total de 1.280 línguas". 25/588

Entre 1950 e 1960 3.000 tradutores da Bíblia estiveram trabalhando na tradução das Escrituras. 25/588

Os fatos colocam a Bíblia numa condição única ("de cuja espécie não existe outra") em termos de tradução.

4C. ÚNICA EM SOBREVIVÊNCIA

1D. *Sobrevivência Através dos Tempos*

Ser escrita em material perecível (veja página 33), tendo que ser copiada e recopiada durante centenas de anos, antes da invenção da imprensa, não prejudicou seu estilo, exatidão ou existência. Comparada com outros escritos antigos, a Bíblia possui mais provas em termos de manuscritos do que, juntos, possuem os dez textos de literatura clássica com maior número de manuscritos, (Veja página 54.)

John Warwick Montgomery afirma que "ter uma atitude cética quanto ao texto disponível dos livros do Novo Testamento é permitir que toda a antigüidade clássica se torne desconhecida, pois nenhum documento da história antiga é tão bem confirmado bibliograficamente como o Novo Testamento". 64/29

Bernard Ramm fala acerca da exatidão e do número de manuscritos bíblicos: "Os judeus a preservaram como nenhum outro manuscrito foi jamais preservado. Com a *massora* (*parva*, *magna* e *finalis*) eles verificavam atentamente cada letra, sílaba, palavra e parágrafo. Dentro de sua cultura, eles dispunham de grupos de homens com funções específicas, cuja única responsabilidade era preservar e transmitir esses documentos com uma fidelidade praticamente perfeita - eram os escribas, copistas e massoretas.

Quem alguma vez contou as letras, sílabas e palavras dos textos de Platão ou Aristóteles? de Cícero ou de Sêneca?" 73/230, 231

Em *The Greatest Book of the World* (O Maior Livro do Mundo), John Lea comparou a Bíblia aos escritos de Shakespeare: "Em artigo na *North American Review* (Revista Norte-Americana), um escritor fez algumas comparações interessantes entre os escritos de Shakespeare e as Escrituras, que revelam que provavelmente se teve muito mais cuidado com os manuscritos bíblicos do que com outros escritos, mesmo tendo havido bem mais oportunidade de se preservar o texto correto por meio de cópias impressas do que quando todas as cópias tinham que ser feitas à mão. Ele disse: 'Parece estranho que o texto de Shakespeare, que existe há menos de duzentos e oito anos, seja bem mais duvidoso e tenha bem mais corruptelas do que o texto do Novo Testamento, agora com mais de dezoito séculos de idade, sendo que em quase quinze desses dezoito séculos só existiu em forma manuscrita... Com talvez umas dez ou vinte

exceções, pode-se afirmar que o texto de cada versículo do Novo Testamento encontra-se tão bem estabelecido, em face de uma concordância geral entre os estudiosos, que qualquer ressalva quanto ao texto diz respeito mais à interpretação das palavras do que a quaisquer dúvidas sobre as próprias palavras. Mas em cada uma das trinta e sete peças de Shakespeare existem provavelmente uma centena de passagens que ainda são objeto de disputa, sendo que uma boa parte dessas passagens afeta significativamente o sentido dos textos em que ocorrem". 56/15

2D. *Sobrevivência em meio a Perseguições*

Como nenhum outro livro a Bíblia tem suportado os ataques malévolos de seus inimigos. Muitos têm procurado queimá-la, proibi-la e "torná-la ilegal, desde os dias dos imperadores romanos até os dias de hoje, nos países dominados pelo comunismo". 73/232

Sidney Collett em *ALL About the Bible* (Tudo Acerca da Bíblia) relata: "Voltaire, o francês renomado e incrédulo que morreu em 1778, afirmou que, cem anos depois dele o cristianismo estaria varrido da face da terra e teria passado à história. Mas o que aconteceu? Voltaire passou para a história, ao passo que a circulação da Bíblia continua a aumentar em quase todas as partes do mundo, levando bênçãos aonde quer que vá. Por exemplo, a catedral inglesa em Zanzibar encontra-se edificada no local do antigo Mercado de Escravos, e a Mesa da Comunhão está posicionada no exato lugar onde outrora ficava o pelourinho! O mundo está repleto de exemplos assim... Como alguém já expressou com muita propriedade: 'É mais fácil empregar nossos esforços para interromper a trajetória do sol, do que tentar interromper a circulação da Bíblia.'"18/63

A respeito da presunção de Voltaire de que o cristianismo desapareceria num prazo de cem anos, Geisler e Nix assinalam que "apenas cinquenta anos depois de sua morte a Sociedade Bíblica de Genebra usou a gráfica e a residência de Voltaire para imprimir pilhas de Bíblias." 32/123, 124 QUE IRONIA DA HISTÓRIA!

Em 303 A.D. o imperador Diocleciano proclamou um edito (*Cambridge History of the Bible*) para impedir os cristãos de adorarem e para destruir as suas Escrituras: "... um documento imperial foi promulgado em todos os lugares, determinando a demolição das igrejas e a queima das Escrituras, e proclamando que aqueles que ocupavam posições de destaque perderiam todos os seus direitos, enquanto que aqueles que trabalhassem em suas casas perderiam a liberdade, caso insistissem em professar o cristianismo". 38/476; 26/259

Quanto a esse edito para destruir a Bíblia, a ironia da história é que Eusébio registra o edito proclamado 25 anos depois por Constantino, o imperador que sucedeu a Diocleciano, para que se preparassem 50 cópias das Escrituras às expensas do governo.

A Bíblia é única em termos de sobrevivência. Isso não prova que a Bíblia é a Palavra de Deus. Mas confirma que ela ocupa um lugar sem igual entre os livros. Quem quer que esteja buscando a verdade deve refletir sobre um livro com essas características distintivas.

3D. *Sobrevivência em meio às Críticas*

H. L. Hastings, citado por John W. Lea, ilustrou convincentemente a maneira toda especial como a Bíblia resistiu aos ataques de incrédulos e céticos: "Durante dezoito séculos os incrédulos têm refutado e atacado esse livro, e, no entanto, ele está hoje firme como uma rocha. Aumenta sua circulação, é mais amado, apreciado e lido do que em qualquer outra época. Com todos os seus violentos ataques, os incrédulos conseguem fazer nesse livro o mesmo que uma pessoa, com um prego para tachinhas, consegue fazer nas pirâmides do Egito. Quando o monarca francês propôs a perseguição aos cristãos em seu território, um idoso estadista e militar lhe disse: "Majestade, a Igreja de Deus é uma bigorna que tem gasto muitos martelos". De modo que os martelos dos incrédulos têm, durante séculos, desferido golpes nesse livro, mas os martelos se gastaram e a bigorna ainda está inteira. Se esse livro não fosse o livro de Deus, os homens teriam-no destruído há muito tempo. Imperadores e papas, reis e sacerdotes, príncipes e governantes, têm todos eles tentado destruí-la. Eles morrem e o livro sobrevive". 56/17, 18

Bernard Ramm acrescenta: "Por mais de mil vezes badalaram os sinos, anunciando a morte da Bíblia, formou-se o cortejo fúnebre, talhou-se a inscrição na lápide e fez-se a leitura da elegia fúnebre. Mas por

alguma maneira o cadáver nunca permaneceu sepultado.

Nenhum outro livro tem sido tão atacado, retalhado, vasculhado, examinado e difamado. Que livro de filosofia, religião, psicologia ou literatura, do período clássico ou moderno, sofreu um ataque tão maciço como a Bíblia? Um ataque marcado por tanta maldade e ceticismo? Um ataque tão vasto e desferido por pessoas tão eruditas? Um ataque contra cada capítulo, parágrafo e linha?

A Bíblia ainda é amada por milhões, lida por milhões e estudada por milhões." 73/232, 233

No passado costumava-se dizer "os resultados comprovados da alta crítica", mas atualmente os defensores da alta crítica não estão sendo muito honestos. Veja, por exemplo, a Hipótese Documental. Além dos diferentes nomes empregados para Deus no livro de Gênesis, uma das razões para o desenvolvimento dessa hipótese foi que o Pentateuco não poderia ter sido escrito por Moisés porque "os resultados comprovados da alta crítica" demonstraram que não havia escrita à época de Moisés ou que, caso já existisse, era usada muito raramente. É óbvio, portanto, que o Pentateuco só pode ter sido escrito mais tarde. As mentes dos críticos passaram a funcionar: os autores J, E, P e D montaram o Pentateuco. Os críticos chegaram ao ponto de dividir um único versículo em três partes, cada uma de um autor diferente. Elaboraram grandes esquemas para criticar o texto. Para uma análise aprofundada da Hipótese Documental, veja *More Evidence That Demands a Verdict* (Mais Evidências que Exigem um Veredito).

Mas, então, algumas pessoas descobriram o "obelisco negro". 99/444 Tinha caracteres cuneiformes e continha as leis detalhadas de Hamurabi. Era um texto pós-mosaico? Não! Era pré-mosaico. E não apenas isso, mas era pelo menos três séculos mais antigo que os escritos de Moisés. 99/444 Surpreendentemente essa pedra era anterior a Moisés, o qual supunha-se que era um homem primitivo e que não dispunha de um alfabeto.

Que ironia da história! A "Hipótese Documentar*" ainda é ensinada, embora tenha-se eliminado e comprovado a falsidade de grande parte de suas idéias básicas iniciais ("os resultados comprovados da alta crítica"). Os "resultados comprovados da alta crítica" asseveravam que não existiam heteus à época de Abraão, pois não havia outros registros sobre esse povo além do Antigo Testamento. Deviam ser um mito. Bem, mais uma vez estavam errados. Fruto da pesquisa arqueológica, hoje existem centenas de referências se sobrepondo umas às outras e cobrindo mais de 1.200 anos da civilização dos heteus. Para maiores detalhes sobre esse povo, veja o livro deste autor *More Evidence That Demands a Verdict* (pp. 309-311).

Earl Radmacher, presidente do Seminário Batista Conservador do Oeste, nos Estados Unidos, menciona uma oportunidade que teve de ouvir Nelson Glueck, um dos três maiores arqueólogos do mundo e que foi reitor do Seminário Teológico Judaico, ligado à Faculdade Hebraica União, da cidade de Cincinnati, também nos Estados Unidos: "Eu o ouvi (isto é, a Glueck) quando visitou o Templo Emanuel, em Dañas, (nos Estados Unidos). A certa altura ele ficou bem ruborizado e disse: 'Tenho sido acusado de ensinar a inspiração verbal e plena das Escrituras. Quero que fique bem claro que nunca ensinei tal coisa. Tudo que sempre tenho dito é que em todas as minhas investigações arqueológicas jamais encontrei um único objeto antigo que contradiga qualquer afirmação da Palavra de Deus.'"71/50

Robert Dick Wilson, um homem que se expressava fluentemente em mais de 45 línguas e dialetos, chegou à seguinte conclusão, após uma vida inteira estudando o Antigo Testamento: "Posso acrescentar que o resultado de meus quarenta e cinco anos estudando a Bíblia tem sido, o tempo todo, de aumentar a minha convicção de que no Antigo Testamento temos um relato histórico e fiel sobre a história do povo israelita". 103/42

A Bíblia é única diante de seus críticos. Em toda a literatura não há livro igual. Uma pessoa que esteja buscando a verdade deve refletir sobre um livro com essas características distintivas.

5C. ÚNICA NOS ENSINOS

1D. Profecia

Wilbur Smith, que formou uma biblioteca pessoal de 25.000 volumes, chegou à conclusão de que "não importa o que alguém pense sobre a autoridade do livro que chamamos de Bíblia e sobre a mensagem que ele apresenta, o fato é que existe uma aceitação generalizada de que, por inúmeras razões, esse é o livro mais notável que já foi produzido nestes aproximadamente cinco mil anos em que a raça humana domina a escrita".

"É o único volume já produzido pelo homem, ou por um grupo de homens, em que se encontra um grande corpo de profecias a respeito de nações, em particular, de Israel, de todos os povos da terra, de

certas cidades e daquele que viria e deveria ser o Messias. O mundo antigo possuía muitos e diferentes meios para determinar o futuro, o que é conhecido como prognosticação, mas na totalidade da literatura grega e latina, muito embora empreguem as palavras profetas e profecia, não conseguimos encontrar qualquer profecia real e específica acerca de um grande acontecimento histórico que deveria ocorrer no futuro distante, nem qualquer profecia acerca de um Salvador que iria surgir no meio da raça humana..."

"O islamismo é incapaz de indicar qualquer profecia acerca da vinda de Maomé e que tenha sido pronunciada centenas de anos antes de seu nascimento. De igual modo, os fundadores de quaisquer das seitas existentes neste país (incluindo o Brasil) são incapazes de identificar com precisão qualquer texto antigo que especificamente tivesse predito o surgimento deles." 86/9, 10

2D. História

Nos livros bíblicos de 1 Samuel até 2 Crônicas encontra-se a história de Israel, cobrindo cerca de cinco séculos. *The Cambridge Ancient History* (A História Antiga, de Cambridge; v. 1, p. 222) afirma: "Certamente o povo israelita manifesta uma capacidade excepcional para a interpretação da história, e o Antigo Testamento representa a descrição da história mais antiga que existe".

O professor Albright, o renomado arqueólogo, assim inicia sua obra clássica, *The Biblical Period* (A Era Bíblica): "A tradição nacional hebraica supera todas as outras na maneira clara como descreve a origem tribal e familiar. No Egito e na Babilônia, na Assíria e na Fenícia, na Grécia e em Roma, procuramos em vão por qualquer coisa parecida. Nada há de semelhante na tradição dos povos germânicos. A Índia e a China também não têm algo parecido para apresentar, visto que suas lembranças históricas mais antigas são registros literários de tradições dinásticas distorcidas, sem que haja qualquer menção a criadores de animais ou lavradores que tivessem antecedido o semideus ou rei, com quem esses registros iniciam. Nem nos mais antigos escritos históricos indianos (os Puranas) nem nos primeiros historiadores gregos existe qualquer alusão ao fato de que tanto os indo-arianos como os helenos outrora haviam sido nômades que, vindos do norte, imigraram para as regiões onde se instalaram. A bem da verdade, os assírios se lembravam vagamente de seus primeiros líderes, cujos nomes recordavam, sem quaisquer detalhes sobre os seus feitos, e que haviam habitado em tendas; mas já fazia muito tempo que os assírios tinham esquecido de onde vieram." 27/3

"A Tabela das Nações", de Gênesis 10, é um relato histórico surpreendentemente exato. De acordo com Albright; "é algo absolutamente único na literatura antiga, sem qualquer paralelo mesmo entre os gregos... 'A Tabela das Nações' permanece sendo um documento surpreendentemente exato... Revela, apesar de toda a complexidade, uma compreensão tão notavelmente 'moderna' da situação étnica e lingüística do mundo moderno, que os estudiosos jamais deixam de ficar impressionados com o conhecimento do autor sobre o assunto" 7/70ss.

3D. As pessoas Descritas

Lewis S. Chafer, que fundou e dirigiu o Seminário Teológico de Dallas, nos Estados Unidos, assim se expressa a respeito: "A Bíblia não é o tipo de livro que um homem escreveria caso pudesse, nem que poderia escrever, caso quisesse".

A Bíblia trata com muita franqueza a respeito dos pecados de suas personagens. Leia as biografias escritas hoje em dia e repare como elas tentam esconder, deixar de lado ou ignorar o lado pouco recomendável das pessoas. Veja os maiores gênios da literatura: em sua maioria são descritos como santos. A Bíblia não procede dessa maneira. Ela simplesmente conta a verdade.

Denunciados os pecados do povo (Deuteronômio 9:24) e os pecados dos patriarcas (Gênesis 12:11-13; 49:5-7) os evangelistas descrevem suas próprias faltas e as dos apóstolos (Mateus 8:10-26; 26:31-56; Marcos 6:52; 8:18; Lucas 8:24, 25; 9:40-45; João 10:6; 16:32) e a desordem nas igrejas (1 Coríntios 1:11; 15:12; 2 Coríntios 2:4; etc.)

Muitos indagarão: "Por que tinham que colocar aquele capítulo sobre Davi e Bate-Seba?" Bem, a Bíblia tem o costume de contar a verdade.

6C. ÚNICA NA INFLUÊNCIA SOBRE A LITERATURA

Cleland B. McAfee escreve em *The Greatest English Classic* (O Maior Clássico em Inglês): "Se todas as Bíblias de uma cidade grande fossem destruídas, seria possível restaurar o Livro em suas partes essenciais,

a partir das citações dele feitas existentes nos livros da biblioteca pública municipal. Existem livros cobrindo quase todos os grandes autores literários, escritos especificamente para mostrar o quanto a Bíblia os influenciou." 60/134

O historiador Philip Schaff (*The Person of Christ - A Pessoa de Cristo*. American Tract Society, 1913) descreve brilhantemente a singularidade da Bíblia ao apresentar a singularidade do Salvador: "Esse Jesus de Nazaé, sem dinheiro nem armas, conquistou milhões de pessoas num número muito maior do que Alexandre, César, Maomé e Napoleão; sem o conhecimento e a pesquisa científica ele despejou mais luz sobre assuntos materiais e espirituais do que todos os filósofos e cientistas reunidos; sem a eloquência aprendida nos bancos escolares, ele pronunciou palavras de vida como nunca antes, nem depois, foram ditas e provocou resultados que o orador e o poeta não conseguem alcançar: sem ter escrito uma única linha, ele pôs em ação mais canetas, e forneceu temas para mais sermões, discursos, livros profundos, obras de arte e música de louvor do que todo o continente de grande homens da antigüidade e da atualidade."

Bernard Ramm acrescenta: "Existem questões complexas no estudo da Bíblia, que não têm paralelo com qualquer outra ciência ou ramo do conhecimento humano. A partir dos Pais Apostólicos, em 95 A.D., até a época atual corre um largo rio literário, inspirado pela Bíblia - são dicionários bíblicos, enciclopédias bíblicas, léxicos bíblicos, atlas bíblicos e livros de geografia bíblica. Pode-se considerá-los como pontos-de-partida. Então, aleatoriamente, podemos mencionar as enormes bibliografias nos campos da teologia, educação religiosa, hinologia, missões, línguas bíblicas, história da igreja, biografia religiosa, devocionários, comentários, filosofia da religião, provas do cristianismo, apologética, e assim por diante. Parece ser um número interminável". 73/239

Kenneth Scott Latourette, que foi historiador na Universidade de Yale (nos Estados Unidos), afirma: "É prova da importância de Ele, do efeito que tem causado na história e, presumivelmente, do mistério desconcertante, provocado por Ele, que nenhuma outra pessoa que viveu neste planeta tenha sido a razão de um volume tão grande de literatura entre tão grande número de povos e línguas e que, longe de terminar, o nível da inundação continua subindo". 55/44

3B. A Conclusão é Óbvia

O que foi dito acima não prova que a Bíblia é a Palavra de Deus, mas para mim prova que é única ("de cuja espécie não existe outro... A que nada é comparável").

Um professor universitário comentou comigo: "Se você for uma pessoa inteligente, você lera aquele livro que tem atraído a atenção mais do que qualquer outro, isso se você estiver buscando a verdade."

OBSERVAÇÃO: A Bíblia é o primeiro livro religioso a ser levado para o espaço sideral (ela foi em forma de microfilme). É o primeiro livro lido que descreve a origem da terra (os astronautas leram Gênesis 1:1 — [†]"No princípio criou Deus..."). Apenas reflita no fato de que Voltaire afirmou que a Bíblia estaria ultrapassada até 1850.

E também um dos livros mais caros (senão o mais caro). A Bíblia Vulgata Latina de Gutenberg custa mais de 100.000 dólares. Os russos venderam o Códice Sinaítico (uma antiga cópia da Bíblia) à Inglaterra por 510.000 dólares. 73/227

E, finalmente, o mais longo telegrama do mundo foi o Novo Testamento na Edição Revista (Revised Version), enviado de Nova Iorque a Chicago, duas cidades norte-americanas. 73/227

capítulo 2:

Como a Bíblia foi Preparada?...

2A. O PREPARO DAS ESCRITURAS

Muitos têm indagações sobre o contexto da Bíblia, suas divisões e materiais empregados em sua elaboração. Este capítulo irá pô-lo a par do processo de escrita da Bíblia e, creio eu, fará o leitor apreciar ainda mais a Palavra de Deus.

1B. Materiais Empregados na Redação da Bíblia.

1C. MATERIAL PARA ESCRITA

1 D. *Papiro*

A impossibilidade de recuperar muitos dos antigos manuscritos (um manuscrito é, neste sentido, uma cópia à mão das Escrituras) se deve basicamente aos materiais perecíveis empregados na escrita da Bíblia.

Segundo F. F. Bruce, "há muito, todos... os autógrafos se perderam. Isto não poderia ser diferente, pois tendo sido escritos em papiros (como já vimos) somente em condições excepcionais teriam duração maior". 15/176

Kirsopp Lake assinala que "é difícil resistir à conclusão de que os escribas geralmente destruíam seus exemplares após copiarem os Livros Sagrados". 53/345, 346 Dentre os antigos materiais de escrita, o mais comum era o papiro, feito da planta do mesmo nome. Esse junco crescia nos rios e lagos de pouca profundidade, existentes no Egito e na Síria. Grandes carregamentos de papiros eram despachados através do porto sírio de Byblos. Supõe-se que a palavra grega para livro (*biblos*) tenha origem no nome desse porto. A palavra *portuguesa* "papel" vem da palavra grega *papyrus*, isto é, papiro.

The Cambridge History of the Bible (A História da Bíblia, de Cambridge) relata como se preparava o papiro para a escrita: "Retiravam-se as películas que envolvem o caule. Essas películas eram cortadas no sentido longitudinal em fitas estreitas, sendo então socadas e prensadas em várias camadas, sendo que cada camada era disposta perpendicularmente em relação à camada de baixo. Quando seca, a superfície esbranquiçada era polida com uma pedra ou outro objeto. Plínio menciona diversos tipos de papiro que foram achados, de diferentes espessuras e superfícies, produzidos antes do período do Novo Império, quando as folhas eram freqüentemente bem delgadas e translúcidas". 38/30

O mais antigo fragmento de papiro de que se tem notícia é de 2400 a.C. 37/19 Os mais antigos manuscritos foram escritos em papiro, e era difícil a preservação de qualquer um desses papiros, exceto em regiões secas, como as áreas desérticas do Egito, ou em cavernas semelhantes às de Qumran, onde foram achados os rolos do mar Morto.

O uso do papiro era bem comum até por volta do século terceiro depois de Cristo. 37/20

2D. *Pergaminho*

Essa palavra designa "peles preparadas de ovelhas, cabras, antílopes e outros animais". Essas peles eram "tosadas e raspadas" a fim de se obter um material mais durável para a escrita.

F.F. Bruce escreve que "a palavra 'pergamino' tem origem no nome da cidade de Pérgamo, na Ária Menor, pois a produção desse material para escrita esteve, numa certa época, especialmente associada ao local". 15/11

3D. *Velino*

Era o nome dado à pele de filhotes de diversos animais. Frequentemente o velino era atingido de púrpura. Alguns dos manuscritos que temos hoje em dia são velino cor-de-púrpura. Geralmente os caracteres escritos sobre o velino purpúreo eram prateados ou dourados.

J. Harold Greenlee informa que os mais antigos rolos de peles de animais são de aproximadamente

1500 a.C. 37/21

4D. *Outros Materiais para Escrita*

1E. *Óstraco*. Fragmento de cerâmica não-esmaltada, bastante usado entre o povo em geral. Esses fragmentos têm sido encontrados em abundância no Egito e na Palestina (Jó 2:8).

2E. Pedras, que eram escritas com *canetas de ferro*.

3E. *Tabletes de argila* inscritos com um instrumento pontiagudo e, então, secados a fim de se ter um registro definitivo (Jeremias 17:13; Ezequiel 4:1). Eram os mais baratos e um dos mais duráveis materiais para escrita.

4E. *Tabletes de cera*. Um estilete de metal era usado para escrever num pedaço plano de madeira recoberto com cera.

2C. INSTRUMENTOS PARA A ESCRITA

1D. *Cinzel*

Um instrumento de ferro para entalhar as pedras.

2D *Estilete de Metal*

"Usava-se o estüeto, um instumento triangular com uma cabeça plana, para fazer marcas nos tabletes de argila e de cera". 32/228.

3D. *Pena*

Era feita de "juncos (*juncus maritimis*). com 15 a 40 centímetros de comprimento, sendo que uma das extremidades era cortada de modo a produzir o formato de cinzel achatado, a fim de que se pudesse fazer traços grossos ou finos com as beiradas largas ou estreitas. A pena de junco esteve em uso na Mesopotâmia desde o início do primeiro milênio (a.C), sendo que é bem possível que tenha sido adotada em outros lugares, enquanto que a idéia de uma pena de ave parece ter vindo dos gregos, no século três a.C." (Jeremias 8:8). 38/31

A pena era usada para escrever em velino, pergaminho e papiro.

4D. A tinta geralmente era uma mistura de "carvão, cola e água". 15/13

2B. As Formas dos Livros Antigos

1C. ROLOS

Eram folhas de papiro coladas uma ao lado da outra, formando longas tiras, e, então, enroladas num bastão. O tamanho do rolo era limitado por causa da dificuldade de seu uso. Geralmente se escrevia só de um lado. Um rolo escrito dos dois lados tem o nome de "opistógrafo" (Apocalipse 5:1). Conhecem-se alguns rolos com 43 metros de comprimento, mas em geral, os rolos tinham entre seis e dez metros.

Não é de surpreender que Calímaco, pessoa cuja função consistia em catalogar os livros da biblioteca de Alexandria, tenha dito que "um livro grande é um grande transtorno" 62/5

2C. FORMA DE CÓDICE OU LIVRO

A fim de tornar a leitura mais fácil e menos desajeitada, as folhas de papiro foram montadas em forma de livro, sendo escritas em ambos os lados. Greenlee afirma que o cristianismo foi o principal motivo para o desenvolvimento de formato do códice, ou volume manuscrito antigo.

Os escritores clássicos escreveram em rolos de papiro até aproximadamente o século três depois de Cristo.

3B. Tipos de Escrita

1C. ESCRITA UNCIAL

Letras maiúsculas deliberadas e cuidadosamente desenhadas, próprias para livros. Os códices Vaticano e Sinaítico são manuscritos unciais.

2C. MINÚSCULA CAROLINA

"Uma escrita de letras menores, cursivas... criadas com vistas à produção de livros". 62/9 A mudança de unciais para minúsculas teve início no século nove. 62/9

Os manuscritos gregos eram escritos sem quaisquer espaços entre as palavras. (Até 900 AD. o hebraico era escrito sem vogais, quando os massoretas introduziram a vocalização.)

Bruce Metzger responde o seguinte àqueles que falam da dificuldade de um texto contínuo: "Não se deve, todavia, pensar que essas ambigüidades ocorram com muita freqüência no grego. Nessa língua a regra é que, com bem poucas exceções, as palavras vernáculas só podem terminar em vogal (ou em ditongo) ou em uma dentre três consoantes: *n*, *r* e *s* (ni, rô e sigma) Além do mais, não se supõe que a escrita contínua apresentasse dificuldades excepcionais na hora da leitura, pois, na antigüidade, aparentemente era costume ler em voz alta, mesmo quando se estivesse sozinho. Assim, apesar da inexistência de espaço entre as palavras, ao pronunciar, sílaba por sílaba, o que estava lendo, a pessoa logo se acostumava a ler o texto em escrita contínua". 62/13

4B. Divisões

1C. LIVROS (veja pp. 38, 39). 2C.

CAPÍTULOS

As primeiras divisões foram feitas em 586 a.C, quando o Pentateuco foi dividido em 154 partes (sedarim).

Cinquenta anos depois foi seccionado em mais 54 divisões (paraslú-yyoth) e em 669 segmentos menores, para facilitar a localização de referências. Essa divisão era usada num ciclo de leitura durante um ano.

Os gregos fizeram divisões por volta de 250 A.D. O mais antigo sistema de divisão de capítulos data de aproximadamente 350 A.D., nas margens do códice "Vaticano". 62/22 Geisler e Nix informam que "não foi senão no século treze que essas seções foram mudadas... Estêvão Langton, um professor da Universidade de Paris e, posteriormente, arcebispo de Cantuária, dividiu a Bíblia no atual sistema de capítulos (cerca de 1227 A.D.)". 32/231, 232

3C. VERSÍCULOS

Os primeiros sinais indicativos de versículos variavam desde espaços entre palavras até letras ou números. As primeiras divisões padronizadas de versículos surgiram por volta de 900 A.D.

A Vulgata Latina foi a primeira Bíblia a incorporar tanto a divisão de versículos como a de capítulos, tanto no Antigo como no Novo Testamento.

capítulo 3:

O Cânon...

3A. O CÂNON

1B. Introdução

1C. O SIGNIFICADO DA PALAVRA "CÂNON"

A palavra *cânon* tem raiz na palavra "cana", "junco" (do hebraico *geneh*, através do grego *kanonj* . O "junco" era usado como uma vara para medir e, por fim, veio a significar "padrão".

Orígenes empregou a palavra "cânon para indicar aquilo que chamamos de 'regra de fé', o padrão pelo qual devemos medir e avaliar..." Mais tarde teve o sentido de "lista" ou "rol". 15/95

Aplicada às Escrituras, a palavra cânon significa "uma lista de livros oficialmente aceitos". 23/31

Deve-se ter em mente que a igreja não criou o cânon nem os livros que estão incluídos naquilo que chamamos de Escrituras. Ao contrário, a igreja reconheceu os livros que foram inspirados desde o princípio, Foram inspirados por Deus ao serem escritos.

2C. TESTES PARA A INCLUSÃO DE UM LIVRO NO CÂNON

Não sabemos exatamente quais foram os critérios que a igreja primitiva usou para escolher os livros canônicos. Possivelmente houve cinco princípios orientadores, empregados para determinar se um livro do Novo Testamento era ou não canônico, se era ou não Escritura. Geisler e Nix registram esses cinco princípios: 32/141

1. Revela autoridade? - Veio da parte de Deus? (Esse livro veio com o autêntico "assim diz o Senhor"?)

2. É profético? - Foi escrito por um homem de Deus?

3. É autêntico? (Os pais da igreja tinham a prática de "em caso de dúvida, jogue fora". Isso acentua a validade do discernimento que tinham sobre os livros canônicos.)

4. É dinâmico? — Veio acompanhado do poder divino de transformação de vidas?

5. Foi aceito, guardado, lido e usado? — Foi recebido pelo povo de Deus?

Pedro reconheceu as cartas de Paulo como Escrituras em pé de igualdade com as Escrituras do Antigo Testamento (2 Pedro 3:16).

2B. O Cânon do Antigo Testamento

1C. FATORES DETERMINANTES DA NECESSIDADE DO CÂNON DO ANTIGO TESTAMENTO

1D. A destruição de Jerusalém e do templo, em 70 A.D., acabou com o sistema sacrificial judaico. Muito embora o cânon do Antigo Testamento estivesse fixado na mente judaica bem antes de 70 A.D., era necessário algo mais definitivo. Os judeus encontravam-se espalhados e precisavam definir que livros tinham a Palavra oficial de Deus devido à existência de muitos textos extra-escriturísticos e à descentralização. Os judeus se tornaram o povo de um Livro específico, e foi esse livro que os manteve juntos.

2D. O cristianismo começava a florescer e muitos textos, de autoria de cristãos, principiavam a circular. Os judeus necessitavam desmoralizar de modo marcante esses textos, bem como impedir que fossem aceitos junto com os seus próprios escritos e usados nas sinagogas.

É preciso ter cuidado em se fazer separação entre o cânon hebraico, as Escrituras e a grande variedade de

literatura religiosa existente.

2C. O CÂNON HEBRAICO

1D. A seguir tem-se um esboço do cânon do Antigo Testamento judaico (extraído de minhas anotações feitas no seminário, mas que se pode encontrar em vários livros, tais como as edições modernas do Antigo Testamento Judaico. Verifique *The Holy Scriptures* (As Escrituras Sagradas, tradução feita segundo o texto massorético, e a *Bíblia Hebraica*, editada por Rudolph Kittel e Paul Kahle).

A Lei (Torah)

1. Gênesis
2. Êxodo
3. Levítico
4. Números
5. Deuteronômio

Os Escritores (Kethubim ou fíagiographa)

- #### A. Livros Poéticos
1. Salmos
 2. Provérbios
 3. Jó

Os Profetas (Nebhim)

A. Profetas Anteriores

1. Josué
2. Juizes
3. Samuel
4. Reis

B. Os Cinco Rolos (*Megilloth*)

1. Cântico dos Cânticos
2. Rute
3. Lamentações
4. Ester
5. Eclesiastes

B. Profetas Posteriores

1. Isaías
2. Jeremias
3. Ezequiel
4. Os Doze

C. Livros Históricos 1. Daniel

2. Esdras-Neemias
3. Crônicas

Embora a igreja cristã adote o mesmo cânon do Antigo Testamento, o número de livros difere porque dividimos Samuel, Reis, Crônicas, etc, em dois livros cada um; os judeus também consideram os Profetas Menores como um único livro.

A ordem dos livros também é diferente. O Antigo Testamento dos protestantes segue uma seqüência de assuntos em vez de uma seqüência oficial. 32/22

3C. O TESTEMUNHO DE CRISTO A RESPEITO DO CÂNON DO ANTIGO TESTAMENTO

1D. Lucas 24:44. No cenáculo Jesus disse aos discípulos: "que importava se cumprisse tudo o que de mim está escrito na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos." Com essas palavras "Ele mencionou as três divisões da Bíblia Hebraica - a Lei, os Profetas e os 'Escritos' (aqui chamados de 'Salmos', provavelmente porque o Livro de Salmos é o primeiro e o mais longo livro nessa terceira divisão)." 15/96

2D. João 10:31-36; Lucas 24:44. Jesus discordou das tradições orais dos fariseus (Marcos 7; Mateus 15), não do conceito que tinham do cânon hebraico. 15/104 "Não há indício de qualquer disputa entre Ele e os judeus acerca da canonicidade dos livros do Antigo Testamento". 108/62

3D. Lucas 11:51 (e também Mateus 23:35): "... desde o sangue de Abel até ao de Zacarias". Aqui Jesus confirma o testemunho que dá acerca da extensão do cânon do Antigo Testamento. Abel, como todos sabem, foi o primeiro mártir (Gênesis 4:8). Zacarias é o último mártir citado (de acordo com a ordem dos livros do Antigo Testamento hebraico. Veja a lista acima - 2C, 1D). Foi apedrejado» enquanto profetizava ao povo, "no pátio da casa do Senhor" (2 Crônicas 24:21). Gênesis era o primeiro livro no cânon hebraico, e Crônicas, o último. Em outras palavras, Jesus disse "de Gênesis a Crônicas", ou, como diríamos, de acordo com a nossa ordem dos livros, "de Gênesis a Malaquias". 15/96

4C. TESTEMUNHOS DE ESCRITORES NÃO-BÍBLICOS

1D. O mais antigo registro de uma divisão tríplice do Antigo Testamento é o prólogo do livro de *Eclesiástico* (escrito por volta de 130 a.C). O prólogo, escrito pelo neto do autor, diz: "A Lei, e os profetas, e os outros livros dos pais". Existiam três divisões bem nítidas das Escrituras. 108/71

2D. Josefo, o historiador judeu que viveu no final do primeiro século depois de Cristo, escreve: "... e a maneira como, tenazmente, temos nos apegado a esses livros da nossa própria nação fica evidente através daquilo que fazemos; pois durante as tantas eras que já têm passado ninguém foi tão audaz ao ponto de acrescentar alguma coisa aos livros ou de retirar alguma coisa; mas torna-se natural a todos os judeus, sendo algo espontâneo que ocorre desde o próprio nascimento, considerar que esses livros contêm doutrinas divinas, perseverar nelas e estar disposto a, caso necessário, morrer por elas. Pois não é novidade para nossos cativos, que são em grande número, serem freqüentemente vistos suportando nas arenas todo tipo de torturas e mortes, a fim de não serem obrigados a pronunciar uma única palavra contra nossas leis e contra os registros que as contêm..." 45/609

3D. O Talmude

1E. Tosefta Yadaim 3:5 diz: "O Evangelho e os livros dos heréticos não tornam as mãos impuras; os livros de Ben Sira e quaisquer outros livros que tenham sido escritos desde a época dele não são canônicos".

70/63; 32/129

2E. Seder Orlam Rabba 30 declara: "Até essa época (a de Alexandre o Grande) os profetas profetizaram através do Espírito Santo; a partir desse momento, inclina o teu ouvido e ouve o que dizem os sábios". 32/129

3E. Talmude Babilônico, Tratado "Sanedrim" VII-VIII, 24: "Depois dos profetas posteriores. Ageu, Zacarias e Malaquias, o Espírito Santo se afastou de Israel".

4D. Melito, bispo de Sardes, elaborou a mais antiga lista do cânon do Antigo Testamento de que se tem notícia (cerca de 170 A.D.).

Eusébio (*História Eclesiástica*, IV. 26j) preservou os comentários de Melito. Melito afirmou que obtivera uma lista fidedigna enquanto viajava pela Síria. Os comentários de Melito foram feitos numa carta a um amigo, Anesímio: "Estes são os livros... os cinco livros de Moisés: Gênesis, Êxodo, Números, Levítico, Deuteronômio. Jesus Naue, Juizes, Rute. Quatro livros de Reinos, dois de Crônicas, os Salmos de Davi, Provérbios de Salomão (também chamado Sabedoria), Eclesiastes, Cântico dos Cânticos, Jó. Dos profetas: Isaías, Jeremias, os Doze num único livro, Daniel, Ezequiel, Esdras".

F. F. Bruce comenta: "É provável que Melito tenha incluído Lamentações junto com Jeremias, e Neemias com Esdras (embora seja curioso encontrar Esdras relacionado entre os profetas). Nesse caso, a lista de Melito contém todos os livros do cânon hebraico (dispostos em conformidade com a seqüência da Septuaginta), com exceção de Ester. É possível que o livro de Ester não estivesse incluído na lista que recebeu na Síria". 15/100

5D. A tríplice divisão do atual texto judaico (com onze livros nos Escritos) tem origem na Mishnah (tratado Baba Bathra, século quinto depois de Cristo). 32/20

5C. O TESTEMUNHO DO NOVO TESTAMENTO ACERCA DO ANTIGO TESTAMENTO COMO SENDO ESCRITURA SAGRADA

Mateus 21:42; 22:29; 26:54, 56

Lucas 24

João 5:39; 10:35

Atos 17:2,11;18:28

Romanos 1:2; 4:3; 9:17; 10:11; 11:2; 15:4; 16:26

1 Coríntios 15:3,4

Gálatas 3:8; 3:22; 4:30

1 Timóteo 5:18

2 Timóteo 3:16 2 Pedro 1:20, 21; 3:16

"... Como diz a *Escritura* ..." (João 7:38), frase dita sem uma identificação mais específica, sugere que deve ter havido uma compreensão geral sobre a relação entre Escritura e os vários livros.

6C. O CONCILIO DE JÂMÑIA

Muitos estudantes fazem este comentário: "Ah! eu já sei como se formou o cânon. Os líderes se reuniram num concílio e decidiram que livros eram mais úteis e, então, forçaram os adeptos a aceitá-los". Mas essa é a idéia mais afastada da verdade que se pode ter. (Mas para algumas pessoas, a distância não chega a ser problema na era espacial.)

São apropriados os comentários que F. F. Bruce e H. H. Rowley fazem a respeito: "A principal razão para duvidar que *os Escritos* estivessem completos à época de nosso Senhor é que existem registros dos debates ocorridos entre os rabinos após a queda de Jerusalém em 70 A.D., debates estes sobre alguns livros dessa divisão da Bíblia. Quando era iminente a destruição da cidade e do templo, um grande rabino, Yohanan ben Zakkai, pertencente à escola de Hilel (um grupo dentro da seita dos fariseus) obteve permissão dos romanos para reconstituir o Sanedrim numa base puramente espiritual. Esse trabalho ocorreu em Jabneh, ou Jâmnia, cidade localizada entre Jope e Azoto (Asdode). Parte do debate travado em Jâmnia foi transmitido oralmente, e posteriormente registrado nos escritos rabínicos. Entre os assuntos debatidos estava a questão de se os livros de Provérbios, Eclesiastes, Cântico dos Cânticos e Ester deviam receber o reconhecimento como livros canônicos. Levantaram-se objeções contra esses livros por várias razões. Ester, por exemplo, não continha o nome de Deus, e não era nada fácil harmonizar o ensino de Eclesiastes com a ortodoxia vigente à época. Mas o resultado dos debates de Jâmnia foi a decidida aceitação de todos esses livros como parte das Sagradas Escrituras". 15/97

E H. H. Rowley diz: "Na verdade, não é muito correto falar em Concílio de Jâmnia. Temos conhecimento de debates ali tratados entre os rabinos, mas nada sabemos acerca de decisões oficiais ou formais que tenham sido tomadas, e é provável que os debates tenham sido informais, muito embora tenham ajudado a cristalizar e a estabelecer mais firmemente a tradição judaica". 80/170

7C. A LITERATURA APÓCRIFA DO ANTIGO TESTAMENTO

1D. Introdução

A palavra *apócrifo* vem do grego *apokruphos* e significa "oculto" ou "escondido".

Jerônimo, que viveu no quarto século, foi o primeiro a chamar de *apócrifo* esse grupo de livros. Os apócrifos são os livros acrescentados ao Antigo Testamento pela Igreja Católica, os quais os protestantes afirmam não serem canônicos.

2D. Por que não canônicos?

O Unger's Bible Dictionary (Dicionário Bíblico de Unger) apresenta as seguintes razões para a exclusão:

1. "Estão repletos de discrepâncias e anacronismos históricos e geográficos".
2. "Ensinam doutrinas falsas que incentivam práticas divergentes das ensinadas pelas Escrituras inspiradas."
3. "Apelam para estilos literários e apresentam uma artificialidade no trato do assunto, com um estilo que destoa do das Escrituras inspiradas."
4. "Faltam-lhes os elementos distintivos que conferem caráter divino às autênticas Escrituras, como, por exemplo, a autoridade profética e o sentimento poético e religioso." 99/70

3D. Um Resumo de Cada Livro Apócrifo

Em *How We Got Our Bible* (Como Obtivemos a Bíblia), excelente guia de estudo de autoria de Ralph Earle, encontramos, resumidamente, os detalhes de cada livro. Devido à qualidade desse resumo, preferi copiar o esboço em vez de apresentar outro.

"*1 Esdras* (cerca de 150 a.C.) fala da volta dos judeus à Palestina, após o exílio na Babilônia. Baseia-se bastante nos textos de Crônicas, Esdras e Neemias, mas o autor também acrescentou muito material lendário."

"O tópico mais interessante é a História dos Três Guardas. Estavam discutindo sobre qual era a coisa mais forte do mundo. Um disse: "o vinho"; outro: "orei"; e o terceiro; "a mulher e a verdade". E colocaram essas três respostas debaixo do travesseiro do rei. Quando este acordou, quis que os três justificassem suas respostas. A decisão unânime foi: "a verdade é, de longe, a mais forte". Por ter dado a resposta certa, como recompensa Zorobabel recebeu permissão para reconstruir o Templo em Jerusalém."

"*2 Esdras* (100 A.D.) é uma obra apocalíptica que contém sete visões. Segundo dizem, Martinho Lutero ficou tão confuso com essas visões que jogou o livro no rio Elba."

"*Tobias* (início do segundo século antes de Cristo) é um breve romance. De contendo uma mensagem fortemente farisaica, o livro enfatiza a Lei, os alimentos permitidos, as abluções cerimoniais, a caridade, o jejum e a oração. A afirmação nele existente de que as esmolas trazem o perdão dos pecados é claramente contrária às Escrituras."

"*Judite* (por volta de meados do segundo século antes de Cristo) também é uma obra fictícia e farisaica. A heroína desse romance é Judite, uma bela viúva judia. Quando sua cidade foi sitiada, tomou consigo sua empregada bem como alimentos que a lei judaica permitia, e se dirigiu à tenda do general atacante. Felizmente, ele havia bebido demais e estava totalmente embriagado. Judite apanhou a espada do general e cortou-lhe fora a cabeça. Então ela e a empregada saíram do acampamento, levando a cabeça dentro da sacola de mantimentos. A cabeça foi pendurada no muro de uma cidade vizinha e o exército assírio, sem líder, foi derrotado."

"*Adições a Ester* (aproximadamente 100 a.C.). Dentre os livros do Antigo Testamento, Ester é o único que não faz qualquer menção de Deus. O livro nos diz que Ester e Mordecai jejuaram, mas não que, especificamente, oraram. Para compensar essa omissão, as Adições possuem longas orações atribuídas aos dois, além de suas cartas supostamente escritas por Artaxerxes."

"*Sabedoria de Salomão* (cerca de 40 A.D.) foi escrito para evitar que os judeus caíssem no ceticismo, materialismo e idolatria. Tal como em Provérbios, a Sabedoria é personificada. Existem muitos sentimentos nobres expressos nesse livro."

"*Eclesiástico*, ou Sabedoria de Siraque (cerca de 180 a.C.) revela um nível elevado de sabedoria religiosa, algo semelhante à do livro canônico de Provérbios. Também oferece muitos conselhos práticos. Por exemplo, acerca de conversas ele diz (32:8):

"Sé conciso em teu discurso, dize muito em poucas palavras... Sê como alguém que sabe e ao mesmo tempo cala-se. E novamente (33:4): Prepara tuas palavras e serás ouvido'."

"Em seus sermões João Wesley cita inúmeras vezes o Livro de Eclesiástico. Ainda é largamente usado em círculos anglicanos (episcopais)."

"*Baruque* (aproximadamente 100 A.D.) se apresenta como tendo sido escrito em 582 a.C. por Baruque, o escriba de Jeremias. Na realidade, o livro está provavelmente tentando interpretar a destruição de Jerusalém, ocorrida em 70 A.D. O livro insta com os judeus para que não se revoltem de novo, mas que se submetam ao imperador. Apesar disso, a revolta de Bar-Cochba contra o domínio romano ocorreu logo depois, em 132-135 A.D. O sexto capítulo de Baruque contém a chamada "Carta de Jeremias", que traz uma séria advertência contra a idolatria - carta provavelmente dirigida aos judeus de Alexandria, cidade

do Egito."

"O nosso livro de Daniel contém doze capítulos. No primeiro século antes de Cristo foi acrescentado o capítulo treze, a história de *Susana*. Ela era a linda esposa de um líder judeu na Babilônia, a cuja casa freqüentemente acorriam anciões e juizes judeus. Dois destes se apaixonaram por ela e tentaram seduzi-la. Quando ela gritou, os dois anciões disseram que haviam-na encontrado nos braços de um jovem. Foi levada a julgamento. Visto que os testemunhos dos dois homens não se contradiziam, foi considerada culpada e condenada à morte."

"Mas um jovem chamado Daniel interrompeu o processo que a levaria à execução e começou a examinar e comparar as testemunhas. Perguntou a cada uma em separado em que árvore do jardim haviam encontrado Susana com um amante. Quando deram respostas diferentes, foram executados, e Susana foi salva."

"*Bel e o Dragão* foi acrescentado à mesma época, sendo o capítulo catorze de Daniel. O propósito principal era mostrar a loucura da idolatria. Na verdade contém duas histórias."

"Na primeira, o rei Ciro perguntou a Daniel por que não adorava Bel, pois, afinal, aquela divindade demonstrava sua grandiosidade ao consumir diariamente muitas ovelhas, junto com muita farinha e azeite. De modo que Daniel espalhou cinzas pelo chão do templo, onde a comida fora colocada àquela noite. De manhã o rei levou Daniel ao templo para mostrar que Bel havia comido toda a comida durante a noite. Mas Daniel mostrou ao rei que nas cinzas sobre o chão estavam as pegadas dos sacerdotes e suas famílias, que haviam entrado secretamente por uma passagem sob a mesa. Os sacerdotes foram mortos e o templo, destruído."

"Da mesma forma, a história do Dragão é obviamente uma história de caráter lendário. Junto com Tobias, Judite e Susana, pode-se classificar essas histórias como ficção puramente judaica. Têm pouco ou nenhum valor religioso."

"*O Cântico dos Três Hebreus* vem, na Septuaginta e na Vulgata, logo após Daniel 3:23. Copiando bastante o salmo 148, tem uma natureza anti-fônica semelhante à do salmo 136, sendo que 32 vezes aparece o refrão 'louvai-o e exaltai-o para sempre'."

"*A Oração de Manasses* foi escrita no período macabeu (segundo século antes de Cristo) como sendo a suposta oração de Manasses, o rei ímpio de Judá. A afirmação de 2 Crônicas 33:19 é obviamente uma sugestão para que se escrevesse aquela oração: 'A sua oração, e como Deus se tornou favorável para com ele... eis que tudo está escrito na história...' Uma vez que essa oração não se encontra na Bíblia, algum escriba tinha que suprir a deficiência!"

"*1 Macabeus* (século primeiro antes de Cristo) é talvez o mais valioso livro apócrifo, pois descreve as façanhas dos três irmãos macabeus — Judas, Jonatã e Simão. É, ao lado dos escritos de Josefo, a mais importante fonte de informações sobre esse período decisivo e movimentado da história judaica."

"*2 Macabeus* (escrito no mesmo período) não é uma continuação de *1 Macabeus*, mas um relato paralelo, que trata das vitórias de Judas Macabeu. Geralmente se considera que é um livro de caráter mais lendário que *1 Macabeus*." 23/3741

4D. *Testemunho Histórico sobre a sua Não-Inclusão no Cânon*

Geisler e Nix apresentam uma série de dez testemunhos muito antigos contrários à aceitação dos apócrifos.

1. "Filo, um filósofo judeu de Alexandria (20 a.C- 40 A.D.), foi prolífico nas citações do Antigo Testamento e até achegou a reconhecer a divisão tríplice da Bíblia hebraica, mas jamais citou os apócrifos como sendo inspirados."

2. "O historiador judeu Josefo (30-100 A.D.) exclui claramente os apócrifos, informando que são 22 os livros do Antigo Testamento. Também não cita esses livros como Escrituras."

3. "Jesus e os escritores do Novo Testamento nem uma única vez citam os apócrifos, muito embora haja centenas de citações e referências de quase todos os livros canônicos do Antigo Testamento."

4. "Os estudiosos judeus reunidos em Jâmnia (90 A.D.) não reconheceram os apócrifos."

5. "Nenhuma deliberação ou concílio da igreja cristã, nos primeiros quatro séculos, reconheceu os apócrifos como sendo inspirados."

6. "Muitos dos grandes Pais da igreja antiga atacaram pesadamente os apócrifos, como por exemplo, Orígenes, Cirilo de Jerusalém e Atanásio."

7. "Jerônimo (340/420), o grande erudito e tradutor da Vulgata, rejeitou que os apócrifos fizessem parte do cânon. Ele travou uma disputa sobre essa questão com Agostinho, estando ambos fisicamente separados pelo mar Mediterrâneo. Inicialmente recusou até mesmo traduzir os livros apócrifos para o latim, mas posteriormente fez uma tradução apressada de alguns deles. Depois de sua morte, literalmente "sobre o seu cadáver", os livros apócrifos foram incorporados à Vulgata de Jerônimo, tirados diretamente da versão Velha Latina."

8. "Durante o período da reforma muitos estudiosos católicos rejeitaram os apócrifos."

9. "Lutero e os reformadores rejeitaram a canonicidade dos apócrifos."

10. "Não foi senão em 1546 A. D., numa atitude polêmica tomada no Concílio de Trento, dentro da Contra-Reforma, que os livros apócrifos receberam pleno reconhecimento canônico por parte da Igreja Católica Romana." 32/173

3B. O Cânon do Novo Testamento

1C. TESTES PARA A INCLUSÃO DE UM LIVRO NO CÂNON DO NOVO TESTAMENTO

O fator básico para determinar a canonicidade do Novo Testamento foi a inspiração divina, e o principal teste da inspiração foi a apostolicidade. 32/181

Geisler e Nix detalham a respeito: "Na terminologia do Novo Testamento, a igreja foi edificada 'sobre o fundamento dos apóstolos e profetas' (Efésios 2:20), os quais Cristo prometera que, pelo Espírito Santo, iriam guiar 'a toda a verdade' (João 16:13). Atos 2:42 diz que a igreja em Jerusalém perseverou *na doutrina dos apóstolos e na comunhão'. A palavra *apostolicidade*, conforme empregada para designar o teste de canonicidade, não significa obrigatoriamente 'autoria apostólica' nem 'aquilo que foi preparado sob a direção dos apóstolos..."

"Parece muito melhor concordar com Gaussen, Warfield, Charles Hodge e a maioria dos protestantes em que o teste básico de canonicidade é a autoridade apostólica, ou a aprovação apostólica, e não simplesmente autoria apostólica." 32/183

N.B.: Stonehouse afirma que a autoridade apostólica "que se revela no Novo Testamento nunca está divorciada da autoridade do Senhor. Há nas epístolas um constante reconhecimento de que na igreja só existe uma única autoridade absoluta; a autoridade do próprio Senhor. Sempre que os apóstolos falam com autoridade, fazem-no exercendo a autoridade do Senhor. Dessa forma, por exemplo, quando Paulo defende sua autoridade de apóstolo, baseia-se única e diretamente na comissão recebida do Senhor (Gálatas 1 e 2); quando evoca o direito de regulamentar a vida da igreja, declara que sua palavra tem a autoridade do Senhor, mesmo quando nenhuma palavra específica do Senhor lhe tenha sido transmitida (1 Coríntios 14:37;cf. 1 Coríntios 7:10)..." 88/117,118

"O único que, no Novo Testamento, fala com uma autoridade interna e que se impõe por si mesmo é o Senhor." 67/18

2C. OS LIVROS CANÔNICOS DO NOVO TESTAMENTO

1D. Há três razões que mostram a necessidade de se definir o cânon do Novo Testamento. 23/41

1E. Um herege, Marcião (cerca de 140 A.D.), desenvolveu seu próprio cânon e começou a divulgá-lo. A igreja precisava contrabalançar essa influência decidindo qual era o verdadeiro cânon das Escrituras do Novo Testamento.

2E. Muitas igrejas orientais estavam empregando nos cultos livros que eram claramente espúrios. Isso requeria uma decisão concernente ao cânon.

3E. O edito de Diocleciano (303 A. D.) determinou a destruição dos livros sagrados dos cristãos. Quem desejava morrer por um simples livro religioso? Eles precisavam saber quais eram os verdadeiros livros.

2D. Atanásio de Alexandria (367 A.D.) nos apresenta a mais antiga lista de livros do Novo Testamento que

é exatamente igual à nossa atual. A lista faz parte do texto de uma carta comemorativa escrita às igrejas.

3D. Logo após Atanásio, dois escritores, Jerônimo e Agostinho, definiram o cânon de 27 livros. 15/112

4D. Policarpo (115 A.D.), Clemente e outros referem-se aos livros do Antigo e do Novo Testamento com a expressão "como está escrito nas Escrituras".

5D. Justino Mártir (100-165 A.D.), referindo-se à Eucaristia, escreve em Primeira Apologia 1.67: "E no domingo todos aqueles que vivem nas cidades ou no campo se reúnem num só local, e, durante o tempo que for possível, lêem-se as memórias dos apóstolos ou escritos dos profetas. Então, quando o leitor termina a leitura, o presidente faz uma admoestação e um convite a que todos imitem essas boas coisas".

No *Diálogo com Trifo* (pp. 49, 103, 105, 107) ele emprega a fórmula "está escrito". Tanto ele como Trifo devem ter sabido o significado desse "está escrito".

6D. Irineu (180 A.D.). F. F. Bruce escreve acerca do significado de Irineu: "A importância de Irineu está no seu vínculo com a era apostólica e nos seus relacionamentos ecumênicos. Educado na Ásia Menor, aos pés de Policarpo, o discípulo de João, Irineu tornou-se bispo de Lion, na Gália, em 180 A.D. Seus escritos confirmam o reconhecimento canônico dos quatro evangelhos, Atos, Romanos, 1 e 2 Coríntios, Gálatas, Efésios, Fili-penses, Colossenses, 1 e 2 Tessalonicenses, 1 e 2 Timóteo, Tito, 1 Pedro e 1 João e Apocalipse. Em *Contra Heresias*, (III, ii, 8), tratado escrito por Irineu, é evidente que até 180 A.D. a idéia de *quatro* evangelhos se tornara tão axiomática em toda a cristandade que se podia mencioná-la como um fato real tão óbvio, inevitável e natural como os quatro pontos cardeais (como os chamamos) ou quatro ventos". 15/109

7D. Inácio (50-115 A.D.): "Não quero dar-lhes mandamentos tal como fizeram Pedro e Paulo; eles foram apóstolos..." (Aos Tralianos 3.3).

8D. Os Concílios da Igreja. É uma situação bastante parecida com a do Antigo Testamento (veja Capítulo 3, 6C, o Concílio de Jâmnia).

F. F. Bruce afirma que "quando finalmente um Concílio da Igreja - o Sínodo de Hipona (393 A.D.) - elaborou uma lista dos vinte e sete livros do Novo Testamento, não conferiu-lhes qualquer autoridade que já não possuísem, mas simplesmente registrou a canonicidade previamente estabelecida. (A decisão do Sínodo de Hipona foi repromulgada quatro anos depois pelo Terceiro Sínodo de Cartago.)"

Desde então não tem havido qualquer restrição séria aos 27 livros aceitos do Novo Testamento, quer por católico-romanos quer por protestantes.

3C. OS APÓCRIFOS DO NOVO TESTAMENTO 32/200-205

A Epístola de Pseudo-Barnabé (cerca de 70-79 A.D.) *Epístola aos Coríntios* (cerca de 96 A.D.)

Antiga Homília, também chamada *Segunda Epístola de Clemente* (cerca de 120-140 A.D.).

Pastor de Hermas (cerca de 115-140 A.D.)

Didaquê, ou o *Ensino dos Doze Apóstolos* (cerca de 100-120 A.D.)

Apocalipse de Pedro (cerca de 150 A.D.)

Os Atos de Paulo e Tecla (170 A.D.)

Epístola aos Laodicenses (século quarto?)

O Evangelho Segundo os Hebreus (65-100 A.D.)

As Sete Epístolas de Inácio (Cerca de 100 A.D.)

E muitos outros.

capítulo 4:

A Credibilidade da Bíblia...

TÓPICO 1 - A CONFIRMAÇÃO DO TEXTO HISTÓRICO

4A. A FIDEDIGNIDADE E CONFIABILIDADE DAS ESCRITURAS

1B. Introdução

Estamos provando aqui não a inspiração, mas a credibilidade histórica das Escrituras.

Deve-se testar a credibilidade histórica das Escrituras pelos mesmos critérios usados para testar todos os documentos históricos.

C. Sanders, em *Introduction to Research in English Literary History* (Introdução à Pesquisa em História da Literatura Inglesa), relaciona e explica os três princípios básicos da historiografia. São, a saber, o teste bibliográfico, o teste das evidências internas e o das evidências externas. 81/143ss.

2B. O Teste Bibliográfico da Credibilidade do Novo Testamento

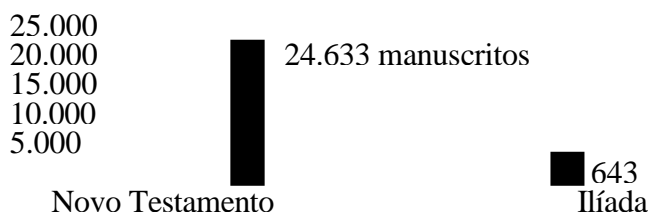
O teste bibliográfico é um exame da transmissão textual pela qual os documentos chegam até nós. Em outras palavras, uma vez que não dispomos dos documentos originais, qual a credibilidade das cópias que temos em relação ao número de manuscritos e ao intervalo de tempo transcorrido entre o original e a cópia existente? 64/26

F. E. Peters ressalta que "baseando-se apenas na tradição dos manuscritos, as obras que formam o Novo Testamento dos cristãos foram os livros antigos mais freqüentemente copiados e mais amplamente divulgados/" 69/50

1C. EVIDÊNCIAS DOS MANUSCRITOS ACERCA DO NOVO TESTAMENTO

Atualmente sabe-se da existência de mais de 5.300 manuscritos gregos do Novo Testamento. Acrescentem-se a esse número mais de 10.000 manuscritos da Vulgata Latina e, pelo menos, 9.300 de outras antigas versões, e teremos hoje mais de 24.000 cópias de porções do Novo Testamento.

Nenhum outro documento da história antiga chega perto desses números e dessa confirmação. Em comparação, a *Ilíada* de Homero vem em segundo lugar, com apenas 643 manuscritos que sobreviveram até hoje. O primeiro texto completo e preservado de Homero data do século treze. 58/145



A seguir apresentamos um quadro estatístico dos manuscritos remanescentes do Novo Testamento:

Grego		
Unciais	267	
Minúsculas	2.764	
Lecionários	2.143	
Papiros	88 47	
Achados		
TOTAL	5.309	Manuscritos Gregos existentes

Versão Vulgata	mais de 10.000
Latina	mais de 2.000
Etiópico	4.101
Eslavônico	2.587
Armênio	mais de 350
Versão Siríaca	100
(Peshita)	75
Copta	50
Árabe	7 6
Versão Velha Latina	3
Anglo-Saxônico	2
Gótico	2 1
Sogdiano	
Siríaco Antigo	
Medo-Persa	
Frâncico	

As informações para os gráficos acima foram extraídas das seguintes fontes:

ALAND, Kurt. *Journal of Biblical Literature* (Revista de Literatura Bíblica), v. 87, 1968.

ALAND, Kurt. *Kurzgefasste Liste Der Griechischen Handschriften Des Neuen Testaments* (Breve Lista dos Manuscritos Gregos do Novo Testamento). W. De Gruyter, 1963.

ALAND, Kurt. "Neue Neutestamentliche Papyrii III" (Novos Papiros Terceira Parte). In. *New Testament Studies* (Estudos do Novo Testamento). Jul. de 1976.

METZGER, Bruce. *The Early Versions of the New Testament* (As Antigas Versões do Novo Testamento). Oxford: Clarendon, 1977.

PARVIS, Merrill M. e WIKGREN, Allen, ed. *New Testament Manuscript Studies* (Estudos dos Manuscritos do Novo Testamento). Chicago: University of Chicago, 1950.

RHODE, Eroll F. *An Annotated List of Armenian New Testament Manuscripts* (Uma Lista Comentada de Manuscritos Armênios do Novo Testamento). Tóquio: Ikeburo, 1959.

HYATT, J. Phillip. *The Bible and Modern Scholarship* (A Bíblia e a Erudição Moderna). Abingdon, 1965.

John Warwick Montgomery afirma que "ter uma atitude cética quanto ao texto disponível dos livros do Novo Testamento é permitir que toda a antigüidade clássica se torne desconhecida, pois nenhum documento da história antiga é tão bem confirmado bibliograficamente como o Novo Testamento." 64/29

Sir Frederic G. Kenyon, que foi diretor e bibliotecário-chefe do Museu Britânico, reconhecido como uma das maiores autoridades em manuscritos, diz: "... além da quantidade, os manuscritos do Novo Testamento diferem das obras dos autores clássicos em outro aspecto, e mais uma vez a diferença é bem clara. Em nenhum outro caso o intervalo entre a composição do livro e a data dos mais antigos manuscritos existentes é tão curto quanto no do Novo Testamento. Os livros do Novo Testamento foram escritos na última parte do século primeiro; com exceção de fragmentos muitos pequenos, os manuscritos mais antigos existentes são do quarto século - cerca de 250 a 300 anos depois".

"Isso pode parecer um intervalo considerável, mas não é nada em comparação com o tempo transcorrido entre os grandes escritores clássicos e seus mais antigos manuscritos. Cremos que, em todos

os pontos essenciais, temos um texto bastante fiel das sete peças remanescentes de Sófocles; no entanto, o manuscrito mais antigo e substancial de Sófocles foi copiado mais de 1.400 anos depois de sua morte." 48/4

Em *The Bible and Archaeology* (A Bíblia e a Arqueologia), Kenyon afirma: "De modo que o intervalo entre as datas da composição do original e os mais antigos manuscritos existentes se torna tão pequeno a ponto de, na prática, ser insignificante. Assim, já não há base para qualquer dúvida de que as Escrituras tenham chegado até nós tal como foram escritas. Pode-se considerar que finalmente estão comprovadas tanto a autenticidade como a integridade geral dos livros do Novo Testamento." 46/288

F. J. A. Hort acrescenta, com acerto, que "na variedade e multiplicidade de provas sobre as quais repousa, o texto do Novo Testamento destaca-se de um modo absoluto e inigualável entre os textos em prosa da antiguidade." 43/561

J. Harold Greenlee declara: "...o número de manuscritos neo-testamentários disponíveis é surpreendentemente maior do que os de qualquer outra obra da literatura antiga. Em terceiro lugar, os mais antigos manuscritos existentes do Novo Testamento foram escritos numa data muito mais próxima da composição do texto original do que no caso de qualquer outro texto da literatura antiga". 37/15

2C. O NOVO TESTAMENTO EM COMPARAÇÃO COM OUTRAS OBRAS DA ANTIGÜIDADE

1D. A Comparação de Manuscritos

Em *Merece Confiança o Novo Testamento?*, F. F. Bruce faz comparações entre o Novo Testamento e antigos textos de história, e apresenta uma descrição marcante a respeito: "Talvez possamos avaliar melhor quão rico é o Novo Testamento em matéria de evidência manuscrita, se compararmos o material textual subsistente com outras obras históricas da antiguidade. Da *Obra De Bello Gallico* (As Guerras Gaulesas), de César, existem vários manuscritos, mas apenas nove ou dez estão em boas condições, e o mais antigo data de aproximadamente 900 anos depois de César. Dos 142 livros *da História Romana* de Lívio (59 a.C. a 17 A.D.) subsistem apenas 35; estes nos são conhecidos à base de não mais de vinte manuscritos de algum valor, dos quais somente um (contendo fragmentos dos livros III-VI é de data tão remota quanto o século quarto. Dos catorze livros das *Histórias* de Tácito (cerca de 100 A.D.), só existem quatro e meio; dos dezesseis livros dos seus *Anais*, restam dez completos e dois incompletos. O texto das porções existentes das duas grandes obras históricas de Tácito depende totalmente de dois manuscritos, um do século nono e outro do século onze."

Os manuscritos remanescentes das obras menores de Tácito (*Dialogus de Oratoribus* (Diálogo sobre os Oradores), *Agrícola e Germania*) provêm todos de um códice do século décimo. Conhecemos a *História* de Tucídides (cerca de 460-400 a.C.) a partir de oito manuscritos, dos quais o mais antigo data de 900 A.D., e de uns poucos fragmentos de papiros, escritos aproximadamente no início da era cristã. O mesmo se dá com a *História* de Heródoto (cerca de 480-425 a.C.). No entanto, nenhum conhecedor profundo dos clássicos daria ouvidos à tese de que a autenticidade de Heródoto ou Tucídides é questionável porque os mais antigos manuscritos de suas obras foram escritos mais de 1.300 anos depois dos originais." 16/23, 24

Em *Introduction to New Testament Textual Criticism* (Introdução à Crítica Textual do Novo Testamento), Greenlee escreve acerca do hiato de tempo entre o manuscrito original (o autógrafo) e o manuscrito existente (a velha cópia remanescente), afirmando que "os mais antigos e conhecidos manuscritos da maioria dos autores gregos clássicos foram escritos pelo menos mil anos depois da morte do seu autor. O intervalo de tempo para os escritores latinos é um pouco menor, reduzindo-se a um mínimo de três séculos no caso de Virgílio. Todavia, no caso do Novo Testamento, dois dos mais importantes manuscritos foram escritos em prazo não superior a 300 anos após o Novo Testamento estar completo, e manuscritos virtualmente completos, de alguns livros do Novo Testamento, bem como manuscritos incompletos, mas longos, de muitas partes do Novo Testamento foram copiados em datas tão remotas quanto um século após serem originalmente escritos." 37/16

Greenlee acrescenta que "uma vez que os estudiosos aceitam que os escritos dos antigos clássicos são em geral fidedignos, muito embora os mais antigos manuscritos tenham sido escritos tanto tempo depois da redação original e o número de manuscritos remanescentes seja, em muitos casos, tão pequeno, está claro que, da mesma forma, fica assegurada a credibilidade no texto do Novo Testamento". 37/16

Bruce Metzger, em *The Text of the New Testament* (O Texto do Novo Testamento), fala de modo

persuasivo sobre a comparação: "*As obras de inúmeros autores antigos foram preservadas pela mais tênue linha de transmissão possível* Por exemplo, o compêndio de história de Roma, por Veléio Patérculo, sobreviveu até a era moderna através de um único e incompleto manuscrito, a partir do qual se preparou a primeira edição impressa - e perdeu-se esse manuscrito solitário após ser copiado pelo Beato Rhenanus em Amerbach. Mesmo em relação aos *Anais* do famoso historiador Tácito, no que diz respeito aos seis primeiros livros dessa obra, ela só sobreviveu devido a um único manuscrito, do século nono. Em 1870 o único manuscrito conhecido da *Epístola a Diogneto*, um texto cristão bem antigo que os compiladores geralmente incluem entre os escritos dos Pais Apostólicos, perdeu-se num incêndio na biblioteca municipal de Estrasburgo. Em contraste com esses dados estatísticos, o crítico textual do Novo Testamento fica perplexo diante da riqueza de material disponível". 62/34

F. F. Bruce declara: "No mundo não há qualquer corpo de literatura antiga que, à semelhança do Novo Testamento, desfrute uma tão grande riqueza de confirmação textual". 15/178

AUTOR	Data do Original	Cópia mais Antiga	Intervalo em anos	Nº de Cópias
César	10044 a.C.	900 A. D.	1.000	10
Lívio	59 a.C.- 17A.D.			20
Platão (<i>Tetralogias</i>)	427-347a.C.	900A.D.	1.200	7
Tácito (<i>A nais</i>)	20 (-)	100A.D.	1100A.D.	1.000
obras menores	100 A.D.	1100A.D.	1.000	1
Plínio o Jovem (<i>História</i>)	61-113A.D	850 A. D	750	7
Tucídedes (<i>História</i>)	460-400 a.C.	900A.D.	1.300	8
Suetônio o (De <i>Vita Caesarum</i>)		75-160A.D.	950A.D.	800
Heródoto (<i>História</i>)	480-425 a.C	900A.D.	1.300	8
Horácio				900
Sófocles	496-406 a.C.	1000A.D.	1.400	193
Lucrécio	Morto em 55 ou 53 a.C		1.100	2
Cátulo	54a.C	1550A.D.	1.600	3
Eurípides	480-406 a.C.	1100A.D.	1.300	200
Demóstenes	383-322 a.C.	1100 A.D.	1.300	200*
Aristóteles	384-322a.C.	1100A.D.	1.400	49+
Aristófanes	450-385a.C.	900A.D.	1.200	10

* Todos de uma única cópia.

+ De qualquer obra isolada.

"

2D. A Comparação Textual

Bruce Metzger comenta: "Dentre todas as composições literárias escritas pelo povo grego, os poemas homéricos são os mais adequados para uma comparação com a Bíblia". 61/144 Ele acrescenta: "Em todo o corpo de literatura antiga, tanto grega como latina, a *Ilíada* é a que mais se aproxima do Novo Testamento por possuir a maior quantidade de testemunho de manuscritos". 61/144

Metzger continua: "Na antigüidade os homens (1) memorizaram Homero assim como mais tarde iriam memorizar as Escrituras. (2) Tanto Homero como as Escrituras foram tidos na mais alta estima, sendo citados na defesa de argumentos acerca do céu, da terra e do Hades. (3) Homero e a Bíblia serviram de cartilha para diferentes gerações de escolares que neles aprenderam a ler. (4) Ao redor de ambos cresceu um grande volume de notas marginais e comentários. (5) Ambos tiveram glossários. (6) Ambos caíram nas mãos dos alegoristas. (7) Ambos foram imitados e tiveram suplementos — um com os hinos e escritos homéricos, tais como o *Batraco-miomáquia*, e o outro com os livros Apócrifos. (8) Homero foi analisado e prosado; o evangelho de João foi versificado em hexâmetros épicos por Nono de Panópolis. (9) Os manuscritos tanto de Homero como da Bíblia foram ilustrados. (10) As descrições homéricas apareceram nos murais de Pompéia; as basílicas cristãs foram decoradas com mosaicos e afrescos de episódios bíblicos". 61/144, 145

E. G. Turner destaca que, sem dúvida alguma, Homero foi o autor mais lido na antigüidade. 92/97

OBRA	Data	Cópia mais Antiga	Intervalo	Nº de Cópias
Homero (<i>Iliada</i>)	900 a.C.	400 a.C.	500 anos	643
Novo Testamento	40-100 A.D.	125 A.D.	25 anos	24.000

Geisler e Nix comparam as variações textuais existentes entre os documentos do Novo Testamento e as obras antigas: "Em seguida ao Novo Testamento, existem mais manuscritos remanescentes da *Ilíada* (643) do que de qualquer outro livro. Tanto a *Ilíada* como a Bíblia foram consideradas 'sagradas', ambas sofreram mudanças textuais e os respectivos manuscritos em grego foram objeto de crítica textual. O Novo Testamento tem cerca de 20.000 linhas". 32/366

Eles prosseguem dizendo que "*alliada* tem cerca de 15.600. Há dúvidas sobre apenas 40 linhas (ou 400 palavras) do Novo Testamento, enquanto que, no caso da *Ilíada*, questionam-se 764 linhas. Esses cinco por cento de corrupção textual contrastam-se com o meio por cento de emendas no texto do Novo Testamento."

"A epopéia nacional da Índia, o Mahabharata, sofreu ainda mais corrupções. Tem aproximadamente oito vezes o tamanho da *Ilíada* e da *Odisséia* juntas, em torno de 250.000 linhas. Dessas, umas 260.000 linhas são corruptelas (dez por cento)." 32/367

No livro *Introduction to Textual Criticism of the New Testament* (Introdução à Crítica Textual do Novo Testamento), *Benjamin Warfield* cita a opinião de Ezra Abbot sobre noventa e cinco por cento das variações textuais do Novo Testamento, afirmando que elas: "... possuem base tão insignificante... embora haja várias leituras possíveis; e noventa e cinco por cento das variações restantes são de importância tão ínfima que sua aceitação ou rejeição não provocaria qualquer diferença significativa no sentido das passagens onde elas ocorrem". 100/14

Geisler e Nix fazem a seguinte observação sobre como são contadas as variações textuais: "É ambíguo dizer que existem umas 200.000 variantes nos manuscritos existentes do Novo Testamento, desde que elas dizem respeito a apenas 10.000 lugares no Novo Testamento. Se uma única palavra é escrita de modo errado em 3.000 manuscritos, isso é contado como sendo 3.000 variantes ou leituras". 32/361

Embora tivesse às mãos menos manuscritos do que temos hoje, *Philip Schaff*, em *Comparison to the Greek Testament and the English Version* (Comparação entre o Testamento Grego e a Versão Inglesa), concluiu que apenas 400 das 150.000 leituras divergentes ocasionavam dúvida sobre o sentido do texto, e que somente 50, dentre as 400, são de grande relevância. Schaff ainda disse que nem uma única variante altera "um artigo de fé ou um princípio ético que não seja abundantemente sustentado por outras passagens, das quais não há dúvida, ou por todo o teor do ensino das Escrituras". 82/177

Fenton John Anthony Hort, que passou a vida lidando com manuscritos, diz: "É bem grande a proporção de palavras que, sem que haja qualquer dúvida sobre elas, são virtualmente aceitas em todos os manuscritos. Num cálculo aproximado, elas compõem não menos de sete oitavos do total. De modo que a um oitavo restante, formado em grande parte por mudanças de ordem e outras questões relativamente insignificantes, constitui todo o campo da crítica".

"Se os princípios seguidos nesta edição estão corretos, pode-se reduzir bastante esse número.

Reconhecendo plenamente o dever de nos abstermos de decisões categóricas, em casos em que os dados deixam em suspenso o julgamento entre duas ou mais leituras, descobrimos que, pondo de lado as diferenças de ortografia, em nossa opinião as palavras ainda sujeitas a dúvida constituem cerca de seis por cento de todo o Novo Testamento. Nesse segundo cálculo a proporção de variações relativamente triviais é incomparavelmente maior do que na primeira estimativa; de maneira que aquilo que em algum sentido se pode chamar de variações substanciais é apenas uma pequena fração de toda a variação restante, e dificilmente constitui mais de 0,1 por cento de todo o texto." 43/2

A respeito desses comentários de Hort, *Geisler* e *Nix* afirmam que "apenas um oitavo de todas as variantes tiveram algum peso, pois a maioria delas são simples questões mecânicas, tais como soletração ou estilo. Do total, então, somente cerca de um sexagésimo deixa de ser 'questão relativamente insignificante', podendo ser chamado de 'variação substancial'. Matematicamente isso aponta para um texto que é 98,33% puro." 32/365 Ousadamente *Warfield* assevera que os fatos demonstram que a maior parte do Novo Testamento "nos foi transmitida sem, ou quase sem, qualquer mudança; e mesmo na forma mais corrompida em que o texto chegou a aparecer, usando as palavras bastante citadas de Richard Bentley, o texto real dos escritores sacros é suficientemente exato... dentre todas as inúmeras variantes, escolha a mais estranha que puder, escolha de propósito a pior delas... e você não descobrirá um só artigo de fé ou preceito moral deturpado ou perdido". 100/14; 85/163

Schaff cita Tregeller e Scrivener: "Dispomos de tantos manuscritos e contamos com a ajuda de tantas traduções que nunca nos vemos com a necessidade de fazer conjeturas como meio de corrigir erros de cópia". (TREGELLER, Samuel P. "Prolegomena" (Prolegômenos). In: *Greek New Testament* (Novo Testamento Grego), p. x.).

"Scrivener afirma: 'Ao invés de causar dúvida ou perplexidade ao estudante sincero das Escrituras Sagradas, a abundância de manuscritos leva-o a reconhecer mais plenamente a integridade geral das Escrituras em meio à variação parcial. O que um leitor atento de Sófocles daria em troca de semelhante orientação para as passagens obscuras que enervam sua paciência e estragam o prazer de ler esse sublime poeta?'" 82/182

Em *The Books and the Parchments* (Os Livros e os Pergaminhos), F. F. Bruce escreve dizendo que, se nenhuma evidência textual objetiva existe para corrigir um erro óbvio, então "o crítico textual deve necessariamente empregar a arte de fazer emendas por conjeturas - uma arte que exige a mais dedicada auto-disciplina. A emenda deve recomendar-se a si mesma como sendo obviamente correta e deve explicar satisfatoriamente a maneira como a corruptela surgiu. Em outras palavras, deve ser ao mesmo tempo 'provável intrinsecamente' e 'provável do ponto-de-vista da transcrição'. Não creio que haja qualquer leitura do Novo Testamento que exija uma emenda por conjetura. A riqueza de provas é tão grande que o texto verdadeiro está quase que invariavelmente destinado a ser preservado por pelo menos uma das milhares de testemunhas textuais." 15/179, 180

Sir Frederic Kenyon (uma das maiores autoridades no campo da crítica textual do Novo Testamento) declara enfaticamente que as variações textuais não representam ameaça à doutrina: "Finalmente, deve-se enfatizar uma palavra de advertência já pronunciada anteriormente. Nenhuma doutrina fundamental da fé cristã depende de algum texto controvertido..."

"Nunca é demais lembrar que, em sua maior parte, o texto da Bíblia é fidedigno, especialmente no caso do Novo Testamento. O número de manuscritos do Novo Testamento, de antigas traduções do Novo Testamento e de citações pelos mais antigos escritores da Igreja, é tão grande que é praticamente certo que o texto autêntico de cada passagem duvidosa encontra-se preservado em uma ou outra dessas antigas autoridades. *De nenhum outro livro antigo em todo o mundo se pode dizer o mesmo.* "

"Os estudiosos se dão por satisfeitos por possuírem substancialmente o texto autêntico dos principais escritores gregos e romanos, cujas obras chegam até nós, de Sófocles, Tucídides, Cícero, Virgílio; no entanto, nosso conhecimento das obras desses escritores depende de um pequeno punhado de manuscritos, enquanto que os manuscritos do Novo Testamento se contam às centenas e até aos milhares." 49/23

Gleason Archer Jr., ao responder à questão das evidências objetivas, mostra que as variantes ou os erros na transmissão do texto não afetam a revelação de Deus:

"Um estudo cuidadoso das variações (ou leituras diferentes) dos vários manuscritos mais antigos revela que nenhuma delas afeta uma única doutrina das Escrituras. O sistema de verdades espirituais contido no texto hebraico geralmente aceito do Antigo Testamento não é alterado nem deturpado por qualquer uma

das diferentes leituras encontradas nos manuscritos hebraicos de datas mais antigas e que foram descobertos nas cavernas do mar Morto ou em qualquer outro lugar. Para averiguar isto, basta examinar o registro das variações bem atestadas, constantes da edição de Rudolf Kittel da Bíblia Hebraica. É bem evidente que a grande maioria delas é tão insignificante que o sentido doutrinário de cada frase permanece inalterado." 10/25

Benjamin Warfield disse: "Se compararmos a situação atual do texto do Novo Testamento com a de qualquer outro escrito antigo, precisaremos declarar que o texto é maravilhosamente correto, tão grande é o cuidado com que o Novo Testamento tem sido copiado — um cuidado que, sem dúvida alguma, é fruto de uma verdadeira reverência para com suas santas palavras - tão grande tem sido a providência de Deus em preservar para a sua Igreja em todas as épocas um texto suficientemente exato, que o Novo Testamento não tem rival entre os escritos antigos, não apenas em termos de pureza de texto pela maneira como foi transmitido e mantido em uso, como também em termos de abundância de testemunhos, os quais chegaram até nós para corrigir falhas relativamente esporádicas." 100/12,13

Os editores da Revised Standard Version (uma tradução da Bíblia, publicada em inglês) disseram: "Para o leitor atento, fica óbvio que ainda em 1946, tal como em 1881 e 1901, nenhuma doutrina da fé cristã foi afetada pela revisão pelo simples fato de que, dentre as milhares de variantes existentes nos manuscritos, até agora nenhuma surgiu exigindo uma revisão da doutrina cristã". 34/42

Burnett H. Streeter acredita que, por causa da grande quantidade de material textual do Novo Testamento, "o grau de segurança de que... o texto chegou até nós em boas condições é suficientemente elevado." 90/33

Sobre o mesmo assunto *Frederic F. Kenyon* fala no livro *The Story of the Bible* (A História da Bíblia): "É animador descobrir que, no final, o resultado geral de todas essas descobertas (de manuscritos) e todo esse estudo fortalece a prova da autenticidade das Escrituras, bem como nossa convicção de que temos em mãos, de forma concreta, a verdadeira Palavra de Deus". 50/113

Millar Burrows, da Universidade Yale (nos Estados Unidos), escreve: "Uma outra conseqüência de se comparar o Novo Testamento Grego com o texto dos papiros é um aumento da confiança na fiel transmissão do próprio texto do Novo Testamento". 17/52

Burrows também afirma que os textos "têm sido transmitidos com uma notável fidelidade, de modo que não é preciso ter dúvida alguma sobre o ensino que eles apresentam". 17/2

Creio que, racionalmente e a partir do ponto-de-vista das evidências literárias, é possível chegar-se à conclusão de que a credibilidade do Novo Testamento é bem maior do que a de qualquer outro documento da antigüidade.

3C. CRONOLOGIA DE IMPORTANTES MANUSCRITOS DO NOVO TESTAMENTO

Métodos de Datação: Alguns dos fatores que ajudam a determinar a idade de um manuscrito são: 32/242-246

- | | |
|-------------------------------|--------------------------------|
| 1. Materiais | 5. Ornamentação |
| 2. Tamanho e forma das letras | 6. Cor da tinta |
| 3. Pontuação | 7. Textura e cor do pergaminho |
| 4. Divisões do texto | |

O manuscrito de *John Rylands* (130 A.D.) encontra-se na Biblioteca John Rylands, na cidade de Manchester, na Inglaterra, e é o mais antigo fragmento existente do Novo Testamento. "Devido à sua data muito antiga e à sua localização (Egito), a alguma distância do lugar tradicional de composição (Ásia Menor), essa porção do Evangelho de João tende a confirmar a data tradicional de composição do Evangelho, isto é, por volta do fim do primeiro século." 32/268

Bruce Metzger fala de uma crítica abandonada: "Caso se tivesse conhecido esse pequeno fragmento durante meados do século passado, aquela escola de crítica do Novo Testamento, a qual foi inspirada pelo brilhante professor de Tubinga, Ferdinand Christian Baur, não poderia ter defendido que o Quarto Evangelho só foi escrito por volta de 160 A.D." 62/39

O *Papiro Bodmer II* (150-200 A.D.) encontra-se na Biblioteca Bodmer de Literatura Mundial e contém a maior parte de João.

Bruce Metzger afirma que esse manuscrito foi "a descoberta mais importante de manuscritos do Novo Testamento desde a aquisição dos papiros Chester Beatty..." 62/39, 40

No antigo "Z«r *Datierung des Papyrus Bodmer II* (P. 66)" (A Respeito da Datação do Papiro Bodmer II) (In: *Anzeiger Der Osterreichis-chen Akademie Der Wissenschaften* (Informativo da Academia Austríaca de Ciências) n°4, 1960, p. 12033), "Herbert Hunger, diretor das coleções papiroológicas da Biblioteca Nacional de Viena, atribui ao papiro 66 uma data anterior, meados do século segundo, ou até mesmo a primeira metade desse século; veja o artigo que ele escreveu." 62/39,40

Os *Papiros Chester Beatty* (200 A.D.) encontram-se no Museu C. Beatty, em Dublin, e parte deles é de propriedade da Universidade de Michigan (nos Estados unidos). Essa coleção contém códices de papiro, três dos quais com grandes porções do Novo Testamento. 15/182

Em *The Bible and Modern Scholarship* (A Bíblia e a Erudição Moderna), Sir Frederic Kenyon afirma: "O resultado prático dessa descoberta — de longe a mais importante desde a descoberta do códice Sinaítico — é, de fato, reduzir o hiato entre os manuscritos mais antigos e as datas tradicionais dos livros do Novo Testamento, de maneira que esse intervalo se torna insignificante em qualquer discussão sobre a autenticidade do Novo Testamento. Nenhum outro livro possui, acerca de seu texto, um testemunho tão remoto e abundante; e, despojado de idéias pré-concebidas, erudito algum negaria que o texto que chegou até nós está substancialmente intacto." 47/20

O *Diatessarão* ("uma harmonia de quatro partes"). A expressão grega *dia Tessaron* significa literalmente "através de quatro". 15/195 O Diatessarão foi uma harmonia dos Evangelhos preparada por Taciano (cerca de 160 A.D.).

Em sua *História Eclesiástica*, IV, 29 (edição de Loeb, v. 1, p. 397), Eusébio escreveu: "... Seu antigo líder Taciano elaborou uma espécie de combinação e coleção dos evangelhos, dando-lhe o nome de *DIATESSARÃO*, o qual ainda existe em alguns lugares..." Acredita-se que Taciano, um cristão assírio, foi o primeiro a preparar uma sucessão dos evangelhos; hoje só existe uma pequena porção dessa obra. 32/318, 319

O *Códice Vaticano* (325-350 A.D.), situado na Biblioteca do Vaticano, contém quase toda a Bíblia.

O *Códice Sinaítico* (350 A.D.) encontra-se no Museu Britânico. Esse manuscrito, que contém quase todo o Novo Testamento e mais da metade do Antigo Testamento, foi descoberto em 1859, no mosteiro do Monte Sinai pelo Dr. Constantin von Tischendorf, sendo presenteado ao Czar da Rússia pelo mosteiro. Posteriormente, no Dia de Natal de 1933, o povo e o governo britânicos o adquiriram da União Soviética por 100.000 libras.

É fascinante a história da descoberta desse manuscrito. Bruce Metzger descreve os interessantes antecedentes que culminaram na descoberta: "Em 1844, quando ainda não tinha trinta anos de idade, Tischendorf, um *privatdozent* (professor particular na Universidade de Leipzig, na Alemanha), principiou uma longa viagem pelo Oriente Próximo, em busca de manuscritos bíblicos. Ao visitar o mosteiro de Santa Catarina, no monte Sinai, casualmente viu algumas folhas de pergaminho num cesto de lixo cheio de papéis destinados a acender o forno do mosteiro. Ao serem examinados, comprovou-se que essas folhas faziam parte de uma cópia da tradução Septuaginta do Antigo Testamento, escritas em caracteres unciais gregos bem antigos. Ele tirou do cesto de lixo nada menos do que quarenta e três dessas folhas, e um monge comentou por acaso que dois cestos de material semelhante já haviam sido queimados! Posteriormente, quando mostraram a Tischendorf outras porções do mesmo códice (contendo todo o livro de Isaías e 1 e 2 Macabeus), advertiu os monges que aquelas folhas eram valiosas demais para serem usadas para acender o fogo. As quarenta e três folhas que ele teve permissão de levar consigo continham porções de 1 Crônicas, Jeremias, Neemias e Ester, e, ao retornar à Europa, colocou-as sob a guarda da Biblioteca da Universidade de Leipzig, onde ainda se encontram. Em 1846, ele publicou o conteúdo das folhas, dando-lhes o nome de Códice Frederico-Augustanus (em homenagem ao Rei da Saxônia, Frederick Augustus, soberano e mecenas de Tischendorf)." 62/43

Em 1853, uma segunda visita de Tischendorf ao mosteiro não resultou em novos manuscritos porque os monges estavam desconfiados devido ao entusiasmo que Tischendorf demonstrava diante do manuscrito que vira por ocasião de sua primeira visita, em 1844. Em 1859, durante uma terceira visita e sob a direção do Czar da Rússia, Alexandre II, pouco antes de partir, Tischendorf presenteou o administrador do mosteiro com uma edição da Septuaginta, que ele publicara em Leipzig. "Imediatamente o administrador

comentou que ele também possuía uma cópia da Septuaginta e, de um armário em sua cela, retirou um manuscrito enrolado num pano vermelho. Ali, perante os olhos supremos do estudioso, jazia o tesouro que ele vinha desejando ver. Escondendo suas emoções, Tischendorf casualmente pediu permissão para examiná-lo mais vagorosamente aquela noite. Com a permissão concedida e tendo-se retirado para seu quarto, Tischendorf passou a noite toda tendo o prazer de estudar o manuscrito — pois, como escreveu em seu diário (que, sendo um erudito, mantinha em latim), *quippe dormire nefas videbatur* ('na verdade, dormir parecia um sacrilégio')! Logo descobriu que o documento continha muito mais do que ele até mesmo esperara; pois não apenas a maior parte do Antigo Testamento estava ali, como também o Novo Testamento estava intacto e em excelentes condições, havendo também duas antigas obras cristãs do segundo século, a Epístola de Barnabé (anteriormente conhecida só através de uma tradução latina bem deficiente) e uma grande porção de Pastor de Hermas, obra até então só conhecida de nome". 62/44

O *Códice Alexandrino* (400 A.D.) encontra-se no Museu Britânico. Está escrito em grego. A Enciclopédia Britânica acredita que foi escrito no Egito. Contém quase toda a Bíblia.

O *Códice Ephraemi* (século quinto A.D.) encontra-se na Biblioteca Nacional, em Paris. A Enciclopédia Britânica afirma que "sua origem no século quinto e as evidências que fornece tornam-no importante para o texto de certas passagens do Novo Testamento." 25/579; 15/183

Nesse manuscrito estão todos os livros, com exceção de 2 Tessalonicenses e 2 João.

O *Códice Beza* (segunda metade do século quinto) encontra-se na Biblioteca de Cambridge e contém os Evangelhos e Atos, não apenas em grego, mas também em latim.

O *Códice Washington* (ou Freeriano) (cerca de 450 A.D.) contém os quatro evangelhos. 37/39

O *Códice Claromontano* (século sexto) contém as epístolas paulinas. E um manuscrito bilíngüe.

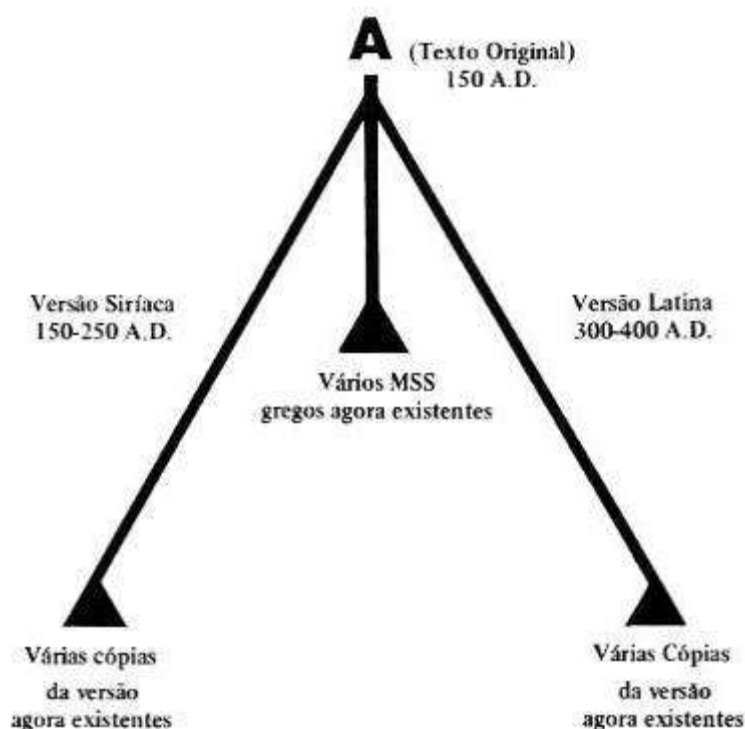
4C. A CREDIBILIDADE DOS MANUSCRITOS APOIADA POR VÁRIAS TRADUÇÕES

As traduções antigas constituem um outro forte apoio em favor do testemunho e exatidão dos textos. Em sua maior parte, "raramente a literatura antiga era traduzida para um outro idioma". 37/45

Desde o início, o cristianismo tem sido uma religião missionária.

"As primeiras versões do Novo Testamento foram preparadas por missionários, para auxiliarem na propagação da fé cristã entre os povos cujas línguas nativas eram o siríaco, o latim ou o copta." 62/67

As versões (traduções) do Novo Testamento em siríaco e em latim foram feitas por volta de 150 A.D. Isso nos deixa bem próximos da época da composição dos originais.



1D. Versões Siríacas

A *Velha Versão Siríaca* contém os quatro evangelhos, copiada por volta do século quarto. É preciso explicar que "siríaco é o nome geralmente dado ao aramaico cristão. É escrito numa variação distinta do alfabeto aramaico". 15/193

Teodoro de Mopsuéstia (século quinto) escreveu: "Foi traduzida para a língua dos sírios". 15/193

Peshita. O sentido básico dessa palavra é "simples". Foi a versão padrão, preparada por volta de 150-250 A.D. Hoje existem mais de 350 manuscritos conhecidos, copiados no século quinto. 32/317

Siríaca Palestinense. A maioria dos estudiosos atribuem a essa versão a data de aproximadamente 400-450 A.D. (século quinto). 62/68-71

Filoxênia (508 A.D.). Policarpo preparou uma nova tradução do Novo Testamento em siríaco do Novo Testamento para Filoxeno, bispo de Mabbug. 37/49

Harcleiana. Feita em 616 A.D. por Thomas Harkel.

2D. Versões Latinas

Velha Latina. Existem testemunhos, a partir do século quarto até o século treze, de que, no século terceiro, "uma velha versão latina circulou no norte da África e na Europa..."

Velha Latina Africana (Códice Bobbiense) 400 A.D. Metzger diz que "E. A. Lowe revela indícios paleográficos de ter sido copiada de um papiro do século segundo". 62/72-74

O *Códice Corbiense* (400-500 A.D.) contém os quatro evangelhos.

Códice Vercelense (360 A.D.).

Códice Palatino (século quinto A.D.).

Vulgata Latina (vulgata é palavra que significa "comum" ou "popular"). Jerônimo era secretário de Damásio, bispo de Roma. Entre 366 e 384, Jerônimo atendeu a um pedido do bispo para que preparasse uma versão. 15/201

3D. Versões Captas (ou Egípcias)

F. F. Bruce escreve que é provável que a primeira versão egípcia foi traduzida no século terceiro ou quarto. 15/214

Sahídica. Início do terceiro século. 62/79-80

Bohárica. Rodalphe Kasser, que editou o texto impresso dessa versão, calcula que ela deve datar do século quarto. 37/50

Médio-Egípcio. Século quarto ou quinto.

Existem mais de 15.000 cópias de várias versões

4D. Outras Versões Antigas

Armênia (a partir de 400 A.D.). Parecer ter sido traduzida de uma Bíblia em grego obtida em Constantinopla. *Gótica*. Século quarto. *Geórgica*. Século quinto. *Etiópica*. Século sexto. *Núbia*. Século sexto.

5C. A CREDIBILIDADE DOS MANUSCRITOS APOIADA PELOS PRIMEIROS PAIS DA IGREJA

A *Enciclopédia Britânica* afirma: "Após ter examinado os manuscritos e versões, o crítico textual ainda assim não esgotou o estudo das provas em favor do texto do Novo Testamento. Frequentemente os escritos dos primeiros pais da igreja refletem uma forma de texto diferente da de um ou outro manuscrito... os testemunhos que dão do texto, especialmente quando corroboram leituras oriundas de outras fontes, são algo que o crítico textual deve consultar antes de formar juízo a respeito". 25/579

J. Harold Greenlee diz que as citações da Escritura nas obras dos primeiros escritores cristãos "são em número tão grande que é virtualmente possível reconstituir o Novo Testamento a partir dessas citações, sem

fazer uso dos manuscritos do Novo Testamento". 37/54

Em referência às citações em comentários, sermões, etc, *Bruce Metzger* reitera a declaração acima, dizendo: "De fato, essas citações são tão vastas que, se todas as demais fontes de conhecimento sobre o texto do Novo Testamento fossem destruídas, sozinhas essas citações seriam suficientes para a reconstituição de praticamente todo o Novo Testamento". 62/86

Sir David Dalrymple estava refletindo sobre a preponderância das Escrituras nos escritos antigos, quando alguém lhe perguntou: "Supondo que o Novo Testamento houvesse sido destruído, e se tivessem perdido todas as suas cópias, seria possível até o fim do terceiro século reconstruí-lo novamente a partir dos escritos dos pais da igreja do segundo e terceiro séculos'."

Após uma prolongada investigação, Dalrymple chegou à seguinte conclusão: "Veja aqueles livros. Você se lembra da pergunta que me fez sobre o Novo Testamento e os pais? Aquela pergunta despertou a minha curiosidade, e, como eu conhecia todas as obras existentes dos pais do segundo e terceiro séculos, comecei a pesquisar e, até agora, já encontrei todo o Novo Testamento, com exceção de onze versículos". 58/35, 36

Uma advertência: Joseph Angus, em *História, Doutrina e Interpretação da Bíblia*; Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1971, 1953. 2 vol, apresenta algumas limitações dos escritos patrísticos antigos:

1. Às vezes se fazem citações sem exatidão verbal.

2. Alguns copistas tinham tendências para erros ou para alterações intencionais.

Clemente de Roma (95 A.D.). Orígenes, em *De Principis* (Sobre o Principio), livro II, capítulo 3, chama-o de discípulo dos apóstolos. 8/28

Em *Contra Heresias*, capítulo 23, Tertuliano diz que Clemente foi nomeado por Pedro.

Irineu, prossegue, em *Contra Heresias*, livro III, capítulo 3, dizendo que "ainda tinha o ensino dos apóstolos ecoando em seus ouvidos e a doutrina deles diante de seus olhos". Ele faz citações de:

Mateus	1 Coríntios
Marcos	1 Pedro
Lucas	Hebreus
Atos	Tito

Inácio (70-110 A.D.) foi bispo de Antioquia e foi martirizado, tendo conhecido bem os apóstolos. Suas sete cartas contêm citações de:

Mateus	Efébios	1 e 2 Tessalonicenses
João	Filipenses	1 e 2 Timóteo
Atos	Gálatas	1 Pedro
Romanos	Colossenses	
1 Coríntios	Tiago	

Policarpo (70-156 A.D.), martirizado aos 86 anos de idade, foi bispo de Esmirna e discípulo do apóstolo João.

Entre outros que também citaram o Novo Testamento encontram-se Barnabé (cerca de 70 A.D.), Hermas (cerca de 95 A.D.), Taciano (cerca de 170 A.D.) e Irineu (cerca de 170 A.D.).

Clemente de Alexandria (150-212 A.D.). Dentre as citações que faz, 2.4000 são do Novo Testamento. Ele cita todos os livros, com exceção de três.

Tertuliano (160-220 A.D.) foi presbítero da igreja em Cartago, tendo citado mais de 7.000 vezes o Novo Testamento, das quais 3.800 são citações dos Evangelhos.

Hipólito (170-235 A.D.) faz mais de 1.300 referências ao Novo Testamento.

Justino Mártir (133 A.D.) combateu o herege Marcião.

Orígenes (185a 253 ou 254 A.D.). Esse dinâmico escritor fez uma compilação a partir de mais de 6.000 obras. Ele apresenta mais de 18.000 citações do Novo Testamento. 32/353

Cipriano (falecido em 258 A.D.) foi bispo de Cartago. Ele usa aproximadamente 740 citações do Antigo Testamento e 1.030 do Novo Testamento.

Geisler e Nix acertadamente concluem dizendo que, "a esta altura, um rápido apanhado estatístico mostrará a existência de umas 32.000 citações do Novo Testamento feitas até a época do Concílio de Nicéia (325 A.D.). Essas 32.000 são apenas um número parcial, e nem mesmo incluem os escritores do século quarto. Apenas acrescentando-se as citações feitas por um outro escritor, Eusébio, que escreveu prolificamente num período que vai até o Concílio de Nicéia, teremos o total de citações do Novo Testamento aumentado para mais de 36.000". 32/353, 354

A todos esses ainda se pode acrescentar os nomes de Agostinho, Amábio, Latâncio, Crisóstomo, Jerônimo, Gaio Romano, Atanásio, Ambrosósio de Milão, Cirilo de Alexandria, Efraim o Sírio, Hilário de Poitiers, Gregório de Nissa, etc.

Sobre as citações patrísticas do Novo Testamento, Leo Jaganay escreve: "Dentre as volumosas obras de material não publicado que o deão Burgon deixou ao morrer, destaca-se o índice de citações do Novo Testamento, feitas pelos pais da Igreja antiga. Consiste de dezesseis espessos volumes que se encontram no Museu Britânico, e contém 86.489 citações". 44/48

CITAÇÕES PATRÍSTICAS ANTIGAS DO NOVO TESTAMENTO *

ESCRITOR	Evangelhos	Atos	Epístolas Paulinas	Epístolas Gerais	Apocalipse	Total
Justino Mártir	268	10	43	6	3 (266 alusões)	330
Irineu	1.038	194	499	23	65	1.819
Clemente de Alexandria	1.017	44	1.127	207	11	2.406
Orígenes	9.231	349	7.778	399	165	17:922
Tertuliano	3.822	502	2.609	120	205	7.258
Hipólito	734	42	387	27	188	1.378
Eusébio	3.258	211	1.592	88	27	5.176
----- Totais	19.368	1.352	14.035	870	664	36.289

6C. A CREDIBILIDADE DOS MANUSCRITOS APOIADA PELOS LECIONÁRIOS

Essa é uma área grandemente negligenciada, e, no entanto, o segundo maior grupo de manuscritos gregos do Novo Testamento é o dos lecionados.

Bruce Metzger explica a origem dos lecionários: "Seguindo o costume das sinagogas, mediante o qual em todos os sábados, por ocasião do culto religioso, liam-se trechos da lei e dos profetas, a Igreja Cristã adotou a prática de ler trechos dos livros do Novo Testamento por ocasião dos cultos. Desenvolveu-se um sistema regular de lições dos Evangelhos e das Epístolas, e surgiu o costume de prepará-las de acordo com uma ordem fixa de domingos e outros dias santificados do ano cristão". 62/30

Metzger prossegue, dizendo que 2.135 lecionários já foram catalogados, mas que, até o momento, a maioria deles ainda espera um exame crítico.

J. Harold Greenlee afirma que "os mais antigos fragmentos de lecionários são do século sexto, enquanto existem manuscritos completos com datas a partir do século oitavo." 37/45

Em geral, os lecionários refletem uma atitude bem conservadora e utilizavam textos mais antigos. Isto os torna muito valiosos na crítica textual. 62/31

3B. O Teste Bibliográfico da Credibilidade do Antigo Testamento

Ao contrário do Novo Testamento, no caso do Antigo Testamento não dispomos da abundância de manuscritos copiados em data próxima à composição original. Até a recente descoberta dos Rolos do Mar Morto, o mais antigo e completo manuscrito hebraico existente havia sido copiado por volta de 900 A.D. Isso representava um intervalo de 1.300 anos. (O Antigo Testamento hebraico foi completado por volta de 400. a.C.) À primeira vista tem-se a impressão de que o Antigo Testamento não é mais confiável do que os outros textos da literatura antiga. (Veja a página 54).

Com a descoberta dos Rolos do Mar Morto, vários manuscritos do Antigo Testamento foram encontrados, aos quais os estudiosos atribuem datas anteriores à época de Cristo.

Quando os fatos são conhecidos e comparados, surge um número surpreendentemente grande de motivos para se crer que os manuscritos que possuímos são confiáveis. Descobriremos que, tal como diz Sir Frederic Kenyon, "o cristão pode apanhar a Bíblia toda na mão e dizer, sem receio ou hesitação, que está segurando a verdadeira Palavra de Deus, transmitida de geração em geração, através dos séculos, sem nenhuma perda expressiva." 49/23

Em primeiro lugar, a fim de perceber a singularidade das Escrituras no aspecto da credibilidade, é preciso examinar o extremo cuidado com que os copistas transcreveram os manuscritos do Antigo Testamento.

1C. OS TALMUDISTAS (100-500 A.D.)

Durante esse período gastou-se grande parte do tempo na catalogação das leis civis e canônicas dos hebreus. Os talmudistas possuíam um sistema bem intrincado para transcrever os rolos das sinagogas.

Samuel Davidson descreve algumas das exigências que os talmudistas deviam seguir, em relação às Escrituras. Essas minuciosas diretrizes (estarei empregando a numeração incorporada por *Geisler e Nix* ao texto de Davidson) são as seguintes: "(1) o rolo de uma sinagoga deve ser escrito em peles de animais puros, (2) preparados por um judeu para o uso específico da sinagoga. (3) Essas peles devem ser presas por meio de barbantes feitos de animais puros. (4) Cada pele deve conter um certo número de colunas, o qual deve se manter igual por todo o códice. (5) O comprimento de cada coluna não deve ser inferior a 48 nem superior a 60 linhas e a largura deve ser de trinta letras. (6) Deve-se primeiramente traçar as linhas de toda a cópia, e se três palavras forem escritas sem linha, a cópia fica inutilizada. (7) A tinta deve ser preta, e não vermelha, verde, nem qualquer outra cor, e deve ser preparada de acordo com uma fórmula específica. (8) Deve-se fazer a cópia a partir de uma cópia autêntica, da qual o transcritor não deve se desviar de modo algum. (9) Não se deve escrever nenhuma palavra ou letra, nem mesmo um iode, de memória, isto é, sem o escriba tê-lo visto no códice diante de si... (10) Entre cada consoante deve haver o espaço de um fio de cabelo ou de uma linha; (11) entre cada novo *parashah*, ou capítulo, deve haver a largura de nove consoantes; (12) entre um livro e outro deve haver três linhas. (13) O quinto livro de Moisés deve terminar exatamente no final de uma linha; mas com os demais isso não é preciso. (14) Além disso, o copista deve estar vestido com trajes judaicos a rigor, (15) lavar o corpo todo, (16) não começar a escrever o nome de Deus com uma pena recém-mergulhada na tinta, (17) e, caso um rei se dirija a ele enquanto está escrevendo o nome de Deus, não deve dar atenção ao rei". 21/89; 32/241

Davidson acrescenta que "os rolos que não são feitos de acordo com essas especificações estão condenados a ser enterrados ou queimados, ou ser banidos para as escolas, para serem usados como livros de leitura".

Por que não temos outros manuscritos antigos? A própria ausência de manuscritos antigos, considerando-se as exigências feitas aos copistas e os cuidados que eles tomavam, confirma a credibilidade das cópias que temos hoje.

Ao comparar as variações de manuscritos do texto hebraico com as da literatura pré-cristã (como o Livro dos Mortos, dos egípcios), Gleason Archer Jr. afirma que surpreende o fato de que o texto hebraico não tenha o fenômeno de discrepâncias e de alteração dos manuscritos, presente em outros textos de literatura da mesma época. Ele escreve: "Muito embora as duas cópias de Isaías descobertas em 1947, na caverna número 1 de Qumran (próximo ao mar Morto) fossem mil anos mais antigas que o mais velho manuscrito até então conhecido (980 A.D.), verificou-se que, em mais de 95% do texto, eram idênticas palavra, por palavra ao nosso texto hebraico padrão. Os 5% de variação são, principalmente, erros óbvios

de cópia e variações de ortografia. Mesmo os fragmentos de Deuteronômio e Samuel, descobertos no mar Morto e que indicam pertencerem a uma família de manuscritos diferente da do nosso texto hebraico conhecido, não apontam para quaisquer diferenças de doutrina ou de ensino. Absolutamente não afetam a mensagem revelada". 10/25

Os talmudistas tinham tanta certeza de que, ao terminarem de transcrever um manuscrito, eles teriam uma cópia exata, que atribuíam à nova cópia uma autoridade igual à do original.

Em *Our Bible and the Ancient Manuscripts* (Nossa Bíblia e os Manuscritos Antigos), Frederic Kenyon entra em mais detalhes sobre a questão acima e sobre a destruição das cópias mais antigas: "O mesmo extremo cuidado devotado à transcrição dos manuscritos também explica o desaparecimento de cópias mais antigas. Após um manuscrito ter sido copiado com a exatidão determinada pelo Talmude, e após ter sido devidamente conferido, era aceito como autêntico e considerado como tendo igual valor ao de qualquer outra cópia. Sendo todos igualmente corretos, a idade não significava vantagem para um manuscrito; ao contrário, a idade era positivamente uma desvantagem, pois, com o de correr do tempo, um manuscrito estava sujeito a tornar-se ilegível ou a sofrer algum dano. Uma cópia defeituosa ou imperfeita era imediatamente considerada imprópria para o uso".

"Junto a cada sinagoga havia uma 'Gheniza', ou armário de madeira, onde eram deixados manuscritos defeituosos. Foi nesses armários que se encontraram, em épocas recentes, alguns dos mais antigos manuscritos atualmente conhecidos. Assim sendo, ao invés de considerar uma cópia mais antiga das Escrituras como mais valiosa, o costume judeu foi o de dar preferência à mais nova, considerando-a como a mais perfeita e isenta de defeitos. É natural que as cópias mais antigas, uma vez postas na 'Gheniza', se perdessem, seja por falta de cuidado, seja por serem deliberadamente queimadas quando a 'Gheniza' ficava lotada de manuscritos."

"Por essa razão, a ausência de cópias bem antigas da Bíblia hebraica não precisa causar surpresa ou inquietação. Se, às causas já mencionadas, acrescentarmos as repetidas perseguições (implicando destruição de muitos bens) sofridas pelos judeus, estará satisfatoriamente explicado o desaparecimento de manuscritos antigos, e poderá ser aceito que os manuscritos remanescentes preservem aquilo que afirmam preservar — a saber, o texto massorético." 49/43

"O respeito pelas Escrituras e o interesse pela pureza do texto sagrado não surgiram após a queda de Jerusalém." 36/173

Pode-se remontar a Esdras 7:6, 10, onde se afirma que Esdras era um "escriba versado". Ele era um profissional hábil nas Escrituras.

2C. O PERÍODO MASSORÉTICO (500-900 A.D.)

Os massoretas (palavra que vem do hebraico *massorat*, "tradição") aceitaram o fatigante trabalho de editar o texto e padronizá-lo. Seu centro de atividades foi Tiberíades. O texto que os massoretas produziram é chamado de texto "massorético". Esse texto a que os massoretas chegaram recebeu pontuação vocálica, a fim de garantir a pronúncia correta. O texto massorético é, hoje, o texto hebraico padrão.

Os massoretas eram bem disciplinados e tratavam o texto "com a maior reverência que se possa imaginar, tendo elaborado um complicado sistema de salvaguardas contra erros de cópia. Por exemplo, eles contavam o número de vezes que cada letra do alfabeto aparecia em cada livro; eles assinalavam a letra que ficava exatamente no meio do Pentateuco e a que ficava exatamente no meio da Bíblia toda; e faziam cálculos ainda mais minuciosos do que esses. 'Parece que contaram tudo o que se pode contar', afirma Wheeler Robinson, e elaboraram recursos mnemônicos pelos quais os vários números podiam ser facilmente lembrados". 15/117

Sir Frederic Kenyon diz: "Além de registrar as variantes de leitura, a tradição, ou as conjeturas, os massoretas realizaram inúmeros cálculos que não dizem diretamente respeito à crítica textual. Eles contaram os versículos, as palavras e as letras de cada livro. Eles calcularam a palavra e a letra que ficava no meio de cada livro. Fizeram uma lista dos versículos que continham todas as letras do alfabeto, ou um certo número delas; e assim por diante. No entanto, essas trivialidades, como bem poderíamos considerá-las, tiveram o efeito de garantir uma atenção minuciosa à transmissão fiel do texto; e elas não passam de uma manifestação exagerada de respeito para com as Escrituras Sagradas, manifestação que merece apenas um elogio. Na verdade, os massoretas tinham uma profunda preocupação de que não se omitisse nem se perdesse um só *i* ou *til* nem uma só das menores letras ou uma pequena parte de uma letra, da Lei."

Flávio Josefo, o historiador judeu, escreve: "Temos dado provas visíveis da reverência para com nossas próprias Escrituras. Pois, embora essas prolongadas eras já tenham passado, ninguém se aventurou a acrescentar, ou a remover ou a alterar uma sílaba; e desde o dia de seu nascimento, existe um instinto dentro de cada judeu de considerá-las como decretos de Deus, de viver por elas e, caso necessário, de corajosamente morrer por elas. No passado, repetidas vezes pessoas testemunharam o comportamento de presos, os quais, em vez de pronunciar uma única palavra contra as leis e documentos semelhantes, suportaram toda espécie de torturas e mortes nas arenas". 45/179, 180

Josefo prossegue, fazendo uma comparação entre o respeito dos hebreus para com as Escrituras e o dos gregos para com sua própria literatura: "Qual grego suportaria tanto pela mesma causa? Mesmo para salvar da destruição toda a coleção de escritos da sua nação, ele não enfrentaria o menor dano para si mesmo. Pois, para os gregos, sua literatura são simples histórias inventadas de acordo com a fantasia de seus autores; e eles estão plenamente certos nessa atitude diante de até mesmo os mais antigos historiadores, pois vêm alguns contemporâneos se arriscando a descrever acontecimentos dos quais não tomaram parte, sem ter o cuidado de se informar com aqueles que conhecem os fatos". 45/181

3C. CITAÇÕES E COMENTÁRIOS SOBRE A CREDIBILIDADE DO ANTIGO TESTAMENTO

Os brilhantes comentários de *Robert Dick Wilson* apontam para a veracidade e confiabilidade das Escrituras, já na época do Antigo Testamento: "Em 144 casos de transliteração dos idiomas egípcio, assírio, babilônio e moabita para o hebraico, e em 40 casos de transliteração no sentido oposto, isto é, num total de 184 casos, os dados comprovam que, durante um período de 2.300 a 3.900 anos, os nomes próprios da Bíblia hebraica têm sido transmitidos com a mais minuciosa exatidão. O fato de os escritores originais terem escrito esses nomes com tanta exatidão, seguindo princípios filológicos corretos, é uma prova maravilhosa de seu grande cuidado e do conhecimento e cultura que tinham. Mais ainda, o fato de o texto hebraico ter sido transmitido por copistas através de tantos séculos é um fenômeno sem igual na história da literatura". 102/71

Wilson acrescenta: "Existiram cerca de quarenta desses reis vivendo entre 2.000 a.C. e 400 a.C. Cada um aparece em ordem cronológica '... em relação aos reis do mesmo país e em relação aos de outros países... Dificilmente se poderia imaginar uma prova mais evidente da exatidão substancial dos registros do Antigo Testamento do que essa relação de reis.' Matematicamente existe uma chance em 750 setilhões de que essa exatidão seja mero acaso". 102/70, 71

Devido às provas Wilson conclui que: "Não se pode negar a prova de que as cópias dos documentos originais têm sido transmitidas com exatidão substancial, por mais de 2.000 anos. Que, de modo semelhante, as cópias existentes 2.000 anos atrás tivessem sido transmitidas a partir dos originais é algo não apenas possível, mas, conforme já demonstramos, é algo provável em face das analogias com os documentos babilônicos que sobreviveram e dos quais temos tanto originais como cópias (distanciados milhares de anos uns dos outros), e com dezenas de papiros que, ao serem comparados com as nossas edições modernas dos clássicos, revelam que somente pequenas alterações ocorreram no texto, durante um período de mais de 2.000 anos, e especialmente em face da exatidão científica e demonstrável com que a ortografia correta dos nomes de reis e das numerosas expressões estrangeiras nos foi transmitida no texto hebraico." 102/85

F. F. Bruce declara que "o texto consonantal da Bíblia hebraica, que os massoretas editaram, havia sido transmitido até aquela época, com notável fidelidade, por um período de praticamente mil anos." 15/178

A conclusão de *William Green* é que "se pode dizer com segurança que nenhuma outra obra da antigüidade foi transmitida com tanta fidelidade." 36/181

A respeito da exatidão na transmissão do texto hebraico, *Atkinson*, que foi vice-diretor da biblioteca da Universidade de Cambridge (na Inglaterra), afirma que isso é "quase um milagre".

Atribui-se ao *rabino Aquiba* (século segundo A.D.), que desejava produzir um texto exato, a declaração de que "a transmissão fiel (*massorat*) do texto é uma proteção para a Tora". 40/211

4C. O TEXTO HEBRAICO

O *Códice do Cairo* (895 A.D.) encontra-se no Museu Britânico. Foi preparado pela família massorética de Moses ben Asher. Contém tanto os profetas anteriores como os posteriores. 15/115,116

O *Códice dos Profetas de Leningrado* (916 A.D.) contém Isaías, Jeremias, Ezequiel e os doze profetas menores.

O mais antigo manuscrito contendo todo o Antigo Testamento é o *Códice Babilônico Petropalitano* (1008 A.D.), encontrando-se em Leningrado. Foi preparado a partir de um texto anterior a 1000 A.D., o qual foi corrigido pelo rabino Aaron ben Moses ben Asher. 32/250

O *Códice Aleppo* (datado de 900 A.D. ou um pouco depois) é um manuscrito excepcionalmente valioso. Chegou a ser dado como perdido, mas em 1958 foi redescoberto. No entanto, sofreu mutilações.

O *Códice do Museu Britânico* (950 A.D.) contém parte de Gênesis até Deuteronômio.

O *Códice Reuchlin dos Profetas* (1105 A.D.). A preparação desse texto foi feita pelo massoreta ben Naphtali.

5C. O TESTEMUNHO DOS ROLOS DO MAR MORTO A RESPEITO DA CREDIBILIDADE DAS ESCRITURAS JUDAICAS

Foi Sir Frederic Kenyon quem, pela primeira vez, fez a *grande pergunta*: "Será que esse texto hebraico, que chamamos de massorético e que temos mostrado como descendente de um texto preparado por volta de 100 A.D., apresenta fielmente o texto hebraico, tal como foi escrito pelos autores dos livros do Antigo Testamento?" 49/47

Os Rolos do Mar Morto nos fornecem uma resposta clara e afirmativa.

O *problema*, antes da descoberta dos Rolos do Mar Morto, era: "Qual a fidelidade das cópias que temos hoje em comparação com o texto do primeiro século?" Pelo fato de ter sido copiado e recopiado tantas vezes, poderemos confiar no texto?

O que são os Rolos do Mar Morto?

Os Rolos são constituídos de cerca de 40.000 fragmentos que foram relacionados. Desses fragmentos mais de 500 livros já foram reconstituídos.

Muitos fragmentos e livros extra-bíblicos foram descobertos, lançando luz sobre a comunidade religiosa de Qumran. Esses escritos, tais como os "documentos de justiça", uma "Regra da Comunidade" e o "Manual de Disciplina", ajudam-nos a entender o propósito da vida diária em Qumran. Em diversas cavernas estão alguns comentários bem úteis sobre as Escrituras.

Como foram achados os Rolos do Mar Morto?

Quero aqui citar Ralph Earle, que apresenta uma descrição detalhada, porém concisa, de como os Rolos foram encontrados.

"A história dessa descoberta é um dos acontecimentos mais fascinantes da era contemporânea. Em fevereiro ou março de 1947 um rapazinho beduíno, que trabalhava como pastor de animais e que tinha o nome de Muhamad, estava procurando uma cabra perdida. Ele atirou uma pedra num buraco existente num penhasco, à margem ocidental do mar Morto, cerca de treze quilômetros ao sul de Jerico. Para sua surpresa, ouviu o som de vasos se quebrando. Ao examinar o que acontecera, viu algo surpreendente diante de si. No chão da caverna havia diversos vasos grandes que continham rolos de couro, envolvidos em pano de linho. Pelo fato de os vasos terem sido cuidadosamente selados, os rolos tinham sido preservados em excelentes condições, durante quase 1.900 anos. (Foram evidentemente ali colocados em 68 A.D.)"

"Cinco dos rolos encontrados na Caverna Número Um do Mar Morto, como é agora chamada, foram comprados pelo arcebispo do Mosteiro Ortodoxo Sírio de Jerusalém. Nesse ínterim, três outros rolos foram adquiridos pelo professor Sukenik, da Universidade Hebraica de lá."

"Quando os rolos foram inicialmente descobertos, não se deu publicidade a eles. Em novembro de 1947, dois dias após o professor Sukenik ter adquirido três rolos e dois vasos da caverna, escreveu em seu diário: 'É possível que esta seja uma das maiores descobertas já feitas na Palestina, uma descoberta que jamais imaginamos pudesse acontecer'. Todavia, essas significativas palavras não foram publicadas à época."

"Felizmente, em fevereiro de 1948, o arcebispo, que não lia hebraico, telefonou para a Escola Americana de Pesquisa Oriental, em Jerusalém, e falou a respeito dos rolos. Devido à providência divina, a

pessoa que estava substituindo o diretor da escola era um jovem erudito chamado John Trever, que também era excelente fotógrafo amador. Num trabalho árduo e dedicado, fotografou cada coluna do grande rolo de Isaías, que mede sete metros de comprimento e vinte e cinco centímetros de altura. Ele mesmo revelou o filme e enviou algumas cópias ao Dr. W. F. Albright, da Universidade Johns Hopkins (nos Estados Unidos), que era reconhecido por muitos como o decano dos arqueólogos bíblicos norte-americanos. Numa carta Albright respondeu: 'Minhas mais calorosas saudações pela maior descoberta de manuscritos da nossa época! ... Que achado absolutamente incrível! E felizmente não se pode ter a menor sombra de dúvida quanto à autenticidade do manuscrito'. Ele atribuiu ao manuscrito a data de aproximadamente 100 A. D. 23/48,49

Trever cita ainda a opinião de Albright: "Não tenho dúvida alguma de que o manuscrito é mais antigo do que o papiro Nash... Prefiro uma data de aproximadamente 100 A. D..." 32/260

O Valor dos Rolos

O mais antigo manuscrito com o texto hebraico completo que possuíamos fora preparado em 900 A.D. ou depois. Como poderíamos ter certeza da transmissão fiel do texto desde a época de Cristo, em 32 A.D.? Graças à arqueologia e aos Rolos do Mar Morto, agora podemos ter certeza. Um dos rolos era um manuscrito com o texto hebraico completo de Isaías. Os paleógrafos datam-no de 125 a.C. Esse manuscrito é em mais de mil anos mais antigo do que qualquer outro manuscrito anteriormente conhecido.

O impacto dessa descoberta está em que o rolo de Isaías (125 a.C.) corresponde exatamente ao texto massorético de Isaías (916 A.D.), preparado 1.000 anos depois. Isso demonstra a fidelidade e exatidão incomuns dos copistas pelo período de mil anos.

"Das 166 palavras em Isaías 53, só há dúvidas sobre dezessete letras. "ez dessas letras são uma simples questão de ortografia, o que não afeta o sentido. Quatro outras letras implicam pequenas alterações estilísticas, tais como conjunções. As três letras restantes formam a palavra luz, que é acrescentada no versículo onze, e que não afeta grandemente o sentido. Além do mais, essa palavra tem o apoio da Septuaginta e do fragmento de Qumran IQIs. De modo que, num capítulo de 166 palavras, há dúvidas sobre uma única palavra (três letras) após mil anos de transmissão — e essa palavra não altera significativamente o sentido da passagem." 32/263

F. F. Bruce diz: "Um rolo incompleto de Isaías, encontrado junto com outro na Caverna Número Um de Qumran, e devidamente distinguido do outro pelo nome de 'Isaías B', concorda ainda mais de perto com o texto massorético". 15/123

Gleason Archer Jr. afirma que se verificou que as cópias de Isaías da comunidade de Qumran, "em mais de 95% do texto, eram idênticas, palavra por palavra, ao nosso texto hebraico padrão. Os 5% de variação constituem principalmente, erros óbvios de cópia e variação de ortografia." 10/19

Millar Burrows, citado por Geisler e Nix, conclui: "É de maravilhar que, durante aproximadamente mil anos, o texto sofreu tão poucas alterações. Conforme afirmei no primeiro artigo sobre o rolo, 'nisto reside sua grande importância: confirmar a fidelidade da tradição massorética'." 32/261

6C. A SEPTUAGINTA COMPROVA A AUTENTICIDADE DO TEXTO HEBRAICO

Os judeus foram espalhados para longe da terra natal e então surgiu a necessidade de haver as Escrituras no idioma mais falado da época. A Septuaginta (palavra que significa "setenta" e que geralmente é abreviada, por meio de algarismos romanos, para LXX) foi o nome dado à tradução em grego das Escrituras hebraicas, tradução esta preparada durante o reinado de Ptolomeu Filadelfo, do Egito (285-246 a.C).

F. F. Bruce apresenta uma interessante explicação sobre o nome dessa tradução. Acerca de uma carta que se supunha ter sido escrita por volta de 250 a.C. (mais provavelmente um pouco antes de 100 a.C.) por Aristeu, um oficial da corte do rei Ptolomeu, a seu irmão Filócrato, Bruce afirma: "Ptolomeu era reconhecido como um incentivador da literatura, e foi em seu reinado que foi inaugurada a grande biblioteca de Alexandria, que durante novecentos anos foi uma das grandes maravilhas do mundo. A carta descreve como Demétrio de Falero, que se acredita ter sido o bibliotecário de Ptolomeu, despertou o interesse do rei a respeito da lei judaica e o aconselhou a enviar uma delegação ao sumo-sacerdote Eleazar, em Jerusalém.

O sumo-sacerdote escolheu como tradutores seis anciões de cada uma das doze tribos de Israel e

enviou-os à Alexandria, junto com um pergaminho especialmente exato e ornamentado da Tora. Os anciões foram regiamente hospedados e demonstraram sua sabedoria em debates travados.

Então, instalaram residência numa casa na ilha de Faros (a ilha que também foi famosa por seu farol), onde em setenta e dois dias completaram a tarefa de traduzir o Pentateuco para o grego, apresentando uma versão fiel, fruto do trabalho de conferir e comparar os textos." 15/146, 147

Estando bem próximo do texto massorético (916 A.D.) que temos hoje, a Septuaginta ajuda a confirmar a credibilidade da transmissão do texto massorético através de 1.300 anos. A maior divergência entre a Septuaginta e o texto massorético encontra-se no livro de Jeremias.

A Septuaginta e as citações das Escrituras encontradas nos livros apócrifos de Eclesiástico, Jubileu e outros, comprovam que o texto hebraico que temos hoje é substancialmente o mesmo de cerca de 300 a.C.

Geisler e Nix, no livro muito útil que escreveram, *A General Introduction to the Bible* (Uma Introdução Geral à Bíblia), apresentam quatro importantes contribuições da Septuaginta. "(1) Ao atender às necessidades dos judeus alexandrinos, ela cobriu o vazio religioso entre os povos de fala hebraica e grega; (2) ela preencheu o elo histórico que separava o Antigo Testamento judaico dos cristãos de idioma grego, os quais iriam usá-lo junto com o Novo Testamento; e (3) ela abriu um precedente para os missionários traduzirem as Escrituras em várias línguas e dialetos; (4) na crítica textual, ela supre uma lacuna ao concordar de modo substancial com o texto hebraico do Antigo Testamento (códices Álefe, A, B, C e outros)." 32/308

F. F. Bruce apresenta algumas razões pelas quais os judeus se desinteressaram pela Septuaginta:

1. "... A partir do século primeiro A.D., os cristãos adotaram-na como sua versão do Antigo Testamento e usaram-se livremente para propagar e defender a fé cristã." 15/151

2. "Uma outra razão para os judeus perderem o interesse pela Septuaginta reside no fato de que por volta de 100 A.D. um texto padrão revisado foi estabelecido por eruditos judeus para a Bíblia hebraica..." 15/151

7C. O TEXTO SAMARITANO (quinto século a.C.)

Esse texto contém o Pentateuco e é valioso para se decidir entre diferentes leituras textuais. Bruce afirma que, "comparando-se com aquilo que concordam, as variações entre o Pentateuco Samaritano e a edição massorética (916 A.D.) desses livros são bem insignificantes". 15/122

8C. OS TARGUNS (surgem em forma escrita (cópias) 500 A. D.)

O sentido básico da palavra *targum* é "interpretação". São paráfrases do Antigo Testamento.

Depois que os judeus foram levados ao cativeiro, o aramaico passou a ser falado em lugar do hebraico. Isso fez com que os judeus necessitassem das Escrituras na língua que era falada.

Os principais targuns são (1) *O Targum de Onquelos* (60 a.C., que alguns dizem que foi feito por Onquelos, um discípulo do grande erudito judeu Hillel). Contém o texto hebraico do Pentateuco. (2) *O Targum de Jônatas ben Uzziel* (30 a.C.?), que contém os livros históricos e os Profetas.

F. F. Bruce apresenta um interessante relato sobre a origem dos targuns: "... A prática da leitura pública das Escrituras nas sinagogas ser acompanhada por uma paráfrase oral na língua vernácula, o aramaico, foi crescendo nos últimos séculos antes da era cristã. Naturalmente, à medida que o hebraico ia se tornando uma língua cada vez menos falada e cada vez menos familiar ao povo, foi necessário proporcionar-lhes uma interpretação do texto das Escrituras numa língua que conhecessem, de modo que pudessem compreender o que se lia. A pessoa incumbida de fazer essa paráfrase oral era chamada de *methurgeman* (tradutor ou intérprete) e a paráfrase propriamente dita era denominada *targum*

... O *methurgeman* ... não tinha permissão para ler em um rolo a sua interpretação, pois a congregação poderia incorrer no engano de pensar que ele estivesse lendo as Escrituras originais. Provavelmente, tendo em vista a exatidão e fidelidade, mais tarde estabeleceu-se que não mais de um versículo do Pentateuco e três versículos dos Profetas poderiam ser traduzidos numa única etapa.

Oportunamente esses targuns foram postos em forma escrita." 15/133

Qual o valor dos targuns?

J. Anderson, em *The Bible, the Word of God* (A Bíblia, a Palavra de Deus), confirma o valor dos targuns ao dizer: "A grande utilidade dos antigos targuns está em provar a autenticidade do texto hebraico, ao demonstrar que o texto do período em que os targuns foram feitos é o mesmo que existe entre nós hoje. 8/17

9C. O MISNÁ (200 A.D.)

Essa palavra significa "explicação, ensino". O misná contém uma coleção das tradições e exposições judaicas da lei oral. Eram escritos em hebraico e frequentemente considerados como a Segunda Lei. 32/306

As citações escriturísticas são bem semelhantes ao texto massorético e atestam sua fidedignidade.

10C. OS GUEMARÁS (Palestino - 200 A.D.; Babilônico - 500 A.D.)

Esses comentários, escritos em aramaico e que cresceram em torno do Misná, contribuem para a credibilidade do texto massorético.

O Misná, e o Guemará Babilônico formam o *Talmude Babilônico*.

Misná + Guemará Babilônico = Talmude Babilônico

Misná + Guemará Palestino = Talmude Palestino

11C. O MIDRAXE (100 a.C. - 300 A.D.)

O Midraxé compunha-se de estudos doutrinários do texto hebraico do Antigo Testamento. As citações do Midraxé são substancialmente massoréticas.

12C. A HEXAPLA (isto é, a sêxtupla)

Orígenes (185-254 A.D.) preparou uma harmonia do Antigo Testamento em seis colunas: Septuaginta, traduções de Áquila, de Símaco, de Teodócio, o texto hebraico em caracteres hebraicos, e transliterado em grego.

A Hexapla, mais os escritos de Josefo, Filo e os Documentos de Justiça (da literatura da comunidade de Qumran, junto ao mar Morto), "testificam a existência de um texto bem semelhante ao massorético, no período entre 40 e 100 A.D." 85/148

4B. O Teste Interno da Credibilidade das Escrituras

1C. O BENEFICIO DA DÚVIDA

Sobre esse teste, John Warwick Montgomery escreve que os críticos literários ainda seguem o dito de Aristóteles de que, "em caso de dúvida, deve-se favorecer o próprio documento, e não a posição questionadora do crítico". 64/29

De modo que "deve-se aceitar as afirmações do documento que está sendo analisado, e não pressupor fraude ou erro, a menos que o autor invalide o que escreveu devido a contradições ou a inexatidões quanto a fatos conhecidos". 64/29

Horn desenvolve esse pensamento dizendo: "Pense por um instante naquilo que é preciso demonstrar acerca de uma 'dificuldade', a fim de passá-la para a categoria de um argumento contrário à doutrina. Certamente é preciso muito mais do que uma simples aparência de contradição. Primeiro, devemos ter a certeza de que compreendemos corretamente a passagem, o sentido em que ela emprega as palavras e os números. Segundo, de que possuímos todo o conhecimento disponível sobre a questão. Terceiro, de que possivelmente nenhum outro esclarecimento possa, no futuro, ser lançado sobre a questão, esclarecimento que venha de conhecimentos maiores, pesquisa textual, arqueologia, etc."

"... *As dificuldades não constituem objeções*", acrescenta Robert Horn. "*Problemas não solucionados não são necessariamente erros*. Isso não é minimizar a área de dificuldade; é vê-la nas suas devidas proporções.

Devemos lidar com as dificuldades e os problemas devem nos levar a procurarmos maiores esclarecimentos; *mas até que cheguemos ao ponto de ter um esclarecimento total e final sobre qualquer assunto, não estamos em posição de afirmar: 'Este é um erro comprovado, uma objeção inquestionável a uma Bíblia infalível'. É bem conhecido o fato de que incontáveis 'objeções' têm sido plenamente respondidas desde o início deste século.*" 42/86, 87

2C. O VALOR DAS FONTES PRIMÁRIAS

Eles escreveram como testemunhas oculares ou a partir de informações de primeira mão:

Lucas 1:1-3 - "Visto que muitos houve que empreenderam uma narração coordenada dos fatos que entre nós se realizaram, conforme nos transmitiram os que desde o princípio foram deles testemunhas oculares, e ministros da palavra, igualmente a mim me pareceu bem, depois de acurada investigação de tudo desde sua origem, dar-te por escrito, excelentíssimo Teófilo, uma exposição em ordem."

2 Pedro 1:16 — "Porque não vos demos a conhecer o poder e a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, seguindo fábulas engenhosamente inventadas, mas nós mesmos fomos testemunhas oculares da sua majestade."

1 João 1:3 — "... o que temos visto e ouvido anunciamos também a vós outros, para que vós igualmente mantenhais comunhão conosco. Ora, a nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho Jesus Cristo."

Atos 2:22 - "Varões israelitas, atendei a estas palavras: Jesus, o Nazareno, varão aprovado por Deus diante de vós, com milagres, prodígios e sinais, os quais o próprio Deus realizou por intermédio dele entre vós, como vós mesmos sabeis...."

João 19:35 - "Aquele que isto viu, testificou, sendo verdadeiro o seu testemunho; e ele sabe que diz a verdade, para que também vós creiais."

Lucas 3:1 — "No décimo-quinto ano do reinado de Tibério César, sendo Pôncio Pilatos governador da Judéia, Herodes tetrarca da Galiléia, seu irmão Filipe tetrarca da região da Ituréia e Traconites, e Lisânias tetrarca de Abilene..."

Atos 26:24-26 — "Dizendo ele estas coisas em sua defesa, Festo o interrompeu em alta voz: Estás louco, Paulo; as muitas letras te fazem delirar. Paulo, porém, respondeu: Não estou louco, ó excelentíssimo Festo; pelo contrário, digo palavras de verdade e de bom senso. Porque tudo isto é do conhecimento do rei, a quem me dirijo com franqueza, pois estou persuadido de que nenhuma destas coisas lhe é oculta; porquanto nada se passou aí, nalgum recanto."

F. F. Bruce, professor que ocupa a cátedra Rylands de Crítica Bíblica e Exegese, na Universidade de Manchester, diz o seguinte a respeito do *valor das fontes primárias dos registros do Novo Testamento*: "Os primeiros pregadores do evangelho reconheciam o valor do testemunho de primeira mão, e repetida» vezes fizeram uso dele. 'Somos testemunhas destas coisas' era a afirmação constante e confiante que faziam. E, ao contrário do que parecem pensar alguns escritores, não teria sido absolutamente fácil inventar palavras e obras de Jesus naqueles primeiros dias, quando tantos discípulos estavam por ali espalhados, os quais poderiam lembrar-se do que tinha e do que não tinha acontecido."

"E os primeiros pregadores tiveram que levar em conta não apenas as testemunhas oculares simpáticas ao cristianismo; havia outros bem menos dispostos que também eram conhecedores dos principais fatos sobre o ministério e a morte de Jesus. Os discípulos não podiam se dar ao luxo de correr o risco de apresentar fatos inexatos (para não mencionar uma manipulação internacional dos fatos), os quais seriam imediatamente denunciados por aqueles que teriam imenso prazer em fazê-lo. Pelo contrário, um dos pontos fortes da pregação apostólica original é o apelo confiante ao conhecimento dos ouvintes; eles não apenas diziam 'somos testemunhas destas coisas', mas também 'como vós mesmos sabeis' (Atos 2:22). Caso tivesse havido qualquer tendência para se afastarem dos fatos em qualquer questão importante, a possível presença de testemunhas hostis ali na audiência teria se pronunciado, contestando o que fora dito." 16/33, 44-46

3C. MATERIAL DE FONTES PRIMÁRIAS LEGÍTIMAS

O Novo Testamento deve ser considerado pelos eruditos de hoje como um legítimo documento de fontes primárias, vindo do primeiro século. 64/34, 35

DATAS DOS CONSERVADORES

Cartas de Paulo	50-66 A.D.	(Hiebert)
Mateus	70-80 A.D.	(Harrison)
Marcos	50-60 A.D.	(Harnak)
	58-65 A.D.	(T. W. Manson)
Lucas	início dos anos 60 A.D.	(Harrison)
João	80-100 A.D.	(Harrison)

DATAS DOS LIBERAIS

Cartas de Paulo	50-100 A.D.	(Kümmel)
Mateus	500-100 A.D.	(Kümmel)
Marcos	70 A.D.	(Kümmel)
Lucas	70-90 A.D.	(Kümmel)
João	170 A.D.	(Baur)
	90-100 A.D.	(Kürnmer)

Os dados acima foram extraídos das seguintes fontes: KÜMMEL, Werner Georg, *Introduction to the New Testament* (Introdução ao Novo Testamento). Traduzido para o inglês por Howald Clark Kee. Abingdon, 1973.

HARRISON, Everett. *Introduction to the New Testament* (Introdução ao Novo Testamento). Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 1971.

HIEBERT, D. Edmond. *Introduction to the New Testament* (Introdução ao Novo Testamento), vol. 2. Chicago: Moody, 1977; escritos e conferências por T. W. Manson e F. C. Baur.

William Foxwell Albright, que foi um dos mais destacados arqueólogos de todo o mundo, disse: "Podemos dizer enfaticamente que já não existe qualquer base sólida para atribuir a qualquer livro do Novo Testamento uma data posterior a 80 A.D., isto é, duas gerações inteiras antes do período entre 130 e 150, período calculado pelos críticos mais radicais do Novo Testamento da atualidade". 7/136

Ele reafirma essa posição numa entrevista à revista *Christianity Today* (Cristianismo Hoje; 18 jan. 1963): "Na minha opinião, cada livro do Novo Testamento foi escrito por um judeu batizado, entre as décadas de quarenta e oitenta do primeiro século de nossa era (bem provavelmente em algum período entre aproximadamente 50 e 75 A.D.)".

Albright conclui: "Graças às descobertas de Qumran, o Novo Testamento comprova que, de fato, é aquilo que anteriormente as pessoas criam que fosse: o ensino de Cristo e de seus seguidores imediatos, no período compreendido entre cerca de 25 e 80 A.D.". 5/23

Muitos dos eruditos liberais estão sendo forçados a considerar datas mais remotas para o Novo Testamento. As conclusões do Dr. John A. T. Robinson em seu novo livro, *Redating the New Testament* (Atribuindo Novas Datas ao Novo Testamento), são surpreendentemente radicais. Sua pesquisa levou-o à convicção de que o Novo Testamento foi escrito antes da Queda de Jerusalém, em 70 A.D. 79

5B. O Teste das Evidências Externas em favor da Credibilidade das Escrituras

1C. CONFIRMANDO A AUTENTICIDADE

"Outros materiais históricos confirmam ou negam o testemunho fornecido pelos próprios documentos?" 64/31

Em outras palavras, que outras fontes existem, além da literatura que está sendo examinada, que confirmam sua exatidão, credibilidade e autenticidade?

2C. PROVAS FAVORÁVEIS DE AUTORES EXTRA-BIBLICOS

Eusébio, em sua obra *História Eclesiástica* (III. 39), preserva escritores de Papias, bispo de Hierápolis (130 A.D.), os quais Papias recebeu do Ancião (apóstolo João): "O Ancião também costumava dizer o seguinte: 'Marcos, tendo sido o intérprete de Pedro, escreveu fielmente tudo o que ele (Pedro) mencionava, fossem palavras ou obras de Cristo; todavia, não o fez em ordem cronológica. Pois não esteve ouvindo pessoalmente o Senhor nem o esteve acompanhando; mas mais tarde, conforme eu já disse, ele acompanhou Pedro, o qual adaptou os seus ensinamentos conforme as necessidades, não como se estivesse elaborando uma compilação das palavras do Senhor. Dessa forma, então, Marcos não cometeu qualquer erro, tendo assim escrito algumas coisas à medida que ele (Pedro) as mencionava; pois ele prestava toda atenção a isso, a fim de não omitir qualquer coisa que ouvisse, nem incluir qualquer afirmação falsa no que registrava.'"

Papias também comenta sobre o evangelho de Mateus: "Mateus registrou os oráculos em língua hebraica (isto é, aramaica)".

Irineu, bispo de Lion (180 A.D.), foi aluno de Policarpo, bispo de Esmirna, o qual foi martirizado em 156 A.D., tendo sido cristão por 86 anos e discípulo do apóstolo João. Irineu escreveu:

"Tão firme é a base sobre a qual esses Evangelhos repousam que os próprios hereges dão testemunho a favor desses livros, e, tomando-os por base, cada um deles se esforça por estabelecer sua própria doutrina particular" (*Contra Heresias*, III).

Os quatro Evangelhos haviam se tornado tão axiomáticos no mundo cristão que Irineu pôde se referir a eles como um fato comprovado e reconhecido tal como os quatro pontos cardeais: "Pois assim como existem os quatro cantos do mundo onde vivemos, e quatro ventos universais, e assim como a Igreja se encontra dispersa por toda a terra, e o evangelho é a coluna e o alicerce da Igreja e o sopro de vida, de igual maneira é natural que o evangelho tenha quatro colunas, soprando imortalidade a partir de cada canto e novamente despertando a vida nos homens. Por essa razão é evidente que o Verbo, o arquiteto de todas as coisas, que está assentado sobre os querubins e sustenta todas as coisas, tendo-se manifestado aos homens, deu-nos o evangelho em forma quádrupla, forma que se mantém coesa por meio de um só Espírito."

"Mateus divulgou seu evangelho", prossegue Irineu, "entre os hebreus (isto é, judeus), na língua deles, enquanto Pedro e Paulo estavam pregando o evangelho em Roma e fundando a igreja ali. Depois de sua partida (isto é, morte, a qual uma forte tradição identifica com a época da perseguição de Nero, em 64), o próprio Marcos, o discípulo e intérprete de Pedro, transmitiu-nos de forma escrita a substância da pregação de Pedro. Lucas, o seguidor de Paulo, pôs num livro o evangelho pregado por seu mestre. Então João, o discípulo do Senhor, e que também reclinou sua cabeça sobre o Seu peito (esta é uma referência a João 13:25 e 21:20), escreveu ele mesmo o seu evangelho, enquanto vivia em Éfeso, na Ásia."

Clemente de Roma (cerca de 95 A.D.) usa as Escrituras como sendo confiáveis e autênticas.

Inácio (70-110 A.D.) foi bispo de Antioquia, tendo sido martirizado por causa de sua fé em Cristo. Conheceu todos os apóstolos e foi discípulo de Policarpo, que foi discípulo do apóstolo João. 59/209

Em *Who Was Who in Church History* (Quem Foi Quem na História da Igreja), *Elgin Moyer* escreve que o próprio Inácio "disse: 'Prefiro morrer por Cristo a dominar toda a terra. Entreguem-me às feras para que, por meio delas, eu seja um participante junto com Deus.' Conta-se que ele foi jogado às feras no Coliseu em Roma. Ele escreveu suas epístolas durante a viagem de Antioquia para o martírio". 66/209

Inácio deu crédito às Escrituras pela maneira como depositou fé na fidedignidade da Bíblia. Teve grande quantidade de material e de testemunhas para consultar e, assim, descobrir a credibilidade das Escrituras.

Policarpo (70-156 A.D.) foi discípulo de João e sofreu martírio aos 86 anos de idade por causa de sua incansável devoção a Cristo e às Escrituras. "Por volta de 155, durante o reinado de Antonino Pio, quando uma perseguição a nível local estava acontecendo em Esmirna e vários dos membros da igreja haviam sido martirizados, foi escolhido por ser o líder da igreja e depois destinado ao martírio. Quando instado a renunciar à fé e viver, segundo se sabe, ele disse: 'Durante oitenta e seis anos tenho servido a Ele, e Ele não me tem feito mal algum. Como poderia falar mal do meu Rei que me salvou?' Foi queimado numa fogueira, experimentando a morte heróica de um mártir, por causa de sua fé." 66/337 Certamente ele teve grande número de contatos para conhecer a verdade. *Flávio Josefo* - historiador judeu.

As diferenças entre o relato de Josefo sobre o batismo de João Batista e o dos evangelhos é que Josefo afirma que o batismo de João não era para remissão de pecados, enquanto que a Bíblia (Marcos 1:4) afirma que era; e que João foi morto por razões políticas e não por censurar publicamente o casamento de

Herodes com Herodias. Como Bruce ressalta, é bem possível que Herodes cresse que, aprisionando João, poderia matar dois coelhos com uma cajadada só. Em relação à discrepância sobre o batismo de João, Bruce diz que os Evangelhos oferecem um relato mais provável do ponto-de-vista "histórico-religioso" e que eles são mais antigos do que a obra de Josefo, e, portanto, mais exatos. A questão central, no entanto, é que, em linhas gerais, o relato de Josefo confirma o dos evangelhos. 16/107

Em *Antigüidades XVIII 5:2*, Josefo menciona João Batista. Pela maneira como essa passagem está escrita, não há base para se suspeitar de uma interpolação cristã. Nessa passagem lemos: "Alguns dos judeus pensaram que o exército de Herodes havia sido destruído por Deus e que esse era um castigo bem justo para vingar a morte de João, cognominado o Batista. Pois, Herodes mandou que o matassem, embora João fosse um homem bom, tendo ensinado os judeus a cultivarem as virtudes, serem justos uns com os outros, piedosos para com Deus e virem juntos para o batismo. Ele ensinava que Deus aceitava o batismo contanto que não se submetessem a esse ato a fim de obter remissão de certos pecados, mas para a purificação do corpo, caso a alma já estivesse purificada pela justiça. E quando os outros se reuniram em torno dele (pois foram profundamente tocados quando ouviram suas palavras), Herodes receou que, sendo tão grande o poder de persuasão que João tinha sobre as pessoas, conduzisse o povo a uma insurreição, pois eles pareciam prontos a seguir seus conselhos, Herodes resolveu prendê-lo e matá-lo antes que provocasse qualquer tumulto, de forma que mais tarde ele tivesse que enfrentar uma revolta. Devido a essa suspeita de Herodes, João foi enviado preso a Maquero, a fortaleza que já mencionamos acima, tendo ali sido morto. Os judeus creram que foi para vingar a morte de João que o desastre se abateu sobre o exército, com Deus querendo infligir mal a Herodes." 16/106

Taciano (cerca de 170 A.D.) organizou as Escrituras a fim de pô-las na primeira "seqüência dos Evangelhos", denominada Diatessarão.

TÓPICO 2 - A CONFIRMAÇÃO PELA ARQUEOLOGIA

3C. PROVAS ARQUEOLÓGICAS

Nelson Glueck, o renomado arqueólogo judeu, escreveu: "Pode-se afirmar categoricamente que até hoje nenhuma descoberta arqueológica contradisse qualquer informação dada pela Bíblia". E prossegue comentando a "incrível fidelidade da memória histórica da Bíblia, especialmente quando corroborada pelas descobertas arqueológicas". 33/31

William F. Albright, conhecido por sua reputação como um dos grandes arqueólogos, afirma: "Não pode haver dúvida alguma de que a arqueologia tem confirmado a historicidade substancial da tradição do Antigo Testamento". 1/176

Albright acrescenta: "Progressivamente o exagerado ceticismo para com a Bíblia foi sendo desacreditado, por parte de importantes sistemas históricos, sendo que alguns aspectos de tais sistemas ainda se manifestam periodicamente. Uma descoberta após a outra tem confirmado a exatidão de incontáveis detalhes e tem feito com que a Bíblia receba um reconhecimento cada vez maior como fonte histórica". 2/127,128

John Warwick Montgomery expõe um problema típico enfrentado por muitos eruditos hoje em dia: "Thomas Drobena, pesquisador do Instituto Norte-Americano de Estudos Sobre a Terra Santa, advertiu que onde a arqueologia e a Bíblia parecem estar em conflito, a questão é quase sempre de datação, a área mais instável na arqueologia contemporânea e a única em que o raciocínio científico *a priori* e circular freqüentemente substitui uma análise empírica apropriada". 63/47,48

O professor *H. H. Rowley* (citado por Donald F. Wiseman em *Revelation and the Bible* (A Revelação e a Bíblia) afirma que "não é porque os estudiosos de hoje principiem com pressuposições mais conservadoras do que as de seus predecessores que eles têm um respeito bem maior pelas histórias dos Patriarcas do que costumava acontecer, mas porque as provas favorecem essas histórias". 104/305

Merrill Unger declara: "O papel que a arqueologia está desempenhando na pesquisa do Novo Testamento (como também na do Antigo Testamento), ao acelerar o estudo científico do Novo Testamento, trazer equilíbrio à teoria crítica, esclarecer por meio de exemplos, elucidar, suplementar e confirmar os contextos histórico e cultural, constituirá um dos pontos altos do futuro da crítica do texto

sagrado". 98/25, 26

Millar Burrows, da Universidade de Yale (nos Estados Unidos), comenta: "Em muitos casos a arqueologia tem refutado as opiniões de críticos modernos. Ela tem demonstrado em vários casos que essas opiniões repousam sobre pressuposições falsas e esquemas irrealistas e artificiais de desenvolvimento da história (AS 1938, p. 182). Essa é uma contribuição real, que não deve ser minimizada". 17/291

F. F. Bruce faz a seguinte observação: "Diante do fato de que algumas vezes suspeitou-se que Lucas apresentasse dados inexatos e de que a exatidão desses dados foi confirmada por documentos escritos, é legítimo afirmar que a arqueologia tem confirmado o relato do Novo Testamento".

14/331

Bruce acrescenta que, "em sua maior parte, o serviço que a arqueologia tem prestado ao estudo do Novo Testamento é completar as lacunas no conhecimento do contexto histórico, social e cultural, com o que poderemos ler o Novo Testamento com uma compreensão e uma apreciação maiores. Esse contexto é um contexto do primeiro século. A narrativa do Novo Testamento simplesmente não se encaixa num contexto do segundo

século". 14/331

Merrill Unger faz um resumo: "A arqueologia do Antigo Testamento tem redescoberto nações inteiras, tem ressurgido povos importantes e, de um modo bem surpreendente, tem preenchido vazios históricos, aumentando imensuravelmente o conhecimento do contexto histórico, social e cultural da Bíblia". 98/15

William Albright prossegue: "À medida que o estudo crítico da Bíblia for cada vez mais influenciado pela abundância de material recém-descoberto, vindo do antigo Oriente Próximo, observaremos um aumento crescente do respeito para com o significado histórico de passagens e detalhes atualmente negligenciados e menosprezados, tanto do Antigo como do Novo Testamentos". 5/81

Burrows explica a causa de tanta e excessiva desconfiança: "O exagerado ceticismo de muitos teólogos liberais não é fruto de uma avaliação cuidadosa dos dados disponíveis, mas de uma forte predisposição contra o sobrenatural". 95/176

A essa sua declaração, o arqueólogo da Universidade de Yale acrescenta: "Contudo, em geral o trabalho arqueológico tem inquestionavelmente fortalecido a confiança na credibilidade dos registros bíblicos. Mais de um arqueólogo descobriu que seu respeito para com a Bíblia aumentou devido à experiência de escavações na Palestina". 17/1

"Em geral, essas provas que até agora a arqueologia tem trazido a lume, especialmente ao descobrir mais manuscritos, inclusive mais antigos, dos livros da Bíblia, fortalecem nossa confiança na exatidão com que o texto tem sido transmitido através dos séculos". 17/42

Sir Frederic Kenyon diz: "Portanto, é legítimo afirmar que, em relação àquela parte do Antigo Testamento contra a qual diretamente se voltou a crítica destruidora da segunda metade do século dezenove, as provas arqueológicas têm restabelecido a autoridade do Antigo Testamento e, mais, têm aumentado o seu valor ao torná-lo mais inteligível através de um conhecimento mais completo de seu contexto e ambiente. A arqueologia ainda não se pronunciou definitivamente a respeito, mas os resultados já alcançados confirmam aquilo que a fé sugere, que a Bíblia só tem a ganhar com o aprofundar do conhecimento". 46/279

A arqueologia tem descoberto uma riqueza de provas de modo a comprovar a exatidão do texto massorético. (Veja capítulo 4, 2C, O Período Massorético.)

Bernard Ramm escreve acerca do *Selo de Jeremias*: "A arqueologia também tem comprovado a substancial exatidão do texto massorético. O *Selo de Jeremias*, um sinete empregado para imprimir os selos de betume em jarras de vinho, e datado do primeiro ou segundo século A.D., tem o texto de Jeremias 48:11 em relevo e, de um modo geral, esse texto se conforma ao texto massorético. Esse selo '... confirma a exatidão com que se transmitiu o texto entre a época em que se fez o selo e a época em que se prepararam os manuscritos'. Além do mais, o *Papiro Roberts*, datado do segundo século a.C., e o *Papiro Nash*, a que Albright atribui uma data anterior a 100 A.C., confirmam o nosso texto massorético". 71/8-10

William Albright afirma que "podemos estar certos de que o texto consonantal da Bíblia Hebraica, embora não infalível, foi preservado com uma exatidão talvez sem paralelo com qualquer outro texto literário do Oriente Próximo ... Não, o facho de luz que agora está sendo lançado pela literatura ugarítica sobre a poesia hebraica bíblica de todos os períodos assegura a relativa antiguidade da composição desses textos bem como a surpreendente exatidão da sua transmissão". 6/25

O arqueólogo Albright escreve acerca da exatidão das Escrituras, e é confirmado pela arqueologia: "Os dados do Pentateuco são, em geral, muito mais antigos do que a época em que foram finalmente compilados; novas descobertas continuam a confirmar a precisão histórica ou a antigüidade do texto em um detalhe após o outro... Dessa maneira, é uma atitude exageradamente crítica negar o caráter substancialmente mosaico da tradição do Pentateuco." 22/224

Albright comenta sobre o que os *críticos costumavam dizer*: "Até recentemente era moda entre os historiadores bíblicos tratar as sagas patriarcais de Gênesis como se fossem criações artificiais de escribas israelitas da época do reino dividido ou narrativas contadas por rapsodistas imaginativos em conversas ao redor da fogueira, durante os séculos que se seguiram à ocupação da terra. Pode-se citar nomes consagrados entre estudiosos, que consideram cada item de Gênesis 11-50 como o reflexo de uma invenção tardia ou, pelo menos, como a retroprojeção para o passado remoto de acontecimentos e condições experimentados durante a monarquia, passado sobre o qual acreditava-se que nada tinha sido do conhecimento dos escritores de períodos posteriores." 3/1, 2

Agora tudo mudou, diz Albright: "Desde 1925 as descobertas arqueológicas têm mudado tudo isso. Com exceção de uns poucos obstinados dentre os estudiosos mais antigos, dificilmente se encontra um só historiador bíblico que não tenha ficado impressionado com o rápido aumento de dados que apóiam a historicidade substancial da tradição patriarcal. De acordo com as tradições de Gênesis, os ancestrais de Israel eram parentes próximos dos povos seminômades que viveram os últimos séculos do segundo milênio a.C. e os primeiros séculos do primeiro milênio na Trans-jordânia. Síria, bacia do Eufrates e norte da Arábia". 3/1,2

Afiliar Burrows continua: "Para compreender claramente a situação, devemos distinguir entre dois tipos de confirmação: a geral e a específica. A confirmação geral é uma questão de compatibilidade sem que haja uma clara confirmação de pontos específicos. Pode-se também considerar como confirmação geral boa parte do que já tem sido discutido como explicação e ilustração. O quadro se encaixa na moldura e a melodia e o acompanhamento são harmônicos. A força desse tipo de provas é cumulativa. Quanto mais descobrimos que os detalhes do quadro histórico descrito pela Bíblia são compatíveis com aquilo que conhecemos pela arqueologia, embora esta não confirme diretamente aqueles detalhes, maior é a impressão que temos da autenticidade geral da Bíblia. Simples lendas ou ficções inevitavelmente se revelariam por si mesmas devido a anacronismos e incongruências." 17/278

1D. As Provas do Reino de Ebla

Um achado arqueológico que diz respeito à crítica bíblica são os tabletes de Ebla, recentemente descobertos. A descoberta foi feita no norte da Síria por dois professores da Universidade de Roma, os doutores Paolo Matthiae, arqueólogo, e Giovanni Petinato, especialista em epigrafia. A escavação do sítio arqueológico, Tell Mardikh, teve início em 1964; em 1968 encontraram uma estátua do rei Ibbit-Lim. A inscrição fazia referência a Istar, a deusa que "resplandece em Ebla". No auge do seu poder, em 2300 a.C., Ebla tinha uma população de 260.000 pessoas. Foi destruída em 2250 a.C. por Naram-Sin, neto de Sargão o Grande.

Desde 1974, têm sido escavados e encontrados 17.000 tabletes do período do reino de Ebla.

Levará algum tempo até que se faça uma pesquisa significativa para estabelecer a relação entre Ebla e o mundo bíblico. No entanto, algumas contribuições valiosas já foram feitas à crítica bíblica.

No passado, os proponentes da "Hipótese Documentaria" ensinaram que o período descrito na narrativa mosaica (1400 a. C, mil anos depois do reino de Ebla) foi uma época anterior a qualquer conhecimento de escrita (veja o livro deste autor *More Evidence That Demands a Verdict*, p. 63). Mas Ebla mostra que mil anos antes de Moisés, leis, costumes e acontecimentos eram registrados em forma escrita na mesma área do mundo em que Moisés e os patriarcas viveram.

Os proponentes da alta crítica não só têm ensinado que aquela foi uma época anterior à existência da escrita, mas também que o código e a legislação sacerdotais registrados no Pentateuco eram avançados demais para terem sido escritos por Moisés. Alegava-se que, àquela época, os israelitas eram demasiadamente primitivos para terem escrito esses textos e que só na primeira metade do período persa (538-331 a.C.) é que se registrou uma legislação tão detalhada.

No entanto, os tabletes que contêm os códigos legais de Ebla têm revelado lei e procedimentos judiciais bastante elaborados. Há várias e profundas semelhanças com o código legal de Deuteronômio (por

exemplo, Deuteronômio 22:22-30), a que os críticos têm atribuído uma data bem *tardia*.

Um exemplo adicional da contribuição da descoberta de Ebla diz respeito a Gênesis 14, texto que durante anos tem sido considerado pouco confiável do ponto-de-vista histórico. A vitória de Abraão sobre Quedor-laomer e os reis mesopotâmicos tem sido descrita como fictícia e as cinco cidades da planície (Sodoma, Gomorra, Admá, Zeboim e Zoar) como lendárias (*opus cit.*, p. 79/83).

No entanto, os arquivos de Ebla se referem a todas as cinco cidades da planície, e um tablete relaciona as cidades numa seqüência idêntica a de Gênesis 14. O ambiente descrito nos tabletas reflete a cultura do período patriarcal e descreve que, antes da catástrofe registrada em Gênesis 14, a área era uma região florescente, que experimentava prosperidade e progresso, o que também está registrado em Gênesis.

2D. *Exemplos de Confirmação Arqueológica do Antigo Testamento*

(Para maiores informações, veja *More Evidence That Demands a Verdict*).

1E. Gênesis diz que os ancestrais de Israel vieram da Mesopotâmia. Com esse fato concordam as descobertas arqueológicas. Albright afirma que "não é razoável duvidar da tradição hebraica, que identifica os patriarcas diretamente com o vale Balikh, no noroeste da Mesopotâmia". As provas baseiam-se na coincidência de dados bíblicos e arqueológicos, que identificam a mobilização dessas pessoas para fora da Mesopotâmia. 3/2

2E. De acordo com as Escrituras, antes da torre de Babel "em toda a terra havia apenas uma linguagem e uma só maneira de falar" (Gênesis 11:1). Depois da edificação da torre e da sua destruição, Deus confundiu a língua de toda a terra (Gênesis 11:9). Muitos filólogos da atualidade atestam a probabilidade de tal origem para as línguas do mundo. Alfredo Trombetti afirma que isto pode identificar e demonstrar a origem comum de *todas* as línguas. Mas Mueller também fala dessa origem comum. E Otto Jespersen chega ao ponto de dizer que Deus deu a língua diretamente ao primeiro homem. 29/47

3E. Na genealogia de Esaú, mencionam-se os horeus (Gênesis 36:20). Outrora chegou-se a pensar que essas pessoas fossem "moradores de cavernas" devido à semelhança entre a palavra "horeu" e a palavra hebraica para "caverna" — daí a idéia de que morassem em cavernas. Hoje, no entanto, as descobertas têm revelado que os horeus constituíam um proeminente grupo de guerreiros que viviam no Oriente Próximo, à época patriarcal. 29/72

4E. Durante as escavações de Jerico (1930-1936) Garstang descobriu algo tão surpreendente que ele mesmo e dois outros membros da equipe redigiram e assinaram uma declaração do que haviam encontrado. Em relação a esses achados, Garstang diz: "De modo que quanto ao ponto principal, não há dúvida alguma: os muros caíram para fora de modo tão completo que os atacantes poderiam escalar as ruínas do muro e penetrar na cidade". E o que havia de incomum? O fato de que os muros das cidades não caem para fora, mas para dentro. Todavia, em Josué 6:20 lemos: "... o muro caiu rente com o chão, e o povo subiu à cidade, cada qual para o lugar que lhe ficava defronte, e tomaram a cidade" (IBB). Os muros foram construídos para cair para fora. 31/146

5E. Descobrimos que a genealogia de Abraão é, sem dúvida alguma, histórica. Contudo, parece haver alguma indagação sobre se esses nomes representam indivíduos ou antigas cidades. O que se sabe com certeza sobre Abraão é que ele foi um indivíduo e que de fato existiu. Como Burrows afirma: "Tudo indica que aqui temos um indivíduo histórico. Conforme comentou-se acima, ele não é mencionado em qualquer fonte arqueológica conhecida, mas seu nome aparece na Babilônia como um nome pessoal e isso no próprio período a que ele pertence". 17/258, 259

6E. Embora possivelmente não surjam provas arqueológicas das histórias dos patriarcas, os costumes sociais ali narrados harmonizam-se com os da época e região dos patriarcas. 17/278, 279

Muitas dessas provas surgiram com as escavações em Nizi e em Mari. A partir do trabalho em Ugarite, lançou-se luz sobre a poesia e a língua hebraicas. A legislação mosaica foi vista nos códigos hitita, assírio, sumério e de Eshunna. Através disso podemos enxergar a vida dos hebreus em contraste com o mundo que os cercava, e, conforme diz Albright, "essa é uma contribuição diante da qual tudo mais deve-se

tornar insignificante". 6/28

Não importa qual seja a convicção religiosa de diversos estudiosos, as descobertas até agora feitas os têm levado a afirmar a natureza histórica das narrativas relacionadas aos patriarcas. 104/305

7E. *Julius Wellhausen*, um crítico bíblico do século dezenove e bastante conhecido, achou que o registro da pia de bronze com espelhos não fazia parte do texto original do código sacerdotal. Diante disso, ele atribui ao tabernáculo uma data tardia demais para o período de Moisés. Contudo, não existem razões válidas para aceitar a data tardia (500 a.C.) de Wellhausen. Há provas arqueológicas específicas de espelhos de bronze existentes naquilo que é conhecido como sendo o Período Imperial da história egípcia (1500-1400 a.C.). Assim, vemos que esse período é contemporâneo ao de Moisés e do Êxodo (1500-1400 a.C.). 29/108

8E. *Henry M. Morris* comenta: "É claro que ainda existem problemas para uma completa harmonização do material arqueológico com a Bíblia, mas nenhum é tão sério a ponto de anular uma perspectiva concreta de solução iminente mediante investigação mais profunda. Deve ser extremamente significativo que, diante do grande volume de provas corroboradoras da história bíblica desses períodos, hoje não exista um único achado arqueológico inquestionável que comprove que a Bíblia está errada em algum ponto". 65/95

3D. *Exemplos do Novo Testamento*

1E. É inquestionável a credibilidade de Lucas como historiador. Unger nos informa que a arqueologia tem confirmado os relatos dos Evangelhos, especialmente o de Lucas. Nas palavras de Unger, "Hoje é geralmente aceito nos círculos eruditos que Atos dos Apóstolos é uma obra de Lucas, que pertence ao primeiro século e que exigiu a dedicação de um historiador cuidadoso, o qual foi substancialmente fiel no uso de suas fontes". 97/24

Sir William Ramsey é considerado um dos maiores arqueólogos que já existiu. Foi instruído de acordo com os princípios da escola histórica alemã de meados do século dezenove. Em consequência dessa formação, ele cria que o Livro de Atos fora composto em meados do século segundo A.D. Cria nisso com grande convicção. Numa pesquisa para fazer um estudo topográfico da Ásia Menor teve que considerar os escritos de Lucas. Como consequência, devido às provas surpreendentes que sua pesquisa revelou, viu-se forçado à alteração radical de suas convicções. Sobre isso ele comentou: "Posso afirmar com absoluta certeza que comecei esta investigação sem uma idéia preconcebida em favor da conclusão que procurarei demonstrar ao leitor. Pelo contrário, principiiei com uma atitude desfavorável, pois a engenhosidade e a aparente perfeição da teoria de Tubinga haviam, numa certa época, me convencido totalmente. Na ocasião não era meu propósito estudar o assunto minuciosamente; mas mais recentemente eu me vi em contato com o Livro de Atos, tendo-o como uma autoridade sobre a Ásia Menor em questões de topografia, e de usos e costumes da antiguidade. Para mim foi ficando cada vez mais claro que, em inúmeros detalhes, a narrativa revelava ser maravilhosamente verdadeira. Aliás, principiando com uma idéia fixa de que a obra era essencialmente uma composição do segundo século e jamais aceitando que seus dados refletissem as condições do primeiro século, pouco a pouco vim a descobrir nesse livro um útil aliado na investigação de alguns pontos obscuros e difíceis". 13/36 (citado do livro de Ramsey *St. Paul the Traveller and the Roman Citizen*).

Acerca da capacidade de Lucas como historiador, Ramsey chegou à conclusão, após trinta anos de estudo, de que "Lucas é um historiador de primeira linha; suas afirmações não são apenas dignas de crédito... *mas esse autor deve ser colocado entre os maiores historiadores*". 75/222

Ramsey acrescenta: "O relato de Lucas, em termos de fidedignidade, não tem rival". 76/81
O que Ramsey fez de modo conclusivo e definitivo foi eliminar certas possibilidades. Conforme se vê à luz das provas arqueológicas, o Novo Testamento reflete as condições da segunda metade do primeiro século A.D., e não as de qualquer data posterior. Historicamente é da maior importância que isso tenha ficado bem claro. Em todas as questões passíveis de confirmação, percebe-se que o autor de Atos foi de uma precisão e cuidado tão minuciosos como somente um contemporâneo poderia ser.

Em certa época cria-se que Lucas havia errado completamente nos acontecimentos que ele apresentou

como ocorridos à mesma época do nascimento de Jesus (Lucas 2:1-3). Os críticos afirmavam que não houve censo algum, que Quirino não era governador da Síria àquela época e que ninguém teve que voltar à terra natal de sua família para se recensear. 24/159, 160; 29/285

Primeiro, as descobertas arqueológicas revelaram que os romanos regularmente promoviam cadastramento de contribuintes de impostos e também realizavam censos a cada 14 anos. Na verdade essa prática começou sob o reinado de Augusto e ocorreu pela primeira vez em 23-22 a.C. ou em 9-8 a.C. Esta última data é provavelmente aquela a que Lucas se refere.

Segundo, temos indícios de que Quirino foi governador da Síria por volta de 7 a.C. Esta pressuposição baseia-se numa inscrição encontrada em Antioquia, que identifica Quirino com esse posto. Em consequência desse achado, atualmente se supõe que ele foi governador duas vezes — a primeira vez em 7 a.C. e a outra em 6 A.D. (a data atribuída por Josefo). 24/160

Finalmente, em relação à prática de alistamento, um papiro encontrado no Egito oferece orientação para a realização de um censo.

Nele se lê: "Devido ao censo que se aproxima, é necessário que todos aqueles que, por alguma razão, residem longe de sua terra de origem, preparem-se imediatamente para retornar à região administrativa de origem, a fim de completarem o cadastramento da família e a fim de que as terras cultivadas retenham aqueles a que elas pertencem". 24/159, 160; 29/285

Inicialmente os arqueólogos acreditavam que Lucas estava errado ao afirmar que Listra e Derbe ficavam na Licaônia, enquanto Icônio não ficava. (Atos 14:6). Baseavam sua crença em escritos de romanos, tais como os de Cícero, que indicavam que Icônio ficava também na Licaônia. Por isso, os arqueólogos diziam que o Livro de Atos não era confiável. Em 1910, contudo, Sir William Ramsey encontrou um monumento que mostrava que Icônio era uma cidade da Frígia. Descobertas posteriores confirmaram essa informação. 29/317

Entre outras referências históricas feitas por Lucas, encontra-se a menção a Lisânias, tetrarca de Abilene (Lucas 3:1), menção que é identificada com o início do ministério de João Batista, em 27 A.D. O único Lisânias conhecido dos historiadores da antiguidade era um que foi morto em 36 a.C. Contudo, uma inscrição encontrada perto de Damasco registra um "liberto de Lisânias, o Tetrarca", a qual é datada do período entre 14 e 29 A.D. 14/321

Na carta aos Romanos, escrita da cidade de Corinto, Paulo menciona o tesoureiro da cidade, Erasto (Romanos 16:23). Em 1929; durante as escavações de Corinto, encontrou-se um trecho calçado com a seguinte inscrição: ERASTVS PRO: AED: S: P: STRAVIT ("Erasto, administrador dos edifícios públicos, fez este calçamento às suas próprias custas"). De acordo com Bruce, muito provavelmente o calçamento foi feito no primeiro século, e o doador e o homem mencionado por Paulo são, com bastante probabilidade, a mesma pessoa. 16/95; 95/185

Também encontrou-se em Corinto um fragmento de inscrição que, acredita-se, continha na íntegra as palavras "Sinagoga dos Hebreus". Pode-se imaginar que essa inscrição ficasse sobre a porta da sinagoga em que Paulo debateu sobre o evangelho (Atos 18:4-7). Uma outra inscrição de Corinto menciona o "mercado de carne" da cidade, ao qual Paulo se refere em 1 Coríntios 10:25.

Assim, graças às inúmeras descobertas arqueológicas, a maioria das antigas cidades mencionadas no livro de Atos tem sido identificada. Como resultado dessas descobertas, hoje é possível identificar com precisão o trajeto percorrido por Paulo em suas viagens. 19/95; 7/118

Lucas escreve sobre o tumulto em Éfeso e descreve a realização de uma assembléia (*ecclesia*) civil num teatro (Atos 19:23ss). Os fatos são que a assembléia realmente se reunia naquele local, conforme se vê numa inscrição sobre estátuas de prata de Artemis (isto é, Diana), as quais deviam ser colocadas no "teatro durante uma reunião formal da *Ecclesia*". Feitas as escavações, comprovou-se que o teatro tinha espaço para comportar 25.000 pessoas. 14/236

Lucas também relata um tumulto ocorrido em Jerusalém pelo fato de Paulo levar um gentio ao templo (Atos 21:28). Encontraram-se inscrições em latim e em grego com os seguintes dizeres: "Nenhum estrangeiro tem permissão para atravessar o muro que cerca o templo e a área adjacente. Quem quer que for surpreendido nessa falta será pessoalmente responsável pela morte que lhe advirá". Mais uma vez comprovou-se que Lucas estava certos. 14/236

Também houve dúvida quanto ao uso que Lucas fazia de certas palavras. Lucas se refere a Filipos

como uma "parte" ou "distrito" da Macedônia. Ele emprega a palavra grega mera, que é traduzida por "parte" ou "distrito". F. J. A. Hort acreditava que Lucas estava errado no uso dessa palavra. Ele afirmava que *meris* referia-se a uma "porção", não a um "distrito", surgindo aí a razão de sua discordância. As escavações arqueológicas, no entanto, têm mostrado que essa mesma palavra, *meris*, era empregada para descrever as divisões de distrito. Dessa forma, mais uma vez a arqueologia comprova a exatidão de Lucas. 29/320

Atribuíram-se a Lucas outros usos inapropriados de palavras. Tecnicamente ele teria sido impreciso ao referir-se aos governantes de Filipos como *praetores*. De acordo com os "eruditos", dois *duumviri* (duúnviros) deviam ter governado a cidade. Mas, como sempre, Lucas estava certo. Descobertas têm mostrado que o Título de *praetor* era usado pelos magistrados de uma colônia romana. 29/321

A escolha que fez da palavra *procônsul* como título de Gálio (Atos 18:12) está correta, como comprova a inscrição de Delfos, que num trecho diz: "Lúcio Júnio Gálio, meu amigo e procônsul da Acaia..." 95/180

A inscrição de Delfos (52 A.D.) fornece um período definido de tempo para determinar a época do ministério de um ano e meio de Paulo em Corinto. Disso sabemos pelo fato, revelado por outras fontes, de que Gálio assumiu a função em primeiro de julho e que permaneceu no posto por apenas um ano, e que esse um ano na função de procônsul coincidiu parcialmente com o trabalho de Paulo em Corinto. 14/324

Lucas trata Públio, o principal líder em Malta, pelo título de "homem principal da ilha" (Atos 28:7). Através de escavações descobriram-se inscrições que lhe conferem o título de "homem principal". 14/325

Mais um caso é o do uso da palavra *politarxas* para designar as autoridades civis de Tessalônica (Atos 17:6). Uma vez que a palavra *politarxes* não é encontrada na literatura clássica, mais uma vez pressupôs-se que Lucas estivesse errado. No entanto, foram encontradas cerca de dezenove inscrições que empregam o título. Curiosamente, cinco dessas inscrições referem-se às autoridades de Tessalônica. 14/325

Em 1945, foram encontrados nos arredores de Jerusalém dois ossuários na forma de caixas de ossos. Esses ossuários exibiam inscrições que o descobridor, Eleazar L. Sukenik, afirmou serem "os mais antigos registros do cristianismo". Esses receptáculos fúnebres foram encontrados num túmulo usado antes de 50 A.D. As inscrições traziam dos dizeres *Iesous iou e Iesous aloth* Também havia quatro cruzes. É provável que a primeira inscrição seja uma oração a Jesus pedindo ajuda, e a segunda, uma oração pela ressurreição da pessoa, cujos ossos se encontravam no ossuário. 14/327, 328

Não é de admirar que E. M. Blaiklock, professor de Literatura Clássica na Universidade de Auckland, chegue à conclusão de que "Lucas é um historiador da mais alta capacidade, com todo o direito de ser colocado entre os grandes escritores gregos". 12/98

2E. O Pavimento. Durante séculos não se soube de qualquer registro acerca do pátio onde Jesus foi julgado por Pilatos (local denominado ábata, ou Pavimento, João 19:13).

Em *The Archaeology of Palestine* (A Arqueologia da Palestina), *William F. Albright* mostra que esse pátio ficava na Torre de Antônia, que era o quartel-general dos romanos em Jerusalém. Quando da reconstrução da cidade, à época de Adriano, a torre permaneceu soterrada, e só foi descoberta recentemente. 2/141

3E. *O Poço de Betesda*, outro local sem qualquer registro a não ser no Novo Testamento, pode agora ser localizado "com uma boa dose de certeza, na zona nordeste da cidade velha (a área denominada Bezeta, ou 'Novo Gramado'), no primeiro século A.D., onde, em 1888, durante escavações próximas à Igreja de Santa Ana, descobriram-se vestígios desse poço". 14/329

CONCLUSÃO

Depois de tentar refutar a historicidade e a validade das Escrituras, cheguei à conclusão de que elas são historicamente confiáveis. Se alguém rejeitar a Bíblia alegando não poder confiar nela, terá então, que rejeitar quase toda a literatura da antigüidade.

Um problema com que constantemente me defronto é o desejo de muitas pessoas de aplicarem um tipo de teste à literatura secular, e outro tipo à Bíblia. É preciso aplicar o mesmo teste, quer seja a literatura

examinada secular quer seja religiosa. Feito isto, creio que se pode segurar as Escrituras nas mãos e dizer: "Pode-se acreditar na Bíblia; ela é historicamente confiável".

As palavras de Sir Walter Scott em relação às Escrituras podem, com propriedade, servir de resumo para esta seção:

"Repousa nesse volume sério
Dos mistérios o mistério.
Felizes aqueles dentre a humana raça
A quem Deus concedeu a graça
De ler, temer, ter esperança, orar,
Abrir passagem e o caminho forçar;
E que jamais tivessem nascido melhor seria
Aqueles que lêem para duvidar ou para zombaria".
84/140

BIBLIOGRAFIA

1. ALBRIGHT, William F. *Archaeology and the Religions of Israel* (A Arqueologia e as Religiões de Israel). Baltimore: Johns Hopkins University, 1956.
- 2.----- . *The Archaeology of Palestine* (A Arqueologia da Palestina). Edição revista. Harmondsworth: Pelican, 1960.
- 3.----- . *The Biblical Period From Abraham to Ezra* (O Período Bíblico de Abraão a Esdras). Nova Iorque: Harper&Row, 1960.
4. ----- . "The Elimination of King 'So'" (A Eliminação do Rei "So"). In: *The Bulletin of the American Schools of Oriental Research* (Boletim das Escolas Norte-Americanas de Pesquisa Oriental). No 171. out. 1963, p. 66.
- 5----- . *From the Stone Age to Christianity* (Da Idade da Pedra ao Cristianismo). Baltimore: Johns Hopkins, 1946.
- 6" ----- . "Old Testament and the Archaeology of the Ancient East" (O Antigo Testamento e a Arqueologia do Antigo Oriente). In: ROW-LEY, Harold Henry. *Old Testament and Modern Study* (O Antigo Testamento e a Pesquisa Moderna). Oxford: Oxford University, 1951.
- 7----- . *Recent Discoveries in Bible Lands* (Descobertas Recentes nas Terras Bíblicas). Nova Iorque: Funk and Wagnalls, 1955. Por cortesia da editora.
8. ANDERSON, J. *The Bible, the Word of God* (A Bíblia: A Palavra de Deus) Brighton: s.l., 1905.
9. _____ . *Christianity: The Witness of History* (Cristianismo: O Testemunho da História). Londres: Tyndale, 1969. Usado com permissão da Inter-Varsity Press (Downers Grove, Illinois, Estados Unidos).
10. ARCHER, Gleason. *Merece Confiança o Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1974.
11. ARISTÓTELES. *Aristotle's Art of Poetry; a Greek View of Poetry and Drama* (A Arte Poética de Aristóteles; um Ponto-de-Vista Grego sobre a Poesia e Literatura Teatral) Oxford: Clarendon Press, 1961.
12. ALAIKLOCK, Edward Musgrave. *The Acts of the Apostles* (Os Atos dos Apóstolos). Grand Rapids: William B. Eerdmans, 1959. Usado com permissão.
13. . *Layman's Answer: An Examination of the New Testament Theology* (A Resposta do Leigo: Uma análise da Teologia do Novo Testamento). Londres: Hodder and Stoughton, 1968.
14. BRUCE, F. F. "Archaeological Confirmation of the New Testament" (Comprovação Arqueológica do Novo Testamento) In: HENRY, Carl, ed. *Revelation and the Bible*. (A Revelação e a Bíblia). Grand Rapids: Baker, 1969.
15. _____ . *The Books and the Parchments* (Os Livros e os Pergaminhos). Edição revista. Westwood: Fleming H. Revê 11, 1963.
16. ----- . *Merece Confiança o Novo Testamento?* São Paulo: Vida Nova, 1965.
17. BURROWS, Millar. *What Mean These Stones?* (Que Significam Essas Pedras?) Nova Iorque: Meridian, 1956.
18. COLLETT, Sidney. *What Iowí the Bible* (Tudo Acerca da Bíblia) Old Tappan: Revê 11, s.d.
19. COLLIER, Donald. "New Radiocarbon Method for Dating the Past" (Novo Método de Radiocarbono para Datação do Passado) In: WRIGHT, G. E. e FREEDMAN, D.

- N., ed. *Biblical Archaeologist Reader* (Compêndio do Arqueólogo Bíblico) Nova Iorque: Doubleday?Co.,1961.
20. CULVER, Robert D. "The Old Testament as Messianic Prophecy" (O Antigo Testamento como Profecia Messiânica) In: *Bulletin of the Evangelical Theological Society* (Boletim da Sociedade Teológica Evangélica), vol. 7, n. 3., 1964.
 21. DAVIDSON, Samuel. *Hebrew Text of the Old Testament* (O Texto Hebraico do Antigo Testamento). 2ª ed. Londres: Samuel Bagster? Sons, 1859.
 22. DODD, C. H. *More New Testament Studies* (Mais Estudos Sobre o Novo Testamento). Manchester: University Press, 1968.
 23. EARLE, Ralph. *How We Got Our Bible* (Como Obtivemos a Bíblia) Grand Rapids: Baker, 1971.
 24. ELDER, John. *Prophets, Idols and Diggers* (Profetas, ídolos e Escavadores) Indianápolis, Nova Iorque: Bobbs-Merrill, 1960.
 25. ENCYCLOPAEDIA Britannica (Enciclopédia Britânica) vol. 3. Reimpresso com permissão, copirraite de Encyclopaedia Britannica, 1970.
 26. EUSÉBIO. *Ecclesiastical History*. (Histórias Eclesiásticas) Edição de Loeb. VII, 2; II, 15.
 27. FINKELSTEIN, Louis, ed. *The Jews, Their History, Culture, and Religion* (Os Judeus: História, Cultura e Religião) 3a. ed. Nova Iorque: Harper and Brothers, 1960. vol.1.
 28. FRANK, Henry Thomas. *Bible, Archaeology and Faith* (Bíblia, Arqueologia e Fé) Nashvüle: Abingdom, 1971.
 29. FREE, Joseph. *Archaeology and Bible History* (A Arqueologia e a História Bíblica). Wheaton: Scripture Press, 1969.
 30. FREEDMAN, D. N. ? GREENFIELD, J. C, ed. *New Directions in Biblical Archaeology* (Novos Rumos na Arqueologia Bíblica) Gar-den City: Doubleday ? Co., 1969.
 31. GARSTANG, John. *The Foundations of Bible History; Joshua, Judges* (Os Fundamentos da História Bíblica; Josué, Juizes) Londres: Constable, 1931.
 32. GEISLER, Norman L. ? NIX, William E. *A General Introduction to the Bible* (Uma Introdução Geral à Bíblia) Chicago: Moody, 1968.
 33. GLUECK, Nelson. *Rivers in the Desert; History of Negev* f Rios no Deserto: História do Negueve). Filadélfia: Jewish Publications Society of America, 1969.
 34. GRANT, F. C. *An Introduction to the Revised Standard Version of the New Testament 1946*.
 35. GREEN, Michael. *Mundo em Fuga*. São Paulo: Vida Nova, s.d.
 36. GREEN, William Henry. *General Introduction to the Old Testament*
— *The Text* (Introdução Geral ao Antigo Testamento - O Texto) Nova Iorque: C. Scribnefs Sons, 1899.
 37. GREENLEE, J. Harold. *Introduction to New Testament Textual Criticism* (Introdução à Crítica Textual do Novo Testamento) Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 1964. Usado com permissão.
 38. GREENSLADE, Stanley Lawrence, ed. *Cambridge History of the Bible* (A História da Bíblia, de Cambridge) Nova Iorque: Cambridge university, 1963.
 39. HALL. F. W. "MS Authorities for the Text of Chief Classical Writers"
(Manuscritos de Valor Reconhecido do Texto dos Principais Escritores Clássicos) In: *COMPANION to Classical Text* (Manual de Literatura Clássica). Oxford: Clarendon, 1913. Usado com permissão.
 40. HARRISON, R. K. *Introduction to the Old Testament* (Introdução ao Antigo Testamento) Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 1969. Usado com permissão.
 41. HEDDEL, Alexander. *The Babylonian Gênesis* (O Gênesis Babilônico) Chicago: University of Chicago, 1963.
 42. HORN, Robert M. *The Book That Speaks for Itself*(O Livro que Fala por Si). Downers Grove: Inter-Varsity, 1970. Usado com permissão.
 43. HORT, Fenton John Anthony & WESTCOTT, Brooke Foss. *The New Testament in the Original Greek* (O Novo Testamento no Original Grego). Nova Iorque: McMillan, 1881. vol. 1.
 44. JAGANAY, Leo. *An Introduction to the Textual Criticism of the New Testament* (Uma Introdução à Crítica Textual do Novo Testamento) Traduzido para o inglês por B. V. Miller. Londres: Sands and Co., 1937.
 45. JOSEFO, Flávio. "Flávius Josephus Against Apion" (Flávio Josefo Contra Ápion). In: *Josephus*,

- Complete Works* (Josefo: Obras Completas). Traduzido para o inglês por William Shiston. Grand Rapids: Kregel, 1960.
46. KENYON, Frederic G. *The Bible and Archaeology* (A Bíblia e a Arqueologia) Nova Iorque: Harper & Row, 1940.
47. _____ . *The Bible and Modern Scholarship* (A Bíblia e a Erudição moderna). Londres: John Murray, 1948.
48. _____ . *Our Bible and the Ancient Manuscripts* (Nossa Bíblia e os manuscritos Antigos). Nova Iorque: Harper & Brothers, 1941.
50. _____ . *The Story of the Bible* (A História da Bíblia). Grand Rapids: Wm B. Eerdmans, 1967. Usado com permissão.
51. KLAUSNER, Joseph. *Jesus of Nazareth* (Jesus de Nazaré). Nova Iorque: The Macmillan Co., 1946.
52. KLINE, M. G. *Treaty of the Great King* (O Tratado do Grande Rei) Grand Rapids: William B. Eerdmans, 1963. Usado com permissão.
53. LAKE, Kirsopp. "Caesarean Text of the Gospel of Mark" (O Texto de Cesaréia do Evangelho de Marcos). In: *Harvard Theological Review* (Revista Teológica de Harvard). vol. 21, 1928.
54. LAPP, Paul W. *Biblical Archaeology and History* (Arqueologia Bíblica e História). Nova Iorque: World Publishing Co., 1969.
55. LATOURETTE, Kenneth Scott. *A History of Christianity* (Uma História do Cristianismo): Nova Iorque: Harper & Row, 1953.
56. LEA, John W. *The Greatest Book in the World* (O Maior Livro do Mundo). Filadélfia: s. ed., 1929.
57. _____ *The Book of Books* (O Livro dos Livros). Filadélfia: s. ed., 1922.
58. LEACH, Charles. *Our Bible. How We Got It* (Nossa Bíblia, Como A Obtivemos). Chicago: Moody, 1898.
59. LIPLADY, Thomas. *The Influence of the Bible. (A influência da Bíblia)*. Nova Iorque: Fleming H. Revell, 124.
60. McAFEE, Cleland B. *The Greatest English Classic* (O Maior Clássico em Inglês) Nova Iorque: s. ed., 1912.
61. METZGER, Bruce. *Chapters in the History of New Testament Textual Criticism* (Capítulos da História da Crítica Textual do Novo Testamento). Grand Rapids: William B. Eerdmans, 1963.
62. _____ . *The Text of the New Testament* (O Texto do Novo Testamento). Grand Rapids: William B. Eerdmans, 1968.
63. MONTGOMERY, John W. "Evangelicals and Archaeology" (Os Evangélicos e a Arqueologia). In: *Christianity Today* (Cristianismo Hoje) 16 ago. 1968. Usado com permissão.
64. _____ . *History and Christianity* (A História e o Cristianismo). Downers Grove: Inter-Varsity, 1971. Usado com permissão.
65. MORRIS, Henry. *The Bible and Modern Science* (A Bíblia e a Ciência Moderna). Edição revista. Chicago: Moody, 1956.
66. MOYER, Elgin S. *Who Was Who in Church History* (Quem Foi Quem na História da Igreja) Edição revista. Chicago: Moody, 1968. Usado com permissão.
67. MURRAY, John. "The Attestation of Scripture" (A Confirmação das Escrituras) In: *The Infallible Word (a symposium)* (A Palavra Infalível — Um Simpósio) Filadélfia: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1946.
68. NEILL, Stephen. *The Interpretation of the New Testament – 1861-1961* (A Interpretação do Novo Testamento - 1861-1961) Londres: Oxford University, 1966.
69. PETERS, S. E. *The Harvest of Hellenism* (A Colheita da Cultura Grega) Nova Iorque: Simon and Schuster, 1971.
70. PFEIFFER, R. H. *Introduction to the Old Testament* (Introdução ao Antigo Testamento) Nova Iorque: Harper & Row, 1948.
71. RADMACHER, Earl. Conversa com o dr. Earl Radmacher, ocorrida em junho de 1972, em Dallas (Estados Unidos)
72. RAMM, Bernard. "Can I Trust My Old Testament?" (Posso Confiar no Meu Antigo Testamento?) In: *The King's Business* (Os Negócios do Rei). Fev. 1949.
73. _____ . *Protestant Christian Evidences* (Provas Cristãs Protestantes) Chicago: Moody, 1957. Usado com permissão.

74. RAMSEY, Sir W. M. *The Bearing of Recent Discovery on the Trustworthiness of the New Testament* (A Relação de Descobertas Recentes com a Credibilidade do Novo Testamento). Londres: Hodder and Stoughton, 1915.
75. RAMSEY, W. M. *The Bearing of Recent Discovery on the Trustworthiness of the New Testament* (A Relação de Descobertas Recentes com a Credibilidade do Novo Testamento) Grand Rapids: Baker, 1953.
76. _____. *St. Paul the Traveller and the Roman Citizen* (São Paulo: o viajante e o Cidadão Romano) Grand Rapids: Baker 1962.
77. ROBERTSON, Archibald T. *An Introduction to the Textual Criticism of the New Testament* (Uma Introdução à Crítica Textual do Novo Testamento) Londres: s. ed., 1907.
78. ROBERTSON, A. T. *Introduction to the Textual Criticism of the New Testament* (Introdução à Crítica Textual do Novo Testamento) Nashville: Broadman, 1925.
79. ROBINSON, John A. T. *Redating the New Testament* (Atribuindo Novas Datas ao Novo Testamento) Londres: SCM Press, 1976.
80. ROWLEY, H. H. *The Growth of the Old Testament* (A Formação do Antigo Testamento). Londres: Hutchinson's University Library, 1950.
81. SANDERS, C. *Introduction in Research in English Literary History* (Introdução à Pesquisa da História da Literatura Inglesa) Nova Iorque: Macmillan, 1952.
82. SCHAFF, Philip. *Companion to the Greek Testament and the English Version* (Manual sobre o Testamento Grego e a Versão Inglesa) Edição revista. Nova Iorque: Harper and Brothers, 1883.
83. _____. *History of the Christian Church* (História da Igreja Cristã). Grand Rapids: William B. Eerdmans, 1960. vol 1. Usado com permissão.
84. SCOTT, Sir Walter. *The Monastery* (O Mosteiro). Boston: Houghton Mifflin, 1913.
85. SKILTON, John H. "The Transmission of the Scripture" (A Transmissão das Escrituras). In: *The Infallible Word (a symposium) (A Palavra Infalível - Um Simpósio)*. Filadélfia: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1946.
86. SMITH, Wilbur M. *The Incomparable Book* (O Livro Incomparável) Minneapolis: Beacon Publications, 1961.
87. SOUTER, Alexander. *The Text and Canon of the New Testament* (O Texto e o Cânon do Novo Testamento). Nova Iorque: Charles Scribner's Sons, 1912.
88. STONEHOUSE, Ned B. "The Authority of the New Testament" (A Autoridade do Novo Testamento) In: *The Infallible Word a symposium) (A Palavra Infalível - Um Simpósio)*. Filadélfia: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1946.
89. STOTT, John R. W. *Cristianismo Básico*. São Paulo: Vida Nova.
90. STREETER, Burnett Hillman. *The Four Gospels* (Os Quatro Evangelhos). Londres: Macmillan & Co., 1930.
91. TENNEY, Merrill C. "Reversals of New Testament Criticism" (Mudanças na Crítica do Novo Testamento). In: HENRY, Carl, ed. *Revelation and the Bible* (A Revelação e a Bíblia) Grand Rapids: Baker, 1969.
92. TURNER, E. G. *Greek Manuscripts of the Ancient World* (Manuscritos Gregos do Mundo Antigo) Princeton: Princeton University, 1971.
93. TURNER, H. E. *The Historicity of the Gospels* (A Historicidade dos Evangelhos) Londres: A. R. Mowbray, 1963.
94. VARDAMAN, Jerry. *Archaeology and the Living Word* (A Arqueologia e a Palavra Viva) Nashville: Broadman, 1965.
96. VOS, Howard. *Gênesis and Archaeology* (Gênesis e a Arqueologia. Chicago: Moody, 1963. Usado com permissão.
97. UNGER, Merrill F. *Archaeology and the New Testament* (A Arqueologia e o Novo Testamento) Grand Rapids: Zondervan, 1962. Usado com permissão.
98. _____. *Archaeology and the Old Testament* (A Arqueologia e o Antigo Testamento). Chicago: Moody, 1954. Usado com permissão.
99. _____. *Unger's Bible Dictionary* (Dicionário Bíblico de Unger) Edição revista. Chicago: Moody, 1971. Usado com permissão.
100. WARFIELD, Benjamin B. *Introduction to Textual Criticism of the New Testament* (Introdução à Crítica Textual do Novo Testamento). 7a. ed. Londres: Hodder and Stoughton, 1907.

101. WHITCOMB Jr., John C. *Darius the Mede* (Dario, o Meda). Filadélfia: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1963.
102. WILSON, Robert Dick. *A Scientific Investigation of the Old Testament* (Uma Investigação Científica do Antigo Testamento) Chicago: Moody, 1959. Usado com permissão.
103. _____ . *Which Bible?* (Qual Bíblia?) Editado por David Otis Fuller.
104. WISEMAN, Donald F. "Archaeological Confirmation of the Old Testament" (Confirmação Arqueológica do Antigo Testamento) In: HENRY, Carl, ed. *Revelation and the Bible* (A Revelação e a Bíblia) Grand Rapids: Baker, 1969.
105. WRIGHT, G. E. & FREEDMAN, D. N. *Biblical Archaeologist Reader* (Compêndio do Arqueólogo Bíblico). Nova Iorque: Doubleday and Co., 1961.
106. WRIGHT, G. E. *Biblical Archaeology* (Arqueologia Bíblica). Filadélfia: Westminster, 1957.
107. . "Some Radiocarbon Dates" (Algumas Datas Estabelecidas por Radiocarbono) In: WRIGHT, G. E. & FREEDMAN, D. N., ed. *Biblical Archaeologist Reader* (Compêndio do Arqueólogo Bíblico) Garden City: Doubleday and Co., 1961.
108. YOUNG, Edward J. "The Authority of the Old Testament" (A Autoridade do Antigo Testamento) In: *The Infallible Word – a symposium* - (A Palavra Infalível — Um Simpósio) Filadélfia: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1946.

SEGUNDA PARTE:

SE JESUS NÃO ERA DEUS, ENTÃO MERECE O PRÊMIO DE MELHOR ATOR...

Esta parte do livro é extremamente importante porque trata da pessoa de Jesus Cristo. Quem Ele é? É o Filho de Deus? A resposta é crucial, pois se Ele é de fato quem Ele afirmava ser, o Messias, o Filho de Deus, então o relacionamento eterno de uma pessoa com Deus dependerá do relacionamento que tiver, nesta vida, com Cristo. Estas anotações mostrarão que Jesus foi um Super-Salvador, e não um Super-homem, um Superartista ou um Superstar.

capítulo 5:

Jesus - Um Homem da História...

1A. JESUS É UM HOMEM DA HISTÓRIA

Num debate promovido pelo diretório central de estudantes de uma universidade no meio-oeste dos Estados Unidos, minha oponente, uma candidata de Nova Iorque ao Congresso Americano, pelo Partido Trabalhista Progressista (marxista), disse em seus comentários iniciais: "Os historiadores de hoje têm agido muito bem, rejeitando a historicidade de Jesus..." Eu não podia acreditar no que estava ouvindo (mas felizmente ela disse aquilo, pois logo depois os estudantes iriam perceber que ela não tinha se preparado para falar sobre história). Aconteceu de justamente naquela ocasião eu ter comigo as anotações e dados apresentados a seguir, de modo que pude usá-los em minha refutação. Certamente não são os historiadores (talvez sejam uns poucos economistas) que propagam a teoria do "mito de Cristo" acerca de Jesus.

Conforme F. F. Bruce, professor Catedrático de Crítica e Exegese da Bíblia, na Universidade de Manchester, corretamente afirmou: "Alguns escritores podem brincar com a idéia fantasiosa de um 'mito de Cristo', mas não podem fazê-lo com base nos dados históricos. A historicidade de Cristo é tão axiomática para um historiador desprovido de preconceitos como é a historicidade de Júlio César. Não são os historiadores que propagam as teorias a respeito de um 'mito de Cristo'". 2/119

Otto Betz conclui que "nenhum pesquisador sério se aventurou a postular a não historicidade de Jesus". 1/9

1B. Fontes Cristãs que Favorecem a Historicidade de Jesus

1C. VINTE E SETE DOCUMENTOS DO NOVO TESTAMENTO (Veja p. 49ss).

John Montgomery indaga "O que, então, um historiador sabe a respeito de Jesus Cristo? Antes de mais nada, ele sabe que os documentos do Novo Testamento são confiáveis, podendo oferecer uma descrição fidedigna de Jesus. Também sabe que não pode se desfazer de maneira racionalista dessa descrição, seja por um raciocínio tendencioso, por pressuposições que refletem uma tendência filosófica, ou por manipulação literária". 6/40

2C. OS PAIS DA IGREJA

Policarpo, Eusébio, Irineu, Inácio, Justino, Orígenes, etc. (Veja p. 64.)

2B. Fontes Não-bíblicas que Favorecem a Historicidade de Jesus

1C. CORNÉLIO TÁCITO (nascido em 52-54 A.C.)

Historiador romano, governador da Síria em 112 A.D., genro de Júlio Agrícola, que foi governador da Grã-Bretanha em 80-84 A.D., ao escrever sobre o reinado de Nero, Tácito refere-se à morte de Cristo e à existência de cristãos em Roma: "Mas nem todo o socorro que uma pessoa poderia ter prestado, nem todas as recompensas que um príncipe poderia ter dado, nem todos os sacrifícios que puderam ser feitos aos deuses, permitiram que Nero se visse livre da infâmia da suspeita de ter ordenado o grande incêndio, o incêndio de Roma. De modo que, para acabar com os rumores, acusou falsamente as pessoas comumente chamadas de cristãos, que eram odiadas por suas atrocidades, e as puniu com as mais terríveis torturas. Christus, o que deu origem ao nome cristão, foi condenado à morte por Pôncio Pilatos, durante o reinado de Tibério; mas, reprimida por algum tempo, a superstição perniciosa irrompeu novamente, não apenas em toda a Judéia, onde o problema teve início, mas também em toda a cidade de Roma" (*Anais* XV.44).

Sulpício Severo (Crôn. ii. 30.6) preservou um pequeno trecho das *Histórias*, de Tácito, onde este, ao tratar da destruição por fogo do templo de Jerusalém em 70 A.D., faz uma outra referência ao cristianismo.

2C. LUCIANO DE SAMOSATA

Foi um escritor satírico do século segundo, tendo zombado de Cristo e dos cristãos. Luciano relacionou os cristãos com as sinagogas da Palestina e referiu-se a Cristo como "...o homem que foi crucificado na Palestina porque introduziu uma nova seita no mundo... Além disso, o primeiro legislador dos cristãos os persuadiu de que todos eles seriam irmãos uns dos outros, após terem finalmente cometido o pecado de negar os deuses gregos, adorar o sofista crucificado e viver de acordo com as leis que ele deixou" (*O Peregrino Passageiro*).

Luciano também menciona várias vezes os cristãos em *Alexandre, o Falso Profeta*, seções 25 e 29.

3C. FLÁVIO JOSEFO (nascido em 37 A.D.)

Historiador judeu, Josefo tornou-se fariseu aos 19 anos de idade; no ano 66 estava comandando as forças judaicas na Galiléia. Num texto de autenticidade bastante questionada, ele afirma: "Por essa época surgiu Jesus, um homem sábio, se é que é correto chamá-lo de homem, pois operava obras maravilhosas, e era um mestre que fazia as pessoas receberem a verdade com prazer. Ele congregou junto a si muitos judeus e muitos gentios. Ele era o Cristo, e quando Pilatos, por sugestão dos principais líderes dentre nós, condenou-o à cruz, aqueles que desde o início o amavam não o largaram; pois ele tornou a aparecer-lhes vivo ao terceiro dia, tal como os profetas de Deus haviam predito essas e mais dez mil outras coisas a seu respeito. E a tribo dos cristãos, que tem esse nome devido a ele, existe até hoje" (*Antigüidades* xviii.33 início do segundo século).

O texto em árabe dessa mesma passagem é o seguinte: "Nessa época havia um homem sábio chamado Jesus. Seu comportamento era bom, e sabia-se que era uma pessoa de virtudes. Muitos dentre os judeus e de outras nações tornaram-se seus discípulos. Pilatos condenou-o à crucificação e à morte. E aqueles que

havia sido seus discípulos não deixaram de segui-lo. Eles relataram que Ele lhes havia aparecido três dias depois da crucificação e que Ele estava vivo; dessa feita, talvez Ele fosse o Messias, sobre o qual os profetas relatam maravilhas".

“O trecho acima encontra-se no manuscrito em árabe que tem o título 'Kitab Al-Unwan Al-Mukallal Bi-Fadail Al-Hikma Al Mutawwaj Bi-Anwa Al Falsafa Al-Manduh Bi-Haqaq Al-Marifa'. Uma tradução aproximada desse título é : "Livro da História Dirigida por Todas as Virtudes. Coroada com Várias Filosofias e Bendita pela Verdade do Conhecimento".

Esse manuscrito, de autoria do bispo Apáprio (século décimo), possui uma seção que assim começa: "Temos descoberto em muitos livros dos filósofos que eles se referem ao dia da crucificação de Cristo". Ele então apresenta uma lista, bem como cita trechos, das obras antigas. Algumas obras são conhecidas dos estudiosos modernos, outras não. 8/s. p.

Também encontramos em Josefo uma alusão a Tiago, o irmão de Jesus. Em *Antiguidades XX* 9:1 ele descreve a conduta do sumo-sacerdote Anano: "Mas o jovem Anano, que, como já dissemos, assumia a função de sumo-sacerdote, era uma pessoa de grande coragem e excepcional ousadia; era seguidor do partido dos saduceus, os quais, como já demonstramos, eram rígidos no julgamento de todos os judeus. Com esse temperamento, Anano concluiu que o momento lhe oferecia uma boa oportunidade, pois Festo havia morrido, e Albino ainda estava a caminho. Assim, reuniu um conselho de juizes, perante o qual trouxe Tiago, irmão de Jesus chamado Cristo, junto com alguns outros, e, tendo-os acusado de infração à lei, entregou-os para serem apedrejados". 2/107

4C. SUETÔNIO (120A.D.)

Um outro historiador romano, oficial da corte de Adriano, escritor dos anais da Casa Imperial, diz: "Como os judeus, por instigação de Chrestus (uma outra forma de escrever Christus), estivessem constantemente provocando distúrbios, ele os expulsou de Roma" (*Vida de Cláudio*, 25.4).

Escreve também: "Nero infligiu castigo aos cristãos, um grupo de pessoas dadas a uma superstição nova e maléfica" (*Vidas dos Césares*, 26.2).

5C. PLÍNIO SEGUNDO, PLÍNIO O JOVEM

Governador da Bitínia, na Ásia Menor (112 A.D.), Plínio escreveu ao imperador Trajano, solicitando orientação sobre como tratar os cristãos.

Na carta ele explicava que vinha matando homens e mulheres, meninos e meninas. Eram tantos os que estavam sendo mortos que tinha dúvidas se deveria continuar matando todos os que se descobrisse serem cristãos ou apenas determinados cristãos. Ele explicou que fizera os cristãos se curvarem perante as estátuas de Trajano. Prossegue dizendo que ele também "os fez amaldiçoarem a Cristo, o que não se consegue obrigar um cristão verdadeiro a fazer". Na mesma carta ele fala das pessoas que estavam sendo julgadas: "Eles afirmavam, no entanto, que sua única culpa, seu único erro, era terem o costume de se reunirem antes do amanhecer num certo dia determinado, quando então cantavam responsivamente os versos de um hino a Cristo, tratando-o como Deus, e prometiam solenemente uns aos outros a não cometerem maldade alguma, não defraudarem, não roubarem, não adulterarem, nunca mentirem, e a não negar a fé quando fossem instados a fazê-lo" (*Epístolas X.96*).

6C. TERTULIANO

Jurista e teólogo de Cartago, ao fazer em 197 A.D. uma defesa do cristianismo perante as autoridades romanas na África, Tertuliano menciona a correspondência trocada entre Tibério e Pôncio Pilatos: "Portanto, naqueles dias em que o nome cristão começou a se tornar conhecido no mundo, Tibério, tendo ele mesmo recebido informações sobre a verdade da divindade de Cristo, trouxe a questão perante o Senado, tendo já se decidido a favor de Cristo. O Senado, por não haver dado ele próprio a aprovação, rejeitou a proposta. César manteve sua opinião, fazendo ameaças contra todos os acusadores dos cristãos" (*Apologia*, V.2). Alguns historiadores questionam a historicidade dessa passagem. (Veja também Justino Mártir, *Apologia*, 1.35.)

7C. TALO, O HISTORIADOR SAMARITANO

Talo, que escreveu em 52 A.D. é um dos primeiros escritores gentios a mencionar Cristo. No entanto, seus escritos se perderam, e deles temos conhecimento só através de pequenas citações feitas por outros escritores. Um destes é Júlio Africano, um escritor cristão que viveu por volta de 220 A.D. Um trecho bem interessante diz respeito a um comentário feito por Talo. Júlio Africano escreve: "Talo, no terceiro dos livros que escreveu sobre a história, explica essa escuridão como um eclipse do sol — o que me parece ilógico' (é claro que é ilógico, pois um eclipse solar não poderia acontecer em época de lua cheia, e foi na época da lua cheia da Páscoa que Cristo morreu)."

Assim, a partir dessa citação percebemos que o relato dos Evangelhos acerca das trevas que se abateram sobre a terra por ocasião da crucificação de Cristo era bem conhecido, e exigia uma explicação naturalista por parte daqueles não-crentes que haviam testemunhado o acontecimento. 2/113

8C. FLÊGÃO, UM HISTORIADOR DO PRIMEIRO SÉCULO

Suas *Crônicas* se perderam, mas um pequeno trecho dessa obra, que confirma a escuridão sobre a terra na hora da crucificação, também é mencionado por Júlio Africano. Depois de comentar a opinião ilógica de Talo sobre a escuridão, Júlio Africano cita Flêgão: "Durante o tempo de Tibério César, ocorreu um eclipse do sol durante a lua cheia" (7/IIB, seção 256fl6, p. 1165).

Flêgão também é mencionado por Orígenes em *Contra Celso* (Livro 2, seções 14, 33, 59).

Filôpão (*De opif. mund.* II 21) diz: "E sobre essas trevas... Flêgão menciona-as em *Olimpíadas* (o título do livro que escreveu)". Ele diz que "Flêgão mencionou o eclipse que aconteceu durante a crucificação do Senhor Cristo e não algum outro eclipse; está claro que ele não tinha conhecimento, a partir de suas fontes, de qualquer eclipse (semelhante) que tivesse anteriormente ocorrido... e isso se vê nos próprios relatos históricos sobre Tibério César" (4/IIB, seção 257 fl6, c, p. 1165).

9C. A CARTA DE MARA BAR-SERAPIÃO

F. F. Bruce assinala que existe: "...no Museu Britânico um interessante manuscrito que preserva o texto de uma carta escrita um pouco depois de 73 A.D., embora não possamos precisar a data. Essa carta foi enviada por um sírio de nome Mara Bar-Serapião a seu filho Serapião. Na época Mara Bar-Serapião estava preso, mas escreveu para incentivar o filho na busca da sabedoria, tendo ressaltado que os que perseguiram homens sábios foram alcançados pela desgraça. Ele dá o exemplo de Sócrates, Pitágoras e Cristo: 'Que vantagem os atenienses obtiveram em condenar Sócrates à morte? Fome e peste lhes sobrevieram como castigo pelo crime que cometeram. Que vantagem os habitantes de Samos obtiveram ao pôr fogo em Pitágoras? Logo depois sua terra ficou coberta de areia. Que vantagem os judeus obtiveram com a execução de seu sábio Rei? Foi logo após esse acontecimento que o reino dos judeus foi aniquilado. Com justiça Deus vingou a morte desses três sábios: os atenienses morreram de fome; os habitantes de Samos foram surpreendidos pelo mar; os judeus, arruinados e expulsos de sua terra, vivem completamente dispersos. Mas Sócrates não está morto; ele sobrevive nos ensinamentos de Platão. Pitágoras não está morto; ele sobrevive na estátua de Hera. Nem o sábio Rei está morto; Ele sobrevive nos ensinamentos que deixou". 2/114

10C. JUSTINO MÁRTIR

Por volta de 150 A.D., Justino Mártir, ao escrever a *Defesa do Cristianismo*, enviada ao imperador Antônio Pio, sugere ao imperador que consulte o relato de Pilatos, o qual Justino supunha que devia estar guardado nos arquivos imperiais. Ele diz que as palavras "transpassaram meus pés e mãos" são uma descrição dos cravos que prenderam suas mãos e pés na cruz; e depois de o crucificarem, aqueles que o crucificaram sortearam suas roupas e dividiram-nas entre si. E se tais coisas assim aconteceram, poderás verificar nos 'Atos' que foram escritos no governo de Pôncio Pilatos". Posteriormente ele diz: "Poderás facilmente conferir nos 'Atos' de Pôncio Pilatos que Ele realizou esses milagres" (*Apologia* 1.48).

Elgin Moyer, em *Who Was Who in Church History* (Quem foi Quem na História da Igreja), descreve Justino Mártir como um: "... filósofo, mártir, apologeta, nascido em Flávia Neápolis. Com boa formação,

parece ter tido recursos suficientes para levar uma vida de estudos e viagens. Sendo um ávido inquiridor da verdade, bateu sucessivamente às portas do estoicismo, aristotelismo, pitagorismo e platonismo, mas detestou o epicurismo. No início teve algum contato com os judeus, mas não se interessou pela religião seguida por eles. O platonismo foi o que mais exerceu atração sobre ele, e ele imaginava que estava em vias de atingir o alvo de sua filosofia - a visão de Deus - quando, num certo dia, numa caminhada solitária à beira-mar, o jovem filósofo encontrou um idoso e venerável cristão, pessoa de semblante agradável e de uma serena dignidade. Esse humilde cristão abalou a confiança de Justino na sabedoria humana e mostrou-lhe os profetas hebreus, 'homens que viveram antes do que todos aqueles filósofos de renome, homens cujos escritos e ensinamentos predisseram a vinda de Cristo...' Seguindo o conselho daquele senhor idoso, esse zeloso platonista tornou-se um cristão de verdade. Ele afirmou: 'Descobri que só esta filosofia é segura e proveitosa'. Depois da conversão, ocorrida no início da idade adulta, ele se consagrou de coração à defesa e à divulgação da religião cristã". 7/227

11C. OS TALMUDES JUDEUS (Veja p. 38)

ToVdoth Yeshu. Há referência a Jesus como "Ben Pandera".

Talmude Babilônico. Diz: "... e penduraram-no na véspera da Páscoa".

O título que o *Talmude* dá a Jesus: "Ben Pandera (ou 'Ben Pantere')" e "Jeshu ben Pandera". Muitos estudiosos afirmam que "pandera" é um jogo de palavras, um trocadilho com a palavra grega panthenos, que significa "virgem" chamando-o de "filho de uma virgem". Joseph Klausner, um judeu, afirma que "o nascimento ilegítimo de Jesus era uma idéia corrente entre os judeus..."

Os comentários na *Baraila* são de grande valor histórico: "Na véspera da Páscoa eles penduraram Yeshu (de Nazaré) e antes disso, durante quarenta dias o arauto proclamou que (Yeshu de Nazaré) ia ser apedrejado 'por prática de magia e por enganar Israel e fazê-lo se desviar. Quem quer que saiba algo em sua defesa venha e interceda por ele'. Mas ninguém veio em sua defesa e eles o penduraram na véspera da Páscoa" (*Talmude Babilônico*, Sanhedrim 43a)".

O *Amoa* 'W/a'("Ulla" foi um discípulo do rabino Yochanan e viveu na Palestina no final do século terceiro) acrescenta: "E acreditas que em favor de Yeshu de Nazaré houvesse qualquer direito de apelação? Ele era um enganador, e o Misericordioso disse: 'Não o pouparás nem o esconderás'. Não foi assim, pois que Jesus tinha o apoio da autoridade civil".

As autoridades judaicas não negavam que Jesus operasse sinais e milagres (Mateus 9:34; 12:24; Marcos 3:22), mas atribuíam-nos a atos de magia. 5/23

O pesquisador judeu Joseph Klausner escreve que "o *Talmude* fala de enforcamento em vez de crucificação, pois essa terrível forma de execução utilizada pelos romanos só era conhecida dos estudiosos judeus através de julgamentos efetuados pelos romanos, sendo desconhecida no sistema legal judeu. Até mesmo Paulo, o apóstolo, (Gálatas 3.13) explica que a passagem bíblica 'maldito todo aquele que for pendurado', isto é, enforcado (Deuteronômio 21:23), é aplicável a Jesus". 5/28

Sanhedrim 43a também menciona os discípulos de Jesus.

Yeb. IV 3:49a: "O rabino Shimeon ben Azzai disse (acerca de Jesus): 'Encontrei um rolo genealógico, em Jerusalém, no qual estava registrado: Fulano é bastardo de uma adúltera.'"

A isso Klausner acrescenta: "As edições atuais da *Misná* trazem o acréscimo: 'Em apoio às palavras do rabino Yehoshua' (o qual, na mesma *Misná*, diz: 'O que é um bastardo? Todo aquele cujos pais podem ser condenados à morte pelo Beth Din'). Parece não haver dúvida de que essa é uma referência a Jesus..." 5/35

Uma antiga *Baraita*, em que o rabino Eliezer é a personagem central, menciona Jesus pelo nome. As palavras entre colchetes pertencem à citação. E Eliezer quem fala: "Ele respondeu: Akiba, você me lembrou! Certa vez eu estava caminhando pelo mercado de cima (a *Tosefta* traz 'rua') de Sefôris e encontrei um (dos discípulos de Jesus de Nazaré); seu nome era Jacó, proveniente de Kefar Sekanya (a *Tosefta* traz 'Sakkanin'). Ele me disse: Está escrito na tua Lei - 'Não trará a paga de uma prostituta, etc' O que se devia fazer com essa paga - uma latrina para o Sumo Sacerdote? Mas nada respondi. Ele me disse: Assim (Jesus de Nazaré) me ensinou (a *Tosefta* traz 'Yeshu ben Pantere'): 'Pela paga de uma prostituta ela os chama a si, e pela paga de uma prostituta eles voltarão'; do lugar de imundície eles vêm. e para o lugar de imundície eles irão. E essa frase me agradou, e, por causa disso, fui preso, acusado de *Minuth*. E eu transgredi o que está escrito na Lei; 'mantém o teu caminho longe daqui' - isto é de *Minuth* - "e não te aproximes da porta da residência dela" - isto é, do governo civil". 5/38

Esses parênteses encontram-se em *Dikduke Sofrim* para *Abada Zara* (manuscrito de munique, edição de Rabinovitz).

Sobre o texto acima, *Klausner* comenta: "Não resta dúvida de que as palavras 'um dos discípulos de Jesus de Nazaré' e 'assim Jesus de Nazaré me ensinou' são, nesta passagem, de uma data bem antiga e também são fundamentais no contexto da história relatada; e não se pode questionar a antigüidade dessas palavras por causa de ligeiras variações nas passagens paralelas; as variantes ('Yeshu ben Pantere' ou 'Yeshu ben Pandera', em vez de 'Yeshu de Nazaré') se devem simplesmente ao fato de que, desde uma data bem antiga, o nome 'Pantere' ou 'Pandera' se tornou largamente conhecido entre os judeus como sendo o nome do suposto pai de Jesus." 5/38

12C. A ENCICLOPÉDIA BRITÂNICA

A mais recente edição da *Enciclopédia Britânica* emprega 20.000 palavras para descrever a pessoa de Jesus. Tal descrição ocupa mais espaço do que o que foi dado a Aristóteles, Cícero, Alexandre, Júlio César, Buda, Confúcio, Maomé ou Napoleão Bonaparte.

Acerca do testemunho de muitos relatos seculares independentes sobre Jesus de Nazaré, essa enciclopédia registra que: "Esses relatos independentes comprovam que nos tempos antigos até mesmo os adversários do cristianismo jamais duvidaram da historicidade de Jesus, a qual, pela primeira vez e em bases inadequadas, veio a ser questionada por vários autores do fim do século dezoito, do século dezanove e do início do século vinte". 3/145

BIBLIOGRAFIA

1. BETZ, Otto. *What Do We Know About Jesus?* (O que Sabemos a Respeito de Jesus?). Londres: SCM Press, 1968.
2. BRUCE, F. F. *The New Testament Documents: Are They Reliable?* (Os Documentos do Novo Testamento São Confiáveis?). 5. ed. Downers Grove: Inter-Versity, 1972. Usado com permissão.
3. ENCYCLOPAEDIA Britannica (Enciclopédia Britânica) 15. ed. 1974.
4. JACOB, Felix. *Die Fragmente der Griechischen Historiker* (Os Fragmentos dos Historiadores Gregos). Berlim: Wiedmann, 1923.
5. KLAUSNER, Josep. *Jesus of Nazareth* (Jesus de Nazaré). Nova Iorque: The Macmillan Company, 1925.
6. MONTGOMERY, John Warwick. *History and Christianity* (História e Cristianismo). Downers Grove: Inter-Varsity, 1964. Usado com permissão.
7. MOYER, Elgin. *Who Was Who in Church History* (Quem Foi Quem na História da Igreja). Chicago: Moody, 1968.
8. PINES, Shlomo (professor de Filosofia na Universidade Hebraica, em Jerusalém) ! FLUSSER, David (professor na mesma universidade). Conforme artigo intitulado "CHRIST DOCUMENTATION: Israeli Israeli Scholars Find Ancient Documents That Confirm the Existence of Jesus" (DOCUMENTAÇÃO ACERCA DE CRISTO: Pesquisadores Israelenses Descobrem Documentos Antigos que Acreditam Confirmar a Existência de Jesus); artigo este difundido em 12 fev. 1972 pelo serviço de divulgação do jornal *New York Times* e publicado em (domingo) 13 fev. 1972 pelo jornal *Palm Beach Post-Times*

capítulo 6:

Jesus - O Filho de Deus...

A seguir você tem um esboço preparado para ajudá-lo a usar com eficácia este material.

1A. DECLARAÇÕES EXPLÍCITAS DE JESUS DE QUE ELE ERA DEUS

- 1B. Introdução
- 2B. Seu Julgamento
- 3B. Suas Declarações Pessoais
- 4B. Sua Aceitação de Adoração Prestada a Deus
- 5B. Suas Declarações Confirmadas por Outros

2A. DECLARAÇÕES IMPLÍCITAS DE JESUS DE QUE ELE ERA DEUS'

- 1B. Perdão dos pecados
- 2B. Imutabilidade
- 3B. Vida
- 4B. Juiz

3A. OS NOMES DIVINOS DE JESUS

- 1B. YHWH
- 2B. Filho de Deus
- 3B. Filho do Homem
- 4B. Aba, Pai

1A. DECLARAÇÕES EXPLÍCITAS

1B. Introdução

"Obviamente *quem é Cristo* é algo tão importante quanto o que Ele fez." 20/11 Por isso indagamos: Quem é Cristo? Que tipo de pessoa Ele é? Como afirma *Albert Wells*, "é de maravilhar a maneira como Ele atrai a atenção para Si mesmo, colocando-Se no centro de cada situação que surge." 33/51

Thomas Schultz escreve que, conforme vemos, seguramente Ele não se encaixa dentro do molde de outros líderes religiosos: "Nenhum dos *grandes* líderes religiosos, nem Moisés, nem Paulo, nem Buda, nem Maomé, nem Confúcio, nem qualquer outro, alguma vez afirmou que era Deus; ou melhor, com a exceção de Jesus Cristo. Cristo é o único líder religioso que chegou a declarar a sua divindade e o único indivíduo que convenceu uma grande parte do mundo de que era Deus". 38/209

Como um "homem" poderia fazer outros pensarem que era Deus? Primeiramente ouçamos F. J. Meldau: "Seus ensinamentos foram finais, absolutos — acima dos de Moisés e dos profetas. Jamais reconsiderou ou revisou algo que disse; jamais se retratou e jamais mudou; jamais 'achou', deu palpites ou falou com alguma dose de incerteza. Isso tudo é tão contrário aos mestres e ensinamentos humanos". 24/5

Acrescente-se a isso o testemunho de Foster: "Mas a razão que se sobrepõe a todas as outras, e que diretamente levou à execução do Mestre da Galiléia, foi a incrível declaração que fez de que Ele próprio, filho de um simples carpinteiro e que viveu no meio dos cavacos e serragem da oficina de seu pai, era na realidade Deus encarnado!" 2/49

É bem possível que alguém diga: "É claro que a Bíblia apresenta Jesus dessa maneira, porque seus companheiros a escreveram com o desejo de fazer-lhe uma homenagem duradoura". Contudo, rejeitar a

Bíblia toda não implica rejeitar todas as provas, conforme temos visto nos registros históricos.

William Robertson afirma: "Contudo, abordando-se a questão de um modo historicamente objetivo, descobre-se que mesmo a história secular afirma que Jesus viveu sobre a terra e que foi adorado como Deus. Ele fundou uma igreja que o tem adorado por 1.900 anos. Ele mudou o rumo da história do mundo". 23/29

2B. O Julgamento

Marcos 14:61-64 relata: "Ele, porém, guardou silêncio, e nada respondeu. Tornou a interrogá-lo o sumo sacerdote, e lhe disse: És tu o Cristo, o Filho do Deus Bendito? Jesus respondeu: Eu sou, e vereis o Filho do homem assentado à direita do Todo-poderoso vindo com as nuvens do céu. Então o sumo sacerdote rasgou as suas vestes e disse: Que mais necessidade temos de testemunhas? Ouvistes a blasfêmia; que vos parece? E todos o julgaram réu de morte".

O *Juiz Gaynor*, renomado jurista dos tribunais de Nova Iorque, em alocução sobre o julgamento de Jesus, afirma que a única acusação feita contra Ele perante o Sinédrio foi a de blasfêmia. Ele diz: "Em todos os evangelhos está claro que o suposto crime pelo qual Jesus foi julgado e condenado foi o de blasfêmia: ... Jesus vinha afirmando que tinha poderes sobrenaturais, que, para o ser humano, seria uma blasfêmia" (citando João 10:33). A blasfêmia era de que ele se fazia Deus a si mesmo, e não o que Ele afirmara a respeito do Templo. 6/118, 119

Sobre as perguntas dos fariseus, A. T. Robertson diz: "Jesus aceita a provocação e reconhece que Ele reivindica ser todos os três (o Messias, o Filho do homem e o Filho de Deus). 'Vós dizeis' (*humeis legete*) é simplesmente uma expressão idiomática grega para 'sim' (compare 'Eu sou', em Marcos 14:62, com 'tu o disseste', em Mateus 26:64)". 31/227

Foi diante da resposta de Jesus que o sumo sacerdote rasgou suas vestes. H. B. Swete explica o significado desse gesto: "A lei proibía que o Sumo Sacerdote rasgasse suas vestes nos casos de problemas particulares (Levítico 10:6; 21:10), mas, ao atuar como juiz, deveria expressar dessa maneira sua indignação diante de qualquer blasfêmia pronunciada em sua presença. Manifesta-se assim o desabafo do juiz que se sente constrangido. Caso provas concretas não estivessem surgindo, essa necessidade estava superada: o Prisioneiro havia incriminado a Si mesmo". 43/339

Começamos a ver que esse não foi um julgamento comum. Irwin Linton, um advogado, traz esse detalhe à tona; quando declara: "Dentre os julgamentos de crimes cometidos, o de Jesus é *sui generis*, pois não são as ações, mas a identidade do acusado que está em questão. A acusação de crime feita contra Cristo, a confissão ou testemunho ou, melhor, o comportamento diante da corte, pelo qual Ele foi condenado, a pergunta feita pelo governador romano e a inscrição e proclamação colocadas sobre a cruz, na hora da execução, tudo isso diz respeito a uma só questão, a da verdadeira identidade e importância de Cristo. 'Que pensais vós do Cristo? de quem é filho?'" 20/7

Sobre este mesmo aspecto, Frank Morison, outrora um céptico, nos diz: "Jesus de Nazaré foi condenado à morte não com base nas afirmações de Seus acusadores, mas numa confissão que, sob juramento, levaram-no a fazer". 27/25

Também de Hilarin Felder (*Christ and the Critics* - Cristo e os Críticos) ouvimos o seguinte: "Esta análise minuciosa do julgamento de Jesus deve ser suficiente para nos tornar convictos de que o salvador reconheceu perante seus juizes que verdadeiramente era Deus". 7/299, 300

Simon Greenleaf, que foi professor na Faculdade de Direito de Harvard, uma das mais renomadas dos Estados Unidos, e um grande advogado, disse o seguinte acerca do julgamento de Jesus: "Não é fácil ver com que fundamentos Sua conduta poderia ter sido defendida perante qualquer tribunal, a não ser com base em Seu caráter sobre-humano. Acredita-se que nenhum advogado pensaria em basear Sua defesa em qualquer outro aspecto". 10/562

Muito embora as respostas de Jesus dadas aos juizes assumam diferentes formas em cada um dos evangelhos sinóticos, vemos que, tal como nos mostra Morison, elas são idênticas no significado: "...Essas respostas são de fato idênticas. As expressões 'tu o disseste' ou 'vós dizeis que eu sou', que para as pessoas de hoje soam como uma resposta evasiva, não tinham essa conotação para a mentalidade judaica da época. 'Tu o dizes' era a forma pela qual um judeu educado respondia a uma pergunta de conseqüências graves ou sombrias. As boas maneiras determinavam que não se devia responder diretamente 'sim' ou 'não.'" 27/26

Para ter certeza de que Jesus deu a entender isso mesmo em suas respostas, C. G. Montefiore analisa a declaração que fez logo após afirmar a Sua divindade: "As duas expressões, 'Filho do homem' (frequentemente ditas por Ele mesmo) e 'à direita do Todo-poderoso' (uma característica expressão hebraica que designa a divindade) revelam que a resposta se harmoniza perfeitamente com o espírito e a maneira de falar de Jesus." 26/360

Está perfeitamente claro que esse é o testemunho que Jesus desejava dar de Si mesmo. Também percebemos que os judeus devem ter compreendido Sua resposta como uma afirmação de que Ele era Deus. Havia, portanto, duas alternativas: ou Suas afirmações eram pura blasfêmia, ou Ele era Deus. Os juizes tiveram que ver a questão claramente — na verdade, O crucificaram claramente e, então, O ridicularizam: "Confiou em Deus... porque disse: 'Sou Filho de Deus'" (Mateus 27:43). 40/125

Assim, vemos que Jesus foi crucificado por ser quem Ele realmente era, por ser o Filho de Deus. Um esboço de Seu testemunho deixará isso claro. Em Seu testemunho ele afirmou que:

1. Ele era o Filho do Deus Bendito.
2. Ele era aquele que se sentaria à direita do Todo-poderoso.
3. Ele era o Filho do homem, que viria sobre as nuvens do céu. Diante disso William Child Robinson conclui que "cada uma dessas (três) afirmações é caracteristicamente messiânica. Em termos messiânicos, essas afirmações têm um impacto potencializador de 'significado impressionante'". 33/65

Por sua vez, Herschel Hobbs reitera que: "O Sinédrio compreendeu as três questões. Eles as resumiram em uma única pergunta: 'És o Filho de Deus?' Essa pergunta aguardava uma resposta afirmativa. A pergunta equivalia a uma declaração da parte deles. Por isso Jesus simplesmente respondeu: 'Vós dizeis que eu sou'. De modo que Ele os fez admitirem Sua identidade antes que formalmente o declarassem réu de morte. Foi uma estratégia inteligente da parte de Jesus. Ele iria morrer com base em seu próprio reconhecimento de que era Deus, mas também com base no reconhecimento deles".

"De acordo com eles não havia necessidade de qualquer outro testemunho, pois eles próprios haviam-nO ouvido dizer. De sorte que o condenaram pelas palavras da 'sua Própria boca'. Mas Ele também os condenou pelas palavras que pronunciaram. Não poderiam dizer que não declararam o Filho de Deus réu de morte." 12/322

Robert Anderson diz:

"Mas nenhuma prova confirmadora é mais convincente do que a de testemunhas hostis, e o fato de que o Senhor fez declarações de que era Deus é incontestavelmente confirmado pelas atitudes tomadas por Seus inimigos. Devemos nos lembrar de que os judeus não eram uma tribo de selvagens ignorantes, mas um povo de elevado nível cultural e de intensa vida religiosa; e foi com base nessa mesma acusação que, sem uma única voz discordante, Sua morte foi decretada pelo Sinédrio — o grande concílio nacional dos judeus, composto pelos seus mais destacados líderes religiosos, inclusive homens como Gamaliel e seu grande discípulo, Saulo de Tarso." 2/5

Hilarin Felder faz uma afirmação que lança mais luz sobre o julgamento que os fariseus chegavam a impor a si mesmos: "Mas, uma vez que eles condenam o Salvador por blasfêmia, com base na sua própria confissão, os juizes atestam oficialmente e sob juramento que Jesus confessou não apenas que era o Rei-Messias teocrático e o filho humano de Deus, mas também o Messias divino, aquele que, em Sua essência, era o Filho de Deus. Com base nessa admissão, ele foi executado". 7/306, vol. 1.

Como resultado de nosso estudo, podemos afirmar seguramente que Jesus afirmou que Ele próprio era Deus, de maneira que todos poderiam reconhecer. Essas afirmações foram consideradas blasfêmias pelos líderes religiosos, e resultaram em Sua crucificação "porque a si mesmo se fez Filho de Deus" (João 19:7). 21/45

3B. Outras Declarações

1C. IGUALDADE COM O PAI

1D. João 10:30-33

Jesus afirmou que era Deus em outros trechos dos Evangelhos? Os judeus disseram que sim, conforme podemos ver na seguinte passagem:

"Eu e o Pai somo um. Novamente os judeus pegaram as pedras para lhe atirar. Disse-lhes Jesus:

Tenho-vos mostrado muitas obras boas da parte do Pai; por qual delas me apedrejais? Responderam-lhe os judeus: Não é por obra boa que te apedrejamos, e, sim, por causa da blasfêmia, pois sendo tu homem, te fazes Deus a ti mesmo". 22/409

"Uma implicação interessante e confirmadora surge quando se estudam os vocábulos gregos do texto. Em A. T. Robertson encontramos o seguinte: "Um (*hen*). Gênero neutro, e não masculino (que seria, então, *heis*). Isso significa que não são uma só pessoa (cf. *heis* em Gálatas 3:28), mas uma só essência ou natureza."

Robertson então acrescenta: "Essa afirmação incisiva é o clímax das declarações de Cristo sobre a relação entre o Pai e Ele mesmo, o Filho. Elas despertam uma ira incontrolável por parte dos fariseus." 31/186,187

Fica, portanto, bem claro que, na mente daqueles que ouviram essa afirmação, não havia qualquer dúvida de que Jesus tivesse dito perante eles que Ele era Deus. Por isso: "Os judeus poderiam considerar as palavras de Jesus como blasfêmia, e tomaram a iniciativa de fazer justiça com as próprias mãos. Estava escrito na Lei que a blasfêmia devia ser punida com o apedrejamento (Levítico 24:16). Mas esses homens não estavam deixando que os devidos trâmites legais seguissem o seu curso. Eles não estavam preparando uma acusação, a fim de que as autoridades tomassem as providências necessárias. Em sua fúria, estavam se preparando para ser ao mesmo tempo juizes e executores. O 'novamente' nos faz lembrar de uma tentativa anterior de apedrejamento (João 8:59)". 3/524

A resposta deles elimina qualquer possibilidade de que Jesus esteja sendo ameaçado de apedrejamento por causa de Suas boas obras. Pelo contrário, foi "por causa da blasfêmia". Sem dúvida alguma, eles compreenderam os ensinamentos de Jesus, mas alguém perguntará: Será que eles pararam para refletir sobre se as reivindicações dEle eram ou não verdadeiras?

2D. João 5:17, 18:

"Mas ele lhes disse: Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também. Por isso, pois, os judeus ainda mais procuravam matá-lo, porque não somente violava o sábado, mas também dizia que Deus era seu próprio Pai, fazendo-se igual a Deus."

Um estudo feito por A. T. Robertson em *Word Pictures of the New Testament* (Descrições de Palavras do Novo Testamento) oferece algumas idéias interessantes: "Jesus foi categórico quando disse: meu Pai' (*ho pater mou*), e não 'nosso Pai', fazendo assim uma afirmação de sua relação especial com o Pai. 'Trabalha até agora (*Theos arti ergazetai*) ...Jesus se coloca em pé de igualdade com a atividade de Deus e, assim, justifica o fato de curar no dia de sábado." 31/82, 83

Também é digno de nota o fato de que os judeus não se referiam a Deus como "meu Pai". Quando o faziam, acrescentavam a afirmação "que está no céu". No entanto, Jesus não procede assim. Ele fez uma afirmação que os judeus só poderiam interpretar corretamente ao chamar Deus de "meu Pai". 28/309

Jesus deixa igualmente implícito que enquanto Deus está trabalhando, Ele, o Filho, também está trabalhando. 29/10, 83 Mais uma vez os judeus compreenderam a implicação de que Ele era Filho de Deus. Como consequência dessa afirmação, o ódio dos judeus cresceu. Muito embora estivessem procurando, principalmente, persegui-lo, estavam cultivando cada vez mais o desejo de matá-lo. 17/376

2C. "EU SOU"

João 8:58: "Respondeu-lhes Jesus: Em verdade, em verdade eu vos digo: Antes que Abraão existisse, eu sou."

"Ele lhes disse: 'Em verdade, em verdade eu vos digo...' Principiando com um duplo Amém — a fórmula mais incisiva de juramento — o nosso Senhor reivindica o nome incomunicável do Ser Divino. Os judeus reconhecem o que Jesus quis dizer e, horrorizados, buscam apedrejá-lo." 39/54

Como os judeus receberam essa afirmação? Como Henry Alford nos informa, "... toda exegese dessas palavras, que seja feita sem preconceito, deve reconhecer nas próprias palavras uma declaração da pré-existência intrínseca de Cristo." 1/801, 802

No Livro *Word Studies of the New Testament* (Estudos de Palavras do Novo Testamento), Marvin Vincent escreve que a afirmação de Jesus é "a expressão que designa o "EU SOU" (*eimi*) absoluto e atemporal". 44/181, vol. 2

Reportando-nos a passagens do Antigo Testamento, podemos descobrir o significado de "EU SOU", A. G. Campbell apresenta-nos a seguinte conclusão: "A partir de referências do Antigo Testamento, tais como Êxodo 3:14, Deuteronômio 32:29 e Isaías 43:10, fica claro que essa não é alguma idéia nova que Jesus esteja apresentando. Os judeus estavam bem familiarizados com a idéia de que o Jeová do Antigo Testamento é Aquele que é eternamente existente. O que há de novo para os judeus é a identificação dessa expressão com a pessoa de Jesus". 4/12

Pelas reações dos judeus que o cercavam, temos uma prova de que eles compreenderam Sua afirmação como uma reivindicação de uma natureza absolutamente divina. A compreensão que tiveram da situação levou-os a tomar a iniciativa de cumprir a lei mosaica sobre blasfêmia, apedrejando Jesus (Levítico 24:13-16).

Sobre esse assunto Campbell fala para o não-judeu: "Que nós também devemos compreender a expressão 'Eu sou' (*eimi*) como tendo sido pronunciada com a intenção de declarar a plena divindade de Jesus é algo que fica claro a partir do fato de que Jesus não tentou se explicar. Não tentou convencer os judeus de que haviam entendido errado. Pelo contrário, diversas vezes e em diversas ocasiões, Ele repetiu essa declaração." 4/12,13

3C. JESUS TEM DIREITO À MESMA HONRA QUE É PRESTADA A DEUS

João 5:23, 24: "A fim de que todos honrem o Filho, do modo por que honram o Pai. Quem não honra o Filho não honra o Pai que o enviou. Em verdade, em verdade vos digo: Quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna, não entra em juízo, mas passou da morte para a vida."

Na parte final desse versículo Jesus faz uma advertência àqueles que O acusam de blasfêmia. Ele lhes diz que, ao lançarem insultos contra Ele, na verdade estão fazendo-o contra Deus, e que Deus se indigna com a maneira de eles tratarem Jesus. 8/174, vol. 2

Também vemos que Jesus reivindica o direito de ser adorado como Deus. E daí se conclui que, como já foi dito anteriormente, desonrar Jesus é desonrar a Deus. 31/86

Citado por J. C. Ryle em *Expository Thoughts on the Gospels* (Pensamentos Expositivos sobre os Evangelhos), Wordsworth comenta: "Aqueles que professam zelo pelo único Deus não O honram, a menos que honrem o filho da maneira como honram o Pai." 34/291, vol. 1

4C. CONHECER A MIM

João 8:19: "Então eles lhe perguntaram: Onde está teu Pai? Respondeu Jesus: Não me conheceis a mim nem a meu Pai, se conhecêsseis a mim, também conheceríeis a meu Pai."

5C. CRER EM MIM

João 14:1: "Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em mim."

'Ele estava destinado à morte, a morte que alcança todos os homens. No entanto, Ele teve a audácia de exigir que fizessem dEle um objeto de fé. Ele se fez a chave para a questão do destino, e claramente afirmou que o futuro deles dependia da obra dEle. Ele prometeu preparar um lugar para eles e retornar para buscá-los." 43/213

6C. QUEM ME VÊ

João 14:9: "Disse-lhe Jesus: Filipe, há tanto tempo estou convosco, e não me tens conhecido? Quem me vê a mim, vê o Pai; como dizes tu: Mostra-nos o Pai?"

7C. EU VOS DIGO...

Mateus 5:20, 22, 26, 28, etc.

Nessas passagens encontramos Jesus ensinando e falando em Seu próprio nome. Fazendo-o assim, Ele elevou diretamente aos céus a autoridade de Suas palavras. Em vez de repetir a expressão usada pelos profetas, "assim diz o Senhor", Jesus repetia "em verdade, em verdade, eu vos digo".

Como Karl Scheffrahn e Henry Kreyssler nos mostram: "Ele jamais hesitou ou pediu desculpas. Nunca precisou contradizer-se, e retirar ou modificar algo que tivesse dito. Ele falou as inequívocas palavras de Deus. Ele afirmou: 'Passará o céu e a terra, porém as minhas palavras não passarão' (Marcos 13:31). 37/11

4B. Ele Pediu e Aceitou a Adoração Devida a Deus

1C. ADORAÇÃO RESERVADA SOMENTE PARA DEUS

1D. Prostrar-se em atitude de reverência é o maior ato de adoração e culto que se pode prestar a Deus (João 4:20-22; Atos 8:27).

2D. Adoração em espírito e em verdade (João 4:24).

3D. "Ao Senhor teu Deus adorarás" (Mateus 4:10; Lucas 4:8).

2C. JESUS RECEBEU ADORAÇÃO COMO DEUS E ACEITOU-A

1D. "E eis que um leproso, tendo-se aproximado, adorou-o..." (Mateus 8:2).

2D O homem que nascera cego, depois de ser curado, "prostra-se aos Seus pés e O adora" (João 9:35-39).

3D. Os discípulos "o adoraram, dizendo: Verdadeiramente és Filho de Deus" (Mateus 14:33).

4D. "E logo disse a Tome: Põe aqui o teu dedo e vê as minhas mãos; chega também a tua mão e põe-na no meu lado; não sejas incrédulo, mas crente. Respondeu-lhe Tome: Senhor meu e Deus meu! Disse-lhe Jesus: Por que me viste, creste: Bem-aventurados os que não viram, e creram" (João 20:27-29).

3C. JESUS COMPARADO COM OUTROS

1D. O centurião Cornélio cai aos pés de Pedro e o adora. Pedro reprova-o, dizendo: "Ergue-te, que eu também sou homem" (Atos 10:25, 26).

2D. Diante do anjo do Apocalipse, João caiu aos "seus pés para adorá-lo", e o anjo lhe falou que era um "conservo" de João, o qual devia adorar "a Deus" (Apocalipse 19:10).

4C. Como vemos, Jesus ordenou e aceitou a adoração como Deus. Foi esse fato que levou Thiessen a escrever: "Caso Ele seja um defraudador, ou caso tenha se enganado a si mesmo, e, caso numa hipótese ou outra, Ele não seja Deus, Ele não é bom (*Christus si non Deus, non bonus*)" (THIESSEN. *Outline of Lectures in Systematic Theology* — Esboço de Preleções em Teologia Sistemática p. 65).

5B. O Que Outros Disseram

1C. PAULO

1D. Filipenses 2:9-11: "Pelo que também Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra".

2D. Tito 2:13: "Aguardando a bendita esperança e a grande manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus..."

2C. JOÃO BATISTA

"E o Espírito Santo desceu sobre ele em forma corpórea como pomba; e ouviu-se uma voz do céu: Tu és o meu Filho amado, em ti me comprazo" (Lucas 3:22).

3C. PEDRO

1D. Provavelmente a declaração mais famosa de Pedro se encontra em Mateus 16:15-17: "Mas vós, continuou ele., quem dizeis que eu sou?"

Respondendo Simão Pedro, disse: Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo. Então Jesus lhe afirmou: Bem-aventurado és, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue quem to revelou, mas meu Pai que esti nos céus".

A esse respeito, Scheffrahn e Kreysler escrevem que "ao invés de repreender Pedro por uma impetuosidade (e Jesus sempre o fazia quando confrontado pelo erro), Jesus o abençoa por sua confissão de fé. Durante todo seu ministério, Jesus aceitou orações e adoração com se isso corretamente pertencesse a Ele". 37/10

2D. Mais uma vez Pedro afirma sua convicção (Atos 2:36): "Esteja absolutamente certa, pois, toda a casa de Israel de que a este Jesus que vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo".

4C. TOME

Acha-se em João 20:28 o seguinte testemunho dado pelo "incrédulo": "Respondeu-lhe Tome: Senhor meu e Deus meu! "

John Stott, em *Cristianismo Básico*, explica a exclamação de Tome: "No domingo seguinte ao Domingo de Páscoa, o incrédulo Tome está com os outros discípulos no cenáculo quando Jesus aparece. Este convida Tome a apalpar as cicatrizes, e Tome, surpreso e maravilhado, exclama: 'Senhor meu e Deus meu!' (João 20:26-29). Jesus aceita o que Tome disse a seu respeito. Ele repreende Tome por sua incredulidade, não por sua adoração". 42/28

5C. O ESCRITOR AOS HEBREUS

Hebreus 1:8: "Mas, acerca do Filho (diz): O teu trono, ó Deus, é para todo o sempre".

Thomas Schultz escreve que "o vocativo... em 'teu trono, ó Deus' é preferível à forma nominativa, que deveria ser traduzida por 'Deus é o teu trono' ou 'o teu trono é Deus'. Uma vez mais a prova é conclusiva — Jesus Cristo é chamado de Deus nas Escrituras". 38/180

6C. ESTÊVÃO

Atos 7:59: "E apedrejavam a Estêvão, que invocava e dizia: Senhor Jesus, recebe o meu espírito."

Aqui Estêvão pede de Jesus exatamente o que Jesus havia pedido a Deus enquanto estava na cruz. De modo que Estêvão atribui a Jesus as qualidades divinas.

6B. Conclusão

A partir das provas William Biederwolf elabora uma conclusão bem oportuna: "Alguém que possa ler o Novo Testamento, mas seja incapaz de perceber que Cristo reivindica ser mais do que um homem, poderá contemplar o céu ao meio-dia, num dia sem nuvens, e não enxergar o sol". 23/50

Citemos as palavras do "apóstolo amado", João: "Na verdade fez Jesus diante dos discípulos muitos outros sinais que não estão escritos neste livro. Estes, porém, foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo, o filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome".

2A. DECLARAÇÕES IMPLÍCITAS

Em muitos casos, indiretamente Jesus deu a conhecer sua divindade. Abaixo segue uma lista de muitas dessas passagens, bem como de algumas poucas de suas declarações explícitas.

JESUS É JEOVÁ

Jeová	Título ou Atuação comum em ambos	Jesus
Isaías 40:28	Criador	João 1:3
Isaías 45:22; 43:11	Salvador	João 4:42
1 Samuel 2:6	Ressuscita os mortos	João 5:21
Joel 3:2	Juiz	João 5:27 cf. Mateus 25:31ss
Isaías 60:1-20	Luz	João 8:12
Êxodo 3:14	Eu Sou	João 8:58; cf. 18:5,6
Salmo 23:1	Pastor	João 10:11
Isaías 42:8; cf. 48:11	Glória de Deus	João 17:1, 5
Isaías 41:4; 44:6	O Primeiro e o Último	Apocalipse 1:17; 2:8
Oséias 13:14	Redentor	Apocalipse 5:9
Isaías 62:5 (e Oséias 2:16)	Noivo	Apocalipse 21:2; cf. Mateus 25:1 ss
Salmo 18:2	Rocha	I Coríntios 10:4
Jeremias 31:34	Perdoa Pecados	Marcos 2:7,10
Salmo 148:2	Adorado pelos Anjos	Hebreus 1:6
Todo o Antigo Testamento	Invocado em Oração	Atos 7:59
Salmo 148:5	Criador dos Anjos	Colossenses 1: 16
Isaías 45:23	Reconhecido como Senhor	Filipenses 2:11

(GEISLER, Norman. *The Theme of the Bible* (O Tema da Bíblia). Chicago: Moody, 1969. p. 48.)

Creemos que algumas dessas reivindicações necessitam de maiores explicações. É esse o propósito deste capítulo.

1B. Ele Afirmou Ser Capaz de Perdoar Pecados, Conforme se Vê em Marcos 2:5 e Lucas 7:48

De acordo com a lei judaica essa era uma atribuição exclusiva a Deus, pois só Deus poderia perdoar pecados.

Isso se vê em Marcos 2:7. Expressando seu descontentamento com Jesus, os escribas indagam no versículo 7: "Por que fala ele deste modo? Isto é blasfêmia! Quem pode perdoar pecados, senão um, que é Deus?"

Em Mateus 9:5, 6 Jesus havia acabado de curar um paraplégico ao perdoar seus pecados. Mais uma vez Jesus se vê confrontado pelos líderes religiosos.

Nesses versículos Jesus pergunta o que seria mais fácil: dizer "estão perdoados os teus pecados" ou "levanta-te, e anda". De acordo com o *Wycliffe Commentary* (Comentário Bíblico Wycliffe), essa é uma pergunta irrespondível. As duas afirmações são igualmente fáceis de se pronunciar; qualquer uma das duas, fazendo produzir resultados, é algo que exige poder divino. É claro que um impostor, ao evitar ser identificado, acharia mais fácil pronunciar a primeira frase. Jesus começou curando a enfermidade para que os homens *soubessem* que Ele possuía *autoridade* para lidar com a causa da enfermidade... 29/944

A essa altura, Ele foi acusado de blasfêmia pelos escribas fariseus. "A acusação feita pelos escribas e fariseus... condenava-O por assumir as prerrogativas de Deus." 29/943

C. E. Jefferson conta que "... Ele perdoou pecados, falou como quem tem autoridade. Até mesmo os piores pecadores, quando arrependidos a Seus pés, receberam a certeza de perdão da parte daquele que tinha autoridade para perdoar". 14/330

L. S. Chafer comenta que, "na terra, ninguém tem autoridade nem direito de perdoar pecados. Ninguém poderia perdoar pecados, exceto Aquele contra quem todos pecaram. Quando Cristo perdoou pecados, e certamente o fez, não estava exercitando uma prerrogativa humana. Visto que ninguém, à exceção de Deus, pode perdoar pecados, demonstra-se de modo conclusivo que Cristo, visto que perdoou pecados, é Deus e, sendo Deus, existe desde a eternidade" 5/21, vol. 5

Ele perdoou não apenas os pecados cometidos contra a Sua pessoa, mas também os cometidos por um

indivíduo contra outro, o que, até aquela época, era uma idéia que ninguém havia ouvido. John Stott nos lembra que "podemos perdoar os males que os outros nos fazem; mas os pecados que cometemos contra Deus só o próprio Deus pode perdoar". 41/29 E Jesus faz exatamente isso.

Assim, vemos que o poder de Jesus de perdoar os pecados é o "clímax da demonstração de um poder que pertence exclusivamente a Deus". (*The Jerome Biblical Commentary* (O Comentário Bíblico Jerônimo), vol. 2. Prentice Hall, 1968).

2B. Jesus é Imutável

Lewis S. Chafer afirma que "a imutabilidade da divindade é atribuída a Cristo. Tudo o mais é sujeito a mudanças." 5/18, vol. 5. Hebreus 13:8 se assemelha a Malaquias 3:6.

3B. Jesus Declarou Ser "Vida"

Em João 14:6 Jesus declarou ser "vida". "Eu sou... a vida..."

Ao analisar essa afirmação, Merrill Tenney nos diz que "Ele não disse que conhecia o caminho, a verdade e a vida, nem que Ele os ensinava. Ele não se fez expoente de um novo sistema; Ele declarou que Ele mesmo era a derradeira chave para todos os mistérios". 43/215

4B. NEle Está a Vida

"E o testemunho é este, que Deus nos deu a vida eterna; e esta vida está no seu Filho. Aquele que tem o Filho tem a vida; aquele que não tem o Filho de Deus não tem a vida" (1 João 5:11, 12).

Falando sobre essa vida, John Stott, em *Cristianismo Básico*, escreve: "Ele comparou a dependência que Seus seguidores tinham em relação a Ele com o vigor que os ramos extraem da videira. Ele declarou que Deus lhe dera autoridade sobre toda carne, para que desse vida a tantos quantos Deus Lhe concedesse..." 41/29

5B. Jesus Possui Autoridade

"E (Deus) lhe (isto é, a Jesus) deu autoridade para julgar, porque (Jesus) é o Filho do homem" (João 5:27).

A afirmação de que Ele julgará o mundo implica que Jesus mesmo ressuscitará os mortos, reunirá as nações na Sua presença, sentar-Se-á sobre um trono de glória e julgará o mundo. Alguns, em função de Seu julgamento, herdarão o céu; outros, o inferno.

3A. OS NOMES DE JESUS

1B. YHWH-Senhor

1C. NOME SAGRADO PARA OS JUDEUS

A tradução mais literal de *YHWH* é Yahweh (isto é, Iavé).

Herbert F. Stevenson diz que "o significado exato do nome é obscuro. No hebraico era originalmente composto de quatro consoantes, **YHWH** (que os teólogos conhecem pelo nome de *tetragrammaton*), às quais, posteriormente, acrescentaram-se as vogais de *Adonai* (exceto quando o nome está junto de *Adonai*, caso em que usam-se as vogais de *Elohim*). No entanto, os judeus chegaram a considerar esse nome sagrado demais para ser pronunciado, e, na leitura pública das Escrituras, liam *Adonai* em lugar dele — para eles Jeová era de fato 'o nome incomunicável'". 40/20

"... Movido por profunda reverência, o povo judeu se recusava até mesmo a pronunciar esse nome..." 5/264, vol. 1

L. S. Chafer (*Teologia Sistemática*) escreve que "se pode considerar pura superstição a atitude de evitar pronunciar esse nome; mas é claro que essa era uma tentativa de ser reverente, embora sem a devida orientação, e, sem dúvida, essa prática, com todas as conseqüências negativas, serviu para criar um impacto profundo em todas as pessoas a respeito do caráter inefável de Deus." 5/262, vol. 1

A *Jewish Encyclopaedia* (Enciclopédia Judaica - SINGER, Isidore, ed. Funk and Wagnalls, 1904. vol. 1) indica que a tradução de YHWH pela palavra "Senhor" pode ser remontada à Septuaginta. "Sobre a

pronúncia do Shem ha Metorash, o 'nome distintivo' YHWH, não existe qualquer informação autêntica." A partir do período helenístico, o nome foi reservado para uso no templo.

"A partir dos comentários de Números 6:27, Misná Tamid 7:2 e Sotah 7:6, parece que os sacerdotes tinham permissão para pronunciar o nome de Deus somente no templo e isso por ocasião da bênção que ministravam; nas demais ocasiões e locais eram obrigados a empregar o nome comum (*kinnuy*) 'Adonai'."

A *Jewish Encyclopaedia* (Enciclopédia Judaica) prossegue e cita Filo e Josefo.

Filo: "As quatro letras podem ser pronunciadas ou ouvidas somente por homens santos, cujos ouvidos e lábios estão purificados pela sabedoria, e por ninguém mais em qualquer lugar que seja" (*Vida de Moisés* 3:41).

Josefo: "Moisés implorou a Deus que lhe concedesse conhecer o Seu nome e a pronúncia desse nome, de modo que pudesse invocá-lo pelo nome por ocasião dos rituais sagrados, pelo que Deus lhe fez conhecer o Seu nome, o que até então era desconhecido a qualquer pessoa; e seria um pecado de minha parte mencioná-lo". (*Antigüidades* 2:12, parágrafo 4).

2C. CRISTO FALA DE SI MESMO COMO JEOVÁ

Scotchmer, citado por W. C. Robinson, diz: "A identificação de nosso Senhor Jesus Cristo com o Senhor do Antigo Testamento resulta numa doutrina explícita de Sua divindade". 33/118

"Yahweh" (Êxodo 3:14) tem basicamente o sentido de "Aquele que é" ou "Eu sou o que sou", e declara a Auto-existência divina (*Unger's Bible Dictionary* (Dicionário Bíblico de Unger), p. 409).

Kreysler e Scheffrahn dizem: "Ele reivindicou a aliança de YHWH -ou Jeová. No oitavo capítulo do Evangelho de João encontramos: 'Se não credes que EU SOU morrereis nos vossos pecados' (v. 24). 'Quando levantardes o Filho do homem, então sabereis que EU SOU...' (v. 28). 'Em verdade, em verdade eu vos digo: Antes que Abraão existisse, EU SOU (v. 58). O uso que Jesus faz do EU SOU está relacionado com Êxodo 3:14, onde Deus Se revela a Moisés: 'EU SOU o que SOU. E Ele disse: 'Assim dirás aos filhos de Israel: EU SOU me enviou a vós outros'. Dessa forma, o nome de Deus em hebraico é YHWH ou EU SOU". 37/11

Em Mateus 13:14, 15, Cristo Se identifica com o "Senhor" (*Adonai*) do Antigo Testamento (Isaías 6:8-10). 24/15

Em *Set Forth Your Case* (Apresente o Seu Argumento), Clark Pin-nock diz que "Seus ensinamentos estão repletos das grandes declarações EU SOU, as quais são afirmações divinas, tanto na estrutura quanto no conteúdo" (Êxodo 3:14; João 4:26; 6:35; 8:12; 10:9; 11:25). 30/60

Em João 12:41, Cristo é descrito como aquele que Isaías viu em Isaías 6:1. Isaías também escreve, diz William C. Robinson, acerca do precursor de Jeová: "Preparai o caminho do Senhor..." (Isaías 40:3). Cristo endossou a afirmação dos samaritanos, que disseram: "Sabemos que este é verdadeiramente o Cristo, o Salvador do mundo" (João 4:42, Tradução de Almeida, Edição Revista e Corrigida). Com base no Antigo Testamento, essa só pode ser uma referência ao Deus-Jeová. Oséias 13:4 declara: "eu sou o Senhor teu Deus... não conhecerás outro Deus além de mim, porque não há salvador senão eu". 33/117, 118

2B. Filho de Deus

Hilarin Felder relata que "Gustav Dalman se viu forçado a esta confissão: 'Em lugar algum descobrimos que Jesus proclamou ser Ele mesmo o Filho de Deus de um modo que desse a entender uma simples relação religiosa e ética com Deus, a qual outros também poderiam e deveriam possuir de verdade... De um modo inconfundível, Jesus deu a entender aos homens que Ele é não apenas 'um', mas 'o Filho de Deus'" (*Die Worte Jesu, mit Beruecksichtigung des nachkanonischen juedischen Schriftums und der aramaeischen Sprache eroertert* (As Palavras de Jesus, em Comparação com os Escritos Judaicos Não Canônicos e a Língua Aramaica). vol. 1, pp. 230, 235. Leipzig: 1898.) 7/269

H. F. Stevenson comenta que "é verdade que a expressão 'filhos de Deus' seja empregada para homens (Oséias 1:10) e anjos no Antigo Testamento (Gênesis 6:2; Jó 1:6; 38:7).

Mas no Novo Testamento o título 'Filho de Deus' é aplicado, e empregado por nosso Senhor com um sentido bem diferente. Em cada ocasião a frase deixa implícito que Ele é o Filho único, unigênito; co-igual e co-eterno com o Pai". 40/123

No uso repetido da palavra "Filho", em contraste com "Pai", as duas palavras declaram a afirmação explícita de Jesus de ser igual ao Pai e formulam a verdade sobre a trindade (João 10:33-38; 3:35; 5:19-27; 6:27; 14:13; Marcos 13:32; Mateus 23:9, 10).

Jesus cumprimentou Pedro por seu conhecimento dEle como o Filho de Deus, quando Pedro confessou em Cesaréia de Filipe: "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo". A palavra de Jesus a Pedro foi: "Bem-aventurado és, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue quem to revelou, mas meu Pai que está nos céus" (Mateus 16:16, 17). 40/124

Felder escreve acerca do conceito de Cristo sobre Deus ser o Seu Pai: "Com a mesma freqüência com que Jesus fala de Seu relacionamento com o Pai, Ele emprega, constantemente e sem exceção, a expressão 'Meu Pai'; e com a mesma freqüência com que Ele chama a atenção dos discípulos para o relacionamento filial deles com Deus, ocorre também a caracterização igualmente clara, 'vosso Pai'. Ele nunca Se associa aos discípulos e às pessoas através da maneira usual de se expressar, 'nosso Pai'".

Felder prossegue: "Mesmo naquelas ocasiões em que, perante Deus, Jesus se une aos discípulos, quando, portanto, certamente seria de se esperar que Ele utilizasse a expressão coletiva 'nosso Pai', ali está, ao contrário, a frase 'meu Pai': 'não beberei deste fruto da videira, até aquele dia em que o hei de beber, novo, *convosco* no reino de *meu Paz*' (Mateus 26:29). 'Eis que envio sobre *vós* a promessa de *meu Pai*' (Lucas 24:49). 'Vinde, benditos de *meu Pai*, entrai na posse do reino que *vos* está preparado desde a fundação do mundo' (Mateus 25:34). Semelhantemente Jesus faz, de modo inequívoco, distinção entre Sua filiação divina e a filiação dos discípulos e das pessoas em geral." 7/268, 269

Scotchmer conclui dizendo que, "pela formação judaica que tiveram, os discípulos e inimigos de Jesus compreendiam que o real significado da expressão 'Filho de Deus' era 'Divindade'. Cento e quatro vezes Cristo se refere a Deus como 'Pai' ou 'o Pai'". 7/300

3B. Filho do Homem

Jesus emprega o título "Filho do Homem" em três aspectos distintos:

1. Em referência a Seu ministério terreno

- 1) Mateus 8:20
- 2) Mateus 9:6
- 3) Mateus 11:19
- 4) Mateus 16:13
- 5) Lucas 19:10
- 6) Lucas 22:48

2. Ao predizer Sua paixão

- 1) Mateus 12:40
- 2) Mateus 17:9, 22
- 3) Mateus 20:18

3. No ensino sobre a Sua volta

- 1) Mateus 13:41
- 2) Mateus 24:27, 30
- 3) Mateus 25:31
- 4) Lucas 18:8
- 5) Lucas 21:36

Stevenson atribui um significado especial ao título "Filho do homem" porque essa era a designação que nosso Senhor geralmente empregava para se referir a Si mesmo. No Novo Testamento essa expressão não é ouvida dos lábios de nenhuma outra pessoa - a não ser quando seus interlocutores citaram Suas palavras (João 12:34), e quando Estêvão, tomado de êxtase, exclamou no momento do martírio: "Eis que vejo os céus abertos e o Filho do homem em pé à destra de Deus" (Atos 7:56). É claramente um título messiânico, como os próprios judeus reconheceram (João 12:34). 40/120

Kreysler e Scheffrahn escrevem que "Jesus tinha uma clara convicção de que nEle mesmo se cumpriam as profecias messiânicas do Antigo Testamento. Ao se referir a Si mesmo, Ele continuamente utilizava o título

"o Filho do homem", título que aparece na visão de Daniel" (Daniel 7:13, 14). 30/9,10

Em Marcos 14:61-64 Jesus aplica o texto de Daniel 7:13, 14 e também o de Salmo **110:1** a Si mesmo como algo que iria ocorrer perante aqueles que o ouviam.

A isso C. G. Montefiore acrescenta: "Se Jesus disse essas palavras, é difícil acreditarmos que Ele tenha feito distinção entre Ele mesmo, o Filho do homem, e o Messias. O Filho do homem deve ser logicamente o Messias, e ambos devem ser Ele mesmo". 26/361

Montefiore prossegue e cita o professor Peak: "Apesar do 'emprego do título de Filho do homem junto com a primeira pessoa do singular, emprego que causa perplexidade, é difícil resistir à conclusão de que nesse contexto Jesus tem o propósito de considerar ambos iguais. Dificilmente ele conseguiria, de uma só vez, ter afirmado Sua identificação com o Messias, deixando implícita a distinção entre Ele e o Filho do homem. Isso não quer dizer que o Filho do homem seja necessariamente equivalente a Messias; mas, caso as idéias sejam distintas, Jesus estava consciente de que ambas as ideias se cumpriam nEle, da mesma forma que Ele era ao mesmo tempo o Messias e o Servo de Yahweh'" (*Messiah and the Son of Man* (O Messias e o Filho do Homem), 1924, p. 26). 26/362

4B. Aba, Pai

No livro *Mundo em Fuga*, Michael Green escreve que Cristo "asseverou que possuía um relacionamento com Deus que ninguém antes havia reivindicado ter. Esse relacionamento se revela na palavra aramaica *Aba*, que Ele tanto gostava de usar, especialmente na oração. Em toda a história de Israel, ninguém antes dEle havia se dirigido a Deus usando essa palavra... Na verdade, os judeus estavam acostumados a orar a Deus como Pai, mas a palavra que usavam era *Abhinu*, uma forma de tratamento que era essencialmente um apelo a Deus por misericórdia e perdão. Na maneira de Jesus se dirigir a Deus, *Abba*, não há qualquer apelo à misericórdia de Deus. É a palavra de uso familiar que reflete a mais profunda intimidade. É por essa razão que Ele fez diferença entre o Seu próprio relacionamento com Deus como Pai e o relacionamento das demais pessoas". 9/99, 100

É interessante que até mesmo Davi, com a intimidade que tinha com o Pai, não se dirigiu a Deus como Pai, mas disse "como um pai... assim o Senhor" (Salmo 103:13).

Freqüentemente Jesus utilizou a palavra "Pai" em oração. "Os fariseus, é claro, perceberam as implicações disso e acusaram-no de blasfêmia (João 5:18): '(Ele) dizia que Deus era seu próprio Pai, fazendo-se igual a Deus'. E, de fato, a menos que Ele fosse igual a Deus, suas palavras eram blasfemas." 40/97

capítulo 7:

O Trilema* - Senhor, Mentiroso ou Lunático?...

A seguir você tem um esboço preparado para ajudá-lo a usar com eficácia este material:

1A. JESUS AFIRMOU SER DEUS

(Veja o capítulo 6).

2A. TRÊS ALTERNATIVAS

1B. Mentiroso?

2B. Lunático?

3B. Senhor?

1A. A QUESTÃO: QUEM É JESUS DE NAZARÉ?

Jesus considerou de fundamental importância *quem* as pessoas acreditavam que Ele era. C. S. Lewis, que foi professor na Universidade de Cambridge e, outrora, um agnóstico, escreveu: "Estou aqui tentando evitar que alguém diga aquela grande tolice que freqüentemente se diz a respeito dEle: 'Estou pronto a aceitar Jesus como um grande mestre de ensinamentos éticos, mas não aceito a afirmação que fez de que era Deus'. Isso é o que não devemos dizer. Um homem que fosse um simples homem e dissesse o tipo de coisas que Jesus disse não seria um grande mestre de ensinamentos éticos. Seria um lunático — estando em pé de igualdade com o homem que diz o mesmo de Napoleão ou, então, seria o Diabo vindo do inferno. Você precisa tomar uma decisão. Ou esse homem era e é o Filho de Deus, ou, então, era um louco ou algo pior". 18/40,41

C. S. Lewis acrescenta: "Você pode fazê-lo se calar, se toma-10 por um tolo; você pode cuspir nEle e matá-IO, tendo-0 por um demônio; ou você pode cair a Seus pés e chamá-IO de Senhor e Deus. Mas que ninguém apareça com algum tipo de insensatez paternalista, afirmando que Ele foi um grande mestre humano. Ele não deixou conosco a responsabilidade de decidir a respeito. Não pretendeu fazê-lo". 18/40,41

F. J. A. Hort escreveu: "Suas palavras eram de tal forma pronunciamentos e parte integrante de Si mesmo que não fariam qualquer sentido se fossem tomadas como afirmações abstratas de verdade ditas por Ele na qualidade de um oráculo ou profeta divino. Faça com que Ele deixe de ser o assunto fundamental (embora possa ser o derradeiro) de cada afirmação e todas elas caem por terra". 13/207

Nas palavras de Kenneth Scott Latourette, o grande historiador do cristianismo e professor na Universidade Yale (nos Estados Unidos) temos o seguinte: "Não são os Seus ensinamentos que tornam Jesus notável, embora esses ensinamentos sejam o suficiente para lhe proporcionar o reconhecimento público. É uma combinação dos ensinamentos com a própria pessoa. Não se pode separar os dois..." 15/44

"Para qualquer leitor atento dos relatos dos Evangelhos deve ser óbvio que Jesus considerou que Ele próprio e a Sua mensagem eram inseparáveis. Foi um grande mestre, mas foi mais do que isso. Seus ensinamentos sobre o reino de Deus, sobre a conduta humana e sobre Deus foram importantes, mas não se pode divorciá-los dEle sem que, do ponto-de-vista dEle, esses ensinamentos se tornem inválidos." 15/48

* Trilema: trilema sm (*tri+lema*) 1 Lóg Proposição formada de três lemas contraditórios disjuntivamente e de tal maneira dispostos que, negada ou concedida qualquer das três proposições, permanece sempre firme a conclusão contra o adversário. 2 Situação embaraçosa, de que não há saída senão por um de três modos, todos difíceis ou penosos. (Nota SusanaCap)



2A. JESUS CRISTO É DEUS?

Jesus afirmou ser Deus. Ele não deixou quaisquer outras opções. Sua afirmação de que é Deus ou é verdadeira ou é falsa, e deve-se considerar seriamente tal afirmação. A pergunta de Jesus aos discípulos: "Mas vós, quem dizeis que eu sou?" (Marcos 8:29) também é feita a nós hoje.

A afirmação de Jesus de que é Deus deve ser verdadeira ou falsa. Caso seja verdadeira, então Ele é o Senhor, e temos de aceitar ou rejeitar o Seu senhorio. Somos "indesculpáveis".

Primeiro, suponha que era falsa a afirmação de que Ele era Deus. Se era falsa, temos então duas, e apenas duas, alternativas. Ou Ele sabia que era falsa ou não sabia. Analisaremos separadamente cada alternativa e examinaremos as provas existentes.

3A. ELE FOI UM MENTIROSO?

Se, ao fazer essas afirmações, Jesus sabia que não era Deus, então Ele estava mentindo. Mas, se ele foi um mentiroso, então foi também um hipócrita, pois ensinou os outros a serem honestos a todo custo, enquanto Ele mesmo estava ensinando e vivendo uma enorme mentira.

E, mais do que isso, Ele foi um demônio, pois ensinou as pessoas a confiarem a Ele o destino eterno de cada uma delas. Caso Ele não pudesse comprovar Suas reivindicações, e Ele sabia que não poderia, então Ele foi indescritivelmente maldoso.

Finalmente, Ele também foi um tolo, porque foram as suas reivindicações de que era Deus que O levaram à crucificação.

Marcos 14:61-64: "Ele, porém, guardou silêncio, e nada respondeu. Tornou a interrogá-lo o sumo sacerdote, e lhe disse: És tu o Cristo, o Filho do Deus Bendito? Jesus respondeu: Eu sou, e vereis o Filho do homem assentado à direita do Todo-poderoso e vindo com as nuvens do céu. Então o sumo sacerdote rasgou as suas vestes e disse: Que mais necessidade temos de testemunhas? Ouvistes a blasfêmia, que vos parece? E todos o julgaram réu de Morte".

E João 19:7: "Responderam-lhe os judeus: Temos uma lei e, de conformidade com a lei, ele deve morrer, porque a si mesmo se fez Filho de Deus".

J. S. Mill, o filósofo, cético e adversário do cristianismo, escreveu: "Na vida e ensinos de Jesus existe uma marca de originalidade pessoal combinada à profunda intuição, marca que, dentre os homens de extraordinária capacidade, caracteriza os mais destacados indivíduos de que a nossa espécie pode se orgulhar. Quando essa notável qualidade entra em combinação com as qualidades daquele que é provavelmente o maior reformador moral e mártir que já existiu sobre a terra, não se pode afirmar que a religião tenha feito uma escolha ruim ao exaltar esse homem como o modelo e guia ideais da humanidade; nem mesmo agora seria fácil, mesmo para um incrédulo, encontrar uma outra e melhor maneira de traduzir a teoria para a prática do que se esforçar por viver de um tal modo que Cristo daria aprovação à nossa vida". 11/34

William Lecky, um dos mais renomados historiadores da Grã-Bretanha e um esforçado opositor do cristianismo organizado, escreveu no livro *History of European Morais from Augustus to Charlemagne* (História da Moral Européia de Augusto a Carlos Magno): "Ao cristianismo esteve reservado o papel de apresentar ao mundo uma idéia sublime, a qual, através de todas as mudanças de dezoito séculos, tem inspirado os corações dos homens com um amor dominador; tem demonstrado capacidade de agir em todas as épocas, em todas as nações, em todos os temperamentos e em todas as condições; tem sido não apenas o mais elevado padrão de virtude, mas também o mais forte incentivo à prática desse padrão... O simples registro desses três breves anos de vida ativa tem feito mais para regenerar e enternecer a humanidade do que todos os discursos dos filósofos e todos os sermões dos moralistas". 16/8; 11/34

Philip Schaff, o historiador cristão, disse: "Se esse testemunho não for verdadeiro, deve ser blasfêmia ou loucura pura. A primeira hipótese não consegue subsistir um instante sequer diante da pureza e dignidade moral de Jesus, reveladas em todas as suas palavras e obras, e reconhecidas universalmente. A possibilidade de Jesus ter-se enganado numa questão de tanta relevância, tendo ele uma mente em todos os aspectos tão lúcida e esclarecida, está igualmente fora de questão. Como Ele poderia ter sido um fanático ou um louco, se jamais perdeu o Seu equilíbrio mental, se atravessou serenamente todos os problemas e perseguições, tal como o sol por cima das nuvens, se sempre deu a mais sábia resposta a perguntas provocadoras, se calma e deliberadamente predisse Sua morte na cruz, Sua ressurreição ao terceiro dia, o derramamento do Espírito Santo, a fundação da Sua Igreja, a destruição de Jerusalém — predições que se cumpriram literalmente? Uma personalidade tão diferente, tão completa, tão coerente, tão perfeita, tão humana e, ao mesmo tempo, tão acima de toda a grandeza humana, não pode ser fraude nem ficção. Conforme já foi dito com muita propriedade, nesse caso o poeta teria que ser maior do que o herói. Seria preciso mais do que um Jesus para inventar um outro Jesus". 35/109

Em outro livro, *The Person of Christ* (A Pessoa de Cristo), Schaff apresenta provas bem convincentes: "A hipótese de impostura é tão revoltante, quer para o senso moral quer para o senso comum, que o simples fato de enunciá-la já é a sua rejeição. Foi inventada pelos judeus que crucificaram o Senhor, a fim de encobrir o seu crime, mas jamais foi levada a sério, e nenhum estudioso com bom-senso e auto-estima ousaria agora professar abertamente essa idéia. Em nome da lógica, do senso comum e da experiência, como é que um impostor — isto é, um homem enganador, egoísta e depravado — conseguiu inventar e sustentar coerentemente, do início até o fim, o mais puro e nobre caráter que a história conheceu, com a mais perfeita aparência de autenticidade e realidade? Como ele conseguiu conceber e, com sucesso, executar um plano sem igual de beneficência, magnitude moral e sublimidade, e sacrificar sua própria vida por isso, quando confrontado pelos mais fortes preconceitos por parte de seu povo e de sua geração?" 36/94, 95

Alguém que viveu como Jesus viveu, ensinou como Jesus ensinou e morreu como Jesus morreu não poderia ter sido um mentiroso. Que outras alternativas existem?

4A. LUNÁTICO

Se é inadmissível que Jesus tenha sido um mentiroso, não seria então possível que, na verdade, Ele pensasse que era Deus, mas estivesse enganado? Afinal, é possível a uma pessoa ser sincera e estar errada ao mesmo tempo.

Todavia, devemos nos lembrar que alguém pensar que é Deus, especialmente numa cultura veementemente monoteísta, e então dizer aos outros que o destino eterno de cada um depende de serem nEle não é uma fantasia insignificante, mas os pensamentos de um lunático no sentido pleno da palavra. Jesus foi esse tipo de pessoa?

C. S. Lewis escreveu: "A dificuldade histórica de, diante da vida, ensinos e influência de Jesus,

oferecer alguma explicação cristã é muito grande. Jamais se explicou satisfatoriamente a discrepância entre, de um lado, a profundidade e a sanidade mental de Seus ensinamentos morais e, de outro lado, a megalomania exagerada que deve estar por detrás de seus ensinamentos teológicos, a menos que Ele seja verdadeiramente Deus. De modo que as hipóteses não cristãs sucedem-se umas às outras devido à interminável fecundidade da mente, a qual é fruto da perplexidade". 19/113

Napoleão (citado por Vernon C. Grounds em *The Reason for Our Hope - A Razão de Nossa Esperança*) disse: "Eu conheço os homens; e eu lhes afirmo que Jesus Cristo não é um homem. Mentes superficiais vêem uma semelhança entre Cristo e os fundadores de impérios, e também os deuses de outras religiões. Essa semelhança não existe. Entre o cristianismo e qualquer outra religião existe uma distância infinita... Todas as coisas que existem em Cristo me surpreendem. Seu espírito me enche de admiração e respeito, e Sua vontade me confunde. Entre Ele e qualquer outra pessoa no mundo não existe termo de comparação. Ele é um ser que verdadeiramente existe por Si próprio. Suas idéias e sentimentos, a verdade que Ele anuncia, Sua maneira de convencer as pessoas, nada disso se explica pela organização humana nem pela natureza das coisas... Quanto mais eu me aproximo, quanto mais cuidadosamente eu examino, e eis que tudo está acima de mim — tudo permanece imponente, tendo um esplendor avassalador. Sua religião é uma revelação vinda de uma inteligência que certamente não é humana... Só nEle, e absolutamente em mais ninguém, é possível encontrar a imitação ou o exemplo de Sua vida... Na história busco em vão encontrar alguém semelhante a Jesus Cristo, ou algo que possa se aproximar do evangelho. Nem a história, nem a humanidade, nem as eras, nem a natureza me oferecem algo com que eu possa comparar ou explicar o evangelho. Aqui todas as coisas são extraordinárias". 11/37

Até mesmo Channing, o escritor unitarista, ao falar da teoria lunática afirmou, citado por Philip Schaff: "A acusação de um fanatismo exagerado e ilusório é a última coisa que se pode dizer de Jesus. Onde é que podemos encontrar sinais desse fanatismo em Sua vida? Será que os detectamos na autoridade serena de Seus preceitos? no espírito manso, prático e beneficente de Sua religião? na linguagem simples com a qual Ele revela Seus supremos poderes e as verdades sublimes da religião? ou no bom-sen-so, o conhecimento da natureza humana, o qual Ele sempre revela na maneira de avaliar e tratar as diferentes classes de pessoas com quem Se relaciona? Será que descobrimos esse fanatismo no fato estranho de que, embora afirmasse que teria poder no mundo futuro e sempre tivesse feito as mentes dos homens se voltarem para o céu, Ele nunca deu asas à Sua própria imaginação, nem estimulou a imaginação de Seus discípulos, pois não apresentou imagens evocativas nem qualquer descrição minuciosa daquele estado futuro que ninguém tinha visto? A verdade é que, por mais notável que fosse o caráter de Jesus, ele se caracterizava pela serenidade e auto-controle. Esse traço se espalha por todas as Suas outras qualidades. Como a Sua religiosidade era serena! Caso possa, indique para mim uma única expressão impetuosa e veemente de seus sentimentos religiosos. Será que a Oração do Pai Nosso mostra algum tipo de fanatismo?"

...Da mesma forma a Sua bondade, extraordinariamente sincera e profunda, era calma e serena. Ele jamais perdeu o auto-controle, pois sentia compaixão pelos outros; Ele nunca se lançou aos empreendimentos precipitados de uma filantropia marcada pelo fanatismo; mas fez o bem com a tranqüilidade e a constância que caracterizam a providência divina". 36/98, 99

Philip Schaff, o historiador, escreveu: "Será que uma mente como essa — límpida como o céu, estimulante como o ar da montanha, afiada e penetrante como uma espada, plenamente saudável e cheia de vigor, sempre disposta e sempre com o domínio de si — é capaz de se enganar de modo radical e tão sério a respeito de Seu próprio caráter e missão? Que idéia mais ridícula!" 36/97, 98

5A. SENHOR!!

Quem você decide que Jesus Cristo é não deve ser um exercício intelectual inconseqüente. Você não pode pô-lo na estante de livros como se Ele fosse um grande mestre de ensinamentos éticos. Essa não é uma opção válida. Ou Ele é um mentiroso, ou um lunático, ou o Senhor. Você tem que fazer a escolha. "Estes, porém", como escreveu o apóstolo João, "foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus" e mais importante ainda, "para que, crendo, tenhais vida em seu nome" (João 20:31).

As provas claramente favorecem Jesus como o Senhor. No entanto, algumas pessoas rejeitam as provas tão claras devido às implicações morais envolvidas. É preciso que haja honestidade moral na consideração dos dados acima, que mostram Jesus ou como um mentiroso, ou lunático, ou como o Senhor e Deus.

BIBLIOGRAFIA

1. ALFORD, Henry. *The Greek Testament* (O Testamento Grego). Cambridge: Deighton, Bell, and Co., 1868.
2. ANDERSON, Robert. *The Lord from Heaven* (O Senhor do Céu). Londres: James Nisbet and Co., 1910.
3. BRUCE, F. F., ed. *The New International Commentary on the New Testament* (O Novo Comentário Internacional sobre o Novo Testamento). Grand Rapids: Wilham B. Eerdmans, 1971. Usado com permissão.
4. CAMPBELL, A. Glen. *The Greek Terminohgy for the Deity of Christ* (A Terminologia Grega para a Divindade de Cristo). Dallas: Dallas Theological Seminary, jan. 1948. Dissertação de mestrado, não publicada.
5. CHAFER, Lewis Sperry. *Systematic Theobgy* (Teologia Sistemática). Dallas: Dallas Theological Seminary, 1947.
6. DELAND, Charles Edmund. *The Mis-Trials of Jesus* (Os Pseudo-Julgamentos de Jesus). Boston: Richard G. Badger, 1914.
7. FELDER, Hilarin. *Christ and the Critics* (Cristo e os Críticos) Trad. para o inglês por John L. Stoddard. Londres: Burns Oates and Washburn, 1924.
8. GODET, F. *Commentary on the GospelofJohn* (Comentário sobre o Evangelho de João). Edimburgo: T&T Clark, 1892.
9. GREEN, Michael. *Mundo em Fuga*. São Paulo: Vida Nova, s.d.
10. GREENLEAF, Simon. *The Testimony of the Evangelists* (O Testemunho dos Evangelistas). Grand Rapids: Baker, 1965.
11. GROUNDS, Vernon C. *The Reasonfor Our Hope* (A Razão de Nossa Esperança). Chicago: Moody, 1945. Usado com permissão.
12. HOBBS, Herschel. *An Exposition of the Gospel of Luke* (Uma Exposição do Evangelho de Lucas). Grand Rapids: Baker, 1966.
13. HORT, F. J. A. *Way, Truth and the Life* (Caminho, Verdade e a Vida). Nova Iorque: Macmillan and Co., 1894.
14. JEFFERSON, Charles Edward. *The Character of Jesus* (O Caráter de Jesus). Nova Iorque: Thomas Y. Crowell, 1908. Copirraite renovado em 1936 por Charles E. Jefferson. Usado com permissão.
15. LATOURETTE, Kenneth Scott. *A History of Christianity* (Uma História do Cristianismo). Nova Iorque: Harper&Row, 1953.
16. LECKY, Wulliam E. *History of European Morais from Augustus to Charlemagne* (História da Moral Européia de Augusto a Carlos Magno). Nova Iorque: D. Appleton and Co. 1903.
17. LENSKI, R. C. H. *The Interpretation of St. John's Gospel* (A Interpretação do Evangelho de São João). Columbus: Lutheran Book Concern, 1942.
18. LEWIS, C. S. *A Razão do Cristianismo*. São Paulo: ABU Ed., s.d. 19. . *Miracles: A Preliminary Study* (Milagres, Um Estudo Prelimi nar). Nova Iorque: The Macmillan Co., 1947.
20. LINTON, Irwin H. *The Sanhedrin Verdict* (O Veredito do Sinédrio). Nova Iorque: Loizeaux Brothers/Bible Truth Depot, 1943.
21. LITTLE, Paul *Saiba o Que Você Crê*. São Paulo: Ed. Mundo Cristão, **S.Q.**
22. MARSHALL, Alfred. *The Interlinear Greek-English New Testament* (O Novo Testamento Grego- Inglês Interlinear): Ed. Revisada. Grand Rapids: Zondervan, 1969.
23. MEAD, Frank, ed. *The Encyclopaedia of Religious Quotatwns*. (A Enciclopédia de Citações Religiosas) Westwood: Fleming H. Revell, s.d.
24. MELDAU, Fred John. *101 Proofs of the Deity of Christ from theGospels* (101 Provas Sobre a Verdade de Cristo Extraídas dos Evangelhos). Denver: The Christian Victory, 1960.
25. MILL, Jonh S. *Three Essays of Religion* (Três Ensaio s sobre Religião). Westport: Greenwood Press, 1970. (Reimpressão da edição de 1874.)
26. MONTEFIORE, C. G. *The Synoptic Gospels* (Os Evangelhos Sinóticos). Londres: Macmillan and Co., 1909,1927. 2. vols.
27. MORRISON, Frank. *Who Moved the Stone* (Quem Moveu a Pedra?) London: Faber and Faber, 1958.
28. MORRIS, Leon. *New International Commentary, the Gospel According to John* (Novo Comentário Internacional — O Evangelho Segundo João). Grand Rapids: William B. Eerdmans, 1971. Usado com

permissão.

29. PFEIFFER, Charles F. e HARRISON, Everett F., ed. *The Wycliffe Bible Commentary* (O Comentário Bíblico Wycliffe). Chicago: Moody, 1962. Usado com permissão.

30. PINNOCK, Clark H. *Viva Agora, Amigo*. Atibaia: Fiel, s.d.

31. ROBERTSON, Archibald Thomas. *Word Pictures in the New Testament* (Descrições de Palavras do Novo Testamento), vols. 1-5. Nashville: Broadman, 1930.

32. ROBINSON, William Childs. *Our Lord* (Nosso Senhor). Grand Rapids: William B Erdmans, 1937. Usado com permissão.

33. _____, .. *Who Say Ye That I Am?* (Quem Dizeis Vós que Eu Sou?) Grand Rapids: William B. Erdmans, 1949.

34. RYLE, J. C. *Expository Thoughts on the Gospels* (St. Mark) (Pensamentos Expositivos Sobre os Evangelhos - São Marcos). Nova Iorque: Robert Carter and Brothers, 1866.

35. SCHAFF, Philip. *History of the Christian Church* (História da Igreja Cristã). 8 vols. Grand Rapids: William B. Erdmans, 1910. Usado com permissão.

36. _____. *The Person of Christ* (A Pessoa de Cristo). Nova Iorque: American Tract Society, 1913. Usado com permissão.

37. SCHEFFRAHN, Karl e KREYSSLER, Henry. *Jesus of Nazareth: Who Did He Claim to Be?* (Jesus de Nazaré: Quem Ele Disse que Era?). Dallas: Pat Booth, 1968.

38. SCHULTZ, Thomas. *The Doctrine of the Person of Christ with an Emphasis upon the Hypostatic Union* (A Doutrina da Pessoa de Cristo, com Destaque para a União Hipostática). Dallas: Dallas Theological Seminary, maio de 1962. Dissertação não publicada.

39. SPURR, Frederick C. *Jesus is God* (Jesus é Deus). Londres- A H Stockwell&Co.,1899.

40. STEVENSON, Herbert F. *Titles of the Triune God* (Títulos do Deus Triúno) Westwood: Fleming H. Revell, 1956.

41. STOTT, J. R. W. *Cristianismo Básico*. São Paulo: Vida Nova.

42. SWETE, Henry Barclay. *The Gospel According to St. Mark* (O Evangelho Segundo São Marcos). Londres: Macmillan and Co., 1898.

43. TENNEY, Merrill C. *John: The Gospel of Belief* (João: O Evangelho da Crença). Grand Rapids: William B. Erdmans, 1948. Usado com permissão.

44. VINCENT, Marvin R. *Word Studies in the New Testament* (Estudos de Palavras do Novo Testamento). 4 vols. Nova Iorque: Charles Scribner's Sons, 1924.

capítulo 8:

A Grande Questão...

Se Deus se tornasse homem, como é que Ele seria? Ou, Jesus possuía as características de Deus? Para começarmos a responder a essa pergunta, devemos primeiramente responder a uma outra pergunta, a saber: Por que Deus se tornaria um homem? Vou usar a ilustração da formiga. Imagine que você está vendo um lavrador arar a terra. E você repara que logo o lavrador vai arar e destruir um ninho de formigas. Como você gosta muito de formigas, você corre até o ninho para alertá-las. Primeiro, você grita para elas sobre o perigo iminente, mas elas continuam a trabalhar. Você então apela à linguagem de sinais e a todos os recursos que consegue imaginar, mas nada funciona. Por quê? Porque você não está se comunicando com elas. E qual é a melhor maneira para se comunicar com elas? Só se tornando uma formiga você se comunicará com elas de um modo que elas entendam.

Se Deus quisesse se comunicar conosco, qual seria a melhor maneira de fazê-lo? Percebemos que, a fim de se comunicar conosco, Ele conseguiria fazê-lo melhor ao se tornar um homem e, dessa forma, nos alcançar diretamente.

Agora podemos começar a responder à pergunta básica: Se Deus se tornasse homem, a quem ou a que Ele seria semelhante? Ele possuiria os atributos de Deus, entraria neste mundo de forma incomum, realizaria ações sobrenaturais, não teria pecados, provocaria uma impressão duradoura e universal, e muitas outras coisas. Creio que Deus veio à terra na pessoa de Jesus Cristo, e em Jesus vemos a manifestação dos atributos de Deus e das características que acompanham um Deus-homem.

Este capítulo abrangerá o argumento de natureza filosófica "se... então". A primeira vez que vi esse argumento aplicado a Cristo foi no livro de Bernard Ramm *Protestant Christian Evidences* (Provas Cristãs Protestantes), capítulo 6, "The Verification of Christianity by the Supernatural Character of its Founder" (O Exame do Cristianismo a Partir do Caráter Sobrenatural de Seu Fundador).

A seguir você tem um esboço preparado para ajudá-lo a usar com eficácia este material.

SE DEUS SE TORNOU HOMEM, ENTÃO ERA DE SE ESPERAR QUE ELE:

- 1A. Entrasse na vida humana de um modo incomum.
- 2A. Estivesse sem pecado.
- 3A. Manifestasse o sobrenatural em forma de milagres.
- 4A. Possuísse profundo sentimento de ser alguém diferente dos outros homens.
- 5A. Apresentasse a maior mensagem já ensinada.
- 6A. Possuísse uma influência duradoura e universal.
- 7A. Satisfizesse a fome espiritual do homem.
- 8A. Manifestasse poder sobre a morte.

1A. SE DEUS SE TORNOU HOMEM, ENTÃO É DE SE ESPERAR QUE ELE TENHA ENTRADO NA VIDA HUMANA DE UM MODO INCOMUM

O nascimento virginal de Cristo é a prova deste ponto.

1B. Testemunho Sobre o Nascimento Virginal

O testemunho sobre o nascimento virginal se concentra principalmente nos evangelhos de Mateus e Lucas. Assim sendo, um estudo da fidedignidade de ambos os relatos e da harmonia que eles têm entre si é

muito importante ao considerarmos o nascimento miraculoso de Jesus.

1C. O CONCEITO

A definição do nascimento virginal de Jesus deve estar de acordo com o modo prescrito no Antigo Testamento, pelo qual o Messias entraria no mundo.

A primeira profecia sobre a vinda de Cristo encontra-se em Gênesis 3:15. Nesse versículo Deus diz que a semente da mulher esmagará a cabeça da serpente. Assim, o Libertador viria da semente da mulher, e não da semente do homem, conforme é biologicamente aceito.

Uma profecia menos obscura ocorre em Isaías 7:14, a qual declara que "... a virgem conceberá, e dará à luz um filho, e lhe chamará Emanuel". Está bem explícito que a referência é a uma virgem. E isso, de modo muito lógico, se refere à mulher de Gênesis 3:15.

Henry Morris escreve: "Embora tenha havido disputa sobre o sentido exato da palavra, seu emprego é sempre consistente com o sentido de 'virgem' e, em alguns casos, é o único sentido possível. Os estudiosos que prepararam a Septuaginta, versão em grego do Antigo Testamento, utilizaram a palavra grega que usualmente designa 'virgem' ao traduzirem Isaías 7:14. Igualmente o fez Mateus, quando citou essa profecia (Mateus 1:23) como se cumprindo no nascimento virginal de Cristo". 30/36

Além disso, em Isaías 7:14, afirma-se que o nascimento seria um "sinal" vindo do "próprio Senhor". Com certeza, isso é algo singular, no sentido de que não poderia ser um nascimento comum. De modo que podemos ver que a doutrina do nascimento virginal apresentada no evangelho está em harmonia com os ensinamentos mais antigos das Escrituras.

2C. FIDEDIGNIDADE

A fidedignidade dos relatos dos evangelhos também deve se basear em sua exatidão histórica.

A historicidade dos relatos dos evangelhos é confirmada pela época em que cada escritor coloca os acontecimentos do nascimento de Jesus e os próprios acontecimentos. Alega-se que existem discrepâncias no relato de Lucas sobre o nascimento, no que diz respeito ao censo determinado por Quirino. A princípio acreditava-se que Quirino foi governador somente em 8 A.D. e que Quirino e o seu censo teriam acontecido depois do nascimento de Cristo, como também depois da morte de Herodes. No entanto, atualmente alguns crêem que Quirino serviu durante dois mandatos, o primeiro deles em 10-7 a.C., o que situaria o seu primeiro censo à época aproximada do nascimento de Cristo e pouco antes da morte de Herodes, em 4 a.C. 39/113-115

3C. HARMONIA ENTRE OS TESTEMUNHOS

Para algo ser verdadeiro, aqueles que estão dando testemunho a respeito devem concordar naquilo que dizem.

Em referência aos relatos de Mateus e Lucas, Orr declara que, embora escrevam a partir de diferentes pontos-de-vista e seus escritos se originem de diferentes fontes, concordam numa questão central: "que Jesus, concebido pelo Espírito Santo, nasceu de Maria, uma virgem que estava noiva de José, o qual teve pleno conhecimento da questão..." 34/35

1D. *Harmonia Versus discrepância das narrativas*

"Os críticos falam das discrepâncias das narrativas. Muito mais notáveis, parece-me, são os pontos de concordância, inclusive os pontos sutis, que permeiam essas narrativas. Se os estudarmos cuidadosamente, os pontos de concordância demonstrarão ser bem mais numerosos do que parecem à primeira vista. Segue-se, por exemplo, uma lista de 12 pontos, que são bem fáceis de serem vistos nas narrativas, mas que deixam transparecer bem claramente a idéia central de toda a história.

1E. Jesus nasceu nos últimos dias de Herodes (Mateus 2:1, 13; Lucas 1:5).

2E. Foi concebido pelo Espírito Santo (Mateus 1:18, 20; Lucas 1:35).

3E. Sua mãe era virgem (Mateus 1:18, 20, 23; Lucas 1:27, 34).

4E. Ela estava noiva de José (Mateus 1:18; Lucas 1:27; 2:5).

5E. José pertencia à casa e linhagem de Davi (Mateus 1:16, 20; Lucas 1:27; 2:4).

6E. Jesus nasceu em Belém (Mateus 2:1; Lucas 2:4, 6).

7E. Por orientação divina Ele foi chamado Jesus (Mateus 1:21; Lucas 1:31).

8E. Foi declarado Salvador (Mateus 1:21; Lucas 2:11).

9E. José soube antecipadamente da situação de Maria e da causa dessa situação (Mateus 1:18-20; Lucas 2:5).

10E. No entanto, tomou Maria como esposa e assumiu plena responsabilidade paternal pelo filho de Maria (Mateus 1:20, 24, 25; Lucas 2:5ss).

11E. A anunciação e o nascimento foram acompanhados de revelações e visões (Mateus 1:20, etc; Lucas 1:26, 27, etc).

12E. Depois do nascimento de Jesus, José e Maria moraram em Nazaré (Mateus 2:23; Lucas 2:39)." 34/36, 37

Uma aparente discrepância dos relatos envolve a linhagem familiar de Jesus. A Bíblia apresenta duas genealogias de Cristo. Ao serem examinadas, parecem se contradizer. No entanto, a genealogia apresentada em Mateus é a de José e a apresentada em Lucas é a de Maria. 30/37 Visto que José descendia de Jeconias, Jesus não tinha o direito de pertencer ao trono (veja Jeremias 22:30; Conias, Jeconias, em 2 Reis 24, e Jeconias, em Mateus 1:11, são a mesma pessoa). No entanto, a linhagem de Maria não inclui Jeconias, e, visto que José não gerou Jesus, Ele tinha direito ao trono como "a semente" da mulher, Maria (Lucas 3:23).

2D. *O Testemunho de Marcos, João e Paulo*

Um argumento freqüentemente empregado pelos críticos é que, com exceção de Mateus e Lucas, no Novo Testamento não há qualquer referência ao nascimento virginal. Portanto, a conclusão a que freqüentemente se chega é que essa doutrina não era vital à mensagem da igreja do Novo Testamento.

William Childs Robinson, professor emérito de Teologia Histórica no Seminário Teológico Columbia, nos Estados Unidos, assinala que "aquilo que está explícito em Mateus e Lucas, encontra-se implícito em Paulo e João". 38

Robert Gromacki escreve que "é insustentável a posição de querer argumentar em favor da rejeição devido ao silêncio ou em favor da ignorância da doutrina também devido ao silêncio. Os apóstolos não registraram tudo o que ensinaram ou sabiam (cf. João 20:30). Na verdade, o chamado argumento do silêncio, que é empregado pelos liberais, pode ser um tiro que sai pela culatra. Uma vez que Paulo não menciona qualquer pai humano para a pessoa de Jesus, será que isso significa que ele cria que Jesus não teve um pai humano? A maioria considera o silêncio como consentimento. Se Paulo e os outros não acreditavam no nascimento virginal, será que não deveriam ter corrigido as narrativas mais antigas do nascimento? Pode-se usar o argumento do silêncio em favor dos dois lados. Na realidade, jamais se deve basear alguma afirmação ou negação no argumento do silêncio". 12/183

Também pode-se argumentar que "...embora seja verdade que essa questão apareça no início tanto do primeiro como do terceiro evangelho, está ausente no evangelho de Marcos, ou, como se costuma dizer, Marcos 'nada sabia a respeito', embora seu evangelho tenha sido o primeiro a ser escrito e tenha sido utilizado pelos outros dois. O evangelho de Marcos, que consideramos ter grande autoridade, foi o relato daquilo que ouviu da pregação de Pedro. Foi o 'intérprete' do apóstolo. Esse evangelho representa aquilo

que Pedro considerava útil ou necessário para a pregação em público, da mesma forma como Paulo pregou no Areópago em Atenas, ou então em Jerusalém, Antioquia e Roma".

"E, por razões óbvias, a questão do nascimento de nosso Senhor não teria sido um assunto a ser tratado em tais ocasiões, especialmente enquanto Sua mãe estava viva, sendo, possivelmente, conhecida pessoalmente por aqueles que ouviam. O tema principal devia ser os ensinamentos dados por Cristo, os sinais operados por Ele, e, acima de tudo, pelo que vemos do lugar que ocupam, os acontecimentos de Sua paixão." 39/99-101

É possível que o escritor do quarto evangelho tenha pressuposto um nascimento miraculoso para Jesus ao usar a palavra "unigênito" em João 3:16.

Como John R. Rice diz, "Jesus repetidamente se referiu a Si mesmo como o 'Filho unigênito' de Deus. Pois a palavra 'gerou' é uma palavra utilizada em genealogias humanas, uma expressão que se refere ao papel do homem na procriação ou na geração de uma criança. Refere-se ao nascimento físico. Jesus insistiu que não foi gerado por José, mas por Deus. A mesma palavra, *monogenes*, é usada seis vezes no Novo Testamento em relação a Jesus como sendo unigênito, o único gerado de Deus; e duas vezes o próprio Jesus a empregou com referência a Si mesmo! Observe que Jesus não afirma ser simplesmente alguém que foi gerado por Deus. Antes, afirma ser a única pessoa nascida que foi gerada de tal maneira. Ele é o *único* Filho gerado de Deus. Ninguém mais chegou a nascer de uma virgem. Num sentido espiritual, pode-se afirmar que os cristãos são gerados de novo ('regenerados') para uma esperança viva (1 Pedro 1:3), mas no sentido em que Jesus foi gerado por Deus, ninguém mais chegou a sê-lo. Jesus estava claramente afirmando que Ele fora fisicamente gerado por Deus, e não por um pai humano." 37/22,23

A genealogia do apóstolo João ocupa-se essencialmente com o "princípio", de modo que não trata do nascimento virginal. "No princípio era o Verbo... e o Verbo se fez carne" (João 1:1, 14).

De modo análogo, em relação a Paulo, este "conhecia Lucas muito bem. Durante um longo período Lucas foi companheiro de Paulo em suas viagens, e esteve com ele em Roma; e Lucas é a principal autoridade que temos sobre a história do nascimento de nosso Senhor. O apóstolo Paulo deve ter conhecido essa história, e é bem natural que, conhecendo-a, falasse de nosso Senhor da maneira como faz quando afirma que 'Deus enviou seu Filho, nascido de mulher' (Clemente F. Rogers)". 39/101

2B. Provas Históricas, Além dos Relatos dos Evangelhos, Acerca do Nascimento Virginal

1C. ÉPOCA

Um fator importante acerca dos relatos dos Evangelhos é a época em que foram escritos. Devido à data remota da composição dos Evangelhos, não houve tempo suficiente para o desenvolvimento de um mito em torno do nascimento de Cristo. Assim, devemos examinar as provas sobre o ensino do nascimento virginal na igreja primitiva. Quanto a isso existem duas questões:

1D. *Como a idéia de um acontecimento virginal surgiu tão rapidamente, não estava baseada num fato?*

2D. *Se os Evangelhos não eram históricos, como foram aceitos tão universalmente numa data tão remota?*

Sobre a crença da igreja primitiva no nascimento virginal, Gresham Machen escreve: "Mesmo que... não houvesse uma única palavra sobre o assunto no Novo Testamento, o testemunho do segundo século revalaria que a crença no nascimento virginal teria surgido, na pior das hipóteses, bem antes do término do primeiro século". 25/44

Logo nos primeiros dias da igreja, existia um grupo denominado "os ebionistas". Eles se opunham à maneira como a igreja interpretava a passagem de Isaias que menciona a virgem dando à luz um filho (Isaias 7:14). Eles diziam que esse versículo devia ser traduzido pela frase "uma jovem". 39/105 O ponto importante é que a igreja acreditava no nascimento virginal.

Sobre isso James Orr escreve: "... Além dos ebionitas... e de umas poucas seitas gnósticas, não se sabe da existência de qualquer grupo de cristãos do período inicial que não aceitasse como parte de sua fé o nascimento de Jesus da Virgem Maria; enquanto que... temos as mais amplas provas de que essa crença era parte da fé geral da Igreja". 34/138

Ao falar da igreja primitiva, Aristides afirma que "tudo que sabemos sobre as doutrinas do período

inicial do segundo século se harmoniza com a crença de que, naquele período, a virgindade de Maria fazia parte da fé cristã que fora formulada". 2/25

2C. O TESTEMUNHO DOS PRIMEIROS PAIS DA IGREJA

Muito importante na história da crença da igreja primitiva no nascimento virginal é o testemunho dos seus primeiros pais. Em 110 A.D. Inácio escreveu na *Epístola aos Efésios*: "Pois nosso Deus Jesus Cristo... foi concebido no ventre de Maria... pelo Espírito Santo". 55/18:2

"Pois a virgindade de Maria e Aquele que dela nasceu... são os mistérios mais comentados em todo o mundo, embora operados secretamente por Deus." 52/19:1 Inácio recebeu a informação de seu mestre, o apóstolo João.

"Dispomos ainda de outras provas", escreve Clement F. Rogers, "que revelam que essa crença não era uma idéia nova à época de Inácio. Pois sabemos que a crença dos cristãos no nascimento virginal sofria ataques por parte daqueles de fora. Cerinto, por exemplo, foi contemporâneo e adversário de São João. Conta-se que o evangelista, ao encontrar com Cerinto nos banhos públicos, exclamou: 'Fujamos daqui para que não nos sobrevenha de o prédio cair sobre nós, enquanto Cerinto, o inimigo da verdade, está aqui'. Irineu nos conta que ele (Cerinto) ensinava que nosso Senhor havia nascido de José e de Maria como quaisquer outros homens". 39/105

Um outro dos escritores pós-apostólicos, Aristides, em 125 A.D., fala do nascimento virginal: "Ele é o próprio Filho do Deus excelso que se manifestou pelo Espírito Santo, desceu dos céus e, nascido de uma virgem hebréia, se encarnou a partir da virgem... É Ele que, segundo a carne, nasceu pertencendo à raça dos hebreus, por intermédio da virgem Maria que deu à luz Deus". 2/32

Em 150 A.D. Justino Mártir oferece muitas provas a favor da idéia do nascimento milagroso de Jesus. "... Nosso Mestre Jesus Cristo, que é o primogênito de Deus Pai, não nasceu como resultado de relações sexuais... O poder de Deus, descendo sobre a virgem, cobriu-a com sua sombra e fez com que, embora ainda virgem, concebesse... Pois, devido ao poder de Deus, Ele foi concebido por uma virgem... De acordo com a vontade de Deus, Jesus Cristo, Seu Filho, nasceu da Virgem Maria" (Apologia 1:21-33; *Diálogo com Trifo, o Judeu*).

"O primeiro grande cristão de fala latina foi o advogado convertido, Tertuliano. Ele nos informa que, em seus dias (ca. 200 A.D.) existia não apenas um credo cristão estabelecido, sobre o qual todas as igrejas concordavam, mas também nos informa que o nome técnico desse credo era *tesse-ra*. Bem, as coisas só recebem nomes técnicos quando já estão estabelecidas há algum tempo. Ele cita esse credo quatro vezes, o qual inclui as palavras '*ex virgine Maria*' (da Virgem Maria)." 39/103

3C. OS ANTIGOS TESTEMUNHOS JUDAICOS

Como seria de esperar, também existem argumentos contrários ao nascimento virginal. Esses argumentos foram levantados pelos judeus. Nosso propósito aqui é demonstrar que bem no início da igreja havia controvérsia vinda de fora, a respeito do nascimento de Jesus e que, para surgir essa controvérsia, a igreja devia vir ensinando o nascimento milagroso de Cristo.

Ethelbert Stauffer diz: "Numa lista genealógica, com data anterior a 70 A. D., Jesus é mencionado como 'o filho bastardo de uma mulher casada'. É evidente que o evangelista Mateus estava familiarizado com essas listas e que estava lutando contra elas. Mais tarde, alguns rabinos chamaram grosseiramente Jesus de filho de uma adúltera. Também afirmaram saber qual era exatamente o 'nome do pai desconhecido: Panthera'. Em antigos textos rabínicos encontramos freqüentes alusões a *Jesus ben Panthera*, e o platonista eclético Celso, que viveu por volta de 160 A.D., conta em detalhes toda espécie de piada maliciosa sobre Maria e o legionário romano *Panthera*" 47/17

No *Toldoth Jeschu*, a história de Cristo escrita pelos judeus, ensina-se que Jesus teve "origem ilegítima, através da união de sua mãe com um soldado de nome Panthera". 34/146

Hugh Schonfield, o cético judeu, conta: "O rabino Shimeon ben Azzai disse: 'Encontrei um rolo genealógico em Jerusalém, e nele estava escrito 'fulano, filho bastardo de uma adúltera'". 42/139s

O rabino Shimeon viveu no final do primeiro e início do segundo séculos A.D. De acordo com Schonfield, esse documento já devia existir à época da captura de Jerusalém em 70 A.D. Nos registros judaicos mais antigos, o nome de Jesus é representado por "fulano".

Schonfield passa, então, a dizer que "não haveria razão para se fazer esse registro genealógico, a menos que a (genealogia) original cristã tivesse feito alguma afirmação de que o nascimento de Jesus não foi normal". 44/139, 140

Devido à citação do rabino Shimeon, Schonfield afirma que a acusação contra Jesus "de que era filho bastardo de uma adúltera remonta a uma data bem antiga". 44/140

Em *Contra Celso*, Orígenes declara: "Vamos, todavia, voltar às palavras postas na boca do judeu, as quais descrevem a mãe de Jesus como tendo sido *despedida pelo carpinteiro de quem estava noiva, pois fora condenada de adultério* e tivera uma criança de um certo soldado chamado Panthera. Analisemos se aqueles que inventaram o mito de que a virgem e Panthera cometeram adultério e de que o carpinteiro rompeu o noivado, não estavam cegos quando maquinaram toda essa história para se livrarem da concepção milagrosa pelo Espírito Santo. Pois, com relação à natureza profundamente milagrosa desse acontecimento, poderiam ter deturpado a história em outros aspectos sem admitir que Jesus não nasceu de um casamento comum. Era inevitável que aqueles que não aceitavam o nascimento milagroso de Jesus inventassem alguma mentira. Mas o fato de que não o fizeram de modo convincente, mas mantiveram como parte da história que a virgem não concebeu Jesus de José, faz com que a mentira se torne óbvia às pessoas que são capazes de analisar as histórias fictícias e desmascará-las. Será que é razoável que um homem que se aventurou a fazer tão grandes coisas em favor da humanidade neste universo não tivesse tido um nascimento milagroso, mas um nascimento mais ilegítimo do que qualquer outro?... É, portanto, provável que essa alma, que viveu na terra uma vida mais útil do que muitos homens (dizendo isso para não dar a impressão de querer levantar a questão de ter sido a vida dele mais útil do que a de 'todos' os homens), precisasse de um corpo que não apenas se distinguia dos corpos humanos, mas que também era superior a todos os demais." 33/1:32, 33

Mesmo nos evangelhos essa controvérsia aparece como em Marcos 6:3: "Não é este o carpinteiro, filho de Maria, irmão de Tiago, José, Judas e Simão? e não vivem aqui entre nós suas irmãs? E escandalizavam-se nele."

"Esse relato", diz Ethelbert Stauffer, "que aparece somente em Marcos, reflete bem a situação. Os judeus possuíam regras bem rígidas para dar nome aos filhos. Um judeu recebia como sobrenome o nome de seu pai (por exemplo, Jochanam ben Sakkai) mesmo que seu pai tivesse morrido antes do nascimento da criança. Ele recebia o nome da mãe só quando o pai era desconhecido." 47/16

4C. O ALCORÃO

1D. *No Alcorão* encontramos regularmente menções a Jesus como Isa ibn Maryam - isto é, Jesus o filho de Maria. Stauffer escreve que "Abdu-Uah al-Baidawi, o comentarista clássico do Alcorão, assinala com pleno conhecimento o costume semítico de dar nomes: usa-se o nome da mãe quando o pai é desconhecido. Mas aqui esse nome e sua explicação têm um propósito totalmente positivo. No islamismo considera-se Jesus como o Filho da Virgem Maria, o qual foi gerado pela Palavra criadora de Deus. 47/17,18

"Nas *Logia* lemos que Jesus foi repreendido por ser um 'glutão e bebedor'. Deve ter havido alguma base para essa acusação. Pois ela se harmoniza com tudo o que sabemos sobre a atitude de Jesus e a reação dos grupos farisaicos. Bem, entre os judeus da Palestina esse insulto em particular era dito a uma pessoa, filha de uma união ilegítima, que, devido a seu modo de vida e a sua conduta religiosa, revelava a nódoa de sua origem. Foi nesse sentido que os fariseus e seus seguidores usaram essa expressão contra Jesus. O sentido era: 'ele é um bastardo'." 47/16

Como resultado da repulsa bem antiga (antes de 70 A.D.), por parte dos judeus diante da origem ilegítima de Jesus, temos uma confirmação do fato de que existia dúvida quanto a quem era o pai de Jesus. A igreja cristã, bem no seu início, no máximo quarenta anos depois da morte de Jesus, deve ter ensinado alguma doutrina sobre o Seu nascimento, isto é, o nascimento virginal.

2D. O *Alcorão* menciona o nascimento de Jesus em Maria 19:20. Quando se anunciou a Maria que ela teria um filho, sua resposta foi: "Como pode ser isso se sou uma virgem e nenhum mortal jamais me tocou?" O relato prossegue dizendo: "É fácil para Mim (o Senhor)". Ele então "soprou o Seu Espírito sobre ela". 4/6

3B. A Conclusão de Vários Autores

Com base nos dados disponíveis, é importante ver o que alguns escritores dizem a respeito:

W. R. Griffith Thomas escreve: "O ponto principal em favor da doutrina é a necessidade de explicar a singularidade da vida de Jesus". 50/125

Henry Morris declara: "É perfeitamente apropriado que Aquele que realizou muitos milagres durante a Sua vida, que Se ofereceu a Si mesmo na Cruz como sacrifício de expiação pelos pecados dos homens e que então ressurgiu corporalmente dentre os mortos, numa confirmação de todas as Suas reivindicações, tivesse iniciado uma vida tão singular por meio de uma entrada singular nessa vida". 30/38

"Se Ele é de fato nosso Salvador, deve ser bem mais do que um simples homem, embora também seja de fato o Filho do homem. Para morrer pelos nossos pecados, Ele mesmo deve estar isento de qualquer pecado pessoal. E para, na prática, estar livre de pecados, deve primeiramente ser uma pessoa sem pecados na sua própria natureza. Ele não poderia participar da natureza humana, preso à maldição e ao domínio do pecado, como acontece com todos os outros filhos dos homens. Portanto, seu nascimento deve ter sido um nascimento milagroso. A 'semente da mulher' foi colocada no ventre da virgem quando, no dizer do anjo, 'descerá sobre ti o Espírito Santo e o poder do Altíssimo te envolverá com a sua sombra; por isso também o ente santo que há de nascer será chamado de Filho de Deus'" (Lucas 1:35). 30/38

"O nascimento virginal é verdadeiro não apenas porque é claramente ensinado na Bíblia, mas também porque é o único tipo de nascimento que faz jus ao caráter e à missão de Jesus Cristo, bem como ao grande plano de Deus para a salvação de um mundo perdido." 30/38

"Afirmar que um milagre assim é impossível de acontecer é negar a existência de Deus ou então negar que Ele possa controlar Sua criação." 30/38

Ao fazer um resumo das provas acerca do nascimento de Jesus, / *Gresham Machen* declara: "Assim, acreditamos que existe uma boa razão para se sustentar a posição de que a razão pela qual a igreja Cristã veio a crer no nascimento de Jesus sem a presença de um pai humano foi simplesmente porque Ele foi, sem dúvida alguma, gerado dessa maneira". 25/269

Qement Rogers conclui que "todas as provas existentes provam o nascimento milagroso de Cristo". 39/115

2A. SE DEUS SE TORNOU HOMEM, ENTÃO SERIA DE SE ESPERAR QUE ELE NÃO TIVESSE PECADO

1B. Primeiramente, Examinemos o Testemunho que Ele Dá de Si Mesmo

João 8:46: "Quem dentre vós me convence de pecado?"

Ninguém lhe respondeu. Quando Ele os convidou a que O acusassem, Ele pôde ali ficar e suportar o escrutínio da parte deles. Ele estava sem pecado; assim, era capaz de Se abrir dessa maneira.

Ele também disse: "Eu faço sempre o que lhe agrada" (isto é, o que agrada a Deus) (João 8:29). Ele parece ter vivido em comunhão ininterrupta com Deus.

A pureza auto-consciente de Cristo surpreende por ser totalmente diferente da experiência dos outros crentes. Cada cristão sabe que quanto mais perto se aproxima de Deus, torna-se mais cômico do seu pecado. Todavia, isso não ocorre com Cristo. Jesus viveu junto a Deus mais intimamente do que qualquer outra pessoa e esteve livre de qualquer sentimento de pecado.

Nesta mesma linha de pensamento, ficamos sabendo das tentações que Jesus sofreu (Lucas 4), mas nunca de Seus pecados. Jamais soubemos que tenha confessado pecados ou pedido perdão por eles, muito embora tenha ensinado os discípulos a fazerem isto. Parece que Ele não teve qualquer sentimento de culpa, que acompanha a natureza pecaminosa.

2B. O Testemunho de Seus Amigos

Por toda a Bíblia se revelam as incoerências de todas as pessoas. Nenhum dos grandes heróis judaicos é apresentado sem alguma mácula, nem mesmo Davi ou Moisés. Mesmo no Novo Testamento, em quase todos os livros escreve-se sobre as faltas dos apóstolos, e, ainda assim, em nenhuma passagem encontramos

menção a um único pecado na vida de Cristo.

Em primeiro lugar, devemos nos assegurar das razões pelas quais iríamos estudar os relatos feitos por Seus discípulos. Vemos que se deve estudar o testemunho deles pelas seguintes razões:

1C. ELES VIVERAM EM ÍNTIMO CONTATO COM JESUS POR APROXIMADAMENTE TRÊS ANOS.

2C. ELES ERAM JUDEUS, E, DESDE O NASCIMENTO, FOI-LHES INCULCADA A CONSCIÊNCIA DE SUA PRÓPRIA NATUREZA PECAMINOSA, ASSIM COMO A DOS OUTROS SERES HUMANOS.

3C. O TESTEMUNHO DELES ACERCA DA NATUREZA NÃO-PECAMINOSA DE JESUS É INDIRETO.

Eles não começam querendo provar que Ele não tinha pecado; antes, fazem comentários sobre o assunto de tal modo que reconhecem a natureza não-pecaminosa de Jesus.

Sobre os escritos dos discípulos, A. E. Garvie afirma: "... Parece absolutamente inacreditável que algum dos discípulos pudesse ter, primeiramente, inventado e, então, descrito a personalidade de Jesus, tal como aparece nos evangelhos". 10/98

No íntimo contato que tiveram com Ele, jamais enxergaram nEle os pecados que viam em si mesmos. Eles se irritavam mutuamente, queixavam-se e discutiam, mas nunca viram tal coisa em Jesus. Devido à rígida formação judaica, teriam profunda dificuldade em dizer que Jesus não tinha pecado a menos que, de fato, Ele não tivesse pecado.

Seus companheiros mais íntimos, Pedro e João, confirmam que Ele não cometeu pecado.

1 Pedro 1:19: "Mas pelo precioso sangue, como de cordeiro sem defeito e sem mácula, o sangue de Cristo".

1 Pedro 2:22: "O qual não cometeu pecado, nem dolo algum se achou em sua boca".

1 João 3:5: "Sabeis também que ele se manifestou para tirar os pecados, e nele não existe pecado".

João chegou ao ponto de dizer que se alguém afirma que está sem pecado, é mentiroso e também está chamando Deus de mentiroso. Contudo, João deu testemunho do caráter imaculado de Jesus quando afirmou que "não existe pecado" em Cristo (1 João 3:5).

Até mesmo a pessoa responsável pela morte de Jesus reconheceu Sua inocência e pureza. Depois de trair Jesus, Judas percebeu a Sua retidão e caiu em profundo remorso porque havia traído "sangue inocente" (Mateus 27:3,4).

O apóstolo Paulo, em suas epístolas, também deu testemunho da natureza não - pecaminosa de Jesus (2 Coríntios 5:21).

3B. Mais Importante, talvez, do que o Testemunho dos Seus Amigos É o dos Seus Inimigos

Um dos homens crucificados com Jesus dá testemunho da Sua natureza sem pecado. Em Lucas 23:41 um dos ladrões repreendeu o outro, dizendo: "... este nenhum mal fez".

O próprio testemunho de Pilatos acerca da natureza não-pecaminosa de Jesus foi: "Que mal fez este?" (Lucas 23:22).

Junto à cruz o centurião exclamou: "Verdadeiramente este homem era justo" (Lucas 23:47).

Também é evidente que Seus inimigos iriam tentar apresentar alguma acusação para provar a Sua culpa. No entanto, não conseguiram (Marcos 14:55, 56).

Quanto a isso, Marcos reúne numa só passagem quatro críticas que Seus inimigos haviam feito (em 2:1-3:6). Primeiro, acusaram-nO de blasfêmia porque perdoara os pecados de um homem. Contudo, se Ele era divino, tinha todo o poder para oferecer o perdão. Segundo, eles ficaram atônitos pelas más companhias que Ele tinha — pecadores, publicanos, meretrizes, etc. Os líderes religiosos daquela época acreditavam que o correto era evitar contato com essas pessoas. Diante de tais acusações, Ele se refere a Si mesmo como sendo um médico de pecadores (Marcos 2:17). Terceiro, acusaram-nO de ter uma prática religiosa frívola, pois não jejuava como os fariseus. Entretanto, não há dúvida alguma de que levasse Sua religião a sério. Finalmente, ficaram perturbados por Ele quebrar o sábad (curando, colhendo no campo,

etc). Ainda assim ninguém pode duvidar que Ele fosse submetido à lei de Deus. Por ser o "Senhor do Sábado", Ele escolheu destruir falsas tradições e dar à lei de Deus a verdadeira interpretação.

4B. Finalmente, Dispomos do Testemunho da História

O islamismo considera Jesus sem pecado. No Alcorão (Maria 19:19), o anjo Gabriel veio a Maria e lhe disse que seu filho, Jesus, seria "imaculado".

Philip Schaff nos assegura que "aqui está o Santo dos Santos da humanidade..." 42/107

"Jamais viveu um ser mais imaculado sobre a face da terra. Ele não machucou ninguém, não tirou vantagem de ninguém. Nunca falou uma palavra imprópria, nunca realizou uma ação errada." 43/36,, 37

"A primeira impressão que recebemos da vida de Jesus é a de inocência perfeita e de natureza sem pecado no meio de um mundo pecaminoso. Ele e mais ninguém conseguiu manter na juventude e na idade adulta a pureza sem mácula da infância. Por essa razão, o cordeiro e a pomba são os símbolos apropriados para Ele". 43/35

"É, em resumo, a perfeição absoluta, a qual eleva Seu caráter bem acima do alcance de todos os outros homens e faz com que seja uma exceção a uma regra universal, um milagre moral da história". 42/107

"Ele é a encarnação visível do padrão ideal de virtude e santidade, e o supremo modelo para tudo que é puro, bom e nobre diante de Deus e dos homens". 43/44

"Assim era o Jesus de Nazaré - um homem de verdade no corpo, na alma e no espírito, ao mesmo tempo em que diferia de todos os homens; uma personalidade única e original desde a mais tenra infância até a plena maturidade, agindo em comunhão permanente com Deus, transbordando de amor para com os homens, livre de todo e qualquer pecado e erro, inocente e santo, consagrado aos mais nobres objetivos, ensinando e praticando todas as virtudes numa perfeita harmonia, selando a vida mais pura com a morte mais sublime, e reconhecido desde então como o único modelo perfeito de bondade e santidade". 43/73

John W. Stott contribui com um pensamento: "Essa profunda desatenção para com o eu no serviço a Deus e aos homens é o que a Bíblia chama de amor. No amor não existe interesse pessoal. A essência do amor é o auto-sacrifício. O pior dos homens é marcado por um lampejo ocasional dessa atitude de nobreza, mas a vida de Jesus irradiou amor com um brilho fulgurante e permanente. Jesus não teve pecado porque não era egoísta. Essa ausência de egoísmo é amor. E Deus é amor". 48/44,45

Um outro escritor, *Wilbur Smith*, declara: "A característica que se destaca na vida terrena de Jesus é aquela da qual todos nós reconhecemos que estamos distantes, e, ao mesmo tempo, é aquela que todos os homens admitem ser a característica mais valiosa que alguém possa ter, a saber, bondade *absoluta*, ou, em outras palavras, *pureza* perfeita, *santidade* genuína, e, no caso de Jesus, nada menos que *ausência de pecado*". 46/7

C. E. Jefferson escreve: "A melhor razão que temos para crer na natureza não-pecaminosa de Jesus é o fato de que Ele permitiu que Seus amigos mais chegados pensassem assim sobre Ele. Em tudo o que Ele falou não existe qualquer traço de pedido de desculpas, ou qualquer idéia de problema de consciência, ou qualquer sugestão de estar triste por alguma falta, ou o menor vestígio de remorso. Ele ensinou as outras pessoas a se considerarem pecadoras, Ele asseverou bem claramente que o coração humano é mau, Ele disse a Seus discípulos que toda vez que orassem deviam pedir perdão, mas nunca falou ou agiu como se Ele mesmo tivesse a mais leve idéia de ter feito algo diferente do que aquilo que agradava a Deus". 17/225

Quanto a isso, *Philip Schaff* afirma: "É um fato inquestionável, tanto do ponto-de-vista de Sua missão e comportamento coerente, como de sua manifesta consagração, que Cristo *sabia* que Ele estava livre de pecado e culpa. A única explicação racional para esse fato é que Cristo *não era* pecador". 43/40

Um outro testemunho é o de *A. E. Garvie*: "Se nEle houvesse qualquer pecado secreto, ou mesmo a lembrança de pecados passados, isso revelaria uma insensibilidade moral em contraste irreconciliável com o discernimento moral que Seus ensinamentos revelam". 10/97

C. E. Jefferson afirma: "Nada existe na consciência de Jesus que indique ser Ele culpado de algum pecado". 17/328

Como Stott nos mostra, a personalidade de Jesus revelava os Seus pensamentos e convicções: "Fica claro, então, que Jesus acreditava que não tinha pecado, da mesma forma como acreditava que era o Messias e o Filho de Deus". 48/39

Kenneth Scott Latourette, o famoso historiador, assegura: "Uma outra qualidade que freqüentemente se tem assinalado era a ausência de qualquer sentimento de ter cometido pecado ou de possuir um defeito vital... É profundamente significativo que em alguém com tanta sensibilidade moral, como era o caso de Jesus, o qual ensinava Seus seguidores a pedirem perdão pelos pecados, não haja qualquer sugestão de alguma necessidade de perdão para Si mesmo, nem qualquer pedido de desculpas, quer àqueles ao Seu redor, quer a Deus". 21/47

"O Sermão da Montanha é a biografia de Cristo. Tudo o que Ele disse já havia escrito com a própria vida. O sermão apenas traduziu a Sua vida em palavras" (*Thomas Wright*). 29/60

Henry Morris escreve: "Se o próprio Deus, encarnado em Seu único Filho, não pudesse estar à altura do padrão de Sua própria santidade, então seria totalmente fútil ir a qualquer outro lugar do universo em busca de sentido e salvação". 30/34

Bernard Ramm diz: "... Jesus teve a única vida perfeita de piedade e santidade pessoal pela exclusiva razão de ser o Deus encarnado".

Sobre isso escreve *Griffith Thomas*: "... Nem por um só instante surgiu a mais leve sombra entre Ele e Seu Pai celestial. Ele não tinha pecado". 50/17

E *Griffith Thomas* mais uma vez fala a respeito: "Se a própria vida de Cristo não tivesse sido sem pecado, é óbvio que Ele não poderia ser, para a humanidade, o Redentor dos pecados". 50/17

É *Philip Schaff* quem diz: "Quanto melhor e mais santo um homem é, mais ele sente a necessidade de perdão, e fica bem aquém de seu próprio e imperfeito padrão de excelência. Mas Jesus, com a mesma natureza que a nossa e tentado tal como nós, jamais sucumbiu à tentação; jamais teve motivo para lamentar algum pensamento, palavra ou ação; nunca precisou de perdão, conversão nem reforma; nunca deixou de estar em harmonia com Seu Pai celestial. Toda a Sua vida foi um ato ininterrupto de consagração de Si mesmo em favor da glória de Deus e em favor do bem-estar eterno de Seus semelhantes". 42/107

"Não conheço qualquer bem verdadeiro e duradouro além da excelência moral que resplandece em Jesus Cristo" (*William Ellery Channing*). 29/51

Wilbur Smith comenta: "Quinze milhões de minutos de vida sobre a terra, no meio de uma geração ímpia e corrupta — cada pensamento, cada ação, cada propósito, cada atividade, em particular e em público, desde o momento em que, como recém-nascido, abriu os olhos, até o instante em que expirou na cruz, tudo isso foi aprovado por Deus. Nem uma única vez o nosso Senhor teve que confessar algum pecado, pois Ele não teve qualquer pecado" **46/8, 9**

5B. Junto Com o Testemunho da História Encontramos as Palavras de Alguns dos Mais Famosos Céuticos

Rousseau afirmou: "Quando Platão descreve o homem justo que imaginava, oprimido por todos os castigos de culpa, mas merecendo as mais elevadas recompensas da virtude, ele descreve exatamente o caráter de Jesus Cristo..." 43/134

O famoso escritor *John Stuart MUI* indaga: "Mas quem dentre seus discípulos ou dentre os prosélitos seria capaz de inventar as palavras atribuídas a Jesus, ou idealizar a vida e o caráter apresentados nos Evangelhos?" 43/145

"Jesus é o mais perfeito de todos os homens que já apareceu" (*Ralph Waldo Emerson*). 29/52

O historiador *William Lecky* afirma que "Ele., tem sido não apenas o mais elevado padrão de virtude, mas também o mais forte incentivo à prática dessa virtude..." 22/8

"Até mesmo *David Strauss*", escreve *Wilbur Smith*, "o mais rancoroso de todos os adversários dos elementos sobrenaturais dos Evangelhos, cujas obras ajudaram a destruir a fé em Cristo mais do que os escritos de qualquer outro homem na atualidade - até mesmo Strauss, com todas as suas críticas contundentes, incisivas e maldosas e sua total rejeição de tudo que diga respeito a milagres, já perto do fim da vida foi constrangido a admitir que em Jesus existe perfeição moral. 'Esse Cristo... é histórico, não um mito; é um indivíduo, não apenas um símbolo... Ele continua sendo o mais elevado modelo de religião ao alcance da nossa mente; e nenhuma devoção perfeita é possível sem Sua presença no coração.'" 46/11

Finalizando, *Bernard Ramm* escreve: "'Perfeição sem pecado e perfeita ausência de pecado é o que seria de se esperar do Deus encarnado, e isso encontramos em Jesus Cristo. A hipótese e os fatos se harmonizam". 36/169

3A. SE DEUS SE TORNOU HOMEM, ENTÃO É DE SE ESPERAR QUE ELE TENHA MANIFESTADO O SOBRENATURAL NA FORMA DE MILAGRES

1B. O Testemunho das Escrituras

"Ide, e anunciai a João o que vistes e ouvistes; os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados, e aos pobres anuncia-se-lhes o evangelho" (Lucas 7:22).

Assim, vemos que Seus milagres demonstraram uma grande variedade de poder: poder sobre a natureza, poder sobre as enfermidades, poder sobre os demônios, poderes de criação e poder sobre a morte. Isso também constituía uma confirmação das profecias e de seu cumprimento messiânico em Cristo.

Uma lista desses milagres inclui:

MILAGRES DE CURA FÍSICA

Um leproso — Mateus 8:2-4; Marcos 1:40-45; Lucas 5:12-15

Um paraplégico - Mateus 9:2-8; Marcos 2:3-12; Lucas 5:18-26

Febre (sogra de Pedro) - Mateus 8:14-17; Marcos 1:29-31

O filho do oficial do rei curado - João 4:46-53

Enfermidade física — João 5:1-9

Umamãomirrada -Mateus 12:9-13; Marcos3:1-6; Lucas 6:6-11

Surdez e mudez — Marcos 7:31-37

Cegueira, em Betsaida - Marcos 8:22-25; em Jerusalém. João 9: de Bartimeu. Marcos 10:46-52

Dez leprosos - Lucas 17:11-19

A orelha seccionada de Malco - Lucas 22:47-51

Hemorragia - Mateus 9:20-22; Marcos 5:25-34; Lucas 8:43-48

Hidropsia - Lucas 14:2-4

Água transformada em vinho, em Cana — João 2:1-11

MILAGRES NO ÂMBITO DA NATUREZA

Tempestade amainada — Mateus 8:23-27; Marcos 4:35-41; Lucas 8:22-25

Pesca sobrenatural — Lucas 5:1-11; João 21:6

Multiplicação de alimentos: 5.000 alimentados — Mateus 14: 15-21; Marcos 6:34-44; Lucas 9:11-17; João 6:1-14;

4.000 alimentados - Mateus 15:32-39; Marcos 8:1-9

Andar sobre a água - Mateus 14:22,23; Marcos 6:45-52; João6:19

Tirar dinheiro de dentro de um peixe — Mateus 17:24-27

Figueira tornada seca — Mateus 21:18-22; Marcos 11:12-14

MILAGRES DE RESSURREIÇÃO

A filha de Jairo — Mateus 9:18-26; Marcos 5:35-43; Lucas 8:41-56

O filho da viúva — Lucas 7:11-15

Lázaro de Betânia - João 11:1-44 48/500

2B. Comentários e Citações Sobre os Seus Milagres

"Cristo demonstrou poder sobre as forças da natureza, o qual só poderia pertencer a Deus, o criador dessas forças." 24/56

De acordo com isso estão as palavras de C. S. Lewis: "Creio que todos os pontos essenciais do hinduísmo não seriam prejudicados caso se removesse o elemento miraculoso, e o mesmo é quase que igualmente verdadeiro em relação ao islamismo, mas não se pode agir assim com o cristianismo. O cristianismo é precisamente a história de um grande milagre. Um cristianismo naturalista deixa de lado tudo aquilo que é claramente cristão". 23/83

Bernard Ramm apresenta um outro propósito dos milagres: "Nas religiões não-cnstãs, acredita-se em

milagres porque já se acredita na religião, mas na religião bíblica são meios para estabelecer a verdadeira religião. Essa distinção tem enorme importância. Israel veio a existir através de uma série de milagres, a lei foi outorgada em meio a manifestações sobrenaturais, e muitos profetas foram identificados como porta-vozes de Deus devido ao poder que tinham para realizar milagres. Jesus veio não apenas pregando, mas operando milagres, e os apóstolos, vez ou outra, realizaram maravilhas. Era o milagre confirmando a religião em todos os aspectos". 37/142s

Philip Schaff afirma que os milagres de Cristo apresentaram um "contraste marcante com os atos enganosos e fraudulentos e com os milagres inúteis e absurdos da ficção apócrifa. Foram realizados sem qualquer ostentação, com tanta simplicidade e facilidade, que foram simplesmente chamados de Suas obras". 42, 105

Nesta mesma linha de pensamento. *Griffith Thonias* relata. "É digno de nota que, com muita frequência, é empregada para designar esses milagres nos evangelhos a palavra bem comum 'obras' (*erga*). As obras são a consequência natural e necessária da vida de Jesus. A expressão prática daquilo que Ele mesmo era". 50/50

Os milagres também espelhavam o caráter daquele que os realizava.

Griffith Thomas prossegue: "A questão se resolve, de um modo simples, com a seguinte pergunta: admitindo-se que Ele fosse uma Pessoa sobrenatural, os Seus feitos sobrenaturais estavam em harmonia com a Sua vida? O caráter das obras atribuídas a Ele, o bem que elas fizeram, as limitações com que foram realizadas, o lugar comparativamente insignificante que ocuparam em Seu ministério e a ênfase constante dada por Cristo à primazia da vida espiritual — tudo isso está em plena harmonia com a manifestação e atuação da Pessoa tão milagrosa e sobrenatural que se vê em Jesus". 50/54

Philip Schaff diz: "Todos os Seus milagres não passam de manifestações naturais de Sua pessoa, pois foram realizados com a mesma facilidade com que desempenhamos nossas atividades comuns e diárias". 43/76, 77

Citando mais uma vez *Philip Schaff*: "Os Seus milagres foram, sem exceção, motivados pelas razões mais puras, tendo como objetivo a glória de Deus e o benefício dos homens; são milagres de amor e misericórdia, repletos de instrução e significado, e em harmonia com o Seu caráter e missão". 43/91

F. H. Chase declara: "A motivação e o âmbito dos milagres do Senhor, registrados nos Evangelhos, são sempre os mesmos. Os relatos dos milagres encontram-se espalhados por todas as partes dos Evangelhos. Quando os analisamos e os confrontamos, descobrimos que possuem uma unidade não intencional. Juntos eles cobrem toda a esfera da atuação de nosso Senhor como Salvador, renovando cada aspecto do ser complexo que é o homem e restaurando a paz no mundo físico. Os Evangelhos não os apresentam como tendo o objetivo básico de acentuar Sua dignidade e poder. Caso fossem invenção de uma fantasia religiosa, desejosa de apresentar ilustrações com a imposição de histórias acerca da Sua grandeza e da Sua glória, do ponto-de-vista moral seria impossível que essa unidade sutil se tivesse mantido de modo tão coerente e discreto". 6/404

"Os milagres", escrevi. *E. Garvie*, "estão em harmonia com o caráter e a auto-consciência de Jesus; não são confirmações externas, mas elementos constitutivos internos da revelação do amor, da misericórdia e da graça do Pai celestial, dados por meio de Ele, o Filho amado de Deus e Irmão compassivo dos homens". 11/51, 52

Thomas conclui dizendo: "Para nós, hoje em dia, a Pessoa de Cristo é o grande milagre, e a maneira correta de pensar é raciocinar a partir de Cristo, indo então para os milagres, e não partir dos milagres, para chegar a Cristo". 50/49

Até mesmo o islamismo reconhece a Sua capacidade de realizar milagres, conforme vemos no *Alcorão* (A Mesa Servida 5:110). Ele menciona a cura de cegos, de leprosos e a ressurreição de mortos.

3B. Antigas Testemunhas Judaicas

Escreve *Ethelbert Stauffer* em *Jesus and His Story* (Jesus e Sua História): "Encontramos muitas referências aos milagres de Jesus nos livros legais e históricos dos judeus".

"Por volta de 95 A.D., o rabino Eliezer ben Hyrcanus, de Lida, escreveu sobre as habilidades mágicas de Jesus". 47/9

"Por volta do mesmo período (95-110 A.D.) encontramos a acusação: 'Jesus praticou magia e fez Israel se desviar'" (Sanhedrim 43a). 47/10

"Sabemos que por volta de 110 houve uma controvérsia entre os judeus da Palestina sobre se era aceitável ser curado em nome de Jesus". 47/10

"Bem, curas milagrosas em nome de Jesus implicam que o próprio Jesus realizou esses milagres." 47/10

Há também uma referência indireta feita por Juliano o Apóstata, imperador romano em 361 a 363, que foi um dos mais talentosos escritores dentre os antigos adversários do cristianismo. Em seu livro contra o cristianismo ele afirma: "Já faz cerca de trezentos anos que Jesus vem sendo lembrado. Durante sua vida não fez nada digno de fama, a não ser que alguém considere excepcionalmente grande o fato de curar coxos, cegos e exorcisar demônios nas vilas de Betsaida e Betânia." 43/133 Inadvertidamente atribuiu a Cristo o poder de realizar milagres.

4B. Para Silenciar os Críticos

Diz *Bernard Ramm*: "Caso os milagres estejam ao alcance da percepção sensorial, pode-se testemunhar a respeito deles. Caso se apresente um testemunho adequado dos milagres, então o testemunho escrito tem, como prova das experiências, a mesma validade ao ver os próprios acontecimentos". 36/140

Assim, muitos dos milagres de Jesus foram realizados perante o público para análise e investigação abertas por parte dos céticos. Primeiramente, examinemos o relato bíblico da ressurreição de Lázaro.

Bernard Ramm comenta: "Se a ressurreição de Lázaro foi de fato testemunhada por João e por ele registrada quando ainda estava com o pleno domínio das faculdades mentais e em plena posse da memória, para os propósitos de prova, esse registro reflete a mesma cena que nós teríamos presenciado se estivéssemos ali no momento". 36/140,141

Com relação à ressurreição de Lázaro, é significativo que Seus adversários não negaram o milagre, mas, antes, tentaram matá-LO antes que todos cressem nEle (João 11:48).

Assim sendo, os contemporâneos de Jesus, inclusive Seus inimigos, confirmaram Sua capacidade de realizar milagres. Contudo, esse poder foi atribuído a Satanás por Seus inimigos e a Deus pelos Seus amigos (Mateus 12:24).

Respondendo à acusação, Jesus disse: "Todo reino dividido contra si mesmo ficará deserto, e toda cidade, ou casa, dividida contra si mesma, não subsistirá. Se Satanás expele a Satanás, dividido está contra si mesmo; como, pois, subsistirá o seu reino?" (Mateus 12:25, 26).

Com base nas provas e testemunhos disponíveis, percebemos que não se pode menosprezar os milagres dos Evangelhos devido às afirmações extravagantes e supersticiosas dos milagres pagãos. Apenas porque alguns milagres são falsificados, isso não é prova de que todos sejam fraudulentos.

Os milagres são frequentemente menosprezados porque vão contra as leis da natureza. Todavia, as leis não podem fazer alguma coisa acontecer. Portanto, quando se discute os milagres de Jesus, deve-se considerá-los como sendo um ato de Deus vir e alterar o rumo normal dos acontecimentos.

Podemos, então, ver que os milagres são uma parte inerente da comunicação de Deus conosco. Assim, a questão toda depende, em última instância, da existência de Deus.

A esse respeito, diz *Griffith Thomas*: "Portanto, caso permitamos que a doutrina científica da uniformidade e continuidade da natureza se interponha no nosso caminho, inevitavelmente chegaremos à conclusão de que os milagres são impossíveis e, a partir daí, concluiríamos que, como geralmente acontece, um Cristo miraculoso é impossível. Assim, na verdade a questão é decidida numa base *a priori*, antes mesmo de se examinar as provas". 50/52

Paul Little declara o fato de que "a ciência só tem condições de dizer que os milagres não ocorrem no curso normal da natureza. A ciência não pode 'proibir' milagres porque as leis naturais não podem fazer algo acontecer e, conseqüentemente, também não podem proibir". 24/125

Também em relação às leis naturais, ouvimos o seguinte de *Philip Schaff*: "Os milagres verdadeiros estão acima da natureza; não são *contra a natureza*... São a manifestação de uma lei superior, à qual as leis inferiores devem obedecer". 43/92

Para concluir há duas citações, a primeira de *John A. Broadus* e a outra de *A. E. Garvie*.

"Considere os evangelhos tal como foram escritos... Se Jesus de Nazaré não realizou feitos sobrenaturais, Ele falou falsamente inúmeras vezes. Ele que falou como nenhum outro homem falou, e contra seu caráter crítica alguma pode apontar um só defeito... ou Ele realizou feitos sobrenaturais, ou então falou falsamente". 10/72

Garvie declara: "... Um Cristo que, sendo o Filho de Deus e buscando Se tornar o Salvador dos homens, não operasse milagre algum, seria mais difícil de compreender e acreditar do que o Jesus relatado tão coerentemente nos Evangelhos". 10/73

4A. SE DEUS SE TORNOU HOMEM, ENTÃO É DE SE ESPERAR QUE ELE TEVE UM PROFUNDO SENTIMENTO DE SER ALGUÉM DIFERENTE DOS OUTROS HOMENS

1B. O Testemunho dos Amigos

Tal é a influência de Jesus que as pessoas têm de "assumir uma posição a favor ou contra Ele. A indiferença tem sido sempre impossível". *No Alcorão* (A Família de Jesus 3:45), Jesus é mencionado como "o maior de todos neste mundo e no mundo vindouro". Pascal indagou: "Quem teria ensinado aos evangelistas as qualidades de uma alma perfeitamente heróica, as quais eles descrevem de modo tão perfeito na pessoa de Jesus Cristo?" 56/29

"Em todos os aspectos Jesus era verdadeiramente humano, e também mais do que humano". 45/27

Channing, citado por Frank Ballard em *The Miracles of Unbelief* (Os Milagres da Descrença), afirmou: "Desconheço o que se possa acrescentar para aumentar a admiração, a reverência e o amor que Jesus provoca". 3/252

A. M. Fairbairn, em *Philosophy of the Christian Religion* (Filosofia da Religião Cristã), afirma: "Em resumo, Jesus era a divindade se manifestando na humanidade, e com as limitações decorrentes. Essa idéia é em si mesma algo extraordinário, e se torna ainda mais extraordinária pela maneira maravilhosa como toma corpo numa história pessoal. Nunca houve uma idéia mais suprema do que essa..." 8/326

"Sua vida foi santa; Sua palavra foi verdadeira, todo o Seu caráter foi a personificação da verdade. Jamais houve um homem mais real ou autêntico do que Jesus de Nazaré" (G. Thomas). 50/11

W. R. Gregg afirma que "Jesus teve uma daquelas naturezas raras e privilegiadas, tendo recebido, com mais perfeição do que qualquer outro, a pureza e a harmonia absoluta daqueles cujos aspectos mentais e morais conferem uma lucidez que alcança as raias da profecia". 3/152

Hausrath, citado por Frank Ballard, tem o seguinte pensamento: "A história humana não conhece qualquer outra vida notável que tenha tido pouco daquilo que é terreno, transitório, local; que tenha se dedicado a propósitos tão elevados e universais". 3/252

John Young em *Christ of History* (O Cristo da História), indaga: "... Como aconteceu que, dentre todos os homens, só ele alcançou a perfeição espiritual? Aquilo que Deus operou em termos de vida piedosa e virtude num determinado momento e num caso específico nesta terra, certamente poderia ter operado em outras épocas e em outros casos. Se Jesus foi apenas homem, Deus poderia ter suscitado em diferentes épocas muitos desses exemplos vivos de uma humanidade santificada, igual a Jesus, para corrigir, instruir e aperfeiçoar o mundo. Mas Ele não o fez..." 57/243

Carnegie Simpson escreveu: "Instintivamente não o colocamos na mesma categoria de outras pessoas. Quando encontramos o Seu nome numa lista que começa com Confúcio e termina com Goethe, achamos que é uma ofensa não tanto contra a ortodoxia como contra a decência. Jesus não é mais um no grupo dos grandes homens do mundo. Caso queira, refira-se a Alexandre o Grande, a Carlos o Grande e a Napoleão o Grande... mas Jesus não está na mesma categoria. Ele não é o Grande; Ele é o único. Ele é simplesmente Jesus. Nada se pode acrescentar a isto... Ele está fora do alcance de nossa investigação. Ele confunde os valores da natureza humana. Ele leva o nosso espírito crítico à inação. Ele enche nossos espíritos de temor e tremor". 98/36 (Citado por John Stott em *Cristianismo Básico*.)

Sã"o *de Philip Schaff* estas palavras: "Seu zelo jamais se degenerou em paixão, nem Sua constância em obstinação; nem Sua benevolência em fraqueza, nem Sua ternura em sentimentalismo. Seu desprendimento das coisas do mundo nada tinha a ver com indiferença ou insociabilidade; Sua dignidade nada tinha a ver com orgulho e presunção; Seu caráter afetuoso nada tinha a ver com uma intimidade imprópria; Sua auto-negação nada tinha a ver com um espírito taciturno; Seu domínio-próprio nada tinha a ver com a austeridade. Nele havia uma combinação de inocência parecida com a das crianças e de força viril, de uma completa devoção a Deus e um interesse incansável pelo bem-estar dos homens, de um amor terno para com o pecador e uma severidade intrasigente com o pecado, de uma dignidade imponente e uma humildade cativante, de uma coragem intrépida e uma cautela prudente, de uma firmeza inflexível e uma bondade amorosa". 43/63

John W. R. Stott cita uma conversa oorrída entre Robert Browning e *Charles Lamb*. Nessa conversa, Lamb falava sobre a reação que teriam caso alguém, vindo dentre os mortos, entrasse no recinto. Indagado sobre o que faria se Cristo entrasse na sala, Lamb respondeu: "... Se Shakespeare entrasse nesta sala, todos nós nos levantaríamos para cumprimentá-lo, mas se essa Pessoa entrasse aqui, todos nós nos prostraríamos e procuraríamos beijar a orla das suas vestes". 48/36

Griffith Thomas declara: "Ele representa uma intervenção divina e precisa em favor do homem, ocorrida num determinado instante da história do mundo, e sobre esse grande milagre da Pessoa de Cristo nós temos que nos definir..." 50/53

"Ele tem todos os aspectos positivos que caracterizam outros homens, e não é exagero dizer que não lhe falta qualquer característica que os homens consideram desejável no caráter humano." 50/11

Klausner, um erudito judeu, afirma: "Jesus foi o mais judeu dentre os judeus, até mais do que Hillel". 19/1249

"Em todo o mundo se reconhece... que Cristo ensinou o sistema ético mais puro e sublime, que ofusca os preceitos e máximas morais dos homens mais sábios da antigüidade". 43/44

Joseph Parker escreveu em *Ecce Deus* (Eis o Deus): "Só um Cristo poderia ter idealizado outro Cristo". 25/57

Johann Gottfried von Herder declara: "Jesus Cristo é, no sentido mais perfeito e sublime, a concretização do ideal de humanidade". 29/53

Napoleão Bonaparte disse: "Eu conheço as pessoas e lhes afirmo que Jesus Cristo não é um simples homem. Entre Ele e todas as demais pessoas do mundo não existe termo possível de comparação. Alexandre, César, Carlos Magno e eu fundamos impérios. Mas em que é que se basearam os sustentáculos da nossa capacidade? Na força. Jesus Cristo fundou o Seu império baseado no amor; e neste momento milhões de homens estão dispostos a morrer por Ele." 29/56

Theodore Parker, um famoso unitarista, reconhece que "Cristo harmoniza em Si mesmo os princípios e as mais sublimes práticas mais divinas, de modo que, muito mais do que concretizar o sonho dos profetas e sábios,

Ele surge insento de todos os preconceitos do Seu tempo, do Seu povo e de Seu grupo, e derrama uma doutrina bela como a luz, sublime como o céu e verdadeira como Deus. Dezoito séculos já se passaram desde que o sol da humanidade atingiu o seu auge na pessoa de Jesus. Que homem, que grupo religioso, conseguiu compreender totalmente Seu pensamento, assimilar o Seu método e aplicá-lo completamente à vida?" 3/252

Ralph Waldo Emerson disse: "Jesus deixa atônitas e impotentes as pessoas lascivas. Elas são incapazes de relacioná-lo à história ou de se reconciliarem com Ele". 29/52

"A última edição da Enciclopédia Britânica", escreve Wilbur Smith, "emprega vinte mil palavras para falar de Jesus e não apresenta a menor insinuação de que Ele não existiu. A propósito, são mais palavras do que as utilizadas nos verbetes de Aristóteles, Alexandre, Cícero, Júlio César ou Napoleão Bonaparte". 46/5

Phillips Brooks: "Jesus Cristo, a humilhação voluntária da divindade e a exaltação da humanidade". 29/56

2B. O Que Dizem os Opositores

"E *Goethe*", cita o historiador Philip Schaff, "uma pessoa respeitada por causa de sua grande capacidade, tendo uma índole bem diferente, mas estando igualmente acima de qualquer suspeita na questão de religião, nos últimos anos de sua vida, ao olhar para o vasto campo da história, foi constrangido a reconhecer que 'se alguma vez Deus apareceu na terra, fê-lo na pessoa de Cristo', e que 'a mente humana, por mais que avance em todos os outros aspectos, jamais superará a estatura e o valor moral do cristianismo, tal como brilha e resplandece nos Evangelhos'". 42/110

"Reputo os Evangelhos como totalmente autênticos, pois ali temos o reflexo do esplendor de algo sublime, que vem da pessoa de Jesus Cristo, e de algo tão divino como jamais se manifestou sobre a terra." 3/251

H. G. Wells, o renomado historiador, escreve um fascinante testemunho acerca de Jesus Cristo: "Ele foi grande demais para seus discípulos. Em vista daquilo que ele afirmou claramente, não é de admirar que os que eram ricos e prósperos tenham tido uma sensação de horror a coisas estranhas, uma ameaça ao seu mundo por causa do Seu ensino. Talvez os sacerdotes, os governantes e os ricos tenham-no compreendido

melhor do que seus seguidores.

Ele agia como um terrível caçador moral, fazendo com que a humanidade saísse das confortáveis tocas em que, até então, tinha morado. De acordo com a luz resplendente do seu reino, não deveria haver propriedade, nem privilégios, nem orgulho, nem primazia; na verdade, não deveria haver nenhuma outra motivação ou recompensa além do amor. Não é de surpreender que os homens tenham ficado ofuscados e cegos, e tenham se queixado amargamente. Até os seus discípulos reclamavam quando ele insistia em lançar luz sobre eles. Não é de admirar que os sacerdotes tenham percebido que entre esse homem e eles próprios não havia escolha, senão a de que ou ele ou o sacerdócio devia desaparecer. Não é de admirar que os soldados romanos, pegos de surpresa por algo que estava além da sua compreensão e que ameaçava toda a disciplina militar que possuíam, reagissem com risos descontrolados, coroassem-no com espinhos, vestissem-no de púrpura e dele fizessem um César de brincadeira. Pois levá-lo a sério implicava vir a ter uma vida estranha e perturbadora, abandonar certos costumes, controlar instintos e impulsos, experimentar uma felicidade incrível..."

"Não é de admirar que até hoje esse Galileu seja grande demais para nossos pequenos corações." 52/535, 536

Quando indagaram a *Wells* qual pessoa deixou o impacto mais duradouro na história, ele respondeu que, a julgar pela grandeza de uma pessoa segundo os padrões históricos, "por esse teste Jesus está em primeiro lugar". 36/163

"Quaisquer que sejam as surpresas que o futuro nos reserva, Jesus jamais será ultrapassado" (*Ernest Renan*). 41/146

Thomas Carlyle refere-se a Jesus como "... o nosso símbolo mais divino. O pensamento humano ainda não atingiu um nível mais elevado. Jesus é símbolo de uma personalidade eterna e infinita; cujo significado sempre requer que seja mais uma vez investigado e mais uma vez manifesto". 43/139

Rousseau indaga: "Será que a Pessoa cuja história os Evangelhos relatam pode ser um ser humano? Que doçura, que pureza de procedimento! Que bondade contagiante em Seus ensinamentos! Que máximas sublimes! Que profunda sabedoria em Seus discursos! Que presença de espírito, que perspicácia de julgamento em Suas respostas! Sim, se a vida e a morte de Sócrates são as de um filósofo, a vida e a morte de Jesus Cristo são as de um Deus". 3/251

Concluindo, citaremos primeiro *Bernard Ramm* e, então, *G. A. Ross*:

"Na qualidade de Deus-homem, Jesus Cristo é a maior *personalidade* que já viveu, e, portanto, o Seu impacto pessoal é o maior que qualquer pessoa já causou". 36/173

"Já paramos para pensar sobre a posição peculiar de Jesus diante das questões de comportamento masculino e feminino? Ninguém jamais ousou chamar Jesus, num sentido negativo, de assexuado; no entanto, de acordo com o Seu caráter, Ele está acima dos sexos e, num certo sentido, entre os sexos. Sua humanidade completa é um depósito real dos padrões de comportamento que associamos a ambos os sexos. Nenhuma mulher chegou a ter uma dificuldade maior do que a que os homens tiveram em descobrir nEle o modelo real. Tudo o que possa existir num homem em termos de força, justiça e sabedoria e tudo o que possa existir numa mulher em termos de sensibilidade, pureza e intuição encontramos em Cristo, porém sem os obstáculos que impedem o desenvolvimento de virtudes opostas numa única pessoa". 41/23

5A. SE DEUS SE TORNOU HOMEM, ENTÃO CERTAMENTE AS SUAS PALAVRAS FORAM AS MAIORES PALAVRAS JÁ PRONUNCIADAS

1B. Jesus mesmo disse: "Passará o céu e a terra, porém as minhas palavras não passarão" (Lucas 21:33).

Lucas nos informa que as pessoas "muito se maravilhavam da sua doutrina..."

Da boca dos guardas ouvimos: "Jamais alguém falou como este homem".(João 7:46).

2B. As Maiores Palavras Já Pronunciadas

Muitos dos estudiosos da atualidade crêem que as palavras de Jesus foram as maiores já pronunciadas. Um desses estudiosos é *Bernard Ramm*. Ele acredita que a grandeza das palavras de Jesus deve-se à maneira com que, com autoridade e clareza, tratam dos maiores fardos e problemas que os homens carregam, a saber, aqueles que dizem respeito ao relacionamento com Deus.

SholemAsh escreveu: "Jesus Cristo é a personalidade de maior destaque de todas as épocas... No mundo em que vivemos nenhum outro mestre — judeu, cristão, budista, muçulmano — *ainda* continua tendo seus ensinamentos considerados como diretriz. Outros mestres poderão ter algo de básico para um oriental, um árabe ou um ocidental; mas cada palavra e cada ato de Jesus têm valor para todos nós. Ele se tornou a Luz do mundo. Por que, então, eu, um judeu, não teria orgulho disso?" 29/49

G. J. Romanes nos diz: "Pois quando levamos em consideração o grande número de ditos que Ele pronunciou e que foram registrados - ou pelo menos que se atribuem a Ele - chama muito a atenção o fato de que, literalmente falando, não há razão para que quaisquer de Suas palavras venham algum dia a passar, isto é, a tornar-se obsoletas... Nesse aspecto, compare Jesus Cristo com outros pensadores igualmente antigos. Até mesmo Platão, que esteve muito mais avançado do que Ele no que tange ao pensamento filosófico, embora tenha vivido cerca de quatrocentos anos antes de Cristo, nesta questão não se compara de modo algum com Cristo. Leia os *Diálogos* e repare como é enorme a diferença para os Evangelhos em relação ao tratamento de erros de todos os tipos, chegando até mesmo a afirmações absurdas quanto à razão, a afirmações que chocam o senso moral. Contudo esse é, reconhecidamente, o mais alto nível da razão humana em matéria de espiritualidade, quando a razão não conta com a ajuda da revelação verbalizada". 41/157

"Durante dois mil anos Ele *tem* sido a Luz do mundo, e Suas palavras *não* têm passado" (*Morris*). 30/28

De acordo com *Ramm*, a grande personalidade por detrás de Suas Palavras é a explicação para a grandeza de Suas palavras. 36/173

Escreveu *F. J. A. Hort*: "Suas palavras eram de tal forma pronunciamentos e parte integrante de Si mesmo que não fariam qualquer sentido se fossem tomadas como afirmações abstratas de verdade ditas por Ele na qualidade de um oráculo ou profeta divino. Faça com que Ele deixe de ser o assunto fundamental (embora possa ser o derradeiro) de cada afirmação e todas elas caem por terra". 13/207

"Todavia, as palavras e obras de Jesus formam um conjunto impressionante, e cremos que aqueles ditos que acreditamos que foram realmente pronunciados por Ele são reveladores da Sua pessoa. Quando Jesus emprega o pronome pessoal 'eu' ('eu, porém, vos digo', 'em verdade eu vos digo'), Ele está por detrás de cada palavra, sendo fiel ao que diz e sempre enunciando as palavras com algum propósito. Se as Suas palavras e obras têm um caráter messiânico, *isso ocorre porque Ele quis que fossem*, e se Ele quis que fossem, Ele estava pensando sobre Si mesmo em termos messiânicos" (*Gruenler*). 13/97

"As palavras de Cristo têm um valor permanente devido à Sua pessoa; elas permanecem porque Ele permanece" (*Griffith Thomas*). 50/44

Joseph Parker afirma: "Depois de ler as doutrinas de Platão, Sócrates ou Aristóteles, notamos que a diferença exata entre as palavras deles e as de Cristo é a diferença entre uma investigação e uma revelação". 29/57

Nas palavras de *Bernard Ramm*, "estatisticamente falando, os Evangelhos são o maior texto literário que já se escreveu. São lidos por mais pessoas, citados por mais autores, traduzidos em mais idiomas, representados em mais obras de arte, colocados em mais músicas, do que qualquer outro livro ou conjunto de livros escritos por qualquer pessoa em qualquer século, em qualquer país. Mas as palavras de Cristo não são grandes por terem uma vantagem estatística sobre as palavras de todas as outras pessoas. Elas são mais lidas, mais citadas, mais amadas, mais cridas e mais traduzidas porque são as maiores palavras já pronunciadas. E onde está a sua grandeza? Sua grandeza repousa na espiritualidade absoluta e lúcida que se manifesta ao tratar de maneira clara, definida e *com autoridade* os maiores problemas que angustiam o coração humano; a saber: Quem é Deus? Ele me ama? Que devo fazer para agradá-LO? Como Ele encara o meu pecado? Como posso ser perdoado? Aonde irei quando morrer? Como devo tratar os outros? As palavras de ninguém mais têm o apelo das palavras de Jesus, porque ninguém mais é capaz de responder a essas indagações humanas fundamentais como Jesus o fez. São o tipo de palavras e o tipo de respostas que esperaríamos que Deus desse, e nós que acreditamos na divindade de Jesus não temos problemas quanto à razão por que essas palavras vieram de Sua boca". 36/170, 171

"Na condição de alguém que ensinava, Jesus jamais pareceu estar mais solitário do que quando pronunciou estas palavras majestosas. Jamais pareceu mais improvável que elas se cumprissem. Mas, ao olharmos através dos séculos, percebemos como essas palavras se concretizaram. Suas palavras passaram a fazer parte de leis, passaram a fazer parte de doutrinas, passaram a fazer parte de provérbios, passaram a fazer parte de palavras de consolo, mas *jamais* 'passaram'. Que mestre humano chegou a ter a pretensão de

que suas palavras eram eternas?" (*G. F. Maclean*). 26/149

"Os sistemas de sabedoria humana surgem e desaparecem, os reinos e impérios levantam-se e caem, mas por toda a eternidade Cristo permanecerá sendo 'o caminho, a verdade e a vida" (*Philip Schaff*). 42/111

Os ensinamentos de Cristo são completos em todos os aspectos, desde o domínio do pensamento até o controle da vontade. Devido a isso, *Thomas* assinala que a mensagem de Cristo é "inesgotável". Geração após geração descobre que essa mensagem é nova e motivadora. 50/36

Mark Hopkins afirma: "Nenhuma revolução já ocorrida na sociedade pode ser comparada àquela que tem sido provocada pelas palavras de Jesus Cristo". 29/53

W. S. Peake: "Às vezes se diz: 'Tudo o que Jesus disse já havia sido anteriormente dito por outros'. Suponhamos que isso seja verdade. E daí? A originalidade pode ou não ser um mérito. Se a verdade já foi enunciada, o mérito reside em repeti-la e em dar-lhe uma aplicação nova e mais ampla. Mas existem outros aspectos que se deve ter em mente. Não há qualquer outro mestre que de forma tão completa tenha eliminado o trivial, o temporal e o falso do seu sistema; ninguém que tenha selecionado apenas o eterno e o universal, e os tenha combinado num ensino onde todas essas grandes verdades se revelam de modo harmonioso. Pessoas de todos os cantos procuram reconciliar o ensino de outros com os de Cristo; mas como é que nenhum desses mestres nos apresenta qualquer paralelo com os ensinamentos de Cristo? Em geral, cada um deles nos oferece as verdades que Ele expressa, embora misturadas com uma porção de coisas triviais e absurdas. Como é que um carpinteiro, sem qualquer instrução especial, desconhece-dor da cultura e da civilização grega, filho de um povo cujos grandes mestres eram legalistas bitolados, amargurados, intolerantes e pedantes — como é que um carpinteiro assim foi o supremo Mestre religioso que o mundo tem conhecido, cuja supremacia torna-o a personagem mais importante da história do mundo?" 35/226, 227

Griffith Thomas conclui: "Embora sem qualquer treinamento rabínico formal, Ele não demonstrou qualquer receio ou melindre, nem qualquer hesitação diante do que Ele cria ser a verdade. Sem se importar consigo mesmo ou com o que os Seus ouvintes iriam pensar, Ele falou destemidamente em cada ocasião, não dando atenção alguma às conseqüências que poderia sofrer, tendo como único interesse a verdade e a transmissão da mensagem de Seu Pai. Também sentiu-se profundamente o poder de Seus ensinamentos. 'A sua palavra tinha autoridade' (Lucas 4:32). A força espiritual de Sua personalidade expressava-se naquilo que dizia e cativava Seus ouvintes. Por essa razão, não nos surpreendemos com o fato de que essa singularidade de Cristo tenha causado impacto. 'Jamais alguém falou como este homem' (João 7:46). A simplicidade e a atração, e ao mesmo tempo a profundidade, a objetividade, a universalidade e a veracidade de Seus ensinamentos marcaram profundamente Seus ouvintes, e neles despertaram a convicção de que estavam na presença de um Mestre como nunca antes os homens haviam conhecido. De modo que tais foram a grande proporção de ensinamentos nos Evangelhos e as impressões evidentemente criadas pelo próprio Mestre que não ficamos de modo algum surpresos pelo fato de, anos depois, o grande apóstolo aos gentios recordar essas coisas e dizer: 'É mister... recordar as palavras do próprio Senhor Jesus (Atos 20:35). Em todas as épocas desde os dias de Cristo e de Seus primeiros discípulos tem-se causado a mesma impressão, e, em qualquer análise abrangente que se faça de Sua Pessoa como sendo a substância do cristianismo, deve-se obrigatoriamente dar grande atenção a Seus ensinamentos". 50/32

6A. SE DEUS SE TORNOU HOMEM, ENTÃO É DE SE ESPERAR QUE ELE TENHA UMA INFLUÊNCIA DURADORA E UNIVERSAL

Na verdade, a personalidade de Jesus Cristo causou um impacto tão forte na humanidade, que mesmo depois de 2.000 anos o impacto ainda não foi amortecido. Diariamente existem pessoas que têm experiências revolucionárias com Jesus.

O grande historiador *Kenneth Scott Latourette* disse: "Com o transcorrer dos séculos crescem as provas de que, avaliando as conseqüências que Ele provocou na história, *Jesus é a vida mais influente que já viveu neste planeta*. E parece que essa influência está crescendo". 20/272

Philip Schaff acrescenta: "Esse Jesus de Nazaré, sem dinheiro nem armas, conquistou milhões de pessoas num número muito maior do que Alexandre, César, Maomé e Napoleão; sem o conhecimento e a pesquisa científica ele despejou mais luz sobre assuntos materiais e espirituais do que todos os filósofos e cientistas reunidos; sem a eloqüência dos instruídos ele pronunciou palavras de vida como nunca antes,

nem depois, foram ditas, e provocou resultados que o orador e o poeta não conseguem alcançar; sem ter escrito uma única linha ele pôs em ação mais canetas, e forneceu temas para mais sermões, discursos, livros profundos, obras de arte e músicas de louvor do que todo o contingente de grandes homens da antigüidade e da atualidade". 43/33

"A influência de Jesus na humanidade é, hoje, tão forte quanto na época em que Ele vivt-J entre os homens" (*Martin Scott*). 45/29

"Aquele ministério durou apenas três anos — e, no entanto, nesses três anos encontra-se resumido o mais profundo significado da história das religiões. Nenhuma grande vida jamais transcorreu de modo tão rápido, tão silencioso, tão humilde, tão distante do barulho e da agitação do mundo; e nenhuma vida após seu fim despertou um interesse tão universal e duradouro" (*Philip Schaff*). 42/103

Escreve *Griffith Thomas*: "Quando Jesus deixou esta terra, disse a Seus discípulos que eles deveriam fazer obras maiores do que as que Ele havia feito, e os séculos de cristianismo têm revelado a veracidade dessa afirmação. Obras semelhantes às de Jesus, têm sido feitas — estão sendo feitas. Jesus Cristo está realizando mais coisas maravilhosas hoje do que quando esteve na terra. Ele está redimindo almas, transformando vidas, desenvolvendo personalidades, exaltando ideais, inspirando obras filantrópicas e trabalhando pelo melhor, pelo mais autêntico e mais elevado em termos de vida e progresso humanos".

Griffith Thomas prossegue: "Temos, portanto, razão em chamar a atenção para a influência de Cristo através dos séculos como sendo uma das maiores, mais diretas e mais evidentes provas de que o cristianismo é Cristo, e de que é preciso levar Cristo em conta. É impossível analisar essa questão como sendo apenas um assunto de história; em todos os aspectos tem a ver com a vida hoje". 50/121

O cético *William Lecki* afirma no livro *History of European Morais from Augustus to Charlemagne* (História da Moral Européia de Augusto a Carlos Magno): "Os platonistas exortavam as pessoas a imitarem a Deus; os estóicos, a obedecerem à razão; os cristãos, a amarem a Cristo. Os novos estóicos freqüentemente reuniram suas idéias de virtude numa saga ideal, e Epicteto chegou até mesmo a instar seus discípulos a pensarem em algum homem de virtudes inigualáveis e a imaginá-lo constantemente junto de si; mas o máximo que o ideal estóico poderia se tornar era um modelo para ser imitado, e a admiração que tal modelo inspirava jamais poderia se aprofundar e se tornar afeição.

Era ao cristianismo que estava destinado apresentar ao mundo um caráter ideal, que, através de todas as mudanças de dezoito séculos, tem inspirado os corações dos homens com um amor dominador; tem demonstrado capacidade de agir em todas as épocas, em todas as nações, em todos os temperamentos e em todas as condições; tem sido não apenas o mais elevado padrão de virtude, mas também o mais forte incentivo à prática desse padrão; e exerceu uma influência tão profunda que verdadeiramente se pode dizer que o simples registro desses três breves anos de vida ativa tem feito mais para regenerar e enternecer a humanidade do que todos os discursos dos filósofos e todos os sermões dos moralistas. Essa tem sido, de fato, fonte de tudo o que há de melhor e mais puro na vida cristã. Em meio a todos os pecados e falhas, em meio a todas as artimanhas da liderança religiosa, e a toda perseguição e fanatismo que têm atingido a Igreja, o cristianismo tem preservado, pelo caráter e exemplo de seu Fundador, um princípio permanente de regeneração". 28/8

"No entanto, milhões de pessoas hoje, da mesma forma como em todas as épocas, estão testemunhando acerca do poder e da glória do cristianismo de tratar o pecado e maldade de cada um. Esses são os fatos que resistem à investigação e que levam consigo suas próprias conclusões a todos aqueles que estão desejosos de aprender" (*G. Thomas*). 50/119

"... Ele é a maior influência do mundo de hoje. Como já se afirmou com grande felicidade, existe um quinto evangelho sendo escrito: a ação de Jesus Cristo nos corações e nas vidas dos homens e das nações." (*G. Thomas*). 50/117

Napoleão disse: "Só Cristo chegou ao ponto de dirigir de tal forma a atenção da mente humana para o invisível que ela se torna insensível às barreiras do tempo e do espaço. No transcorrer de mil e oitocentos anos Jesus Cristo faz um pedido que é mais difícil de atender do que qualquer outro. Ele pede aquilo que uma filosofia freqüentemente poderá, em vão, procurar em seus simpatizantes, ou que um pai poderá procurar em seu filho, ou uma jovem em seu esposo, ou um homem em seu irmão. Ele pede o coração humano; Ele quer tê-lo inteiramente para Si; Ele o requer incondicionalmente e quer ser atendido sem demora. E a capacidade e a habilidade dessa pessoa tornam-se uma anexação ao império de Cristo. Todos os que sinceramente crêem nEle experimentam esse amor sobrenatural para com Ele. Esse fenômeno é inexplicável, está totalmente fora do âmbito da capacidade criativa do homem. O tempo, que é o grande

destruidor, é incapaz tanto de exaurir suas forças como de pôr limites ao seu alcance". 3/265

Em *Why Is Christianity True?* (Por que o Cristianismo é Verdadeiro?), *E. Y. Mullins* afirma o seguinte: "Mas alguém poderá perguntar: 'Será que esta religião imponente pode ser seguida por pessoas de todo o mundo?' Será que, conforme já dissemos, ela representa um apelo às pessoas, não importa qual seja a raça, o temperamento ou as condições? Será que ela alcança tanto o ignorante como o instruído? Será que seus princípios podem ser entendidos por todos os homens de todos os lugares?" 31/407

Onde quer que Ele esteja, Ele é o Senhor. Quando pede aos homens para fazerem sacrifícios, eles fazem. Sua convocação não é a de um fanático. Todavia, ela faz com que homens realizem obras de excepcional qualidade e sacrifício pessoal.

Citando mais uma vez *Napoleão*: "Reconheço que a natureza da existência de Cristo é misteriosa, mas esse mistério atende aos anseios do homem. Rejeite esse mistério e o mundo se tornará um enigma inexplicável; aceite-o, e a história de nossa raça encontrará explicação satisfatória". 29/56

É impossível "deixar de notar... que desde os dias de Cristo, apesar de todo o progresso do conhecimento humano, o mundo não recebeu um único novo ideal ético" (*G. Thomas*). 15/35

R. G. Gruenler diz: "O querigma da comunidade é a proclamação de que Jesus tem relevância universal. Em qualquer lugar e em qualquer hora que Ele seja proclamado, os homens são confrontados por Sua realidade, por Sua humanidade, e são levados à presença de Deus". 13/25

São de *Griffith Thomas* estas palavras: "Outras religiões têm tido o ideal ético do dever, de aproveitar o momento oportuno e até mesmo do amor, mas de modo algum elas se aproximaram dos ideais de Cristo em termos de devoção, de atração ou de autoridade. É notável a mensagem de Cristo devido à *sua adaptação universal*. O seu apelo é universal; adapta-se a todos os homens desde os adultos até as crianças; apela a todas as épocas e não apenas à época em que foi entregue pela primeira vez. E a razão disso é que essa mensagem enfatiza uma atitude ética tríplice para com Deus e o homem, a qual constitui um apelo universal como nenhuma outra coisa faz ou pode fazer. Cristo chama ao arrependimento, à confiança e ao amor". 50/35

"A coisa mais maravilhosa e surpreendente em dezenove séculos de história é o poder de Sua vida sobre os membros da Igreja Cristã". 50/104

George Bancroft afirmou: "Vejo o nome de Jesus Cristo escrito no alto de cada página da história moderna". 29/50

"É verdade que têm havido outras religiões com milhões de adeptos, mas também é verdade que a existência e progresso da Igreja é algo singular na história, para não mencionar o fato de que o cristianismo tem atraído a si os mais profundos pensadores da raça humana, e de modo algum tem-lhe sido obstáculo a maré sempre montante do conhecimento humano" (*G. Thomas*). 50/103

Disse *A. M. Fairbairn*: "O fato mais notável na história da religião de Cristo é a atividade constante e onipresente da Sua pessoa. Ele tem sido o fator permanente e eficaz no avanço e no progresso da igreja. Em todas as suas formas, em todas as suas épocas e em todas as suas divisões, o princípio básico tanto de lealdade como de unidade tem sido a devoção a Ele". 7/380

Mesmo depois de 1.800 anos, *David Strauss* foi obrigado a admitir: "Ele continua sendo o supremo modelo de religião ao alcance de nossas mentes; e nenhuma religião perfeita é possível sem a Sua presença no coração". 43/142

William E. Channing disse-o da seguinte maneira: "Os sábios e os heróis da história estão ficando cada vez mais distantes de nós, e a história vai diminuindo cada vez mais o espaço dedicado a eles. Mas o tempo não tem poder algum sobre o nome, os feitos e as palavras de Jesus Cristo". 29/51

São de *Ernest Renan* as duas citações seguintes: "Jesus foi o maior gênio religioso que já viveu. Sua beleza é eterna e Seu domínio não terá fim. Em todos os aspectos Jesus é único, e nada se lhe pode comparar". 29/57

"Sem Cristo toda a história é incompreensível." 29/57 "Que um carpinteiro galileu viesse a afirmar que era a Luz do mundo e fosse reconhecido como tal depois de tantos séculos é algo que só se explica com base em Sua divindade" (*Bernard Ramm*). 36/177

Num artigo aparecido na revista *Life*, *George títutrick* escreveu: "Jesus deu um novo início para a história. Em todos os países Ele está em casa; em todos os lugares os homens imaginam o Seu semblante como sendo semelhante aos mais belos semblantes de cada povo — e semelhante ao semblante de Deus. Em todo o mundo comemora-se o Seu aniversário. E o dia de Sua morte é lembrado através das cruzes erguidas nos céus de cada cidade. Quem é Ele?" 29/51

A famosa crônica "One Solitary Life" (Uma Vida Solitária) diz: "Eis um homem que nasceu num vilarejo quase desconhecido, filho de uma mulher humilde. Cresceu numa outra vila. Trabalhou numa carpintaria até completar os trinta anos e, então, durante três anos foi um pregador itine-rante. Nunca possuiu um lar. Nunca escreveu um livro. Nunca ocupou uma posição de destaque. Nunca teve uma família. Nunca foi à faculdade. Nunca pisou numa cidade grande. Nunca esteve a mais de trezentos quilômetros distante do lugar onde nasceu. Nunca fez alguma daquelas coisas que geralmente andam juntas com a grandeza. Nada tinha para apresentar como credenciais além de Si mesmo... Embora ainda jovem, a maré da opinião pública se voltou contra Ele. Seus amigos fugiram. Um deles O negou. Foi entregue a Seus inimigos. Passou pelo ridículo de um julgamento. Foi pregado numa cruz entre dois ladrões. Enquanto estava morrendo, Seus executores sortearam entre si a única coisa que Ele possuía na terra — uma capa. Quando morreu, foi tirado da cruz e sepultado no túmulo que um amigo, movido por piedade, lhe cedeu".

"Dezenove longos séculos se passaram, e hoje Ele é a figura central da raça humana e o líder da marcha do progresso. Digo uma grande verdade quando afirmo que todos os exércitos que já se puseram em marcha, todas as esquadras que já se construíram, todos os parlamentos que já existiram e todos os reis que já reinaram, tudo isso junto não tem afetado a vida do homem sobre a terra de um modo tão poderoso como o tem feito aquela única vida solitária."

"The Incomparable Christ" (O Cristo Incomparável), uma outra crônica repleta de imagens evocativas, diz: "Mais de mil e novecentos anos atrás houve um Homem que nasceu de modo contrário às leis da vida. Esse homem viveu na pobreza e cresceu desconhecido das pessoas. Não viajou muito. Só uma vez atravessou a fronteira do país em que viveu; isso durante a infância por ocasião do Seu exílio".

"Não possuiu riquezas nem recebeu influências. Seus parentes eram pessoas sem qualquer projeção e não recebeu instrução nem educação formal. Ainda bem pequenino despertou os temores de um rei; na infância confundiu os doutores; na idade adulta controlou o curso da natureza, andou sobre as ondas como alguém anda na calçada e fez o mar sossegar. Curou as multidões sem qualquer remédio e não cobrou nada por esse favor."

"Nunca fundou uma escola, mas todas as escolas do mundo reunidas não podem se orgulhar de ter mais discípulos do que Ele".

"Nunca comandou um exército, nem alistou um só soldado, nem disparou uma arma; e, no entanto, nenhum outro líder chegou a ter mais voluntários que, sob seu comando, tivessem levado mais rebeldes a depor armas e a se render sem um só disparo".

"Nunca praticou a psiquiatria e, no entanto, tem curado mais corações despedaçados do que todos os médicos do mundo. Uma vez por semana param as engrenagens do comércio e as multidões se dirigem a reuniões de adoração com o propósito de prestar-Lhe tributo e manifestar-Lhe respeito."

"Os nomes dos orgulhosos estadistas gregos e romanos do passado surgiram e desapareceram. Os nomes dos cientistas, filósofos e teólogos do passado surgiram e desapareceram. Mas o nome deste Homem é mencionado cada vez mais. Embora teimam se passado mil e novecentos anos entre o momento da sua crucificação e a geração atual, contudo Ele ainda vive. Herodes não pôde destruí-lo, e o sepulcro não pôde retê-lo."

"Ele se sobressai no mais elevado grau da glória celestial, aclamado por Deus, reconhecido pelos anjos, adorado pelos santos e temido pelos demônios — tudo isso na qualidade do Cristo vivo e pessoal, nosso Senhor e Salvador." 16

7A. SE DEUS SE TORNOU HOMEM, ENTÃO É DE SE ESPERAR QUE ELE SATISFEZ A FOME ESPIRITUAL DA HUMANIDADE

"Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos" (Mateus 5:6).

"Se alguém tem sede, venha a mim e beba" (João 7:37).

"Aquele, porém, que beber da água que eu lhe der, nunca mais terá sede, para sempre" (João 4:14).

"Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vo-la dou como a dá o mundo. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize" (João 14:27).

"Eu sou o pão da vida; o que vem a mim, jamais terá fome; o que crê em mim, jamais terá sede" (João 6:35).

"Vinde a mim todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei" (Mateus 11:28).

"Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância" (João 10:10).

Em *Beyond Psychology* (Além da Psicologia) *Otto Rauk* afirma que "o homem necessita estar em contato com algo mais além de si mesmo".

As principais religiões dão testemunho dessa necessidade do homem. As pirâmides do México e os templos da Índia são exemplos de busca espiritual do homem.

Sobre o vazio existente no homem *Mark Twain* escreveu: "... Do berço ao túmulo uma pessoa, antes de mais nada, se preocupa com uma única coisa — conseguir paz interior — o conforto espiritual para si mesma".

O historiador *Fisher* disse: "... Existe um clamor dentro da alma, que não recebe qualquer resposta do mundo".

Tomás de Aquino exclamou: "A sede interminável da alma é sede de felicidade, que só pode ser satisfeita por Deus".

Bernard Ramm afirma que "somente a experiência cristã dá ao homem uma experiência à altura da sua natureza de espírito livre... A não ser Deus, tudo o mais deixa o espírito do homem sedento, faminto, desassossegado, frustrado e incompleto". 36/251,

Foi *Philip Schaff* quem disse: "Ele se colocou acima dos preconceitos de grupo e de sentimentos de partidarismo, acima das superstições de Sua época e de Seu povo. Ele Se dirigiu diretamente ao coração humano e tocou a sensibilidade da consciência". 42/104, 105

Em seu testemunho pessoal *George Schweitzer* diz: "O ser humano tem conseguido transformar o mundo de um modo notável, mas tem sido incapaz de transformar a si mesmo. Uma vez que esse problema é basicamente espiritual e uma vez que, segundo a própria história confirma, o homem tem uma tendência natural para o mal, a única maneira pela qual o homem pode ser transformado é através de Deus. Somente se uma pessoa se entregar a Cristo Jesus e se submeter à orientação do Espírito Santo é que poderá ser transformada. Somente nesta transformação milagrosa é que existe esperança para o mundo atual e seus habitantes, para o mundo amedrontado pelo átomo e ameaçado de desintegração pela radioatividade". 49/s.p.

O Diretor de Intercâmbio Científico dos Laboratórios Abbott, *E. J. Matson*, escreve: "Não importa quão puxada e cansativa seja a minha vida como cientista, empresário, cidadão, marido ou pai, o melhor que tenho a fazer é novamente me encontrar com Jesus Cristo, demonstrando o Seu poder protetor bem como Seu poder salvador". 49/s.p.

Uma aluna da Universidade de Pittsburg (nos Estados Unidos) disse: "Reunindo todas as alegrias e prazeres que experimentei no passado, nada disso é capaz de se igualar àquele gozo e paz que o Senhor Jesus Cristo me tem dado desde o momento em que entrou em minha vida para governá-la e dirigi-la". 32/s.p.

R. L. Mixer, professor de Zoologia na Faculdade Wheaton, nos Estados Unidos: "Quando um cientista aceita os princípios de sua área de especialização, ele o faz por causa dos indícios e provas que consegue encontrar. Tornei-me cristão porque me vi com uma necessidade que só poderia ser satisfeita por Jesus Cristo. Eu precisava de perdão, Ele me concedeu. Eu precisava de companhia, e Ele era um Amigo. Eu precisava de incentivo, e Ele me deu". 49/s.p.

Paul H. Johnson: "Deus formou um vazio dentro de nós, um vazio com o formato de Deus. Nada preenche esse vazio senão o próprio Deus. Você poderá tentar colocar dinheiro, família, riqueza, fama, poder ou qualquer outra coisa nesse vazio, mas nada disso se encaixará. Somente Deus preenche o vazio, encaixa-se nele e o satisfaz". 18/s.p.

Walter Hearn, da Faculdade do Estado de Ohio, nos Estados Unidos: "Com freqüência eu me vejo refletindo sobre um tipo de indagação filosófica... conhecer a Cristo significa não só a própria vida para mim, mas um novo tipo de vida, a 'vida abundante' que Ele prometeu". 49/s.p.

Um relações-públicas e publicitário, *Frank Allnutt*, relata: "Então eu pedi a Jesus que viesse habitar em minha vida. Pela primeira vez em minha vida eu experimentei uma paz completa. Aquele eterno vazio que eu sentia foi removido, e desde então nunca mais me senti sozinho". 1/22

J C. Martin, jogador de beisebol que atuou em times da divisão principal, diz: "Em Jesus Cristo eu descobri a felicidade e a realidade de tudo o que eu desejava". 27/s.p.

8A. SE DEUS SE TORNOU HOMEM, É DE SE ESPERAR QUE ELE MANIFESTOU PODER SOBRE A MORTE

1B. Morte

Percebe-se nos Evangelhos que Jesus não foi forçado a entregar sua vida. Conforme se vê em Mateus 26:53, 54, Ele tinha à Sua disposição o poder para fazer o que quisesse. É em João 10:18 que encontramos a resposta: "Ninguém a tira de mim (a minha vida); pelo contrário, eu espontaneamente a dou. Tenho autoridade para a entregar e também para reavê-la. Este mandato recebi de meu Pai". Vemos que Cristo desejou morrer pelos pecados do homem.

W. H. Griffith Thomas expressa sua convicção a respeito: "Sua morte não foi um suicídio, pois Ele não disse: 'Eu me sacrifico por mim mesmo'. Sua morte foi totalmente voluntária. *Nós temos que sofrer: Ele não precisava sofrer. Uma só palavra que pronunciasse poderia ter salvo sua vida.* Também não foi uma morte accidental pela razão óbvia de que foi, de inúmeras maneiras, prevista, pré-anunciada e antecedida de preparativos. Repetindo, com certeza não foi a morte de um criminoso, pois não se conseguiu encontrar nem mesmo duas testemunhas que concordassem nas acusações contra Ele. Pilatos declarou que Ele não encontrou crime algum, e até mesmo Herodes não pronunciou uma única palavra contra Ele. De modo que essa não foi uma execução comum". 50/61

W. C. Robinson relata um outro importante fato sobre Sua morte: "Pois em toda a história nenhum outro mero mortal chegou a ter a capacidade de, por vontade própria, entregar o seu próprio espírito, como o fez o Senhor Jesus (Lucas 23:46)... Lucas e João empregam verbos que só podem ser interpretados com o sentido de que Jesus milagrosamente... entregou o espírito a Deus após ter pago o preço total do pecado. Na sexta-feira ocorreu um milagre no Calvário, um milagre no jardim..." 38/85, 86

2B. Sepultamento

"Caindo a tarde, veio um homem rico de Arimatéia, chamado José, que era também discípulo de Jesus. Este foi ter com Pilatos e lhe pediu o corpo de Jesus. Então Pilatos mandou que Iho fosse entregue" (Mateus 27:57, 58).

José, "baixando o corpo da cruz, envolveu-o em um lençol que comprara, e o depositou em um túmulo que tinha sido aberto numa rocha; e rolou uma pedra para a entrada do túmulo. Ora, Maria Madalena e Maria, mãe de José, observaram onde ele foi posto" (Marcos 15:46,47).

"Então se retiraram para preparar aromas e bálsamos. E no sábado descansaram, segundo o mandamento" (Lucas 23:56).

"Indo eles (a guarda dos fariseus), montaram guarda ao sepulcro, selando a pedra e deixando ali a escolta" (Mateus 27:66).

3B. Ressurreição

B. F. Westcott escreve: "Aliás, levando todas as provas em consideração, não é exagero afirmar que não há acontecimento histórico que tenha um melhor e mais variado apoio do que a ressurreição de Cristo. Nada, senão a pressuposição de que deve ser falso, poderia ter dado a idéia de que as provas não são suficientes". 54/4-6

EHenry Morris quem afirma: "O fato da ressurreição é o mais importante acontecimento da história e, portanto, é com toda propriedade um dos fatos mais certos de toda a história". 30/46

Jesus não apenas predisse Sua morte, como também predisse Sua ressurreição física. Em João 2:19 ele afirma: "Destruí este santuário, e em três dias o reconstruirei". Aqui o santuário significa o Seu corpo.

Morris também diz o seguinte: "Dentre todos os homens que já viveram, só Ele conquistou a própria morte. Diante do peso das provas, pode-se considerar que Sua ressurreição física do túmulo é o fato mais bem provado de toda a história. 'Eu sou a ressurreição e a vida.' 'Porque eu vivo, vós também vivereis' (João 11:25; 14:19). 30/28

"A ressurreição de Cristo é o selo da nossa ressurreição. A cura de doentes não nos garante que Cristo irá curar cada um de nós hoje, nem a ressurreição de Lázaro é garantia de nossa imortalidade. É somente a ressurreição de Cristo, na qualidade de *primeiros frutos*, que antecipadamente abre o túmulo para o crente em direção à vida eterna. Porque Ele ressuscitou, nós ressuscitaremos" (Romanos 8.11) (*Ramm*). 36/185, 186

Depois da ressurreição de Jesus, os apóstolos foram capazes de ressuscitar os mortos através do poder

dEle (Atos 9:40, 41). Assim, depois de Sua morte Ele deu vida a outros. Conclui-se então que Jesus está vivo (Hebreus 13:8) e que "esse Jesus que dentre vós foi assunto ao céu assim virá do modo como o viste subir"(Atos 1:11).

"Mas Jesus Cristo, o Filho eterno de Deus e o Redentor prometido do mundo, conquistou a morte..."
30/46

BIBLIOGRAFIA

1. ALLNUTT, Frank. *Contact* (Contato) 30 (5): maio de 1972.
2. THE APOLOGY of Aristides (A Apologia de Aristides) Traduzido para o inglês e editado por Rendei Harris. Londres: Cambridge University Press, 1893.
3. BALLARD, Frank. *The Miracles of Unbelief* (Os Milagres da Descrença). Edimburgo: T&T Clark, 1908.
4. BOX, Hubert S. *Miracles and Critics* (Os Milagres e os Críticos). Londres: Faith Press, 1935.
5. BROADUS, John A. *Jesus of Nazareth* (Jesus de Nazaré). Grand Rapids: Baker Book House, 1963.
6. CHASE, F. H. *Essays on Some Theological Questions of the Day* (Crônicas sobre Algumas Questões Teológicas da Atualidade). Editado por H. B. Swelt. Londres: Macmillan & Co., 1905.
7. FAIRBAIRN, A. M. *Christ in Modern Theology* (Cristo na Teologia Moderna). Londres: Hodder and Stoughton, 1893.
8. . *Philosophy of the Christian Religion* (Filosofia da Religião Cristã). Londres: Hodder and Stoughton, 1908.
9. FULLER, Reginald H. *Interpreting the Miracles* (Interpretando os Milagres). Londres: SCM Press, 1963.
10. GARVIE, A. E. *Handbook of Christian Apologetics* (Manual de Apologética Cristã). Londres: Duckworth and Co., 1923.
11. _____. *Studies in the Inner Life of Christ* (Estudos sobre a Vida Interior de Cristo). Nova Iorque: Hodder and Stoughton, 1907. GROMACKI, Robert Glenn. *The Virgin Birth* (O Nascimento Virginal). Nova Iorque: Thomas Nelson, 1974.
12. GRUENLER, Royce Gordon. *Jesus, Persons and the Kingdom of God* (Jesus, as Pessoas e o Reino de Deus). Saint Louis: United Church Press, 1967.
14. HORT, F. J. A. *Way, Truth and the Life* (Caminho, Verdade e a Vida). Nova Iorque: Macmillan and Co., 1894.
15. HUNTER, A. M. *The Work and Words of Jesus* (A Obra e as Palavras de Jesus). Filadélfia: Westminster Press, 1950.
16. THE INCOMPARABLE Christ (O Cristo Incomparável). Oradell: American Tract Society, s.d. Usado com permissão.
17. JEFFERSON, Charles Edward. *The Character of Jesus* (O Caráter de Jesus). Nova Iorque: Thomas Y. Crowell Company, 1908. Copirraite renovado por Charles E. Jefferson, 1936. Usado com permissão.
18. JOHNSON, Paul H. *Master Plan* (O Plano Mestre). Westchester: Good News Publishers, s.d.
19. KLAUSNER. *Yeschu Hanostri*. Citado por LAPIDE em *Christian Century* (revista Século Cristão) 87: out. 1970, p. 1249.
20. LATOURETTE, Kenneth Scott. *American Historical Review* (Revista Histórica Norte-Americana), 54: jan. 1949.
21. . *A History of Christianity* (Uma História do Cristianismo). Nova Iorque: Harper and Row, 1953.
22. LECKY, William Edward Hatpole. *History of European Morais from Augustus to Charlemagen* (História da Moral Européia de Augusto a Carlos Magno). Nova Iorque: D. Appleton and Co., 1903.
23. LEWIS, C. S. *Müagres*. São Paulo: Ed. Mundo Cristão, 1983.
24. LITTLE, Paul. *Você Pode Explicar Sua Fé?* São Paulo: Ed. Mundo Cristão, 1972.
25. MACHEN, J. Gresham. *The Virgin Birth of Christ* (O Nascimento Virginal de Cristo). Grand Rapids: Baker Book House, 1965.
26. MACLEAN, G. F. *Cambridge Bible for Schools, St. Mark* (A Bíblia Cambridge para Escolas — São Marcos). Londres: Cambridge University Press, 1893.
27. MARTIN, J. C. *Converted Catcher* (Jogador de Beisebol Convertido). Oradell: American Tract Society/Sports Division, s.d. Usado com permissão.

28. MÁRTIR, Justino. *Apologies and Dialogue with Trypho, Fathers the of Church* (Apologias e Diálogo com Trifo, — os Pais da Igreja). Traduzido para o inglês por Thomas Falls. Nova Iorque: Christian Heritage Inc., 1948.
29. MEAD, Frank, ed. *The Encyclopedia of Religious Quotations* (A Enciclopédia das Citações Religiosas). Westwood: Fleming H. Revê 11, s.d.
30. MORRIS, Henry M. *The Bible Has the Answer* (A Bíblia Tem a Resposta). Grand Rapids: Baker Book House, 1971.
31. MULLINS, E. Y. *Why Is Christianity True?* (Por que o Cristianismo é Verdadeiro?). Chicago: Christian Culture Press, 1905.
32. ORDONEZ, Rose Marie. *Was Blind But Now I See* (Eu Era Cega Mas Agora Vejo). Colorado Springs: International Students, Inc., s.d.
33. ORIGENES. *Contra Celsum* (Contra Celso). Traduzido para o inglês por Henry Chadwick. Londres: Cambridge University Press, 1953.
34. ORR, James. *The Virgin Birth of Christ* (O Nascimento Virginal de Cristo). Nova Iorque: Charles Scribner's Sons, 1907.
35. PEAKE, W. S. *Christianity, Its Nature and Its Truths* (O Cristianismo, Sua Natureza e Suas Verdades). Londres: Duckworth and Co., 1908.
36. RAMM, Bernard. *Protestant Christian Evidences*. (Provas Cristãs Protestantes). Chicago: Moody Press, 1957. Usado com permissão.
37. RICE, John R. *Is Jesus God?* (Jesus é Deus?). 4. ed. revista. Murfreesboro: Sword of the Lord Publishers, 1966.
38. ROBINSON, William Childs. *Who Say Ye That I Am?* (Quem Vós Dizeis que Eu Sou?) Grand Rapids William B. Eerdmans Publishing Co., 1949. Usado com permissão.
39. ROGERS, Clement F. *The Case for Miracles* (A Defesa dos Milagres). Londres: Society for Promoting Christian Knowledge, 1936. Usado com permissão.
40. ROMANES, G. J. *Thoughts on Religion* (Reflexões sobre Religião). Chicago: Open Court Publishing Co., 1898.
41. ROSS, G. A. Johnston. *The Universality of Jesus* (A Universalidade de Jesus). Nova Iorque: Fleming H. Revell Co., 1906.
42. SCHAFF, Philip. *History of the Christian Church* (História da Igreja Cristã). Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1962. Reimpressão do original de 1910. Usado com permissão,
43. _____. *The Person of Christ* (A Pessoa de Cristo). Nova Iorque: American Tract Society, 1913. Usado com permissão.
44. SCHONFIELD, Hugh. *According to the Hebrews* (Segundo os Hebreus). Londres: Gerald Duckworth & Co., 1937.
45. SCOTT, Martin J. *Jesus as Men Saw Him* (Jesus Tal Qual as Pessoas O Viam). Nova Iorque: P. J. Kennedy and Sons, 1940.
46. SMITH, Wilbur. *Have You Considered Him?* (Você Já Refletiu Sobre Ele?). Downers Grove: Inter-Varsity Press, 1970. Usado com permissão.
47. STAUFFER, Ethelbert. *Jesus and His Story* (Jesus e a Sua História). Traduzido para o inglês por Richard Winston e Clara Winston. Nova Iorque: Alfred A. Knopf, 1960.
48. STOTT, John R. W. *Cristianismo Básico*. São Paulo: Ed. Vida Nova, 1982.
49. TEN Scientists Look a Life (Dez Cientistas dão suas Idéias sobre a Vida). Westchester: Good News Publishers (folheto).
50. THOMAS, W. H. Griffith. *Christianity Is Christ* (O Cristianismo é Cristo). Chicago: Moody Press, 1965. Usado com permissão.
51. UNGER, Merrill F. *Unger 's Bible Handbook* (Manual Bíblico de Unger). Chicago: Moody Press, 1967. Usado com permissão.
52. WELLS, H. G. *OuÍUne of History* (Esboço de História). Garden City: Garden City Publishing Co., 1931.
53. WESTCOTT, B. F. *Gospel of Life* (O Evangelho de Vida). Londres: MacmillanandCo., 1903.
54. _____, *Gospel of the Ressurrection* (O Evangelho da Ressurreição). Londres: Macmillan and Co., 1868.
55. WILLIAM de Cantuária, tradutor para o inglês. *Genuine Epistles of the Apostolic Fathers* (Epístolas Autênticas dos Pais Apostólicos). Londres: Samuel Bagster, 1840.

56. WOLFF, Rochard. *The Son of Man, Is Jesus Christ Unique? (O Filho do Homem - É Jesus Cristo Alguém Singular?)* Lincoln: Back to the Bible Broadcast, 1960.

57. YOUNG, John. *Christ of History (O Cristo da História)*. Londres: Strahan&Co. 1868.

capítulo 9:

As Profecias Messiânicas do Antigo Testamento Cumpridas em Jesus Cristo...

Por todo o Novo Testamento os apóstolos se basearam em duas áreas da vida de Jesus de Nazaré para provar o Seu caráter messiânico. Uma foi a ressurreição, a outra consiste nas profecias messiânicas cumpridas. O Antigo Testamento, escrito durante um período de mais de mil anos, contém centenas de referências ao Messias que viria. Todas essas referências cumpriram-se em Jesus Cristo e fornecem uma sólida confirmação das Suas credenciais como o Messias.

1A. INTRODUÇÃO

1B. O Propósito da Profecia Messiânica

1C. DEUS É O ÚNICO DEUS VERDADEIRO, CUJO CONHECIMENTO É INFINITO E CUJA PALAVRA NÃO FALHA.

"Deus não é homem, para que minta; nem filho do homem, para que se arrependa. Porventura, tendo ele prometido, não o fará? ou tendo falado, não o cumprirá?" (Números 23:19).

2C. TODAS AS COISAS ESTÃO SUJEITAS À VONTADE DE DEUS

"Lembrai-vos das cousas passadas da antigüidade;
que eu sou Deus e não há outro,
eu sou Deus e não há outro semelhante a mim;
que desde o princípio anuncio o que há de acontecer,
e desde a antigüidade as cousas que ainda não sucederam;
que digo: O meu conselho permanecerá de pé,
farei toda a minha vontade" (Isaías 46:9, 10).

3C. O MESSIAS SERÁ PLENAMENTE RECONHECIDO COM BASE EM SUAS CREDENCIAIS

"As primeiras cousas desde a antigüidade as anunciei;
sim, pronunciou-as a minha boca, e eu as fiz ouvir;

de repente agi, e elas se cumpriram.
Por isso te anunciei desde aquele tempo,
e te dei a conhecer antes que acontecesse,
para que não dissesses: O meu ídolo fez estas cousas,
ou a minha imagem de escultura e a fundição as ordenaram"
(Isaías48:3, 5).

"O qual foi por Deus outrora prometido por intermédio dos seus profetas nas Sagradas Escrituras, com respeito a seu Filho, o qual, segundo a carne, veio da descendência de Davi, e foi designado Filho de Deus com poder, segundo o espírito de santidade, pela ressurreição dos mortos, a saber, Jesus Cristo, nosso Senhor" (Romanos 1:2-4).

2B. Apelo às Profecias Messiânicas

"Não penseis que vim revogar a lei ou os profetas: não vim para revogar, vim para cumprir" (Mateus 5:7).

"E, começando por Moisés, percorrendo por todos os profetas, expunha-lhes o que seu respeito constava em todas as Escrituras" (Lucas 24:27).

"A seguir Jesus lhes disse: São estas as palavras que eu vos falei, estando ainda convosco, que importava se tudo o que de mim está escrito cumprisse na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos" (Lucas 24:44).

"Examinais as Escrituras, porque julgais ter nelas a vida eterna, e são elas mesmas que testificam de mim. Contudo não quereis vir a mim para terdes vida. Porque se de fato crêdes em Moisés, também creríeis em mim; porquanto ele escreveu a meu respeito. Se, porém, não credes nos seus escritos, como crereis nas minhas palavras?" (João 5:39,40,46,47).

"De sorte que neles se cumpre a profecia de Isaías: 'Ouvireis com os ouvidos, e de nenhum modo entenderéis; vereis com os olhos e de nenhum modo perceberéis'" (Mateus 13:14 - sobre as parábolas).

"Este é de quem está escrito: 'Eis aí eu envio diante da tua face o meu mensageiro, o qual preparará o teu caminho diante de ti'" (Mateus 11:10 -sobre João Batista)

"Perguntou-lhes Jesus: Nunca lestes nas Escrituras: A pedra que os construtores rejeitaram, essa veio a ser a principal pedra, angular?" (Mateus 21:42).

"Tudo isto, porém, aconteceu para que se cumprissem as Escrituras dos profetas" (Mateus 26:56).

"Então verá o Filho do homem vir nas nuvens, com grande poder e glória" (Marcos 13:26 - referência a Daniel 7:13, 14).

"Tendo fechado o livro, devolveu-o ao assistente e sentou-se; e todos na sinagoga tinham os olhos fixos nele. Então passou Jesus a dizer-lhes: Hoje se cumpriu a Escritura que acabais de ouvir" (Lucas 4:20, 21).

"Pois vos digo que importa que se cumpra em mim o que está escrito: Ele foi contado com os malfeitores. Porque o que a mim se refere está sendo cumprido" (Lucas 22:37).

"Isto, porém, é para que se cumpra a palavra escrita na sua lei: Odiaram-se sem motivo" (João 15:25).

2C. OS ESCRITORES DO NOVO TESTAMENTO APELAM ÀS PROFECIAS CUMPRIDAS EM JESUS

"Mas Deus assim cumpriu o que dantes anunciara por boca de todos os profetas que o seu Cristo havia de padecer" (Atos 3:18).

"Dele todos os profetas dão testemunho de que, por meio de seu nome, todo o que nele crê recebe remissão de pecados" (Atos 10:43).

"Depois de cumprirem tudo o que a respeito dele estava escrito, tirando-o do madeiro, puseram-no em um túmulo" (Atos 13:29).

"Paulo, segundo o seu costume, foi procurá-los, e por três sábados arrazoou com eles, acerca das Escrituras, expondo e demonstrando ter sido necessário que o Cristo padecesse e ressurgisse dentre os mortos; e que este é Cristo, Jesus, que eu vos anuncio" (Atos 17:2, 3).

"Antes de tudo vos entregues o que também recebi; que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo

as Escrituras, e que foi sepultado, e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras" (1 Coríntios 15:3,4).

"O qual foi por Deus outrora prometido por intermédio dos seus profetas nas Sagradas Escrituras" (Romanos 1:2).

"Também vós mesmos, como pedras que vivem, sois edificados casa espiritual para serdes sacerdócio santo, a fim de oferecerdes sacrifícios espirituais, agradáveis a Deus por intermédio de Jesus Cristo. Por isso está na Escritura: Eis que ponho em Sião uma pedra angular, eleita e preciosa; e quem nela crer não será de modo algum envergonhado" (1 Pedro 2:5, 6).

"Então convocando todos os principais sacerdotes e escribas do povo, indagava deles onde o Cristo deveria nascer. Em Belém da Judéia, responderam eles, porque assim está escrito por intermédio do profeta: E tu, Belém, terra de Judá, não és de modo algum a menor entre as principais de Judá; porque de ti sairá o Guia que há de apascenter a meu povo, Israel" (Mateus 2:4-6).

3C NA OBRA E NA PESSOA DE CRISTO CUMPREM-SE AS FESTAS LEVITICAS 13/41

A Festa (Levítico 23)

O Cumprimento em Cristo

Páscoa (abril)	Morte de Cristo (1 Coríntios 5:7)
Pães Ázimos (abril)	O Andar Puro (1 Coríntios 5:8)
Primícias (abril)	Ressurreição (1 Coríntios 15:23)
Pentecostes (junho)	Derramamento do espírito (Atos 1:5; 2:4)
Trombetas (setembro)	Reajuntamento de Israel (Mateus 24:31)
Expição (setembro)	Purificação por Cristo (Romanos 11:26)
Tabernáculos (setembro)	Descanso e reunião com Cristo (Zacarias 14: 16:18)

3B. Significado da Profecia Preditiva

1C. CONCLUI QUE EXISTE UMA MENTE DIVINA POR DETRÁS DO ANTIGO E NOVO TESTAMENTOS

2C. CONFIRMA A REALIDADE DE DEUS

3C. CONFIRMA A DIVINDADE DE JESUS

4C. DEMONSTRA A INSPIRAÇÃO DA BÍBLIA

2A. O ANTIGO TESTAMENTO CONTÉM MAIS DE 300 REFERÊNCIAS AO MESSIAS, AS QUAIS CUMPRIRAM-SE EM JESUS

1B. Objeção

As profecias foram escritas à época de Jesus ou depois, e, portanto, cumprem-se a si mesmas.

2B. Resposta

Se você não aceita o ano de 450 a.C. como a data em que se completou a redação do Antigo Testamento, então considere o seguinte: A Septuaginta, a tradução em grego das Escrituras Hebraicas, começou a ser feita durante o reinado de Ptolomeu Filadelfo (285-246 a.C.). É obvio que, se a tradução em grego começou a ser preparada em 250 a.C., então seria preciso haver um texto em hebraico do qual foi feita a tradução. Isso é suficiente para indicar que houve um intervalo *de pelo menos* 250 anos entre o momento das profecias serem escritas e o seu cumprimento na pessoa de Cristo. 184

3A. CREDENCIAIS DE JESUS COMO MESSIAS ESTABELECIDAS POR MEIO DE PROFECIAS CUMPRIDAS

1B. Profecias Acerca do Seu Nascimento

1. NASCIMENTO DA SEMENTE DA MULHER

PROFECIA	CUMPRIMENTO
"Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e o seu descendente. Este te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar" (Gênesis 3:15).	"Vindo, porém, a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei" (Gálatas 4:4) (Veja também Mateus 1:20.)

Fonte judaica: sobre Gênesis 3:15 o *Targum de Onkelos* diz: "E eu porei inimizade entre ti e a mulher, e entre o teu filho e o filho dela. Ele te fará lembrar o que lhe fizeste desde o princípio, e tu lhe obedecerás até o fim". 10/41

Fonte judaica: sobre Gênesis 3:15 o *Targum de Pseudo-Jônatas* afirma: "E eu porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a semente da tua descendência e a semente da descendência dela; e será que quando a descendência da mulher guardar os mandamentos da Lei, eles se voltarão diretamente (para ti) e esmagarão a tua cabeça; mas quando abandonarem os mandamentos da Lei, tu te voltarás diretamente (para eles), e tu os ferirás no calcanhar. Contudo, para eles haverá um remédio, mas para ti não, e no futuro eles estarão em paz com o calcanhar, nos dias do rei, o Messias". 3/122

O que temos em seguida é um comentário interessante, feito por David L. Cooper: "Em Gênesis 3:15 encontramos a primeira predição relativa ao Salvador do mundo, chamado de 'a semente da mulher' No oráculo original Deus predisse um prolongado conflito a ser travado entre 'a semente da mulher' e 'a semente da serpente', que seria no final ganho pela semente da mulher. Essa promessa inicial indica uma luta entre, de um lado, o Messias de Israel, o Salvador do mundo, e, de outro, Satanás, o adversário da alma humana. Prediz que no final haverá uma vitória total do Messias. Alguns comentaristas acreditam que em Gênesis 4:1 encontra-se um eco dessa promessa e a compreensão de Eva sobre o assunto, a saber, a afirmação de Eva quando Caim, seu primeiro filho, nasceu. 'Adquiri um homem, Jeová.' Ela compreendeu acertadamente essa primeira predição, mas errou ao interpretar que a predição tivesse se cumprido em Caim, o seu filho. É claro que Eva acreditava que o filho da promessa seria o próprio Jeová. Alguns antigos comentaristas judeus costumavam interpolar a palavra 'o anjo' nessa passagem e dizer que Eva havia afirmado que seu filho era 'o anjo de Jeová'. Não há base para essa afirmativa". 5/8, 9

A Edição Revista e Atualidade da Tradução de Almeida assim traduz Gênesis 4:1: "... disse: adquiri um varão com o auxílio do Senhor".

2. NASCIDO DE UMA VIRGEM

PROFECIA	CUMPRIMENTO
"Portanto o Senhor mesmo vos dará sinal: Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho, e lhe chamarás Emanuel" (Isaías 7:14).	"...achou-se grávida pelo Espírito Santo. ...José... não a conheceu, enquanto ela não deu à luz um filho, a quem pôs o nome de Jesus" (Mateus 1:18, 24, 25). (Veja também Lucas 1:26-35)

A língua hebraica tem duas palavras para designar a mulher virgem:

1. *Bethulah* — palavra que designa uma mulher virgem (Gênesis 24:16; Levítico 21:13; Deuteronômio 22:14,23,28; Juizes 11:37; 1 Reis 1:2). De acordo com Unger, Joel 1:8 não é uma exceção porque "diz respeito à perda do noivo, com quem não havia se casado".

2. *Almah* (com véu) — mulher jovem na idade de se casar. Essa é a palavra empregada em Isaías 7:14. "Por intermédio de Isaías, o Espírito Santo não utilizou a palavra *bethulah*, porque tanto a idéia de virgindade como a de idade de se casar tinham de estar combinadas numa só palavra de modo a corresponder à situação histórica imediata e ao aspecto profético de um Messias nascido de uma virgem". 28/1159

Em grego a idéia de virgindade é trazida pela palavra *parthenos*, tendo os seguintes sentidos: uma virgem, jovem em idade de se casar ou jovem casada, virgem pura (Mateus 1:23; 25:1, 7, 11; Lucas 1:27; Atos 21:9; 1 Coríntios 7:25, 28, 33; 2 Coríntios 11:2). 28/1159

Quando os tradutores da Septuaginta traduziram Isaías 7:14 para o grego, empregaram a palavra grega *parthenos*. Para eles Isaías 7:14 indicava que o Messias nasceria de uma virgem.

3. FILHO DE DEUS

PROFECIA	CUMPRIMENTO
"Proclamarei o decreto do Senhor: Ele me disse: *Tu és meu filho, eu hoje te gerei" (Salmo 2.7). (Veja também I Crônicas 17:11-14' II Samuel 7.12-16.)	"...E eis uma voz dos céus, que dizia: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo". (Mateus 3:17). (Veja também Mateus 16:16; Marcos 9:7; Lucas 9:35; 22:70; Atos 13:20-22; João 1:34,49)

Marcos 3:11 - Os demônios reconheceram Sua condição de Filho.

Mateus 26:63 — Até o sumo sacerdote reconheceu Sua condição de Filho.

E. W. Hengsternberg diz: "É um fato indubitável, reconhecido unanimemente até mesmo por aqueles que recentemente têm contestado que essa seja uma referência a Ele, que o salmo (Salmo 2) era reconhecido por todos os judeus da antigüidade como uma predição do Messias." 15/43

"Na encarnação o Primogênito veio ao mundo (Hebreus 1:6). Mas só por ocasião e através da Sua ressurreição é que a Sua divindade, como o Unigênito do Pai, foi manifestada e claramente confirmada por Deus. 'Segundo a carne, veio da descendência de Davi', sendo então, 'designado Filho de Deus com poder, segundo o espírito de santidade, pela ressurreição dos mortos'" (Romanos 1:3,4). 11/107

4. SEMENTE DE ABRAÃO

PROFECIA	CUMPRIMENTO
Na "tua descendência (literalmente, semente)... serão benditas todas as nações da terra; porquanto obedeceste à minha voz" (Gênesis 22:18). (Veja também Gênesis 12:2, 3.)	"Livro da genealogia de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão" (Mateus 1:1). "Ora, as promessas foram feitas a Abraão e ao seu descendente. Não diz: 'E aos seus descendentes', como se falando de muitos, porém como de um só: E ao teu descendente, que é Cristo" (Galatas 3:16).

Demonstra-se a importância do acontecimento de Gênesis 22:18 quando percebemos que essa é a única oportunidade em que Deus jura por Si mesmo no Seu relacionamento com os patriarcas.

Matthew Henry diz o seguinte acerca de Gênesis 22:18: "Através da tua Semente, que é uma pessoa específica que descenderá de ti (pois ele não fala de muitos, mas de um só, como o apóstolo comenta em Gálatas 3:16), todas as nações da terra serão abençoadas, ou abençoarão a si mesmas, como o diz Isaías 65:16". 16/82

A passagem acima determina que o Messias viria da raça hebraica.

5. FILHO DE ISAQUE

PROFECIA	CUMPRIMENTO
"Disse, porém, Deus a Abraão... por Isaque será chamada a tua descendência (literalmente) a tua semente." (Gênesis 21:12).	"Jesus... filho de Isaque" (Lucas 3:23,24) (Veja também Mateus 1:2).

Abraão teve dois filhos. Agora Deus elimina metade da linhagem de Abraão.

6. FILHO DE JACÓ

PROFECIA	CUMPRIMENTO
"Ve-lo-ei, mas não agora; contemplá-lo-ei, mas não de perto; uma estrela procederá de Jacó, de Israel subirá um cetro que ferirá as têmeoras de Moabe e destruirá todos os filhos de Sete." (Números 24:17) (Veja também Gênesis 35:10-12).	"Jesus... filho de Jacó..." (Lucas 3:23, 24) (Veja também Mateus 1:2 e Lucas 1:33).

Hengstenberg, no livro *Christology of the Old Testament* (Cristologia do Antigo Testamento), assinala que "desde as épocas mais antigas os judeus têm entendido que esse Governante é, exclusivamente, ou principalmente, o Messias, com uma eventual referência secundária a Davi. Mas quer se mantenha sua relação exclusiva com o Messias, quer se aceite que, num primeiro caso, também se refira a Davi, tanto ele como suas vitórias temporais são considerados como tipificadores de Cristo e de Seus triunfos espirituais, os quais

(de acordo com essa interpretação) o profeta tinha especialmente em vista". 15/34

Isaque teve dois filhos, Jacó e Esaú. Deus agora se desfaz de metade da linhagem de Isaque.

7. TRIBO DE JUDÁ

PROFECIA	CUMPRIMENTO
"O cetro não se arredará de Judá, nem o bastão de entre seus pés, até que venha Silo; e a ele obedecerão os povos." (Gênesis 49:10) (Veja também Miquéias 5:2.)	"Jesus... filho de Judá..." (Lucas 3:23,33) (Veja também Mateus 1:2 e Hebreus 7:14).

Fonte judaica: sobre Gênesis 35:11, 12 o *Targum de Jônatas* diz: "E o Senhor lhe disse: Eu sou o El Shaddai: sede fecundos e multiplicai-vos; um povo santo e uma congregação de profetas e sacerdotes sairão dentre teus filhos, aos quais geraste, e dois reis ainda sairão de ti. E a terra que dei a Abraão e a Isaque, darei a ti, e a darei a teus filhos depois de ti". 10/279

Fonte judaica: o *Targum de Onkelos* diz o seguinte sobre Números 24:17: "Vejo-o, mas não agora; contemplo-o, mas não de perto. Quando um rei proceder de Jacó e o Messias se levantar de Israel..." 10/309

Nos *targum* acima citados podemos notar que os judeus atribuíram um sentido messiânico a esse trechos. De modo análogo, o *Midrash Bamid-bar Rabbah* interpreta esse trecho messianicamente. Paul Heinisch conta que "à época de Adriano (132 A.D.) os judeus se revoltaram contra o jugo romano, chamando seu líder de Barkochba, 'O Filho da Estrela'. Pois criam que o oráculo de Balaão acerca da estrela vinda de Jacó estava se cumprindo e que através de Barkochba Deus iria destruir completamente os romanos". 14/44, 45

Fonte judaica: o *Targum de Jônatas* diz o seguinte sobre Gênesis 49:10, lia: "Não deixará de surgir reis nem governantes da casa de Judá, nem deixará de existir *sapherins* ensinando a lei, até que venha o Rei, o Messias, o mais jovem de seus filhos; e por causa dele todos os povos estarão unidos. Como é belo o Rei, e o Messias que se levantar na casa de Ju-dál " 10/331

Fonte judaica: sobre Gênesis 49:11a o *Targum de Pseudo-Jônatas* afirma: "Quão magnífico é o Rei, o Messias que surgirá na casa de Judá". 3/278

Jacó teve doze filhos, dos quais surgiram as doze tribos da nação israelita. Deus agora deixa de lado onze das doze tribos de Israel. José não teve uma tribo que levasse o seu nome, mas seus dois filhos, Efraim e Manasses, se tornaram líderes de tribos.

8. LINHAGEM FAMILIAR DE JESSÉ

PROFECIA	CUMPRIMENTO
"Do tronco de Jessé sairá um rebento, e das suas raízes um renovo." (Isaías 11:1)	"Jesus... filho de Jessé..." (Lucas 3:23,32) (Veja também Mateus 1:6.)

Fonte judaica: o *Targum de haias* diz: "E um Rei se levantará entre os filhos de Jessé, e um Ungido (ou Messias) surgirá dentre os filhos de seus filhos. E nele repousará um espírito vindo da parte do Senhor, o espírito de sabedoria e conhecimento, o espírito de conselho e poder, o espírito de entendimento e de temor do Senhor". 26/40

Delitzsch comenta: "A partir do tronco de Jessé, isto é, a partir do remanescente da família real

escolhida, a qual se reduziu à insignificância da casa de onde surgiu, surge um rebento (*choter*), que promete proporcionar o lugar do tronco e da copa; e bem abaixo, nas raízes cobertas pela terra, e brotando bem pouco acima dela, revela-se um *netzer*, isto é, um renovo verdejante (palavra oriunda de *natzer*, brilhar ou florescer). No registro histórico do cumprimento da profecia, observa-se até mesmo o som das palavras: o *netzer*, a principio tão humilde e insignificante, era um pobre e rejeitado nazareno" (Mateus 2:23). 6/281, 282

9. CASA DE DAVI

PROFECIA	CUMPRIMENTO
<p>"Eis que vem dias, diz o Senhor, em que levantarei a Davi um Renovo justo; e, rei que é, reinará e agirá sabiamente, e executará o juízo e a justiça na terra" (Jeremias 23:5) (Veja também 2 Samuel 7:12-16; Salmo 132:11.)</p>	<p>"Jesus... filho de Davi..." (Lucas 3:23,31) (Veja também Mateus 1:1; 9:27; 15:22; 20:30, 31; 21:9, 15; 22:41-46; Marcos 9:10; 10:47,48; Lucas 18:38, 39; Atos 13:22, 23; Apocalipse 22:16.)</p>

Fonte judaica: a referência ao Messias como o "Filho de Davi" é encontrada em toda a parte nos Talmudes.

Driver diz a respeito de 2 Samuel 7:11b: "Aqui Nata chega ao tema principal de sua profecia — a promessa não ao próprio Davi, mas à sua posteridade, e a declaração de que não é Davi que iria construir uma casa para lavé, mas que lavé iria construir uma casa (isto é, uma família) para Davi". 7/275

No livro intitulado *The World of Moses Maimonides* (O Mundo de Moisés Maimonides), Jacob Minkin apresenta o ponto-de-vista desse douto estudioso judeu: "Rejeitando as especulações místicas acerca do Messias, de sua origem, atividade, e dos maravilhosos poderes sobre-humanos que lhe são atribuídos, Maimonides insistiu que se devia considerar o Messias como um ser humano mortal, sendo diferente das demais pessoas apenas no fato de que ele seria maior, mais sábio e mais resplandecente do que eles. Deve ser um descendente da Casa de Davi e, à semelhança de Davi, deve-se ocupar do estudo da Tora e da observância dos seus mandamentos". 24/63

"Eis que vem dias" é uma expressão comum, empregada para designar o início da era messiânica (veja Jeremias 31:27-34). 19/189

Jessé teve *pelo menos* oito filhos (veja 1 Samuel 16:10, 11). Deus agora deixa de lado todos esses filhos de Jessé, com exceção de um, Davi.

10. NASCIDO EM BELÉM

PROFECIA	CUMPRIMENTO
"E tu, Belém Efrata, pequena demais Para figurar como grupo de milhares de Judá, de ti me sairá o que há de reinar em Israel, e cujas origens são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade." (Miquéias 5:2)	"Tendo Jesus nascido em Belém da Judéia..." (Mateus 2:1) (Veja também João 7:42; Mateus 2:4-8; Lucas 2:4-7)

Em Mateus 2:6 os escribas informam Herodes com grande certeza de que o Cristo nasceria em Belém (veja João 7:42). É bem apropriado que Belém, palavra que significa "a casa do pão", seja o lugar em que nasceu aquele que é o Pão da Vida. 16/1414

Deus agora elimina todas as cidades do mundo, com exceção de uma, para a entrada de Seu Filho encarnado.

11. JESUS RECEBE PRESENTES

PROFECIA	CUMPRIMENTO
"Paguem-lhe tributos os reis de Társis e das ilhas; os reis de Sabá e de Sebá lhe ofereçam presentes." (Salmos 72:10) (Veja também Isaías 60:6).	"...eis que vieram uns magos do oriente a Jerusalém... Prostrando-se, o adoraram; e, abrindo os seus tesouros, entregaram-lhe suas ofertas..." (Mateus 2:1,11)

A aplicação histórica do salmo 72 é a Salomão. A aplicação messiânica encontra-se desenvolvida nos versículos 12-15.

Os habitantes de Sebá e de Sabá, os sabeus, viviam na Arábia. 25/941, 1006 Matthew Henry diz, sobre Mateus 2:1, 11, que os sábios foram "homens do oriente, que eram conhecidos por suas predições (Isaías 2:6). A Arábia é chamada de terra do oriente (Gênesis 25:6) e os árabes são chamados de homens do oriente (Juizes 6:3). Os presentes que trouxeram eram os produtos daquele país..." 16/16

12. HERODES MATA CRIANÇAS

PROFECIA	CUMPRIMENTO
"Assim diz o Senhor: Ouviu-se um clamor em Rama, pranto e grande lamento; era Raquel chorando por seus filhos, e inconsolável por causa deles, porque já não existem." (Jeremias 31:15)	"Vendo-se iludido pelos magos, enfureceu-se Herodes grandemente, e mandou matar todos os meninos de Belém e de todos os seus arredores, de dois anos para baixo, conforme o tempo do qual com precisão se informara dos magos." (Mateus 2:16)

Jeremias 31:17, 18 fala da dispersão e do extermínio de Israel. O que o fato de Herodes matar os recém-nascidos em Belém tem a ver com a deportação? Será que Mateus estava enganado quando interpretou a profecia de Jeremias como se cumprindo nas atrocidades de Herodes (Mateus 2:17, 18) ou o assassinato dos inocentes como um tipo da destruição de Israel ou Judá? Laetsch diz: "Não, Certamente que não. Todo o contexto do capítulo 31, começando em 30:20 e indo até 33:26, é messiânico. Os quatro capítulos falam da aproximação da salvação do Senhor, da vinda do Messias para restabelecer o Reino de Davi na forma de uma nova aliança, da qual o perdão dos pecados deve ser o fundamento (31:31-34); um reino em que cada alma fatigada e entristecida será totalmente reconfortada (31:12-14, 25). Como exemplo desse consolo, o Senhor introduz a idéia daquele consolo que seria estendido às mães que houvessem sofrido grande perda por causa de Cristo, o cruel assassinato de seus filhos recém-nascidos". 19/250

2B. Profecias Acerca da Natureza de Jesus

13. SUA PREEXISTÊNCIA

PROFECIA	CUMPRIMENTO
"Disse o Senhor ao meu senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos debaixo dos teus pés." (Salmo 110.1) (Veja também Jeremias 23:6)	"É que hoje vos nasceu na cidade de Davi, o Salvador, que é Cristo, o Senhor." (Lucas 2:11) "Replicou-lhes Jesus: Como, pois, Davi, pelo Espírito, chama-lhe Senhor, dizendo: Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos debaixo dos teus pés? Se Davi, pois, lhe chama Senhor, como é ele seu filho?" (Mateus 22:43-45)

Fonte judaica: o *Targum de Isaías* diz: "O profeta diz à casa de Davi: Uma criança nos nasceu, um filho nos foi dado; e Ele tomou a lei sobre Si para guardá-la, e Seu nome tem sido chamado desde tempos antigos: Maravilhoso Conselheiro, Deus Poderoso, Aquele que vive para sempre, o Ungido (ou Messias), em cujo tempo a paz se nos aumentará (Isaías 9:6). 26/32

Fonte judaica: o *Targum de Isaías* diz: "Assim diz o Senhor, o Rei de Israel, e seu Salvador, o Senhor dos exércitos; Eu sou Ele, Eu sou Aquele que existe desde a eternidade; sim, a eternidade é minha, e além de mim não há Deus" (Isaías 44:6). 26/148

Hengstenberg diz o seguinte sobre Miquéias 5:2: "Afirma-se aqui a idéia geral da existência do Messias antes do seu nascimento temporal em Belém; e, então, afirma-se a sua eternidade em contraste com todo o período de tempo que é mencionado aqui". 15/573

14. ELE SERÁ CHAMADO DE SENHOR

PROFECIA	CUMPRIMENTO
"E tu, Belém Efrata, pequena demais para figurar como grupo de milhares de Judá, de ti me sairá o que há de reinar em Israel, e cujas origens são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade." (Miquéias 5:2) (Veja também Isaías 9:6,7; 41:4; 44:6; 48:12; Salmo 102:25; Provérbios 8:22, 23.)	"Ele é antes de todas as coisas. Nele tudo subsiste." (Colossenses 1:17) (Veja também João 1:12; 8:58; 17:5, 24; Apocalipse 1:17; 2:2; 22:13.)

Fonte judaica: *oMidrash Tehillim*, comentário sobre os Salmos, escrito entre 200 e 500 A.D., diz o seguinte sobre Salmo 21:1: "Deus chama o Rei Messias pelo Seu próprio nome. E qual é o Seu nome? Resposta: Jeová é um homem de guerra" (Êxodo 15:3). 19/193

Fonte judaica: *Echa Rabbathi*, 200-500 A.D. (Grande Comentário sobre o Pentateuco e cinco rolos), em comentário sobre Lamentações 1:16 diz: "Qual é o nome do Messias? O rabino Abba ben Cahana (200-300 A.D) disse: Jeová é o Seu nome, e isso se prova com a afirmação 'este será o seu nome'" (Jeremias 23:6). 19/193

"O Senhor disse ao meu Senhor. 'Jeová disse a Adonai', ou, 'a meu Senhor' — isto é, ao Senhor de Davi, não apenas em seu nome pessoal, mas como representante de Israel, literal e espiritual. É porque Davi se dirige a Ele como o Senhor de Israel e da Igreja que três Evangelhos apresentam Cristo citando essa passagem. Davi diz 'meu Senhor', e não 'Senhor dEle'." 11/346

15. SERÁ CHAMADO EMANUEL (Deus Conosco)

PROFECIA	CUMPRIMENTO
"Portanto o Senhor mesmo vos dará sinal: eis que a virgem conceberá, e dará à luz um filho, e lhe chamará Emanuel." (Isaías 7:14)	"Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho, e ele será chamado pelo nome de Emanuel (que quer dizer: Deus conosco)." (Mateus 1:23) (Veja também Lucas 7:16,0)

Fonte judaica: o *Targum de Isaías* a respeito de Isaías 7:14 diz: "Portanto o Senhor mesmo vos dará um sinal. Eis que uma donzela está grávida, e terá um filho, e lhe dará o nome de Emanuel". 26/24

Sobre Isaías 9:6 Delitzsch diz o seguinte: "Não há razão por que devamos interpretar o sufixo *ei* neste nome do Messias com algum outro sentido do que em Emanu-el; isso para não citar o fato de que, em Isaías, *El* é sempre um nome de Deus, e que o profeta tinha a todo tempo uma aguda consciência da antítese entre El e Adão, conforme 31:3 (cf. Oséias 11:9) mostra claramente". 6/252

16. SERÁ UM PROFETA

PROFECIA	CUMPRIMENTO
"Suscitar-lhes-ei um profeta do meio de seus irmãos, semelhante a ti, em cuja boca porei as minhas palavras, e ele lhes falará tudo o que eu lhes ordenar." (Deuteronômio 18:18)	"E as multidões clamavam: Este é o profeta de Jesus, de Nazaré na Galiléia." (Mateus 21:11) (Veja também Lucas 7:16; João 4:19; 6:14; 7:40.)

Fonte judaica: o erudito judeu Maimônides, numa carta à comunidade do Iêmen, denuncia alguém que se passava por Messias e escreve: "O Messias será um profeta muito grandioso, maior do que todos os profetas, com a exceção de Moisés, o nosso mestre... Sua posição será mais elevada e mais honrosa do que a dos Profetas, com a única exceção de Moisés. O Criador, bendito seja, lhe concederá características singulares que não concedeu a Moisés; pois dele está escrito: 'E seu prazer estará no temor do Senhor; e ele não julgará segundo o que virem seus olhos, nem decidirá conforme ouvirem seus ouvidos'" (Isaías 11:3). 4/221

Cristo comparado a Moisés:

1. Escapou de uma morte violenta na infância.
2. Desejou se tornar o Redentor do Seu povo (Êxodo 3:10).

3. Agiu como mediador entre Iavé e Israel (Êxodo 19:16; 20:18).
4. Intercedeu em favor de pessoas pecadoras (Êxodo 32:7-14, 33; Números 14:11-20).

"Senhor... vejo que tu és profeta" (João 4:19).

Kligerman diz: "O uso da palavra 'profeta' por parte dos judeus na época de Jesus revela que não apenas eles esperavam que o Messias fosse um profeta, de acordo com a promessa de Deuteronômio 18, mas também que Aquele que realizasse esses milagres fosse de fato o Profeta Prometido". 18/22,23

"Porque a lei foi dada por intermédio de Moisés, a graça e a verdade vieram por meio de Jesus Cristo" (João 1:17).

17. SACERDOTE

PROFECIA	CUMPRIMENTO
<p>"O Senhor jurou e não se arrependará: tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque. (Salmo 110:4)</p>	<p>"Por isso, santos irmãos, que participais da vocação celestial, considerai atentamente o Apóstolo e Sumo Sacerdote da nossa confissão, Jesus." (Hebreus3:1) "Assim, também Cristo a si mesmo não se glorificou para se tornar sumo sacerdote, mas aquele que lhe disse: tu és meu Filho, eu hoje te gerei; como em outro lugar também diz: Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de melquise-deque." (Hebreus 5:5,6)</p>

"A vitória final do povo do Messias sobre o mundo e Satanás é... certa. A promessa de Deus não acompanhou o sacerdócio araônico, ao contrário do que fez com o nosso Sacerdote semelhante a Melquisedeque, que foi constituído, não conforme a lei de mandamento carnal, mas segundo o poder de vida indissolúvel'. 'Segundo a ordem de Melquisedeque' significa, conforme explicação de Hebreus 7:15, 'à semelhança de Melquisedeque'. A promessa da aliança, feita pelo Pai ao Filho, é para o consolo do povo do Messias. O castigo de Uzias, por ter usurpado as funções de sacerdote, mostra que Davi não pode ser o Rei-Sacerdote aqui descrito (2 Crônicas 26:16-21). A promessa extraordinária de Deus mostra que o Reinado-Sa-cerdócio desta passagem é algo sem paralelo. Davi morreu, mas esse Sacerdócio semelhante a Melquisedeque vive para sempre. Zacarias 6:9-15, especialmente o versículo 13, descreve de modo semelhante o Messias -'assentar-se-á no seu trono e dominará, e será sacerdote no seu trono'."

11/347

18. JUIZ

PROFECIA	CUMPRIMENTO
<p>"Porque o Senhor é o nosso juiz; o Senhor é o nosso legislador; o Senhor é o nosso rei: ele nos salvará." (Isaías 33:22)</p>	<p>"Eu nada posso fazer de mim mesmo; na forma por que ouço, julgo. O meu juízo é justo porque não procuro a minha própria vontade, e, sim, a daquele que me enviou." (João 5:30) (Veja também 2 Timóteo 4:1.)</p>

Fonte judaica: o *Targum de Isaías* diz o seguinte sobre Isaías 33:22: "Porque o Senhor é nosso juiz, que nos tirou do Egito pelo seu poder; o Senhor é nosso mestre, que nos deu, no Sinai, a instrução da sua lei; o Senhor é nosso Rei, ele nos libertará, e, com justiça, nos vingará dos exércitos de Gogue" 26/110

"... Juiz... Legislador... Rei - o ideal perfeito da teocracia a se concretizar apenas sob a direção do Messias: as funções judicial, legislativa e administrativa do Rei a serem desempenhadas pessoalmente por Ele (Isaías 11:4; 32:1; Tiago 4:12)". 11/666

19. REI

PROFECIA	CUMPRIMENTO
"Eu, porém, constituí o meu Rei sobre o meu santo monte sião." (Salmo 2:6)	"Por cima da sua cabeça puseram escrita a sua acusação: 'Este é Jesus, o Rei dos judeus.'" (Mateus 27:37) (Veja também Mateus 21:5; João 18:33-38).

20. UNÇÃO ESPECIAL DO ESPIRITO SANTO

PROFECIA	CUMPRIMENTO
"Repousará sobre ele o Espírito do Senhor, o Espírito de sabedoria e de entendimento O Espírito de conselho e de fortaleza, o Espírito de conhecimento e de temor do Senhor." (Isaías 11:2) (Veja também Salmo 45:7; Isaías 42:1; 61:1,2.)	"Batizado Jesus, saiu logo da água, e eis que se lhe abriram os céus, e viu o Espírito de Deus descendo como pomba, vinho sobre ele. E eis uma voz dos céus, que dizia: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo." (Mateus 3:16,17) (Veja também Mateus 12:17-21; Marcos 1:10,11; Lucas 4:15-21, 43; João 1:32)

Fonte judaica: O *Targum de Isaías* sobre Isaías 11:1 -4a diz: "E um rei se levantará dentre os filhos de Jessé, e um Ungido (ou Messias) surgirá dentre os filhos de seus filhos. E repousará sobre ele um espírito da parte do Senhor, o espírito de sabedoria e entendimento, o espírito de conselho e poder, o espírito de conhecimento e de temor do Senhor: e o Senhor fará com que tenha o seu temor; e não julgará conforme aquilo que virem os seus olhos, nem exercerá juízo segundo ouvirem seus ouvidos. Mas julgará pela verdade os pobres e decidirá com fidelidade acerca dos necessitados dentre o povo". 26/40

Fonte judaica: No *Talmude Babilônico*, o *Sanhedrim II* diz: "Como está escrito sobre o Messias, o espírito do Senhor repousará sobre ele, o espírito de sabedoria e entendimento, o espírito de conselho e poder, o espírito de conhecimento do temor do Senhor. E fará com que tenha rápido entendimento (*waharilho*) no temor do Senhor. O rabino Alexandre disse: Isso ensina que ele carregou o Messias de boas obras e sofrimento da maneira como se carrega um moinho de trabalho". 25/626, 627

21. ZELO PELAS COISAS DE DEUS

PROFECIA	CUMPRIMENTO
"Pois o zelo da tua casa me consumiu, e as injúrias dos que te ultrajam caem sobre mim." (Salmo 69:9)	"Tendo feito um azorrague de cordas, expulsou a todos do templo... e disse...: Tirai daqui estas cousas; não façais da casa de meu Pai casa de negócio." (João 2:15-17)

A. R. Fausset diz: "Pois o zelo da tua casa me tem consumido — me consome tal como uma chama em toda a sua força (Salmo 119:139). Sobre a aplicação de 'por amor de ti' (69:7), cf. João 2:17 como um exemplo do zelo do Messias para com a honra da casa de Deus. E as injúrias daqueles que te injuriam caem sobre mim — em consequência do profundo 'zelo' que tenho para com tua honra, as injúrias lançadas contra ti caem sobre mim". 11/245

3B. Profecias Acerca do Seu Ministério

22. PRECEDIDO POR UM MENSAGEIRO

PROFECIA	CUMPRIMENTO
"Voz do que clama no deserto: Preparei o caminho do Senhor; endireitai no ermo vereda a nosso Deus." (Isaías 40:3) (Veja também Malaquias 3:1.)	"...apareceu João Batista, pregando no deserto da Judéia e dizia: Arre-pendei-vos, porque está próximo o reino dos céus." (Mateus 3:1,2) (Veja também Mateus 3:3; II: 10; João 1:23; Lucas 1:17.)

23. MINISTÉRIO INICIADO NA GALILÉIA

PROFECIA	CUMPRIMENTO
"Mas para a terra que estava aflita não continuará a obs-cundade. Deus nos primeiros tempos tornou desprezível a terra de Zebulom e a terra de Naftali; mas nos últimos tornará glorioso o caminho do mar, além do Jordão, Ga-liléia dos gentios." (Isaías 9:1)	"Ouvindo, porém, Jesus que João fora preso, retirou-se para a Galiléia; e, deixando Nazaré, foi morar em Ca-farnaum, situada à beira-mar, nos confins de Zebulom e Naftali... Daí por diante passou Jesus a pregar e a dizer: Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus" (Mateus 4:12,13,17)

24. MINISTÉRIO DE MILAGRES

PROFECIA	CUMPRIMENTO
"Então se abrirão os olhos dos cegos, e se desimpedirão os ouvidos dos surdos; os coxos saltarão como cervos, e a língua dos mudos cantará." (Isaías 35:5 a) (Veja também Isaías 32:3,4)	"E percorria Jesus todas as cidades e povoados, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino e curando toda sorte de doenças e enfermidades." (Mateus 9:35) (Veja também Mateus 9:32,33; 11:4-6; Marcos 7:33-35; João 5:5-9; 9:6-11; 11:43.)

25. MESTRE DE PARÁBOLAS

PROFECIA	CUMPRIMENTO
"Abrirei os meus lábios em parábolas, e publicarei enigmas dos tempos antigos." (Salmo 78:2)	"Todas estas cousas disse Jesus às multidões por parábolas, e sem parábolas nada lhes dizia." (Mateus 13:34)

26. DEVIA ENTRAR NO TEMPLO

PROFECIA	CUMPRIMENTO
"De repente virá ao seu templo o Senhor, a quem vós buscais." (Malaquias 3:1)	"Tendo Jesus entrado no templo, expulsou a todos os que ali vendiam e compravam." (Mateus 21:12)

27. DEVIA ENTRAR EM JERUSALÉM MONTADO NUM JUMENTO

PROFECIA	CUMPRIMENTO
"Alegra-te muito, ó filha de Sião; exulta, ó filha de Jerusalém: eis aí te vem o teu Rei, justo e salvador, humilde, montado em jumento, num jumentinho, cria de jumento." (Zacarias 9:9)	"Então o trouxeram e, pondo as suas caminho as suas vestes. E quando se aproximava da descida do Monte das Oliveiras..." (Lucas 19:35,36,37a) (Veja também Mateus 21:6-11.)

28. "PEDRA DE TROPEÇO" PARA OS JUDEUS

PROFECIA "A pedra que os construtores rejeitaram, essa veio a ser a principal pedra, angular." (Salmo 118:22) (Veja também Isaías 8:14; 28:16.)	CUMPRIMENTO "Para vós outros, portanto, os que credes, é a preciosidade; mas para os descrentes, A pedra que os construtores rejeitaram, essa veio a ser a principal pedra, angular." (1 Pedro 2:7) (Veja também Romanos 9:32, 33.)
---	--

Fonte judaica: Sobre Isaías 8:13-15 o *Targum de Isaías* diz: "O Senhor dos exércitos, chamai-o de santo. E fazei com que ele seja o vosso temor e a vossa força. E se não prestardes atenção, sua Memra estará entre vós como vingança e como uma pedra de tropeço, e como uma rocha de ofensa para as duas casas dos príncipes de Israel, como destruição, e como tropeço, porque a casa de Israel tem estado separada da casa de Judá que habita em Jerusalém. E muitos tropeçarão por causa deles, e cairão, e serão destruídos, serão capturados e serão levados". 26/28

29. "LUZ" PARA OS GENTIOS

"As nações se encaminham para a tua luz, e os reis para o resplendor que te nasceu." (Isaías 60:3) (Veja também Isaías 49:6.)	CUMPRIMENTO "Porque o Senhor assim no-lo determinou: Eu te constituí para luz dos gentios, a fim de que sejas para salvação até aos confins da terra. Os gentios, ouvindo isto, regozijavam-se e glorificavam a palavra do Senhor."
---	---

4B. Profecias Acerca de Acontecimentos após o Seu Sepultamento

30. RESSURREIÇÃO

PROFECIA "Pois não deixarás a minha alma na morte, nem permitirás que o teu Santo veja corrupção." (Salmo 16:10) (Veja também Salmos 30:3; 41:10; 118:17; Oséias 6:2.)	CUMPRIMENTO "...Cristo... nem foi deixado na morte, nem o seu corpo experimentou corrupção." (Atos 2:31) (Veja também Atos 13:33; Lucas 24:46; Marcos 16:6;
---	--

Fonte judaica: Friedlaender diz que "Ibn Esdras freqüentemente aproveita as oportunidades para declarar sua firme convicção na ressurreição dos mortos". 12/100

Fonte judaica: No *Talmude Babilônico*, lemos o seguinte em *Sanhe-drim II*: "Mishnah. Todo o Israel participará do mundo vindouro, pois está escrito: 'Todo o teu povo é justo; ele herdará a terra para todo o sempre, o ramo do que Eu plantei, a obra de Minhas mãos, para que Eu seja glorificado'. Mas estes não participarão: Aquele que afirma que a ressurreição não é uma doutrina bíblica, que a Tora não foi divinamente revelada". 25/601

31. ASCENSÃO

PROFECIA "Subiste às alturas..." (Salmo 68:18a)	CUMPRIMENTO "...foi Jesus elevado às alturas, à vista deles, e uma nuvem o encobriu dos seus olhos." (Atos 1:9)
---	---

32. ASSENTADO À DESTRA DE

PROFECIA "Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos debaixo dos teus pés." (Salmo 110:1)	CUMPRIMENTO "...depois de ter feito a purificação dos pecados, assentou-se à direita da Majestade nas alturas." (Hebreus1:3) (Veja também Marcos 16:19; Atos 2:34, 35.)
--	---

5B. Profecias Cumpridas num Único Dia

As 29 profecias do Antigo Testamento apresentadas a seguir, que tratam da traição, julgamento, morte e sepultamento de nosso Senhor Jesus Cristo, foram pronunciadas em diferentes oportunidades por muitas pessoas diferentes, durante os cinco séculos entre 1000 e 500 a.C, e, assim mesmo, todas elas se cumpriram literalmente em Jesus num único período de 24 horas.

33. TRAÍDO POR UM AMIGO

PROFECIA "Até o meu amigo íntimo, em quem eu confiava, que comia do meu pão, levantou contra mim o calcanhar." (Salmo 41:9) (Veja também Salmo 55:12-14.)	CUMPRIMENTO "...Judas Iscariotes, quem o traiu." (Mateus 10:4) (Veja também Mateus 26:49, 50; João 13:21.)
---	--

34. VENDIDO POR 30 MOEDAS DE PRATA

PROFECIA "Eu lhes disse: Se vos parece bem dai-me o meu salário; e se não, deixai-o. Pesaram, pois, por meu salário trinta moedas de prata." (Zacarias 11:12)	CUMPRIMENTO "Que me quereis dar, e eu vo-lo entregarei? E pagaram-lhe trinta moedas de prata." (Mateus 26:15) (Veja também Mateus 27:3)
---	---

35. DINHEIRO ATIRADO NA CASA DE DEUS

PROFECIA "...Tomei as trinta moedas de prata e as arrojéi ao oleiro na casa do Senhor." (Zacarias 11:13b)	CUMPRIMENTO "Então judas, atirando para o santuário as moedas de prata..." (Mateus 27:5 ^a)
---	---

36. PREÇO DADO AO OLEIRO PELO SEU CAMPO

PROFECIA "...tomei as trinta moedas de prata, e as arrojéi ao oleiro na casa do Senhor." (Zacarias 11:13b)	CUMPRIMENTO "E, tendo deliberado, compraram o campo do oleiro, para cemitério de forasteiros." (Mateus 27:7)
--	---

Nas quatro profecias recém-mencionadas vemos tanto a profecia como o cumprimento do seguinte:

1. Traído
2. Por um amigo
3. Por 30 moedas (não 29)
4. De prata (não de ouro)
5. Atiradas (não colocadas)
6. Na Casa do Senhor
7. Dinheiro usado para comprar o campo do oleiro

37. ABANDONADO PELOS SEUS DISCÍPULOS

PROFECIA "...fere o pastor, e as ovelhas ficarão dispersas" (Zacarias 13:7)	CUMPRIMENTO "Então, deixando-o, todos fugiram." (Marcos 14:50)
---	---

Laetsch diz que Zacarias 13:7 é "uma clara profecia do choque sentido pelos discípulos quando Cristo foi traído. De modo que o próprio Cristo interpreta essas palavras (Mateus 26:31; Marcos 14:27), as quais se cumpriram (veja Mateus 26:56; Marcos 14:50ss.). No entanto, o Senhor não abandonaria as ovelhas. O próprio Senhor, agindo através da pessoa de Seu Pai (João 5:19s, 30), voltará a sua mão para os seus discípulos, virá em ajuda dos pequeninos, os Seus desanimados e aterrorizados discípulos (Lucas 24:4s, 11,17ss, 37; João 20:2, 11s, 19, 26). Esses enfraquecidos e desertores tornaram-se os arautos corajosos e invencíveis do reino do Messias". 20/491,492

Fonte judaica: sobre Isaías 40:3 o *Targum de Isaías* diz: "A voz daquele que clama: Preparai um caminho no deserto perante o povo do Senhor, trilha caminhos no deserto perante a congregação de nosso Deus". 26/130

38. ACUSADO POR FALSAS TESTEMUNHAS

PROFECIA "Levantam-se iníquas testemunhas, e me argüem de cousas que eu não sei." (Salmos 35:11)	CUMPRIMENTO "Ora, os principais sacerdotes e todo o Sinédrio procuravam algum testemunho falso contra Jesus, a fim de o condenarem à morte. E não acharam, apesar de se terem apresentado muitas testemunhas falsas." (Mateus 27:12)
--	--

39. MUDO PERANTE OS ACUSADORES

PROFECIA "Ele foi oprimido e humilhado, mas não abriu a boca..." (Isaías 53:7)	CUMPRIMENTO "E, sendo acusado pelos principais sacerdotes e pelos anciãos, nada respondeu." (Mateus 27:12)
--	--

40. FERIDO E ARRANHADO

PROFECIA "Mas ele foi traspassado pelas nossas transgressões, e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados." (Isaías 53:5) (Veja também Zacarias 13:6.)	CUMPRIMENTO "Então "Pilatos lhes soltou Barrabás; e, após haver açoitado a Jesus, entregou-o para ser crucificado." (Mateus 27:26)
---	--

"Uma ferida física, não apenas sofrimento mental; *mecholal*, da raiz *chalal* — literalmente, traspassado; em todos os detalhes uma descrição adequada do Messias, cujas mãos, pés e o lado foram traspassados (Salmo 22:16)". 11/730

"...Mas desde a cabeça, que foi coroada com espinhos, até os pés, que foram pregados à cruz, nada mais aparecia além de feridas e arranhões". 16/826

41. ESPANCAMENTO E CUSPIDAS

PROFECIA "Ofereci as costas aos que me feriam, e as faces aos que me arrancavam os cabelos; não escondi o meu rosto dos que me afrontavam e me cuspiam." (Isaías 50:6) (Veja também Miquéias 5:1.)	CUMPRIMENTO "Então uns cuspiram-lhe no rosto e lhe davam murros, e outros o esbofeteavam..." (Mateus 26:67) (Veja também Lucas 22:63.)
--	---

Fonte judaica: sobre Isaías 50:6 o *Targum de Isaías* diz: "Ofereci as minhas costas aos espancadores, e

as minhas faces aos que arrancavam o meu cabelo; não escondi o meu rosto da humilhação e das cuspidas". 26/170

Henry afirma: "Neste ato de submissão, Ele Se entregou, (1) para ser ferido... (2) para ser espancado... (3) para receber cuspidas... Tudo isto Cristo voluntariamente suportou por nós, para nos convencer de Seu desejo de nos salvar". 16/816

42. OBJETO DE ZOMBARIA

PROFECIA "Todos os que me vêem zombam de mim; afrouxam os lábios e me-neiama cabeça: Confiou no Senhor! livre-o ele, salve-os pois nele tem prazer." (Salmo 22:7,8)	CUMPRIMENTO "depois de o terem escarnecido, despiram-lhe o manto, e o vestiram com as suas próprias vestes. Em seguida o levaram para ser crucificado." (Mateus 27:31)
---	--

43. CAIU SOB O PESO DA CRUZ

PROFECIA "De tanto jejuar os joelhos me vacilam, e de magreza vai mirrando a minha carne. Tornei-me para eles objeto de opróbrio; quando me vêem meneiam a beca." (Salmo 109:24, 25)	CUMPRIMENTO "Tomaram eles, pois, a Jesus; e ele próprio, carregando a sua cruz..." (João 19:17) "E como o conduzissem, constringendo um cirineu, chamado Simão, que vinha do campo, puseram-lhe a cruz sobre os ombros, para que a levasse após Jesus." (Lucas 23:26) (Veja também Mateus 27:31,32.)
--	--

Evidentemente Jesus estava tão fraco que, sob o peso da pesada cruz, Seus joelhos já não agüentavam o peso, pelo que eles deram a cruz para que outro carregasse.

44. MÃOS E PÉS TRASPASSADOS

PROFECIA "...traspassaram-me as mãos e os pés." (Salmo 22:16) (Veja também Zacarias 12:10.)	CUMPRIMENTO "Quando chegaram ao lugar chamado Calvário, ali o crucificaram..." (Lucas 23:33) (Veja também João 20:25.)
---	--

Assim, o tipo de morte descrito em Isaías 53 e Salmo 22 não veio ser praticado segundo o sistema judaico senão centenas de anos depois dessas passagens terem sido escritas.

45. CRUCIFICADO COM LADRÕES

PROFECIA	CUMPRIMENTO
"...contudo levou sobre si o pecado de muitos, e pelos transgressores intercedeu." (Isaías 53:12)	"...Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem..." (Lucas 23:34)

Blinzler afirma: "A crucificação era desconhecida no código penal judeu. Pendurar num poste, o que era uma pena prescrita pela lei judaica para os idolatras e blasfemadores que tivessem sido apedrejados, não era uma modalidade de pena de morte, mas uma punição adicional após a morte, cujo objetivo era estigmatizar o executado como alguém maldito por Deus, de conformidade com Deuteronômio 21:23 (Septuaginta): 'Maldito por Deus aquele que for pendurado numa árvore'. Os judeus aplicavam essas palavras também a alguém que fosse crucificado. Sendo a crucificação a mais vergonhosa e degradante forma de pena de morte, mesmo aos olhos do mundo pagão. Os judeus da época de Jesus consideravam aquele que fosse executado dessa maneira como alguém, acima de tudo, amaldiçoado por Deus". 2/247, 248

A Enciclopédia Americana registra: "A história da crucificação como um meio de punição de crimes deve ser estudada como sendo parte do sistema jurídico romano... Os hebreus, por exemplo, adotaram ou aceitaram a crucificação porque foram obrigados pelos romanos: pelo seu próprio sistema, antes que a Palestina se tornasse território romano, eles executavam as pessoas por meio de apedrejamento". 8/253

"...No ano 63 a.C. as legiões de Pompeu invadiram a capital judaica. A Palestina tornou-se uma província romana, embora uma dinastia títere judaica tenha sobrevivido". 29/262

46. INTERCEDEU EM FAVOR DE SEUS PERSEGUIDORES

PROFECIA	CUMPRIMENTO
"...porquanto derramou a sua alma na morte; foi contado com os transgressores..." (Isaías 53:12)	"E foram crucificados com ele dois ladrões, um à sua direita e outro à sua esquerda." (Mateus 27:38) (Veja também Marcos 15:27,28.)

"Esta atividade Ele começou na cruz (Lucas 23:34), e agora continua realizando no céu..." (Hebreus 9:24; 1 João 2:1). 11/733

47. REJEITADO PELO SEU PRÓPRIO POVO

PROFECIA	CUMPRIMENTO
"Era desprezado, e o mais rejeitado entre os homens; homem de dores e que sabe o que é padecer; e como um de quem os homens escondem o rosto, era desprezado, e dele não fizemos caso." (Isaías 53:3) (Veja também Salmo 69:8; 118:22.)	"Pois nem mesmo os seus irmãos criam nele... Porventura creu nele alguém dentre as autoridades, ou algum dos fariseus?" (João 7:5,48) (Veja também João 1:11; Mateus 21:42,43.)

"Isso se cumpriu em Cristo, não acreditado pelos seus irmãos (João 7:5), o qual veio para o seu próprio povo, mas o seu povo não o recebeu (João 1:11), e foi abandonado pelos Seus discípulos, a quem

48. ODIADO SEM M0TD70 ALGUM

PROFECIA "São mais que os cabelos de minha cabeça os que, sem razão, me odeiam..." (Salmo 69:4) (Veja também Isaías 49:7.)	CUMPRIMENTO "Isto, porém, é para que se cumpra a palavra escrita na sua lei: Odiaram-me sem motivo." (João 15:25)
---	--

49. AMIGOS SE MANTIVERAM À DISTÂNCIA

PROFECIA "Os meus amigos e companheiros afastam-se da minha praga; e os meus parentes ficam de longe." (Salmo 38:11)	CUMPRIMENTO "Entretanto todos os conhecidos de Jesus, e as mulheres que o tinham seguido desde a Galiléia, permaneceram a contemplar de longe estas cousas." (Lucas 23:49) (Veja também Marcos 15:40; Mateus 27:55,56.)
---	--

“Justo quando o meu sofrimento pedia que eles estivessem mais do que nunca mais perto de mim e mais firmes ao meu lado, tiveram medo do perigo que correriam, pois parecia que experimentaríamos o sofrimento junto comigo. Enquanto os inimigos estão perto, os amigos estão longe. Assim foi no caso do Messias" (Mateus 26:56; 27:55; Lucas 23:49; João 16:32). 11/184

50. AS PESSOAS MENEARAM A CABEÇA

PROFECIA "Tornei-me para eles objeto de opróbrio; quando me vêem meneiam a cabeça." (Salmo 109:25) (Veja também Salmo 22:7.)	CUMPRIMENTO "Os que iam passando, blasfemavam dele, meneando a cabeça..." (Mateus 27:39)
--	--

"Um gesto que indica que não existe qualquer esperança para aquele que sofre, e para quem olham com desprezo e orgulho" (Jó 16:4; Salmo 44:14). 10/148

"Como se tudo tivesse acabado para mim, e eu e a minha causa estivéssemos irremediavelmente arruinados" (Salmo 22:7; Mateus 27:39). 10/345

51. OBSERVADO PELAS PESSOAS

"Posso contar todos os meus ossos; eles me estão olhando e encarando em mim." (Salmo 22:17)	"O povo estava ali e a tudo observava..." (Lucas 23:35)
---	---

52. ROUPAS REPARTIDAS E SORTEADAS

PROFECIA "Repartem entre si as minhas vestes, e sobre a minha túnica deitam sortes." (Salmo 22:18)	CUMPRIMENTO "Os soldados, pois, quando crucificaram a Jesus, tomaram-lhe as vestes e fizeram quatro partes, para cada soldado uma parte; e a túnica. A túnica, porém, era sem costura, toda tecida de alto a baixo. Disseram...: Não a rasguemos, mas lancemos sorte sobre ela para ver a quem caberá..." (João 19:23,24)
---	---

A afirmação do Antigo Testamento no livro de Salmos quase parece uma contradição até que examinemos o relato da cena da crucificação. As vestes foram repartidas entre os soldados, mas a capa ficou com um deles por meio de sorteio.

53. SOFREU SEDE

PROFECIA "...na minha sede me deram a beber vinagre." (Salmo 69:21) (Veja também Salmo 22:15.)	CUMPRIMENTO "Depois... Jesus... disse: Tenho sede!" (João 19:28)
--	--

54. FEL E VINAGRE OFERECIDOS A CRISTO

PROFECIA "Por alimento me deram fel, e na minha sede me deram a beber vinagre." (Salmo 69:21)	CUMPRIMENTO "Deram-lhe a beber vinho com fel; mas ele, provando-o, não o quis beber." (Mateus 27:34) (Veja também João 19:28,29.)
--	---

A. R. Faussett escreve: "Era de se esperar que o cruel sofrimento que Ele experimentou fosse amenizado até pelos Seus inimigos, que haviam provocado tais sofrimentos; mas, ao invés de Lhe darem algo que minorasse seu sofrimento, deram-lhe fel e vinagre. Duas vezes ofereceram vinagre ao Salvador enquanto estava na cruz — na primeira vez, vinagre misturado com fel (Mateus 27:34) e mirra (Marcos 15:23), mas quando Ele o experimentou, não bebeu, pois não desejava enfrentar o sofrimento num estado de torpor, que é o efeito da mirra. Dada aos criminosos, a mirra era um gesto de bondade; dada ao Justo que carregava os

pecados da humanidade, era um insulto. Na segunda vez, a fim de cumprir essa Escritura, Ele clamou: 'Tenho sede', e deram-lhe vinagre para beber" (João 19:28; Mateus 27: 48). 11/246

55. O GRITO DE ABANDONO

PROFECIA	CUMPRIMENTO
"Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?" (Salmo 22:1a)	"Por volta da hora nona, clamou Jesus em alta voz, dizendo: Eli, Eli, lema sabactâni, que quer dizer: Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?" (Mateus 27:46)

Salmo 22 — "A significativa repetição do grito 'Deus meu' (versículo 1) deixa implícito que o Sofredor se apegou firmemente a essa verdade, que Deus ainda era o Seu Deus, apesar de todas as aparências em contrário. Esse era o antídoto que Ele tinha para o desespero, e a garantia de que Deus ainda iria interferir como o Seu Libertador". 11/148

Esse grito chamou a atenção das pessoas para o Salmo 22. Cristo estava citando o primeiro versículo do salmo, e aquele salmo é uma clara profecia acerca da crucificação.

56. ENTREGOU-SE A DEUS

PROFECIA	CUMPRIMENTO
'Nas tuas mãos entrego o meu espírito.' (Salmo 31:5)	"Então Jesus clamou em alta voz: Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito." (Lucas 23:46)

57. OSSOS SEM QUEBRAR

PROFECIA	CUMPRIMENTO
"Preserva-lhe todos os ossos, nem um deles sequer será quebrado." (Salmo 34:20)	"...chegando-se, porém, a Jesus, como vissem que já estava morto, não lhe quebraram as pernas." (João 19:33)

Embora não se mencione no Novo Testamento, existem duas outras profecias sobre os ossos de Jesus que indubitavelmente tiveram um cumprimento literal.

"Todos os meus ossos se desconjuntaram" (Salmo 22:14). O descon-juntamento dos ossos, isto é, os ossos saírem das juntas, enquanto pendurado na cruz pelas mãos e pelos pés era algo que facilmente podia acontecer, especialmente se observarmos que Seu corpo foi preso à cruz enquanto esteve deitado no chão.

"Posso contar todos os meus ossos; eles me estão olhando e encarando em mim" (Salmo 22:17). Era possível ver todos os seus ossos enquanto ficou pendurado na cruz. A distensão do Seu corpo durante a crucificação tendia a tornar os ossos mais visíveis do que geralmente se vê.

58. COLAPSO CARDÍACO

PROFECIA	CUMPRIMENTO
"Meu coração fez-se como cera, derreteu-se dentro de mim." (Salmo 22:14)	"Mas um dos soldados lhe abriu o lado com uma lança, e logo saiu sangue e água." (João 19:34)

O sangue e a água que saíram do lado traspasado pela lança são provas de que o coração havia literalmente tido um colapso.

59. TRASPASSADO

PROFECIA	CUMPRIMENTO
"...olharão para mim, a quem traspassaram..." (Zacarias 12:10)	"Mas um dos soldados lhe abriu o lado com uma lança..." (João 19:34)

Theodore Laetsch escreve: "Tem-se em seguida uma afirmação notável. O Senhor Jeová fala de Si mesmo como alguém que foi traspasado por homens que olharão para Ele e prantearão por Ele".

'A palavra traspasar — furar de lado a lado, penetrar — ocorre nove vezes com o sentido de atravessar com uma espada ou lança (Números 25:8; Juizes 9:54; 1 Samuel 31:4; 1 Crônicas 10:4; Isaías 13:15; Jeremias 37:10, 'feridos'; 51:4; Zacarias 12:10; 13:3); ocorre uma vez com o sentido de atravessado ('atingido mortalmente') pela fome, o que é descrito como sendo mais doloroso do que ser atingido por uma espada" (Lamentações 4:9). 20/483

60. TREVAS SOBRE A TERRA

PROFECIA	CUMPRIMENTO
"Sucederá que, naquele dia, diz o Senhor, farei que o sol se ponha ao meio-dia, e entenebreerei a terra em dia claro." (Amos 8:9)	"Desde a hora sexta até à hora nona houve trevas sobre toda a terra." (Mateus 27:45)

Pelo fato de os judeus contarem doze horas, desde o nascer até o pôr do sol, isso faz com que a hora sexta seja o meio-dia e a hora nona três horas da tarde.

61. SEPULTADO NO TÚMULO DO RICO

PROFECIA	CUMPRIMENTO
"Designaram-lhe a sepultura com os perversos, mas com o rico esteve na sua morte..." (Isaías 53:9)	"...veio um homem rico de Arimatéia, chamado José... Este foi ter com Pilatos e lhe pediu o corpo de Jesus... E José, tomando o corpo, envolveu-o num pano limpo de linho, e o depositou no seu túmulo novo." (Mateus 27:57-60)

4A. AS PROFECIAS CUMPRIDAS CONFIRMAM JESUS COMO O MESSIAS, O CRISTO, O FILHO DE DEUS

1B. Objeção: Jesus Cumpriu Intencionalmente as Profecias

Resposta: A objeção acima poderá parecer plausível até que percebamos que muitas das profecias concernentes ao Messias estavam totalmente fora do controle humano de Jesus, tais como:

1. Lugar de nascimento (Miquéias 5:2).
2. Época do nascimento (Daniel 9:25; Gênesis 49:10).
3. Modo de nascimento (Isaías 7:14).
4. Traição.
5. Tipo de morte (Salmo 22:16).
6. Reações das pessoas (zombaria, cuspidas, observando, etc).
7. O ser traspassado.
8. Sepultamento.

2B. Objeção: O Cumprimento das Profecias em Jesus Foi Uma Coincidência, Uma Obra do Acaso

"Na verdade você poderia ver algumas dessas profecias cumpridas em líderes políticos que foram assassinados, como Kennedy, Martin Luther King, Gamai Abdel Nasser, e muitos outros", contesta o crítico.

Resposta: É verdade; é possível descobrir uma ou duas profecias que se cumpriram em outros homens, mas não todas as 61 profecias! Aliás, se você conseguir descobrir alguma outra pessoa além de Jesus, esteja essa pessoa viva ou morta, que seja capaz de cumprir apenas metade das predições a respeito do Messias, as quais estão descritas no livro *Messiah in Both Testaments* (O Messias nos Dois Testamentos), de F. J. Meldau, a editora Christian Victory, da cidade de Denver, nos Estados Unidos, está pronta a lhe dar um prêmio de 1.000 dólares. Existem muitas pessoas nas universidades que poderiam ganhar um dinheirinho extra!

H. Harold Hartzler, professor na Faculdade Goshen, e filiado à Sociedade Científica Norte-Americana, escreve o seguinte no prefácio do livro de Stoner: "O manuscrito de *Science Speaks* (A Ciência Fala) foi cuidadosamente examinado por um comitê de membros da Sociedade Científica Norte-Americana e pelo Conselho Executivo da mesma entidade, e chegou-se à conclusão de que, em geral, o livro é confiável e cuidadoso no trato do material científico apresentado. A análise matemática incluída baseia-se em princípios de probabilidade que são plenamente corretos, e o professor Stoner aplicou esses princípios de um modo apropriado e convincente".

Os cálculos de probabilidade apresentados a seguir foram extraídos do livro de Peter Stoner, *Science Speaks* (A Ciência Fala) para mostrar que os estudos científicos de probabilidade eliminam a possibilidade de coincidência. Stoner afirma que, ao empregarmos as modernas técnicas de cálculos de probabilidade

em relação a oito profecias 1. N? 10; 2. N?22; 3. N? 27; 4. N9 33 e 44; 5. N? 34; 6. N? 35 e 36; 7. N? 39; 8. N944 e 45 - crucificado), "... calculamos que a chance de algum homem ter vivido até o presente e ter cumprido todas as oito profecias é de 1 em 10^{17} ." Isso é em cem quatrilhões. A fim de ajudar a compreender o que significa uma chance em 10^{17} , Stoner ilustra da seguinte maneira: Apanhemos 10^{17} moedas de prata de um dólar e as coloquemos sobre o estado do Texas. Elas serão uma camada de 60 centímetros de espessura cobrindo todo o estado. Agora faça uma marca numa dessas moedas e misture bem com todas as demais moedas que estão sobre o estado. Ponha uma venda nos olhos de um homem e diga-lhe que ele pode ir até onde quiser, mas que deve apanhar uma certa moeda, aquela que está marcada. Que chance teria de apanhar a moeda certa? Apenas a mesma chance que os profetas teriam tido de escrever essas oito profecias e vê-las cumpridas em algum homem qualquer, desde a época deles até o presente, contanto que tivessem escrito com base em sua própria sabedoria".

"Ou essas profecias foram recebidas por inspiração de Deus ou os profetas apenas as escreveram como acharam que deveria ser. Nesta hipótese os profetas tinham somente uma chance em 10^{17} de vê-las se cumprirem em algum homem, mas todas se cumpriram em Cristo".

"Isso significa que o cumprimento dessas oito profecias prova que Deus inspirou a escrita dessas profecias numa exatidão praticamente absoluta, numa exatidão de uma chance em 10^{17} ". 27/100-107

Stoner analisa 48 profecias e diz: "...Calculamos que a chance de qualquer homem ter cumprido todas as 48 profecias é de 1 em 10^{157} ".

"É um número realmente enorme e representa uma chance extremamente pequena. Tentemos visualizar esse número. O dólar de prata, que já usamos como ilustração, é grande demais. Devemos escolher um objeto menor. O elétron é quase o menor elemento que conhecemos. É tão pequeno que são necessários 10 deles (um quatrilhão), colocados lado a lado em fila única, para fazerem uma linha de um centímetro de comprimento. Se fôssemos contar os elétrons nessa linha de um centímetro de comprimento e caso contássemos 250 por minuto, dia e noite sem parar, gastaríamos 7.600.000 anos apenas para contar essa linha de um centímetro de elétrons. Se tivéssemos um centímetro cúbico desses elétrons e tentássemos contá-los à média de 250 por minuto, gastaríamos 7.600.000 vezes 7.600.000 anos, ou 4,4 vezes 10^{20} anos."

"Após esta introdução, retornemos à nossa chance de 1 em 10^{157} . Suponhamos que do meio de todos esses elétrons apanhemos um, façamos uma marca nele e o devolvamos à massa de elétrons, misturando-os bem. Então coloquemos uma venda nos olhos de um homem e deixemos que ele procure o elétron marcado. Que chance ele teria de encontrar o elétron certo? Qual é o volume que esse número de elétrons faria? Bem, faria um volume imenso". 27/109,110

A chance de algum homem qualquer cumprir todas as 48 profecias é a mesma.

3B. A Época da Vinda do Messias

1C. A REMOÇÃO DO CETRO

"O cetro não se arredará de Judá, nem o bastão de entre seus pés, até que venha Sílo; e a ele obedecerão os povos" (Gênesis 49:10).

A palavra que nesta passagem vem traduzida como "cetro" significa "bastão tribal". Cada uma das doze tribos de Israel tinha o seu "bastão" particular, com o seu nome inscrito. Portanto, o "bastão tribal", ou a "identidade tribal" de Judá, não deveria desaparecer antes que viesse Sílo. Durante séculos e séculos os comentaristas tanto judeus como cristãos têm interpretado a palavra "Sílo" como um nome do Messias.

Nós nos recordamos que Judá fora privada de sua soberania nacional durante o período de setenta anos do cativo babilônico. No entanto, durante esse período jamais perdeu seu "bastão tribal" ou sua "identidade nacional". Os judeus ainda possuíam seus próprios legisladores e juizes, mesmo durante o período do cativo (veja Esdras 1:5, 8).

Assim, de acordo com essa Escritura e com os judeus daquela época, dois sinais aconteceriam logo após a vinda do Messias:

1. A remoção do cetro, ou identidade, de Judá.
2. A supressão do poder judicial.

O primeiro sinal visível do início da remoção do cetro de Judá ocorreu quando Herodes o Grande, que não tinha sangue judeu nas veias, sucedeu aos príncipes macabeus, os quais pertenciam à tribo de Levi e

foram os últimos reis judeus a reinar em Jerusalém (Sanhedrin, folha 97, verso) (*Segundo Livro de Macabeus*).

Magath, no livro *Jesus Before the Sanhedrin* (Jesus Perante o Sinédrio), dá o seguinte título ao capítulo dois: "O poder legal do Sinédrio restringido vinte e três anos antes do julgamento de Cristo". Essa restrição foi a perda do poder de sentenciar à morte.

A perda desse poder ocorreu após a deposição de Arquelau, que era filho e sucessor de Herodes, fato ocorrido em 11 A.D. (JOSEFO. *Antigüidades*. Livro 17, capítulo 13:1-5). Os procuradores, que administravam em nome de Augusto, retiraram o poder supremo do Sinédrio de modo que eles mesmos pudessem exercer o *jus gladii* (literalmente, "o direito da espada"), isto é, o direito supremo de pronunciar sentenças que implicariam a vida ou a morte das pessoas. Todas as nações que foram subjugadas pelo império romano perderam o direito de pronunciar sentenças de morte. Tácito diz: "... Os romanos reservaram para si o direito da espada, e não se importavam com os demais".

O Sinédrio, no entanto, reteve certos direitos:

1. Excomunhão (João 9:22).
2. Prisão (Atos 5:17, 18).
3. Punição corporal (Atos 16:22).

O próprio *Talmude* admite que "pouco mais de quarenta anos antes da destruição do Templo foi tirado dos judeus o direito de emitir sentença de morte" (*Talmude de Jerusalém*, Sanhedrin, folha 24, frente). No entanto, parece improvável que o *jus gladii* tenha permanecido em mãos judaicas até aquela época (isto é, ca. 30 A.D.). Provavelmente os judeus perderam esse direito à época de Copônio, em 7 A.D. (*Essai sur l'histoire et la géographie de la Palestine, d'après les Talmuds et les autres sources Rabbi-nique* (Ensaio sobre a história e a geografia da Palestina, segundo os Talmudes e as outras fontes rabínicas. Paris, 1867. p. 90). O rabino Rachmon afirma: "Quando os membros do Sinédrio perceberam que tinham perdido o direito sobre a vida das pessoas, uma consternação geral tomou conta deles; eles cobriram as cabeças com cinza e os corpos com sacos, exclamando: 'Ai de nós, pois o cetro foi removido de Judá e o Messias não veio!'" 21/28-30

Josefo, que foi uma testemunha ocular desse processo de decadência, diz: "Depois da morte do procurador Festo, quando Albino estava em vias de sucedê-lo, o sumo sacerdote Anano julgou que a ocasião era propícia para reunir o Sinédrio. De modo que ele fez com que Tiago, o irmão de Jesus, chamado o Cristo, e vários outros se apresentassem perante esse concílio reunido às pressas, e pronunciou contra eles sentença de morte por apedrejamento. Todos os sábios e zelosos cumpridores da lei que estavam em Jerusalém manifestaram sua desaprovação diante disso... Alguns chegaram a procurar o próprio Albino, que havia partido para Alexandria, para pô-lo a par dessa quebra da lei e para informá-lo de que Anano agira ilegalmente ao reunir o Sinédrio sem a autorização dos romanos" (JOSEFO. *Antigüidades*. Livro 20, capítulo 9:1).

Os judeus, a fim de salvarem as aparências, idealizaram diversas justificativas para a eliminação da pena de morte. Por exemplo, no *Talmude Babilônico* (Aboda Zarah, ou Sobre a Idolatria, folha 8, frente) lemos: "Os membros do Sinédrio, notando que o número de assassinos havia aumentado a tal ponto em Israel que se tornou impossível condenar todos à morte, chegara à seguinte conclusão: 'Será mais vantajoso para nós trocar o costumeiro lugar de reunião por um outro, de modo que possamos evitar pronunciar sentenças de morte'. A isso Maimônides acrescenta que "quarenta anos antes da destruição do segundo Templo cessaram as sentenças de crimes em Israel, embora o templo ainda estivesse de pé. Isso se deve ao fato de que os membros do Sinédrio abandonaram o Pátio das Pedras Lavradas e não mais realizaram suas reuniões ali". 21/30-33

Lightfoot, no livro *Evangelium Matthei, horoe hebraicoe* (O Evangelho de Mateus — a hora dos hebreus), publicado em Cambridge, em 1658, pp. 275, 276, acrescenta que "os membros do Sinédrio... haviam tomado a resolução de não pronunciar sentenças de morte enquanto a terra de Israel permanecesse sob o governo romano e as vidas dos filhos de Israel fossem ameaçadas pelos invasores. Será que condenar à morte um filho de Abraão numa época em que a Judéia estava invadida por todos os lados, e tremia diante das legiões romanas em marchas, não seria um insulto contra o sangue dos patriarcas? Será que o menor dos israelitas, pelo simples fato de ser descendente de Abraão, não é alguém superior aos gentios? Portanto, vamos deixar o Pátio das Pedras Lavradas, fora do qual ninguém pode ser condenado à morte, e, com esse protesto, mostremos com um exílio voluntário e pelo silêncio da justiça, que Roma, embora governe o mundo não é a dona das vidas nem das leis da Judéia". 21/33, 34, 38

O *Talmude Babilônico* (Sanhedrin, capítulo 4, folha 519 verso) diz: "Uma vez que o Sinédrio já não tem jurisdição em questões de crimes de morte, não há utilidade prática, para sua autoridade, a qual poderá se tornar efetiva só nos dias do Messias". 25/346

Uma vez que se suprimiu o poder judicial, o Sinédrio deixou de existir. Sim, o cetro foi removido, e Judá perdeu o poder real ou legal. E os próprios judeus sabiam disso! "Ai de nós, pois o cetro foi removido de Judá, e o Messias não apareceu!" (*Talmude Babilônico*, Sanhedrin, capítulo 4, folha 37; frente). Mal perceberam que o Messias era o jovem nazareno que vivia no meio deles.

2C. A DESTRUÇÃO DO TEMPLO

"...de repente virá a seu templo o Senhor, a quem vós buscais..." (Malaquias 3:1).

Esse versículo, junto com outros quatro (Salmo 118:26; Daniel 9:26; Zacarias 11:13; Ageu 2:7-9), exigia que o Messias viesse enquanto o templo de Jerusalém ainda estava de pé. Isso é de grande significado quando levamos em conta que o templo foi destruído em 70 A.D.; desde então, não foi reconstruído!

"Depois das sessenta e duas semanas será morto o Ungido, e já não estará; e o povo de um príncipe, que há de vir, destruirá a cidade e o santuário..." (Daniel 9:26).

Essa é uma afirmação notável; cronologicamente:

1. O Messias vem (implícito no texto).
2. O Messias já não estará (morre).
3. A destruição da cidade (Jerusalém) e do santuário (templo). Tito e seu exército destruíram o templo e a cidade em 70 A.D.; de modo que ou o Messias já tinha vindo ou essa profecia era uma mentira.

4B. Profecia Cumprida

Em Daniel 9:24-27 temos uma profecia acerca do Messias, profecia esta que pode ser dividida em três partes. A primeira parte afirma que no final de 69 semanas, o Messias virá a Jerusalém. (As 7 e as 62 semanas são interpretadas como sendo 69 períodos de 7 anos.) O ponto de partida das 69 semanas é o decreto para restaurar e reconstruir Jerusalém.

A segunda parte da profecia afirma que depois de o Messias vir, Ele já não estará (expressão idiomática que aponta para a Sua morte). Então o príncipe virá para destruir Jerusalém e o templo.

Todos os acontecimentos acima acontecem, segundo Daniel 9:24-26, após as 69 semanas de anos. Mas Daniel 9:24 menciona 70 semanas (7+ 62 + 1), e não apenas 69. A última semana é descrita em 9:27. Muitos estudiosos acreditam que 9:27 trata de uma pessoa e de uma época diferentes de 9:26. Muito embora o autor dessa passagem se refira ao príncipe, provavelmente tem-se a referência a um outro príncipe que deve vir mais tarde na história. (Referências duplas são um tanto quanto comuns na profecia. Por exemplo, um texto pode se referir ao rei Davi e mais tarde também a Cristo.) Esta interpretação encontra apoio em suas ações: em 9:27 o príncipe força a interrupção das práticas religiosas no templo judeu, mas o príncipe de 9:26 acabou de destruir o templo! De maneira que, provavelmente, surge mais tarde, depois da reconstrução do templo, a qual ainda está para acontecer. De qualquer forma, não importa qual seja a maneira como a pessoa interprete a septuagésima semana (os sete últimos anos da profecia), ainda assim as duas primeiras partes da profecia podem ser examinadas historicamente. Para um estudo mais aprofundado dessa profecia de Daniel, veja o livro *Chronological Aspects of the Life of Christ* (Aspectos Cronológicos da Vida de Cristo). 17

1C. O TEXTO

"Setenta semanas estão determinadas sobre o teu povo, e sobre a tua santa cidade para fazer cessar a transgressão, para dar fim aos pecados, para expiar a iniquidade, para trazer a justiça eterna, para selar a visão e a profecia, e para ungir o Santo dos Santos".

Sabe, e entende: desde a saída da ordem para restaurar e para edificar Jerusalém, até ao Ungido, ao Príncipe, sete semanas e sessenta e duas semanas: as praças e as circunvalações se reedificarão, mas em tempos angustiosos.

Depois das sessenta e duas semanas será morto o Ungido, e já não estará; e o povo de um príncipe, que

há de vir, destruirá a cidade e o santuário, e o seu fim será num dilúvio, e até o fim haverá guerra; desolações estão determinadas.

Ele fará firme aliança com muitos por uma semana; na metade da semana fará cessar o sacrifício e a oferta de manjares; sobre a asa das abominações virá o assolador, até que a destruição, que está determinada, se derrame sobre ele. (Daniel 9:24-27).

2C. A INTERPRETAÇÃO DA PROFECIA

1D. *Principais aspectos dessa profecia*

(Baseado em anotações de aulas ministradas pelo Dr. James Rosscup, do Seminário Teológico Taibot, localizado na Califórnia, Estados Unidos.)

Preocupações com o povo de Daniel, Israel, e com a cidade de Daniel, Jerusalém (v. 24).

Dois príncipes mencionados:

1. O Messias (v. 25).
2. O príncipe que há de vir (v. 26).

O período de tempo de 70 semanas (v. 24).

1. Visto como uma unidade (v. 24).
2. Vista como três períodos: 7 semanas, 62 semanas e 1 semana (v. 25, 27).

O momento especificado do início das 70 semanas (v. 25)

O Messias aparece no final de 69 semanas (v. 25).

A destruição da cidade e do santuário pelo povo de um príncipe que há de vir (v. 26).

A aliança feita entre Israel e o príncipe que há de vir, por ocasião do início da última semana (v. 27); essa aliança é quebrada no meio da semana (v. 27).

No final das 70 semanas, Israel terá justiça eterna (v. 24).

2D. *A quantidade de tempo indicada pelas 70 semanas*

O conceito judeu de semana:

1. A palavra hebraica para "semana" é *shabua* e literalmente significa "sete". (Devemos desassociar qualquer idéia de semana, própria da língua portuguesa, da idéia que Gabriel quis transmitir.) De maneira que, em hebraico, a idéia de 70 semanas é de "setenta setes".

2. Os judeus estavam familiarizados com um "sete" tanto de dias como de anos. "Era, em certos aspectos, até mais importante." 22/13

3. Levítico 25:2-4 ilustra o fato acima. Levítico 25:8 mostra que havia um múltiplo de uma semana de anos.

Lembrando o que já se disse anteriormente, existem diversas razões para crer que as 70 semanas mencionadas em Daniel são 70 sete anos.

1. Daniel já havia pensado em termos de anos e múltiplos de anos anteriormente nesse capítulo (Daniel 9:1,2).

2. Daniel sabia que o cativo babilônico se devia à violação do ano sabático, e, visto que eles estavam cativos por setenta anos, evidentemente o ano sabático fora violado 490 anos (Levítico 26:32-35; 2 Crônicas 36: 21; Daniel 9:24).

3. O contexto faz sentido quando interpretamos as 70 semanas como sendo anos.

4. A palavra *shabua* também se encontra em Daniel 10:2, 3. O contexto requer que a palavra seja entendida como "semanas" de dias. Literalmente é "três sete de dias". Se Daniel tivesse querido dar a entender dias em 9:24-27, por que não encontramos a mesma forma de expressão que é usada no capítulo 10? Obviamente, no capítulo 9 o sentido de *shabua* é de anos.

3D. *A duração do ano profético*

Deve-se determinar a duração do ano utilizado nas Escrituras de acordo com as próprias Escrituras.

1. Historicamente - Compare Gênesis 7:11 com Gênesis 8:4, e essas duas passagens com Gênesis 7:24 e Gênesis 8:3.

2. Profeticamente - Muitas passagens bíblicas empregam expressões variadas para se referir à grande tribulação, mas todas têm um denominador comum, que é um ano de 360 dias.

Daniel 9:27 — "Metade" da septuagésima semana (obviamente três anos e meio);
Daniel 7:24. 25 - "um tempo, dois tempos e metade dum tempo" (literalmente três tempos e meio);
Apocalipse 13:4-7 - "quarenta e dois meses" (três anos e meio);
Apocalipse 12:13, 14 - "um tempo, tempos, e metade de um tempo";
Apocalipse 12:6 - "mil duzentos e sessenta dias" (que equivalem a três anos e meio).

4D. *O início das 70 semanas*

Existem, na história de Israel, vários decretos ou determinações que têm sido sugeridos como o *terminus a quo* (princípio) das 70 semanas. São eles:

1. O decreto de Ciro, 539 a.C. (Esdras 1.1-4).
2. O decreto de Dario, 519 a.C. (Esdras 5:3-7).
3. O decreto de Artaxerxes a Esdras, 457 a.C. (Esdras 7:11-16).
4. O decreto de Artaxerxes a Neemias, 444 a.C. (Neemias 2:1-8).

17/131*

Contudo, o único decreto que parece estar, com precisão, em harmonia com os existentes é o último, o decreto de Artaxerxes a Neemias.

J. D. Wilson comenta a respeito do ponto de partida da profecia: "O... decreto é mencionado em Neemias 2. Foi no vigésimo ano de Artaxerxes. O texto não reproduz as palavras do decreto, mas facilmente se pode descobrir de que tratava. Neemias soube da condição desoladora de Jerusalém, e ficou profundamente abatido. O rei lhe perguntou o motivo da tristeza, ao que Neemias respondeu: 'A cidade, onde estão os sepulcros de meus pais, está assolada e tem as portas consumidas pelo fogo'. O rei pediu-lhe então que fizesse um pedido, ao que prontamente respondeu: 'Peço-te que me envies a Judá, à cidade dos sepulcros de meus pais, para que eu a reedifique'. E, conforme lemos em seguida, ele foi enviado e reconstruiu Jerusalém".

"Esse decreto é, então, a 'ordem para restaurar e reedificar Jerusalém'. Não há qualquer outro decreto autorizando a restauração da cidade. Esse decreto autoriza a restauração, e o livro de Neemias conta como o trabalho se desenvolveu. As exigências de suas várias outras teorias têm feito com que muitos homens tomem algum outro decreto como ponto de partida para seus cálculos, mas é fácil ver que é impossível fazer esses cálculos com esses outros pontos de partida sem que haja sombra de dúvida. Esse decreto de Neemias 2 é a ordem para restaurar e reconstruir Jerusalém; nenhum outro decreto dá alguma permissão para restaurar a cidade. Todos os demais decretos se referem exclusivamente à construção do templo." 29/141,142

Baseado no seguinte pode-se dizer que esse decreto foi dado em 444 a.C:

1. "No mês de Nisã, no ano vigésimo do rei Artaxerxes" (Neemias 2:1).
2. A acessão de Artaxerxes ocorreu em 465 a.C.
3. Não há qualquer data especificada, de modo que, de acordo com o costume judaico, interpreta-se a data como sendo o primeiro dia do mês, que seria o primeiro de nisã de 444 a.C.
4. 5 de março de 444 a.C. é a data correspondente em nosso calendário.

5D. *Entendendo as primeiras sete semanas*

1. Levou 49 anos para restaurar a cidade (v.25)
2. O término da profecia hebraica e a conclusão do cânon do Antigo Testamento, com Malaquias, é algo digno de nota, tendo ocorrido 49 anos depois de 444 a.C.

Se Daniel está certo, o tempo transcorrido entre o edito para restaurar e reconstruir Jerusalém (1º de nisã de 444 a.C.) e a vinda do Messias a Jerusalém é de 483 anos (69 x 7), cada ano equivalendo ao ano profético judaico de 360 dias (173.880 dias no total).

O acontecimento derradeiro das 69 semanas é a apresentação do próprio Cristo a Israel como o Messias, predito em Zacarias 9:9. H. Hoehner, que pesquisou profundamente essa profecia de Daniel, bem como as datas respectivas, assim calcula a data desse acontecimento: "Multiplicando-se as sessenta e nove semanas por sete anos e cada semana de ano por 360 dias, temos um total de 173.880 dias. A diferença entre 444 a.C. e 33 A.D. é, então, de 476 anos solares. Multiplicando-se 476 por 365, 24 219.879, ou por 365 dias, 5 horas, 48 minutos, 45.975 segundos existem 365 dias e meio num ano, chega-se ao resultado de 173.855 dias, 6 horas, 52 minutos, 44 segundos, ou 173.855 dias. Isso deixa de fora apenas 25 dias a serem computados entre 444 a.C. e 33 A.D. Acrescentando-se os 25 dias a 5

de março (de 444 a.C.) chega-se à data de 30 de março (de 33 A.D), que era 10 de nisã em 33 A.D. Essa é a data da entrada triunfal de Jesus em Jerusalém". 17/138

6D. O intervalo entre as semanas 69 e 70

Após o término das 69 semanas e antes do início da septuagésima semana, deviam ocorrer dois eventos:

1. O Messias "já não está" (Daniel 9:26).

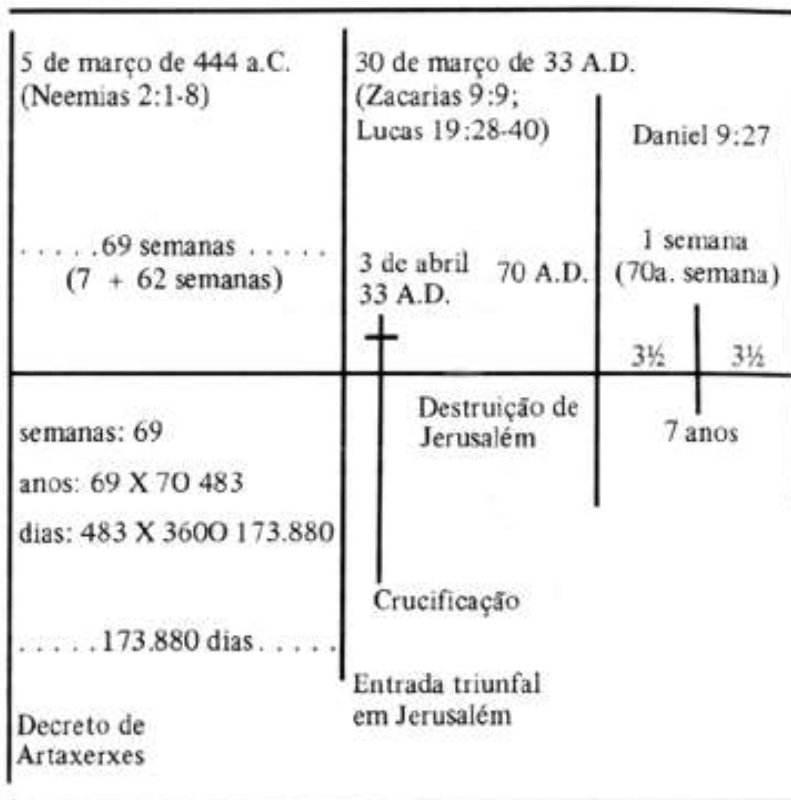
Cristo foi crucificado em 3 de abril de 33 A.D., na sexta-feira após a Sua entrada triunfal em Jerusalém.

2. A destruição de Jerusalém e do templo (Daniel 9:26).

Wilson aborda essa parte da profeta: "Depois disso, o príncipe romano (Tito) enviou um exército que destruiu completamente a cidade e o templo de Jerusalém.

"A destruição foi total. O templo não foi simplesmente profanado, como havia ocorrido por obra de Antíoco Epifânio - foi destruído. Desde então não foi reedificado em Jerusalém. Teve fim o ritual judaico. Nunca veio a ser restaurado, e jamais poderá sê-lo. Não tem havido sacerdócio desde a queda de Jerusalém, pois cada filho de Arão foi assassinado. Já não é mais possível a realização de sacrifícios pelos sacerdotes, nem a expiação pelo sumo sacerdote, pois com aquele terrível desastre a velha aliança deixou de existir. Sua vitalidade e sua validade acabaram quando o Cordeiro de Deus foi oferecido no Calvário; mas durante quarenta anos continuou existindo a casca externa. Aquela casca foi retirada com a destruição de Jerusalém em 70 A.D." 29/148, 149

3C. RESUMO (Gráfico cronológico)



Desse modo, Daniel, na profecia das 70 semanas, profetiza com exatidão a respeito do Messias, mesmo que se aceite como correta a data de 165 a.C. para a autoria de Daniel, ainda assim todos esses acontecimentos ocorreram pelo menos 200 anos depois; e entre eles estão:

1. A vinda do Messias.
2. A morte do Messias.

3. A destruição de Jerusalém e do templo.

A terceira parte da profecia, que diz respeito à septuagésima semana, ainda está por acontecer.

4A. PREDIÇÕES DO ANTIGO TESTAMENTO QUE SE CUMPRIRAM LITERALMENTE EM CRISTO

Floyd Hamilton, no livro *The Basis of Christian Faith* (A Base da Fé Cristã) (que é uma defesa moderna da religião cristã, em edição revista e ampliada - Nova Iorque: Harper and Row, 1964, p. 160), diz: "O cônego Liddon é alguém com autoridade sobre o assunto. Ele afirma que no Antigo Testamento existem 332 predições diferentes que se cumpriram literalmente em Cristo".

1B. Sua Primeira Vinda

O Fato. Gênesis 3:15; Deuteronômio 18:15; Salmo 89:20; Isaías 9:6; 28:16;32:1; 35:4; 42:6; 49:1; 55:4; Ezequiel 34:24; Daniel 2:44; Mi-quéias 4:1; Zacarias 3:8.

A época. Gênesis 49:10; Números 24:17; Daniel 9:24; Malaquias 3:1.

Sua Divindade. Salmo 2:7, 11; 45:6, 7, 11; 72:8; 102:24-27; 89:26, 27; 110:1; Isaías 9:6; 25:9; 40:10; Jeremias 23:6; Miquéias 5:2; Malaquias 3:1.

Sua Ascendência Humana. Gênesis 12:3; 18:18; 21:12; 22:18; 26:4; 28:14;49:10; 2 Samuel 7:14; Salmos 18:4-6, 50; 22:22, 23; 89:4; 29:36; 132:11; Isaías 11:1; Jeremias 23:5; 33:15.

2B. Seu Precursor

Isaías 40:3; Malaquias 3:1; 4:5.

3B. A Natividade e os Primeiros Anos

O Fato. Gênesis 3:15; Isaías 7:14; Jeremias 31:22.

O Lugar. Números 24:17, 19; Miquéias 5:2.

A Adoração pelos Magos. Salmo 72:10, 15; Isaías 60:3, 6.

A Descida ao Egito. Oséias 11:1.

O Massacre dos Inocentes. Jeremias 31:15.

4B. Sua Missão e Função

Missão. Gênesis 12:3; 49:10; Números 24:19; Deuteronômio 18:18, 19; Salmo 21:1; Isaías 59:20; Jeremias 33:16.

Sacerdote Semelhante a Melquisedeque. Salmo 110:4.

Profeta Semelhante a Moisés. Deuteronômio 18:15.

Conversão dos Gentios. Isaías 11:10; Deuteronômio 32:43; Salmos 18:49; 19:4; 117:1; Isaías 42:1; 45:23;49:6; Oséias 1:10; 2:23; Joel 2:32.

Ministério na Galiléia. Isaías 9:1, 2.

Milagres. Isaías 35:5, 6;42:7; 53:4.

Bênçãos Espirituais. Salmo 45:7; Isaías 11:2; 42:1; 53:9; 61:1, 2.

Pregação. Salmos 2:7; 78:2; Isaías 2:3; 61:1; Miquéias 4:2.

Purificação do Templo. Salmo 69:9.

5B. Sua Paixão

Rejeição pelos Judeus e Gentios. Salmos 2:1; 22:12; 41:5; 56:5; 69:8; 118:22, 23; Isaías 6:9, 10; 8:14; 29:13; 53:1; 65:2. Perseguição. Salmos 22:6; 35:7, 12; 56:5; 71:10; 109:2; Isaías 49:7; 53:3.

Entrada Triunfal em Jerusalém. Salmos 8:2; 118:25, 26; Zacarias 9:9. Traição pelo Próprio Amigo.

Salmos 41:9; 55:13; Zacarias 13:6. Traição por Trinta Moedas de Prata. Zacarias 11:12

Morte do Traidor. Salmos 55:15, 23; 109:17. Compra do Campo do Oleiro. Zacarias 11:13. Abandonado pelos Discípulos. Zacarias 13:7.

Falsas Acusações. Salmos 27:12; 35:11; 109:2; 2:1, 2. Silêncio quando Acusado. Salmo

38:13; Isaías 53:7. Zombaria. Salmos 22:7, 8, 16; 109:25.

Insultos, Murros, Cuspidas, Espancamento. Salmo 35:15, 21; Isaías 50:6.

Paciência em meio ao Sofrimento. Isaías 53:7-9.

Crucificação. Salmo 22:14,17.
 Oferecimento de Fel e Vinagre. Salmo 69:21.
 Oração pelos Inimigos. Salmo 109:4.
 Gritos na Cruz. Salmos 22:1; 31:5.
 Morte no Vigor da Vida. Salmos 89:45; 102:24.
 Morte com os Malféitores. Isaías 53:9, 12.
 Morte Confirmada por Fenômenos na Natureza. Amos 5:20; Zacarias 14:4, 6.
 Veste Sorteada. Salmo 22:18.
 Ossos intactos. Salmo 34:20.
 Traspassado. Salmo 22:16; Zacarias 12:10; 13:6.
 Morte Voluntária. Salmo 40:6-8.
 Sofrimento Vicário. Isaías 53:4-6, 12; Daniel 9:26.
 Sepultamento com o Rico. Isaías 53:9.

6B. Sua Ressurreição

Salmos 16:8-10; 30:3;41:10; 118:17; Oséias 6:2.

7B. Sua Ascensão

Salmos 16:11;24:7; 68:18; 110:1; 118:19.

8B. Sua Segunda Vinda

Salmo 50:3-6; Isaías 9:6, 7; 66:18; Daniel 7:13, 14; Zacarias 12:10; 14:4-8.

Domínio Universal e Eterno. 1 Crônicas 17:11-14. Salmo 72:8; Isaías 9:7; Daniel 7:14; Salmos 2:6-8; 8:6; 110:1-3; 45:6, 7.

BIBLIOGRAFIA

1. BEREAN Mission. Saint Louis (Estados Unidos). Usado com permissão.
2. BLINZLER, Josef. *The Trial of Jesus* (O Julgamento de Jesus). Traduzido para o inglês por Isabel McHugh e Florence McHugh. Westminster: The Newman Press, 1959.
3. BOWKER, John. *The Targums and Rabbinic Literature* (Os Targuns e a Literatura Rabínica). Londres: Cambridge University, 1969.
4. COHEN, A. *The Teachings of Maimonides* (Os ensinoss de Maimônides). Londres: George Routledge & Sons, 1927.
5. COOPER, David. *God and Messiah* (Deus e Messias). Los Angeles: Biblical Research Society.
6. DELITZSCH, Franz. *Biblical Commentary on the Prophecies of Isaiah* (Comentário Bíblico sobre as Profecias de Isaías). Traduzido para o inglês por James Martin. Grand Rapids: William B. Eerdmans, 1950. vol. 1. Usado com permissão.
7. DRIVER, S. R. *Notes on the Hebrew Text and the Topography of the Books of Samuel*. (Notas Acerca do Texto Hebraico e da Topografia dos Livros de Samuel). Oxford: Clarendon Press, 1966. Usado com permissão.
8. THE ENCYCLOPEDIA Americana (A Enciclopédia Americana). Americana Corporation, 1960. vol. 8. Usado com permissão.
9. THE ENCYCLOPEDIA Americana (A Enciclopédia Americana). Americana Corporation, 1960. vol. 16. Usado com permissão.
10. ETHRIDGE, J. W. *The Targum of Onkelos and Jonathan Ben Ussiel on the Pentateuch* (Os Targuns de Onkelos e Jônatas ben Ussiel Acerca do Pentateuco). Nova Iorque: KTAV Publishing House, 1968. vol. 1,2.
11. FAUSSET, A. R. *4 Commentary Criticai, Experimental and Practical on the Old and New Testaments* (Um Comentário Crítico, Experimental e Prático sobre o Antigo e o

- Novo Testamentos). Grand Rapids: William B. Eerdmans, 1961. vol. 3. Usado com permissão.
12. FRIEDLAENDER, M. *Essays on the Writings of Abraham Ibn Ezra* (Ensaio sobre os Escritos de Abraão Ibn Esdras). Londres: Trubner and Company, s.d. vol. 4. Usado com permissão.
 13. GEISLER, Norman. *Christ: The Theme of the Bible*. (Cristo, o Tema da Bíblia). Chicago: Moody, 1969. Usado com permissão.
 14. HEINISCH, Paul. *Christ in Prophecy* (Cristo na Profecia). The Liturgical Press, 1956.
 15. HENGSTENBERG, E. W. *Christology of the Old Testament and a Commentary on the Messianic Predictions* (Cristologia do Antigo Testamento um Comentário sobre as Predições Messiânicas). Grand Rapids: Kregel Publications, 1970.
 16. HENRY, Matthew. *Matthew Henry's Commentary on the Whole Bible* (O Comentário de Matthew Henry sobre toda a Bíblia). Wilmington: Sovereign Grace Publishers, 1972. vols. 1, 2.
 17. HOEHNER, Harold. *Chronological Aspects of the Life of Christ* (Aspectos Cronológicos da Vida de Cristo). Grand Rapids: Zonder-van, 1977.
 18. KLIGERMAN, Aaron Judah. *Messianic Prophecy in the Old Testament* (Profecia Messiânica no Antigo Testamento). Grand Rapids: Zondervan, 1957. Usado com permissão.
 19. LAETSCH, Theodore. *Bible Commentary: Jeremiah* (Comentário Bíblico: Jeremias). Saint Louis: Concórdia Publishing House, 1953.
 20. *Bible Commentary: The Minor Prophets* (Comentário Bíblico: Os Profetas Menores). Saint Louis: Concórdia Publishing House, 1970
 21. LeMANN, M. M. *Jesus Before the Sanhedrin* (Jesus Perante o Sinédrio). Traduzido para o inglês por Julius Magath. Nashville: Southern Methodist Publishing House, 1886.
 22. McCLAIN, Alva J. *DanieVs Prophecy of the Seventy Weeks* (A Profecia das Setenta Semanas de Daniel). Grand Rapids: Zondervan, 1972. Usado com permissão.
 23. McDOWELL, Josh. Anotações feitas em aula.
 24. MINKIN, Jacob S. *The World of Moses Maimonides* (O Mundo de Moisés Maimônides). Nova Iorque: Thomas Yoseloff, 1957.
 25. NEZIKIN, Seder. *The Babyhnian Talmud* (O Talmude Babilônico). Traduzido para o inglês por I. Epstein. Londres: The Soncino Press, 1935.
 26. STENNING, J. F., ed. *The Targum of Isaiah* (O Tragum de Isaías). Londres: Clarendon Press, 1949. Usado com permissão.
 27. STONER, Peter W. *Science Speaks* (A Ciência Fala). Chicago: Moody, 1963. Usado com permissão.
 28. UNGER, Merrill F. *Unger's Bible Dictionary* (Dicionário Bíblico de Unger). Chicago: Moody, 1971. Usado com permissão.
 29. WILSON, Joseph D. *Did Daniel Write Daniel?* (Daniel Escreveu Daniel?). Nova Iorque: Charles C. Cook, s.d.

capítulo 10:

A Ressurreição — Fraude ou História ? ...

Depois de mais de 700 horas estudando este assunto e analisando em todos os detalhes o seu fundamento, cheguei à conclusão de que a ressurreição de Jesus Cristo é uma das *"fraudes mais maldosas, depravadas e insensíveis já maquinadas pela mente humana, ou então é o fato mais fantástico da história."*

Jesus possui três credenciais básicas: (1) o impacto de Sua vida na história; (2) profecias que se cumpriram na Sua vida; e (3) Sua ressurreição. A ressurreição de Jesus Cristo e o cristianismo permanecem em pé ou caem por terra juntos. Um estudante universitário do Uruguai me indagou: "Professor McDowell, por que o senhor não chega à conclusão de que o cristianismo está errado?" Ao que respondi: "Por uma razão muito simples: não consigo explicar satisfatoriamente um acontecimento da história — a ressurreição de Jesus Cristo".

O RELATO DA RESSURREIÇÃO EM MATEUS 28:1-11 (Veja também Marcos 16; Lucas 24; João 20:21)

1. Ao findar o sábado e entrar o primeiro dia da semana, Maria Madalena e a outra Maria foram ver o sepulcro.

2. E eis que houve um grande terremoto; porque um anjo do Senhor desceu do céu, chegou-se, removeu a pedra e assentou-se sobre ela.

3. O seu aspecto era como um relâmpago, e a sua veste alva como a neve.

4. E os guardas tremeram espavoridos, e ficaram como se estivessem mortos.

5. Mas o anjo, dirigindo-se às mulheres, disse: Não temais: porque sei que buscais a Jesus, que foi crucificado.

6. Ele não está aqui: ressuscitou, como havia dito. Vinde ver onde ele jazia.

Ide, pois, depressa, e dizei aos seus discípulos que ele ressuscitou dos mortos, e vai adiante de vós para a Galiléia; ali o vereis. É como vos digo!

E, retirando-se elas apressadamente do sepulcro, tomadas de medo e grande alegria, correram a anunciá-lo aos discípulos.

E eis que Jesus veio ao encontro delas; e disse: Salve! E elas, aproximando-se, abraçaram-lhe os pés, e o adoraram.

Então Jesus lhes disse: Não temais. Ide avisar a meus irmãos que se dirijam à Galiléia, e lá me verão.

E, indo elas, eis que alguns da guarda, foram à cidade e contaram aos principais sacerdotes tudo o que sucedera.

A seguir você tem um esboço preparado para ajudá-lo a usar com eficácia este material.

1A. A IMPORTÂNCIA DA RESSURREIÇÃO

2A. AS AFIRMAÇÕES DE CRISTO DE QUE RESSUSCITARIA DOS MORTOS

1B. A Importância das Afirmações

2B. As Afirmações conforme Feitas por Jesus

3A. A ANÁLISE HISTÓRICA

1B. Um Acontecimento da Dimensão Tempo-espaço

2B. O Testemunho da História e do Direito

3B. O Testemunho dos Antigos Pais da Igreja

4A. O CENÁRIO DA RESSURREIÇÃO

- 1B. Jesus Estava Morto
- 2B. O Túmulo
- 3B. O Sepultamento
- 4B. A Pedra
- 5B. O Selo
- 6B. A Guarda
- 7B. Os Discípulos
- 8B. As Aparições após a Ressurreição

1A. A IMPORTÂNCIA DA RESSURREIÇÃO DE CRISTO

Com exceção de quatro, todas as principais religiões do mundo baseiam-se em meras afirmações filosóficas. Das quatro que se baseiam mais na vida de pessoas do que num sistema filosófico, somente o cristianismo postula um túmulo vazio para o seu fundador. Abraão, o pai do judaísmo, morreu por volta de 1900 a.C, mas jamais se disse que tivesse ressuscitado.

Em *Therefore Stand* (Permaneço, pois, firme) *Wilbur Smith* diz: "Os relatos originais sobre Buda jamais lhe atribuíram algo como uma ressurreição; na verdade, o mais antigo relato sobre sua morte, a saber, o *Maha-parinibbana Sutta*, se refere à morte de Buda como sendo 'aquela morte completa, da qual nada resta". 60/385

"O professor *Childers* diz: 'Nas escrituras e comentários em idioma pali (e até onde eu saiba em qualquer livro em pali), que pertencem às tradições do povo sakya, não há qualquer menção a que Buda tenha vivido depois de sua morte ou que tenha aparecido a seus discípulos'. Maomé morreu em 8 de junho de 632 A.D., aos sessenta e um anos de idade, na cidade de Medina, onde seu túmulo é anualmente visitado por milhares de muçulmanos devotos. Todos os milhões e milhões de judeus, budistas e muçulmanos concordam que os fundadores de suas respectivas religiões jamais ressurgiram do pó da terra." 60/385

Theodosius Hamack disse: "A posição que você tem diante do fato da ressurreição já não é, a meu modo de ver, algo no campo da teologia cristã. Para mim o cristianismo permanece de pé ou cai junto com a ressurreição". 60/347

O professor *William Milligan* afirma: "Ao se falar das provas favoráveis à ressurreição de nosso Senhor, pode-se ir ainda mais longe e insistir que o fato, caso verdadeiro, se harmoniza com todos os demais acontecimentos da Sua vida". 43/71

Wilbur Smith conclui: "Se o nosso Senhor disse com grande exatidão e riqueza de detalhes que, depois de subir a Jerusalém, seria morto, mas que ao terceiro dia ressuscitaria, e se essa predição se realizou, então sempre me pareceu que tudo o mais que nosso Senhor tenha dito também deve ser verdade". 60/419

W. J. Sparrow-Simpson desenvolve ainda mais o raciocínio: "Se alguém perguntar como a ressurreição de Cristo é uma prova de que Ele é o Filho de Deus, pode-se responder que, em primeiro lugar, Ele ressuscitou pelo Seu próprio poder. Ele tinha poder para entregar a Sua vida e tinha poder para reavê-la (João 10:18). Isso não conflita com o fato ensinado em tantas outras passagens de que Ele foi ressuscitado pelo poder do Pai, pois aquilo que o Pai faz o Filho igualmente o faz. A criação e todas as outras ações exteriores são atribuídas indiferentemente ao Pai, ao Filho e ao Espírito. Mas em segundo lugar, da mesma forma como Cristo abertamente declarou que era o Filho de Deus, Sua ressurreição dentre os mortos foi o selo divino quanto à veracidade daquela declaração. Caso Cristo tivesse permanecido sob o poder da morte, Deus teria, com isso, repudiado a afirmação de Cristo de que era Seu Filho; mas, ao ressuscitá-lo dentre os mortos, Deus publicamente O reconheceu dizendo: 'Tu és Meu Filho, eu hoje o declarei'". 60/583; 62/287, 288

Também o sermão de Pedro no dia de Pentecoste "baseia-se total e completamente na Ressurreição. Não apenas é a Ressurreição o tema principal, como também, caso se eliminasse essa doutrina, já não sobraria qualquer outra doutrina. Pois é proposto que a Ressurreição (1) apresente uma explicação para a morte de Jesus; (2) tenha sido profeticamente prevista como parte da experiência messiânica; (3) tenha sido testemunhada pelos apóstolos; (4) seja a causa do derramamento do Espírito, explicando essa forma fenômenos religiosos inexplicáveis de outra maneira e (5) confirme a posição de Jesus de Nazaré como

Messias e Rei. Assim, a estabilidade de toda uma série de argumentos e conclusões depende inteiramente da Ressurreição. Sem a Ressurreição a posição de Jesus como Messias e Rei não poderia ser confirmada de modo convincente. Sem ela o novo derramamento do Espírito continuaria sendo um mistério inexplicado. Sem ela a essência do testemunho dos apóstolos teria desaparecido. Tudo o que restaria dessa instrução seria a exposição messiânica do Salmo 16, e assim mesmo só como a experiência futura de um Messias que ainda não havia aparecido. O reconhecimento de Jesus por parte de Deus, conforme atestam as obras daquele, também permaneceria de pé, mas aparentemente só como um reconhecimento de Sua vida, uma vida que terminou como a de qualquer outro profeta a quem a nação recusou continuar tolerando. Por essa razão, a primeira mensagem cristã baseou-se na posição de Jesus conforme estabelecida pela Sua Ressurreição". 60/230

Até mesmo *Adolf Hamack*, que rejeita a crença da igreja na ressurreição, admite: "A firme confiança dos discípulos em Jesus tinha suas raízes na crença de que Ele não permanecera morto, mas fora ressuscitado por Deus. Em virtude do que haviam experimentado nEle e certamente só depois de terem-no visto, é que o fato de que Cristo havia ressuscitado era algo tão certo como o fato de Sua morte; sendo que a Sua ressurreição se tornou o principal tema da pregação dos discípulos acerca dEle" (*History of Dogma* (História do Dogma), capítulo 2). 13/3

H. P. Liddon diz: "A fé na ressurreição é a principal coluna de sustentação da fé cristã; retirando-se a coluna, tudo inevitavelmente cai por terra". 60/577

A ressurreição de Cristo sempre tem sido em todos os aspectos a doutrina central da Igreja. Nas palavras de *Wilbur Swith*: "Desde o primeiro dia da vida que lhe foi conferida por Deus, a igreja cristã tem, de uma forma coesa, dado testemunho de sua fé na Ressurreição de Cristo. É aquilo que podemos chamar de uma das grandes doutrinas e convicções fundamentais da igreja, e de tal forma permeia o texto do Novo Testamento que, caso se removessem todas as passagens que contêm referência à Ressurreição, ter-se-ia uma coleção de textos tão mutilados que seria impossível de compreender o que tivesse restado. A ressurreição mexeu intimamente com a vida dos primeiros cristãos. O fato da Ressurreição é visto nos seus túmulos e nos desenhos que se encontram nos muros das catacumbas; a Ressurreição afetou profundamente a hinologia cristã; tornou-se um dos assuntos mais vitais dos grandes escritos apologéticos dos primeiros quatro séculos; foi constantemente o tema das pregações tanto no período pré-niceno como pós-niceno. Sem demora entrou nos credos da igreja; está no Credo dos Apóstolos; está em todos os grandes credos que vieram depois".

"Todos os dados apresentados pelo Novo Testamento mostram que o tema principal das boas novas, ou evangelho, não era: 'Segue este Mestre e Faze o melhor', mas: 'Jesus e a Ressurreição'. É impossível excluir isso do cristianismo sem alterar radicalmente o seu caráter e destruir sua própria identidade." 60/369, 370

O *professor Milligan* diz: "Assim, parece que desde a aurora de sua história, não apenas a igreja cristã cria na Ressurreição de seu Senhor, como também a sua crença nessa questão estava entrelaçada com toda a sua existência". 43/70

W. Robertson Nicoll cita Pressensé: "O túmulo vazio de Cristo foi o berço da Igreja..." 60/580

W. J. Sparrow-Simpson racionaliza: "Se a Ressurreição não é um fato histórico, então o poder da morte permanece inalterado como também inalteradas permanecem as conseqüências do pecado, e não se pode ter certeza quanto ao significado da Morte de Cristo. Conseqüentemente, os que crêem ainda estão em seus pecados, exatamente onde estavam antes de ouvirem o nome de Jesus". 25/514

R. M. Cheyne Edgar, em seu livro *The Gospel of a Risen Saviour* (O Evangelho de um Salvador Ressurreto), afirmou: "Aqui está um Mestre religioso, e Ele com toda tranqüilidade declara que arrisca tudo o que disse em Sua capacidade de, depois de ter sido morto, ressuscitar dos mortos. Sem risco algum, podemos pressupor que nunca houve, nem antes nem depois, uma proposta como essa. Dizer que esse teste extraordinário foi *inventado* por místicos que estudavam profecias e que foi inserido nas narrativas dos Evangelhos é exigir demais de nossa credulidade. Aquele que está pronto a apostar tudo em Sua capacidade de voltar do túmulo está diante de nós como o mais original de todos os mestres, alguém que brilha em Sua própria vida, a qual se comprova a si mesma!" 60/364

Na obra *Dictionary of the Apostolic Church* (Dicionário da Igreja Apostólica) lemos o seguinte: "D. F. Strauss, por exemplo, o mais sarcástico e insensível dentre os críticos da igreja, ao tratar da Ressurreição, reconhece que ela é o 'teste decisivo não apenas da vida de Jesus, mas do próprio cristianismo', que 'toca no âmago do cristianismo', e que é decisiva para toda a idéia de cristianismo' (*New Life of Jesus* (Nova Vida de Jesus), tradução em inglês, 2 vol. Londres: 1865, vol. 1, p. 41, 397). Se isto se for, tudo aquilo que é

vital e essencial ao cristianismo também se vai, se ficar, tudo o mais ficará. E assim, através dos séculos, de Celso em diante, a Ressurreição tem sido o centro tempestuoso que recebe ataques contra a fé cristã". 24/330

No dizer de *B. B. Warfield*, "o próprio Cristo, para obter a confiança dos homens, deliberadamente aposta todos os Seus ensinamentos em Sua ressurreição. Quando lhe pediram um sinal Ele apontou para esse sinal como Sua credencial única e suficiente". 2/103

Ernest Kevan fala a respeito do famoso teólogo suíço, Frederick Godet: "Em *Lectures in Defence of the Christian Faith* (Palestras em Defesa da Fé Cristã, 1883, p. 41), ele se refere à importância da ressurreição de Cristo e assinala que foi a esse milagre, e somente a ele, que Cristo se referiu como sendo a confirmação de Seus ensinamentos e de Sua autoridade". 32/3

Michael Green aborda bem a questão: "O cristianismo não sustenta que a ressurreição seja um dentre vários sistemas de crença. Sem a fé na ressurreição *não existiria cristianismo algum*. A igreja cristã jamais teria começado a existir; com a execução de Jesus, o movimento daqueles que O seguiam ter-se-ia extinguido tal como uma fogueira alimentada com lenha molhada. O cristianismo permanece em pé ou cai juntamente com a verdade da ressurreição. Mostre que a ressurreição não aconteceu e você se verá livre do cristianismo."

"O cristianismo é uma religião histórica. Ele afirma que Deus assumiu o risco de Se envolver na história humana, e os fatos estão aí para que você examine com todo o rigor possível. Esses fatos suportarão qualquer dose de investigação crítica..." 19/61

John Locke, o famoso filósofo britânico, disse o seguinte a respeito da ressurreição de Cristo: "A ressurreição de nosso Salvador... é de fato algo de grande importância para o cristianismo; e tão importante que Ele ser ou não ser o Messias depende desse acontecimento: de maneira que esses dois importantes aspectos são inseparáveis e, na realidade, constituem uma verdade única. Pois, desde aquela época, crer num desses aspectos implica crer nos dois; e negar um deles implica crer em nenhum". 60/423

Nas palavras de conclusão ditas por *Philip Schaff*, o historiador da igreja: "A ressurreição de Cristo é, portanto, decisivamente o teste que determina a veracidade ou a falsidade da religião cristã. Ou é o maior milagre ou é o maior engano registrado pela história". 56/173

Wilbur Smith, erudito e professor de renome, afirma: "Jamais se forjou, nem jamais se forjará, uma arma que destrua a confiança racional nos registros históricos deste acontecimento memorável e predito. A ressurreição de Cristo é a própria fortaleza da fé cristã. É a doutrina que, no primeiro século, virou o mundo de cabeça para baixo; que, de um modo preeminente, elevou o cristianismo acima do judaísmo e das religiões pagas do mundo mediterrâneo. Se a ressurreição não subsistir, de igual forma quase tudo o mais que é vital e singular ao Evangelho do Senhor Jesus Cristo não subsistirá: 'Se Cristo não ressuscitou, é vã vossa fé'" (1 Coríntios 15:17). 59/22

2A. AS AFIRMAÇÕES DE CRISTO DE QUE RESSUSCITARIA DOS MORTOS

1B. A Importância das Afirmações

Wilbur M. Smith assevera: "Foi este mesmo Jesus, o Cristo, que, dentre muitas outras coisas notáveis, disse e repetiu algo que, vindo de qualquer outra pessoa, imediatamente tê-la-ia condenado como alguém dominado pelo egoísmo ou como uma pessoa perigosamente desequilibrada. Que Jesus tenha dito que estava indo a Jerusalém para morrer não é algo tão notável, embora todos os detalhes que, nas semanas e meses antecedentes, forneceu sobre a Sua morte constituam um fenômeno profético. Mas quando afirmou que, três dias depois de ser crucificado, *Ele ressuscitaria dos mortos*, disse algo que só um tolo ousaria dizer, caso esperasse que a devoção de alguns discípulos perdurasse por mais tempo, a menos que tivesse certeza de que iria ressuscitar. Não se tem notícia de que algum fundador de uma religião mundial tenha ousado afirmar uma coisa dessas!" 57/10,11

Cristo predisse Sua ressurreição de um modo inconfundível e direto. Enquanto Seus discípulos eram simplesmente incapazes de compreender o que dizia, os judeus levaram suas afirmações bem a sério.

Sobre isso, / *Aí Anderson* faz o seguinte comentário: "Algum tempo atrás viveu na Inglaterra um jovem advogado que atuava em tribunais chamado Frank Morison. Era um incrédulo. Por anos prometeu a si mesmo que um dia escreveria um livro para provar de uma vez por todas que a ressurreição não aconteceu. Finalmente conseguiu ter um tempo livre. Era uma pessoa honesta e realizou os estudos necessários. Por fim (depois de aceitar a Cristo) escreveu um livro que se pode adquirir em formato

brochura, *Who Moved the Stone?* (Quem Moveu a Pedra?). Principiando pela abordagem mais crítica possível dos documentos do Novo Testamento, ele conclui, entre outras coisas, que só se pode explicar o julgamento e a condenação de Jesus com base em que Ele mesmo predissera Sua morte e ressurreição." 3/9

Smith diz ainda mais: "Se você ou eu disséssemos a um grupo de amigos que esperávamos morrer, quer de morte violenta ou natural, numa determinada data, e que, três dias depois de morrer, ressuscitaríamos, seríamos discretamente internados pelos amigos num hospital, até que voltássemos plenamente lúcidos. E essa atitude dos amigos estaria correta, pois só um louco ficaria andando por aí falando em ressuscitar ao terceiro dia, *a menos que* soubesse que isso iria acontecer, e ninguém no mundo jamais teve esse conhecimento sobre si mesmo com exceção de Cristo, o Filho de Deus". 60/364

Bernard Ramm comenta: "Aceitando o registro dos Evangelhos como história fidedigna, não pode haver dúvidas de que o próprio Cristo previu Sua morte e ressurreição e que abertamente o declarou aos discípulos... Os escritores dos Evangelhos são bastante honestos a ponto de admitir que tais predições não alcançaram suas mentes até a ressurreição se tornar um fato (João 20:9). Mas a prova está ali, vinda dos lábios de nosso Senhor, de que Ele voltaria dos mortos depois de três dias. Ele lhes disse que seria morto violentamente por causa do ódio e que ressuscitaria no terceiro dia. Tudo isso aconteceu". 52/191

John R. W. Stott escreve: "O próprio Jesus jamais predisse Sua morte sem acrescentar que ressuscitaria, e descreveu a ressurreição que iria acontecer como um 'sinal'. Paulo, no início da carta aos Romanos, escreveu que Jesus 'foi designado Filho de Deus com poder... pela ressurreição dos mortos'. E os primeiros sermões dos apóstolos, registrados no livro de Atos, repetidamente asseveram que, através da ressurreição, Deus mudou o destino do homem e confirmou o Seu Filho". 63/47

2B. As Afirmações Feitas por Jesus

Jesus não apenas predisse Sua ressurreição como também enfatizou que esse acontecimento seria o "sinal" que confirmaria suas afirmações de que era o Messias (Mateus 12; João 2).

Mateus 12:38-40; 16:21; 17:9, 22, 23; 20:18,19; 26:32; 27:63.

Marcos 8:31-9:1; 9:10, 31; 10:32-34; 14:28, 58.

Lucas 9:22-27.

João 2:18-22; 12:34; 14:1-16:33.

Mateus 16:21 — "Desde esse tempo, começou Jesus Cristo a mostrar a seus discípulos que lhe era necessário seguir para Jerusalém e sofrer muitas coisas dos anciãos, dos principais sacerdotes e dos escribas, ser morto, e ressuscitado no terceiro dia".

Mateus 17:9 — "E, descendo eles do monte, ordenou-lhes Jesus: A ninguém conteis a visão, até que o Filho do homem ressuscite dentre os mortos".

Mateus 17:22, 23 — "Reunidos eles na Galiléia, disse-lhes Jesus: O Filho do homem está para ser entregue nas mãos dos homens; e estes o matarão; mas ao terceiro dia ressuscitará. Então os discípulos se entristeceram grandemente".

Mateus 20:18,19 — "Eis que subimos para Jerusalém, e o Filho do homem será entregue aos principais sacerdotes e aos escribas. Eles o condenarão à morte. E o entregarão aos gentios para ser escarnecido, açoitado e crucificado: mas ao terceiro dia ressurgirá".

Mateus 26:32 — "Mas depois da minha ressurreição, irei adiante de vós para a Galiléia".

Mateus 9:10 — "Eles guardaram a recomendação, perguntando uns aos outros o que seria o ressuscitar dentre os mortos".

Lucas 9:22-27 — "É necessário que o Filho do homem sofra muitas coisas, seja rejeitado pelos anciãos, pelos principais sacerdotes e pelos escribas; seja morto e no terceiro dia ressuscite. Dizia a todos: Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, dia a dia tome a sua cruz e siga-me. Pois quem quiser salvar a sua vida, perdê-la-á; quem perder a vida por minha causa, esse a salvará. Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se vier a perder-se, ou a causar dano a si mesmo? Porque qualquer que de mim e das minhas palavras se envergonhar, dele se envergonhará o Filho do homem, quando vier na sua glória e na do Pai e dos santos anjos. Verdaderamente vos digo: Alguns há dos que aqui se encontram que de maneira nenhuma passarão pela morte até que vejam o reino de Deus".

João 2:18-22 — "Perguntaram-lhe, pois, os judeus: Que sinal nos mostras, para fazeres estas coisas? Jesus lhes respondeu: Destruí este santuário, e em três dias o reconstruirei. Replicaram os judeus: Em quarenta e seis anos foi edificado este santuário, e tu, em três dias, o levantarás? Ele, porém, se referia ao

santuário do seu corpo. Quando, pois, Jesus ressuscitou dentre os mortos, lembraram-se os seus discípulos de que ele dissera isto; e creram na Escritura e na palavra de Jesus".

3A. A ANÁLISE HISTÓRICA

1B. A Ressurreição de Cristo como um Acontecimento Histórico da Dimensão Tempo-Espaço (Veja também Introdução).

A ressurreição de Cristo é um evento ocorrido na história, onde Deus agiu numa dimensão tempo-espaço específica. Sobre isso Wilbur Smith diz: "O significado da ressurreição é uma questão teológica, mas o fato da ressurreição é uma questão histórica; é possível que a natureza do corpo ressurreto de Jesus seja um mistério, mas o fato de que o corpo desapareceu do túmulo é uma questão a se decidir com base em provas históricas".

"Pode-se localizar geograficamente com precisão onde o evento se deu; o homem que possuía o túmulo era uma pessoa que vivia na primeira metade do primeiro século; aquele túmulo foi escavado na rocha, na encosta de uma colina próxima de Jerusalém, e não foi um túmulo imaginário, mas foi algo com um significado geográfico. Os guardas colocados junto àquele túmulo não foram seres etéreos vindos do monte Olimpo; o Sinédrio era um grupo de homens que se reunia com frequência em Jerusalém. Conforme podemos ler numa grande quantidade de textos disponíveis, essa pessoa, Jesus, foi um ser vivo, um homem entre outros homens, não importa o que mais Ele tenha sido, e os discípulos que saíram para pregar o Senhor ressurreto eram homens entre outros homens, homens que comiam, bebiam, dormiam, sofriam, trabalhavam, morriam. O que há de 'doutrinário' nisso? Essa é uma questão histórica". 60/386

Afirma-se que *Inácio* (ca. 50-115 A.D.), nascido na Síria e discípulo do apóstolo João e do bispo de Antioquia, "foi atirado às feras do Coliseu, em Roma. Escreveu suas *Epístolas* durante a viagem de Antioquia até o local de seu martírio". Num momento indubitável de lucidez, diz o seguinte sobre Cristo: "Ele foi crucificado e morreu sob Pôncio Pilatos. De fato, e não simplesmente na aparência, Ele foi crucificado e morreu, o que foi visto pelos seres nos céus, em cima e debaixo da terra".

"Em três dias Ele ressurgiu... No dia da preparação, então, à hora terceira, foi sentenciado por Pilatos, tendo o Pai permitido que aquilo acontecesse; à hora sexta, foi crucificado; à hora nona, entregou o espírito; e antes do pôr-do-sol foi sepultado. Durante o sábado Ele permaneceu sob a terra no túmulo em que José de Arimatéia o sepultara."

"Da mesma forma como nós, Ele foi gerado no ventre pelo período comum; e nasceu da mesma maneira como nós; e foi de fato alimentado com leite, e, tal como nós, ingeriu comida e bebida. E, depois de ter vivido durante trinta anos entre os homens, foi batizado realmente por João, não apenas na aparência. Depois de ter pregado o evangelho e ter feito sinais e maravilhas durante três anos, Aquele que era o próprio Juiz foi julgado por aqueles que falsamente são chamados de judeus e pelo governador Pôncio Pilatos; foi espancado, esbofetado e recebeu cuspidas; usou uma coroa de espinhos e uma capa púrpura; foi condenado: Ele realmente foi crucificado; não foi uma impressão da mente, nem um caso de imaginação ou de engano. Ele realmente morreu, foi sepultado e ressuscitou dos mortos..." 47/209; 29/199-203

O brilhante historiador *Alfred Edersheim* fala da data específica da morte e ressurreição de Cristo: "O dia curto da primavera estava se aproximando da 'noite do sábado'. Em geral, a lei determinava que não se devia deixar que o corpo de um criminoso passasse a noite pendurado e insepultado. Talvez em circunstâncias ordinárias os judeus não tivessem tido tanta convicção ao solicitar a Pilatos que abreviasse o sofrimento daqueles que estavam crucificados, visto que o castigo da crucificação frequentemente não durava apenas horas, mas dias, até que sobreviesse a morte. Mas esta era uma ocasião especial. O sábado que estava por iniciar era um dia santificado — era tanto um sábado quanto o segundo dia da páscoa, o qual era considerado sob todos os aspectos tão sagrado como o primeiro dia — ou até mais, pois era o dia em que se apresentava ao Senhor a oferta de molhos movidos". 15/612, 613

No dizer de *Wilbur Smith*, "apenas diga-se que temos mais detalhes sobre as horas que antecederam a morte de Jesus e sobre a própria morte, acontecimentos ocorridos em Jerusalém e proximidades, do que os detalhes que temos sobre a morte de qualquer outra pessoa do mundo antigo". 60/360

"*Justino Mártir* (ca. 100-165), filósofo, mártir, apologeta... Sendo um ávido investigador da verdade, bateu sucessivamente às portas do estoicismo, aristotelismo, pitagorismo e platonismo, mas detestou o epicurismo... Esse zeloso platonista tornou-se um cristão de verdade. Ele disse: 'Descobri que só esta

filosofia é segura e benéfica'." 47/227

De fato, Justino Mártir veio a perceber que, enquanto os sistemas filosóficos do mundo ofereciam sugestões intelectuais, só o cristianismo ofereceu o próprio Deus intervindo no tempo e espaço através de Jesus Cristo. De um modo bem direto ele afirma: '... Cristo nasceu cento e cinquenta anos atrás, à época de Quirino, e mais tarde, à época de Pôncio Pilatos...' 40/46

Tertuliano (ca. 160-220), de Cartago, no norte da África, diz: "Mas os judeus ficaram tão exasperados com os ensinamentos de Jesus, mediante os quais os líderes e dirigentes judeus foram convencidos da verdade, principalmente porque muitos passaram a segui-LO, que finalmente levaram-nO a Pôncio Pilatos, à época governador romano da Síria, e, pelos violentos clamores contra Ele, arrancaram de Pilatos uma sentença que o condenava à crucificação". 67/94

Acerca da ascensão de Cristo Tertuliano assevera: É "um fato muito mais seguro do que as afirmações do vosso senador Prôculo acerca de Rômulo" (Prôculo foi um senador romano que afirmou que Rômulo lhe havia aparecido depois de morto).

Todas estas coisas Pilatos fez a Cristo: e sendo "de fato um cristão por convicção própria, ele informou sobre Cristo ao César que estava no poder, que era Tibério. Sim, e os Césares também teriam crido em Cristo caso não fossem necessários ao mundo ou caso os cristãos pudessem ter sido Césares. Seus discípulos, também se espalhando pelo mundo, fizeram tal como seu Mestre Divino lhes ordenara; e depois de terem sofrido muitíssimo devido às perseguições dos judeus, e, com o coração disposto de quem confia firmemente na verdade, por meio da cruel espada de Nero lançaram em Roma semente do sangue cristão". 67/95

Josefo, um historiador judeu que escreveu no final do primeiro século A.D., tem este fascinante trecho no livro *Antigüidades* (18.3.3): "Por essa época surgiu Jesus, um homem sábio, se é que é correto chamá-lo de homem, pois operava obras maravilhosas, e era um mestre que faz as pessoas receberem a verdade com prazer. Ele congregou junto a si muitos judeus e muitos gentios. Ele era o Cristo, e Pilatos, por sugestão dos principais líderes dentre nós, condenou-o à cruz, aqueles que desde o início o amavam não o largaram; pois ele tornou a aparecer-lhes vivo ao terceiro dia, tal como os profetas de Deus haviam predito essas e mais de dez mil outras coisas a seu respeito. E a tribo dos cristãos, que tem esse nome devido a ele, até hoje existe".

Já se tentou demonstrar que Josefo não poderia ter escrito esse texto (veja página 104). No entanto, *em Man Alive* (O Homem Vivente) Michael Green escreve que "essa passagem fazia parte do texto de Josefo que Eusébio utilizou no século quarto". E também afirma que essa passagem "aparece na mais recente edição das obras de Josefo, preparada por Loeb. E é ainda mais notável quando lembramos que, longe de ser simpático aos cristãos, Josefo era um judeu que escrevia para agradar aos romanos. Essa história não os teria agradado nem um pouco. Dificilmente tê-la-ia incluído se não fosse verdadeira". 19/35, 36

Acerca da natureza histórica da fé da igreja primitiva, diz o *professor Leaney*: "O próprio Novo Testamento não dá de modo algum margem a qualquer outro enfoque senão este: Jesus foi crucificado e sepultado. Seus discípulos ficaram extremamente abatidos. Bem pouco tempo depois eles estavam jubilantes e demonstraram uma tal confiança que os impelia até mesmo ao martírio através de uma vida constante de devoção. Se procurarmos saber mediante os escritos que refletem os seus pensamentos o que provocou essa mudança, a resposta não será 'a mudança gradual em nossa convicção de que não estávamos marcados pela morte, mas que aquele que fora crucificado e sepultado estava vivo'. Na verdade, a resposta será: 'Jesus, que havia morrido, depois de sua morte apareceu vivo a alguns de nós, e todos temos crido no testemunho deles'. Talvez valha a pena assinalar que essa maneira de colocar a questão constitui uma afirmação histórica, da mesma forma como a afirmação histórica 'o Senhor ressuscitou', que tem influenciado homens e mulheres a crerem". 21/108

Falando sobre a natureza forense das narrativas do Novo Testamento, *Bernard Ramm* diz: "Em Atos 1, Lucas nos informa que Jesus se apresentou vivo, com muitas provas incontestáveis (*en pollois tekmeriois*), uma expressão que indica o tipo mais forte de prova legal". 52/192

Clark Pinnock também se manifesta: "A certeza dos apóstolos baseava-se nas experiências que tiveram de fatos reais. Jesus se apresentou a eles 'com muitas provas incontestáveis' (Atos 1:3). O termo que Lucas emprega é *tekmerion*, que indica uma prova demonstrável. Os discípulos chegaram à fé na ressurreição através de provas empíricas indiscutíveis, que estavam ao seu alcance e que estão ao nosso alcance, através do testemunho escrito que nos deixaram. Para nós que vivemos numa era que exige provas que sustentem a posição cristã, é importante respondermos a essa exigência com considerações históricas

adequadas, pois a ressurreição encontra-se no âmbito dos fatos históricos e constitui uma excelente motivação para se confiar em Cristo como Salvador". 4/11

O professor *Ernest Kevan* estabelece ainda mais o valor das provas dessas testemunhas: "O livro de *Atos dos Apóstolos* foi escrito por Lucas em alguma época entre 63 A.D. e a queda de Jerusalém em 70 A.D. Ele explica no prefácio de seu Evangelho que coletou informações junto a testemunhas oculares, e pode-se concluir que essa foi também a maneira como preparou o livro de *Atos*. Além do mais, como o próprio emprego do pronome 'nós' em certas passagens o revela, Lucas participou pessoalmente de alguns acontecimentos que narra. Esteve envolvido na pregação dos primeiros dias e teve participação nos grandes acontecimentos do princípio da igreja. De modo que Lucas foi alguém que viveu naquela época, sendo uma testemunha de primeira mão... É inimaginável que a Igreja primitiva não conhecesse sua própria história; e o próprio fato da aceitação desse livro pela Igreja é uma prova de sua exatidão". 32/4, 5

Citando um renomado erudito cristão, Kevan destaca: "Assim como a Igreja é santa demais para estar alicerçada sobre a corrupção, da mesma forma ela é real demais para estar alicerçada sobre um mito". 32/4, 5

"Para a confirmação de um suposto fato histórico, nenhum documento é considerado mais valioso do que a correspondência da época". 32/6

O professor Kevan diz o seguinte sobre as epístolas do Novo Testamento: "... As cartas escritas àquela época pelo apóstolo Paulo constituem provas irrefutáveis. Essas epístolas são prova histórica da melhor qualidade. As cartas endereçadas aos *Gálatas*, aos *Coríntios* e aos *Romanos*, de cuja autenticidade e data de composição existe pouquíssima contestação, pertencem à época das viagens missionárias de Paulo, e pode-se datá-las do período de 55 a 58 A.D. Isso aproxima as provas da ressurreição de Cristo ainda mais perto do próprio acontecimento: o intervalo representa o pequeno hiato de vinte e cinco anos. E visto que o próprio Paulo deixa claro que o assunto de sua carta era o mesmo de que havia tratado quando esteve com eles, isso na verdade coloca as provas num período ainda mais remoto". 32/6

Bernard Ramm afirma que mesmo "a leitura mais superficial dos Evangelhos revela o fato de que eles tratam da morte e ressurreição de Cristo com muito mais detalhes do que qualquer outra parte do ministério de Cristo. Os detalhes da ressurreição não devem ser artificialmente separados do relato da paixão". 52/191, 192

Cristo apareceu muitas vezes depois da ressurreição. Essas aparições ocorreram em momentos específicos nas vidas de indivíduos específicos, e, além do mais, estiveram restringidas a lugares específicos.

Para informações mais detalhadas sobre as aparições de Cristo depois da ressurreição, veja páginas 281, 282.

Wolfhart Pannenberg, "professor de Teologia Sistemática na Universidade de Munique, na Alemanha, foi aluno de Barth e de Jaspers, e tem se preocupado principalmente com as questões da relação entre fé e história. Junto a um pequeno e ativo grupo de teólogos em Heidelberg, ele vem elaborando uma teologia que considera como tarefa primordial o exame dos dados históricos das origens do cristianismo". 4/9

Esse brilhante erudito afirma: "Se a ressurreição de Jesus aconteceu ou não é uma questão da história, e a essa altura é impossível fugir a essa questão. De modo que se deve discutir e decidir sobre o assunto em nível histórico". 4/10

O estudioso do Novo Testamento *C. H. Dodd* escreveu que "a ressurreição permanece sendo um acontecimento dentro da história..." 64/3

Citando *C. F. D. Moule*, que foi professor em Cambridge, / *N. D. Anderson* assevera que "desde o início, a convicção de que Jesus fora ressuscitado dentre os mortos tem sido tal que dela depende a própria existência dos cristãos. Não havia qualquer outra razão que explicasse a vida dos cristãos, que explanasse a sua existência... Em lugar algum do Novo Testamento existe qualquer prova de que os cristãos tenham originalmente defendido uma filosofia de vida ou um sistema ético. Seu único dever era dar testemunho daquilo que afirmavam que aconteceu — a ressurreição de Jesus dentre os mortos... O único aspecto realmente diferente que os cristãos defendiam era a afirmação de que Jesus fora ressuscitado dentre os mortos de acordo com o desígnio de Deus, a conseqüente conclusão de que Ele era, num sentido único, Filho de Deus e o homem que representava os demais, o conceito resultante do caminho da reconciliação". 2/100, 101

W. J. Sparrow-Simpson afirma: "A Ressurreição de Cristo é a base do *Cristianismo Apostólico*, e isso é assim tanto por razões dogmáticas como por causa das provas... A consciência que se tem do caráter basilar

da ressurreição revela-se na posição que ela ocupa no testemunho da igreja. Um apóstolo recebe a ordenação para ser testemunha da ressurreição (Atos 1:22). As pessoas se referiram ao conteúdo da mensagem do cristianismo pregada por Paulo em Atenas como 'Jesus e a ressurreição' (17:18). As passagens iniciais de Atos reafirmam a declaração: 'A este Jesus Deus ressuscitou, do que todos nós somos testemunhas' (2:32)".

"Na verdade, é a Ressurreição de Cristo que tem capacitado as pessoas a crerem na exaltação oficial de Jesus sobre a humanidade. Não é uma simples questão acerca da influência de Seu caráter, exemplo e ensino. É que essa entrega pessoal a Ele como o Redentor tem sido estimulada por essa crença, e não pode ser explicada sem ela. Na verdade, aqueles que negam consistentemente Sua Ressurreição geralmente negam Sua divindade e Sua obra redentora em todos os sentidos que Paulo as entendia". 25/513,514

2B. O Testemunho da História e do Direito

Quando ocorre um acontecimento na história e existem pessoas vivas suficientes que foram testemunhas oculares ou participaram do acontecimento, e quando se publica essa informação, é possível verificar-se a validade de um determinado acontecimento mediante as provas circunstanciais.

William Lyon Phelps, que por mais de 40 anos foi um notável professor de Literatura Inglesa na Universidade de Yale (nos Estados Unidos), tendo escrito cerca de vinte obras sobre estudos literários, diz: "Em toda a vida de Jesus Cristo, o acontecimento mais importante é a ressurreição. A fé cristã depende disso. É encorajador saber que ela é explicitamente ensinada pelos quatro evangelistas e que também é relatada por Paulo. Estão registrados os nomes daqueles que O viram depois de Seu triunfo sobre a morte ;e pode-se afirmar que as provas históricas em favor da ressurreição são mais fortes do que as que favorecem qualquer outro milagre que esteja descrito em qualquer lugar; pois, como Paulo disse, se Cristo não ressuscitou dos mortos, então é vã a nossa pregação, e também é vã a vossa fé". 57/18

"*Ambrose Fleming*, professor emérito de Engenharia Elétrica na Universidade de Londres, membro honorário da Faculdade de St. John, localizada em Cambridge, destacado em 1928 com a Medalha Faraday... um dos mais notáveis cientistas ingleses...", diz o seguinte dos documentos do Novo Testamento: "Devemos considerar as provas levantadas pelos especialistas quanto à idade e à autenticidade desses escritos, da mesma maneira como analisamos os fatos da astronomia com base nos dados fornecidos pelos astrônomos, os quais não se contradizem uns aos outros. Assim sendo, podemos indagar a nós mesmos se um livro desses, que descreve acontecimentos que ocorreram cerca de trinta ou quarenta anos antes, poderia ter sido aceito e apreciado, caso as histórias de acontecimentos incomuns ali narradas fossem falsas ou míticas. É claro que não, pois a memória de todas as pessoas de mais idade a respeito dos acontecimentos de trinta ou quarenta anos é perfeitamente clara."

"No momento ninguém lançaria uma biografia da rainha Vitória, que morreu há trinta e um anos, contendo inúmeras histórias totalmente inverídicas. Seriam refutadas de imediato. Certamente não seriam aceitas na maioria dos casos nem seriam passadas adiante como se fossem verdadeiras. Conclui-se que é muito improvável que o relato da ressurreição feito por Marcos, que concorda substancialmente com os relatos dos outros Evangelhos, seja pura invenção. Deve-se abandonar essa teoria mítica porque ela não suporta um exame mais cuidadoso..." 60/427, 428

Ambrose Fleming afirma que nada existe nos Evangelhos que leve um homem da ciência a ter problemas com os milagres ali narrados, e conclui com um desafio à integridade intelectual, afirmando que, caso se faça esse estudo "com aquilo que advogados famosos têm chamado de uma mente arguta, ele proporcionará uma profunda certeza de que a Igreja Cristã não está alicerçada sobre fatos fictícios, nem se alimenta de enganos nem daquilo que São Pedro chama de 'fábulas engenhosamente inventadas', mas está baseada em acontecimentos históricos e reais, os quais, por mais estranhos que possam ser, são na realidade os maiores acontecimentos já ocorridos na história do mundo". 60/427, 428

Num livro que tem sido muito vendido, *Who Moved the Stone?* (Quem Moveu a Pedra?), *Frank Morison*, um advogado, "nos conta como foi criado num ambiente racionalista e como veio a ter a opinião de que a ressurreição não passava do final feliz de um conto de fadas, o que deturpava a história inigualável de Jesus. Por isso, ele planejou escrever um relato dos dias finais e trágicos de Jesus, permitindo que se revelassem todos os horrores da maldade cometida contra Jesus e todo o heroísmo que Ele teve. É claro que ele iria omitir qualquer coisa que fosse suspeita de ser milagrosa e rejeitaria totalmente a ressurreição. Mas quando veio a estudar cuidadosamente os fatos, teve que mudar de idéia, e escreveu o

livro defendendo o outro lado. O primeiro capítulo desse livro é significativamente denominado 'O Livro que Recusou Ser Escrito', e o restante do livro consiste numa das análises mais perspicazes e mais bem escritas que já li..." 19/54,55

O renomado pesquisador *professor Edwin Gordon Selwyn* diz: "O fato de que Cristo ressurgiu dos mortos no terceiro dia, continuando a existir como corpo e alma — o grau de certeza desse fato é o mais alto possível que as provas históricas possam proporcionar". 57/14

Muitos pesquisadores imparciais, que estudam a ressurreição de Cristo com um espírito judicioso, têm sido forçados pelo peso das provas a crerem na ressurreição como um fato histórico. Pode-se ver um exemplo disso numa carta escrita por Sir Charles Clarke ao Rev. E. L. Macassey: "Como advogado tenho feito um estudo demorado das provas que favorecem os acontecimentos do primeiro domingo de Páscoa. Para mim as provas são conclusivas, e repetidas vezes tenho ganho causas na Suprema Corte com base em provas que não eram assim tão fortes. As conclusões baseiam-se nas provas, e um testemunho confiável sempre é simples e natural e nunca é influenciado pelos efeitos gerados pelo acontecimento em tela. As provas dos Evangelhos em favor da ressurreição são desse tipo, e, como advogado, aceito sem reservas essas provas como sendo o testemunho de homens honestos acerca de fatos que eles eram capazes de provar". 63/47

"Para nossa surpresa, embora nesta geração nenhum departamento da Universidade de Colúmbia tenha se destacado por defender a fé cristã nem por prestar tributo a Jesus de Nazaré, ainda assim a grande *Enciclopédia* publicada por essa universidade, a mais importante obra dessa natureza em um só volume publicada no mundo de fala inglesa, afirma sem constrangimento: "Os Evangelhos não deixam Jesus no túmulo. No primeiro dia da semana, indo ao túmulo, algumas das mulheres encontraram-no aberto, e o corpo de Jesus não estava lá. No túmulo um anjo lhes disse que Ele ressuscitara dos mortos. Logo elas O viram e conversaram com Ele, e Seus discípulos O encontraram, assim como muitos outros". 57/14

O *professor Thomas Arnold*, que é citado por Wilbur Smith, e que ocupou com destaque por catorze anos o cargo de diretor da Escola Rugby, escreveu a famosa *History of Rome* (História de Roma), obra publicada em três volumes, e foi nomeado professor da cadeira de História Moderna da Universidade de Oxford. Certamente ele era uma pessoa bem

familiarizada com o valor das provas na determinação dos fatos históricos. Esse grande estudioso disse:

"Como muitas vezes já se fez, pode-se demonstrar que são satisfatórias as provas em favor da vida, morte e ressurreição de nosso Senhor. Essas são provas aceitáveis segundo as regras usuais empregadas para distinguir entre provas aceitáveis e inaceitáveis. Milhões de pessoas as têm examinado minuciosamente detalhe após detalhe, com tanto cuidado quanto tem um juiz que esteja cuidando de um caso importantíssimo. Eu mesmo tenho feito esse exame repetidas vezes, não com o intuito de persuadir os outros, mas de satisfazer a mim mesmo. Durante anos tenho estado acostumado a estudar a história de outras épocas, e a examinar e avaliar as provas daqueles que escreveram a respeito, e não conheço qualquer outro fato na história da humanidade que seja confirmado por provas de todo o tipo, melhores e mais evidentes, do que o grande sinal que Deus nos deixou de que Cristo morreu e ressuscitou dos mortos". 60/425, 426

Wilbur Smith escreve acerca de uma grande autoridade forense do século passado. É *John Singleton Copley*, mais conhecido como Lord Lyndhurst (1772-1863), reconhecido como uma das maiores capacidades no campo do direito em toda a história da Grã-Bretanha, nomeado em 1819 Subprocurador-Geral do governo britânico; em 1824 Procurador-Ge-ral da Grã-Bretanha, tendo sido por três vezes Ministro da Justiça da Inglaterra, foi eleito em 1846 Provedor-Mor da Universidade de Cambridge, ocupando em vida os mais elevados postos que um juiz britânico poderia alcançar. Quando o Ministro Lyndhurst faleceu, entre suas anotações particulares, encontrou-se em sua escrivaninha um documento que apresentava um relato minucioso de sua própria fé cristã, e nessa descrição valiosa, anteriormente desconhecida, ele havia escrito: "Sei muito bem o que são provas; e posso lhes dizer que provas como essas a favor da Ressurreição até agora nunca foram refutadas".

"Essa declaração de Lord Lyndhurst foi enviada a Sir E. H. Blakeney, da Faculdade Winchester, pelo falecido bispo H. C. G. Moule. Poucos anos atrás o periódico britânico *Dawn* (Alvorecer) mencionou essa correspondência. Posteriormente obtive confirmação dessa correspondência numa carta recebida do Sir Blakeney. No livro de Marty Amoy *The Domestic and Artistic Life of John Copley and Reminiscences of His Son, Lord Lyndhurst, High Chancellor of Great Britain* (A Vida Familiar e Artística de John Copley e Reminiscências de Seu Filho, Lord Lyndhurst, Ministro da Justiça da Grã-Bretanha) existe um dado

interessante: 'Após a morte de Lyndhurst, encontrou-se na gaveta de sua escrivaninha um manuscrito de seu próprio punho em que registrava sua crença na verdade da religião e sua maneira de entender o meio de Salvação.' (Lord Lyndhurst faleceu em 11 de outubro de 1863, aos 91 anos de idade.)" 60/425, 584

Simon Greenleaf (1783-1853) foi um renomado professor de Direito na Universidade de Harvard (nos Estados Unidos), onde ocupou a cadeira Royal, tendo sucedido ao Juiz Joseph Story como professor de Direito da cadeira Dane na mesma universidade, após a morte deste em 1846 60/423

H. W. H. Knott afirma o seguinte sobre a grande autoridade no campo do Direito que foi Greenleaf:

"Deve-se atribuir aos esforços de Story e Greenleaf o destaque que a Faculdade de Direito de Harvard tem entre as demais escolas de Direito dos Estados Unidos". 60/423

Greenleaf escreveu uma obra famosa intitulada *A Treatise on the Law of Evidence* (Um Tratado sobre a Legislação acerca das Provas), que, "em toda a literatura sobre o processo legal, é ainda considerada isoladamente como a obra de maior valor existente". 60/423

Em 1846, enquanto ainda era professor de Direito em Harvard, Greenleaf escreveu um livro intitulado *An Examination of the Testimony of the Four Evangelists by the Rules of Evidence Administered in the Courts of Justice* (Um Exame do Testemunho dos Quatro Evangelistas com Base nas Regras Utilizadas nos Tribunais para Análise das Provas). Nessa obra clássica, o autor examina o valor do testemunho dos apóstolos acerca da ressurreição de Cristo. São estes os comentários críticos do brilhante jurista: "As grandes verdades que os apóstolos declararam foram que Cristo havia ressuscitado dos mortos e que somente através do arrependimento dos pecados e através da fé nEle é que os homens podem ter a esperança de salvação. Essa doutrina eles declararam unanimemente em todos os lugares, não apenas diante das maiores adversidades, mas também apesar dos mais terríveis erros que a mente humana pode imaginar. Fazia pouco tempo que seu mestre morrera como um malfeitor, sentenciado por um tribunal. Sua religião procurava derrubar as religiões do mundo inteiro. As leis de todos os países eram contrárias aos ensinamentos de Seus discípulos. Os interesses e as motivações de todos os governantes e grandes homens do mundo estavam contra eles. O estilo de vida do mundo ia contra eles. Ao propagar essa nova fé, mesmo fazendo-o da maneira mais inofensiva e pacífica possível, eles só poderiam esperar pouco caso, oposição, ataques verbais, perseguições cheias de ódio, espancamentos, prisões, tormentos e mortes cruéis. Ainda assim eles vieram a propagar zelosamente essa fé, e suportaram todos esses sofrimentos sem temor, mas com júbilo.

À medida que um discípulo após outro era lamentavelmente morto, os sobreviventes prosseguiram a tarefa com vigor e disposição renovados. A história das guerras oferece pouquíssimos exemplos de semelhante constância, paciência e grande coragem. Eles tinham todos os motivos imagináveis para analisar cuidadosamente as bases de sua fé e as provas dos grandes acontecimentos e verdades que defendiam; e era com uma freqüência assustadora e bem deprimente que esses motivos se lhes impunham. Era, portanto, impossível que eles pudessem ter continuado a afirmar as verdades que contavam, caso Jesus não tivesse verdadeiramente ressurgido dentre os mortos, e caso não tivessem tanta certeza desse fato como tinham acerca de qualquer outro. Se fosse possível terem sido enganados nesta questão, todos os motivos humanos estariam operando para levá-los a descobrir e evitar tal erro. Persistirem num erro tão gritante, depois de o descobrirem, significaria não apenas defrontar pelo resto da vida todos os males que o homem é capaz de infligir em seu próximo, mas também suportar as aflições de um conflito íntimo e de uma consciência culpada, sem qualquer esperança de paz no futuro, sem qualquer testemunho de uma boa consciência, sem qualquer expectativa de honra e respeito por parte de outras pessoas e sem qualquer esperança de felicidade nesta vida ou no mundo vindouro".

"Um procedimento desses por parte dos apóstolos seria, sobretudo, totalmente irreconciliável com o fato de que eles eram pessoas perfeitamente normais, e possuidoras de necessidades e desejos como quaisquer outras. No entanto, a vida deles mostrava que eram pessoas semelhantes a todos os outros seres humanos: influenciados pelas mesmas motivações, estimulados pelas mesmas esperanças, imbuídos das mesmas alegrias, dominados pelas mesmas tristezas, agitados pelos mesmos temores e sujeitos às mesmas paixões, tentações e enfermidades que nós. Seus escritos mostram que foram homens de profunda compreensão. Portanto, se o testemunho que deram não foi verdadeiro, não houve motivo plausível, que justificasse uma invenção de tudo por parte deles." 20/28-30

John Locke foi provavelmente o maior filósofo de sua época. Wilbur Smith cita o que esse pensador britânico diz em seu livro *A Second Vindication of the Reasonableness of Christianity, Works* {Uma Segunda Confirmação do Caráter Racional do Cristianismo - As Obras}: "Existem alguns detalhes na vida

de nosso Salvador, os quais são particularmente adequados ao Messias, dentre as Suas tantas e incontáveis características, crer que esses detalhes diziam respeito a Jesus de Nazaré era na verdade o mesmo que crer que Ele era o Messias. O principal desses detalhes é a Sua ressurreição dentre os mortos, que é a grande e conclusiva prova de que Ele é o Messias. Por isso não é totalmente estranho que aqueles que crêem na Sua Ressurreição sejam conhecidos por crerem que Ele é o Messias; pois declarar a Sua Ressurreição implicava declarar que Ele era o Messias". 60/422 423

BookFoss Westcott (1825-1901), erudito inglês que, por decreto real, foi nomeado professor de Cambridge em 1870, afirmou: "Na verdade, considerando todas as provas, não há exagero em afirmar que não existe qualquer outro acontecimento histórico que tenha um melhor e mais variado apoio do que a ressurreição de Cristo. Nada, senão a pressuposição de que deve ser falso, poderia ter dado a idéia de que as provas não são suficientes". 38/70

Qifford Herschel Moore, professor na Universidade de Harvard, disse com muita propriedade: "Para o cristianismo o seu Salvador e Redentor não era algum deus cuja história fizesse parte de uma fé mítica, com aspectos grosseiros, primitivos ou até mesmo ofensivos... Jesus foi um ser histórico, e não um ser mítico. Nenhum mito de origem remota ou infame conseguiu insinuar-se junto ao cristão de verdade; sua fé baseia-se em fatos inegáveis, históricos e aceitáveis". 57/48

Benjamin Warfield, da Universidade de Princeton (nos Estados Unidos), disse o seguinte no artigo intitulado "The Resurrection of Christ an Historical Fact, Evindenced by Eye-Witnesses" (A Ressurreição de Cristo: Um fato Histórico Evidenciado por Testemunhas Oculares): "A Encarnação de um Deus Eterno é Obrigatoriamente um Dogma. Os olhos de homem algum poderiam testemunhar o ato de Deus se rebaixar à condição humana, os lábios de homem algum poderiam dar testemunho desse acontecimento como sendo um fato e, além do mais, se não for um fato, é vã a nossa fé e nós ainda estamos em nossos pecados. Por outro lado, a Ressurreição de Cristo é um fato, um acontecimento palpável ao alcance da percepção humana, a ser provado por outros testemunhos e, ao mesmo tempo, é a doutrina fundamental de nosso sistema: dela dependem todas as outras doutrinas". 60/361, 362

Wilbur Smith apresenta um destacado cientista deste século: "Um dos maiores fisiólogos de nossa geração é o Dr. A. C. Ivy, do Departamento de Química da Universidade de Illinois (campus de Chicago), que atuou como chefe da Divisão de Fisiologia das Faculdades Técnicas de Chicago, de 1946 a 1953. Ex-presidente da Sociedade Norte-Americana de Fisiologia e autor de inúmeros trabalhos científicos, declarou: "Creio na ressurreição corporal de Jesus Cristo. Conforme se costuma dizer, esse é um "assunto pessoal", mas não sinto constrangimento em deixar que o mundo saiba no que creio, e que posso defender intelectualmente a minha fé... Não posso provar essa crença da mesma forma como posso provar, em minha biblioteca, certos fatos científicos que cem anos atrás, eram quase tão misteriosos quanto a ressurreição de Jesus Cristo. Com base nas provas históricas do atual conhecimento da biologia, o cientista que é fiel à filosofia da ciência pode duvidar da ressurreição corporal de Jesus Cristo, mas não pode negá-la terminantemente, pois proceder dessa forma significa poder provar que a ressurreição *não aconteceu*. Só posso dizer que os atuais avanços da biologia não podem ressuscitar um corpo que está morto e sepultado por três dias. Negar a ressurreição de Jesus com base naquilo que a biologia conhece atualmente é, segundo minha filosofia da atitude verdadeiramente científica, demonstrar uma atitude não científica". 59/6, 22

Michael Green diz que "...dois jovens talentosos, Gilbert West e Lord Lyttleton, foram estudar na Universidade de Oxford. Na vida social eles eram amigos do Dr. Johnson e de Alexander Pope. Estavam decididos a atacar o fundamento da fé cristã, de maneira que Lyttleton lançou-se a provar que Saulo de Tarso jamais se converteu ao cristianismo, e West a demonstrar que Jesus jamais se levantou do túmulo". "Algum tempo depois eles se encontraram para conversar sobre o que tinham descoberto. Ambos estavam um pouco embaraçados pois tinham chegado a conclusões semelhantes e perturbadoras. Em sua investigação, Lyttleton descobriu que Saulo de Tarso *realmente* se tornara um homem radicalmente novo devido à sua conversão ao cristianismo; e West descobriu que as provas apontavam de maneira inconfundível para o fato de que, sem dúvida, Jesus ressuscitou dos mortos. Ainda é possível encontrar o seu livro nas bibliotecas de grande porte. Tem o título de *Observations on the History and Evidences of the Resurrection of Jesus Chirst* (Comentários sobre a História e as Provas da Ressurreição de Jesus Cristo), e foi publicado em 1747. Na primeira página do livro, que geralmente é uma página em branco, ele fez com que fosse impressa a notável citação extraída de Eclesiástico 11:7, que pode ser proveitosamente adotada por qualquer agnóstico da atualidade: "*Não reprove a verdade antes de a teres examinado*" 19/ 55,56

"Os indícios apontam inconfundivelmente para o fato de que, no terceiro dia, Jesus ressuscitou. Essa foi a conclusão a que chegou o Lord Darling, ex-supremo magistrado da Inglaterra. Durante um jantar de que participava, a conversa se encaminhou para a verdade do cristianismo e particularmente, para um determinado livro que tratava da ressurreição. Com as mãos diante de si, unidas pelas pontas dos dedos, assumindo uma atitude judicial, e falando com uma ênfase moderada e serena, que causava uma extraordinária impressão, afirmou: 'Como cristãos somos chamados a depositar bastante confiança, por exemplo, nos ensinamentos e nos milagres de Jesus. Caso fôssemos aceitar o que todos dizem, a meu ver, seríamos todos céticos. O ponto central do problema de Jesus ser ou não aquilo que afirmou ser, com toda certeza depende da veracidade ou não da ressurreição. Não somos simplesmente instados a ter fé nesse supremo acontecimento. A favor da ressurreição como sendo uma verdade autêntica existem provas tão surpreendentes, positivas e negativas, fatuais e circunstanciais, que nenhum júri inteligente deixaria de dar o veredito de que a história da ressurreição é verdadeira.'" 19/53, 54

Armand Nicholi, da Faculdade de Medicina de Harvard, refere-se a J. N. D. Anderson como "... um erudito de reputação internacional e alguém excepcionalmente qualificado para tratar do assunto de provas. Ele é uma das maiores autoridades em direito islâmico... É diretor da Faculdade de Direito da Universidade de Londres, chefe do Departamento de Direito Oriental da Escola de Estudos Orientais e Africanos, e diretor do Instituto de Estudos Jurídicos Avançados da Universidade de Londres". 3/4

Esse renomado erudito britânico, que hoje exerce grande influência no campo do direito internacional, diz: "As provas em favor do fundamento histórico da fé cristã, em favor da veracidade intrínseca do testemunho do Novo Testamento a respeito da pessoa e dos ensinamentos do próprio Cristo, em favor do fato e do significado de Sua morte expiatória, e em favor da historicidade do túmulo vazio e do testemunho apostólico acerca da ressurreição são tais que proporcionam uma base adequada para a aventura da fé". 2/106

3B. O Testamento dos Antigos Pais da Igreja

O professor *W. J. Sparrow-Simpson* afirma que "logo após a Cristologia, a Ressurreição é indubitavelmente a doutrina que ocupou o lugar principal na literatura cristã antiga".

"O período que se seguiu aos apóstolos traz muitas referências, mas o segundo século apresenta tratados exclusivamente dedicados a esse assunto, como é o caso de Atenágoras e da obra atribuída a Justino Mártir". 62/339

O professor *Bernard Ramm* comenta: "Tanto na história da Igreja como na história da Doutrina, a ressurreição é declarada desde os primeiros momentos. É mencionada por Clemente de Roma na *Epístola aos Coríntios* (95 A.D.), o mais antigo documento da história da igreja, e daí por diante é mencionada continuamente, durante todo o período patrístico. Aparece em todas as formulações do *Credo Apostólico* e nunca é refutada". 52/192

Sparrow-Simpson diz: "A mensagem básica do evangelho pregada por Inácio (50-ca. 115 A.D.) é Jesus Cristo, e a religião cristã consiste de 'fé nEle e amor para com Ele, Sua Paixão e Ressurreição'. Ele insta os cristãos a estarem 'plenamente convictos acerca do nascimento, paixão e ressurreição' de Jesus."

"Jesus Cristo é descrito como 'nossa esperança mediante a Ressurreição'. A Ressurreição de Jesus é a promessa de que também ressurgiremos".

"Além do mais, Inácio declara que a Igreja, 'sem qualquer hesitação, rejubila-se na Paixão de nosso Senhor e em Sua Ressurreição'. Os fatos principais sobre os quais ele se detém são a Cruz, a Morte e a Ressurreição de Cristo. Estas ele reúne numa mesma categoria. Falando sobre certos hereges, ele afirma: 'Eles se mantêm afastados da Eucaristia e da oração, porque não confessam que a Eucaristia seja a carne de nosso Salvador Jesus Cristo, o qual sofreu por nossos pecados e o qual Deus ressuscitou por sua terna bondade'. Repetindo o pensamento, ele afirma que a Ressurreição 'foi tanto da carne como do espírito'." 62/339

Sparrow-Simpson acrescenta: "Na *Epístola de Policarpo aos Filipenses* (aproximadamente 110 A.D.) o escritor menciona que nosso Senhor Jesus Cristo 'suportou sofrimentos até ao ponto de morrer por nossos pecados, e que Deus O ressuscitou, libertando-o dos grilhões da morte'. Ele diz que Deus 'ressuscitou Nosso Senhor Jesus Cristo dentre os mortos e deu-Lhe glória e um trono à Sua direita, e a quem estão sujeitas todas as coisas nos céus e na terra'. O Jesus Ressurreto 'virá como Juiz de vivos e mortos'. E 'Aquele que O ressuscitou dos mortos também nos ressuscitará, caso façamos Sua vontade e andemos de

acordo com Seus mandamentos'."

Para Policarpo o Jesus exaltado é 'o Sumo Sacerdote Eterno'. E a oração final que esse bispo, um santo homem de Deus, fez antes do martírio foi que ele pudesse 'ser parte dos mártires do cálice de Cristo e participar da ressurreição da vida eterna, tanto do corpo como da alma, através da obra incorruptível do Espírito Santo.'" 62/341

O professor Sparrow-Simpson diz o seguinte sobre o tratado de Justino Mártir (ca. 100-165) acerca da ressurreição: "... aborda a doutrina caracteristicamente cristã. Na época a oposição à fé cristã afirmava que a Ressurreição era impossível; indesejável, visto que a carne era a causa dos pecados; inconcebível, visto que não pode haver qualquer sentido na sobrevivência dos órgãos existentes. Além disso, eles sustentavam que a Ressurreição de Cristo ocorreu apenas na aparência física e não na realidade física. A essas objeções e dificuldades Justino..." replicou. 62/342

Em *Who Was Who in Church History* (Quem Foi Quem na História da Igreja). *Elgin Moyer* menciona um outro pai da igreja, Quinto Septímio Florente Tertuliano: Tertuliano (ca. 160-220), "pai da igreja latina e apologeta, nascido em Cartago, no norte da África... Uma educação completa preparou-o para uma bem sucedida carreira, escrevendo tanto em

latim como em grego, bem como para a política, o exercício da advocacia e a oratória forense. Durante trinta ou quarenta anos levou uma vida de licenciatura. Por volta de 190 abraçou o cristianismo com profunda convicção. Pelo restante de sua vida se dedicou fielmente a defender a fé cristã contra os pagãos, os judeus e os hereges. Foi... um grande defensor da fé" 47/401

Bernard Ramm conclui a respeito: "A descrença se vê obrigada a rejeitar todo o testemunho dos Pais da Igreja... Ela pressupõe que esses homens não tiveram a motivação para de fato investigarem a ressurreição de Cristo, ou então não tiveram padrões históricos para fazê-lo. Os Pais da Igreja, cuja autoridade é total ou parcialmente aceita pela Igreja Católica Ortodoxa Oriental, pela Igreja Católica Romana e pela Igreja Anglicana, sendo eles bastante considerados pelos reformadores e, na medida certa por todos os teólogos, são desprezados pela descrença. São aceitos como válidos em relação a dados da teologia apostólica ou do período logo após os apóstolos, mas em questões fatuais rejeitam-se até mesmo os aspectos menos importantes do testemunho das provas. E tem de ser assim, caso contrário a descrença não subsistirá". 52/206

4A. O CENÁRIO DO TÚMULO

1B. O Cenário Antes da Ressurreição

1C. JESUS ESTAVA MORTO

Marcos apresenta a seguinte narrativa dos acontecimentos que se seguiram ao julgamento de Jesus: "Então Pilatos, querendo contentar a multidão, soltou-lhe Barrabás; e, após mandar açoitar a Jesus, entregou-o para ser crucificado. Então os soldados o levaram para dentro do palácio, que é o pretório, e reuniram todo o destacamento. Vestiram-no de púrpura e, tecendo uma coroa de espinhos, lha puseram na cabeça. E o saudavam, dizendo: Salve, rei dos judeus! Davam-lhe na cabeça com um caniço, cuspiam nele e, pondo-se de joelhos, o adoravam. Depois de o terem escarnecido, despiram-lhe a púrpura e o vestiram com as suas próprias vestes. Então conduziram Jesus para fora, com o fim de o crucificarem" (Marcos 15:15-20).

John Mattingly descreve como a vítima era açoitada antes da crucificação: "O criminoso sentenciado geralmente tinha, em primeiro lugar, suas roupas arrancadas, sendo então amarrado a um poste ou coluna no tribunal. Então os lictores, ou açoitadores, ministravam o terrível e cruel açoitamento. Embora os hebreus, por sua lei, limitassem o número de açoites a quarenta, os romanos não estabeleceram qualquer limite, e a vítima ficava à mercê daqueles que a açoitavam".

"Chamava-se azorrague o instrumento brutal empregado para açoitar a vítima. Sobre ele Mattingly comenta: 'Facilmente pode-se perceber que as varas compridas de cascas de osso e metal dilaceravam bastante a carne humana'." 42/21

O bispo *Eusébio de Cesaréia*, o historiador da igreja do século terceiro, disse o seguinte na *Epístola à Igreja em Esmirna* acerca do açoitamento aplicado naqueles que iam ser executados: a pessoa açoitada ficava com "as veias expostas, e... os próprios músculos, tendões e entranhas da vítima ficavam à mostra".

John Mattingly, citando *John Peter Lange*, afirma o seguinte sobre os sofrimentos de Cristo: "Tem-se conjecturado que o açoitamento de Cristo chegou até mesmo a ultrapassar a severidade de um açoitamento comum. Embora o açoitamento usual fosse empreendido pelos lictores, Lange conclui que, uma vez que não havia lictores à disposição de Pilatos, este entregou a tarefa aos soldados. Assim, com base no próprio caráter desses soldados, brutos e vis, pode-se supor que eles excederam a brutalidade dos lictores". 42/33

Depois de sofrer as formas mais intensas de castigo físico, Cristo teve que suportar a caminhada até o lugar da crucificação, o Gólgota. Sobre essa etapa do sofrimento de Cristo, *Mattingly* relata:

"Até os preparativos para a caminhada devem ter sido uma fonte de terrível sofrimento. Mateus 27:31 diz: 'Depois de o terem escarnecido, despiram-lhe o manto, e o vestiram com as suas próprias vestes. Em seguida o levaram para ser crucificado'. O ato de arrancar as vestes reais de zombaria e o vestir com suas próprias roupas, sem dúvida alguma em contato com a pele cortada e esfolada pelo açoitamento, deve ter resultado em grande dor". 42/35

"A frase 'e levaram a Jesus para o Gólgota' (Marcos 15:22a) também pode indicar que Cristo, incapaz de andar por suas próprias forças, teve que ser literalmente levado ou arrastado até o lugar da execução. Assim, os revoltantes e horríveis sofrimentos que antecederam a crucificação chegaram ao fim, e o ato em si de crucificar teve início". 42/36

Marcos registra a seguinte narrativa da crucificação de Cristo: "E levaram a Jesus para o Gólgota, que quer dizer Lugar da Caveira. Deram-lhe a beber vinho com mirra, ele, porém, não tomou. Então o crucificaram, e repartiram entre si as vestes dele, lançando-lhes sorte, para ver o que levaria cada um. Era a hora terceira quando o crucificaram. E, por cima estava, em epígrafe, a sua acusação: O REI DOS JUDEUS. Com ele crucificaram dois ladrões, um à sua direita, e outro à sua esquerda... Os que iam passando, blasfemavam dele, meneando a cabeça e dizendo: Ah! tu que destróis o santuário e em três dias o reedificas. Salva-te a ti mesmo, descendo da cruz. De igual modo os principais sacerdotes com os escribas, escarnecendo, entre si diziam: Salvou os outros, a si mesmo não pode salvar-se; desça agora da cruz o Cristo, o rei de Israel, para que vejamos e creiamos. Também os que com ele foram crucificados o insultavam. Chegada a hora sexta, houve trevas sobre toda a terra, até a hora nona. À hora nona clamou Jesus em alta voz: Eloí, Eloí, lama sabactâni? que quer dizer: Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste? Alguns dos que ali estavam, ouvindo isto, diziam: Vede, chama por Elias. E um deles correu a embeber uma esponja em vinagre e, pondo-a na ponta de um caniço, deu-lhe de beber, dizendo: Deixai, vejamos se Elias vem tirá-lo. Mas Jesus, dando um grande brado, expirou. E o véu do santuário rasgou-se em duas partes, de alto a baixo. O centurião que estava em frente dele, vendo que assim expirara, disse: Verdadeiramente este homem era Filho de Deus" (Marcos 15:22-27,29-39).

Sobre a crucificação em si, *Mattingly* diz: "Nunca é demais enfatizar que os sofrimentos experimentados na cruz foram extremamente intensos e duros. O caráter abominável dessa tortura foi percebido pelo mais famoso orador romano, Marco Túlio Cícero, que afirmou: 'Até a mera palavra cruz deve ficar bem longe não apenas dos lábios dos cidadãos de Roma, mas também dos seus pensamentos, olhos e ouvidos' (CÍCERO, Marco Túlio. *Pro Rabino*. 5:16)". 42/26

Michael Green fala dos sofrimentos físicos de Jesus: "Depois de uma noite sem dormir, durante a qual não lhe deram de comer em que teve de suportar as zombarias de dois julgamentos, e teve as costas laceradas pelo terrível chicote romano de nove tiras, Jesus foi levado para ser executado por crucificação. Essa era a morte extremamente dolorosa, em que cada nervo do corpo gritava de agonia". 19/32

Farrar apresenta uma descrição detalhada da morte por crucificação: "Pois, de fato, uma morte por crucificação parece incluir tudo aquilo que a dor e a morte *podem* ter de horrível e assustador — vertigem, câibras, sede, fome profunda, falta de sono, febre traumática, tétano, vergonha, zombaria diante do constrangimento da vítima, longa duração do tormento, medo do desenlace, gangrena das feridas expostas — tudo isso intensificado só até o ponto em que pode ser suportado, mas não chegando ao ponto de dar à vítima o alívio de ficar inconsciente".

"A posição nada natural tornava cada movimento doloroso; as veias dilaceradas e os tendões esmagados latejavam com uma dor terrível e incessante; as feridas, inflamadas por estarem expostas, pouco a pouco gangrenavam; as artérias, especialmente as da cabeça e do estômago, ficavam intumescidas e experimentavam um aumento de pressão devido ao excesso de sangue no local; e, à medida em que cada tipo de sofrimento ia gradualmente aumentando, crescia-se-lhes a dor insuportável de uma sede atroz que ia como que queimando por dentro; e todas essas complicações físicas provocavam uma excitação e uma

ansiedade no íntimo da pessoa, o que fazia com que a perspectiva da própria morte — da morte, o inimigo desconhecido, a cuja aproximação o ser humano geralmente mais estremece — tivesse o aspecto de uma libertação consoladora e estranha". 18/440

O professor E. H. Day relata: "É São Marcos que enfatiza tanto a surpresa de Pilatos ao ouvir que Cristo já morrera, como a indagação que faz ao centurião antes de dar autorização para a remoção do corpo da cruz. Os soldados romanos conheciam bem quando uma pessoa estava morta e sabiam como era a morte que se seguia à crucificação". 13/46-48

Como Michael Green assinala, as crucificações "não eram incomuns na Palestina". 19/32

Pilatos exigiu confirmação da morte de Cristo. Sobre isso Green comenta: "Quatro executores vieram examiná-lo, antes que um amigo, José de Arimatéia, recebesse permissão para retirar o corpo para ser sepultado". 19/32

Green fala desses quatro especialistas que estavam acostumados a lidar com a morte: "Eles sabiam que um homem estava morto só de vê-lo — e o próprio oficial comandante daquele grupo ouvira o grito de morte do condenado e confirmou a morte ao governador, Pôncio Pilatos..." ("O centurião que estava em frente dele, vendo que assim expirara, disse: Verdadeiramente este homem era Filho de Deus" (Marcos 15:39). "Mas Pilatos admirou-se de que ele já tivesse morrido. E, tendo chamado o centurião, perguntou-lhe se havia muito que morrera" (Marcos 15:44). 19/32, 33

John R. W. Stott escreve: "Pilatos ficou realmente surpreso com o fato de que Jesus já tivesse morrido, mas, pela palavra do centurião, convenceu-se o suficiente para dar permissão a José para remover o corpo da cruz". 63/49

O professor Day comenta que "o relato do Evangelho de Mateus sobre a guarda do sepulcro é uma prova clara de que os judeus, por sua parte, acreditavam que Jesus estava morto". 13/46-48

Além do mais, Day assinala que nenhum "daqueles que participaram da remoção do corpo e da sua colocação no túmulo teve qualquer suspeita de que ele ainda estivesse vivo". 13/46-48

O professor Day, falando sobre o livro *The Physical Cause of the Death of Christ* (A Causa Física da Morte de Cristo), assim se refere ao seu autor, James Thompson: "Ele demonstra que a morte de Cristo foi causada não por exaustão física nem pelas dores da crucificação, mas pela agonia mental que provocou uma ruptura do coração. Seu vigor mental e físico no instante da morte prova, sem qualquer possibilidade de dúvida, que Sua morte não foi consequência de exaustão; a lança do soldado foi o meio de exibir ao mundo que Sua morte ocorreu por uma ruptura do coração." 13/48,49

O médico Samuel Houghton, o grande fisiólogo da Universidade de Dublin, apresenta seu ponto-de-vista sobre a causa física da morte de Cristo:

"Quando o soldado traspassou com sua espada o lado de Cristo, Ele já estava morto; e o fluxo de sangue e água que saiu foi um fenômeno natural explicável por causas naturais ou então foi um milagre. Que João acreditasse que, se isso não era algo milagroso, pelo menos era incomum, fica claro a partir do comentário que faz a respeito e a partir da maneira enfática com que solenemente declara a exatidão da narrativa".

"Repetidas observações e experiências feitas em homens e animais levaram-me aos resultados seguintes:"

"Quando, depois da morte, o lado esquerdo é traspassado por uma faca grande, de tamanho comparável ao de uma lança romana, pode-se observar três casos distintos:

Primeiro — Não há fluxo de espécie alguma saindo da ferida, a não ser um diminuto filete de sangue.

Segundo — Um fluxo abundante de sangue apenas sai da ferida.

Terceiro — Sai um fluxo de apenas água, seguido por umas poucas gotas de sangue."

"Desses três casos, o primeiro é o mais comum; o segundo acontece em casos de morte por afogamento e por envenenamento por estricnina, o que se pode demonstrar matando um animal com esse veneno e que também pode-se provar que é a causa natural da morte por crucificação; e o terceiro encontra-se nos casos de morte provocada por pleurite, pericardite e ruptura do coração. A maioria dos anatomistas que têm dedicado atenção ao assunto estão familiarizados com os casos precedentes, mas os dois casos a seguir, embora facilmente explicáveis com base em princípios fisiológicos, não se encontram registrados nos livros (exceto por São João). Nem eu tive a felicidade de me deparar com eles".

"Quarto — Um fluxo abundante de água, seguido por um fluxo abundante de sangue, sai da ferida."

"Quinto — Um fluxo abundante de sangue, seguido por um fluxo abundante de água, sai da ferida."

"...A morte por crucificação cria uma situação de sangue nos pulmões semelhante à que é produzida por afogamento e por estricnina; crê-se que o quarto caso ocorra numa pessoa crucificada que, antes da

crucificação, tenha sofrido de derrame na pleura, e que o quinto caso ocorra numa pessoa crucificada que morreu de ruptura do coração. O histórico dos dias que precederam a crucificação de nosso Senhor excluem completamente a idéia de pleurite, que também está fora de cogitação, se primeiramente saiu sangue e depois água da ferida. Portanto, não resta qualquer possível explicação do fenômeno registrado nos Evangelhos, exceto *a conjunção de crucificação e ruptura do coração*".

"O dr. William Stroud sustenta com grande capacidade que a causa da morte de Cristo foi ruptura do coração; e eu creio firmemente que de fato ocorreu essa ruptura do coração..." 11/349, 350

O apóstolo João registra com detalhes minuciosos a cena que observou no Gólgota. Houghton chega à conclusão de que "é óbvia a importância disto. (Revela) que a narrativa do capítulo 19 de São Paulo jamais poderia ter sido inventada, que os fatos narrados devem ter sido presenciados por uma *testemunha ocular*, e que a testemunha ocular ficou tão atônita que aparentemente pensou que fosse um fenômeno miraculoso." 11/ 349, 350

Michael Green escreve sobre a morte de Cristo: "Com base em um testemunho ocular ficamos sabendo que 'saiu sangue e água' do lado traspassado de Jesus (João 19:34, 35). A testemunha ocular claramente atribuiu grande importância a esse fato. Caso Jesus estivesse vivo quando a espada o traspassou, fortes jatos de sangue teriam jorrado a cada batida do coração. Ao contrário, o observador reparou que vazavam coágulos semi-sólidos e escuros, distintos e à parte do soro aguçado que se seguiu. Essa é uma prova de grande coagulação do sangue nas artérias principais, e, do ponto-de-vista médico, é uma prova excepcionalmente forte de que a morte já ocorrera. Isso tudo causa uma impressão ainda maior pelo fato de que provavelmente o evangelista não teria condições de perceber o significado patológico. O 'sangue e água' que saíram da ferida feita pela lança são uma prova conclusiva de que Jesus já estava morto". 19/33

Samuel Chandler diz: "Todos os evangelistas concordam que José *solicitou* o corpo de *Jesus a Pilatos*, o qual soube pelo centurião que montava guarda junto à cruz que Ele já estava *morto fazia algum tempo*, pelo que Pilatos entregou o corpo a José". 8/62, 63

O professor Chandler afirma então que "a circunstância notável de *José e Nicodemos envolverem com especiarias o corpo já morto, segundo a maneira judaica de preparativo para sepultamento*, é uma forte prova de que Jesus *estava morto* e de que as pessoas sabiam disso. Caso ainda houvesse *qualquer sinal* de vida nEle ao ser tirado da cruz, a *natureza cáustica* da mina e do aloés, o cheiro forte e o sabor amargo desses produtos, o uso de um *cilindro* para ajudar a envolver o Seu corpo em pano de linho, e para envolver Seu rosto e cabeça com um pano menor, *conforme era o costume judaico por ocasião do sepultamento*, tudo isso acabaria com qualquer indício de vida". 8/62, 63

No início do século passado, *Paulus de Heidelberg* empreendeu uma tentativa tola de explicar racionalmente a ressurreição de Cristo, afirmando que na verdade Jesus não morreu, mas que simplesmente perdeu os sentidos ou desmaiou na cruz. No entanto, o *bispo E. Lê Camus*, de La Rochelle, na França, contesta: "A medicina que ele invocou para apoiar sua tese foi a primeira a derrubar seu sistema. Ele soube que, se Jesus tivesse sido tirado da cruz ainda vivo, deveria ter morrido no túmulo, pois o contato do corpo com a pedra fria do sepulcro produziria o congelamento do sangue que, por sua vez, provocaria uma síncope, devido ao fato de que a circulação regular já se fazia com dificuldade. Além do mais, uma pessoa desmaiada na maioria dos casos não acorda ao ser colocada numa caverna, mas ao ser levada ao ar livre. O forte cheiro dos aromas num lugar hermeticamente selado teria matado uma pessoa cujo cérebro já se encontrava num estado de profunda inconsciência. Na atualidade, racionalistas de todas as tendências rejeitam essa hipótese, que é tão absurda quanto inaceitável, e todos concordam que o Jesus crucificado de fato morreu na sexta-feira". 34/485, 486

Como diz o *professor Albert Roper*, "Jesus foi crucificado por soldados romanos, de acordo com as leis de Roma, à quais os soldados obedeceram com a mais absoluta fidelidade". 54/33

Concluindo, podemos concordar com a declaração do apóstolo João acerca do que pessoalmente assistiu da morte de Jesus, declaração em que ele confirma que foi testemunha ocular: "Aquele que isto viu, testificou, sendo verdadeiro o seu testemunho; e ele sabe que diz a verdade..." (João 19:35).

2C. O TÚMULO

Wilbur M. Smith assinala que "a palavra que é traduzida por *túmulo* ou *sepulcro* ocorre trinta e duas vezes nos relatos dos quatro Evangelhos acerca da ressurreição..." 58/38

O túmulo de José de Arimatéia foi, na manhã do domingo de Páscoa, de fato um objeto de muito

interesse para os escritores dos Evangelhos.

Acerca do sepultamento que Cristo teve, *W. J. Sparrow-Simpson* faz o seguinte comentário: "O costume romano era deixar a vítima de crucificação pendurada na cruz para servir de alimento para aves e animais terrestres. Mas quem sonharia dizer que essa regra não comportava exceções? Josefo (*Autobiografia*, 75; *Guerras dos Judeus*, 4.5.2) induziu o imperador Tito a tirar da cruz três pessoas crucificadas enquanto ainda estavam vivas. Será que alguém afirmaria que é impossível isso ter acontecido só porque a regra determinava o contrário? Sem dúvida, o costume judaico era o sepultamento do condenado. Essa era a lei judaica. Mas José nos assegura de que até mesmo os judeus às vezes quebravam as leis de sepultamento. No livro *Guerras dos Judeus* ele escreve: 'Em sua impiedade eles chegavam ao ponto de se desfazer dos cadáveres sem sepultá-los, muito embora os judeus costumassem ser bastante cuidadosos no sepultamento das pessoas, pelo que eles tiravam os corpos dos que haviam sido condenados e crucificados, e os sepultavam antes do pôr-do-sol.'

"Loisy acredita que era possível aos parentes conseguir permissão para o sepultamento de alguém condenado. Todavia, nenhum parente recebeu permissão para sepultar o corpo de Jesus, nem qualquer dos doze. Os três homens crucificados, que Josefo induziu a autoridade imperial a tirar da cruz, não eram parentes seus; eram apenas amigos. Ele 'se recordava deles como antigos conhecidos'. Pode-se argumentar fortemente em favor da improbabilidade do pedido de Josefo, e mais ainda contra o pedido ter sido atendido. Ninguém, todavia, parece duvidar dos fatos. São constantemente citados como se fossem verdadeiros. Por que José de Arimatéia não poderia ter feito um pedido semelhante a Pilatos?" 62/21, 22

Henry Latham, em *The Risen Master* (O Mestre Ressurreto), oferece as seguintes informações a respeito do sepultamento de Jesus. Primeiramente ele menciona "...a descrição do sepulcro de nosso Senhor, feita quando se acreditava que havia sido recentemente descoberto pela imperatriz Helena. O relato é feito por Eusébio de Cesaréia — o primeiro historiador da Igreja. Esse relato encontra-se em *Teofania*, obra de Eusébio que foi recuperada neste século, e da qual uma tradução foi publicada em Cambridge, em 1843, pelo Dr. Lee".

"O túmulo em si era uma caverna que, evidentemente, fora desbastada; uma caverna que fora escavada na rocha e que não recebera corpo algum. O que era em si mesmo algo surpreendente, era que o túmulo abrigasse apenas aquele cadáver. E causa surpresa ver essa rocha, imponente e ereta, a única no nível da superfície, e tendo apenas uma caverna em seu interior; pois, caso houvesse muitas cavernas o milagre daquele que venceu a morte teria ficado obscurecido."

"O trecho a seguir é extraído de *Architectural History of the Holy Sepulchre* (História Arquitetônica do Santo Sepulcro), de autoria do professor Willis, que lecionou na Universidade de Cambridge (*The Holy City - A Cidade Santa*, G. Williams, vol. 1, p. 150.)"

"Em muitos casos, o sarcófago, leito ou outro lugar de repouso era escavado na rocha sólida, e, dessa maneira, devia ter ficado num nível acima do chão, ou devia ter sido uma saliência ao lado da parede, quando esse compartimento foi escavado pela primeira vez. Quando se fazia um leito de pedra, sua superfície ficava no nível do chão, ou então era escavada, passando a ter de dois a cinco centímetros de profundidade, onde o corpo era colocado. E freqüentemente se deixava na cabeceira uma parte mais elevada para servir de travesseiro, ou então fazia-se uma cavidade arredondada com o mesmo propósito. Tais leitos são encontrados em túmulos na rocha, feitos pelos etruscos, e também nos existentes na Grécia e na Ásia Menor... Nos túmulos judaicos na Síria, parece que sempre se utilizou o sistema de nichos nas paredes das câmaras mortuárias. Mas mesmo esse sistema comporta grande variedade. Em sua forma mais simples é uma abertura ou cavidade retangular na parede de rocha do túmulo, sendo que a base geralmente fica num nível mais elevado que o chão da câmara; e o comprimento e a profundidade são apenas suficientes para comportarem um corpo que ali seja colocado. Freqüentemente o teto desse nicho tem a curvatura de um arco, quer de um arco abaulado quer de uma abóbada plena; e essa também é a sua forma usual quando ali se deposita um sarcófago." 33/87,88

No livro *Jesus*, o professor *Guignebert* faz esta afirmação totalmente infundada (p. 500): "A verdade é que não sabemos, e, com toda probabilidade, os discípulos também não sabiam, onde o corpo de Jesus fora jogado depois de ter sido tirado da cruz, o que provavelmente foi feito pelos executores. É mais provável que tenha sido jogado na *cova* dos executados do que colocado num túmulo novo". 60/372

1D. O professor *Guignebert* faz essas afirmações sem ter qualquer prova para sustentá-las.

2D. *Ele desconsidera totalmente o testemunho acerca desses acontecimentos, relatado pela literatura secular e eclesiástica dos três primeiros séculos.*

3D. *Ele ignora completamente a descrição bastante objetiva apresentada pelos Evangelhos:*

1E. Por que os evangelhos registram os detalhes seguintes se o corpo de Cristo na verdade não foi apanhado por José de Arimatéia?

"Caindo a tarde, veio um homem rico de Arimatéia, chamado José, que era também discípulo de Jesus. Este foi ter com Pilatos e lhe pediu o corpo de Jesus. Então Pilatos mandou que lho fosse entregue" (Mateus 27:57, 58).

"Ao cair da tarde, por ser o dia da preparação, isto é, à véspera do sábado, vindo José de Arimatéia, ilustre membro do Sinédrio, que também esperava o reino de Deus, dirigiu-se resolutamente a Pilatos e pediu o corpo de Jesus. Mas Pilatos admirou-se de que ele já tivesse morrido. E, tendo chamado o centurião, perguntou-lhe se havia muito que morrera. Após certificar-se, pela informação do comandante, cedeu o corpo a José"

(Marcos 15:42-45).

"E eis que certo homem, chamado José, membro do Sinédrio, homem bom e justo, (que não tinha concordado com o desígnio e ação dos outros), natural de Arimatéia, cidade dos judeus, e que esperava o reino de Deus, tendo procurado a Pilatos, pediu- lhe o corpo de Jesus" (Lucas 23:50-52).

"Depois disto, José de Arimatéia, que era discípulo de Jesus, ainda que ocultamente pelo receio que tinha dos judeus, rogou a Pilatos lhe permitisse tirar o corpo de Jesus. Pilatos lho permitiu. Então foi José de Arimatéia e retirou o corpo de Jesus" (João 19:38).

Os registros dos Evangelhos falam por si mesmos: qualquer coisa pode ter acontecido ao corpo de Jesus, menos ser jogado numa cova destinada aos executados!

2E. O que dizer sobre os relatos acerca dos preparativos para o sepultamento?

"E José, tomando o corpo, envolveu-o num pano limpo de linho" (Mateus 27:59).

José, "baixando o corpo da cruz, envolveu-o em um lençol que comprara..." (Marcos 15:46).

"Passado o sábado, Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, e Salomé compraram aromas para irem embalsamá-lo" (Marcos 16:1).

"As mulheres que tinham vindo da Galiléia com Jesus ...se retiraram para preparar aromas e bálsamos" (Lucas 23:55, 56).

"Então foi José de Arimatéia... E também Nicodemos... foi, levando cerca de cem libras de um composto de mirra e aloés. Tomaram, pois, o corpo de Jesus e o envolveram em lençóis com os aromas, como é de uso entre os judeus na preparação para o sepulcro" (João 19:38b-40).

Por que esses detalhes estão registrados se não houve tais preparativos?

3E. O que dizer das mulheres que observaram enquanto José de Arimatéia e Nicodemos preparavam e sepultavam o corpo de Jesus?

"As mulheres... seguindo, viram o túmulo..." (Lucas 23:55), e "achavam-se ali, sentadas em frente da sepultura" (Mateus 27:61), e "observaram onde ele foi posto" (Marcos 15:47).

Certamente essas mulheres sabiam que existia um túmulo. O relato bíblico deixa bem claro esse ponto.

4E. Como é possível alguém ignorar os comentários registrados, feitos acerca do próprio túmulo?

"E José, tomando o corpo... o depositou no seu túmulo novo..." (Mateus 27:59, 60).

"... que tinha sido aberto numa rocha..." (Marcos 15:46).

"... onde ainda ninguém havia sido sepultado..." (Lucas 23:53).

O qual estava localizado "no lugar onde Jesus fora crucificado ... um jardim..." (João 19:41).

O professor Alford, grande estudioso do grego, relata o que pôde observar sobre as provas contidas nas narrativas dos Evangelhos: "Apenas Mateus menciona que esse era um túmulo *particular* de José. Apenas João menciona que foi num *jardim* e *no lugar onde Jesus fora crucificado*. Todos, à exceção de Marcos, assinalam que o túmulo era *novo*. João não menciona que o túmulo *pertencia a José* ..." 1/298, 299

Sobre José de Arimatéia, Alford diz: "A razão para ele sepultar o corpo ali é que *ficava perto*, e o fato do dia da preparação estar-se avizinando, tornava a pressa necessária". 1/298, 299

Com base nos comentários de Alford, podemos concluir então que, "a partir dos dados aqui apresentados, pode-se estabelecer os seguintes fatos sobre o sepulcro: (1) não era uma caverna *natural*,

mas uma *escavação artificial na rocha*; (2) não foi escavado *para baixo*, segundo o nosso costume, mas foi escavado *horizontalmente ou quase horizontalmente*, penetrando-se na parede da rocha". 1/298, 299

5E. Por que os judeus pediram a Pilatos para colocar guardas no túmulo de Cristo se esse túmulo não existiu?

"No dia seguinte, que é o dia depois da preparação, reuniram-se os principais sacerdotes e os fariseus e, dirigindo-se a Pilatos, disseram-lhe: Senhor, lembramo-nos de que aquele embusteiro, enquanto vivia, disse: Depois de três dias ressuscitarei. Ordena, pois, que o sepulcro seja guardado com segurança até ao terceiro dia, para não suceder que, vindo os discípulos, o roubem, e depois digam ao povo: Ressuscitou dos mortos; e será o último embuste pior que o primeiro. Disse-lhes Pilatos: Aí tendes uma escolta; ide e guardai sepulcro como bem vos parecer. Indo eles, montaram guarda ao sepulcro, selando a pedra e deixando ali a escolta" (Mateus 27:62-66).

Aliás, conforme o professor Major expressa de modo tão claro, facilmente se vê a verdade sobre o assunto: "Caso o corpo de Cristo tivesse sido apenas jogado abandonado numa cova comum, não teria havido motivo possível para a ansiedade com que Seus inimigos espalharam a informação de que o corpo fora roubado". 60/578

6E. O que iremos pensar sobre a visita das mulheres ao túmulo depois do sábado?

"No findar do sábado, ao entrar o primeiro dia da semana, Maria Madalena e a outra Maria foram ver o sepulcro" (Mateus 28:1).

"E muito cedo, no primeiro dia da semana, ao despontar do sol, foram ao túmulo" (Marcos 16:2).

"... no primeiro dia da semana, alta madrugada, foram elas (as mulheres que tinham vindo da Galiléia com Jesus) ao túmulo, levando os aromas que haviam preparado" (Lucas 24:1).

"No primeiro dia da semana, Maria Madalena foi ao sepulcro de madrugada, sendo ainda escuro, e viu que a pedra estava revolvida" (João 20:1).

Se Jesus não tivesse sido realmente sepultado no túmulo de José, relatos de uma visita dessas não estariam nas narrativas dos Evangelhos.

7E. O que iremos pensar sobre a visita de Pedro e João ao túmulo, depois de ouvirem a história contada pelas mulheres?

Pedro, porém, levantando-se, correu ao sepulcro. E, abaixando-se, nada mais viu senão os lençóis de linho; e retirou-se para casa, maravilhado do que havia acontecido" (Lucas 24:12).

"Saiu, pois Pedro e o outro discípulo, e foram ao sepulcro. Ambos corriam juntos, mas o outro discípulo correu mais depressa que Pedro e chegou primeiro ao sepulcro; e, abaixando-se, viu os lençóis de linho; todavia não entrou. Então Simão Pedro, seguindo-o, chegou e entrou no sepulcro. Ele também viu os lençóis, e o lenço que estivera sobre a cabeça de Jesus, e que não estava com os lençóis, mas deixado num lugar à parte. Então entrou também o outro discípulo, que chegara primeiro ao sepulcro, e viu e creu" (João 20:3-8).

De modo semelhante Guignebert também ignora a prova representada por esta narrativa.

8E. Wilbur M. Smith diz o seguinte sobre a hipótese de Guignebert: "Ele nega o fato que os quatro Evangelhos declaram explicitamente, a saber, que o corpo de Jesus foi colocado no túmulo de José de Arimatéia. Ao negar esse acontecimento ele não apresenta qualquer prova que refute as narrativas dos Evangelhos, mas faz uma afirmação que é fruto de sua própria imaginação. Na verdade, pode-se dizer que sua afirmação acerca do corpo de Jesus não é fruto apenas de sua imaginação, mas também de sua conclusão preconcebida (um preconceito de natureza filosófica, e não histórica)..." 60/372

As provas falam claramente por si mesmas, mas o professor Guignebert recusa-se a admitir as provas pelo fato de que elas não se harmonizam com a sua cosmovisão de que o miraculoso é impossível. O professor francês tira suas conclusões apesar das provas, e não devido a elas. De fato, citando as palavras de Smith sobre essa teoria, "nós a rejeitamos por não possuir qualquer base histórica e, por essa razão, não merece maior consideração ao estudarmos os quatro documentos *históricos* que temos diante de nós, que são conhecidos pelo nome de Evangelhos". 60/372

3C. O SEPULTAMENTO

Ao tratar das narrativas que descrevem o sepultamento de Jesus no sepulcro de José de Arimatéia, *Wilbur Smith* escreve: "Temos mais conhecimento sobre o sepultamento do Senhor Jesus do que temos sobre o sepultamento de qualquer outro indivíduo em toda a história antiga. Sabemos muitíssimo mais

sobre Seu sepultamento do que sobre o sepultamento de qualquer outra personagem do Antigo Testamento, de qualquer rei da Babilônia, Faraó do Egito, de qualquer filósofo grego, ou de qualquer César vitorioso. Sabemos quem tirou Seu corpo da cruz; sabemos algumas coisas sobre o corpo ter sido envolvido em especiarias e em tecidos apropriados; temos informações sobre o próprio túmulo em que esse corpo foi colocado, o nome do homem que o possuía, José, oriundo de uma cidade conhecida como Arimatéia; sabemos até mesmo onde esse túmulo estava localizado, num jardim próximo ao lugar onde Ele foi crucificado, fora dos muros da cidade. Dispomos de quatro narrativas sobre o sepultamento de nosso Senhor, todas elas concordando entre si de modo surpreendente: a narrativa de Mateus, um discípulo de Cristo que esteve presente quando Jesus foi crucificado; a narrativa de Marcos, cujo Evangelho alguns afirmam que foi escrito até dez anos depois da ascensão do Senhor; a narrativa de Lucas, um companheiro do apóstolo Paulo e grande historiador; e a narrativa de João, que foi o último a se afastar da cruz e que, com Pedro, foi o primeiro dos doze a, na manhã do domingo de Páscoa, ver o túmulo vazio". 60/370, 371

O historiador *Alfred Edersheim* apresenta os seguintes detalhes sobre os costumes dos judeus quanto ao sepultamento: "Não apenas os ricos, mas até mesmo aquelas pessoas razoavelmente prósperas possuíam seus próprios túmulos, os quais eram provavelmente adquiridos e preparados bem antes de se tornarem necessários, sendo considerados e herdados como propriedade pessoal e particular. Nessas cavernas, ou túmulos escavados na rocha, eram colocados os corpos, após serem unguídos com muitas especiarias, com murta, aloés, e, numa época posterior, também com hissopo, essência de rosas e água de rosas. O corpo era vestido e, num período posterior, envolto, se possível, num tecido gasto em que, originalmente, um Rolo da Lei tivesse sido acondicionado. Os 'túmulos' ou eram 'escavados na rocha', ou eram 'cavernas' naturais, ou então câmaras mortuárias com grandes paredes, com nichos junto a essas paredes". 15/318, 319

Sobre o sepultamento de Cristo diz Edersheim: "É possível que a aproximação do santo sábado e a conseqüente necessidade de pressa tenham dado a José de Arimatéia, ou tenham-lhe imposto, a idéia de colocar o Corpo de Jesus em seu túmulo particular escavado na rocha, onde ninguém ainda havia sido sepultado..."

"A cruz foi descida e deitada no chão; os terríveis cravos foram arrancados e as cordas foram soltas. José, junto com aqueles que o ajudavam, 'envolveu' o Corpo Sagrado 'em lençóis de linho' e rapidamente O levou ao túmulo escavado na rocha, que ficava no jardim ali vizinho. Esse tipo de túmulo ou caverna escavada na rocha (*meartha*) possuía nichos (*kukkin*), onde os mortos eram colocados. Deve-se lembrar que na entrada do 'túmulo' — e já dentro da 'rocha' — havia 'um pátio' quadrado, com cerca de dois metros e setenta centímetros de cada lado, onde geralmente era colocado o estrado onde fora transportado o corpo e onde as pessoas que o haviam carregado se reuniam para os ofícios fúnebres finais." 15/617

Em seguida Edersheim menciona que "...aquele outro membro do Sinédrio, Nicodemos... veio então, trazendo 'um rolo' de mirra e aloés, naquela combinação de perfumes bem conhecida dos judeus, os quais a utilizavam com o propósito de unguir ou de preparar o corpo para sepultamento".

Foi no 'pátio' do túmulo que se deu o apressado embalsamamento — se é que se pode chamar aquilo de embalsamamento." 15/617

A época de Cristo era costume utilizar grandes quantidades de especiarias para embalsamar o morto, especialmente no caso em que a pessoa morta era muito estimada.

Michael Green dá alguns detalhes sobre a preparação que os restos mortais de Jesus receberam para o sepultamento: "O corpo foi posto numa saliência de pedra, envolvido e bem apertado em tiras de pano, e coberto com especiarias. O Evangelho de João nos diz que cerca de 32 quilos de especiarias foram utilizados, e essa quantidade foi provavelmente suficiente. José era um homem rico e, sem sombra de dúvida, queria compensar a covardia que tinha tido durante a vida de Jesus dando-lhe um esplêndido funeral. A quantidade, embora grande, tem inúmeros paralelos. O rabino Gamaliel, um contemporâneo de Jesus, ao morrer foi embalsamado com cerca de 36 quilos de especiarias". 19/33

Flávio Josefo, o historiador judeu do primeiro século, cita o funeral de Aristóbulo, que foi "assassinado com dezoito anos incompletos, e tendo ocupado o sumo sacerdócio por apenas um ano" (*Antigüidades dos Judeus*, 15.3.3).

Por ocasião do funeral de Aristóbulo, Herodes "providenciou para que a cerimônia fosse bem imponente, através de grandes preparativos para o sepulcro receber o seu corpo, e através de uma grande quantidade de especiarias, e mediante a colocação junto ao corpo de muitos objetos de adorno" (*Antigüidades dos Judeus*, 17.8.3).

O professor *James Hastings* diz o seguinte sobre os panos encontrados no túmulo vazio de Cristo: "Já à época de Crisóstomo (século quarto A.D.) chamava-se a atenção para o fato de que a mirra era uma substância que gruda tão fortemente no corpo que os panos que envolviam o corpo não se removiam com facilidade". 25/507

Merrill Tenney assim explica a questão dos panos: "Ao se preparar um corpo para o sepultamento, de acordo com o costume judaico, geralmente lavava-se e endireitava-se o corpo, e então enrolava-se apertadamente o corpo, desde as axilas até o tornozelo, com faixas de linho de aproximadamente trinta centímetros de largura. Especiarias aromáticas, freqüentemente de uma consistência pegajosa, eram postas entre uma camada e outra de pano. Em parte elas ajudavam a preservar o corpo e em parte serviam como um adesivo para colar as tiras de pano, formando um revestimento sólido... O termo empregado por João, literalmente 'atou' (no grego *edesan*), está em perfeita harmonia com o que encontramos em Lucas 23:53, onde o escritor afirma que José de Arimatéia *envolveu* o corpo de Jesus num lençol de linho... Na manhã do primeiro dia da semana o corpo de Jesus desapareceu, mas os panos em que fora enrolado o corpo ainda estavam ali..." 66/117

Em *The International Standard Bible Encyclopedia* (Enciclopédia Bíblica Modelar Internacional), o professor *George B. Eager* diz o seguinte do sepultamento de Cristo: "Foi em estrita obediência aos costumes e determinações da lei mosaica (Deuteronômio 21:23: 'O seu cadáver não permanecerá no madeiro durante a noite, mas certamente o enterrarás no mesmo dia: porquanto o que for pendurado no madeiro é maldito de Deus: assim não contaminaras a tua terra, que o Senhor teu Deus te dá como herança'; cf. Gálatas 3:13: 'Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se ele próprio maldição em nosso lugar, porque está escrito: Maldito todo aquele que for pendurado em madeiro'), bem como de conformidade com os impulsos verdadeiramente humanos, que José de Arimatéia foi até Pilatos e lhe solicitou o corpo de Jesus, para sepultá-lo no próprio dia da crucificação (Mateus 27:58ss)". 48/529

O professor Eager ainda comenta o seguinte: "Os missionários da Síria e os naturais desse país nos relatam que lá ainda é costume lavar o corpo (cf. João 12:7; 19:40; Marcos 16:1; Lucas 24:1), atar mãos e pés com tiras de pano, geralmente de linho (João 19:40) e cobrir o rosto ou envolvê-lo com um lenço ou um pano um pouco maior (João 11:44b). Ainda é costume colocar nesses panos que envolvem o corpo especiarias aromáticas e outros preparados que retardem a decomposição... A Bíblia nos conta que, para o sepultamento de Jesus, Nicodemos levou 'cerca de cem libras de um composto de mirra e aloés', e que Maria Madalena e duas outras mulheres compraram aromas com o mesmo propósito (Marcos 16:1; Lucas 23:56)". 48/529

Henry Latham apresenta estes detalhes a respeito do sepultamento de Cristo: "Com base em escritos bem antigos pode-se supor que o corpo era levado para o sepultamento sem um caixão ou sem qualquer outra espécie de invólucro. Era carregado num estrado sobre os ombros dos homens e, vestido de modo usual, enrolado com faixas de pano, a fim de, talvez, manter as especiarias junto ao corpo, ou então era atado com pano de linho. O dr. Edersheim (vol. 1, p. 556) diz que 'o rosto do corpo morto não era coberto. O corpo jazia com o rosto voltado para cima e as mãos cruzadas sobre o peito'. A julgar pelo costume existente... creio que o pescoço e a parte superior dos ombros geralmente não era envolta em panos, da mesma forma como acontecia com o rosto".

"Conforme lemos (João 19:38-41), foi com bastante pressa que Nicodemos e José de Arimatéia prepararam o corpo do Senhor para o sepultamento. Creio que o corpo foi envolvido com três ou quatro camadas de linho, com uma abundante quantidade de especiarias entre uma camada e outra, e que o lenço foi colocado em volta da cabeça, tendo-se dado um laço com as pontas do lenço. Quando o corpo foi posto no túmulo, a cabeça provavelmente descansou sobre a parte mais elevada do túmulo, a qual servia de travesseiro".

"Chegamos agora à questão das especiarias. Nem no Evangelho de São João, nem em qualquer dos outros se diz que foram vistas especiarias no túmulo. Isso assume um aspecto significativo em meu raciocínio. Em geral já se tem observado que a quantidade de especiarias que, segundo São João, Nicodemos levou para preparar o corpo para o túmulo, era extremamente grande. No entanto, para mim a quantidade não é tão importante quanto o fato, que parece ser confirmado pelos principais estudiosos do assunto, de que as especiarias eram secas e que, assim sendo caíam pelo chão caso o corpo fosse colocado de pé ou caso os panos fossem removidos. Cem libras de especiarias faziam uma quantidade que seria facilmente vista devido ao grande volume que ocupava. O que é chamado de 'aloés' era um tipo aromático triturado ou reduzido a pó, enquanto a mirra era uma cola muito perfumada, que, em pequenas quantidades, era

misturada a madeira em pó. Conforme ainda podemos descobrir, também era costume ungir o corpo com um unguento semi-líquido, o nardo, por exemplo.

Um dos efeitos dessa unção era fazer com que o pó imediatamente grudasse no corpo, mas em sua maior parte o pó permanecia seco. Também ungiam a cabeça e o cabelo com esse unguento. Não encontro informações de que a especiaria em pó fosse aplicada no rosto ou na cabeça. No entanto, quando o corpo de Nosso Senhor foi rapidamente preparado para o sepultamento, acredita-se que não houve tempo para ungir o corpo ou para qualquer processo mais elaborado, pois o pôr-do-sol rapidamente se aproximava e, junto com ele, chegaria o sábado. É possível que o corpo tenha sido apenas envolto com especiarias em pó. Pode ser que as mulheres, dentro do que estava ao seu alcance, tenham desejado reparar essa omissão e que aquilo que elas levaram na manhã de domingo tenha sido nardo, ou algum unguento precioso, a fim de terminar a unção. João menciona apenas mirra e aloés, mas Lucas diz que as mulheres prepararam aromas e *bálsamos*, e em Marcos lemos que elas 'compraram aromas para irem embalsamá-lo' (16:1). Provavelmente elas não pretendiam remover os panos, mas apenas ungir a cabeça e o pescoço com os unguentos". 33/35-37

4C. A PEDRA

Acerca daquilo que cobria a entrada do túmulo de Jesus, A. B. Bruce diz: "Os judeus chamavam a pedra de *golei*". 6/334

H. W. Hollo wman, citando G. M. Mackie, diz: "A entrada para a câmara central era protegida por um grande e pesado disco de pedra, que podia ser rolado por uma fenda, ligeiramente abaulada no centro, em frente a entrada do túmulo". 28/38

O professor T. J. Thorburn menciona que a finalidade dessa pedra era servir de "proteção tanto contra homens como contra animais". E dá mais detalhes: "Essa pedra é freqüentemente mencionada pelos talmudistas. De acordo com Maimônides, também se utilizava uma estrutura *ex linguo, alia Matéria*". Sobre o tamanho enorme de uma pedra dessas, o dr. Thorburn comenta: "Geralmente eram necessários alguns homens para removê-la. Uma vez que a pedra que foi posta na entrada do túmulo de Jesus tinha o objetivo de evitar um roubo já previsto, provavelmente era uma pedra ainda maior do que o normal!" 68/97,98

Ainda, sobre o peso enorme da pedra, Thorburn comenta: "Uma glosa no Códice Bezae (isto é, uma frase escrita entre parêntesis dentro do texto de Marcos 16:4 e que se encontra nesse manuscrito do século quarto — *Códice Bezae*, atualmente na Biblioteca da Universidade de Cambridge) acrescenta: E quando ele foi sepultado ali, José colocou à entrada do túmulo uma pedra que nem vinte homens eram capazes de remover". Percebe-se o significado da observação feita pelo Dr. Thorburn quando se leva em conta as regras de transcrição de manuscritos. O costume era que, se um copista desejasse enfatizar sua própria interpretação, iria escrever seu pensamento na margem e não dentro do próprio texto. Pode-se concluir, então, que aquela interpolação no texto foi copiada de um texto ainda mais próximo da época de Cristo, talvez de um manuscrito do primeiro século. É possível, então, que a frase tenha sido registrada por uma testemunha ocular que ficou impressionada com a enormidade da pedra que foi posta à entrada do túmulo de Jesus. Gilbert West, da Universidade de Oxford, também assinala a importância desse trecho do Códice Bezae na sua obra *Observations on the History and Evidences of the Resurrection of Jesus Christ* (Comentários sobre a História e as Provas da Ressurreição de Jesus Cristo; pp. 37, 38). 68/1, 2

O professor Samuel Chandler diz: "Neste detalhe todas as Testemunhas concordam que, quando as mulheres vieram, *encontraram a pedra rolada* ou removida. As mulheres não tinham condições de fazê-lo, pois a pedra *era grande demais* para que a movessem". 8/33

O professor Edersheim, o judeu-cristão que é uma fonte de informações excepcionalmente boa no que diz respeito ao fundo histórico da época do Novo Testamento, faz o seguinte relato sobre o sepultamento de Jesus: "E assim eles o colocaram no nicho do túmulo novo escavado na rocha. E, ao irem embora, conforme o costume, rolaram uma 'grande pedra' — chamada *golei* — fechando a entrada do túmulo, e, provavelmente, servindo de apoio a essa pedra maior, colocaram uma de menor tamanho, que era chamada *dopheg*. É possível que tenha sido onde uma pedra se encostava na outra que, no dia seguinte, embora fosse sábado, as autoridades judaicas tenham colocado o selo, de modo que o menor movimento de uma das duas pedras se tornasse visível". 15/618

Diz o professor Frank Morison, ao comentar sobre a visita de Maria e suas amigas ao túmulo de Jesus,

naquela manhãzinha de domingo: "A questão de como elas iriam remover essa pedra logicamente deve ter sido uma fonte de considerável preocupação para as mulheres. Pelo menos duas delas haviam assistido ao enterro e tinham uma idéia aproximada de como as coisas estavam. A pedra, da qual se sabe que era grande e bastante pesada, era a maior dificuldade para elas. Portanto, quando lemos na narrativa mais antiga, a do Evangelho de Marcos, a pergunta que fizeram, — 'Quem nos removerá a pedra da entrada do túmulo?' — dificilmente conseguimos deixar de sentir que essa preocupação das mulheres com a questão da pedra não é apenas o reflexo de um estado psicológico, mas um aspecto bem real em que tiveram de pensar até que chegaram ao túmulo". 46/76

Morison chama a pedra no túmulo de Jesus de "aquela testemunha silenciosa e infalível em todo o acontecimento — e existem determinados fatos sobre essa pedra que requerem uma análise e investigação bem cuidadosas". 46/147

"Começemos analisando o seu tamanho e sua forma provável... Sem dúvida... a pedra era grande e, conseqüentemente, bastante pesada. Esse fato é dito de modo explícito ou implícito por todos os escritores que mencionam a pedra. Marcos fala que ela era 'muito grande'. Mateus se refere a ela como sendo 'uma grande pedra'. Uma confirmação adicional desse detalhe é o relato da ansiedade experimentada pelas mulheres quanto à maneira como iriam remover a pedra. Se a pedra não fosse muito pesada, juntas as três mulheres teriam tido força suficiente para movê-la. Fica, portanto, bem claro para nós que aquela pedra era, no mínimo, pesada demais para as mulheres a removerem sem qualquer outra ajuda. Tudo isso tem claras implicações em toda essa questão..." 46/147

5C. O SELO

Mateus 27:66 afirma: "Indo eles, montaram guarda ao sepulcro, selando a pedra e deixando ali a escolta".

A. T. Robertson diz que o método utilizado para selar o túmulo de Jesus foi "...provavelmente uma corda esticada ao longo da pedra e selada em cada uma das pontas, como em Daniel 6:17 ('Foi trazida uma pedra que foi colocada sobre a boca da cova; selou-a o rei com o seu próprio anel, e com o dos seus grandes, para que nada se mudasse a respeito de Daniel.'). O selo foi colocado na presença dos guardas romanos, que ali foram deixados com a responsabilidade de proteger esse selo, símbolo da autoridade e do poder de Roma. Fizeram o melhor possível para evitar o roubo do corpo e a ressurreição (Bruce), mas foram incapazes de fazê-lo, pois estava fora do seu alcance, e forneceram testemunho adicional sobre o túmulo vazio e a ressurreição de Jesus (Plummer)". 53/239

A. B. Bruce notou que "a cláusula participial (selando a pedra) é um parêntesis que indica uma precaução adicional, a de selar a pedra, com uma linha ao redor da pedra, selada no túmulo em ambas as pontas. Aqueles homens valorosos fizeram o melhor para evitar o roubo — e a ressurreição!" 6/335

Henry Sumner Maine, "...membro do Conselho Supremo da Índia, ex-consultor de Jurisprudência e Direito Civil do Middle Temple, uma das ordens de advogados da Grã-Bretanha, e ex-professor de Direito Civil na Universidade de Cambridge" se manifesta sobre a autoridade legal que estava relacionada com o selo romano. Ele assinala que o selo era realmente "um meio de confirmar a autoridade romana". 37/203

Na área do Direito, Maine prossegue: "É possível observar que os selos dos Testamentos Romanos e de outros documentos importantes não apenas serviam como sinal da presença invisível ou da aquiescência do signatário, mas também eram literalmente fechados que tinham de ser quebrados antes que se pudesse proceder à leitura". 39/203, 204

De modo análogo, analisando a proteção dada ao túmulo de Jesus, o selo romano ali apostado tinha o propósito de evitar qualquer ato de vandalismo contra o sepulcro. Quem quer que tentasse mover a pedra da entrada do túmulo iria quebrar o selo e, assim, incorreria na ira da lei romana.

O professor Henry Alford diz: "A selagem se fazia através de uma corda ou cordel posto ao redor da pedra que ficava à entrada do sepulcro, e preso à rocha em ambas as pontas pela argila de selagem". 1/301

Marvin Vincent comenta: "A idéia geral é que eles selaram a pedra na presença dos guardas e, então, deixaram-nos vigiando. Era importante que os guardas testemunhassem o instante da selagem. Esta se fazia esticando--se uma corda junto à pedra e prendendo-a na rocha, nas duas pontas, com a ajuda de argila de selagem. Ou, caso a pedra à entrada do túmulo estivesse apoiada por uma viga, esta última era selada à rocha". 70/147

O professor D. D. Shedon diz: "Dessa forma, era impossível abrir a porta sem quebrar o selo; o que

constituía um crime contra a autoridade do proprietário do selo. A guarda foi ali colocada para evitar um golpe por parte dos discípulos, e o selo, para evitar que a guarda cooperasse secretamente com os discípulos. Semelhantemente isto ocorre em Daniel 6:17: 'Foi trazida uma pedra e posta sobre a boca da cova; selou-a o rei com o seu próprio anel, e com o dos seus grandes'. "72/343

João Crisóstomo, arcebispo de Constantinopla no século quarto, registra os seguintes comentários sobre as medidas de segurança tomadas junto ao túmulo de Jesus: "De qualquer modo, repare como estas palavras dão testemunho de cada um desses fatos. Eles mesmos disseram: 'Lembramo-nos de que aquele embusteiro, enquanto vivia, disse (portanto, Ele já estava morto): Depois de três dias ressuscitarei. Ordena, pois, que o sepulcro seja guardado com segurança' (portanto, Ele já estava sepultado) 'para não suceder que, vindo os discípulos, o roubem'. O raciocínio era: se o sepulcro estiver selado, não ocorrerá qualquer negócio excuso. Pois logicamente não deveria ocorrer. De modo, então, que a prova da Sua ressurreição tornou-se indiscutível devido ao que vocês mesmos sugeriram. Pois, estando o sepulcro selado, não houve qualquer negócio excuso. Mas se não ocorreu qualquer negócio excuso e o sepulcro foi encontrado vazio, então fica patente, sendo algo indiscutível, que ele ressuscitou. Percebe você como até contra a própria vontade eles ajudam a demonstrar a verdade?" 9/525

6C. A GUARDA JUNTO AO TÚMULO

1D. Mateus 27:62-66 diz: "No dia seguinte, que é o dia depois da preparação, reuniram-se os principais sacerdotes e os fariseus e, dirigindo-se a Pilatos, disseram-lhe: Senhor, lembramo-nos do que aquele embusteiro, enquanto vivia, disse: Depois de três dias ressuscitarei. Ordena, pois, que o sepulcro seja guardado com segurança até ao terceiro dia, para não suceder que, vindo os discípulos, o roubem, e depois digam ao povo: Ressuscitou dos mortos; e será o último embuste pior que o primeiro. Disse-lhes Pilatos: Aí tendes uma escolta; ide e guardai o sepulcro como bem vos parecer. Indo eles, montaram guarda ao sepulcro, selando a pedra e deixando ali a escolta".

Ao comentar sobre essa passagem, *Albert Roper*, em *Did Jesus Rise from the Dead?* (Jesus Ressuscitou dos Mortos?), faz as seguintes observações: "Tendo à frente Anás e Caifás, sumos sacerdotes, uma comissão de líderes judeus procurou Pilatos para solicitar que o túmulo onde Jesus estava sepultado fosse selado e para que uma guarda romana fosse posta ali ao lado. Justificaram o pedido falando do receio de que os amigos de Jesus viessem sorrateiramente à noite e roubassem Seu corpo a fim de fazer parecer que tinha havido uma ressurreição".

"A esse pedido o complacente Pilatos respondeu: Aí tendes uma escolta; ide e guardai o sepulcro como bem vos parece. E eles foram, seguidos por uma guarda de soldados romanos, composta de dez a trinta soldados, os quais, sob a orientação dos judeus, selaram o túmulo de José de Arimatéia com os Selos Imperiais de Roma, também imprimindo em cera o sinete oficial do próprio procurador romano, sendo que constituía um crime muito sério o simples ato de obliterar ou destruir esse selo. Assim, sem o saber, esses zelosos inimigos de Jesus com antecedência lançaram um desafio irrespondível à explicação que posteriormente dariam sobre a ressurreição — uma explicação que, pela própria natureza das coisas, não explicou e, logicamente, não poderia explicar" a ressurreição. 54/23, 24

O *professor Albert Roper* prossegue: "No comando da guarda estava um centurião designado por Pilatos, presumivelmente alguém em quem ele depositava toda confiança, centurião cujo nome, de acordo com a tradição, era Petrônio".

"Portanto, é razoável presumir que havia motivos para confiar que esses representantes do Imperador cumpririam o dever de guardar o túmulo de modo tão rigoroso e fiel como haviam executado a crucificação. Não possuíam o menor interesse na tarefa a que foram designados. Seu único propósito e obrigação era cumprir estritamente o seu dever de soldados do império romano, ao qual haviam dedicado sua lealdade. O selo romano aposto na pedra, ali no túmulo de José, era para eles bem mais sagrado do que toda a filosofia de Israel ou a santidade das antigas crenças do povo de Deus. Soldados com suficiente sangue frio para sortear a capa de uma vítima agonizante não são o tipo de gente que seria enganada por tímidos galileus ou que arriscaria o pescoço por dormir no posto". 54/33

2D. Tem havido bastante debate sobre a expressão encontrada em Mateus 27:65: "Aí tendes uma escolta." A questão é se essa expressão se refere à "polícia do templo" ou a uma "escolta romana".

O *professor Alford* diz que se pode traduzir a frase de duas maneiras: "(1), com o verbo no modo

indicativo, *tendes*, mas aí surge a questão: *que escolta* eles tiveram? e se já tinham uma, por que ir até Pilatos? Talvez devamos interpretar como sendo algum destacamento posto à disposição deles durante a festa — mas parece que não existe qualquer registro de tal prática... (2)... com o verbo no imperativo... com o que o sentido... seria: *tomai um grupo de homens para servir de guarda*". 1/301

E. Le Camus diz: "Alguns acreditam que Pilatos aqui se refere aos servidores do templo, os quais os sumos sacerdotes tinham a seu serviço e que eles podiam, com vantagem, empregar na guarda de um túmulo. Seria mais fácil explicar o suborno destes últimos do que o suborno de soldados romanos, induzindo-os a dizer que haviam dormido enquanto deveriam estar vigiando. No entanto, a palavra... (*koustodiaj*, de origem latina, parece indicar uma escolta *romana*, e a menção do governador... (São Mateus 28:14) deve fazer com que esta interpretação prevaleça". 34/392

A. T. Robertson, o renomado erudito da língua grega, diz que na expressão "*echete koustodian* o verbo está no presente do imperativo ('tomai uma escolta') e se refere a uma escolta de soldados romanos, e não a simples guardas do templo". 53/239

Além disso, Robertson observa que "a palavra latina *koustodia* aparece num papiro de 22 A.D." 53/239

O professor T. J. Thorburn comenta: "Geralmente se crê que Mateus, ao mencionar a escolta, quis se referir a uma escolta de soldados *romanos*... No entanto, os sacerdotes dispunham de uma guarda judaica para o templo, que provavelmente não teria permissão dos romanos para desempenhar quaisquer tarefas fora da área do templo. Pode-se entender, portanto, a resposta de Pilatos em qualquer um dos dois sentidos: ou 'tomai uma escolta' ou 'vós tendes uma escolta' (uma forma polida de rejeitar o pedido, caso este fosse um pedido de soldados romanos). Caso a escolta tenha sido judaica, isso explicaria o fato de que Pilatos não fez caso da negligência. O versículo 14 ('Caso isto chegue ao conhecimento do governador, nós o persuadiremos, e vos poremos em segurança.'), contudo, parece ir contra essa idéia..." 68/179-182

A. B. Bruce diz o seguinte sobre a expressão "vós tendes": "... provavelmente é o modo imperativo, não o indicativo — apanhai as vossas sentinelas, a aquiescência imediata de alguém que acredita que provavelmente não haverá necessidade da escolta, mas que não faz objeções para poder satisfazer o desejo deles numa questão sem importância". 6/335

Arndt e Gingrich (*A Greek-English Lexicon of the New Testament* - Léxico Grego-Ingês do Novo Testamento. University of Chicago Press, 1952) a definem (*koustodia*) como sendo "uma *escolta* composta de soldados" (Mateus 27:66; 28:11)... '■' *tornai uma escolta*" 27:65. 5/448

O professor Harold Smith, no livro *A Dictionary of Christ and the Gospels* (Dicionário de Cristo e dos Evangelhos) fornece as seguintes informações sobre a escolta romana: "ESCOLTA ou GUARDA - Tradução da palavra grega *koustodia*, proveniente do latim *custodia*, Mateus 27:65, 66; 28:11. Os principais sacerdotes e fariseus obtiveram de Pilatos uma escolta para guardar o sepulcro. A necessidade da autorização de Pilatos e o risco de punição aplicada por ele (Mateus 28:14) mostra que essa escolta deve ter se consistido não de guardas judeus do templo, mas de soldados da corte romana em Jerusalém; é possível, embora improvável, que tenham sido os mesmos soldados que haviam guardado a cruz... (Em Mateus 27:65 o verbo) está provavelmente no imperativo: 'tomai uma escolta". 25/694

O dicionário de Latim de Lewis e Short registra o seguinte verbete: "*Custodia*, ae. substantivo feminino — *vigilância, vigília, guarda, cuidado, proteção*. 1. Geralmente no plural e em linguagem militar: *peças que servem de guardas, escolta, vigia, sentinela*". 36/504, 505

O contexto parece confirmar a idéia de que foi uma "escolta romana" a que foi empregada para proteger o túmulo de Jesus. Se Pilatos, para se ver livre deles, lhes tivesse dito que usassem os "guardas do templo", então estes seriam responsáveis perante os principais sacerdotes e não perante Pilatos. Todavia, caso Pilatos lhes tenha entregado uma "escolta romana" para guardar o túmulo, então essa escolta seria responsável perante Pilatos e não perante os principais sacerdotes. A chave para elucidar a questão encontra-se nos versículos 11 e 14 do capítulo 28.

O versículo 11 diz que os guardas vieram e relataram o ocorrido aos principais sacerdotes. À primeira vista parece que eles eram responsáveis perante os principais sacerdotes. Mas, se alguns dos guardas tivessem contado o caso a Pilatos, seriam mortos imediatamente, conforme será explicado logo abaixo. O versículo 14 confirma que era uma escolta romana, diretamente subordinada a Pilatos.

"Caso isto chegue ao conhecimento do governador, nós o persuadiremos, e vos poremos em segurança." Se eles eram guardas do templo, por que se preocupar com a possibilidade de Pilatos ouvir a respeito? Não há qualquer indício de que Pilatos tivesse jurisdição sobre os guardas do templo. Creio que

o que ocorreu foi o seguinte: Eles formavam uma "escolta romana" a quem Pilatos dera instruções para guardar o túmulo, a fim de agradar toda a hierarquia religiosa judaica e de manter bom relacionamento com ela. Com bastante tato os principais sacerdotes solicitaram uma "escolta romana" (Mateus 27:64): "Ordena, pois, que o sepulcro seja guardado com segurança..."

Se os sacerdotes tivessem desejado colocar guardas do templo junto ao túmulo, não teria havido necessidade de que o governador tratasse disso. E tendo acontecido a ressurreição, os soldados romanos vieram até aos principais sacerdotes em busca de proteção, pois sabiam que os sacerdotes poderiam influenciar Pilatos e evitar que fossem executados: "... nós o persuadiremos (isto é, ao governador Pilatos), e vos poremos em segurança" (Mateus 28:14b).

3D. *A disciplina militar dos romanos*

George Currie, falando acerca da disciplina dos soldados romanos, diz: "O castigo para quem abandonasse o posto era a morte, conforme determinavam as leis (Dion. Hal., *Antiq. Rom.*, 8.79). O mais famoso discurso sobre a rigidez da disciplina militar é aquele de Políbio (6.37-38), que menciona que o medo de punições fazia com que os soldados dedicassem total atenção ao dever, especialmente nas vigílias da noite. Esse texto carregava consigo a autoridade de alguém que estava descrevendo o que tivera oportunidade de ver com os próprios olhos. Em geral suas afirmações são citadas por outros autores". 12/41-43

Citando Políbio, o professor Currie diz: "Passar por um corredor de soldados munidos de porretes... é citado como um castigo para faltas cometidas durante as vigílias noturnas, roubo, falso testemunho e ferimentos infligidos no próprio corpo; também se menciona a dizimação como castigo para a deserção motivada por covardia". 12/43,44

Currie prossegue: "Vegécio fala da atenção que o comandante da legião dedicava diariamente à rígida disciplina (*Instituições Militares*, 11.9). E Vegécio deixa bem claro (*Instituições Militares*, 1.21) que os romanos de períodos anteriores (da época de Cristo) exerciam uma disciplina mais rígida do que em sua própria época". 12/43,44

Ao falar acerca dos comentários de Vegécio sobre o exército romano, Currie diz: "O sistema que ele descreveu prescrevia as mais severas punições. O toque de atacar era o toque que a trombeta soava para anunciar uma execução (11.22). O comandante da legião tinha o dever de, diariamente, manter a mais estrita disciplina das tropas (11.9)". 12/49, 50

Currie destaca: "Dentre os vários castigos previstos na Consolidação (de Justiniano) (49.16), dezoito faltas cometidas por soldados são passíveis de morte. A saber: o espião que ficar com o inimigo (-3.4), desertar (-3.11; -5.1-3), perder ou abandonar a sua própria arma (-3.13), desobedecer em tempo de guerra (-3.15), fugir do acampamento (-3.17), principiar uma insurreição (-3.19), recusar proteger um oficial ou abandonar o seu próprio posto (-3.22), sendo convocado, se esconder do serviço militar (-4.2), assassinar (-4.5), atacar um superior ou insultar um general (-6.1), empreender uma retirada quando o exemplo influenciaria os outros (-6.3), revelar os planos ao inimigo (-6.4; -7), ferir um camarada de armas com uma espada (-6.6), incapacitar-se a si mesmo ou tentar suicídio sem motivo razoável (-6.7), abandonar a vigília noturna (-10.1), quebrar o barrete do centurião ou beber nele enquanto é punido (13.4), fugir da casa da guarda (-13.5) e perturbar a paz (-16.1)". 12/49, 50

O professor Currie documenta os seguintes exemplos, extraídos dos anais da história militar romana, que refletem o tipo de medidas disciplinares empregadas no exército romano: "Em 418 um soldado que carregava o estandarte não conseguia manter o passo, pelo que o general o matou com as próprias mãos; em 390 um soldado que dormiu em serviço foi atirado do cume do Capitólio (Consolidação, 49.16.3.6; 110.1); em 252 um soldado foi espancado e rebaixado de posto por negligência; em 218 há um caso de punição por negligência; em 195 um soldado que não conseguia manter o passo foi golpeado com uma arma... Os tipos de punição acima mencionados certamente justificam o uso do adjetivo 'severo' em relação a eles". 12/33

Currie comenta ainda mais: "Uma vez que, dentre 102 casos em que se menciona a punição, a pena de morte foi aplicada em 40, fica claro que as punições no exército romano eram mais severas em relação às dos exércitos modernos". Currie se refere ao exército romano como "um instrumento de conquista e dominação" e, concernente à rígida disciplina, ele escreve: "Valério Máximo... cita a fiel observância da disciplina e doutrina militares (11.8 introdução; 11.9 introdução) (como sendo a razão básica para) as

amplas conquistas e o vasto poder de Roma". 12/33, 38, 43,44

T. G. Tucker apresenta uma marcante descrição do armamento que um soldado romano costumava carregar: "Na mão direita ele costuma carregar a famosa lança romana. É uma arma resistente, com mais de um metro e oitenta centímetros de comprimento, feita com uma afiada cabeça de ferro afixada numa vara de madeira, a qual o soldado pode usar como uma baioneta ou atirar como um dardo e, então, lutar frente a frente com a espada. No braço esquerdo está um largo escudo, que pode ter vários formatos diferentes. Um formato comum é o escudo curvado nas extremidades para o lado de dentro, tal como a seção de um cilindro de cerca de um metro e vinte centímetros de altura por uns setenta e cinco centímetros de largura. Outro formato é o hexagonal — com um desenho em forma de diamante, mas com as pontas do diamante em ângulos retos. Às vezes é oval. É feito de vime ou de madeira, e coberto de couro e adornado com um brasão metálico, sendo que um brasão bastante conhecido é o de um raio. O escudo é carregado não apenas com a ajuda de uma alça, mas pode ser sustentado por um cinto que passa por cima do ombro direito. A fim de não atrapalhar o movimento do escudo, a espada — uma arma mais para furar do que para cortar, com quase noventa centímetros de comprimento - fica pendurada do lado direito num cinto que passa por sobre o ombro esquerdo. Embora essa colocação da espada possa parecer desajeitada, é preciso lembrar que a espada não é necessária até que a mão direita se veja livre da lança e que, então, antes de puxá-la, a arma possa facilmente passar para o lado esquerdo por meio do cinto que a segura. No lado esquerdo o soldado carrega um punhal preso ao cinto". 69/342-344

4D. *O que era uma escolta romana?*

Na obra *Dictionary of Greek and Roman Antiquities* (Dicionário sobre a Grécia e a Roma Antiga), o *professor William Smith* nos oferece alguma informação sobre o número de homens que compunha uma "escolta" romana. Segundo o dr. Smith, a manipula (uma subdivisão da legião romana), que tinha 120 ou 60 homens, "fornecia... para o tribuno a que fosse especialmente designada... duas escoltas... de quatro homens cada, que mantinham guarda, alguns defronte e outros detrás da tenda, entre os cavalos. Podemos assinalar, de passagem, que o número normal de soldados numa escolta romana era quatro... sendo que destes um sempre estava de sentinela, enquanto que os outros desfrutavam um certo descanso, prontos, no entanto, a se pôr em ação ao primeiro sinal de alerta". 61/250, 251

O *professor Harold Smith* relata: "Uma escolta era geralmente composta de quatro homens (Políbio, 6.33), cada um dos quais vigiava no seu turno enquanto os demais descansavam ao lado de modo a se porem em ação ao menor sinal; mas neste caso é possível que o número de guardas tenha sido maior". 25/694

Sobre uma escolta o *professor Whedon* diz: "Provavelmente era uma guarda composta de quatro soldados. Certamente esse era o número dos que vigiaram a crucificação. João 19:23..." 72/343

5D. *O que era a guarda do templo?*

O historiador judeu *Alfred Edersheim* nos fornece as seguintes informações sobre a "guarda do templo": "A noite, guardas eram colocados em vinte e quatro postos junto às portas e aos pátios. Desses postos, vinte e um eram ocupados apenas por levitas; os outros três postos, mais no interior do conjunto de edifícios, eram ocupados igualmente por sacerdotes e levitas. Cada guarda era constituída por dez homens, de modo que, ao todo, duzentos e quarenta levitas e trinta sacerdotes estavam de serviço todas as noites. Os guardas do templo eram substituídos durante o dia, mas não durante a noite. Esta os romanos dividiam em quatro vigílias, mas os judeus corretamente dividiam em três, sendo que a quarta vigília era, na verdade, a vigília da manhã". 16/147-149

The Mishnah (A Mishnah; traduzida para o inglês por Herbert Danby, Oxford University Press, 1933) diz o seguinte acerca da guarda do templo: "Os sacerdotes montavam guarda em três lugares do templo: na Câmara de Abtinias, na Câmara da Chama e na Câmara do Coração; e os levitas em vinte e um lugares: nas cinco portas que ficaram no muro externo do templo, nos quatro cantos internos desse, muro, nas cinco portas do Pátio do Templo, nas quatro esquinas do lado de fora do pátio, na Câmara das Oferendas, na Câmara da Cortina e atrás do lugar onde ficava o propiciatório". 44/Middoth

O *professor P. Henderson Aitken* registra o seguinte: "A responsabilidade desse 'comandante da guarda do templo' era manter a ordem no templo, fazer a ronda nos postos de guarda durante a noite, e verificar

que as sentinelas estivessem no seu devido lugar e alerta. Supõe-se que seja a ele e a seus subordinados imediatos que se refira a palavra 'magistrados'... mencionada em Esdras 9:2 e Neemias..." 25/271

6D. A disciplina militar da guarda do templo

Alfred Edersheim apresenta a seguinte descrição acerca da rígida disciplina em que trabalhava a guarda do templo: "Durante a noite 'o comandante do templo' fazia suas rondas. Ao aproximar-se, os guardas deviam ficar em posição de sentido e saudá-lo de uma determinada maneira. Qualquer guarda que fosse encontrado dormindo enquanto estava de serviço era espancado ou então tinha suas roupas incendiadas como punição algo que, como sabemos, de fato era aplicado. Daí a advertência a nós que, por assim dizer, estamos aqui como guardas do templo: 'Bem-aventurado aquele que vigia e guarda as suas vestes' (Apocalipse 16:15)". 16/147-149

A *Mishnah* mostra o tratamento dado a quem quer que fosse encontrado dormindo durante a vigília:

"O oficial da guarda do templo costumava fazer a ronda em cada vigília, tendo atrás de si tochas acesas, e, caso qualquer sentinela não se pusesse em posição de sentido e lhe dissesse: 'Ó oficial da guarda do templo, paz seja contigo!', e ficasse claro que ele estava dormindo, o oficial nele bateria com seu barrete e também tinha o direito de queimar as vestes da sentinela. E alguém perguntaria: 'Que barulho é esse no pátio do templo?' 'É o barulho de algum levita que está apanhando e de suas vestes queimadas porque dormiu durante a hora da sua vigília.' O rabino Eliezer ben Jacob contou: 'Certa vez encontraram o irmão de minha mãe dormindo e puseram fogo em suas vestes'". 44/Middoth

The Jewish Encyclopedia (A Enciclopédia Judaica) comenta a respeito das "instalações dentro (do templo)", que aqueles que ali estavam de guarda "não tinham permissão para sentar e muito menos para dormir. O comandante da guarda verificava se todos estavam alerta, castigando o sacerdote que encontrasse dormindo no seu posto e, às vezes, até queimando a blusa que a sentinela vestia, para servir de advertência aos outros (Mid. K. 1)". 31/81

7D. Conclusão

Com referência às rígidas medidas de segurança tomadas junto ao túmulo de Jesus, *E. Le Camus* diz: "Jamais se teve tanta preocupação com um criminoso após sua execução. Acima de tudo, jamais um homem crucificado teve a honra de ser guardado por um pelotão de soldados". 34/396, 397

O professor *G. W. Clark* conclui: "De modo que tudo aquilo que estava ao alcance da habilidade e do cuidado humanos foi feito para evitar uma Ressurreição, a qual estas mesmas precauções diretamente tenderam a apontar e confirmar". 10/Mateus 27:35

7C. OS DISCÍPULOS SEGUIRAM SEU PRÓPRIO CAMINHO

No seu Evangelho, Mateus nos mostra a covardia dos discípulos (26: 56). Jesus havia sido preso no jardim do Getsêmani e "então os discípulos todos, deixando-o, fugiram".

Marcos, por sua vez, diz (14:50): "Então, deixando-o todos fugiram".

O professor *George Hanson* comenta: "É natural que eles não estivessem muito corajosos nem com a mente muito aberta. Da maneira mais covarde possível, quando seu Mestre foi preso, eles O abandonaram e fugiram, deixando-O a enfrentar sozinho o Seu destino". 22/24-26

O professor *Albert Roper* menciona o fato de Simão Pedro "se encolher de medo diante da provocação de uma criada no pátio dos sumos sacerdotes e negar, com impropérios, que ele conhecesse 'esse homem de quem falais'". 54/50

Ele afirma que "o medo, o desprezível medo por sua própria segurança pessoal, levou Pedro a rejeitar o Homem que ele verdadeiramente amava. O medo e a covardia, fez com que Pedro não fosse fiel Aquele que o chamara de suas redes para se tornar um pescador de homens". 54/52

Acerca do caráter dos discípulos, Roper comenta: "Eram galileus, em sua maior parte oriundos do meio dos pescadores, todos eles mais ou menos desacostumados com as cidades grandes e com o estilo de vida urbana. Um após outro, eles haviam se tornado seguidores do jovem Mestre de Nazaré e se consagrado ao Seu estilo de vida. Haviam-nO seguido com alegria e respeito até que chegou a hora da crise. Quando Ele foi preso nas cercanias do Jardim do Getsêmani, todos fugiram, assustados com o

clarão das tochas, o vozerio e o barulho das espadas".

"Esconderam-se no local onde estavam hospedados, e nada se ouviu deles até que, na manhã do terceiro dia, a surpreendente notícia chega até eles por boca de Maria Madalena. Diante disso, dois — apenas dois — têm a coragem de se arriscar a sair para verificar por si mesmos se a notícia que Maria lhes contara era exatamente como ela dissera ou se era, conforme eles mesmos acreditavam, um 'delírio'. A conduta toda dos discípulos revela um medo enorme e miserável, e uma preocupação com a preservação da própria vida". 54/34, 35

Alfred Edersheim indaga: "O que será que José de Arimatéia, Nicodemos e os outros discípulos de Jesus, bem como os apóstolos e as mulheres piedosas estavam pensando acerca do Cristo morto?" 15/623

A essa pergunta ele responde: "Criam que Ele estava morto e não esperavam que Ele ressurgisse dentre os mortos — pelo menos não no sentido que atribuímos à palavra. Quanto a isso existe uma abundância de provas, desde o momento da Sua morte, a saber: as especiarias fúnebres trazidas por Nicodemos, aquelas preparadas pelas mulheres (sendo que nos dois casos o objetivo das especiarias era retardar a decomposição), a tristeza das mulheres junto ao túmulo vazio, a suposição delas de que o Corpo fora removido, a perplexidade e o comportamento dos apóstolos, as dúvidas de tantos, e até mesmo na declaração explícita: 'Pois ainda não tinham compreendido a Escritura, que era necessário ressuscitar ele dentre os mortos' (João 20.9)." 15/623

2B. O Cenário após a Ressurreição

1C. O TÚMULO VAZIO

W. J. Sparrow-Simpson assinala que por si mesmo o túmulo vazio não fez os discípulos crerem. Quanto a João, a Bíblia diz que ele "viu e creu" (João 20:8). Isto, contudo, provavelmente se deve a que ele tenha se lembrado que Cristo predisse Sua ressurreição. Nem Maria, nem as mulheres, nem mesmo Pedro creram devido ao testemunho do túmulo vazio. 25/506

Foram as aparições de Cristo após a ressurreição que deram a Seus seguidores a certeza de que Ele de fato ressuscitara. O túmulo vazio ali estava como um fato histórico, confirmando que as aparições eram nada menos do que Jesus de Nazaré, ressurreto em carne e osso. 25/506

J. N. D. Anderson, advogado e professor de Direito Oriental na Universidade de Londres, indaga: "Você já reparou que todas as menções ao túmulo vazio ocorrem nos Evangelhos, os quais foram escritos para apresentar à comunidade cristã os fatos que ela desejava conhecer? Conforme vemos registrado no livro de Atos dos Apóstolos, na pregação pública dirigida àqueles que ainda não criam, dá-se grande ênfase ao fato da ressurreição, mas não existe uma só menção ao túmulo vazio. E por que isso? Acredito haver uma única resposta: não havia necessidade de discutir sobre o túmulo vazio. Todo mundo, amigos e oponentes, sabia que estava vazio. As únicas perguntas dignas de tratamento eram por que o túmulo estava vazio e o que isso provava". 3/4-9

Em outro livro *Anderson* diz: "O túmulo vazio, feito de rocha de verdade, constitui um elemento essencial nas provas em favor da ressurreição. Insinuar, como alguns tem feito, que na realidade o túmulo não estava vazio, parece-me algo ridículo. É um fato histórico que desde o início, embora o ambiente fosse hostil, os apóstolos fizeram muitos convertidos em Jerusalém ao proclamar a notícia animadora de que Cristo ressurgira do túmulo — e isso eles proclamaram à distância de uma pequena caminhada do túmulo. Qualquer um de seus ouvintes poderia visitar o túmulo na hora do almoço e estar de volta pouco depois. Será, então, admissível que os apóstolos tivessem tido esse sucesso, caso o corpo daquele que eles proclamavam como o Senhor ressurreto estivesse durante todo esse tempo se decompondo no túmulo de José? Será que um grande grupo de sacerdotes e muitos fariseus obstinados teriam ficado impressionados com a proclamação de uma ressurreição que na verdade não era ressurreição alguma, mas uma simples mensagem de sobrevivência espiritual, apresentada nos termos nada esclarecedores de uma ressurreição literal?" 2/95, 96

Paul Althus, citado por *Wolfgang Pannenberg*, diz: "'Em Jerusalém, cidade em que Jesus foi executado e sepultado, não muito depois de sua morte proclamava-se que ele havia ressuscitado. A situação exige que, dentro do círculo da primeira comunidade de cristãos, alguém tivesse um testemunho confiável de que o túmulo fora encontrado vazio'. O Kerygma (proclamação) da ressurreição 'logicamente não teria se mantido em pé um único dia, nem uma única hora, em Jerusalém, caso, para todas as pessoas interessadas

no assunto, o fato de o túmulo estar vazio não se confirmasse'." 50/100

O professor *E. H. Day* comenta: "Se alguém afirmar que na verdade ninguém encontrou o túmulo vazio, a crítica se defrontará com algumas dificuldades. Ela terá de explicar, por exemplo, o problema da rápida propagação de uma tradição bem específica, que nunca foi questionada seriamente, o problema da natureza circunstancial das narrativas em que a tradição chega até nós, o problema do fracasso dos judeus em provar que a Ressurreição não havia ocorrido, o que poderia ser feito apresentando o cadáver de Jesus ou fazendo um exame oficial no sepulcro, uma prova em que eles tinham o maior interesse em apresentar". 15/25, 26

O advogado inglês *Frank Morison* comenta: "Em parte alguma de todos os fragmentos e reflexos dessa antiga controvérsia que chegou até nós, ficamos sabendo de que alguma pessoa responsável tenha afirmado que o corpo de Jesus ainda jazia no túmulo. Permeando todos esses antigos documentos está a constante pressuposição de que o túmulo de Cristo estava vazio".

"Podemos fugir diante dessas provas cumulativas que mutuamente se confirmam? Pessoalmente creio que não. A seqüência de coincidências é grande demais". 46/115

Michael Green cita uma fonte secular de origem bem antiga, a qual dá testemunho do túmulo vazio de Jesus. Essa prova "... é denominada Inscrição de Nazaré, por causa da cidade onde foi encontrada. É um edito imperial, proclamado ou no reinado de Tibério (14-37 A.D.) ou no de Cláudio (41-54 A. D.). É uma invectiva, acompanhada da ameaça de duras sanções, contra violação de túmulos e sepulturas! Tem-se a forte impressão de que a notícia do túmulo vazio havia chegado a Roma numa versão distorcida (Pilatos provavelmente teve de enviar um relatório, e obviamente deve ter dito que o túmulo fora saqueado). Ao que parece, esse edito é a reação imperial". 19/36

A conclusão de Green é: "Não pode haver dúvida de que o túmulo de Jesus estava realmente vazio no primeiro domingo de Páscoa". 19/36

Mateus 28:11-15 registra a tentativa das autoridades judaicas de subornar os guardas romanos para que dissessem que os discípulos haviam roubado o corpo de Jesus. *The Dictionary of the Apostolic Church* (O Dicionário da Igreja Apostólica) comenta: "Essa tentativa é decorrente do reconhecimento pelos inimigos do cristianismo de que o túmulo estava vazio — um reconhecimento que, em si, já é suficiente para mostrar que a prova de que o túmulo estava vazio era 'notória demais para se negar'". 24/340

W. J. Sparrow-Simpson escreve: "O fato de o túmulo estar vazio é algo reconhecido pelos *adversários* da mesma forma como é proclamado pelos discípulos. A história divulgada pelos guardas é uma tentativa de explicar o fato como sendo um golpe dado pelos discípulos (Mateus 28:11-15). 'Mas essa acusação dos judeus contra os apóstolos baseia-se em que o túmulo estava vazio. O que se precisava era uma explicação'. ...Essa admissão por parte dos judeus de que o túmulo estava vazio é repetida em todos os comentários subseqüentes feitos pelos judeus sobre o assunto". 25/507, 508

Sparrow-Simpson confirma essa repetição ao citar como exemplo "uma versão do século doze sobre o túmulo vazio, que foi divulgada pelos judeus para refutar a fé cristã. A história é de que quando a rainha soube que os anciões haviam matado Jesus e O haviam sepultado e de que Ele havia ressuscitado, ela ordenou que, no prazo de três dias, apresentassem o corpo de Jesus, ou então perderiam as suas vidas. 'Então Judas falou: Vinde e vos mostrarei o homem a quem buscais, pois fui eu quem tirou o bastardo do túmulo. Pois receei que os seus discípulos roubassem o corpo, e então o escondi no meu jardim e fiz um pequeno veio d'água passar por cima do lugar'. E assim essa história explica como os anciões conseguiram apresentar o corpo". 25/507, 508

Sparrow-Simpson conclui: "Não é necessário assinalar que essa surpreendente declaração sobre a apresentação do corpo de Jesus é uma invenção medieval. Todavia, é uma declaração bastante necessária para explicar os fatos, uma vez que se reconhecia que o túmulo estava vazio, mas ao mesmo tempo negava-se a Ressurreição". 25/507, 508

Ernest Kevan cita como prova aquilo que descreve como "... o fato inquestionável do túmulo vazio. O túmulo estava vazio, e os inimigos de Cristo não tiveram como negá-lo". 32/14

Ele assevera: "... O fato do túmulo vazio representa um golpe mortal em todas as hipóteses que se formulam contra o testemunho cristão. Essa é a pedra em que tropeçam todas as teorias enganosamente atraentes, e, portanto não é surpreendente descobrir que muitos dos argumentos contra a ressurreição evitam calculadamente a menção ao túmulo vazio". 32/14

W. J. Sparrow-Simpson, ao citar *Julius Wellhausen*, o famoso erudito alemão, conhecido por seu trabalho de alta crítica do Antigo Testamento, dá este testemunho a respeito da ressurreição de Cristo:

"Admite-se que, ao ocorrer a ressurreição, o corpo de Jesus desapareceu do túmulo, e é impossível explicar esse fato com base em fatos naturais". 25/508

Por que o sepulcro de Jesus não se tornou um objeto de veneração?

J. N. D. Anderson comenta que "também é significativo que não tenhamos qualquer indício de que o túmulo se tornou um local de adoração ou de peregrinação nos dias da igreja primitiva. Mesmo que aqueles que eram cristãos convictos tenham evitado ficar visitando o sepulcro devido à convicção de que o seu Mestre ressuscitara, que dizer de todos aqueles que tinham ouvido Seus ensinamentos e até mesmo visto o milagre do Seu toque de cura e não se uniram à comunidade cristã? Eles também, ao que parece, sabiam que Seu corpo não estava lá e devem ter concluído que uma ida ao túmulo seria algo sem sentido". 2/97

No livro *Who Moved the Stone?* (Quem Moveu a Pedra?), *Frank Morrison* faz uma observação interessante: "Considere primeiramente o fato minúsculo, mas altamente significativo, de que em Atos dos Apóstolos, nas Epístolas Missionárias ou em qualquer documento apócrifo de data inquestionavelmente antiga não existe qualquer indício de que alguém tenha feito romaria ao túmulo de Jesus Cristo. É notável esse ininterrupto silêncio acerca do lugar mais sagrado para a memória cristã. Será que nenhuma mulher, para quem a aparência física de Jesus era uma reminiscência sagrada, chegou a desejar passar uns poucos instantes naquele lugar santo? Será que Pedro, João e André jamais sentiram o impulso de construir um santuário que guardasse os restos mortais do Grande Mestre? Será que o próprio Saulo, recordando-se de sua antiga arrogância e autoconfiança, não tenha feito uma visita solitária e não tenha derramado lágrimas de arrependimento por ter negado o Seu nome? Se essas pessoas soubessem que o Senhor estava realmente sepultado ali, é muito, muito estranho que não tenham procedido dessa forma". Tenho certeza de que, para um crítico da ressurreição, esse silêncio extraordinário da história antiga sobre o que posteriormente aconteceu ao túmulo de Jesus produz um sentimento de profunda inquietação e desassossego. 46/137

2C. OS PANOS DE SEPULTAMENTO

Na narrativa a seguir João mostra o significado dos panos de sepultamento como provas da ressurreição: "Saiu, pois, Pedro e o outro discípulo, e foram ao sepulcro. Ambos corriam juntos, mas o outro discípulo correu mais depressa do que Pedro e chegou primeiro ao sepulcro; e, abaixando-se, viu os lençóis de linho; todavia não entrou. Então Simão Pedro, seguindo-o, chegou e entrou no sepulcro. Ele também viu os lençóis e o lenço que estivera sobre a cabeça de Jesus, e que não estava com os lençóis, mas deixado num lugar à parte. Então entrou também o outro discípulo, que chegara primeiro ao sepulcro, e viu e creu. Pois ainda não tinham compreendido a Escritura, que era necessário ressuscitar ele dentre os mortos" (João 20:3-9).

Comentando a respeito da narrativa de João, *J. N. D. Anderson* diz o seguinte sobre o túmulo vazio: "...A impressão é de que não estava de fato vazio. Lembramo-nos do relato no Evangelho de João de como Maria Madalena correu e chamou Pedro e João, e de como os dois se dirigiram ao túmulo. João, mais novo, correu mais rápido do que Pedro e chegou primeiro ao túmulo. Ele se abaixou, deu uma 'espiada' por dentro (que, segundo creio, é o sentido literal no grego) e viu os panos de linho e o lenço que fora colocado sobre a cabeça. Então Simão Pedro chegou e, pela sua maneira característica de agir, foi entrando sem pensar, seguido por João; e eles notaram os panos de linho e o lenço, que não estava junto aos panos, mas, enrolado num lugar à parte. O texto grego parece sugerir que os panos de linho não estavam espalhados pelo túmulo, mas onde o corpo havia estado, e que não existia nada onde o pescoço de Cristo havia repousado — e que o lenço que esteve enrolado ao redor da Sua cabeça não estava junto com os panos de linho, mas separado e enrolado em seu próprio lugar, o que eu acredito significar que ele ainda estava na posição em que havia sido deixado, como se o corpo tivesse sumido. A Bíblia nos conta que, quando João viu isso, não precisou mais de testemunho, quer de homem ou de anjo; ele viu e creu, e seu testemunho tem chegado até nós". 3/7,8

Cirilo de Alexandria (376-444) sugere que, pela maneira como os panos de sepultamento jaziam enrolados, os apóstolos foram levados a crer na ressurreição (*Migne*, 7.683).

O professor *E. H. Day* fala da narrativa do Evangelho de João: "Toda ela é caracterizada pelo toque pessoal; tem todas as características das provas não apenas de uma testemunha ocular, mas de um observador cuidadoso... A corrida dos discípulos até o sepulcro, a ordem de sua chegada ao local e a ordem de entrada; o fato de que São João primeiramente se abaixou e, olhando por aquela passagem baixa, viu os panos de linho, enquanto São Pedro, mais ousado, foi o primeiro a entrar; a palavra... (*the-orei*) empregada

para descrever a observação cuidadosa que São Pedro faz dos panos de sepultamento (talvez esteja implícita até a idéia de um exame); a descrição da posição dos panos de linho e do lenço, uma descrição simples, mas bem cuidadosa na escolha das palavras; a entrada em seguida de São João e a fé que se seguiu à visão dos panos de sepultamento — tudo isso só pode ser a descrição feita por alguém que realmente viu, por alguém em cuja memória a cena é bem viva, por alguém para quem a visão do túmulo vazio e dos panos de sepultamento abandonados era um ponto crucial para a sua vida e para a sua fé". 13/16,17

John R. W. Stott faz os seguintes comentários: "É um fato notável que as narrativas que dizem que o corpo de Jesus se fora também nos contam que os panos de sepultamento ficaram. É João quem dá uma ênfase especial a esse fato, pois ele acompanhou Pedro naquela inesquecível corrida, bem de manhãzinha, até ao túmulo. O relato que faz do incidente (20:1-10) traz as marcas inconfundíveis da experiência de primeira mão. Ele ultrapassou Pedro, mas ao chegar ao túmulo não fez mais do que olhar para dentro, até que Pedro chegasse e entrasse. 'Então entrou também o outro discípulo, que chegara primeiro ao sepulcro, e viu e creu.' A pergunta é: o que ele viu que o fez crer? A narrativa sugere que não foi apenas a ausência do corpo, mas a presença dos panos de sepultamento e, de modo especial, o fato de não terem sido tocados".

"...João nos conta (19:38-42) que, enquanto José solicitava o corpo de Jesus a Pilatos, Nicodemos 'foi, levando cerca de cem libras de um composto de mina e aloés'. Então, juntos, 'tomaram... o corpo de Jesus e o envolveram em lençóis com os aromas, como é de uso entre os judeus na preparação para o sepulcro'. Em outras palavras, à medida que iam enrolando as 'bandagens' de linho ao redor do Seu corpo, iam também espalhando especiarias em pó entre as camadas".

"Vamos supor que tivéssemos estado no sepulcro no momento em que aconteceu a ressurreição de Jesus. O que deveríamos ter visto? ...De repente teríamos notado que o corpo havia desaparecido... Os panos, sob o peso de aproximadamente cem libras de especiarias, assim que o apoio representado pelo corpo tivesse sido removido, teriam perdido o volume e teriam vindo abaixo, estando agora murchos. Um vazio teria surgido entre os panos que enrolaram o corpo e o lenço da cabeça, onde seu rosto e sua nuca haviam estado. É bem possível que o próprio lenço, devido ao complicado sistema de enrolar, fazendo as faixas cruzarem entre si, ainda tenha retido seu formato côncavo, um turbante amassado, mas sem nenhuma cabeça dentro".

"Um estudo cuidadoso da narrativa de João sugere que foram apenas estes três detalhes das roupas de sepultamento abandonadas que ele viu. Primeiro, ele viu os panos 'deixados' (IBB). Duas vezes a palavra é repetida, sendo que na primeira vez, no texto grego, ela está numa posição enfática. Poderíamos traduzir: 'Ele viu, por estarem deixados (ou 'caídos'), os panos de linho'. Em segundo lugar, o lenço da cabeça 'não estava com os lençóis, mas... num lugar à parte'. É improvável que isso signifique que o lenço fora enrolado e jogado num canto. Ainda estava sobre a laje de pedra, mas separado dos panos que enrolaram o corpo por uma distância razoável. Terceiro, esse mesmo lenço fora 'deixado'. Essa última palavra tem sido traduzida por 'enrolado em espiral'. A tradução 'deixado' (RA) e apenas 'enrolado' (IBB) são traduções que não captam bem o sentido. A palavra é bem apropriada para descrever o formato arredondado que o lenço vazio ainda preservava."

"Não é difícil imaginar a cena que os olhos dos apóstolos viram ao chegar ao túmulo: a laje de pedra, os panos de sepultamento desmontados, a concha que era o lenço da cabeça e a distância que separava os panos do lenço. Não é de admirar que eles 'viram e creram'. Uma olhada nesses panos de sepultamento comprovava a realidade, e indicava a natureza da ressurreição. Eles não haviam sido tocados, nem dobrados nem manipulados por qualquer ser humano. Eram como a crisálida abandonada, da qual surgiu a borboleta".

"Que havia intenção de os panos de sepultamento estarem visíveis, como provas confirmadoras da ressurreição, é algo que também é sugerido pelo fato de que Maria Madalena (que havia retornado ao túmulo depois de levar a notícia a Pedro e a João) 'abaixou-se e olhou para dentro do túmulo, e viu dois anjos vestidos de branco, sentados onde o corpo de Jesus fora posto, um à cabeceira e outro aos pés'. Presumivelmente isso significa que eles se sentaram sobre a laje de pedra, tendo os panos de sepultamento entre si. Tanto Mateus quanto Marcos acrescentam que um deles disse: 'Ele não está aqui: ressuscitou, como havia dito. Vinde ver onde ele jazia'. Quer o leitor creia ou não em anjos, essas alusões ao lugar onde Jesus havia jazido, enfatizadas tanto pela posição como pelas palavras dos anjos, no mínimo confirmam que o entendimento dos evangelistas era este: a posição dos panos e a ausência do corpo são testemunhas que mutuamente confirmam a ressurreição de Cristo". 63/52-54

Henry Latham diz: "...A mim parece claro que o relato de João indica que uma transformação ocorreu nos dois apóstolos devida ao que viram..." Por quê? 31/45

Latham descreve o que os discípulos viram no túmulo de Jesus: "Na... saliência, sobre a parte mais baixa da laje, jaziam os panos de sepultamento. Não estavam desarrumados. Estavam exatamente como José e os outros haviam enrolado em volta do corpo do Senhor, apenas estavam murchos, uma camada sobre a outra, pois o corpo não estava mais ali. Na ponta mais distante, na parte mais elevada da laje, isolado, estava o lenço que estivera enrolado na cabeça; não estava murcho, mas um pouco em pé, mantendo a forma espiral que recebera ao ser enrolado em volta da cabeça do Senhor. Naquele lugar nada dava o menor indício de ter sido tocado por mãos humanas: o corpo havia sido envolvido em mirra e aloés em pó, mas não deixara nenhum sinal; as especiarias permaneciam dentro das camadas de 'panos', onde haviam sido colocadas quando o corpo foi posto na laje. É possível que o que a cena apresentava tenha alcançado os corações de Pedro e João; pelo menos podemos ver que, ao saírem, não se encontravam no mesmo estado emocional em que haviam chegado ao túmulo. Tenho a impressão de que o impacto do que viam gradualmente foi-lhes tomando conta, à medida que observavam atentamente o que viam, dando-lhes a certeza de que 'Deus estava naquele lugar'". 33/34

O professor Latham escreve sobre o lenço que cobriu a cabeça de Jesus: "As palavras 'não estava com os lençóis' sugerem-me algo... indiretamente me mostram que os panos de sepultamento, os lençóis, estavam todos num só lugar. Caso todos eles estivessem sobre a parte mais baixa da laje, conforme creio que aconteceu, a expressão é perfeitamente clara. No entanto, caso os panos estivessem espalhados, um aqui, outro ali, como se tivessem sido jogados rapidamente para o lado, não faria sentido dizer que o lenço 'não estava com os lençóis', pois os 'lençóis' não teriam especifica-^o qualquer lugar em particular. Novamente observamos a palavra 'deixa-os (IBB; no grego *keimena*, 'repousados'), que não é de modo algum necessária. O lenço não estava 'repousado' da mesma forma como os lençóis, e São João talvez esteja assinalando o contraste". 33/44

Latham prossegue: "...O lenço, que havia sido enrolado em volta da parte de cima da cabeça, deve ter ficado sobre... a parte mais elevada da laje. Ali deve ter sido encontrado 'enrolado num lugar à parte'". 33/36

Latham diz que a "palavra 'enrolado' é ambígua. Penso que o lenço torcido formasse um anel semelhante ao formato cilíndrico de um turbante frouxo, sem nada dentro". 33/36

O professor Latham conclui: "Ali jazem os panos - estão juntos, um pouco desmontados, mas ainda enrolados camada sobre camada e nenhuma parte das especiarias escapou de entre os panos. O lenço, de igual forma, está sobre o pequeno degrau que serve de travesseiro para a cabeça do cadáver. Está trançado como uma espécie de peruca e encontra-se num lugar à parte. O próprio silêncio da cena faz com que ela pareça ter algo a dizer. Ela falou àqueles que a viram, e fala-me quando eu a imagino, visualizando a luz matinal penetrando pela porta aberta".

"Descubro que ela diz o seguinte: "Tudo o que era Jesus de Nazaré sofreu uma transformação e se foi. Nós — os lençóis, as especiarias e o lenço — pertencemos à terra e aqui ficamos'". 33/11

3C. O SELO

O professor A. T. Robertson comenta: "A selagem foi feita na presença dos soldados romanos que foram incumbidos de proteger esse selo símbolo da autoridade e poder romanos". 53/239

D. D. Whedon diz: "De modo que era impossível abrir a porta sem quebrar o selo, o que constituía um crime contra a autoridade do proprietário do selo". 72/343

O selo foi partido quando se rolou a pedra. A pessoa ou pessoas responsáveis por romper o selo teriam de responder por isso perante o governador provincial e as autoridades a que eram subordinadas. Aliás, à época da ressurreição de Cristo todo mundo tinha muito receio de partir o selo romano.

4C. A ESCOLTA ROMANA

Mateus faz as seguintes observações:

"E eis que houve um grande terremoto; porque um anjo do Senhor desceu do céu, chegou-se, removeu a pedra e assentou-se sobre ela. O seu aspecto era como um relâmpago, e sua veste alva como a neve. E os guardas tremeram espavoridos, e ficaram como se estivessem mortos" (Mt 28:2-4).

"E, indo elas, eis que alguns da guarda foram à cidade e contaram aos principais sacerdotes tudo o que sucedera. Reunindo-se eles em conselho, com os anciãos, deram grande soma de dinheiro aos soldados, recomendando-lhes que dissessem: Vieram de noite os discípulos dele e o roubaram, enquanto dormíamos. Caso isto chegue ao conhecimento do governador, nós o persuadiremos, e vos poremos em segurança. Eles, recebendo o dinheiro, fizeram como estavam instruídos. Esta versão divulgou-se entre os judeus até ao dia de hoje" (Mateus 11-15).

Compreender quem eram esses guardas torna bem marcante a narrativa de Mateus 28.

A cena que coincidiu com a ressurreição de Jesus foi suficientemente assustadora para fazer com que soldados rudes e grosseiros se fizessem de 'mortos' (Mateus 28:4).

O *professor Roper* assim descreve os soldados: "Não possuíam o menor interesse na tarefa a que foram designados. Seu único propósito e obrigação era cumprir estritamente o seu dever, como soldados do império romano, ao qual haviam dedicado sua lealdade. O selo romano apostado na pedra, ali no túmulo de José, era para eles bem mais sagrado do que toda a filosofia de Israel ou do que a santidade das antigas crenças do povo de Deus. (Eram) soldados com suficiente sangue frio para sortear a capa de uma vítima agonizante..." 54/33

T. G. Tucker descreve com abundância de detalhes (veja pp. 269 s) a armadura e as armas que um centurião costumava usar. O quadro que ele pinta é o de uma máquina humana de combate. 6/342-344

Para maiores detalhes sobre a escolta romana, veja a página 270.

Thomas Thorburn diz que a escolta que vigiou o local estava numa situação profundamente difícil. Depois de a pedra ter sido rolada e o selo rompido, a condição deles era igual à de soldados condenados pela corte marcial. Thorburn escreve: "Os soldados não poderiam alegar que estavam dormindo pois sabiam muito bem que a penalidade para quem dormisse durante uma vigília era a morte — castigo sempre rigorosamente aplicado". 68/179-182

Thorburn prossegue: "Na prática, nessa situação os soldados não teriam qualquer outra alternativa senão confiar nos ofícios dos sacerdotes. Suponhamos que o corpo *desapareceu*. Qualquer que fosse o caso, e em circunstâncias normais, a negligência deles seria passível de morte (cf. Atos 12:19)". 68/179-182

5C. JESUS ESTAVA VIVO - APARIÇÕES APÓS A RESSURREIÇÃO

1D. A importância das aparições

O professor C. S. Lewis, ao falar da importância das aparições de Cristo após a ressurreição, diz: "O primeiro fato na história da cristandade é um número de pessoas que afirmam terem visto a ressurreição. Se tivessem morrido sem fazer outras pessoas crerem nesse 'evangelho', jamais se teria escrito algum Evangelho". 37/149

J. N. D. Anderson escreve acerca do testemunho representado pelas aparições: "O meio mais drástico de ignorar as provas seria dizer que essas histórias não passavam de invencionice, que eram pura mentira. Mas até onde eu sei, nem um só crítico assumiria hoje em dia uma atitude dessas.

De fato, seria realmente uma posição insustentável. Pense no número de testemunhas, mais de 500. Pense no caráter das testemunhas - homens e mulheres que deram ao mundo o mais sublime ensino ético já proclamado e que, mesmo diante das declarações de seus inimigos, puseram esses ensinamentos em prática em suas próprias vidas. Pense no absurdo psicológico que é descrever um pequeno bando de covardes derrotados escondendo-se certo dia num cenáculo, e alguns dias depois transformados num grupo que perseguição alguma era capaz de silenciar — e então tente atribuir essa impressionante transformação a nada mais convincente do que uma invencionice miserável que estavam tentando impingir ao mundo. Isso simplesmente não faria sentido". 3/5, 6

John Warwick Montgomery comenta: "Observe que quando os discípulos de Jesus proclamaram a ressurreição, fizeram-no na qualidade de testemunhas oculares e enquanto ainda estavam vivas as pessoas que tinham tido contato com os acontecimentos que eles anunciavam. Em 56 A.D. Paulo escreveu que mais de 500 pessoas tinham visto o Jesus ressuscitado e que a maioria delas ainda estava viva (1 Coríntios 15:6ss). Ultrapassa os limites da credibilidade afirmar que os primeiros cristãos teriam sido capazes de inventar uma história dessas e, em seguida, pregá-la entre aqueles que facilmente poderiam refutá-la apenas apresentando o corpo de Jesus". 45/78

Bernard Ramm escreve: "Se não houve ressurreição, os críticos radicais têm de admitir que Paulo

enganou os apóstolos ao mencionar uma aparição verdadeira de Cristo a ele e que, por sua vez, eles enganaram Paulo quanto às aparições de um Cristo ressurreto. Como é difícil impugnar as provas da ressurreição apresentadas pelas epístolas, quando elas tem uma forte confirmação de autenticidade! " 52/203

2D. *As aparições de Cristo a indivíduos*

A Maria Madalena - João 20:14; Marcos 16:9

Às mulheres que voltavam do túmulo — Mateus 28:9,10

A Pedro, mais tarde no mesmo dia - Lucas 24:34; 1 Coríntios 15:5

Aos discípulos de Emaús — Lucas 24:13-33

Aos apóstolos, estando Tome ausente — Lucas 24:36-43; João 20:19-24

Aos apóstolos, com Tome presente — João 20:26-29

Aos sete, junto ao mar de Tiberíades — João 21:1-23

A uma multidão de mais de 500 crentes numa montanha da Galiléia — 1 Coríntios 15:6

A Tiago - 1 Coríntios 15:7

Aos onze - Mateus 28:16-20; Marcos 16:14-20; Lucas 24:33-52; Atos 1:3-12

Por ocasião da ascensão — Atos 1:3-12

A Paulo - Atos 9:3-6; 1 Coríntios 15:8

A Estêvão - Atos 7:55

A Paulo no templo — Atos 22:17-21; 23:11

A João na Ilha de Patmos - Apocalipse 1:10-19

6C. OS INIMIGOS DE CRISTO NÃO APRESENTARAM QUALQUER REFUTAÇÃO À RESSURREIÇÃO

1D. *Ficaram quietos*

Em Atos 2, Lucas registra o sermão de Pedro no dia de Pentecoste. Não houve qualquer refutação feita pelos judeus à corajosa proclamação de Pedro de que Cristo ressuscitara. Por quê? Porque a prova do túmulo vazio estava ali para qualquer um examinar, caso os judeus quisessem negar a ressurreição. Contudo, todos sabiam que o túmulo não mais tinha o corpo de Jesus Cristo.

Em Atos 25 encontramos Paulo preso em Cesaréia. Festo, "assentando-se no tribunal, ordenou que fosse trazido Paulo. Comparecendo este, rodearam-no os judeus que haviam descido de Jerusalém, trazendo muitas e graves acusações contra ele, as quais, entretanto, não podiam provar". Qual era exatamente o ponto na mensagem do evangelho de Paulo que tanto irritava os judeus? Qual era o ponto sobre o qual evitavam totalmente fazer acusações? Festo, ao explicar o caso ao rei Agripa, descreve a questão básica como sendo um "certo morto, chamado Jesus, a quem Paulo afirmava estar vivo" (Atos 25:19). Os judeus eram incapazes de explicar o porquê do túmulo vazio.

Fizeram todo tipo de ataques pessoais contra Paulo, mas evitaram as provas objetivas em favor da ressurreição. Os judeus se limitaram a acusações subjetivas e infames contra Paulo, evitando discutir o testemunho silencioso do túmulo vazio.

O silêncio dos judeus fala mais alto do que a voz dos cristãos, ou como diz Fairbairn: "O silêncio dos judeus é tão significativo quanto a fala dos cristãos" (FAIRBAIRN. *Studies in the Life of Christ* (Estudos na Vida de Cristo), p. 357).

O *professor Day* diz: "A simples refutação das provas, o questionamento convincente, do fato da ressurreição teria desferido um golpe mortal no cristianismo. E, caso o desejassem, teriam tido todas as oportunidades para apresentar tal refutação". 13/33-35

W. Bannenberg, citado por J. N. D. Anderson, diz: "A antiga polêmica dos judeus contra a mensagem cristã a respeito da ressurreição, da qual encontramos alguns traços nos Evangelhos, não dá qualquer idéia de que o túmulo de Jesus tivesse permanecido intacto. Em seus ataques, os judeus deviam ter tido todo interesse em preservar uma informação dessas. No entanto, exatamente o oposto aconteceu: os judeus compartilhavam com seus adversários cristãos a convicção de que o túmulo de Jesus estava vazio. Eles se limitavam a explicar esse fato à sua própria maneira..." 2/96

A Igreja foi fundada sobre o alicerce da ressurreição. Refutar a ressurreição implicaria destruir todo o

movimento cristão. Contudo, em vez de qualquer refutação, durante todo o primeiro século os cristãos foram ameaçados, espancados, torturados e mortos devido à sua fé. Teria sido muito mais simples silenciá-los mediante a apresentação do corpo de Jesus, mas isso nunca ocorreu.

John R. W. Stott disse com muita felicidade que o silêncio dos inimigos de Cristo "é uma prova tão enfática da ressurreição quanto o testemunho dos apóstolos". 63/51

2D. Zombaram

1E. Em Atenas.

Quando Paulo falou aos atenienses acerca de Cristo, não tiveram qualquer resposta para as afirmações do apóstolo: "Quando ouviram falar de ressurreição dos mortos, uns escarneceram" (Atos 17:32). Simplesmente ridicularizaram as afirmações porque não conseguiam entender como um homem poderia ressuscitar dos mortos. Nem mesmo tentaram defender a posição que adotaram. Em outras palavras, eles disseram: "Não me venha confundir com fatos, já tenho posição a respeito."

Por que Paulo considerou a descrença manifestada na Grécia diferente da descrença em Jerusalém? Porque enquanto em Jerusalém o fato do túmulo vazio ser inquestionável (o túmulo estava bem ali para as pessoas verificarem), em Atenas as provas se encontravam à grande distância, de sorte que o fato de o túmulo estar vazio não era algo público e notório. Os ouvintes de Paulo não verificaram por si mesmos a veracidade da história, e em vez de se darem ao trabalho de investigação, contentaram-se em zombar sem ter conhecimento do assunto. O suicídio intelectual é a melhor descrição para a posição que assumiram.

2E. Perante Agripa e Festo, em Cesaréia.

Paulo disse a Agripa e a todos os que se encontravam na corte em Cesaréia que Cristo, "sendo o primeiro da ressurreição dos mortos, anunciaria a luz ao povo e aos gentios. Dizendo ele (Paulo) estas cousas em sua defesa, Festo o interrompeu em alta voz: Estás louco, Paulo; as muitas letras te fazem delirar. Paulo, porém, respondeu: Não estou louco, ó excelentíssimo Festo; pelo contrário, digo palavras de verdade e de bom senso. Porque tudo isto é do conhecimento do rei (Agripa), a quem me dirijo com franqueza, pois estou persuadido de que nenhuma destas cousas lhe é oculta; porquanto nada se passou aí, nalgum recanto. Acreditas, ó rei Agripa, nos profetas? Bem sei que acreditas. Então Agripa se dirigiu a Paulo, e disse: Por pouco me persuades a me fazer cristão" (Atos 26:23-28).

De novo, tal como acontecera em Atenas, Paulo se defrontou com a incredulidade. De novo sua mensagem foi a ressurreição de Jesus dentre os mortos (Atos 26:23). E de novo não se apresentaram provas em contrário que refutassem a ressurreição de Jesus. De Festo Paulo ouviu apenas zombaria inútil. A defesa de Paulo era constituída de "palavras de verdade e de bom senso" (Atos 26:25). Paulo enfatizou a natureza empírica da sua defesa ao dizer que "nada se passou aí, nalgum recanto" (Atos 26:26). Ele desafiou Agripa e Festo com as provas, mas Festo, tal como os atenienses, só foi capaz de ridicularizar a respeito. Esse incidente aconteceu em Cesaréia, onde não devia ser de conhecimento geral que o túmulo estava vazio. Uma viagem a Jerusalém teria confirmado o fato.

3B. Fato Histórico Confirmado

O túmulo vazio é o testemunho silencioso da ressurreição de Cristo que jamais foi refutado. Os romanos e os judeus foram incapazes de apresentar o corpo de Cristo ou de explicar onde foi colocado, mas, no entanto, recusaram-se a crer. Não por causa da insuficiência de provas, pois elas são abundantes, os homens ainda insistem em rejeitar a ressurreição.

O *professor E. H. Day* escreve: "Naquele túmulo vazio a cristandade sempre tem tido uma importante testemunha em favor do caráter racional da fé. Os cristãos jamais duvidaram que, no terceiro dia, o túmulo realmente tenha sido encontrado vazio; as narrativas dos Evangelhos são unânimes em enfatizar o acontecimento; (o ônus da prova)... não recai sobre aqueles que sustentam a tradição, mas sobre aqueles que negam que o túmulo foi encontrado vazio ou que explicam a ausência do corpo do Senhor por meio de alguma teoria racionalista". 13/25

O *professor James Denney*, citado por Smith, diz: "...O túmulo vazio não é fruto de um espírito apologético infantil, de um espírito que não se satisfaz com as provas da ressurreição presentes no fato de que o Senhor havia aparecido aos seus e que os tinha despertado a uma nova vida vitoriosa ... é um aspecto

novo, independente e imotivado do testemunho apostólico". 60/374

4B. Fatos Psicológicos Confirmados

1C. AS VIDAS TRANSFORMADAS DOS DISCÍPULOS

1D. *John R. W. Stott* diz: "Talvez a transformação dos discípulos de Jesus seja a maior de todas as provas da ressurreição..." 63/58, 59

2D. *O dr. Simon Greenleaf* advogado de Harvard, diz acerca dos discípulos: "De modo que era impossível que eles tivessem continuado a afirmar as verdades que contavam, caso Jesus não tivesse realmente ressuscitado dos mortos e caso eles não tivessem tanta certeza desse fato como tinham de qualquer outro".

A história das guerras oferece pouquíssimos exemplos de semelhante constância, paciência e grande coragem. Eles tinham todos os motivos imagináveis para analisar cuidadosamente as bases de sua fé e as provas dos grandes acontecimentos e verdades que eles defendiam..." 20/29

3D. *Paul Little* diz: "Será que esses homens que ajudaram a transformar a estrutura moral da sociedade são mentirosos contumazes ou loucos enganados? É mais difícil crer nestas alternativas do que no fato da ressurreição, e não existe o menor vestígio de prova que apoie tal conjectura". 38/63

4D. Examine a vida transformada de Tiago, o irmão de Jesus. Antes da ressurreição ele fez pouco caso de tudo o que seu irmão pregava. Tiago pensava que as afirmações de Cristo fossem afirmações espalhafatosas que só serviam para macular o nome da família. No entanto, depois da ressurreição, encontramos Tiago com os outros discípulos, pregando o evangelho de seu Senhor. Sua epístola descreve bem o novo relacionamento que tinha com Cristo. Ele se apresenta como "servo de Deus e do Senhor Jesus Cristo" (Tiago 1:1). A única explicação para essa transformação em sua vida é a que Paulo apresenta: "Depois (Jesus) foi visto por Tiago..." (1 Coríntios 15:7).

5D. *George Matheson* diz que "o ceticismo de Tome é um reflexo da crença de que a morte de Jesus seria a morte do Seu reino. 'Vamos também nós para morrermos com ele.' Quem pronunciou essas palavras não tinha, no momento em que as pronunciou, qualquer esperança na ressurreição de Cristo. Ninguém iria propor morrer com uma outra pessoa caso esperasse vê-la de novo dentro de algumas horas. Naquele momento Tome havia abandonado toda crença intelectual. Ele não vislumbrava qualquer chance para Jesus. Ele não acreditava em Seu poder físico. Ele já havia decidido que as forças do outro mundo seriam fortes demais e que iriam esmagá-lo". 41/140

6D. Todavia, Jesus se apresentou ressurreto também a Tome. A consequência disso encontra-se registrada no Evangelho de João, tendo Tome dito: "Senhor meu e Deus meu!" (João 20:28). Tome mudou totalmente de opinião depois de ver o Senhor ressurreto dentre os mortos e viveu seguindo ao Senhor até morrer como mártir.

7D. A seguinte descrição da transformação que ocorreu, após a ressurreição, na vida dos apóstolos é um interessante enfoque poético sobre o assunto: No dia da crucificação estavam cheios de melancolia; no primeiro dia da semana, repletos de alegria. "No momento da crucificação estavam desesperançosos; no primeiro dia da semana seus corações estavam tomados de certeza e esperança. Quando pela primeira vez ouviram a mensagem da ressurreição, ficaram incrédulos, sendo difícil convencê-los, mas assim que tiveram certeza nunca mais duvidaram. O que poderia explicar a surpreendente mudança ocorrida nesses homens em tão curto espaço de tempo? A simples remoção do corpo do túmulo jamais poderia ter transformado seus espíritos e personalidades. Três dias não são suficientes para se desenvolver uma lenda que tanto iria afetá-los. Requer-se tempo para o processo de formação de uma lenda. Esse é um fato psicológico que exige uma explicação mais convincente".

"Pense no caráter das testemunhas — homens e mulheres que deram ao mundo o mais sublime ensino ético já proclamado e que, mesmo diante das declarações de seus inimigos, puseram esses ensinamentos em

prática em suas próprias vidas. Pense no absurdo psicológico que é descrever um pequeno bando de covardes derrotados escondendo-se certo dia num cenáculo, e alguns dias depois transformados num grupo que perseguição alguma era capaz de silenciar — e então tente atribuir essa impressionante transformação a nada mais convincente do que uma invenção miserável que estavam tentando impor ao mundo. Isso simplesmente não faria sentido". 3/5,6

2C. AS VIDAS TRANSFORMADAS DE 1.900 ANOS DE HISTORIA

Assim como Jesus Cristo transformou as vidas de seus discípulos, da mesma forma, nos últimos 1.900 anos, os homens também têm experimentado essa transformação. Para mais provas concernentes ao testemunho de vidas transformadas, veja o capítulo intitulado "A Singularidade da Experiência Cristã".

3C. O VEREDITO

O fato psicológico confirmado de vidas transformadas é, portanto, uma razão lógica para se crer na ressurreição. São provas subjetivas dando testemunho do fato objetivo de que Jesus Cristo ressuscitou ao terceiro dia. Somente um Cristo ressurreto poderia ter tal poder de transformação na vida de uma pessoa.

5B. Fatos Sociológicos Confirmados

1C. UMA INSTITUIÇÃO: A IGREJA CRISTÃ

1D. *Um alicerce básico para a fundação da Igreja foi a pregação da ressurreição de Cristo*

Atos 1:21, 22 - "É, necessário, pois, que, dos homens que nos acompanharam todo o tempo que o Senhor Jesus andou entre nós, começando no batismo de João, até ao dia em que dentre nós foi levado às alturas, um deste se torne testemunha conosco da sua ressurreição".

Atos 2:23, 24 - "Sendo este entregue pelo determinado desígnio e presciência de Deus, vós o matastes, crucificando-o por mãos de iníquos; ao qual, porém, Deus ressuscitou, rompendo os grilhões da morte; porquanto não era possível fosse ele retido por ela".

Atos 2:31, 32 — "Prevedo isto, referiu-se à ressurreição de Cristo, que nem foi deixado na morte, nem o seu corpo experimentou corrupção. A este Jesus Deus ressuscitou, do que todos nós somos testemunhas".

Atos 3:14, 15 — "Vós, porém, negastes o Santo e o Justo, e pedistes que vos concedessem um homicida. Dessarte matastes o Autor da vida, a quem Deus ressuscitou dentre os mortos, do que nós somos testemunhas".

Atos 3:26 — "Tendo Deus ressuscitado ao seu servo, enviou-o primeiramente a vós outros para vos abençoar, no sentido de que cada um se aparte das suas perversidades".

Atos 4:10 — "Tomais conhecimento vós todos e todo o povo de Israel de que, em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, a quem vós crucificastes, e a quem Deus ressuscitou dentre os mortos, sim, em seu nome é que este está curado perante vós".

Atos 5:30 — "O Deus de nossos pais ressuscitou a Jesus, a quem vós matastes, pendurando-o num madeiro".

Atos 10:39-41 — "É nós somos testemunhas de tudo o que ele fez na terra dos judeus e em Jerusalém; ao qual também tiraram a vida, pendurando-o no madeiro. A este ressuscitou Deus no terceiro dia, e concedeu que fosse manifesto, não a todo o povo, mas às testemunhas que foram anteriormente escolhidas por Deus, isto é, a nós que comemos e bebemos com ele, depois que ressurgiu dentre os mortos".

Atos 13:29-39 - "Depois de cumprirem tudo o que a respeito dele estava escrito, tirando-o do madeiro, puseram-no em um túmulo. Mas Deus o ressuscitou dentre os mortos; e foi visto muitos dias pelos que com ele subiram da Galiléia para Jerusalém, os quais são agora as suas testemunhas perante o povo. Nós vos anunciamos o evangelho da promessa feita a nossos pais, como Deus a cumpriu plenamente a nós, seus filhos, ressuscitando a Jesus, como também está escrito no Salmo segundo: 'Tu és meu filho, eu hoje te gerei'. E, que Deus o ressuscitou dentre os mortos para que jamais voltasse à corrupção, desta maneira o disse: 'E cumprirei a vosso favor as santas e fiéis promessas feitas a Davi'. Por isso também diz em outro salmo: 'Não permitirás que o teu Santo veja corrupção'. Porque, na verdade, tendo Davi servido à sua própria geração conforme o desígnio de Deus, adormeceu, foi para junto de seus pais e viu corrupção. Porém, aquele a quem Deus ressuscitou, não viu corrupção. Tomai, pois, irmãos, conhecimento de que se

vos anuncia remissão de pecados por intermédio deste; e por meio dele todo o que crê é justificado de todas as cousas das quais vós não pudestes ser justificados pela lei de Moisés".

Atos 17:30, 31 - "Ora, não levou Deus em conta os tempos da ignorância; agora, porém, notifica aos homens que todos em toda parte se arrependam; porquanto estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo com justiça por meio de um varão que destinou e acreditou diante de todos, ressuscitando-o dentre os mortos."

Atos 26:22, 23 — "Mas, alcançando socorro de Deus, permaneço até ao dia de hoje, dando testemunho, tanto a pequeno como a grande, nada dizendo senão o que os profetas e Moisés disseram haver de acontecer, isto é, que o Cristo devia padecer, e, sendo o primeiro da ressurreição dos mortos, anunciaria a luz ao povo e aos gentios".

2D. A Igreja é um fato da história

A explicação para a existência da Igreja é a sua fé na ressurreição.

Durante todo o seu período inicial de existência, essa instituição sofreu muita perseguição pelos judeus e romanos. Indivíduos sofreram tortura e morte por amor ao Senhor somente porque sabiam que Ele havia ressuscitado dentre os mortos.

Wübur Smith diz que até mesmo o racionalista Guignebert é forçado a fazer a seguinte admissão: "O cristianismo não teria existido caso a crença na ressurreição não tivesse sido criada e sistematizada... Toda a soteriologia e o ensino básico do cristianismo dependem da crença na ressurreição, e na primeira página de qualquer declaração de fé cristã deve ser escrita como lema a afirmação de Paulo: 'Se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação e vã a vossa fé'. Do ponto-de-vista estritamente histórico, a crença na ressurreição tem igual importância... Devido a essa crença, a fé em Jesus e na Sua missão tornou-se o elemento fundamental de uma nova religião, a qual, depois de se separar do judaísmo, se opôs a ele e saiu a conquistar o mundo". 57/20, 21

Paul Little destaca que a Igreja, fundada por volta de 32 A.D., não surgiu de repente, mas teve uma causa definida. Sobre os cristãos de Antioquia, nos primeiros dias da Igreja, dizia-se que viraram o mundo de cabeça para baixo (Atos 17:6). A causa dessa influência foi a ressurreição. 38/62

H. D. A. Major, diretor do Ripon Hall, em Oxford, diz o seguinte, conforme citado por Smith: "Caso a crucificação de Jesus tivesse sido o fim da experiência dos discípulos com Ele, seria difícil de entender como surgiu a igreja cristã. Aquela igreja foi fundada sobre o caráter messiânico de Jesus. Um messias crucificado não era messias algum. Seria alguém rejeitado pelo judaísmo e amaldiçoado por Deus. Foi a ressurreição de Jesus, conforme São Paulo declara em Romanos 1:4, que proclamou com poder que Ele era Filho de Deus". 60/368

Citado por Straton, *Kenneth Scott Latourette* diz: "Foi a convicção da ressurreição de Jesus que tirou Seus seguidores do desespero em que Sua morte os havia atirado e que os levou a perpetuarem o movimento iniciado por Ele. Mas devido à profunda crença que tinham de que o crucificado havia ressurgido dos mortos e de que O tinham visto e conversado com Ele, provavelmente qualquer coisa poderia ter acontecido à morte de Jesus e até mesmo a Ele próprio, menos serem esquecidos". 64/3

2C. O FENÔMENO DO DOMINGO CRISTÃO

O dia que, desde o início, os judeus guardavam para descanso era o sábado, pois diziam que Deus, ao concluir a criação, descansou no sétimo dia. Isso estava escrito nas sagradas leis dos judeus. Um dos aspectos de maior reverência na vida de um judeu era a guarda do sábado. Os cristãos se reuniam para adorar no primeiro dia da semana judaica em sinal de reconhecimento da ressurreição de Jesus. Esses cristãos realmente conseguiram mudar para o domingo esse antiquíssimo dia de descanso e oração, que era guardado por razões teológicas. Lembre-se de que ELES MESMOS ERAM JUDEUS! Lembrando-nos daquilo que pensaram que aconteceria se estivessem errados, devemos admitir que essa foi provavelmente uma das maiores decisões que um grupo de seguidores de uma religião jamais tomou!! Sem a ressurreição como iríamos explicar a mudança do dia de adoração de sábado para domingo? 19/51

J. N. D. Anderson observa que a maioria dos primeiros cristãos era de formação judaica e estava fanaticamente apegada à guarda do sábado. Portanto, foi preciso algo extremamente significativo para mudar esse hábito; a ressurreição foi necessária para que isso acontecesse! 3/9

3C. O FENÔMENO DOS SACRAMENTOS CRISTÃOS

1D. *Ceia* - Atos 2:46; João 6; Mateus 26:26; Marcos 14:22; Lucas 22:19;
1 Coríntios 11:23, 24

A Ceia do Senhor é uma recordação da Sua morte, mas lemos em Atos 2:46 que esse era um momento de alegria. Bem, se não houve uma ressurreição, como poderia haver alegria? A lembrança da refeição tomada por Jesus logo antes de ser traído e crucificado teria provocado uma tristeza insuportável. O que transformou a angústia da última ceia numa comunhão de alegria por todo o mundo?

Michael Green comenta: "Eles se encontravam com Ele neste sacramento. Ele não estava morto, mas ressurreto e vivo. Eles iriam celebrar essa morte de Jesus, conscientes de que Ele estava presente ressurreto, até que ocorresse Sua ansiada volta, no fim da história (1 Coríntios 11:26). Sabemos da existência, no meio da mais antiga comunidade cristã, de uma breve oração eucarística, oriunda da antiga igreja de fala aramaica (1 Coríntios 16:22; *Didaquê*, 10). Ei-la: *Maranata!* que significa: 'vem, nosso Senhor! ' É totalmente inexplicável como essa pudesse ter sido a atitude dos primeiros cristãos ao se reunirem para celebrar a Ceia do Senhor entre si, a não ser que Ele realmente ressuscitou dos mortos ao terceiro dia". 19/53

2D. *Batismo* — Colossenses 2:12; Romanos 6:1-6

Os cristãos possuíam uma cerimônia de iniciação — o batismo. É aí onde, mais uma vez, ousaram divergir do judaísmo. Os judeus continuaram circuncidando e os cristãos seguiram o mandamento de seu Senhor a respeito do batismo. Uma pessoa tinha de se arrepender de seus pecados, crer no Senhor ressuscitado e ser batizada. E o que é que o batismo simbolizava? Quase não há dúvida a respeito! Paulo explica que, no batismo, a pessoa se une a Cristo mediante Sua morte e ressurreição. Quando ele entra na água, ele está morrendo para a velha natureza pecaminosa, e sai da água para compartilhar a nova vida ressurreta de Cristo. Nada no cristianismo é mais antigo do que os sacramentos, e, no entanto, estão diretamente ligados à morte e ressurreição de Cristo. Como explicar o significado do batismo cristão se a ressurreição nunca aconteceu?

4C O FENÔMENO HISTÓRICO DA IGREJA

A instituição da Igreja é, então, um fenômeno histórico, que só se explica pela ressurreição de Jesus. Aqueles sacramentos que o cristianismo observa também servem como uma prova que se repete desde a origem da igreja.

L. L. Morris comenta sobre os primeiros crentes que testemunharam a ressurreição de Cristo: "Eram judeus, e os judeus se apegam tenazmente a seus costumes religiosos. Ainda assim esses homens guardavam o dia do Senhor, uma comemoração semanal da ressurreição, em vez do sábado. Nesse dia do Senhor eles celebravam a santa ceia, que não era uma comemoração de um Cristo morto, mas uma recordação, em atitude de agradecimento, das bênçãos outorgadas por um Senhor vivo e triunfante. O outro sacramento que tinham, o batismo, lembrava que os fiéis foram sepultados com Cristo e ressuscitados com Ele (Colossenses 2:12). A ressurreição dava sentido a tudo o que faziam". 14/1088

5A. TEORIAS INADEQUADAS, ELABORADAS PARA EXPLICAR RACIONALMENTE A RESSURREIÇÃO

("Vaidade de vaidades! Tudo é vaidade." — Eclesiastes 1:2b)

O que se tem a seguir é uma compilação das explicações hipotéticas mais populares que têm sido idealizadas para explicar racionalmente a ressurreição de Cristo. Analisar-se-á cada teoria juntamente com a respectiva refutação. Pela pesquisa fica claro que cada objeção à ressurreição tem uma alternativa racional a favor da fé.

O advogado britânico *J. N. D. Anderson* tem profunda consciência da importância de que haja boas provas ao julgar-se a veracidade de uma afirmação. Com respeito ao testemunho que a história dá acerca da ressurreição, ele escreve: "Um ponto que é preciso destacar é que as provas devem ser consideradas como

um todo. É relativamente fácil encontrar uma explicação alternativa para um ou outro dos diferentes aspectos que formam este testemunho. Mas tais explicações não têm valor a menos que também se harmonizem com os outros aspectos, ou detalhes, do testemunho. Várias teorias diferentes, possíveis de serem aplicadas isoladamente das provas, mas que não fazem parte de um esquema inteligível e lógico, são incapazes de apresentar uma alternativa à única interpretação que faz jus a todos os detalhes". 4/105

Esse será o enfoque que daremos ao analisar as teorias a seguir.

1B. A Teoria do Desmaio

1C A TEORIA - CRISTO NA VERDADE NUNCA MORREU NA CRUZ, MAS APENAS DESMAIOU

Quando Jesus foi colocado no túmulo de José de Arimatéia, ainda estava vivo. Depois de algumas horas, Ele recuperou os sentidos devido ao ar frio do túmulo, levantou-se e foi embora.

O professor */ N. D. Anderson* diz que essa teoria foi "... exposta pela primeira vez por um homem chamado Venturini, mais ou menos uns dois séculos atrás. Alguns anos atrás ela foi ressuscitada em forma um pouco diferente por um grupo de muçulmanos heterodoxos denominados ahma-diyas que tiveram sua sede principal num lugar chamado Qadian e cuja sede na Inglaterra localiza-se numa região de Londres chamada Putney".

"Sua explicação é a seguinte: Cristo foi de fato pregado na cruz. Sofreu terrivelmente, tendo experimentado choque, perda de sangue e dores, e desmaiou, mas não chegou a morrer. O conhecimento médico não era muito grande na época, e os apóstolos imaginaram que estivesse morto. Não é mesmo que a Bíblia nos conta que Pila tos se surpreendeu diante da informação de que Eleja estava morto? A explicação diz que Ele, estando desmaiado, foi retirado da cruz por aqueles que erroneamente acreditaram que estivesse morto, foi colocado no sepulcro. E o ambiente frio e tranqüilo do sepulcro fê-IO recuperar os sentidos de modo que finalmente pôde sair do túmulo. Seus ignorantes discípulos eram incapazes de crer que essa era uma simples ressurreição. Insistiram que foi uma ressurreição dos mortos". 2/7

O *professor Kevan* diz que a teoria do desmaio também afirma que "... os efeitos reanimadores das especiarias em que Cristo foi embalsamado..." também foram responsáveis pela ressurreição de Cristo. 32/9

2C. A REFUTAÇÃO

Anderson chegou a esta conclusão: "...Essa teoria não subsiste à investigação..." 4/95

W. J. Sparrow-Simpson diz que ela está "... hoje em dia totalmente ultrapassada..." 17/510

Estou confiante de que os seguintes pontos mostrarão por que esses homens chegaram a tais conclusões.

1D. *Cristo realmente morreu na cruz, segundo o entendimento dos soldados, de José e de Nicodemos.*

Sobre a teoria do desmaio *Paul Little* diz: "É significativo o fato de que, dentre os violentos ataques contra o cristianismo, não se encontra uma só insinuação desse tipo. Todos os mais antigos registros são enfáticos quanto à morte de Jesus". 38/65

O *professor T. J. Thorburn* menciona o seguinte sobre o que Cristo sofreu nas mãos de Pilatos: "...A Agonia no Getsêmani, a prisão à meia--noite, o tratamento brutal no pátio do palácio do sumo sacerdote e no pretório de Pilatos, as exaustivas caminhadas entre Pilatos e Herodes, o terrível açoitamento romano, a caminhada ao Calvário, durante o qual caiu exausto devido ao enorme peso posto sobre Ele, a agonizante tortura da crucificação, e a sede e o estado febril que se seguiram". 68/183-185

Thorburn comenta: "Seria difícil imaginar que mesmo o mais forte dentre os homens, depois de suportar tudo isso, não sucumbisse à morte. Além do mais, está registrado que as vítimas da crucificação raramente se recuperam, mesmo nas circunstâncias mais favoráveis". 68/183-185

Ele conclui: "Não há maneira melhor de expressar as objeções insuperáveis a essa teoria do que... (com estas) palavras: 'Então' afirma Keim, 'existe o aspecto mais improvável de todos; o pobre e fraco Jesus, com dificuldade de se manter em pé, açoitado, desfigurado e finalmente morrendo — esse Jesus se tornou um objeto de fé, de sentimentos elevados, do triunfo dos Seus seguidores, um vencedor exaltado, e Filho de Deus! É nisso que, de fato, a teoria se torna desprezível, absurda, digna só de rejeição'." 68/183-185

O *professor Godet*, citado por *Kevan*, diz: "Antes de Sua crucificação, Jesus já sofrerá muito, quer no

corpo quer na alma. No Getsêmani teve um vislumbre da Sua morte. Suportou a terrível dor dos açoites romanos que deixavam cicatrizes profundas nas costas da vítima e que quase equivaliam à pena de morte. Então traspassaram Suas mãos e pés com os cravos. O pouco de forças que talvez ainda lhe restassem foram consumidas pelas seis horas de terrível sofrimento por que passou. Tomado de sede e completamente exausto, finalmente entregou seu espírito no último grito registrado pelos evangelistas. Então um soldado romano atravessou seu coração com uma lança. Sem qualquer alimento, sem qualquer pessoa para fazer curativos em Suas feridas ou, de alguma forma, aliviar o Seu sofrimento, passou um dia inteiro e duas noites na caverna em que foi posto. E, no entanto, na manhã do terceiro dia ei-IO ressurgindo, ativo e radiante!" 32/9,10

J. N. D. Anderson comenta sobre a hipótese de que Jesus não morreu: "Bem... é bastante engenhosa. Mas não suportará a investigação. Para começar, ao que parece, tomaram-se providências para se certificar de que Jesus estava morto; certamente esse é o significado do golpe de lança no Seu lado. Mas, por consideração ao argumento, suponha que Ele não estava totalmente morto. Você realmente acredita que jazer horas e horas, sem qualquer assistência médica, num túmulo escavado na rocha, na Palestina à época da Páscoa, quando é bem frio à noite, iria fazê-IO recuperar os sentidos em vez de provocar o fim inevitável de Sua vida frágil? Você realmente acredita que Ele teria sido capaz de Se libertar dos metros e mais metros de panos em que estava enrolado, com o peso dos panos aumentados por dezenas de quilos de especiarias, seria capaz de empurrar uma pedra que três mulheres sentiram-se incapazes de empurrar, e andar quilômetros com os pés feridos?" 3/7

Conforme *John R. W. Stott* indaga, será que vamos crer "que depois dos rigores e sofrimentos do julgamento, zombaria, açoitamento e crucificação, Ele conseguiu sobreviver trinta e seis horas num sepulcro de pedra, sem aquecimento nem comida nem cuidados médicos? Como então Ele conseguiu recuperar suficientemente as forças para realizar o feito sobre-humano de afastar a enorme pedra que fechava a entrada do túmulo, tudo isso sem incomodar os soldados romanos? E como, estando fraco, com a saúde debilitada e faminto, conseguiu aparecer aos discípulos de uma tal maneira que lhes deu a impressão de ter vencido a morte? Como conseguiu chegar ao ponto de afirmar que havia morrido e ressuscitado, enviá-los a todo o mundo e prometer estar com eles até ao fim dos tempos? Como conseguiu viver, escondendo-se em algum lugar durante quarenta dias, aparecendo ocasionalmente de surpresa e, finalmente, desaparecendo sem qualquer explicação? Tal credulidade é mais incrível do que a falta de fé de Tome". 63/48,49

Sobre racionalistas da atualidade que negam a ressurreição de Cristo, E. L. Camus escreve ."Dizem: 'Se Ele ressurgiu, então não morreu. Mas se morreu, então não ressurgiu'".

"Dois fatos, cada um tão certo quanto o outro, lançam luz nesse dilema. O primeiro é que na tarde de sexta-feira Jesus estava morto; e o segundo é que no domingo e nos dias subseqüentes Ele apareceu cheio de vida."

"Ninguém questionou se Ele de fato morreu na sexta-feira; ninguém no Sinédrio, nem no Pretório, nem no Calvário. Somente Pilatos ficou surpreso em saber que Ele tivesse entregado o espírito tão rapidamente, mas a sua surpresa só deu margem para que surgissem novas evidências que corroboram com a afirmação daqueles que solicitavam o corpo de Jesus".

"De modo que amigos e inimigos, olhando para o Crucificado, claramente perceberam que Ele não mais vivia. Para deixar isso ainda mais claro, o centurião traspassou-o com a lança, e o cadáver não fez qualquer movimento. Da ferida surgiu uma mistura de água e sangue, o que revelava uma rápida decomposição dos elementos vitais. Dizem que a hemorragia é fatal em casos de síncope. Ele não morreu de hemorragia pois já estava morto. Pois os detalhes dessa sangria provam que Jesus tinha morrido alguns momentos antes. E aos mais inteligentes dentre os inimigos de Jesus, como é o caso dos principais sacerdotes, não ocorreu lançar dúvida sobre a realidade da Sua morte. Tudo o que temiam era um golpe por parte dos discípulos, que poderiam retirar o corpo, mas não por parte de Jesus, que tinham visto expirar. Foi tirado da cruz, e da mesma forma como não deu qualquer sinal de vida diante do golpe que o soldado desferiu com a lança, ele agora estava inerte e frio nos braços amorosos que O erguiam, carregavam, embalsamavam, enrolavam e depositavam no túmulo, depois de cobri-lo com demonstrações de tristeza e amor. Será possível imaginarmos um desmaio mais completo ou um melhor cronometrado? Quero acrescentar que isso realmente seria um final bem accidental para uma vida que, em si mesma, já era de uma santidade tão prodigiosa e de uma influência tão fecunda. Seria uma coincidência inacreditável! Seria algo mais milagroso do que a própria Ressurreição!" 34/485,486

2D. *Os discípulos não tiveram a impressão de que Ele somente havia se recuperado de um desmaio.*

O cético *David Friedrich Strauss*, alguém que certamente não acreditava na ressurreição, desferiu o golpe mortal em qualquer idéia de que Jesus se recuperou de um desmaio. Estas são suas palavras: "É impossível que alguém, semimorto, que saiu furtivamente do sepulcro, fraco e enfermo, se locomovesse com dificuldade por vários lugares, necessitando de tratamento médico, o que incluiria curativos, fortalecimento físico e atenção, e que ainda havia sucumbido a seus sofrimentos; sim, é impossível que tal pessoa tivesse dado aos discípulos a impressão de que era um vencedor sobre a morte e a sepultura, o Príncipe da Vida, uma impressão que ficou no fundo de seu futuro ministério. Uma ressurreição dessas só poderia ter enfraquecido a impressão que lhes causou durante a vida e na morte. Na melhor das hipóteses só poderia ter dado um tom de lamentação a essa impressão. De modo algum poderia ter transformado a tristeza deles em entusiasmo, a reverência em adoração". 65/412

William Milligan, ao descrever as aparições de Jesus aos discípulos, diz que elas não eram aparições "... que dessem a idéia de Ele estar doente, mas aparições que revelavam saúde, vigor e bastante atividade nos preparativos para uma grande obra em que imediatamente deviam tomar parte". Ele prossegue: "O desânimo cedeu lugar à esperança, o desespero ao triunfo, a prostração física à energia vigorosa e constante". 43/76, 77

Ele prossegue: "Quando se desfizeram os primeiros temores dos discípulos, o que se via eram sentimentos de alegria, coragem e entusiasmo; nada encontramos daqueles sentimentos de piedade, de compaixão diante do sofrimento, de desejo de ajudar que deviam ter sido despertados pela aparição de uma pessoa que desmaiara devido à fadiga e à agonia, que continuara inconsciente desde a tarde de sexta-feira até a manhã de domingo e que agora estava apenas experimentando seus primeiros momentos de consciência". 43/76, 77

O professor *E. H. Day* diz: "Nas narrativas das várias aparições do Cristo ressurreto não há qualquer sugestão de alguma fraqueza física que teria sido inevitável caso Cristo tivesse se recuperado de uma morte aparente. Na verdade, os discípulos viram em seu Mestre ressurreto não alguém que, contra todas as expectativas, se recuperou de sofrimentos terríveis, mas alguém que era o Senhor da vida e o que subjugou a morte, e que não mais experimentava as limitações físicas que os discípulos tinham conhecido durante Seu ministério". 13/49, 50

3D. Aqueles que propõem a teoria do desmaio também têm de dizer que Jesus, assim que recuperou os sentidos, foi capaz de realizar o milagre de se desembaraçar dos panos que enrolavam firmemente o Seu corpo e de sair sem deixar os panos em desordem.

Merrill C. Tenney explica acerca dos panos de sepultamento: "Ao se preparar um corpo para sepultamento, de acordo com o costume judaico, geralmente lavava-se e endireitava-se o corpo, e então enrolava-se apertada-mente o corpo, desde as axilas até o tornozelo, com faixas de linho de aproximadamente trinta centímetros de largura. Especiarias aromáticas, freqüentemente de uma consistência pegajosa, eram postas entre uma camada e outra de pano. Em parte elas ajudavam a preservar o corpo e em parte serviam como um adesivo para colar as tiras de pano, formando um revestimento sólido... O termo empregado por João, literalmente 'atou' (no grego *edesan*), está em perfeita harmonia com o que encontramos em Lucas 23:53, onde o escritor afirma que José de Arimatéia envolveu o corpo de Jesus num lençol de linho..."

"Na manhã do primeiro dia da semana o corpo de Jesus desaparecera, mas os panos em que fora enrolado o corpo ainda estavam ali..."

"O invólucro estava no lugar onde a cabeça havia ficado, separado do outro invólucro pela distância da axila ao pescoço. O formato do corpo ainda era visível nesses envoltórios, mas a carne e os ossos haviam desaparecido... Como foi que o cadáver foi libertado dos invólucros, uma vez que não deslizariam pelas curvas do corpo por estarem firmemente atados ao redor do corpo?" 60/116, 117

4D. "Aqueles que sustentam essa teoria", diz *James Rosscup*, "têm de dizer que Cristo, bastante enfraquecido, foi capaz de empurrar para trás a pedra que estava na entrada do túmulo — um feito que os historiadores dizem que necessitaria de alguns homens — caminhar para fora do sepulcro sem acordar nenhum dos soldados (se presumirmos, por causa do argumento, que eles estavam dormindo, e sabemos que certamente não estavam), passar por cima deles e escapar". 55/3

O professor E. H. Day comenta a respeito: "Realmente chama a atenção o fato de que essa hipótese é fisicamente improvável. Mesmo que rejeitemos a informação de que houve guardas junto ao sepulcro (em obediência às imposições de uma crítica que considera os guardas um incidente inconveniente), continua existindo a dificuldade de imaginar que alguém que mal acordara de um desmaio teria conseguido rolar a pedra para fora da entrada do sepulcro, 'pois era muito grande'. 13/48, 49

Quanto ao grande tamanho da pedra no túmulo de Jesus, veja página 262.

É absurdo supor que Jesus tivesse conseguido derrotar os soldados romanos, mesmo que tivesse sido capaz de empurrar a pedra para fora. Pessoas desse tipo dificilmente teriam dificuldade em lidar com "alguém, semimorto, que saiu furtivamente do sepulcro", tal como Strauss descreveu Jesus. Além disso, o castigo para quem dormisse durante a sua vigília era a morte, de maneira que os soldados deviam estar bem despertos.

Para mais detalhes sobre a escolta romana com quem Jesus teria tido de lutar, veja página 270.

5D. Se Jesus tivesse simplesmente se recuperado de um desmaio, a longa caminhada "para uma aldeia, chamada Emaús, distante de Jerusalém sessenta estádios" (Lucas 24:13), teria sido impossível.

O professor Day diz o seguinte: "Uma longa caminhada, seguida da aparição aos discípulos em Jerusalém, é inconcebível no caso de alguém que se recuperou de um desmaio provocado por ferimentos e exaustão". 13/48,49

O professor E. F. Kevan faz os seguintes comentários a respeito: "Com Seus próprios pés, que haviam sido perfurados de um lado a outro apenas dois dias antes, Ele caminha sem dificuldade os onze quilômetros entre Emáus e Jerusalém. Ele está tão ativo que, durante a refeição, desaparece repentinamente da vista de Seus companheiros de viagem e, quando retornam à capital para anunciar as boas novas aos apóstolos, encontram-nO ali de novo! Jesus foi mais rápido que eles. Com a mesma agilidade que caracteriza todos os Seus movimentos, Ele Se apresenta de repente na sala onde os discípulos estavam reunidos... Será que essas são as ações de um homem que acabou de ser retirado semimorto da cruz e que foi colocado num sepulcro em estado de completa exaustão? Não". 32/9,10

6D. Se Jesus apenas acordou de um desmaio que o havia deixado parecendo morto, teria explicado Seu estado aos discípulos. Ficando quieto, teria sido um mentiroso e um enganador, deixando que Seus seguidores proclamassem por todos os lugares a ressurreição, quando esta na verdade era uma história fantástica e imaginária.

E. Le Camus escreve: "Além do mais, lembremos-nos de que, se Jesus só tivesse desmaiado, não poderia deixar que alguém cresse que havia morrido, a não ser que comprometesse Seu caráter. Em vez de Se apresentar como alguém que havia *tomado a viver*, simplesmente devia dizer que havia *sobrevivido* por acaso. Na verdade, aqui como em todas as demais partes dos Evangelhos, deparamo-nos com este dilema insuperável: Jesus ou era o Justo, o Homem de Deus, ou era o maior criminoso entre os homens. Se ele se apresentou como alguém que ressuscitou dentre os mortos, e se isso não aconteceu, então Ele é culpado de falsidade, e deve-se rejeitar que ele tenha chegado a ter alguma honestidade". 34/485,486

Paul Little comenta que uma teoria assim exige que creiamos que "o próprio Cristo estava envolvido em mentiras flagrantes. Seus discípulos creram e pregaram que Ele morreu mas tornou a viver. Jesus não desencorajou essa idéia, ao contrário, incentivou-a". 38/66

John Knox, um erudito no Novo Testamento e que é citado por Straton, diz: "Não foi o caso de que um homem ressuscitou dos mortos, mas que um determinado homem o fez, tendo dado início ao movimento cristão... O caráter de Jesus foi a causa maior desse movimento". 64/3

Jesus não teria tomado parte na mentira de que Ele ressuscitara dos mortos, caso isso não tivesse acontecido. Uma alegação dessas é impugnada sem restrições quando se examina o Seu caráter imaculado.

7D. Se Cristo não morreu naquele dia, então quando e em que circunstâncias Ele morreu?

O professor E. H. Day afirma: "...Caso se aceite a teoria do desmaio, é necessário eliminar dos Evangelhos e de Atos toda a narrativa da ascensão, bem como explicar a repentina cessação das aparições de Cristo pela suposição de que Ele Se afastou completamente dos discípulos para viver e morrer em completo isolamento, deixando-os com toda uma série de impressões falsas sobre Sua Própria Pessoa e sobre a missão que lhes dera junto ao mundo". 13/50

William Milligan diz que, se Cristo apenas desmaiou na cruz e mais tarde recuperou os sentidos, "Ele

deve ter se instalado em algum retiro solitário, desconhecido até dos Seus mais chegados discípulos. Enquanto Sua Igreja ia se erguendo ao redor de onde Ele estava, abalando os alicerces da antiga sociedade e, em meio a inúmeras dificuldades, introduzindo em todos os lugares uma nova ordem de coisas — ao mesmo tempo em que ela era dividida por controvérsias, cercada por tentações, exposta a tributações, e em resumo, colocada naquelas exatas circunstâncias que a tornavam mais dependente da Sua ajuda — em meio a tudo isso Ele esteve ausente, passando Seus últimos dias, poucos ou muitos, naquilo que somos obrigados a chamar de solidão. E, então, finalmente deve ter morrido — mas ninguém é capaz de dizer onde, nem quando, nem como! Não há um só raio de luz para invadir a escuridão; e esses cristãos primitivos que, segundo nos contam, tinham uma imaginação tão fértil para inventar lendas, não têm uma única lenda a respeito para nos ajudar". 43/79

3C. CONCLUSÃO

Com toda honestidade, é possível concordar com o que *George Hanson* diz sobre a teoria do desmaio: "É difícil crer que essa foi a explicação preferida do racionalismo do século dezoito". As provas contrárias a uma hipótese dessas são tão fortes que agora ela está ultrapassada. 22/19

2B. A Teoria do Roubo

1C. A TEORIA - OS DISCÍPULOS ROUBARAM O CORPO

1D. Mateus faz a seguinte narrativa para informar sobre a teoria prevalecente à sua época, a qual procurava refutar a ressurreição de Cristo: "E, indo elas, eis que alguns da guarda foram à cidade e contaram aos principais sacerdotes tudo o que sucedera. Reunindo-se eles em conselho com os anciãos, deram grande soma de dinheiro aos soldados, recomendando-lhes que dissessem: Vieram de noite os discípulos dele e o roubaram, enquanto dormíamos. Caso isto chegue ao conhecimento do governador, nós o persuadiremos, e vos poremos em segurança. Eles, recebendo o dinheiro, fizeram como estavam instruídos. Esta versão divulgou-se entre os judeus até ao dia de hoje" (Mateus 28:11-15).

2D. Nos escritos de Justino Mártir, Tertuliano e outros, percebe-se que durante algum tempo a teoria do roubo, tal como se encontra registrada em Mateus, foi popular entre os judeus.

O professor Thorburn faz as seguintes observações: "Na obra de Justino *Diálogo com Trifo*, 108, o judeu fala de 'um certo Jesus, um enganador da Galiléia, a quem crucificamos; mas seus discípulos roubaram à noite o corpo do túmulo, onde fora sepultado depois de ter sido tirado da cruz, e agora enganam as pessoas afirmando que Ele ressuscitou dos mortos e ascendeu ao céu".

"Semelhantemente Tertuliano (*Apologia*, 21) também diz: 'Encontraram o túmulo totalmente vazio, com exceção dos panos que envolviam o sepultado. Todavia, os líderes dos judeus, que, na prática, tinham a preocupação tanto de divulgar uma mentira por todos os lados como de manter o povo, em questões de fé, obedecendo e contribuindo financeiramente, esses líderes espalharam que o corpo de Cristo fora roubado por seus seguidores!' E, mais uma vez, com fina ironia Tertuliano diz (*De Spectac*, 30): 'Este é aquele que os discípulos secretamente roubaram para que pudessem dizer que ressuscitara, ou pode ter sido que o jardineiro tenha tirado o corpo do local a fim de que as multidões de visitantes não viessem estragar sua plantação de alface! "

"Encontramos essa teoria repetida na literatura judaica medieval (livro judaico em Eisenmenger, vol. 1, p. 189ss, etc). Reimarus repete a mesma história: 'Os discípulos de Jesus roubaram o corpo antes de se transcorrerem vinte e quatro horas de sepultamento, no local do sepulcro representaram a comédia do túmulo vazio e adiaram o anúncio público da ressurreição para cinquenta dias depois, quando a decomposição do corpo já era total.'"

"As afirmações e argumentos dessa teoria bem antiga são integralmente respondidos por Orígenes (*Contra Celso*)". 68/191, 192

3D. Sobre a teoria do roubo, *João Crisóstomo*, de Antioquia (347-407 A.D.), disse o seguinte: "Pois, na verdade, até isso confirma a ressurreição. Isto é, o fato de dizerem que os discípulos O roubaram. Pois essa é a maneira de os homens admitirem que o corpo não estava lá. Portanto, quando admitem que o corpo

não estava lá, ao mesmo tempo em que se mostra que, devido à vigilância no local, aos selos e à timidez dos discípulos, o roubo é uma mentira inacreditável, aí então a prova da ressurreição parece ser inquestionável". 10/531

2C. A REFUTAÇÃO

1D. *É preciso explicar de alguma maneira o túmulo vazio.*

O professor *E. F. Kevan* afirma que, embora o túmulo vazio obrigatoriamente não prove a ressurreição, apresenta, no entanto, duas alternativas distintas. *Kevan* escreve: "As alternativas são: o túmulo vazio ou era obra divina ou humana". Deve-se analisar objetivamente ambas as possibilidades e deve-se aceitar aquela que tenha maior probabilidade de ser verdadeira. 32/14

Kevan prossegue: "Contudo, não há dificuldade alguma quando se tem de fazer uma decisão entre alternativas como estas. Os inimigos de Jesus não tinham qualquer motivo para tirar o corpo; os amigos de Jesus não tinham quaisquer condições de fazê-lo. Para as autoridades teria sido vantajoso que o corpo permanecesse onde estava; e é irreal a idéia de que os discípulos roubaram o corpo. Conclui-se que o poder que tirou o corpo do Salvador do túmulo deve ter sido divino". 32/14

LeCamus assim se expressa a respeito: "Se Jesus, que fora sepultado no túmulo na sexta-feira, não estava lá no domingo; ou Ele foi tirado de lá ou então Ele dali saiu pelo Seu próprio poder. Não há qualquer outra alternativa. Foi tirado? Por quem? Por amigos ou por inimigos? Estes haviam postado um pelotão de soldados para guardá-lo, portanto não tinham qualquer intenção de fazê-lo desaparecer. Além do mais, a prudência que tinham não os faria tomar essa atitude. Pois isso facilitaria demais a possível invenção de histórias da ressurreição por parte dos discípulos. Para eles a opção mais sábia era guardar o corpo como prova. Assim poderiam responder a cada afirmação que surgisse: 'O cadáver está aqui. Ele não ressuscitou'".

"Quanto aos Seus amigos, não tinham a intenção nem as condições para tirá-lo do túmulo." 34/482

Wilbur Smith diz: "... Esses soldados não souberam como explicar o túmulo vazio. O Sinédrio disse-lhes o que dizer, e, devido ao medo que tinham, foram subornados para que repetissem aquela história forjada às pressas". 57/22, 23

A. B. Bruce comenta: "A história a ser divulgada presume que existe um fato a ser explicado, o desaparecimento do corpo. E está implícito que é falsa a versão a ser espalhada pelos soldados". 6/337, 338

2D. *O roubo do corpo de Cristo pelos discípulos não é uma explicação razoável para o túmulo vazio.*

1E. Não se questionou o testemunho dos soldados. Mateus registra que "alguns da guarda foram à cidade e contaram aos principais sacerdotes tudo o que sucedera" (Mateus 28:11).

O professor *R. C. B. Lenski* assinala que o informe sobre a ressurreição de Jesus chegou até os sumo sacerdotes através das testemunhas deles próprios, "os soldados que eles mesmos haviam colocado no local, as testemunhas inatacáveis". O testemunho dos guardas foi aceito como sendo totalmente verdadeiro; eles sabiam que os guardas não tinham motivo algum para mentir. 35/1161, 1162

Wilbur M. Smith escreve: "Deve-se notar em primeiro lugar que as autoridades judaicas questionaram o relatório dos guardas. Eles mesmos não foram verificar se o túmulo estava vazio, pois sabiam que estava vazio. Os guardas jamais teriam vindo com uma história dessas, a menos que estivessem relatando acontecimentos reais e indisputáveis, na medida em que eram capazes de entender esses acontecimentos. A história que as autoridades judaicas disseram aos soldados para divulgar foi uma história para explicar como o túmulo ficou vazio". 69/375, 376

Falando sobre Anás e Caifás, o professor *Albert Roper* diz: "A explicação hipócrita que deram para a ausência do corpo de Jesus no túmulo revela a falsidade de tal alegação. Ou então por que iriam tentar subornar os soldados para que dessem um testemunho falso?" 54/37

De maneira que os judeus, ao não questionarem a veracidade do testemunho dos soldados, tacitamente confirmam que o túmulo de Cristo estava vazio. A história que eles forjaram de que os discípulos roubaram o corpo de Jesus não passa de uma desculpa esfarrapada, divulgada à falta de uma outra melhor.

2E. Tomaram-se muitas precauções para evitar o roubo daquele túmulo. Para os discípulos, tais medidas teriam representado um obstáculo intransponível em qualquer plano de roubo do sepulcro.

O *professor Albert Roper* diz: "Sejamos justos. Estamos diante de uma explicação que, para pessoas de bom senso, não soluciona. Quando os principais sacerdotes induziram Pilatos a determinar 'que o sepulcro seja guardado com segurança até ao terceiro dia', o registro dos fatos justifica a conclusão de que, sem dúvida alguma, manteve-se o sepulcro em 'segurança'. De modo que, raciocinando a partir desse relato, não há como deixarmos de chegar à conclusão de que as medidas tomadas para evitar que os amigos de Jesus roubassem Seu corpo constituem agora uma prova irrefutável de que não tinham condições de participar desse roubo e de que não o fizeram". 54/34

Lemos em *Fallow's Encyclopedia* (Enciclopédia de Fallow) que "os discípulos eram incapazes de enfrentar o poderio romano. Como é que soldados armados e de sentinela iriam aceitar serem derrotados por umas poucas pessoas medrosas?" 17/1452

João Crisóstomo, falando sobre as mulheres que vieram ao túmulo de Jesus bem cedo na manhã de domingo, escreve: "Elas raciocinaram que ninguém poderia tê-lo levado quando tantos soldados estavam ali ao redor, a menos que Ele tivesse ressuscitado". 9/527

3E. O desânimo e a covardia dos discípulos é um argumento contundente de que seriam incapazes de, repentinamente, se tornar tão corajosos e ousados a ponto de enfrentar um destacamento de soldados junto ao túmulo e roubar o corpo. Não tinham ânimo para tentar algo assim.

Wilbur M. Smith diz: "... Os discípulos, que haviam fugido de Jesus quando Ele estava sendo julgado, não tinham coragem nem forças físicas para lutar contra um grupo de soldados". 57/22, 23

Smith prossegue: "... Esses discípulos não tinham disposição para sair e enfrentar soldados romanos, subjugar toda a escolta e rapidamente roubar o corpo do túmulo. Pessoalmente creio que se tivessem tentado tal empreitada, teriam sido mortos, mas eles não se encontravam em condições psicológicas nem mesmo de tentar. Na noite de quinta-feira daquela semana, Pedro havia demonstrado que era um covarde, quando, no pátio inferior do palácio do sumo sacerdote, uma criada o aborreceu, acusando-o de pertencer ao grupo do nazareno condenado. Na ocasião, para salvar a própria pele, ele negou o seu Senhor, praguejou e jurou. O que teria acontecido com Pedro que, no espaço de poucas horas, transformou o covarde em alguém que se apressa a lutar com soldados romanos?" 60/376, 377

Acerca da teoria do roubo, Fallow escreve na enciclopédia de sua autoria: "É provável que eles não roubaram o corpo, e é quase certo que não tinham condições de fazê-lo".

"Como é que poderiam tentar retirar o corpo? Criaturas frágeis e tímidas, que fugiram tão logo viram que Ele fora preso; até Pedro, o mais corajoso, tremeu ao ouvir a voz da criada e três vezes negou que O conhecesse. Será que pessoas com esse caráter teriam tido a coragem de contradizer a autoridade do governador? Será que eles teriam se oposto à determinação do Sinédrio? Será que teriam se disposto a enfrentar os guardas?"

Será que teriam escapado furtivamente ou então derrotado soldados armados, que estavam cômicos do perigo? Se Jesus Cristo não tornou a viver (falo a linguagem dos incrédulos), enganou os discípulos com vãs esperanças de ressurreição. Como os discípulos não descobriram o embuste? Será que teriam se arriscado num empreendimento tão perigoso em favor de um homem que, de forma tão cruel, os havia constrangido a crerem nele? Mas, caso admitamos que eles combinaram entre si para retirar o corpo, como é que teriam executado esse intento?" 17/1452

O *professor A. Roper* diz: "Ninguém dentre os membros daquele pequeno grupo de discípulos teria tido a coragem de violar o túmulo selado, mesmo que não houvesse soldados romanos ali de guarda. É totalmente fantástica a idéia de que um deles pudesse realizar tal empreitada diante das medidas preventivas que haviam sido adotadas". 54/37

Veja as páginas acerca da escolta romana, para compreender melhor por que os discípulos teriam tido receio das sentinelas.

4E. Se os soldados estavam dormindo, como poderiam dizer que os discípulos roubaram o corpo?

Na obra *Fallow's Encyclopedia* (Enciclopédia de Fallow) aparece o seguinte comentário sobre a teoria do roubo: "Diz Santo Agostinho: 'Ou estavam dormindo, ou estavam acordados; se estavam acordados, por que permitiram que os discípulos roubassem o corpo? Se estavam dormindo, como poderiam saber que os discípulos o roubaram? Dessa forma, como teriam a coragem de depor sob juramento que o corpo fora

roubado?" 17/1452

Sobre a escolta romana, *A. B. Bruce* assim se refere: "... Os soldados estavam perfeitamente cômicos de que não haviam dormido em seu posto e que nenhum roubo ocorrera. A mentira pela qual os sacerdotes pagaram tanto dinheiro é praticamente um suicídio. As duas partes dessa mentira se contradizem mutuamente. Sentinelas que estivessem dormindo não teriam como saber o que acontecera". 6/337, 338

O *professor David Brown* comenta: "Se havia algo que era necessário para completar a prova da realidade da ressurreição de Cristo, certamente era a tolice da explicação que os guardas foram subornados a dar. Era bem improvável que todo um destacamento de soldados fosse dormir durante a vigília; mas era totalmente improvável que isso acontecesse num caso como esses, em que as autoridades se mostravam ansiosas por que o túmulo permanecesse intacto..." 30/133

Sobre a teoria forjada pelos judeus *Paul Little* diz: "Deram dinheiro aos soldados e disseram-lhes para que explicassem que os discípulos tinham vindo de noite e roubado o corpo enquanto estavam dormindo. A falsidade dessa história é tão óbvia que Mateus nem se dá ao trabalho de refutá-la. Que juiz lhe daria atenção caso você dissesse que, enquanto dormia, o seu vizinho tinha vindo e roubado o aparelho de televisão da sua casa? Um testemunho como esses seria ridicularizado e rejeitado em qualquer tribunal". 38/63, 64

5E. É certo que os soldados não dormiram enquanto deviam vigiar — proceder assim significaria condenação à morte por parte dos seus oficiais superiores.

O *professor A. B. Bruce* escreve: "A punição comumente aplicada em quem dormisse durante a vigília era a morte. Seria possível convencer os soldados a, por qualquer quantia de dinheiro, correrem tal risco? É claro que eles podiam apanhar o dinheiro e ir embora rindo de quem tivesse dado o dinheiro, com a intenção de contar a verdade ao general. Será que os sacerdotes poderiam esperar alguma coisa mais? Caso contrário, será que poderiam fazer seriamente essa proposta? A história está cheia de dificuldades". 6/337, 338

Edward Gordon Selwyn, citado por *Wilbur Smith*, comenta sobre a possibilidade de os guardas dormirem: "É inacreditável que... todos, sem exceção, tenham dormido quando ali estavam estacionados com um propósito tão incomum — garantir que um cadáver não fosse roubado. É inacreditável especialmente quando se considera que esses guardas estavam sujeitos à mais severa disciplina do mundo. Para uma sentinela romana, dormir no posto significava a morte. No entanto, esses guardas não foram executados; nem mesmo foram declarados culpados conforme o regulamento, nem tiveram a sensação de um fracasso deplorável nem se exasperaram, embora isso fosse de se esperar diante do fracasso do plano deles de guardar o corpo.... É praticamente evidente por si mesmo que os governantes judeus não acreditaram naquilo que instruíram e subornaram os soldados a dizer. Se tivessem acreditado, por que os discípulos não foram imediatamente presos e investigados? Pois um ato desses de que eram acusados implicava uma ofensa muito séria contra as autoridades existentes. Por que eles não foram forçados a entregar o corpo? Ou, no caso de serem incapazes de provar sua inocência, por que não foram castigados por esse crime?... Em lugar algum existe a menor indicação de que os governantes tenham tentado fundamentar a acusação". 60/578, 579

William Paley, teólogo e filósofo inglês, escreve: "Na minha opinião, o dr. Townshend observou corretamente que a história dos guardas revelava alguma fraude: 'Vieram de noite os seus discípulos e o roubaram, enquanto dormíamos'. Em circunstâncias assim, não teriam feito tal admissão de negligência sem garantias prévias de proteção e impunidade". 49/196

Para maiores informações sobre o tipo de castigo dado àqueles (tanto guardas romanos como guardas do templo) que dormissem durante a vigília, veja as páginas 268 a 270.

6E. A pedra na entrada do túmulo era exatamente grande (veja páginas 262s). Mesmo que os soldados estivessem dormindo e os discípulos tentassem roubar o corpo, certamente o barulho causado por arrastar uma pedra como essas os teria acordado.

O *professor Wilbur Smith* diz: "Com certeza os soldados teriam acordado com o barulho de empurrar uma pedra pesada e de tirar para fora o corpo de Jesus". 57/22, 23

David Brown escreve: "... Mas mesmo que fosse possível supor que um número tão grande e suficiente de discípulos tivesse vindo ao túmulo para romper o selo, empurrar a grande pedra para trás e levar embora o corpo, é inimaginável que todos os guardas estivessem dormindo profundamente e pelo

tempo suficiente para permitir que todo esse trabalho entedi-ante e barulhento acontecesse bem ao seu lado sem acordarem". 30/133

7E. Os panos de sepultamento constituem uma testemunha silenciosa da impossibilidade do roubo. (Para uma análise abrangente do costume judaico de sepultamento, veja páginas 258ss).

Merrill C. Tenney comenta: "Nenhum ladrão jamais teria reenrolado as faixas em seu formato original, pois não teria havido tempo para fazê-lo. Ladrões teriam deixado os panos espalhados pelo chão e fugido com o corpo. O medo de serem presos tê-los-ia feito agir o mais rápido possível". 66/119

O *professor Albert Roper* diz: "Tal ambiente ordeiro é inconsistente com a profanação da sepultura e a ação rápida de roubar o corpo. Alguém suficientemente afoito para empreender uma missão dessas — se é que se poderia encontrar alguém assim — com toda certeza não teria feito esse trabalho com tanta ordem, tanta tranqüilidade, tanta calma. Pela nossa experiência, com certeza o grande cuidado de deixar o ambiente que saquearam ou vasculharam numa condição meticulosamente arrumada e ordeira não é consistente com ações perpetradas por criminosos. Pelo contrário, desordem e confusão são as características de um gatuno. Tais atos, pela própria natureza das coisas, não se desenrolam de maneira tranqüila. Sua realização exige pressa, na qual arrumação e ordem não têm qualquer espaço. A própria condição ordeira do túmulo, do que João dá testemunho, proclama o absurdo da acusação de que o corpo de Jesus fora roubado pelos Seus discípulos". 54/35-37

Gregório deNissa, ao comentar sobre esses fatos há 1.500 anos, escreveu "que a disposição dos panos no sepulcro, o lenço que esteve envolvendo a cabeça de nosso Salvador, não junto com os panos de linho, mas enrolado num lugar à parte, não refletem a ansiedade e a pressa de ladrões e, dessa forma, refuta a história de que o corpo foi roubado" (citado em Whitworth). 73/64, 65

Crisóstomo, outro escritor do século quarto, escreve de modo semelhante: "E esse também é o significado dos lenços que estavam grudados com a mirra, pois Pedro os viu deixados ali; se os discípulos estivessem dispostos a roubar o corpo, não o teriam levado nu. Não apenas por uma questão de respeito, mas a fim de não se demorarem nem perderem tempo desenrolando-o, e para não darem aos soldados oportunidade de acordar e então prendê-los. Também é preciso levar especialmente em conta que se usou mirra, um produto que gruda bastante no corpo e que se apega aos panos, de maneira que não era fácil tirar os panos do corpo, mas aqueles que o fizessem precisariam de muito tempo, de modo que mais uma vez vê-se que é impossível a história do roubo".

"Quê! ? Será que os discípulos não conheciam a fúria dos judeus? E será que atrairiam sobre si a ira deles? E no final que vantagem teriam nisso se Jesus não havia ressuscitado?" 9/530, 531

Simon Greenleaf, famoso professor de Direito na Universidade de Harvard, diz: "Os panos de sepultamento repousando ali como que arrumados, e o lenço em lugar à parte, enrolado, deixam claro que o sepulcro não fora saqueado nem o corpo fora roubado por mãos violentas. Pois esses panos e especiarias teriam tido mais valor para ladrões do que um simples cadáver nu. Pelo menos, não deviam ter o trabalho de arrumar os panos. Os mesmos detalhes também revelam que o corpo não foi tirado por amigos, pois não teriam deixado os panos para trás. Uma análise de todos esses detalhes fez germinar na mente de João uma crença de que Jesus havia ressurgido dentre os mortos". 20/542

Henry Latham, que faz uma boa descrição dos panos de sepultamento, assinala que estavam num único lugar, e além disso faz observações sobre "... as cem libras de especiarias. Essas especiarias eram secas. A quantidade mencionada é grande. Caso os panos tivessem sido desenrolados, a mirra e o aloés em pó teriam caído na laje ou no chão, formando um monte bem aparente. Quando, de dentro do túmulo, com grandes detalhes Pedro descreveu a João o que via, certamente não teria deixado de mencionar esse aspecto. O senhor Beard não se esquece das especiarias e diz que elas, pelo peso, afundaram os panos de sepultamento, mas ele deixa de perceber o fato, para mim tão significativo, de que se os panos tivessem sido desenrolados, as especiarias teriam caído e ficado visíveis. O fato de que nada se diz sobre as especiarias favorece a suposição de que permaneceram entre as faixas de pano onde foram originalmente colocadas, e conseqüentemente não foram vistas". 33/9

8E. Os discípulos não devem ter tirado o corpo de Cristo. *Wilbur Smith* comenta: "... Os discípulos não tinham motivo algum para tirar o corpo, que fora sepultado com o devido respeito e honra. Nada mais podiam fazer pelo corpo do seu Senhor que já não tivesse sido feito. José de Arimateia jamais lhes disse para retirarem o corpo do lugar inicial de sepultamento. Igualmente nenhuma outra pessoa deu essa

sugestão. De modo que, se *realmente* empreenderam tal tarefa, só pode ter sido não para a honra do Senhor, nem para garantir as suas próprias vidas, mas para enganar outras pessoas. Em outras palavras, para impingir nos habitantes da Palestina uma mentira sobre Jesus. Esses discípulos haviam seguido o Senhor durante três anos, e não importa o que mais eles possam ter sido, certamente não eram mentirosos, com exceção de Judas, que já estava morto. Não eram indivíduos ignorantes dados a enganar. É inconcebível que os onze, depois de acompanharem o Santo Filho de Deus, o qual condenou a falsidade e sempre exaltou a verdade, depois de ouvirem-no pregar um evangelho da mais elevada retidão que já se tinha ouvido até então, é inconcebível que esses onze discípulos decidissem todos repentinamente participar de uma maquinação vil como essa". 60/377

9E. Até então os discípulos não tinham percebido a verdade da ressurreição e dessa forma não teriam procurado fazer a ressurreição se tornar verdade (cf. Lucas 24).

Conforme *John F. Whitworth* comenta, "... eles não pareciam compreender que Ele iria ressuscitar no terceiro dia. Com certeza ficaram surpresos quando descobriram que Ele ressuscitara. Tais detalhes mostram que nem mesmo era possível que eles imaginassem roubar o corpo para criar a impressão de que Ele ressuscitara". 73/64

O professor *A. B. Bruce* escreve: "Mesmo que, no que diz respeito a escrúpulos de consciência, os discípulos fossem capazes de um roubo desses, não se encontravam em condições psicológicas para planejar ou executar algo dessa natureza. Eles não tinham ânimo para uma ação de tal ousadia. A tristeza os havia deixado de tal forma abatidos que eles se encontravam num estado de inação quase igual ao do cadáver que se supõe terem roubado. De sorte que o motivo do roubo é algo que logicamente não os influenciou. Roubar o corpo para espalhar uma crença na ressurreição! Que interesse tinham em espalhar uma crença em que eles mesmos não criam? 'Pois ainda não tinham compreendido a Escritura, que era necessário ressuscitar ele dentre os mortos': nem se lembravam de alguma coisa que o Mestre dissera a respeito antes de morrer". 7/494

10E. Diz *James Rosscup*: "Os discípulos eram pessoas honradas e seria impossível terem impingido uma mentira ao povo. Passaram o resto da vida proclamando a mensagem da ressurreição, como covardes transformados em pessoas de coragem. Estavam desejosos de enfrentar perseguições, prisões, torturas e mortes terríveis, e nenhum deles jamais negou o Senhor nem abandonou a crença de que Cristo havia ressuscitado". 55/4

Ao discutir a teoria do roubo, *Paul Little* comenta: "Além do mais, estamos diante de uma impossibilidade psicológica e ética. Roubar o corpo de Cristo é algo totalmente estranho ao caráter dos discípulos e a tudo o que sabemos sobre eles. Significaria que deliberadamente inventaram uma mentira que foi responsável pelo engano e, por fim, pela morte de milhares de pessoas. É inconcebível que, mesmo que apenas alguns dos discípulos tivesse planejado e executado esse roubo, jamais tivessem contado aos demais". 38/63, 64

O advogado britânico *J. A. D. Anderson*, ao comentar a idéia de que os discípulos roubaram o corpo de Cristo, diz: "Isto se choca com tudo o que sabemos a respeito deles: o ensino ético que pregavam, a qualidade de suas vidas, sua firmeza no sofrimento e na perseguição. E não consegue explicar a transformação dramática que experimentaram, de escapistas desanimados e deprimidos em testemunhas que oposição alguma foi capaz de silenciar". 2/92

Acerca da teoria do roubo, *Kevam* escreve: "É aqui que até mesmo os adversários da posição cristã açodem em sua ajuda, pois o cético *Strauss* (1808-1874) rejeita a hipótese de impostura da parte dos discípulos por ser moralmente impossível. Diz *Strauss* que 'o historiador deve admitir que os discípulos criam firmemente que Jesus havia ressuscitado'" (*Leben Jesu* (Vida de Jesus). 1864, p. 289). 32/9

Wilbur Smith diz: "Hoje até mesmo muitos eruditos judeus ortodoxos repudiam completamente essa história. Entre esses judeus está o próprio *Klausner*, que não tem qualquer interesse na ressurreição e que admite que os discípulos eram pessoas de muito respeito para cometerem um engano como esse" (*Jesus of Nazareth; His Life, Times, and Teaching* (Jesus de Nazaré - Vida, Época e Ensinos). Nova Iorque, 1925. p. 414). 57/22, 23

Foi um "corpo roubado" que deu a Pedro coragem para a sua resposta em Atos 4:8?

"Então Pedro, cheio do Espírito Santo lhes disse: 'Autoridades do povo e anciãos: Visto que hoje somos interrogados a propósito do benefício feito a um homem enfermo e do modo por que foi curado,

tomai conhecimento vós todos e todo o povo de Israel de que, em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, a quem vós crucificastes, e a quem Deus ressuscitou dentre os mortos, sim, em seu nome é que este está curado perante vós. Este Jesus é pedra rejeitada por vós, os construtores, a qual se tornou a pedra angular. E não há salvação em nenhum outro; porque abaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos" (Atos 4:8-12).

Wilbur Smith explica: "O poder de Deus desceu sobre Pedro de tal maneira no dia de Pentecoste que naquele único dia, num sermão que se ocupou na maior parte com a verdade da ressurreição de Cristo, três mil almas foram ganhas para o Senhor. Uma coisa é certa: *Pedro estava no mínimo pregando aquilo em que cria*: que Deus havia ressuscitado Cristo dentre os mortos. É impossível alguém conscientemente pregar mentiras e ao mesmo tempo demonstrar um poder como esse. Os discípulos continuaram pregando a Ressurreição até que o mundo inteiro foi virado de cabeça para baixo pela fé nessa verdade gloriosa. Não, os discípulos não roubaram o corpo de nosso Senhor, nem teriam conseguido fazê-lo". 60/377, 378

Todos os discípulos, com exceção de João, morreram como mártires. Foram perseguidos porque se apegaram tenazmente às suas crenças e convicções. Como *Paul Little* diz, "os homens são capazes de morrer por aquilo que *acreditam* ser a verdade, embora até mesmo possa ser algo falso. Eles, contudo, não morrerão por aquilo que *sabem* que é mentira". Se os discípulos tivessem roubado o corpo de Jesus, saberiam que a ressurreição que estavam proclamando era falsa. No entanto, "constantemente se referiram à Ressurreição como o fundamento para o seu ensinar, o seu pregar, o seu viver e — significativamente — o seu morrer". A teoria de que os discípulos roubaram o corpo é, então, totalmente absurda! 32/62, 64

Concordo com *John R. W. Stott*: A teoria de que os discípulos se apoderaram do corpo de Cristo "simplesmente não é verdadeira. É tão improvável que é virtualmente impossível. Se há algo claro nos Evangelhos e em Atos, é que os apóstolos eram sinceros. Talvez tenham sido enganados, se é que você prefere assim, mas não eram enganadores. Hipócritas e mártires não são farinha do mesmo saco". 63/50

3D. A teoria de que os judeus, os romanos ou José de Arimatéia retiraram o corpo de Cristo não é uma explicação mais plausível para o túmulo vazio do que a do roubo pelos discípulos.

1E. Os judeus retiraram o corpo?

J. N. D. Anderson diz: "Num espaço de sete semanas (depois da ressurreição de Cristo) — se é que se deve acreditar inteiramente no relato bíblico, e eu não consigo enxergar alguma possível razão para os escritores cristãos terem inventado aquele difícil intervalo de sete semanas — pois num espaço de sete semanas Jerusalém estava em ebulição com a pregação da ressurreição. Os apóstolos a estavam pregando de um canto a outro da cidade. Os principais sacerdotes estavam muito perturbados a respeito. Diziam que os apóstolos estavam tentando derramar o sangue daquele homem sobre eles. Estavam sendo acusados de crucificar o Senhor da glória. E estavam dispostos a fazer o que fosse preciso para interromper o avanço dessa perigosa heresia". 3/6

Caso os judeus tivessem emitido uma ordem oficial para retirar o corpo, por que, quando os apóstolos estavam pregando a ressurreição em Jerusalém, não disseram: Esperem um momento! Nós tiramos o corpo — Cristo não ressuscitou dentre os mortos!

Se uma refutação dessa não funcionou, por que não explicaram exatamente onde jazia o corpo de Jesus?

Se ainda assim isso não funcionou, por que então não desenterraram o cadáver, colocaram numa carroça e foram com ela até o centro de Jerusalém? Tal ação teria destruído o cristianismo — não no berço, mas ainda no ventre!

William Paley, teólogo e filósofo inglês, diz: "É evidente que, se fosse possível achar o corpo de Cristo, os judeus tê-lo-iam apresentado como a resposta mais rápida e completa possível a toda essa história. Pois, quando surgiu a história da ressurreição de Cristo, o que ocorreu imediatamente, quando seus discípulos publicamente anunciaram o acontecimento, e dele fizeram o fundamento e base para pregarem no nome dEle e para reunirem seguidores para a Sua religião, os judeus, mesmo com todas as precauções, e embora, por tal razão, estivessem preparados e alertas, não tinham o corpo para apresentar..." 49/196-198

John Whitworth escreve sobre o silêncio dos judeus acerca da localização do corpo de Jesus: "Embora comumente se saiba que essa história (do roubo) veio a ser difundida entre os judeus, no entanto, conforme o dr. Gilmore observa, 'nem uma única vez menciona-se essa história naqueles julgamentos dos

apóstolos, ocorridos logo depois em Jerusalém, devido à proclamação ousada e pública de que seu Mestre havia ressuscitado'. Embora os apóstolos tenham sido convocados a se apresentarem perante aquele mesmo grupo que divulgara a versão do roubo dos discípulos, nem mesmo são acusados do crime; nem mesmo um murmúrio sobre o assunto escapa dos lábios do Sinédrio; e logo abandonou-se a história por ser insustentável e absurda". 73/66

2E. Os romanos retiraram o corpo?

Teria sido vantajoso para o governador manter o corpo na sepultura. A principal preocupação de Pilatos era manter as coisas tranqüilas. Retirar o corpo teria provocado uma agitação desnecessária entre os judeus e os cristãos.

Sobre Pilatos / *N. D. Anderson* diz o seguinte: "Estava perturbado acerca desse estranho ensinamento. Se tivesse determinado a retirada do corpo, parece incrível que não tivesse informado os principais sacerdotes no momento em que estavam tão perturbados". 3/6 Pilatos simplesmente desejava sossego.

3E. José de Arimatéia retirou o corpo?

José era um discípulo oculto de Jesus e, nessa condição, não teria retirado o corpo sem primeiramente consultar os outros discípulos.

Se José se aventurou a retirar o corpo de Cristo sem consultar os demais, certamente o teria contado aos outros discípulos posteriormente, quando a mensagem da ressurreição estivesse sendo divulgada.

4E. Concluindo, os fatos apresentados nesta defesa falam alto contra a teoria de que o corpo de Cristo foi retirado.

Como diz *George Hanson*: "A fé simples do cristão que crê na Ressurreição não é nada em comparação com a credulidade do cético que é capaz de aceitar as fantasias mais absurdas e improváveis para não admitir o testemunho claro de fatos históricos confirmados. As dificuldades da fé podem ser grandes; os absurdos da incredulidade são maiores". 22/24

3B. A Teoria da Alucinação

1C. A TEORIA - TODAS AS APARIÇÕES DE CRISTO APÓS A RESSURREIÇÃO FORAM NA VERDADE APARIÇÕES IRREAIS. O QUE DE FATO ACONTECEU FOI QUE AS PESSOAS TIVERAM ALUCINAÇÕES.

2C. A REFUTAÇÃO

1D. *As aparições de Cristo foram assim tão importantes?*

C. S. Lewis diz: "No início do cristianismo um 'apóstolo' era antes de mais nada um homem que afirmava ser uma testemunha ocular da Ressurreição. Apenas uns poucos dias depois da Crucificação, quando foram indicados dois candidatos para a vaga criada pela traição de Judas, a qualificação de ambos era que haviam conhecido Jesus pessoalmente tanto antes como depois da Sua morte e, assim, ao se dirigirem ao mundo não-cristão, poderiam apresentar testemunhos de primeira mão em favor da Ressurreição (Atos 1:22). Poucos dias depois, Pedro, pregando o primeiro sermão cristão, faz a mesma afirmação: 'A este Jesus Deus ressuscitou, do que todos nós cristãos somos testemunhas' (Atos 2:32). Na Primeira Carta aos Coríntios, Paulo fundamenta sua reivindicação ao apostolado batendo na mesma tecla: 'Não sou apóstolo? não vi a Jesus, nosso Senhor?'" 37/148

2D. *Faria diferença se as aparições de Cristo após a ressurreição fossem visões?*

Considerando a definição dada por Lewis, se fosse verdadeira a teoria que considera todas as aparições de Cristo como simples alucinações, então seria nulo o valor da função apostólica.

Se a teoria é verdadeira, significa, nas palavras de *Gresham Machen*, "... que a Igreja Cristã encontra-se alicerçada numa experiência patológica de certas pessoas, ocorrida no primeiro século de nossa era. Significa que, caso tivesse havido um bom neurologista para tratar de Pedro e dos outros, jamais teria

existido uma Igreja Cristã". 32/10,11

J. N. D. Anderson, ao falar da "credibilidade do testemunho apostólico...", diz que ele "permanecerá de pé ou cairá por terra em função da validade do testemunho deles..." 4/100

3D. *O que é uma visão?*

O professor *Wübur Smith* diz: "A definição mais satisfatória que eu já encontrei para a palavra 'visão' é uma que foi feita por Weiss: 'O significado científico desse termo é que ocorre um ato aparente de visão, para o qual não existe um objeto externo correspondente. O nervo ótico não foi estimulado por raios de luz ou ondas do éter vindos de fora, mas por uma causa fisiológica puramente interna. Ao mesmo tempo a impressão sensorial da visão é plenamente aceita por aqueles que experimentam a visão como se fosse algo totalmente *objetivo*. Ele não tem qualquer dúvida de que o objeto da sua visão está realmente diante dele". 60/581

4D. *As aparições de Cristo após a ressurreição foram visões?*

A experiência dos discípulos não foi a de simples visões; o testemunho do Novo Testamento se opõe totalmente a uma hipótese dessas.

Conforme *Hillyer Straton* disse, "... homens sujeitos a alucinações jamais se tornam heróis morais. O efeito da ressurreição de Jesus em vidas transformadas era contínuo, e a maioria dessas primeiras testemunhas enfrentou a morte por proclamar essa verdade". 64/4

5D. *A teoria da alucinação não é plausível porque contradiz certas leis e princípios a que, segundo os psiquiatras, as visões devem se conformar.*

1E. Em geral, apenas determinados tipos de pessoas experimentam alucinações. 3/4-9; 38/67-69; 51/97-99

São aquelas pessoas que descreveríamos como "hiper-sensíveis", de elevada imaginação e muito nervosas.

As aparições de Cristo não se restringiram a pessoas de qualquer perfil psicológico específico.

John R. W. Stott diz: "...Havia diferentes estados psicológicos...."

"Maria Madalena estava chorando..."

"... as mulheres estavam temerosas e perplexas..."

"... Pedro estava tomado de remorsos..."

"... e Tome, de incredulidade".

"Os dois discípulos de Emaús encontravam-se atônitos diante dos acontecimentos da semana ..."

"... e os discípulos na Galiléia, diante da sua pesca ..."

"É impossível rejeitar essas manifestações do divino Senhor como sendo alucinações de mentes perturbadas". 63/57

2E. No subconsciente de um indivíduo, as alucinações estão ligadas a suas experiências pessoais do passado. 3/4-9; 38/67- 69; 51/97-99

1F. São experiências muito individuais e extremamente subjetivas.

Heinrich Kluerer em *Psychopathology of Perception* (Psicopatologia da Percepção), cita um famoso neurobiólogo (Raoul): "Mourgue, no tratado fundamental que escreveu sobre a neurobiologia das alucinações, chegou à conclusão de que variabilidade e inconstância representam os aspectos mais constantes nos fenômenos alucinatórios e afins. Para ele a alucinação não é um fenômeno estático, mas um processo essencialmente dinâmico, cuja instabilidade reflete a própria instabilidade dos fatores e condições associados à sua origem". 27/18

De modo que é extremamente improvável que duas pessoas viessem a ter a mesma alucinação ao mesmo tempo.

2F. Muitas pessoas viram as aparições de Cristo.

Thomas J. Thorburn faz a seguinte asserção: "É totalmente inconcebível que um número tão grande, como digamos quinhentas pessoas, em diversas condições mentais, com diferentes temperamentos, em vários números, em toda espécie de horas do dia e em situações sensoriais — visuais, auditivas e táteis — e que todas essas experiências, ricas em detalhes, se dessem inteiramente a alucinações subjetivas. Dizemos que é incrível porque, caso se aplicasse essa teoria a qualquer acontecimento histórico que não

fosse 'sobrenatural', seria repudiada como uma explicação ridiculamente insatisfatória". 68/158, 159

Theodore Christlieb, citado por Wübur Smith, diz: "Não negamos que a ciência possa nos contar casos em que todo um ajuntamento de pessoas teve visões simultaneamente. Mas nas vezes em que isso ocorreu, a visão sempre foi acompanhada por uma *excitação mórbida da vida mental*, bem como um estado físico mórbido, especialmente em termos de doenças nervosas. Bem, mesmo que um ou mais discípulos tenham estado nessa condição de morbidez, de modo algum temos razão para concluir que isso aconteceu com todos. Com toda certeza eram homens com temperamento e constituições os mais variados. E, no entanto, afirma-se que um discípulo atrás do outro caiu nesse estado mórbido; não apenas as mulheres que estavam excitadas, mas até mesmo Pedro, aquele pescador forte e robusto que, seguramente, mais do que qualquer outro, estava longe de experimentar um estado de nervosismo, Tiago e aqueles dois no caminho de Emaús e assim por diante, inclusive o sereno e questionador Tome. Sim, e todos os onze simultaneamente, e até mesmo *mais de quinhentos irmãos que estavam reunidos*. Afirma-se que todos de repente caíram em alguma espécie de auto-alucinação e observe-se que isso ocorreu nos momentos e lugares mais diferentes e durante as mais variadas atividades (de manhã junto ao túmulo; na conversa pela estrada; no círculo íntimo de amigos que trabalhavam no lago). Em todas essas ocasiões, com toda certeza devem ter estado com diferentes estados mentais e deve ter sido variada a tendência interior de cada um para ter visões. E será que todos eles poderiam ter concordado entre si em anunciar ao mundo essas visões como aparições corpóreas do Cristo ressuscitado? Ou, caso tivessem concordado nisso, será que poderia ter sido pura auto-ilusão ou engano intencional? Certamente, mais tarde um ou outro deles deve ter perguntado a si mesmo se a imagem que tinha visto era real. Schleiermacher diz com grande acerto: 'Quem quer que suponha que os discípulos se enganaram e que confundiram o interior com o exterior, acusa-os de uma tal fraqueza mental, que logicamente invalida todo o testemunho que dão acerca de Cristo, dando a impressão de que o próprio Cristo, quando escolheu essas testemunhas, não conhecia a natureza humana. Ou, caso Ele mesmo tivesse desejado e determinado que confundissem aparições interiores com percepções exteriores, Ele teria sido o autor do erro, e todos os valores morais estariam misturados, caso isso fosse compatível com Sua sublime dignidade". 60/396, 397

3E. De acordo com dois renomados psiquiatras, *L. E. Hinisic e J. Shatsky*, uma ilusão "é uma percepção errônea, uma resposta errada a um estímulo sensorial..."

"... Mas num indivíduo normal essa crença errada geralmente desperta o desejo de verificar e, freqüentemente, um ou mais dentre os outros sentidos poder vir em auxílio e convence a pessoa de que aquilo é apenas uma ilusão". 26/280

É impossível que as aparições de Cristo tenham sido percepções "errôneas".

Wübur Smith escreve sobre os detalhes observados por Lucas. Descreve Lucas como "um homem acostumado a considerar cientificamente qualquer assunto que estivesse estudando. No início de seu segundo livro, os Atos dos Apóstolos, Lucas diz que nosso Senhor, 'depois de ter padecido, se apresentou vivo, com muitas provas incontestáveis', ou mais literalmente, 'com muitas provas". 60/400

Smith prossegue: "...o próprio tipo de provas em que a ciência moderna e até mesmo os psicólogos tanto insistem para poder determinar a realidade de qualquer objeto sob exame é o tipo de prova que os Evangelhos nos apresentam em relação à ressurreição do Senhor Jesus, a saber, as coisas que se pode ver com a vista humana, tocar com as mãos humanas e ouvir com o ouvido humano. É isso que chamamos de provas empíricas". 60/389, 390

W. J. Sparrow-Sitnpson diz que as "aparições do Mestre Ressurreto podem ser analisadas de acordo com os sentidos humanos aos quais elas apelam, seja o sentido da visão, ou da audição, ou do tato. É possível agrupar convenientemente os diferentes fenômenos nessas três classes". 62/83

Sparrow-Simpson continua: "Primeiramente analisemos as manifestações que apelaram ao sentido da visão. Naturalmente elas vêm em primeiro lugar, por serem a forma inicial de obterem a atenção deles. Os Evangelhos as descrevem através de várias expressões:

4E. A ocorrência de alucinações geralmente se restringe a determinados locais e horas. 3/4-9; 38/67-69; 51/97-99 Geralmente essas experiências ocorrem:

num local de ambiente nostálgico;

ou numa hora do dia que faz a pessoa especialmente assumir uma atitude de ficar lembrando acontecimentos passados.

As horas e os locais em que ocorreram as aparições de Cristo não levaram as testemunhas a terem alucinações. Não houve caso de acontecimentos imaginários provocados pelo ambiente familiar.

John R. W. Stott comenta que "...faltavam as circunstâncias externas favoráveis à ocorrência de alucinações..." 63/57

Stott prossegue: "Se todas as aparições tivessem ocorrido em um ou dois lugares especialmente sagrados, os quais tivessem tido um significado especial devido às lembranças de Jesus..." e se "... a atitude dos discípulos tivesse sido de expectativa..." então "...nossas suspeitas bem que poderiam ser despertadas". 63/57

Stott conclui: "Se tivéssemos apenas o relato das aparições no cenáculo, teríamos motivo para duvidar e questionar. Caso os onze tivessem estado reunidos naquele lugar especial onde Jesus passara com eles algumas das suas últimas horas na terra, e caso tivessem mantido vago aquele local, e estivessem tendo recordações sentimentalistas dos maravilhosos dias passados com Jesus, e tivessem se lembrado de suas promessas de voltar, e tivessem começado a imaginar se ele poderia voltar e a esperar que ele o fizesse, até que o entusiasmo dessa expectativa se consumasse, com sua repentina aparição, caso tudo isso tivesse acontecido então haveria razões para temermos que tivessem sido enganados por uma terrível ilusão". 63/57

W. Robertson Nicoll, citado por Kevan, diz: "É preciso lembrar que os discípulos diziam que não apenas tinham visto a Cristo, mas que haviam conversado com ele, que esses encontros ocorreram em circunstâncias variadas e que havia muitas testemunhas". 30/10

James Orr analisa o fator tempo, dizendo que as aparições "não foram rápidas visões de Cristo, mas encontros demorados", em *The Resurrection of Jesus (A Ressurreição de Jesus)*, p 145 (citado por Ramm). 52/186

Pense na grande variedade de horas e locais das aparições:

Mateus 28.9, 10 — Bem de manhãzinha, às mulheres junto ao túmulo.

Lucas 24:13-33 — na estrada de Emaús, numa tarde.

Lucas 24:34; 1 Coríntios 15:7 — Dois encontros particulares a plena luz do dia.

João 21 :1-23 — Bem de manhã num certo dia, junto ao lago. 1 Coríntios 15:6 — Numa montanha da Galiléia a mais de 500 fiéis. (Para uma lista completa das aparições de Cristo após a ressurreição, veja páginas 281 ss.)

Na realidade, quase parece algo permitido essa variedade nas horas e locais das aparições de Cristo — uma diversidade que desafia a hipótese de que foram simples visões.

5E. As alucinações exigem que, em seu íntimo, as pessoas tenham a expectativa que faz com que o desejo que elas têm produza o pensamento. 3/4-9; 38/67-69; 51/97-99

1F. Os princípios seguintes são característicos das alucinações. O professor William Millígan afirma que o tema da visão tem como característica a "crença na idéia que ela expressa, a forte expectativa de que, de alguma forma, essa idéia se concretizará". 43/93-95

1G. "A fim de ter uma experiência como essa, a pessoa *deve ter um desejo* tão intenso de crer, que passa a projetar algo que na verdade não existe e a unir a realidade à sua imaginação". 38/68

2G. *O professor E. H. Day* observa que "... o ato de ter visões, a percepção subjetiva de fenômenos excepcionais por um grande número de pessoas ao mesmo tempo, requer uma certa quantidade de 'preparo psicológico', que se estende por um período consideravelmente longo". 13/51-53

3G. *Paul Little* escreve: "Por exemplo, uma mãe que perdeu o filho na guerra se lembra como ele costumava diariamente chegar em casa, vindo do trabalho, às cinco e meia da tarde. Todas as tardes ela

fica sentada em sua cadeira de balanço, refletindo e meditando. Por fim, ela pensa que o vê chegar pela porta, e conversa com ele. Nesse momento ela perdeu o contato com a realidade". 36/68

2F. No caso das aparições de Cristo após a ressurreição, seus seguidores foram levados a crer *contra a sua vontade*.

W. J. Sparrow-Simpson escreve: "Os fenômenos sugerem, portanto, que, vindas de fora, as aparições chamaram a atenção da mente, em vez de terem sido criadas no interior da mente". 62/88

Alfred Edersheim diz que "... tais visões pressupõem uma prévia expectativa do acontecimento, o que, como sabemos, é o oposto do que aconteceu". 15/626

O professor E. H. Day apresenta a seguinte objeção à teoria da alucinação: "... Podemos notar a lentidão com que os discípulos chegam à convicção a que somente a lógica inexorável dos fatos os conduziu". 13/53,54

Quanto à ausência de "preparo psicológico", Day faz a observação seguinte:

'A primeira aparição do Senhor encontrou os vários discípulos com atitudes mentais bem variadas, mas os estados mentais de expectativa, antecipação, ou de preparo para vê-lo estão fortemente ausentes".

"... A fé de todos havia sido abalada pela morte vergonhosa, uma morte que fazia lembrar de modo tão marcante as palavras da Lei judaica: 'o que for pendurado no madeiro é maldito de Deus' (Deuteronômio 21:23). A teoria das visões subjetivas poderia ser plausível, caso os discípulos tivessem se recusado a crer no pior. Mas as esperanças dos discípulos tinham sido tão aniquiladas que a recuperação era muito lenta". 13/53, 54

Paul Little explica que a disposição geral dos seguidores de Cristo não era igual à que se costuma encontrar em vítimas de uma experiência alucinatoria: "Maria foi ao túmulo, na manhã daquele domingo, levando especiarias consigo. Por quê? Para ungir o corpo morto do Senhor que ela amava. Obviamente ela não estava esperando encontrá-lo ressurreto dentre os mortos. Aliás, quando ela o viu pela primeira vez ela o confundiu com o jardineiro! Quando o Senhor finalmente apareceu aos discípulos, estes ficaram assustados e pensaram que estavam vendo um espírito!" 38/68, 69

Alfred Edersheim comenta: "... Um relato como esse escrito por São Lucas parece quase que idealizado para tornar inviável a 'hipótese de visão'. Está expressamente escrito que a aparição do Cristo ressuscitado, longe de concretizar seus anelos, os havia assustado, e eles pensaram que fosse um fantasma, pelo que Cristo lhes garantiu que era Ele mesmo e forçou-os a apalpá-lo, pois 'um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho'". 15/268

Prossequindo, Edersheim afirma: "É com propriedade que *Reuss* observa que se este dogma fundamental da Igreja é fruto da imaginação, ter-se-ia providenciado para que as narrativas a respeito concordassem entre si do modo mais estrito e literal". 15/628

C. S. Lewis diz que "...qualquer teoria de alucinação desmorona diante do fato de que em três ocasiões distintas as pessoas não perceberam imediatamente que a pessoa era Jesus (Lucas 24:13-31; João 20:15; 21:4). Aliás, se é imaginação, é a mais estranha imaginação que já dominou a mente humana. Mesmo que se aceite que Deus enviou uma alucinação sagrada para ensinar verdades que já eram largamente aceitas e que seriam bem mais facilmente ensinadas por outros métodos, além de, certamente, não serem obscurecidas pela alucinação, será que não seria de esperar que ele pelo menos fizesse as coisas acontecerem *direito*? Será que Aquele que criou todos os rostos é tão desajeitado que é incapaz de até mesmo reproduzir uma imagem parecida com o Homem que era Ele mesmo?" 37/153

Escrevendo sobre a aparição de Jesus a seus discípulos, *T. J. Thorburn* relata: "... Se tivesse sido um simples caso subjetivo de imaginação, que tivesse originado em outras pessoas uma seqüência semelhante de idéias também irreais, com certeza a tradição teria nos legado um relato bem mais elaborado a respeito..." 68/29-31

6E. As alucinações geralmente se repetem durante um longo período de tempo com uma regularidade perceptível. 3/4-9; 38/67-69; 51/97-99

Elas tornam a acontecer mais freqüentemente até que se chegue a um ponto de crise, ou então acontecem com freqüência cada vez menor até que desaparecem.

Repare nas seguintes observações feitas acerca das aparições de Cristo:

O *professor CS. Lewis* escreveu: "Todas as narrativas sugerem que as aparições do Corpo Ressurreto tiveram um fim; algumas descrevem um fim abrupto seis semanas após a morte... A um fantasma é possível simplesmente desaparecer, mas uma entidade real tem de ir a algum lugar — algo tem de lhe acontecer". 37/153, 154

Ele conclui: "Se foi uma visão, então foi a mais sistematicamente enganadora e mentirosa visão que já se registrou. Mas se o acontecimento foi real, então algo aconteceu depois que cessaram as aparições. É impossível desfazer-se da Ascensão sem colocar alguma outra coisa em seu lugar". 37/154

A obra *Dictionary of the Apostolic Church* (Dicionário da Igreja Apostólica), editada por Hastings, registra que "a teoria choca-se com o fato de que as visões terminaram repentinamente. Depois de quarenta dias não se encontra registro de qualquer aparição do Senhor Ressurreto, com exceção daquela a São Paulo, em que as circunstâncias e o objetivo foram inteiramente excepcionais. Não é assim que a imaginação opera. Como diz Keim, 'os espíritos que os homens despertam não se vão tão rapidamente'". 24/360

O *professor Kevan* indaga: "Mas se as visões do Salvador ressurreto foram alucinações, por que elas acabaram tão de repente? Por que, depois da Ascensão, não vemos outras pessoas ainda tendo a cobiçada visão? De acordo com a lei da progressão, diz o dr. Mullins, 'as alucinações teriam de ter se tornado crônicas depois de quinhentos indivíduos terem estado sob sua influência. Mas o que acontece é que as alucinações cedem lugar a um programa claro e progressivo de evangelização'". 32/11

3C. QUE CONCLUSÕES PODEMOS TIRAR?

John R. W. Stott escreve: "Os discípulos não eram pessoas facilmente enganáveis, mas cautelosos, céticos e 'tardios de coração para crer'. Não eram suscetíveis a alucinações. Nem visões estranhas os teriam satisfeito. A fé que tinham baseava-se nos fatos concretos de experiências palpáveis". 63/57

Diz *T. J. Thorburn* que as alucinações jamais "estimularam as pessoas a assumirem uma tarefa de tamanha magnitude, e, ao se desincumbirem de tal tarefa, jamais as estimularam a viver de acordo com os padrões mais rígidos e constantes de auto-negação e até mesmo de sofrimento. Em resumo... somos levados a concordar com o dr. Sanday quando diz que 'até agora nenhuma aparição, nenhuma simples alucinação dos sentidos, chegou a transformar o mundo'". 68/136

4B. A Teoria de que as Mulheres, e Subseqüentemente Todos os Demais, Estiveram no Túmulo Errado.

1C. A TEORIA

O *professor Lake* diz: "É de se duvidar seriamente se as mulheres estavam de fato em condições de ter certeza de que o túmulo que visitavam era aquele em que haviam visto José de Arimatéia sepultar o corpo do Senhor. As redondezas de Jerusalém estão repletas de túmulos escavados nas rochas, e não seria fácil distinguir um do outro sem que se tomasse bastante cuidado... E bem duvidoso que elas tenham estado próximas ao túmulo no momento do sepultamento... É provável que estivessem observando à distância e que José de Arimatéia fosse um representante dos judeus, em vez de dos discípulos. Nesse caso, elas teriam tido poucas condições de distinguir entre um túmulo na rocha e outro existente ao lado. Portanto, deve-se reconhecer a possibilidade de que estiveram no túmulo errado, e isso é importante porque fornece uma explicação natural para o fato de que, embora tenham visto o túmulo ser fechado, encontraram-no aberto..."

"Se não foi o mesmo túmulo, parece que todos os detalhes se encaixam no devido lugar. As mulheres vieram bem de manhã a um túmulo que pensavam ser aquele em que haviam visto sepultarem ao Senhor. Esperavam encontrar um túmulo fechado, mas encontraram um aberto; e um jovem... percebeu o erro delas, tentou explicar-lhes que haviam errado de lugar. 'Não está aqui', disse o jovem, 'vede o lugar onde o puseram', e provavelmente apontou para o túmulo ao lado. Mas as mulheres se assustaram ao perceberem seu próprio erro e fugiram..." (LAKE, Kirsopp. *The Historical Evidence for the Resurrection of Jesus*

2C. A REFUTAÇÃO

A visita das mulheres ao túmulo na manhã de domingo é um dos acontecimentos do Novo Testamento mais confirmados. A teoria de Kirsopp Lake presume a historicidade das narrativas do Novo Testamento.

O advogado britânico *Frank Morison* diz: "O relato da aventura das mulheres se encontra no mais antigo dos documentos fidedignos que possuímos, o Evangelho de São Marcos. A história é repetida em São Mateus e São Lucas, é confirmada por São João, que menciona apenas Maria Madalena, e é contada num livro apócrifo, o Evangelho de Pedro; e, talvez de um significado ainda maior, encontra-se naquele fragmento antiqüíssimo e independente, que foi preservado por São Lucas no capítulo 24, versículo 13 a 34 - a viagem a Emaús". 46/98

O *professor Lake* aceita a visita ao túmulo como histórica, mas erra nas especulações sobre o que teria acontecido no túmulo.

1 D. Aquelas mulheres repararam com muita atenção onde o corpo de Jesus fora enterrado menos de 72 horas antes:

"Achavam-se ali, sentadas em frente da sepultura, Maria Madalena e a outra Maria" (Mateus 27:61).

"Ora, Maria Madalena e Maria, mãe de José, observaram onde ele foi posto" (Marcos 15:47).

"As mulheres que tinham vindo da Galiléia com Jesus, seguindo, viram o túmulo e como o corpo fora ali depositado" (Lucas 23:55).

Você acredita que você, ou eu, ou essas mulheres, ou qualquer outro ser racional, esqueceria tão rapidamente o lugar onde um ente querido fora sepultado apenas 72 horas antes?

2D. As mulheres relataram aos discípulos o que tinham experimentado, e posteriormente Pedro e João também encontraram o túmulo vazio.

"Então correu e foi ter com Simão Pedro e com o outro discípulo a quem Jesus amava, e disse-lhes: 'Tiraram do sepulcro o Senhor e não sabemos onde o puseram'. Saiu, pois, Pedro e o outro discípulo, e foram ao sepulcro. Ambos corriam juntos, mas o outro discípulo correu mais depressa do que Pedro e chegou primeiro ao sepulcro; e, abaixando-se, viu os lençóis de linho; todavia não entrou. Então Simão Pedro, seguindo-o, chegou e entrou no sepulcro. Ele também viu os lençóis, e viu o lenço que estivera sobre a cabeça de Jesus, e que não estava com os lençóis, mas deixado num lugar à parte. Então entrou também o outro discípulo, que chegara primeiro ao sepulcro, e viu e creu" (João 20:2-8).

Será que Pedro e João também estiveram no túmulo errado?

Paul Little comenta que "é inconcebível que Pedro e João tenham incorrido no mesmo erro..." 38/65

3D. Além do mais, um anjo, sentado na pedra, disse: "Vinde ver onde ele jazia" (Mateus 28:6).

Será que o anjo também se enganou?

Wübur Smith diz: "Alguém sugeriu, tentando impingir essa teoria do túmulo errado, que na verdade o sentido das palavras dos anjos era: 'Vocês estão no lugar errado, venham ver onde o corpo do Senhor foi colocado'".

"Pois em mil e novecentos anos de estudo do Novo Testamento foi preciso que chegássemos à nossa era moderna e intelectualizada para descobrir *isso* nas narrativas dos Evangelhos, e nenhum comentário sério e confiável de qualquer um dos Evangelhos trata de uma interpretação tola como essa." 60/381, 382

4D. Se as mulheres tivessem estado no túmulo errado (um sepulcro vazio), então o Sinédrio poderia ter ido ao túmulo *certo* e apresentado o corpo de Jesus (se é que ele não ressuscitou). Isso teria calado os discípulos para sempre!

Com certeza os sumo-sacerdotes e os demais inimigos de Cristo teriam ido ao túmulo certo!

5D. Mesmo que as mulheres, os discípulos, os romanos e os judeus tenham todos eles ido ao túmulo errado, uma coisa é certa, como *Paul Little* diz: "...Certamente José de Arimatéia, proprietário do túmulo, teria resolvido o problema". 38/65

6D. O texto de Marcos diz: "Entrando no túmulo, viram um jovem assentado ao lado direito, vestido de branco, e ficaram surpreendidas e atemorizadas. Ele porém, lhes disse: 'Não vos atemorizeis; buscais a Jesus, o Nazareno que foi crucificado; ele ressuscitou, não está mais aqui; vede o lugar onde o tinham posto' (Marcos 16:5, 6).

A citação que o professor Lake faz de Marcos 16:6 é incompleta. Cita somente parte do que disse o jovem e ignora a parte principal da narrativa. A frase "ele ressuscitou" encontra-se flagrantemente ausente da citação que Lake faz do versículo. Repare na seguinte comparação:

Versão de Lake

"...Ele não está aqui; vede o lugar onde o puseram..."

Versão Real

"... Ele ressuscitou, não está mais aqui; vede o lugar onde o tinham posto."

Sobre o erro de citação de Lake, *J.N. D. Anderson* diz: "...Não consigo encontrar qualquer justificativa lógica e plausível para isso". 3/7

Se o texto for citado corretamente, então é impossível que a teoria de Lake permaneça em pé!

7D. Anderson aponta para um problema daqueles que se apegam á teoria de Lake: quando as mulheres voltaram para falar aos discípulos, esses homens teriam feito das duas uma: teriam ido ao túmulo para verificar o que as mulheres tinham contado; ou teriam começado a proclamar imediatamente a ressurreição. 3/7

Essa pregação, no entanto, não acontece senão sete semanas depois.

Anderson diz: "Não consigo ver qualquer motivo possível para os escritos cristãos terem inventado esse intervalo de sete semanas. De modo que querem que acreditemos que as mulheres deixaram passar um bom tempo antes de contarem essa história aos apóstolos. Por que isso aconteceu? Porque supostamente os apóstolos haviam fugido para a Galiléia". 3/7

Sobre essa questão, *Frank Morison* diz que "a interdependência entre as ações das mulheres e as dos homens cria um sério embaraço para a teoria do professor Lake naquilo que é o seu ponto vital". Morison resume os principais problemas:

"O professor Lake é forçado a manter as mulheres em Jerusalém até a manhã de domingo, porque acredita firmemente que elas realmente foram ao túmulo".

"Também é forçado a retirar os discípulos de Jerusalém antes do nascer do sol de domingo, porque sustenta que as mulheres guardaram silêncio a respeito do ocorrido."

Finalmente, para harmonizar essas afirmações com o fato de que, subseqüentemente, elas contaram a história, com todas as conseqüências lógicas e inevitáveis, Lake acha necessário manter as mulheres em Jerusalém por algumas semanas, enquanto os discípulos voltaram para seus lares, tiveram determinadas experiências e retornaram à capital". 46/110

8D. *John R. W. Stott* menciona a atitude das mulheres. Elas não estavam cegas por causa de lágrimas de remorso, mas tinham um propósito bem prático naquela visita ao túmulo bem de manhã.

Diz Stott: "Elas haviam comprado especiarias e estavam indo terminar a unção do corpo do seu Senhor, visto que a aproximação do sábado fez com que o trabalho de unção fosse feito às pressas dois dias antes. Essas mulheres devotadas e de mentalidade prática não eram o tipo de gente que é facilmente iludida ou que desiste daquilo que se propõe a fazer". 63/48

9D. Esse não era um cemitério público, mas um terreno particular para sepultamento. Ali não havia qualquer outro túmulo que propiciasse oportunidade de cometerem um erro desses. Comentando a respeito, *Wilbur Smith* diz: "Toda essa teoria é tão fantástica que A. E. J. Rawlinson, um professor nada conservador, no célebre comentário sobre o Evangelho de São Marcos, sentiu-se forçado a dizer o seguinte acerca da sugestão de Lake: 'A afirmação de que as mulheres se enganaram, indo ao túmulo errado, e de

que elas entenderam erroneamente a tentativa de alguém que se encontrava no local de mostrar-lhes o túmulo certo é uma racionalização totalmente estranha ao espírito da narrativa". 60/382

10D. *Merrill Tenney* diz: "Lake deixa de explicar por que o 'jovem' (Marcos 16:5) estaria, seja num cemitério público, seja num particular, em plena manhã". 66/115, 116

Ele indaga: "Que motivo concebível teria levado um estranho àquele local?"

"Se não era um estranho, mas um dos discípulos fazendo uma investigação pessoal, por que sua presença teria assustado as mulheres?" 66/115, 116

Tenney, além disso, comenta que "a narrativa de Marcos, em que Lake se baseia, declara que o jovem estava sentado *dentro* do túmulo (v. 5), de modo que dificilmente o sentido de suas palavras seria de que elas estavam no lugar errado... mas sim que Jesus já não estava ali; elas podiam ver onde ele fora sepultado, mas o corpo desaparecera". 66/115, 116

11 D. Alguns identificam o "jovem" com algum jardineiro. Frank Morison, no entanto, diz que "... essa teoria, apesar de sua aparente racionalidade, tem uma fraqueza peculiar". 46/97

"... Se ainda estava tão escuro, de maneira que as mulheres foram ao túmulo errado, é extremamente improvável que o jardineiro já estivesse trabalhando. Mas se já não era tão cedo e já houvesse claridade suficiente para o jardineiro estar trabalhando, então é improvável que as mulheres tivessem se enganado. A teoria se baseia exclusivamente na sincronização de dois acontecimentos bem duvidosos. Esta sincronização é, no entanto, apenas parte da improbabilidade e dificuldade intelectual que gira em torno da teoria". 46/97

Além disso, se conforme alguns afirmam, o "jovem" era o jardineiro, por que os sacerdotes não tomaram o seu testemunho como prova de que o corpo de Cristo ainda estava no túmulo? 46/101,102

Ele não era o jardineiro, mas um anjo vindo do céu (Mateus 28:1-10).

Todos *sabiam* que o túmulo de Cristo estava vazio — a verdadeira questão era *como* ficou vazio.

12D. O que devemos pensar sobre a teoria do professor Lake de que as pessoas foram ao túmulo errado?

George Hanson diz: "Se eu tivesse alguma dúvida acerca da ressurreição, o livro do professor Lake representaria um argumento forte e salutar contra o meu ceticismo. Depois de lê-lo concordo ainda mais com a opinião expressa por De Wette no livro *Histórica! Criticism of the Evangelical History* (Crítica Histórica da História Evangélica; p. 229): 'Embora haja uma nuvem escura, que não se pode dissipar, em torno de detalhes da ressurreição, não há como duvidar desse fato' ". 22/8

Wilbur Smith cita a conclusão do pesquisador britânico professor Morse: "A teoria que apresentam de que as mulheres estiveram no túmulo errado não é fruto de quaisquer provas existentes, mas de descrença na possibilidade de uma ação sobrenatural de esvaziar o túmulo de nosso Senhor". 60/382

6A. CONCLUSÃO: ELE RESSUSCITOU, REALMENTE RESSUSCITOU

John Warwick Montgomery diz: "Os mais antigos registros que temos acerca da vida e ministério de Jesus causam a impressão marcante de que esse homem ia de um lugar para outro não tanto 'fazendo o bem' mas decididamente irritando os outros com suas críticas".

"Neste aspecto o paralelo com Sócrates é bem grande: ambos enfureceram a tal ponto seus contemporâneos que finalmente foram mortos. Mas enquanto Sócrates irritou a assembléia dos atenienses, à qual faltava representatividade, exigindo que seus ouvintes conhecessem 'a si mesmos', isto é, examinassem suas próprias vidas, o que ainda não tinham feito, Jesus fez seus contemporâneos sentirem-se continuamente hostilizados ao forçá-los a examinarem a atitude pessoal que tinham para com Ele: 'Quem diz o povo ser o Filho do homem? ...Quem dizeis que eu sou?' 'Que pensais vós do Cristo? de quem é filho?' Essas eram as perguntas que Jesus fazia". 45/12

Cristo deixou bem claro quem era Ele. Ele disse a Tome: "Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai, senão por mim" (João 14:6).

O apóstolo Paulo diz que Cristo "... foi designado Filho de Deus com poder... pela ressurreição dos mortos..." (Romanos 1:4) :

Simon Greenleaf, renomado professor de Direito na Universidade de Harvard, diz: "Tudo o que o

cristianismo pede das pessoas... é que sejam coerentes consigo mesmas; que tratem as provas que favorecem o cristianismo da mesma forma como tratam as provas acerca de outros assuntos; e que examinem e julguem as pessoas e testemunhas envolvidas da mesma maneira como fazem com as pessoas que, nos tribunais humanos, dão testemunho a respeito de assuntos e ações humanas. Confrontemos as testemunhas umas com as outras e com os fatos e circunstâncias em que estiveram envolvidas; e examinemos minuciosamente o testemunho que dão, examinemo-lo tal como, sendo a parte contrária, o faríamos num tribunal, submetendo o testemunho a um exame bem rigoroso. Crê-se com toda a certeza que o resultado será uma convicção firme acerca da integridade, capacidade e veracidade de tais testemunhos". 20/46

Conforme disse G. B. Hardy, "aqui está o relatório final:

Túmulo de Confúcio	—	ocupado;
Túmulo de Buda	—	ocupado;
Túmulo de Maomé	—	ocupado;
Túmulo de Jesus	-	VAZIO". 23

Compete a você tomar a decisão. As provas falam por si mesmas. Elas dizem de modo bem claro:

CRISTO REALMENTE RESSUSCITOU BIBLIOGRAFIA

1. ALFORD, Henry. *The Greek Testament: With a Critically Revised Text: A Digest of Various Readings: Marginal References to Idiomatic Usage: Prolegomena: And a Critical and Exegetical Commentary* (O Novo Testamento Grego, com um Texto Criticamente Revisado, um Resumo de Diversas Leituras, Notas Marginais acerca de Expressões Idiomáticas, Prolegômeno e um Comentário Crítico e Exegético). 6 ed. Londres: Deighton, Bell, and Co., 1868. vol. 1.
2. ANDERSON, J. N. D. *Christianity: The Witness of History* (Cristianismo: O Testemunho da História). Copirraite de propriedade de Tyndale Press, 1970. Usado com permissão de Inter-Varsity Press.
3. ----- *The Resurrection of Jesus Christ* (A Ressurreição de Jesus Cristo). *Christianity Today* (Revista Cristianismo Hoje), 29 mar. 1968. Usado com permissão.
4. ANDERSON, J. N. D., PANNENBERG, Wofharte e PINNOCK, Clark. *A Dialogue on Chrif's Resurrection* (Um Diálogo sobre a Ressurreição de Cristo). *Christianity Today* (Revista Cristianismo Hoje), 12 abr. 1968. Usado com permissão.
5. ARNDT, WMiam F. e GINGRICH, F. Wübur. *A Greek-English Lexicon of The New Testament and Other Early Christian Literature* (Léxico Grego-Inglês do Novo Testamento e de Outros Textos Cristãos Antigos). Chicago: The University of Chicago Press, 1952.
6. BRUCE, Alexander Balmin. *The Expositor's Greek New Testament, Volume 1 - The Synoptic Gospels* (O Novo Testamento Grego do Expositor, Volume 1 - Os Evangelhos Sinóticos). Londres: Hodder and Stoughton, 1903.
7. BRUCE, A. B. *The Training of the Twelve* (O Treinamento dos Doze). Grand Rapids: Kregel Publications, 1971.
8. CHANDLER, Samuel. *Witnesses of the Resurrection of Jesus Christ* (Testemunhas da Ressurreição de Jesus Cristo). Londres: s. ed., 1744.
9. CRISÓSTOMO. *Homilies on the Gospel of Saint Mattew* (Homílias sobre o Evangelho de São Mateus). In: SCHAFF, Philip, ed. *A Select Library of the Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church* (Uma Biblioteca Seleta dos Pais Nicenos e Pós-Nicenos da Igreja Cristã). Nova Iorque: The Christian Literature Company, 1888. vol. 10.
10. CLARK, G. W. *The Gospel of Matthew* (O Evangelho de Mateus). Filadélfia: American Baptist Publication Society, 1896.
11. COOK, Frederick Charles, ed. *Commentary on the Holy Bible* (Comentário sobre a Bíblia Sagrada). Londres: John Murray, 1878.
12. CURRIE, George. *The Military Discipline of the Romans from the Founding of the City to the Close of the Republic* (A Disciplina Militar dos Romanos da Fundação da Cidade ao Fim da República). Resumo de uma tese publicada sob os auspícios do Conselho de Graduação da Universidade de

Indiana (nos Estados Unidos), em 1928.

13. DAY, E. Hermitage. *On the Evidence for the Resurrection* (Sobre as Provas a Favor da Ressurreição). Londres: Society for Promoting Christian Knowledge, 1906.
14. DOUGLAS, J. D., ed. *O Novo Dicionário da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 1966.
15. EDERSHEIM, Alfred. *The Life and Times of Jesus the Messiah* (A Vida e a Época de Jesus, o Messias). Grand Rapids: William B. Eerdmans, 1962. vol. 2. Usado com permissão.
16. _____ . *The Temple: Its Ministry and Services* (O Templo: Seu Ministério e Funcionamento). _____ Grand Rapids: William B. Eerdmans. 1958. Usado com permissão.
17. FALLOW, Samuel, ed. *The Popular and Critical Bible Encyclopedia and Scriptural Dictionary* (Compêndio Popular e Crítico em Forma de Enciclopédia Bíblica e Dicionário das Escrituras). Chicago: The Howard Severance Co., 1908. vol. 3.
18. FARRAR, Frederick. *The Life of Christ* (A Vida de Cristo). Dutton: CassellandCo., 1897.
19. GREEN, Michael. *Man Alive* (O Homem em seu Vigor). Downers Grove: Inter-Varsity, 1968. Usado com permissão.
20. GREENLEAF, Simon. *Testimony of the Evangelists, Examined by the Rules of Evidence Administered in Courts of Justice* (O Testemunho dos Evangelistas, Examinado de Acordo com as Regras Utilizadas nos Tribunais para o Exame das Provas). Grand Rapids: Baker Book House, 1965 (Reimpressão da edição de 1847.)
21. HANSON, Anthony, ed. *Vindications: Essays on the Historical Basis of Christianity* (Confirmações do Cristianismo: Monografias sobre a sua Base Histórica). Nova Iorque: Morehouse-Barlow Co., 1966.
22. HANSON, George. *The Resurrection and the Life* (A Ressurreição e a Vida). William Clowes&Sons Ltd., 1911.
23. HARDY, G. B. *Countdown* (Contagem Regressiva). Chicago: Moody Press, 1970.
24. HASTINGS, James. *Dictionary of the Apostolic Church* (Dicionário da Igreja Apostólica). Edimburgo: T&T. Clark, 1918. vol. 2.
25. HASTINGS, James, SELBIE, John A. e LAMBERT, John C, ed. *A Dictionary of Christ and the Gospels* (Dicionário de Cristo e os Evangelhos). Nova Iorque: Charles Scribner's Sons, 1909. vol. 2.
26. HINSIE, L. E. e SHATSKY, J. *Psychiatric Dictionary* (Dicionário de Psiquiatria). Nova Iorque: Oxford University Press, 1948.
27. HOCH, Paul H., ZUBIN, Josephe STRATTON, Grhune, ed. *Psychopathology of Perception* (Psicopatologia da Percepção). Nova Iorque: s.ed., 1965.
28. HOLLOMAN, Henry W. *An Exposition of the Post-Resurrection Appearances of Our Lord* (Uma Exposição acerca das Aparições de Nosso Senhor após a Ressurreição). Dissertação de mestrado não publicada. Dallas Theological Seminary, maio de 1967.
29. INÁCIO. Epistle to Trallians (Epístola aos Tralianos). In: ROBERTS, Alexander e DONALDSON, James, ed. *Ante-Nicene Christian Library: Translations of the Writings of the Fathers* (Biblioteca Cristã Ante-Nicena: Traduções de Escritos dos Pais da Igreja). Edimburgo: T.&T. Clark, 1867. vol. 1.
30. JAMIESON, Robert, FAUSSET, A. R., e BROWN, David, ed. *A Commentary Critical, Experimental, and Practical of the Old and New Testaments* (Um Comentário Crítico, Experimental e Prático sobre o Antigo e o Novo Testamentos). Grand Rapids: William. B. Eerdemans, 1948. vol. 5. Usado com permissão. »*.
31. THE JEWISH Encyclopedia (A Enciclopédia Judaica). Nova Iorque: Funk and Wagnalls Company, s.d.
32. KEVAN, Ernest F. *The Resurrection of Christ* (A Ressurreição de Cristo). Londres: The Campbell Morgan Memorial Bible Lectureship, Westminster Chapei, 14jun. 1961.
33. LATHAM, Henry. *The Risen Master* (O Mestre Ressurreto). Cambridge: Deighton, Bell and Co., 1904. •*
- 34- LE CAMUS, E. *The Life of Christ* (A Vida de Cristo). Nova loque: The Cathedral Library Association, 1908. vol. 3.
35. LENSKI, R. C. H. *The Interpretation of St. Matthew's Gospel* (A Interpretação do Evangelho de São Mateus). Columbus: Wartburg Press, 1943.
36. LEWIS, Charlton T. e SHORT, Charles, ed. *A Latin Dictionary* (Dicionário de Latim). Oxford: Clarendon Press, s. d. Usado com permissão.

37. LEWIS, C. S. *Miracles, A Preliminary Study* (Milagres, Um Estudo Preliminar). Nova Iorque: The Macmillan Company, 1947.
38. LITTLE, Paul E. *Você Pode Explicar Sua Fé?* São Paulo: Ed. Mundo Cristão, 1972.
39. MAINE, Henry Summer. *Ancient Law* (Direito Antigo). Nova Iorque: Henry Holt and Company, 1888.
40. MÁRTIR, Justino. In: ROBERTS, Alexander e DONALDSON, James, ed. *Ante-Nicene Christian Library: Translations of the Writings of the Fathers* (Biblioteca Cristã Ante-Nicena: Traduções de Escritos dos Pais da Igreja). Edimburgo: T. & T. Clark, 1867. vol. 2.
41. MATHESON, George. *The Representative Men of the New Testament* (Os Homens Característicos do Novo Testamento). Londres: Hodder and Stoughton, 1904.
42. MATTINGLY, John P. *Crucifixion: Its Origin and Application to Christ* (A Crucificação: Sua Origem e sua Aplicação Cristo). Tese de mestrado não publicada. Dallas Theological Seminary, maio de 1961.
43. MILLIGAN, William. *The Resurrection of Our Lord* (A Ressurreição de Nosso Senhor). Nova Iorque: The Macmillan Company, 1927.
44. THE MISHNAH (A Mishnah). Traduzida para o inglês por Herbert Danby. Londres: Geoffrey Cumberlege Oxford University Press, 1933.
45. MONTGOMERY, John Warwick. *History and Christianity* (História e Cristianismo). Downers Grove: Inter-Varsity Press, 1964. Usado com permissão.
46. MORISON, Frank. *Who Moved the Stone?* (Quem Moveu a Pedra?). Londres: Faber and Faber, 1967.
47. MOYER, Elgin S., ed. *Who Was Who in Church History* (Quem Foi Quem na História da Igreja). Chicago: Moody Press, 1962. Usado com permissão.
48. ORR, James, NIELSON, John L. e DONALDSON, James, ed. *The International Standard Bible Encyclopedia* (Enciclopédia Bíblica Modelar Internacional). Edimburgo: T&T. Clark, 1867. vol. 1.
49. PALEY, William. *A View of the Evidence of Christianity* (Uma Visão das Provas do Cristianismo). 14 ed. Londres: S. Hamilton, Weybridge, 1811.
50. PANNENBERG, Wofhart. *Jesus - God and Man* (Jesus: Deus e Homem). Traduzido para o inglês por L. L. Wilkins D. A. Priche. Filadélfia: Westminster Press, copirraite de 1968. Usado com permissão.
51. PERU, Paul William. *Outline of Psychiatric Case-Study* (Roteiro para Estudo de Caso em Psiquiatria). Nova Iorque: Paul B. Hoeger, 1939.
52. RAMM, Bernard. *Protestant Christian Evidences* (Provas Cristãs Protestantes). Chicago: Moody Press, 1957. Usado com permissão.
53. ROBERTSON, A. T. *Word Pictures in the New Testament* (Descrição de palavras do Novo Testamento). Nova Iorque: R. R. Smith, 1931.
54. ROPER, Albert. *Did Jesus Rise from the Dead?* (Jesus Ressuscitou dos Mortos?). Grand Rapids: Zondervan Publishing House, copirraite de 1965. Usado com permissão.
55. ROSSCUP, James. Anotações feitas em sala de aula. La Mirada: Talbot Theological Seminary, 1969.
56. SCHAFF, Philip. *History of the Christian Church* (História da Igreja Cristã). Grand Rapids: William B. Eerdmans, 1962. Usado com permissão.
57. SMITH, Wilbur M. *A Great Certainty in This Hour of World Crises* (Uma Grande Certeza nesta Hora de Crise Mundial). Wheaton: Van Kampen Press, 1951.
58. *The Indisputable Fact of the Empty Tomb* (O Fato Indisputável do Túmulo Vazio). *Moody Monthly* (Revista Mensal de Moody), mai. 1971. Usado com permissão.
59. *Scientists and the Resurrection (Os Cientistas e a Ressurreição)*. *Christianity Today* (Revista Cristianismo Hoje). 15 abr. 1957. Usado com permissão.
60. *Therefore Stand: Christian Apologetics* (Permaneça, pois, Firmes: Apologética Cristã). Grand Rapids: Baker Book House, 1965.
61. SMITH, William, ed. *Dictionary of Greek and Roman Antiquities* (Dicionário Sobre Grécia e Roma Antigas). Edição revista. Londres: James Walton and John Murray, 1870.
62. SPARROW-SIMPSON, W. J. *The Resurrection and the Christian Faith* (A Ressurreição e a Fé Cristã). Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1968. Essa é uma reimpressão da edição publicada em 1911 por Langsmans Green and Co., sob o título *The*

- Resurrection and Modern Thought* (A ressurreição e o Pensamento Contemporâneo). Usado com permissão.
63. STOTT, John R. W. *Cristianismo Básico*. São Paulo: Ed. Vida Nova, 1982.
 64. STRATON, Hillyer H. I Believe: Our Lord's Resurrection (Creio: A Ressurreição de Nosso Senhor). *Christianity Today* (Revista Cristianismo Hoje), 31 mar. 1968. Usado com permissão.
 65. STRAUSS, David Friedrich. *The Life of Jesus for the People* (A Vida de Jesus para as Pessoas). 2 ed. Londres: Williams and Norgate, 1879. vol. 1.
 66. TENNEY, A/or/V/C *The Reality of the Resurrection* (A Realidade da Ressurreição). Chicago: Moody Press, 1963. Usado com permissão.⁶⁷- TERTULIANO. "Writings of Quintus Sept. Flor Tertullianus" (Escritos de Quinto Septímio Florente Tertuliano). In: ROBERTS, Alexander e DONALDSON, James. *Ante-Nicene Christian Library: Translations of the Writings of the Fathers* (Biblioteca Cristã Ante-Nicena: Traduções de Escritos dos Pais da Igreja). Edimburgo: T.& T. Clark, 1867. vol. 11.
 68. THORBURN, Thomas James. *The Resurrection Narratives and Modern Criticism* (As Narrativas da Ressurreição e a Crítica Contemporânea). Londres: Kegan Paul, Trench, Trubner? Co., 1910.
 69. TUCKER, T. G. *Life in the Roman World of Nero and St. Paul* (A Vida no Mundo Romano de Nero e São Paulo). Nova Iorque: The Macmillan Company, 1910.
 70. VINCENT, Marvin R. *Word Studies in the New Testament* (Estudos de Palavras do Novo Testamento). Nova Iorque: Charles Scribner's vol. 1.
 71. VINE, W. E. *Expository Dictionary of New Testament Words* (Dicionário Expositivo de Palavras do Novo Testamento). Londres: *Edin-burgh*, 1939. vol. 2.
 72. WHEDON, D. D. *Commentary of the Gospels Matthew-Mark* (Comentário dos Evangelhos de Mateus e Marcos). Nova Iorque: Hunt and Eaton, 1888. vol. 9.
 73. WHITWORTH, John F. *Legal and Historical Proof of the Resurrection of the Dead* (Provas Legais e Históricas da Ressurreição dos Mortos). Harnsburg: Publishing House of the United Evangelical Church, 1912.

TERCEIRA PARTE:

DEUS AGINDO NA HISTÓRIA E NAS VIDAS HUMANAS...

Se Deus existe e está vivo hoje, então deve ser possível perceber sua influência no curso da história bem como nas vidas dos indivíduos. Percebe-se a influência ininterrupta de Deus nas profecias cumpridas e nas vidas transformadas através dos séculos.

capítulo 11 : Profecias Cumpridas na História...

O principal propósito desta seção (profecias cumpridas do ponto-de-vista histórico e geográfico) é ilustrar o poder de Deus através do cumprimento de predições aparentemente impossíveis de se cumprir e que estão diretamente ligadas ao rumo dos acontecimentos da história humana.

Raramente um pesquisador tem a oportunidade de investigar algo tão fascinante. Percebe-se claramente que a mão de Deus repousa sobre os ombros daqueles profetas, à medida que apresentam a Palavra aos seus ouvintes. As profecias apresentam a todos nós claras e práticas lições sobre a onisciência e onipotência de Deus, bem como nos fornecem material para reflexão em áreas como a inspiração das Escrituras, etc.

Nesta seção as profecias estão divididas em 12 áreas ou setores. Cada área ou setor abrange um tema profético específico (isto é, certas vilas, cidades, nações, etc).

Existe algum material básico preliminar que devemos examinar antes de passarmos para as profecias específicas.

A seguir você tem um esboço preparado para ajudá-lo a usar com eficácia este material.

1A. INTRODUÇÃO

1B. Definição de Profecia

2B. Testes de um Profeta

3B. Objeção a Profecias Preditivas

4B. Cumprimento Específico de Profecias

2A. AS PROFECIAS

Tiro

Sidom
Samaria
Gaza-Ascalom
Moabe-Amom
Petra-Edom
Tebas-Mênfis
Nínive
Babilônia
Corazim-Betsaida-Cafarnaum
Crescimento de Jerusalém
Palestina

3A. PROBABILIDADE PROFÉTICA

1B. Definição de Profecia

1C. DEFINIÇÃO DE FONTES NÃO-BIBLICAS

Na *Enciclopédia Britânica* lemos: "Os registros escritos da profecia de Isaías deixam claro que, antes de mais nada, profecia é uma palavra ou mensagem falada, que proclama através de um mensageiro escolhido a vontade de Deus àqueles a quem se dirige. O elemento preditivo de ameaça ou promessa está condicionado à resposta dos ouvintes (1:18-20), ou é apresentado como um 'sinal' do que virá (7:14), porque, em última instância, tudo o que acontece está sujeito ao propósito da vontade de Deus". 15/vol. 12, p. 656, 657

A *Enciclopédia Britânica* prossegue, dizendo que "Isaías enfatiza a importância dos deuses da Babilônia, em contraste com Iavé, com o propósito de dizer antecipadamente o que Deus pretende e o que irá fazer (12: 21-24; 48:3). As predições dos profetas são anúncios do propósito de um Deus vivo em vez do anúncio do destino predeterminado do homem". 15/v. 12, p. 656, 657

2C. DEFINIÇÃO BÍBLICA

A definição de "profeta" é alguém que, conduzido por inspiração divina, anuncia às pessoas a vontade de Deus e o futuro. 54/890

Na obra *Unger's Bible Dictionary* (Dicionário Bíblico de Unger) lemos: "Além da declaração da vontade de Deus, da proclamação de Seus juízos, da defesa da verdade e da vida correta, e dando testemunho da superioridade do moral sobre o ritual, a profecia tinha íntima relação com o propósito gracioso de Deus para com Israel" (Miquéias 5:4; 7:20; Isaías 60:3;65:25). 54/891

Além de apresentar predições, o propósito dos profetas era moral, o que, segundo Charles Elliot, revela a existência de Deus como Ele realmente é e mostra que Ele age "segundo o seu beneplácito". Em resumo, isto revela Deus ao homem e, com essa revelação, a vontade de Deus e suas operações. 54/892

Todos os escritores, inclusive os profetas, possuem um estilo próprio de escrever, da mesma forma como têm uma maneira de falar e de agir. Portanto, cada pessoa mantém a individualidade através de seu próprio estilo, embora em certos aspectos esses homens fossem bem distintos dos escritores não-bíblicos. E ainda que eles retenham a sua individualidade, as noções de tempo e de percepção da realidade parecem desaparecer à medida que o Espírito passa a controlar totalmente. 54/893

A idéia que a maioria das pessoas faz de um profeta é que ele é uma pessoa que apresenta profecias preditivas. Não há dúvida de que esta é uma grande parte da mensagem do profeta, mas os grandes profetas foram ativos reformadores nas áreas social e política, ao mesmo tempo em que constantemente proclamavam a retidão e o despertamento espiritual, bem como prediziam juízos e recompensas. O profeta sempre se expressava de uma maneira espiritual, refletindo a vontade de Deus e conclamando à obediência. 54/893

Embora às vezes surgisse um elemento predicativo na mensagem, seu objetivo não era sensacionalismo (cf. Deuteronômio 18:22). As profecias foram dadas devido às (e não apesar das) condições ao redor do profeta. Virtualmente, cada capítulo que anuncia juízo tem um capítulo explicando precisamente por que

foi pronunciada a mensagem de destruição. 54/863

A primeira profecia remonta a Adão e Eva, com a predição e promessa de um Redentor Divino, em Gênesis 3:15, 16. A partir daquele momento podemos e iremos acompanhar todas as palavras dadas por Deus até o Apocalipse. Alguns dos primeiros profetas foram Enoque, Abraão e Moisés (Números 12:6-8; Deuteronômio 18:18; João 6:14; 7:40). 54/893

Além disso, as profecias tinham "origem divina", conforme 1 Samuel 9:9 e 2 Samuel 24:11 mostram. 54/893

A Bíblia é muito clara ao dizer que as profecias preditivas são um sinal do poder e glória divinos, e apresentam a condição sobrenatural da palavra dada por Deus. Não é apenas uma demonstração do poder de Deus, como também da resposta que Ele dá diante das orações e necessidades do homem. Uma vez que Deus revela o futuro, uma tarefa que homem algum é capaz de fazer, podemos saber que Ele enxerga o futuro e enxerga todas as coisas antes mesmo que cheguem ao presente. Os cristãos de todos os lugares devem estar descansados e seguros de que nada que o Pai não previu irá acontecer. 54/894

2B. Testes de um Profeta

De acordo com o verbete "profecia, profetas", escrito por J. A. Motyer, vice-diretor da Faculdade Teológica Clifton, em Bristol, na Inglaterra (verboete que se encontra em *O Novo Dicionário da Bíblia*), é possível fazer determinadas colocações sobre a questão de profetas verdadeiros e falsos.

Na Bíblia houve vários episódios que despertaram celeuma quanto a quem era um verdadeiro profeta e quem era um falso profeta (1 Reis 22; Jeremias 28; 1 Reis 13:18-22). Mais do que simplesmente acadêmica, a solução desse impasse é bem prática e importante. Existem determinadas características que podemos examinar e verificar para determinarmos a falsidade ou autenticidade de um profeta. 14/1041

Uma área que devemos examinar para identificarmos falsos profetas é ^a que o professor Motyer denominou de "êxtase profético". Esse estado de êxtase parecia ocorrer sem prévio aviso ou era provocado por determinadas condições, especialmente determinadas formas de música. Essas condições incomuns e suspeitas representavam uma repressão a tudo aquilo que está no nível de auto-consciência, e não havia qualquer indício de a pessoa ter percepção do que ocorria nem de que tinha medo da dor. Isso era muito comum em Canaã, especialmente no culto a Baal. Naturalmente essa não era a única razão para se chegar a uma conclusão desfavorável. Também é preciso reconhecer que essa característica não estava totalmente ausente dos verdadeiros profetas. Tanto Isaías (em sua experiência no templo) como Ezequiel (em muitas oportunidades) tiveram em certas ocasiões experiências extáticas. 14/1041

Outro aspecto a se observar é o da questão da condição social. Geralmente os falsos profetas faziam parte de uma equipe remunerada, subordinada ao rei. Esses homens "profetizavam" aquilo que o rei desejava ouvir. Esse também não é um teste definitivo. Samuel, Nata (subordinado a Davi) e até mesmo Amos foram considerados, em maior ou menor grau, profetas profissionais, embora seja claro que não foram falsos profetas. De modo bem semelhante aos profetas extáticos, esses que faziam parte de uma equipe remunerada, em geral, eram encontrados em grupos (veja Daniel 2:2). 14/1041

O Antigo Testamento registra três passagens dignas de nota sobre esse aspecto (Deuteronômio 13 e 18; Jeremias 23; Ezequiel 12:21-14:11). Deuteronômio 18 afirma que aquilo que não se cumpre não é profecia verdadeira. É necessário lembrar que esse é um critério negativo, de modo que aquilo que de fato se cumpre ainda não é obrigatoriamente algo vindo de Deus. Quando um falso profeta faz uma predição e ela se cumpre, pode ser um teste para o povo de Deus. Deuteronômio 13 analisa a questão do ponto-de-vista teológico e assenta um golpe claro e certo: se o profeta tem outros deuses além do Deus verdadeiro (13:2), então é óbvio que ele não procede de Iavé. Com Moisés, a questão foi decidida em relação a todas as profecias futuras, ao se estabelecer a norma teológica pela qual todos os futuros profetas deveriam ser aceitos. Se o profeta fizesse uma profecia preditiva que viesse a se cumprir, mas ele mesmo apresentasse uma teologia que não se harmonizasse com a norma estabelecida por Moisés, o povo tinha um falso profeta. 14/1041, 1042

Jeremias 23, a segunda passagem que trata dos falsos profetas, desenvolve o ensino de Deuteronômio 13, ao descrever o falso profeta como alguém imoral (23:10-14) e que não reprova a imoralidade dos outros (23:17); alguém que prega a paz, não uma paz que procede de Deus, mas uma paz artificial, fabricada pelos homens. O verdadeiro profeta apresenta uma mensagem de convicção e arrependimento (23:29) e chama o povo à retidão e à obediência (23:22). 14/1042

É, contudo, muito importante lembrar a razão das severas palavras dos profetas. Uma das razões pelas quais os livros dos profetas têm sido analisados de modo tão negativo pelos críticos é a idéia errônea de que os verdadeiros profetas só têm uma mensagem: juízo divino. Mas não é bem isso. A razão pela qual esses profetas não principiam com uma mensagem de paz é porque a paz verdadeira, a paz de Deus, vem somente através de santidade, retidão e arrependimento. As principais questões que envolvem o profeta foram tratadas por Moisés; em outras palavras, estão na própria Lei de Deus. De acordo com Jeremias, os falsos profetas usurpam o nome do Senhor falam em nome de Deus sem terem a autoridade que procede dEle (23:18, 21, 22, 28, 32). 14/1042

A terceira passagem sobre o assunto encontra-se em Ezequiel (12:21-14:11), que em vários aspectos é semelhante à de Jeremias. Ezequiel é bem claro ao dizer que os falsos profetas tomam conta de seu próprio caminho e se esforçam por criar suas próprias profecias (13:2, 3). Conseqüentemente, dirigem o povo com uma falsa sensação de segurança (13:4-7). A marca pessoal que imprimem em suas mensagens é (mais uma vez) de uma paz falsa e um otimismo frágil (13:10-16), sem a edificante santidade de uma vida espiritual e correta. O verdadeiro profeta se dirige diretamente à alma e desafia seus ouvintes a, corajosamente, se examinarem a si mesmos (14: 4-5) a respeito da qualidade de vida que já sabem que Deus exige (14:7, 8). "Vemos novamente que o verdadeiro profeta é o profeta mosaico". Ele não fala timidamente, mas com toda a ousadia do Deus do Exílio, repetindo de maneira nova as verdades que jamais foram modificadas. 14/1042

3B. Objeção às Profecias Preditivas — Pós-datação

1C. DATAÇÃO DE PROFECIAS

No que diz respeito à questão de datação de profecias, muitas pessoas combaterão a idéia de profecia preditiva por pressuporem uma pós-datação, isto é, por atribuírem a entrega da profecia a uma data *posterior*, em vez de anterior, ao acontecimento cumprido. Infelizmente para o crítico, esses profetas deixam bem claras suas profecias — os tempos verbais são bem óbvios. Eles afirmam estarem realizando o milagre da profecia preditiva.

Na obra *Unger's Bible Dictionary* (Dicionário Bíblico de Unger) encontramos as seguintes datas para os ministérios dos vários profetas ou para os diversos livros dos profetas:

Amos	segundo quartel do século VIII a.C.
Daniel	605-538 a.C.
Ezequiel	592-570 a.C.
Isaías	783-738 a.C, 1° 735-719 a.C, 2° 719-704 a.C, 3°
Jeremias	626 - depois de 586 a.C.
Joel	antes de 300 a.C.
Levítico (Moisés)	1520-1400 a.C.
Mateus	50 A.D.
Miquéias	cerca de 738-690 a.C
Naum	depois de 661 - antes de 612 a. C
Obadias	antes de 300 a.C.
Oséias	748-690 a.C.
Sofonias	entre 640 e 621 a.C.

Em alguns casos essas datas são incertas. Isso ocorre porque Unger utiliza o conteúdo daquilo que os próprios profetas escreveram para determinar a data dos diversos livros. Algumas vezes o profeta não indicava claramente a data exata em que escreveu o livro. Joel e Obadias são os únicos livros da lista em que os autores simplesmente não fornecem informações concretas para se determinar uma data segura de composição.

Por volta de 280 a 250 a.C. todos os profetas do Antigo Testamento foram traduzidos para o grego, na

versão conhecida como Septuaginta. De maneira que podemos presumir que todos os profetas (inclusive Joel e Obadias) foram escritos antes daquele período.

2C. A DATAÇÃO DE EZEQUIEL

Neste livro Ezequiel será citado mais do que qualquer outro profeta, e por essa razão veremos rapidamente a razão de lhe atribuirmos a data de 570 a.C. Começaremos pela obra *A Enciclopédia Britânica*.

"São bem variadas as opiniões a respeito da unidade e da data do Livro de Ezequiel. De acordo com o próprio livro, a carreira do profeta estendeu-se de 592 a 570, mas um erudito (James Smith) coloca-o no século sétimo, à época de Manasses, e um outro (N. Messel) coloca-o depois de Neemias, por volta de 400 a.C. No entanto, a maioria aceita a cronologia geral do livro". 15/ vol. 9, p. 17

"Foram encontrados dois fragmentos do texto de Ezequiel 4:16 entre os Rolos do Mar Morto, na caverna número 1 de Qumrã, e foi anunciada a descoberta de dois fragmentos de manuscritos de Ezequiel na caverna 4". 15/v. 9, p. 16

"Palavras e frases características, freqüentemente repetidas causam uma forte impressão de o livro possuir uma unidade literária: 'Então saberão que eu sou o Senhor' (50 vezes), 'Tão certo como eu vivo, diz o Senhor Deus' (13 vezes), 'meus sábados' (12 vezes), 'nações' (24 vezes), 'ídolos' (cerca de 40 vezes), 'andar nos meus estatutos' (11 vezes), etc." 15/v.9, p17.

No livro *Archaeology and Bible History* (A Arqueologia e a História da Bíblia), Joseph P. Free diz: "quando estudei Crítica Bíblica na Faculdade pela primeira vez... foi dito que os críticos não tinham atacado o livro de Ezequiel e que era aceita a validade do livro... No entanto, em anos recentes o livro tem sido atacado... mas, conforme W. F. Albright assinalou, essa atitude crítica não é nada justificada e, de acordo com sua maneira de pensar, parece existir um número muito grande de razões para se retornar a uma atitude mais conservadora". 18/226

Free prossegue: "Um dos principais argumentos de C. C. Torrey (professor na Universidade de Yale) contra a autenticidade do livro baseia-se no sistema incomum de datar os acontecimentos a partir dos anos 'de cativo do rei Joaquim' (AOTA, 164). Esse método de datação, entretanto, passou a ser um 'argumento irrefutável' (AOTA, 164) a favor da genuinidade de Ezequiel, conforme mostram descobertas arqueológicas. Foram encontradas três jarras, cujas asas continham uma inscrição que mencionava 'Eliaquim, mordomo de Joaquim'. (Para uma descrição das asas dessas jarras, veja no livro de Free, a seção intitulada 'Archaeological Confirmation of Jehoiachin's Exile in Babylon' (A Confirmação Arqueológica do Exílio de Joaquim na Babilônia). Com base nessa descoberta, deduziu-se que Eliaquim fosse o administrador dos bens reais que ainda pertenciam a Joaquim enquanto estava exilado. Evidentemente o povo de Judá ainda considerava Joaquim como rei, e Zedequias era visto como rei apenas no sentido de ser o regente no lugar do sobrinho que estava cativo, Joaquim. De modo que, pela maneira do povo judeu pensar, era perfeitamente normal que Ezequiel datasse os acontecimentos com base no reinado de Joaquim, muito embora o rei estivesse exilado". 18/226

A conclusão é surpreendente. Joseph P. Free resume-a nas seguintes palavras: "De maneira que o sistema incomum de datação encontrado no livro de Ezequiel não é uma prova de falta de autenticidade, mas, à luz das descobertas arqueológicas, 'ele comprova sua autenticidade de um modo bem marcante'" (AOTA, 165). 18/227

E. J. Young, um pesquisador respeitadíssimo, fez os seguintes comentários a respeito de Ezequiel: "A pesquisa já mencionada revelará quão variados são os pontos-de-vista da crítica negativa que recentemente se fez ao livro de Ezequiel. Os supostos problemas do livro são melhor solucionados com base no ponto-de-vista tradicional, de que Ezequiel escreveu o livro inteiro". 60/237

Young prossegue e menciona H. H. Rowley e S. R. Driver: "Em 1953 H. H. Rowley defendeu que o livro possuía uma unidade intrínseca e ressaltou de modo bem convincente que as '...teorias que atribuem ao próprio profeta ou ao compilador da sua mensagem uma data pós-exílica não são convincentes'(p. 182). Essa obra de Rowley é uma introdução excelente ao estudo da crítica moderna de Ezequiel". 60/237

"E Driver", acrescenta E. J. Young, "escreveu: 'Não há debate algum a respeito da autoria do livro, que do princípio ao fim, carregue todo ele a marca inconfundível de uma única mente'. De fato, as razões para se sustentar que o livro todo é da autoria de Ezequiel são bastante fortes. O livro é de natureza

autobiográfica — em todo ele encontramos o uso da primeira pessoa do singular. O livro causa a forte impressão de que é obra de uma única personalidade. Além disso, muitas profecias trazem indicação de sua data e do local ao qual se dirigem. As semelhanças de pensamento e de esboço das profecias deixam claro que o livro inteiro é obra de uma mente. Por essa razão, podemos, confiadamente, sustentar o ponto-de-vista de que o autor foi Ezequiel. E é bem interessante observar que um dos mais recentes comentários, o que foi escrito por *Cooke*, sustenta que Ezequiel é o autor básico do livro". 60/234

3C. PROFECIAS DE LUGARES ESPECÍFICOS

Em *Science Speaks* (A Ciência Fala) Peter Stoner fez os seguintes comentários sobre as profecias acerca de Tiro, Samaria, Gaza-Ascalom, o crescimento de Jerusalém, Palestina, Moabe-Amom, Petra-Edom, Babilônia:

"Nenhum ser humano jamais chegou a fazer predições que se comparem com aquelas que temos analisado, e muito menos as fez literalmente se cumprirem. O hiato entre a redação dessas profecias e seu cumprimento é tão grande que o crítico mais severo é incapaz de afirmar que as predições foram feitas após a ocorrência dos acontecimentos". 53/115 E, ainda mais, "outros poderão dizer que esses relatos da Bíblia não são profecias, mas relatos históricos escritos depois que os acontecimentos ocorreram. Isso é absurdo, pois todas essas profecias encontram-se no Antigo Testamento e todo mundo reconhece que o Antigo Testamento foi escrito antes de Cristo. Uma dessas profecias cumpriu-se totalmente antes de Cristo. Pequenas partes de duas outras cumpriram-se antes de Cristo e as partes restantes depois. Todas as outras profecias analisadas se cumpriram totalmente depois de Cristo. Caso eliminássemos todas as estimativas feitas para partes de profecias cumpridas antes de Cristo, ainda assim o cálculo de probabilidade indicaria um número tão grande que não se poderia deixar de aceitar a força do argumento." 53/96

O dr. H. Harold Hartzler, secretário-tesoureiro da Sociedade Científica Norte-Americana e professor na Faculdade de Goshen, localizada no estado de Indiana, nos Estados Unidos, escreve o seguinte no prefácio ao livro de Peter Stoner:

"O manuscrito de *Science Speaks* (A Ciência Fala) foi cuidadosamente examinado por um comitê de membros da Sociedade Científica e pelo conselho executivo da mesma entidade, e chegou-se à conclusão de que, em geral, o livro é confiável e cuidadoso no trato do material científico apresentado. A análise matemática incluída baseia-se em princípios de probabilidade que são plenamente corretos, e o professor Stoner aplicou esses princípios de um modo apropriado e convincente". 53/4

Bernard Ramm, em *Protestant Christian Evidences* (Provas Cristãs Protestantes), fez o seguinte comentário sobre as profecias:

"Além do mais, praticamente em todos os casos temos retribuído aos críticos radicais as conseqüências positivas das suas dúvidas quanto às datas das profecias, de modo que os exemplos de predições cumpridas estão fora do alcance das críticas feitas por radicais quanto à data de trechos das Escrituras". 48/96

4C. PRESSUPOSIÇÕES DOS CRÍTICOS

O problema da maioria daqueles que atacam a profecia preditiva é a pressuposição de que vivemos num sistema fechado, de que não há Deus, de que milagres são impossíveis e de que, conseqüentemente, não pode existir profecia preditiva. De modo que o que acontece é que lêem um livro contendo mensagens proféticas e vêem o cumprimento numa data bem posterior, e assim concluem que a então chamada mensagem profética foi entregue mais tarde. A conclusão que leva alguns a fazerem coincidir a profecia com o seu cumprimento é fruto das pressuposições e não das descobertas arqueológicas ou dos fatos históricos.

James Davis, um ex-aluno do Instituto Politécnico de Louisiana, nos Estados Unidos, que realizou pesquisas sobre o assunto para estas anotações de palestras, fala a respeito de muitos críticos da profecia: "...costumava cogitar se o que esses homens dizem de fato é verdade. Mas já não cogito mais. Não cogito mais desde que comecei a ver como essas acusações foram refutadas uma após outra pela arqueologia e pela ciência. Finalmente percebi que os cétricos são os verdadeiros inimigos da verdade. São eles que têm atitudes preconcebidas e pressuposições dogmáticas. Começaram fazendo todas as acusações e nunca pararam de repeti-las. Contudo, uma a uma as acusações começaram a enfraquecer em número e em força, à medida que a arqueologia continuava a, objetivamente, procurar e encontrar dados. Por fim, recusei-me

até mesmo a reconhecer a validade da dúvida dos críticos e abandonei totalmente a confiança que tinha neles".

4B. Cumprimento Específico de Profecias

Para cada profecia analisada, esta seção irá citar suas respectivas localizações na Bíblia, junto com comentários acerca de seu cumprimento histórico a fim de ajudar o leitor a perceber o impacto da profecia preditiva. Em *Wonders of Prophecy* (Maravilhas da Profecias; C.C. Cook, s.d.), Thomas Urquhart afirma de modo sucinto: "Aquele que está em busca da certeza em assuntos religiosos ficará grato pela multiplicidade, bem como pela minuciosidade e clareza, da profecia bíblica". 55/93

Diz Urquhart que as profecias:

"...Contêm o que posso chamar de descrições proféticas: Elas não se limitam a indicar um aspecto dentre muitos que mais tarde viriam a caracterizar povos e nações; mas descrevem um aspecto após outro até que a descrição da condição desse país ou povo esteja completa. Com o cumprimento de um, ou quem sabe dois, desses aspectos, poder-se-ia imaginar que isso tudo era obra do acaso, mas à medida que se vê o cumprimento de um aspecto após outro, a dúvida se torna cada vez menos razoável, até que diante das provas acumuladas ela desaparece completa e definitivamente". 55/44

Henry Morris, em *The Bible and Modern Science* (A Bíblia e a Ciência Moderna), faz uma excelente colocação acerca de problemas com os achados arqueológicos:

'É claro que ainda existem problemas para uma completa harmonização do material arqueológico com a Bíblia, mas nenhum é tão sério a ponto de não ter a perspectiva concreta de uma solução iminente mediante investigações mais aprofundadas". 39/95

Em *Protestant Christian Evidences* (Provas Cristãs Protestantes) Bernard Ramm faz uma análise muito boa da posição em que se encontra o apologeta cristão, quando apresenta a defesa da fé com base na profecia cumprida: "O inimigo do cristianismo tem de silenciar todas as nossas armas; de nossa parte só precisamos disparar uma delas. Portanto, todas as profecias potencialmente cumpridas tem de ser explicadas nessa base ou então a objeção não é válida". 48/88

1. TIRO

1A. INTRODUÇÃO E TEXTO BÍBLICO

Uma das profecias mais incomuns na Bíblia é a que trata da antiga cidade de Tiro. Provavelmente todos os livros que defendem o cristianismo devem usar esse exemplo, e não sem boas razões. Logo essas razões ficarão claras.

Ezequiel 26 (592-570 a.C.):

Assim diz o Senhor Deus: 'Eis que eu estou contra ti, ó Tiro, e farei subir contra ti muitas nações, como faz o mar subir as suas ondas.'

'Elas destruirão os muros de Tiro, e deitarão abaixo as suas torres; e eu varrerei o seu pó, e farei dela penha descalvada.

Porque assim diz o Senhor Deus: 'Eis que eu trarei contra Tiro a Nabucodonosor, rei de Babilônia, desde o norte, o rei dos reis, com cavalos, carros e cavaleiros e com multidão de muitos povos'.

'As tuas filhas que estão no continente, ele as matará à espada; levantará baluarte contra ti; contra ti levantará terraplano e um telhado de paveses'.

12. 'Roubarão as tuas riquezas, saquearão as tuas mercadorias, derribarão os teus muros e arrasarão as tuas casas preciosas; as tuas pedras, as tuas madeiras e o teu pó lançarão no meio das águas'.

14. 'Farei de ti uma penha descalvada; virás a ser um enxugadouro de redes, jamais serás edificada; porque eu, o Senhor o falei, diz o Senhor Deus.'

21. 'Farei de ti um grande espanto, e já não serás; quando te buscarem, jamais serás achada', diz o Senhor Deus.

2A. PREDIÇÕES

1B. Nabucodonosor destruirá a cidade de Tiro localizada no continente (26:8).

2B. Muitas nações lutarão contra Tiro (26:3).

3B. Será feita como uma penha descalvada; plana como o topo de uma penha (26:4).

4B. Pescadores espalharão suas redes no local (26:5).

5B. Lançamento o entulho na água (26:12)

6B. Jamais será reconstruída (26:14)

7B. Jamais voltará a ser encontrada (26:21)

As predições acima mencionadas parecem explicar-se a si mesmas. Esse é o tipo de profecia que parece contraditório — felizmente a história não é contraditória, de maneira que tudo o que se tem de fazer é examinar a história de Tiro e então compará-la com as profecias.

3A. O CUMPRIMENTO

Uma fonte não religiosa traz o seguinte comentário: "A denúncia feita por Ezequiel (especialmente em 27:27) revela quão importante era Tiro aos olhos do profeta hebreu e como o seu comércio era variado e enriquecia as pessoas". 24/1

1B. Nabucodonosor

Nabucodonosor veio a sitiar a cidade de Tiro, localizada no continente, três anos depois da profecia. Na *Enciclopédia Britânica*, lemos: "Depois de treze anos de cerco (585-570 a.C.) por Nabucodonosor II, capitulou e reconheceu a soberania babilônica. Em 538 a.C. Tiro, com o restante da Fenícia, passou para a soberania da Pérsia aquemênida". 15/ v. 22, p. 452

Quando Nabucodonosor pôs abaixo as portas da cidade, encontrou-a quase vazia. A maioria das pessoas havia se transferido em embarcações para uma ilha distante cerca de oitocentos metros da costa e ali fortificaram uma cidade. A cidade continental de Tiro foi destruída em 573 (Predição 1B), mas a cidade insular de Tiro continuou sendo uma cidade poderosa durante algumas centenas de anos.

2B. Alexandre o Grande

O aspecto seguinte da profecia envolve Alexandre o Grande.

"Na guerra contra os persas," diz a *Enciclopédia Britânica*, "Alexandre III, depois de derrotar Dario III na batalha de Issos (333 a.C.) marchou para o sul rumo ao Egito, conclamando as cidades fenícias a lhe abrirem as portas, pois parte da sua estratégia era impedir que a frota persa utilizasse os portos fenícios. Os cidadãos de Tiro não aceitaram e Alexandre estabeleceu cerco à cidade. Não tendo uma frota de guerra, demoliu a velha Tiro, localizada no continente, e com o entulho construiu um molhe de 60 metros de largura, atravessando o estreito que separava a antiga e a nova cidade, edificando torres e engenhos de guerra na ponta do molhe" (Predição 5B). 15/ v. 22, p.452

Cúrcio, um escritor antigo (Loeb Classical Library (Biblioteca Clássica de Loeb): *Quintius Curtius*, 4.2.18-19), escreveu a respeito da construção daquele caminho por Alexandre. Diz que muito material veio do Monte Líbano (madeira para a construção) e que a velha cidade de Tiro forneceu pedras e entulho (Predição 5B).

A partir da obra de Arriano, um historiador grego, intitulada *História de Alexandre e Indica* (2.18-209, cuja versão em inglês foi publicada em 1954 pela Harvard University Press), vemos bem claramente como se deu esse grande feito da conquista de Tiro. Era uma cidade dividida entre o continente e uma fortaleza insular parecida com a da ilha de Alcatraz. Nabucodonosor conquistou a parte continental da cidade, mas

não tocou na parte insular. Conforme relata Arriano, Alexandre planejou conquistar Tiro inteira. E óbvio que seria um empreendimento tremendo. A ilha era toda cercada de fortes muralhas que chegavam a ficar bem junto ao mar. Os moradores de Tiro e os inimigos de Alexandre, os persas comandados por Dario, tinham o controle do mar, mas esse general grego decidiu construir um istmo de terra até a ilha. No início o trabalho foi bem, mas a profundidade do mar foi aumentando à medida que avançavam, assim como também foram aumentando os maus tratos por parte dos moradores de Tiro. A partir dos muros altos os insulares podiam provocar muitos danos, especialmente se levarmos em conta que os que trabalhavam na construção estavam preparados para trabalhar e não para lutar. Eles utilizavam roupas de trabalho, não armaduras. Às vezes os moradores de Tiro lançavam ataques à construção, que retardavam bastante o seu término. Arriano prossegue dizendo que os gregos reagiram a esses ataques construindo e instalando no molhe duas torres altas para proteção.

Os habitantes de Tiro reagiram com um ataque em grande escala contra toda a construção, que foi muito bem sucedido. Eles utilizaram balsas de fogo para incendiar as torres e então invadiram em massa o molhe depois que os gregos foram expulsos. Dentro das suas possibilidades o grupo atacante causou uma grande destruição no molhe. Arriano fala então da luta pelo domínio do mar. Alexandre percebeu que necessitava de navios. Começou a pressionar e a convocar os povos conquistados que lhe eram súditos a pôr embarcações à disposição dessa operação. A marinha de Alexandre formou-se com a contribuição de cidades e regiões, conforme vemos a seguir: Sidom, Arado, Biblo (essas contribuíram com 80 navios à vela), 10 de Rodes, 3 de Solos e Maios, 10 de Lícia, um bem grande da Macedônia, e 120 de Chipre (Predição 2B).

Dispondo Alexandre de uma força naval superior, a conquista de Tiro, mediante o término da construção da ponte de terra, era simplesmente uma questão de tempo. Quanto tempo ainda levaria? Dario III, o inimigo persa de Alexandre, não estava de braços cruzados, mas finalmente aquela passagem ficou pronta, as muralhas foram derrubadas e procedeu-se a eliminação das forças inimigas.

Escreve Philip Myers que "a passagem ainda existe, unindo a penha ao continente. Quando a cidade foi finalmente conquistada, depois de um sítio de sete semanas, foram mortos oitocentos habitantes e trinta mil foram vendidos como escravos". 40/153

Os moradores de Tiro deram bons motivos para provocar o ódio dos gregos. Os defensores da cidade tentaram todas as táticas éticas e não éticas para romper o cerco. A respeito da derrota de Tiro, John C. Beck diz: "Foi lamentável que Tiro tivesse resistido e sofrido uma derrota tão completa nas mãos do conquistador grego". 4/13

Philip Myers faz aqui uma declaração interessante; ele é um historiador secular (não um teólogo e o trecho seguinte se encontra no livro de texto de história) que escreveu:

"Alexandre o Grande... reduziu a cidade a ruínas (332 a.C). Ela se recuperou um pouco desse golpe, mas nunca voltou a ocupar o lugar que anteriormente tivera no mundo. A parte maior do local onde outrora havia a grande cidade é hoje em dia um local plano como o alto de uma penha (Predição 3B) — um lugar onde os pescadores que ainda estão por ali espalham suas redes para secarem" (Predição 4B). 40/55

John C. Beck analisa a história da cidade insular de Tiro a partir de uma perspectiva correta: "A história de Tiro não termina depois da conquista de Alexandre. Os homens continuam a reconstruí-la e os exércitos continuam a cercar seus muros até que, finalmente, depois de mil e seiscientos anos, ela cai para nunca mais ser reconstruída." 4/41

3B. Antígono

"Voltando de guerras vitoriosas na Babilônia", comenta Nina Jidejian (*Tyre Through the Ages* (Tiro Através dos Séculos), Dar El-Mashreq Publishers, 1969), "Antígono rapidamente subjugou as cidades da Fenícia, mas encontrou forte resistência da parte de Tiro. Já haviam se passado dezoito anos desde que Alexandre tomara a cidade e a cidade havia se recuperado rapidamente... Depois de um cerco de quinze meses Tiro foi conquistada por Antígono". 24/80,81

Calcula-se que Antígono viveu por volta de 314 a.C. De acordo com a *International Standard Bible Encyclopedia* (Enciclopédia Bíblica Modelar Internacional; p. 2499), Ptolomeu II (isto é, Ptolomeu Filadelfo) reinou de 285 a 247 a.C.

"Contudo, quando Ptolomeu Filadelfo construiu o porto de Berenice, as margens do mar Vermelho,

fez uma estrada para Coptos, estrada que dispunha de postos para descanso e locais para abastecimento de água, e reabriu o canal que ligava o braço Pelusíaco do Nilo ao Golfo de Suez, Tiro sofreu um abalo grande e permanente. As rotas comerciais do mar Vermelho e do Oceano Indico, que outrora eram transportadas pelo porto de Eilate até Rinocolura, na Fenícia, passando por Petra, e daí indo a todas as partes do Mediterrâneo através das naus de Tiro, agora eram transportadas pelo canal que ia à Alexandria. A riqueza que outrora fluía para Tiro, agora transitava para a Alexandria". 24/81, 82

Jidejian conta a respeito da visita feita pelo viajante persa Nasir-i-Khusrau a Tiro, e cita a descrição que fez da cidade. 22/122. "Construíram a cidade sobre uma penha (que está no mar) de tal maneira que o prédio da administração da cidade em apenas noventa metros está sobre terra seca e o restante está erguido sobre a própria água. Os muros são feitos de pedras lavradas, e as juntas são betumadas, a fim de não deixar entrar água. Calculei a área da cidade como sendo aproximadamente um quadrado de mil arxes (450 metros) de cada lado, e suas estalagens para caravanas têm de cinco a seis andares, um sobre o outro. Existem várias fontes de água, os bazares são muito limpos; também é grande a quantidade de bens expostos. De fato, a cidade de Tiro é renomada devido à riqueza e poder entre todas as cidades marítimas da Síria. Construíram um *mashad* (um altar ou local de martírio) à porta da cidade, onde se pode ver grande quantidade de tapetes, obras de artesanato e lâmpões e lamparinas de ouro e prata. A própria cidade fica numa posição de destaque. A água é trazida da montanha; eles construíram arcos (para o aqueduto), que conduzem a água desde os portões até o interior da cidade". 41/11,12

4B. Os Muçulmanos

Lamentavelmente a cidade foi capturada pelos muçulmanos, que levaram os cruzados a lutarem por ela, o que fizeram, tendo reocupado a ilha com sucesso. Esse local tornou-se uma importante base durante as Cruzadas, mas, de acordo com Joseph Michaud, foi retomada. Michaud descreve o acontecimento:

"Ao estilo da tomada e destruição infligida pelos ptolomeus, o sultão enviou um de seus emires com tropas para tomar a cidade de Tiro. A cidade, tomada de medo, abriu as portas sem resistência alguma... Essas cidades, que na última grande batalha não haviam acorrido em socorro dos ptolomeus, e que acreditavam estar sob a proteção de uma trégua, viram a população ser massacrada, dispersada e escravizada; a fúria dos muçulmanos atingiu até mesmo as pedras — parecia que desejavam destruir até a própria terra que os cristãos haviam pisado; suas casas, templos, monumentos religiosos, coragem e destreza na fabricação artesanal, tudo isso estava condenado a desaparecer com eles à espada ou pelo fogo" (Predição 6B) 38/213.

LeStrange cita Abu'l fiela, que em 1321 (A.D.) escreveu: "A cidade foi reconquistada pelos muçulmanos em 690 (1291), à mesma época da reconquista de Acre e de outras cidades litorâneas, e foi deixada em ruínas, conforme permanece até hoje" (isto é, 1321 AT)); 24/139

LeStrange (p. 345) cita Ibn Batutah como alguém que visitou as ruínas e comentou (1355): "Antigamente a força de Tiro se tornara um provérbio, devido à sua localização, cercada em três lados pelo mar. Há vestígios dos muros antigos e do porto, e de antigo encontrei uma corrente fechando a entrada do porto" (Predição 6B). 24/139

Plínio o Velho apresenta uma grande conclusão, citada aqui a partir do livro de Jidejían (p. 17): "Tiro... outrora famosa por ter sido a cidade de onde surgiram outras cidades, a saber, Leptis, Utica e a grande rival do império romano na cobiça do domínio mundial, Cartago, e também Cádiz, que Tiro fundou nos confins do mundo; mas hoje toda a reputação de Tiro se limita ao nome de um molusco e de um corante de cor púrpura" (Predição 7B). 24/5, 17, 76

5B. A Situação Atual

Veremos agora a situação atual de Tiro, conforme descrita por Nina Jidejian: "O porto 'sidônio' de Tiro ainda é usado hoje em dia. Pequenos barcos pesqueiros ancoram ali. Uma investigação dos alicerces mostrará colunas de granito, do período romano, que foram aproveitadas como colunas para apoio dos muros, pelos cruzados. O porto tornou-se um ancoradouro seguro para barcos pesqueiros e um lugar para estender as redes". 24/139

"De acordo com o profeta, o destino de Tiro seria o de ser um lugar onde os pescadores estenderiam suas redes. A existência de uma pequena vila de pescadores no local onde antigamente se erguia a cidade

Tiro não significa que a profecia não se cumpriu, mas é a derradeira confirmação de que a profecia está cumprida. Existe uma cidade de Tiro hoje, mas não é a mesma cidade, porém encontrando-se construída no litoral, ao sul de onde originalmente ficava Tiro. Tiro, a rainha dos mares, durante séculos o centro de negócios e comércio do mundo, acabou para nunca mais se levantar (isto é, para nunca mais ser reconstruída). Os pescadores secando as redes sobre as pedras que no passado constituíam os alicerces da antiga metrópole são o último elo da corrente profética que Ezequiel pronunciou mais de vinte e cinco séculos atrás" (Predição 4B), 4/47,48

Em seu excelente livro, Jidejian chega à conclusão de que é possível encontrar pedras de Tiro "em lugares tão distantes quanto Acre e Beirute. No entanto, são abundantes as provas de que houve um grande passado e escavações recentes revelaram sucessivos estratos nesse orgulhoso porto fenício... (22/ xvi). A grande e antiga cidade de Tiro encontra-se sepultada sob entulho acumulado. As ruínas de um aqueduto, umas poucas colunas dispersas e as ruínas de uma basílica cristã são as únicas coisas que permaneceram de pé... (22/2). Olhando para dentro da água pode-se ver uma grande quantidade de colunas de granito e blocos de pedras espalhados pelo fundo do mar. Até recentemente eram poucas as ruínas de Tiro acima da água". 24/xvi

4A. CUMPRIMENTO ESPECIFICO

Essa foi a história da antiga cidade de Tiro. Analisemos agora o cumprimento específico da profecia.

1B. Nabucodonosor destruir a velha cidade de Tiro (a que ficava no continente).

2B. Muitas nações lutaram contra Tiro.

Pode-se ver tal fato até mesmo neste breve relato histórico feito por John C. Beck: "Pelo fato de uma das características das ondas ser que vêm uma após a outra, sendo que a força destrutiva se deve justamente a essa repetição e a estarem avançando continuamente, este autor entende que Ezequiel se refere a levadas sucessivas de invasores que se estendem por um prolongado período de tempo".

"Por essa interpretação, esse resumo apresentado por Ezequiel (versículo 3 a 6) desdobra-se em alguns pontos. Primeiramente 'elas destruirão os muros de Tiro, e deitarão abaixo as suas torres' (cerco e tomada da cidade por Nabucodonosor). Em seguida, 'varrerei o seu pó, e farei dela penha descalvada' (cerco e tomada por Alexandre). E finalmente, 'ela servirá de despojo para as nações' (história que se seguiu ao cerco e tomada por Alexandre)". 4/11, 12 '

3B. Alexandre retirou o entulho da antiga Tiro quando construiu a passagem para a ilha, deixando o local como que limpo, uma "penha descalvada".

4B. Inúmeras referências já foram feitas (algumas por observadores seculares) às redes serem estendidas no local. Nina Nelson fez o seguinte comentário numa visita a Tiro: "Redes de pesca de um azul-turquesa pálido estavam secando à beira-mar..." 42/220

Hans-Wolf Rackl, ao descrever a situação atual do local da antiga Tiro, escreve: "Hoje dificilmente alguém encontrará intacta uma única pedra da antiga Tiro... Tiro se tornou um 'enxugadouro de redes', conforme o profeta havia predito". 47/179

5B. Alexandre jogou o entulho na água a fim de construir a passagem para a ilha.

Escreve Joseph Free: "A profecia de Ezequiel a respeito do lançamento 'no meio das águas' das pedras, das madeiras e do pó (Ezequiel 26:12b) especialmente se cumpriu quando os engenheiros de Alexandre construíram o molhe e usaram o que restou da antiga cidade de Tiro, jogando-o no meio da água". 18/263,264

Nina Nelson, em *Your Guide to Lebanon* (O Seu Guia para o Líbano), escreve: "As ruínas da antiga Tiro são diferentes de todas as outras — estão localizadas... no coração do mar".

6B. Tiro Jamais Seria Reconstruída.

Quanto à profecia 6B, "jamais será reconstruída", no livro *The Basis of the Christian Faith* (A Base da Fé Cristã), Floyd Hamilton afirma: "Também está escrito 'jamais serás edificada' (26:14). Outras cidades destruídas pelos inimigos foram reconstruídas; Jerusalém foi destruída muitas vezes, mas sempre se reergueu das ruínas; que razão havia para dizer que a velha Tiro não poderia ser reconstruída? Mas vinte e cinco séculos atrás um judeu exilado na Babilônia, dirigido por Deus, olhou para o futuro e escreveu as palavras 'jamais serás edificada.' A voz de Deus soou e hoje a velha Tiro continua na mesma situação em que tem estado por vinte e cinco séculos, uma penha descalvada, não habitada pelo homem. Hoje quem quer que queira ver o local da velha cidade poderá contar com a ajuda de alguém que aponte para o local à beira-mar onde no passado existiu a cidade, mas ali não se vêem ruínas marcando o lugar. O entulho foi tirado do local, que ficou limpo e a cidade jamais foi reconstruída". 20/299

"As grandes fontes de água potável de Reselain ficam na área da Tiro continental e, sem dúvida alguma, supriam a cidade com água fresca em abundância. Essas fontes ainda estão lá e ainda jorram, mas a água corre para o mar. Um engenheiro mediu a vazão da água das fontes e descobriu que elas fornecem aproximadamente 40.000 metros cúbicos de água por dia. Ainda é um ótimo lugar para uma cidade e teria disponível água suficiente para uma grande cidade moderna. Apesar disso, nunca foi reconstruída. De modo que o item 6B da profecia tem permanecido válido por mais de 2.500 anos". 53/76, 77

7B. A cidade jamais voltaria a ser encontrada.

A maioria dos comentaristas diz ser possível que o verdadeiro local da antiga cidade esteja perdido devido à destruição. Uma interpretação melhor desse versículo é que "os homens procurariam recuperar a antiga posição de riqueza e esplendor da cidade, mas não o conseguiriam. É difícil crer que a verdadeira localização da cidade poderia estar perdida quando, outrora, ela ocupava totalmente a ilha, com paredes construídas à beira do mar". 4/47

Algumas pessoas talvez ainda tenham dificuldade em aceitar o cumprimento da predição de que nunca seria reconstruída pelo fato da existência da vila de pescadores que agora ocupa o local da antiga Tiro. Não se deve negar a realidade da vila da mesma forma como não se deve negar a realidade da profecia preditiva, mas, caso você queira, recorde-se da profecia toda. O lugar seria usado para estender redes, o que acontece hoje. É preciso haver pescadores para que haja redes para que elas sejam estendidas. Os pescadores têm que morar em algum lugar, e se elas estendem as redes no local da antiga cidade (o que a profecia diz que deve acontecer), eles não vão morar à beira-mar, uns quinze quilômetros ao sul; irão morar onde estão as suas redes.

Tiro foi destruída em 1291 e então deixou de existir para sempre, e nunca foi reconstruída. Alguma coisa surgiu no mesmo local, mas já era a antiga cidade de Tiro.

Nina Nelson comenta: "Fui visitar Tiro num dia de verão. A cidade estava silenciosa, o porto parado. Barcos de pesca estavam saindo para o mar. Redes de pescar de um azul-turquesa pálido estavam secando à beira-mar". 42/220

Hans-Wolf Rackl, em *Archaeology Underwater* (Arqueologia Sub aquática), faz a seguinte observação: "Hoje dificilmente alguém encontrará intacta uma única pedra da antiga Tiro... Pessoas que mais tarde se instalaram no local usaram as pedras de construção que sobraram para erguer suas próprias e humildes habitações. Tiro se tornou um 'enxugadouro de redes', conforme o profeta havia predito." 47/179

Em *Touring Lebanon* (Viajando pelo Líbano), Philip Ward reconhece que "desde então (1261), a agricultura e a pesca, atividades gêmeas de homens pacíficos e simples, tornaram Tiro, pela primeira vez, num lugar bucólico e estagnado". 57/68

As sete predições deste milagre, analisadas por Peter Stoner, são as mesmas analisadas aqui, excetuada a última predição que comento, a qual ele não citou, e incluída uma predição que ele comenta e eu omito. Stoner assim avalia o milagre:

"Se Ezequiel tivesse em sua época olhado para Tiro e tivesse feito essas sete predições pela sabedoria humana, essas estimativas indicam que as chances de todas elas se concretizarem seria de apenas uma em 75.000.000. Todas se concretizaram nos mínimos detalhes". 53/80



2. SIDOM

1A. TEXTO BÍBLICO E DATAÇÃO

Ezequiel fez uma outra profecia, agora a respeito da cidade- irmã de Tiro, Sidom.

Ezequiel 28:(592-570a.C):

22. E diz: Assim diz o Senhor Deus: 'Eis-me contra ti, ó Sidom, e serei glorificado no meio de ti; saberão que eu sou o Senhor, quando nela executar juízos e nela me santificar'.

23. 'Pois enviarei contra ela a peste, e o sangue nas suas ruas, e os traspassados cairão no meio dela, pela espada contra ela por todos os lados; e saberão que eu sou o Senhor'.

2A. EXPLICAÇÕES E PREDIÇÕES

Existem três predições que serão analisadas.

1B. Nenhuma menção de destruição.

2B. Sangue nas ruas (28:23).

3B. Espada por todos os lados (28:23).

No livro *Fulfilled Prophecies that Prove the Bible* (Profecias Cumpridas que Provam a Bíblia), George Davis estabelece um bom contraste entre Tiro e Sidom. Diz que "a profecia contra Sidom é bem diferente da que foi feita contra Tiro. Foi predito que Tiro seria destruída, feita como uma penha descalvada e não mais edificada. A predição contra Sidom é de que sangue correrá pelas ruas, os feridos cairão no meio dela e a espada estará em todos os lados. Mas, diferentemente de Tiro, não se pronuncia contra ela uma condenação de extinção". 12/16, 18

É bem compreendida a posição política que Tiro e Sidom ocuparam ao longo de muitos séculos. Em *General History for Colleges and High Schools* (História Geral para Faculdades e Colégios), Philip Van Ness Myers afirma que "do século onze ao século quarto antes de Cristo, Tiro controlava, quase sem disputa por parte de Sidom, os negócios da Fenícia. Durante esse período os empreendimentos marítimos e as energias dos mercadores de Tiro espalharam por todo o mundo a fama da pequena capital insular. Ela era a rainha e soberana do Mediterrâneo". 40/55

Floyd Hamilton explica o que aconteceu no século quarto a.C, quando, "em 351 a.C, os moradores de Sidom, que haviam sido vassalos do rei persa, se rebelaram e conseguiram defender a cidade dos ataques daquele rei. Finalmente, o próprio rei de Sidom, para salvar a própria vida, traiu a cidade, entregando-a aos inimigos. Sabendo muito bem qual seria a vingança do rei persa, 40.000 dos moradores das cidades trancaram-se em suas casas, onde atearam fogo e pereceram nas chamas, para não terem de enfrentar as torturas de seus inimigos! De fato o sangue correu pelas ruas" (Predição 3B). 20/300

Davis explica que "não apenas uma vez, mas muitas o sangue esteve nas ruas de Sidom, os feridos

caíram no meio da cidade e a espada esteve 'por todos os lados'" (Predições 2B, 3B). 12/19

Em *The Basis of the Christian Faith* (A Base da Fé Cristã) Floyd Hamilton cita uma outra ocasião em que Sidom foi destruída. Ele diz que, no entanto, a cidade "logo foi reconstruída e, embora repetidas vezes tenha sido capturada, seus cidadãos massacrados e as casas arrasadas, a cidade sempre foi reconstruída; hoje (1927) a cidade tem cerca de 15.000 habitantes. Vez após vez o sangue tem corrido pelas ruas, mas a cidade continuou a existir e é hoje um monumento à profecia cumprida". 20/300

George Davis registra o seguinte: "Nos dias das Cruzadas a cidade foi capturada e recapturada repetidas vezes pelas forças que se digladiavam.

Três vezes foi tomada pelos cruzados e três vezes caiu diante dos exércitos muçulmanos". 10/18, 19

Além disso, ele comenta que "mesmo nos tempos modernos a tribulação continuou a atingir a cidade. Tem sido o cenário de conflitos entre os drusos e os turcos, e entre os turcos e os franceses. Em 1840 Sidom 'foi bombardeada pelas forças navais conjuntas da Inglaterra, França e Turquia". 12/19

Morris explica: "Quanto a Sidom não houve qualquer predição de que estava destinada à extinção e mesmo hoje (1956) é uma cidade com cerca de 20.000 habitantes. Contudo, tem tido uma das mais sangrentas histórias que uma cidade já chegou a ter" (Predição 1B, 2B). 39/113

4A. CONCLUSÕES

George Davis conclui com uma análise quase insensível: "Nenhuma mente humana seria capaz de prever 2.500 anos atrás que Tiro desapareceria e que Sidom continuaria existindo, só que em meio a tribulações, nos séculos seguintes, e não que o oposto aconteceria, isto é, que Tiro enfrentaria muitos sofrimentos e que Sidom ficaria desolada e deserta durante esse longo período". 12/19, 20

A conclusão parece desnecessária. A questão está clara. Ezequiel demonstrou tanta segurança, foi tão claro em precisar qual cidade continuaria a existir e qual cairia. Talvez possamos fazer uma comparação com duas cidades localizadas em regiões para onde se prevê grandes terremotos, Los Angeles e São Francisco. Qual cairá? Qual permanecerá? Ou será que ambas cairão? Ou ambas permanecerão? No entanto, Ezequiel declarou com a firmeza e a segurança de um profeta de Deus que Tiro cairia e que Sidom teria uma história sangrenta (reveja a citação de Morris, acima).

3.SAMARIA

1A. TEXTO BÍBLICO E DATAÇÃO

Os profetas Oséias e Miquéias profetizaram contra a cidade de Samaria.

Oséias 13(748-690 a.C):

16. "Samaria levará sobre si a sua culpa, porque se rebelou contra o seu Deus; cairá à espada, seus filhos serão despedaçados, e as suas mulheres grávidas serão abertas pelo meio."

Miquéias I (738-690a.C):

6 "Por isso farei de Samaria um montão de pedras do campo, uma terra de plantar vinhas; farei rebolar as suas pedras para o vale, e descobrirei os seus fundamentos".

2A. PREDIÇÕES

1B. Queda violenta (Oséias).

2B. Tomar-se "um montão de pedras no campo" (Miquéias).

3B. Vinhas serão plantadas no lugar (Miquéias).

4B. As pedras de Samaria rolarão para o vale (Miquéias).

5B. Os fundamentos da cidade ficarão à mostra (Miquéias).

3A. HISTORIA

A história de Samaria é relativamente curta e bem turbulenta. Samaria foi a capital do reino de Israel, o reino que os hebreus estabeleceram ao norte de Judá e que representou o seu afastamento de Deus.

Conforme mostra Joseph Free, Samaria foi capturada por Sargom, o qual, "em alguns dos seus documentos que ainda existem, indica que capturou Samaria. Escritores mais recentes têm aceito essa afirmação de Sargom, e têm sustentado que, embora Salmaneser tenha iniciado e mantido o cerco de Samaria, foi Sargom quem completou a tomada da cidade" (Predição 1B). 18/19

De acordo com a *International Standard Bible Encyclopedia* (Enciclopédia Bíblica Modelar Internacional), Sargom tomou Samaria em 722 a.C. Samaria caiu à espada não apenas em 722, mas também em 331 a.C. diante de Alexandre e uma terceira vez, em 120 a.C, diante de João Hircano, tendo todos os conquistadores provocado grandes danos e infligido grande número de mortes aos cidadãos de Samaria. Mesmo o cético que argumente que a destruição de Samaria ocorreu depois desses acontecimentos não tem como discordar das demais implicações (Predição 1B). 44/2672

John Urquhart relata a reação que Henry Maundrell teve em 1697 diante do que viu: " 'Sebaste é a antiga Samaria, a cidade imperial das dez tribos depois que elas se revoltaram contra a casa de Davi... Essa grande cidade agora está toda transformada em jardins, e todos os vestígios que ainda restam para testemunhar que já houve um lugar como esse limitam-* a uma grande praça quadrada, cercada de colunas, no lado norte da cidade, e a algumas poucas ruínas de uma grande igreja, no lado leste'" (Predição 3B). 55/127, 128

Urquhart prossegue com um outro relato, mais recente: "Tal como foi encontrada, assim tem permanecido. 'Toda a colina de Sebaste', diz Robin-son, 'tem um solo bem fértil; atualmente encontra-se cultivada até o topo, havendo muitas oliveiras e figueiras. O terreno tem sido arado durante séculos, de modo que hoje é em vão que se procuram as fundações e as pedras da antiga cidade" (Predições 2B, 3B). 55/128

Os fatos que representam o cumprimento das predições 4B e 5B são descritos por Van de Velde, que chama Samaria de "um vilarejo de dar dó, consistindo de uns poucos casebres, habitados por um bando de saqueadores... Umhas poucas colunas apenas continuam em pé para indicar a localização das colunatas... Samaria, montão de pedras! Com os fundamentos expostos, as ruas aradas e coberta de milharais e olivais... Samaria foi destruída, mas os destroços foram jogados no vale. As pedras que serviam de alicerce, aquelas pedras antigas e cinzentas, de formato quadrangular, da época de Onri e Acabe, encontram-s? expostas, e estão espalhadas pela encosta da colina" (Predições 4B, 5B). 55/128

Floyd Hamilton também descreve a cena: "Hoje, no alto da colina onde ficava Samaria existe um campo cultivado, com as bases das colunas assinalando o lugar onde havia palácios e mansões. No sopé da colina, no vale, encontram-se as pedras dos alicerces da cidade..." (Predições 4B, 5B). 23/316

4A. CUMPRIMENTO E PROBABILIDADE

John Urquhart apresenta uma última descrição, assinalando o cumprimento das predições: "Já faz muito tempo que a condeção foi feita, e a predição da qual tantas eras pareciam zombar tornou-se a mais exata de todas as descrições de Samaria". 55/127

Também destaca especificamente o cumprimento da terceira, quarta e quinta predições: "As pedras das grandes cidades foram retiradas pelos lavradores e empilhadas ou jogadas nas encostas da colina, para que o local pudesse ser transformado em campos cultiváveis e em vinhas". 55/128, 129

No livro *Israel: An Uncommon Guide* (Israel: Um Guia Diferente), de autoria de Joan Comay (Nova Iorque: Random House, 1969), lemos: "Os restos de magníficas construções daquela época, bem como grandes torres circulares... podem ser facilmente identificados hoje em dia".

Em *Science Speaks* (A Ciência Fala), Peter Stoner faz a seguinte avaliação de probabilidades: "Caso Miquéias tivesse considerado a cidade de Samaria e, com base na sabedoria humana, tivesse feito essas cinco predições sobre ela, as chances de que tais predições se tornassem realidade seriam de aproximadamente 1 em 4 (chances de predizer a destruição) x 5 (chances de permanecer como um montão no campo em vez de ser reconstruída) x 100 (chances de se tornar um local cultivado) x 10 (chances das pedras serem lançadas colina abaixo) x 2 (chances das pedras de alicerces serem retiradas). Isso dá uma chance em 40.000, ou 1 em 4×10^4 ". 53/82. O verbete "Samaria" em *International Standard Bible Encyclopedia* (Enciclopédia Bíblica Modelar Internacional) é muito bom na detalhada descrição de como era Samaria. Embora de origem judaica, era má, idolatra e envolvida numa rebelião pecaminosa contra Deus. A condenação que foi lançada contra a cidade foi esmagadora, assim como foi seu cumprimento. 44/2671

4. GAZA-ASCALOM

Existem duas cidades no litoral do Mediterrâneo, à altura do mar Morto, Gaza e Ascalom, que foram mencionadas na profecia.

1A. TEXTO BÍBLICO E DATAÇÃO

Amos 1 (775-750 a.C):

8. "Eliminarei o morador de Asdode, e o que tem o cetro de Ascalom, e voverei a minha mão contra Ecrom; e o resto dos filisteus perecerá," diz o Senhor.

Jeremias 47 (626-586 a.C):

5. "Sobreveio calvície a Gaza, Ascalom está reduzida a silêncio, com o resto do seu vale; até quando vos retalhareis?"

Sofonias 2 (640-621 a.C):

4. "Porque Gaza será desamparada, e Ascalom ficará deserta; Asdode ao meio-dia será expulsa, e Ecrom desarraigada".

"O litoral será de pastagens, com refúgios para os pastores, e currais para os rebanhos".

"O litoral pertencerá aos restantes da casa de Judá; nele apascentarão os seus rebanhos, e à tarde se deitarão nas casas de Ascalom; porque o Senhor seu Deus atentará para eles e lhes mudará a sorte".

(Observe que Asdode não é a mesma cidade que Ascalom, estando localizada litoral acima a cerca de 16 quilômetros de Ascalom.)

2A. PREDIÇÕES

1B. Os filisteus desaparecerão (Amos 1:8).

2B. Virá calvície sobre Gaza (Jeremias 47:5).

3B. Ascalom será desolada (Sofonias 2:4).

4B. Pastores e ovelhas habitarão na área ao redor de Ascalom (Sofonias 2:6).

SB. O remanescente da casa de Judá passará a habitar em Ascalom (Sofonias 2:7).

3A. HISTÓRIA

George Davis, em *Bible Prophecies Fulfilled Today* (Profecias Bíblicas Cumpridas na Atualidade), sobre a história de Ascalom começa dizendo que "o juízo caiu sobre os filisteus exatamente como foi predito. O sultão Bibars destruiu Ascalom em 1270 e encheu o estuário do porto com pedras. Desde então, por aproximadamente 700 anos, a outrora poderosa cidade de Ascalom tem permanecido deserta e desolada" (Predição 3B). 11/46

Peter Stoner entra em detalhes a respeito: "Mas em 1270 A.D. o sultão Bibars a destruiu, e ela se tornou o local de pastagem para muitos rebanhos de ovelhas. Está cheia de cabanas de pastores e de apriscos" (Predição 4B). 53/83

George Davis prossegue: "E não apenas aconteceu de Ascalom ser destruída, mas toda a nação dos

filisteus foi 'eliminada' exatamente como o profeta Ezequiel predisse há 2.500 anos. Os filisteus foram destruídos de uma forma tão arrasadora que não existe um único filisteu vivo no mundo hoje" (Predição IB). 11/46 (Observe que a referência feita por Ezequiel alcança toda a nação dos filisteus, de maneira que a predição de Ezequiel não foi incluída para estudo neste capítulo; está registrada em Ezequiel 25:15-17).

Floyd Hamilton retoma a história de Ascalom: "Havia um posto militar turco em Ascalom até o século XVII, mas desde então a cidade ficou deserta. Ainda se vêem trechos da muralha, com as torres e ameias em parte destruídas, embora, dentre todas as cidades da planície, Ascalom seja a única que tenha os muros ainda em pé" (Predição 3B). 20/314

Hamilton prossegue e comenta acerca da quinta predição: "As paredes das casas ainda estão parcialmente em pé, de modo que, embora o local esteja atualmente deserto (até mesmo aqueles que possuem pomares e hortas dentro dos muros não vivem ali), em alguma época no futuro, quando os judeus retornarem a seu país, é bem possível que Ascalom seja construída uma vez mais no antigo local". 20/314

George Davis faz uma boa descrição da atual Ascalom: "Após a fundação do estado de Israel, os judeus reconheceram a esplêndida localização da antiga cidade de Ascalom no litoral do país. Ali decidiram construir uma bela cidade do novo estado de Israel. O jornal *Jerusalém Post* (Correio de Jerusalém) diz que a nova cidade de Ascalom foi 'projetada nos moldes de uma Cidade Jardim". 11/48

Davis acrescenta que hoje, "depois de séculos em que a poderosa Ascalom esteve deserta e desolada, está sendo transformada numa cidade jardim. O litoral do mediterrâneo pertence de fato à 'casa de Judá', e 'à tarde se deitarão nas casas de Ascalom'" (Predição 5B). 11/48

Eugene Fodor escreve: "Hoje a maior parte da população de Israel concentra-se ao longo do litoral do Mediterrâneo. Tel Aviv e Haifa abrigam pelo menos 1/4 do total. Muitas outras cidades, pequenas e grandes, têm sido construídas ou reconstruídas em diversos locais". 17/322

Fodor descreve como Ascalom se tornou pouco a pouco uma pastagem (Predição 4): "Fontes de águas subterrâneas, totalmente indiferentes às indas e vindas dos homens, continuaram jorrando a água, tão essencial à vida, transformando gradualmente as ruínas numa floresta virgem de vegetação luxuriante". 17/322

Davis conclui com bastante felicidade: "Ascalom foi destruída exatamente como havia sido predito! Os filisteus foram 'eliminados' da face da terra até que nem um único filisteu restou em todo o mundo! (Predição 3B). E, finalmente, Ascalom, durante tanto tempo desolada (Predição 3B), reviveu dentre suas ruínas centenárias e está se tornando uma Cidade Jardim. E Deus visitou Seu povo Israel e libertou-os do cativo e os fez habitar na outrora desolada e agora restaurada cidade de Ascalom!" 11/49

Parece que as profecias foram bem explícitas e também se harmonizam com os dados históricos existentes sobre as cidades. A cidade de Gaza, no entanto, possui uma história mais misteriosa.

Diz Peter Stoner: "Ainda existe uma cidade de Gaza, de maneira que por muito tempo pensou-se que a profecia sobre Gaza era incorreta. Finalmente se realizou um estudo cuidadoso acerca da exata localização de Gaza, conforme indicado pela Bíblia, e descobriu-se que a nova cidade de Gaza estava no lugar errado. Procurou-se a velha cidade e descobriu-se que estava enterrada debaixo de dunas de areia. De fato a cidade se tornara calva. Que descrição melhor existe para uma cidade sepultada sob dunas de areia do que a de que ela se tornou calva?" (Predição 2B) 53/83

John Urquhart entra em detalhes a respeito do desaparecimento completo de Gaza.

"... Mas nesse ínterim, as profecias se cumpriram de modo tão completo que a antiga cidade de Gaza não pôde protestar contra o erro que estava sendo feito. Como mais tarde o dr. Keith descobriu, a moderna cidade de Gaza não está edificada sobre a área da antiga Gaza, e, portanto, não é objeto das profecias. A grande Gaza dos filisteus fica três quilômetros mais perto do mar e é, atualmente, uma porção de colinas de areia. É um local tão abandonado que ali não há uma só cabana. É tão calvo que não há uma só coluna ou pedra em pé, marcando o local onde ficava a cidade, nem há um só local onde haja grama, onde a vista cansada possa encontrar descanso". 55/105

"A Gaza histórica", escreve Comay (*Israel: An Uncommon Guide* -Israel: Um Guia Diferente, p. 121), "permanece soterrada, esperando a realização de escavações arqueológicas sérias. Acima da superfície, a visão da areia, do solo vermelho, das cidades e acampamentos cheios de gente se torna possível devido à luz do sol..."

4A. PROBABILIDADE

Peter Stoner conclui: "Assim, a probabilidade, do ponto de vista humano, de essas quatro profecias (sobre Gaza e Ascalom) se realizarem é de 1 em 5 (chances dos filisteus desaparecerem) x 100 (chances de Gaza ficar coberta de areia) x 5 (chances de Ascalom ficar desolada) x 5 (chances de Ascalom ser pasto para ovelhas) ou $1, 2 \times 10^4$ ". 53/84

Em outras palavras, 1 em 12.000.

5. MOABE-AMOM

Dois pequenos reinos, Moabe, localizado a leste do mar Morto, e Amom, situado ao norte de Moabe, também são objetos do juízo divino.

1A. TEXTO BÍBLICO E DATAÇÃO

Ezequias 25 (592-570 a.C):

3. Dize aos filhos de Amom: "Ouvi a palavra do Senhor Deus: Assim diz o Senhor Deus: Visto que tu disseste: Bem feito, acerca do meu santuário, quando foi profanado; acerca da terra de Israel, quando foi assolada, e da casa de Judá, quando foi para o exílio",
4. "eis que te entregarei ao poder dos filhos do Oriente, e estabelecerão em ti os seus acampamentos e porão em ti as suas moradas; eles comerão os teus frutos, e beberão o teu leite".

Jeremias 48 (626-586 a.C).

47. "Contudo mudarei a sorte de Moabe, nos últimos dias", diz o Senhor. Até aqui o juízo contra Moabe

Jeremias 49:

6. "Mas depois disto mudarei a sorte dos filhos de Amom", diz o Senhor.

2A. PREDIÇÕES

1B Serão invadidos por pessoas do oriente, que viverão dos frutos da terra (Ezequiel 25:4).

2B. "Homens do oriente" farão de Amom um local para seus palácios (Ezequiel 25:4).

3B. Os povos da antiga Moabe e da antiga Amom voltarão a habitar em sua terra (Jeremias 48:47; 49:6).

3A. HISTÓRIA

Com essas predições em mente, estudaremos a geopolítica e a história dessas terras. Howard Vos escreve: "Um estudo da topografia da região revela que as montanhas possuíam fontes naturais invencíveis. E um indício da grande capacidade militar se vê no fato de que Baasa, rei amonita, enviou 10.000 soldados a Quargar, em 854 a.C, para lutar contra Salmaneser da Assíria. Tão rica e poderosa era essa nação que, quando Jeremias escreveu que 'Rabá (Amom)... tornar-se-á num montão de ruínas', pareceu bem improvável que uma catástrofe dessas chegasse um dia a acontecer" (Predição 1B). 56/131

A primeira e a segunda predições cumpriram-se conforme foi predito. Sobre isso diz Howard Vos: "O Emir Abdullah, originário de regiões mais ao oriente, governante da Transjordânia, construiu ali o seu palácio, cumprindo uma outra profecia, a de que os homens do oriente possuirão Rabá e estabelecerão palácios e moradas na cidade. Recentemente o emir se destacou como comandante da Legião Árabe, que tomou parte ativa na luta contra os judeus na Palestina. Hoje a cidade de Amman (Amom) tem uma população de mais de 20.000 pessoas, é um ponto de parada da Estrada de Ferro Damasco-Hedjaz, e tem funcionários de outros países que ali moram. O tamanho da cidade é significativo quando se verifica que

apenas uns duzentos moradores residiam na cidade, em 1920". 56/136

Vos resume a questão de um modo simples e afirma que "homens vindos do oriente moram atualmente ali (em Moabe)..."

Contudo, na atualidade Moabe e Amom estão se despertando. Tenha em mente a terceira predição enquanto lê a seguinte citação, de autoria de Davis.

Escrevendo em 1931 sobre Moabe e Amom, George Davis diz: "Ambas as terras estão progredindo rapidamente, depois de longos séculos de inação. Amman (Amom), a capital da Transjordânia, é a antiga Rabá dos amonitas, que foi capturada por Joabe e os israelitas, os quais agiam sob as ordens do rei Davi. Há apenas uns doze anos Amman era um simples vilarejo de duzentas ou trezentas pessoas. Hoje é uma cidade próspera, com uma População de 20.000 pessoas, e é a residência do governante da Transjordânia, o emir Abdullah". 12/60, 62

Possivelmente as pessoas que habitam as terras de Moabe e Amom não são os antigos moabitas e amonitas, mas mesmo que se tenha de aceitar essa possibilidade, será que é um esforço demasiado da imaginação ver isso acontecer no futuro?

Howard Vos diz: "O impacto de tudo isso tem sido tão grande que numa enciclopédia de enorme circulação, a qual tem uma posição totalmente secular, o escritor de um verbete disse: 'Mas Israel continuou sendo uma grande potência, enquanto que Moabe desapareceu. É verdade que Moabe continuamente enfrentou a pressão das hordas vindas do deserto; a natureza sem defesa da terra fica realçada diante da série de fortes e castelos em ruínas, que até mesmo os romanos foram forçados a construir. Mas a explicação deve ser encontrada dentro do próprio Israel, e especialmente na obra dos profetas'". 56/215

Peter Stoner calcula em 1 por mil as probabilidades dessa profecia se cumprir.

"As estimativas acerca do provável cumprimento das profecias sobre Moabe e Amom foram as seguintes: (1) 1 em 5 para a invasão por homens do oriente; (2) 1 em 10 para palácios em Amman; (3) 1 em 20 para o retorno dos moabitas e amonitas. Isso significa uma probabilidade de uma chance em mil para que toda a profecia se cumpra". 53/92

6. PETRA E EDOM

1A. INTRODUÇÃO

As profecias acerca do reino de Edom (a sudeste do mar Morto) e de sua capital, Petra, pareciam algo tão simples quanto aos dois grupos de profecias que acabamos de tratar, Gaza-Ascalom e Moabe-Amom. Este estudo começou com três simples predições feitas por Isaías e Jeremias, mas quanto mais se estudava a respeito, maior era o número de fontes que tratavam dos assuntos e mais fascinante se tornava a profecia toda. Petra é uma das mais misteriosas cidades sobre a face da terra; deve sê-lo por causa da maneira como as pessoas se referem a ela. Quando, finalmente, terminaram as pesquisas neste tema, as predições tinham aumentado de três para sete e encontrou-se a seguinte frase:

"Ao todo, seis profetas lançam condenações sobre a nação de Edom: Isaías, Jeremias, Ezequiel, Joel, Amos e Obadias." 56/173

Diante disso conclui-se que Edom foi uma nação muito má.

"As profecias que fazem acerca de Edom", escreve George Smith, "são em número tão grande, têm uma linguagem tão rica, tão variada, magnífica e minuciosa, que poderíamos gastar páginas e mais páginas só para citá-las, e muitas mais para mostrar o cumprimento exato e total das profecias". 51/217, 218

2A. TEXTO BÍBLICO E DATAÇÃO

Isaías 34 (783-704 a.C):

- 6 "A espada do Senhor está cheia de sangue, engrossada da gordura e do sangue de cordeiros e de bodes, da gordura dos rins de carneiros; porque o Senhor tem sacrifício em Bozra, e grande matança na terra de Edom".
7. "Os bois selvagens cairão com eles, e os novilhos com os touros; a sua terra se embriagará de

- sangue, e o seu pó se tornará fértil com a gordura".
8. "Nem de noite nem de dia se apagará; subirá para sempre a sua fumaça; de geração em geração será assolada, e para todo o sempre ninguém passará por ela".
 13. "Nos seus palácios crescerão espinhos, urtigas e cardos nas suas fortalezas; será uma habitação de chacais, e morada de avestruzes".
 14. "As feras do deserto se encontrarão com as hienas, e os sátiros clamarão uns para os outros; fantasmas ali pousarão e acharão para si lugar de repouso".
 15. "Aninhar-se-á ali a coruja, porá os seus ovos e os chocará, e na sombra abrigará os seus filhotes; também ali os abutres se ajuntarão um com o outro".

Jeremias 49 (626-586 a.C):

17. "Assim será Edom objeto de espanto; todos aquele que passar por ela se espantará, e assobiará por causa de todas as suas pragas".
18. "Como na destruição de Sodoma e Gomorra, e das suas cidades vizinhas", diz o Senhor, "assim não habitará ninguém ali, nem morará nela homem algum".

Ezequiel 25 (592-570 a.C):

13. Assim diz o Senhor Deus: "Também estenderei a minha mão contra Edom, e eliminarei dele homens e animais; torná-lo-ão deserto, e desde Tema até Dedã cairão à espada".
14. "Exercerei a minha vingança contra Edom, por intermédio do meu povo de Israel; este fará em Edom segundo a minha ira e segundo o meu furor; e eles conhecerão a minha vingança", diz o Senhor Deus.

Ezequiel 35:

5. "Pois guardaste inimizade perpétua, e abandonaste os filhos de Israel à violência da espada no tempo da calamidade e do castigo final".
6. "Por isso", diz o Senhor Deus, "tão certo como eu vivo, eu te fiz sangrar, e sangue te perseguirá..."
7. "Farei do monte Seir extrema desolação, e eliminarei dele o que por ele passa, e o que por ele volta".

3A. PREDIÇÕES E EXPLICAÇÃO

1B. Tornar-se-á um local desolado (Isaías 34:13).

2B. Nunca mais será habitado (Jeremias 49:18).

3B. Será conquistado por povos pagãos (Ezequiel 25:14).

4B. Será conquistado por Israel (Ezequiel 25:14).

5B. Terá uma história sangrenta (Ezequiel 35:5, 6; Isaías 34:6, 7).

6B. Edom em toda sua extensão, até Tema, ficará deserta (Ezequiel 25:13).

7B. Animais selvagens habitarão a região (Isaías 34:13-15).

8B. Cessará o comércio (Isaías 34:10; Ezequiel 35:7).

9B. Os espectadores ficarão pasmados (Jeremias 49:17).

Existem muitos comentários adicionais a respeito dos edomitas. Dentre esses comentários citamos:

"O destino terrível de Edom, e a causa disso", diz David Higgins, "são claros. Edom iria se tornar um deserto assolado porque havia tratado mal a Israel. (Em contraste. Joel 3:20 prediz a perpetuidade de Judá e de Jerusalém.) Todas as demais palavras que foram posteriormente pronunciadas contra Edom são um simples desenvolvimento das idéias desses dois versículos de Joel" (Joel 3:19, 20). 22/47

Higgins prossegue: "Isaías 34 prediz que no local onde outrora os homens e seus palácios e fortalezas reinavam imponentes, animais selvagens e o mato tomariam conta. Viajantes que têm passado por Edom têm ficado maravilhados diante do cumprimento dessa profecia até os mínimos detalhes". 22/57

4A. HISTÓRIA

1B. O Período Anterior à Profecia

A história de Edom principia de modo turbulento, e assim continua no transcorrer dos anos. Para melhor compreensão do assunto, o que se tem a seguir é uma história pré-profética de Edom, isto é, a história de Edom antes que as profecias fossem declaradas. No livro *Sarcófago de uma Antiga Civilização: Petra, Edom e os Edomitas*, George L. Robinson diz que "depois da morte de Saul, na primeira oportunidade que tiveram, os edomitas demonstraram o ódio que sentiam contra Israel. Enquanto Davi estava ocupado no norte da Síria, derrotando Hadadezer, rei de Zobá, parece que Edom invadiu a região sul de Judá, chegando a ameaçar Jerusalém. Mas com a volta de Davi, o reino muito mais antigo de Edom foi arrasado pelo reino mais jovem de Israel; sendo que dezoito mil edomitas foram mortos no vale do Sal, na parte sul do mar Morto". 49/348

"Davi conquistou Edom, que passou a ser vassalo de Judá, continuando nessa situação mesmo durante a época da monarquia dividida, até o reinado de Jorão". 56/179

(Nota: *The International Standard Bible Encyclopedia* (A Enciclopédia Bíblica Modelar Internacional) calcula que o reino de Jorão ocorreu entre 853 e 841 a.C, que é um período anterior ao da maioria dos profetas.) 44/1580

Escreve David Higgins: "Cerca de cinquenta anos depois da morte de Jorão, Amazias (ca. 800-785 a.C), rei de Judá, invadiu Edom e capturou a fortaleza de Sela." (Sela é a palavra hebraica que designa *rocha*, enquanto que Petra é a palavra grega que faz essa designação.) 22/36

H. Vos diz: "A liberdade que Edom obteve de Judá revelou ser apenas a preparação para mais escravidão - agora para a Assíria". 56/179

Howard Vos prossegue dizendo que "com a diminuição do poder assino, hordas caldeias, vindas da Transjordânia, dominaram Edom junto com as nações restantes". 56/180

2B. O Período Posterior à Profecia

A queda da Assíria marcou o período aproximado em que acabaram as profecias contra Edom. A seguir tem-se a história depois que as profecias acabaram de ser pronunciadas. "Os nabateus são provavelmente 'os filhos do oriente' mencionados em Ezequiel 25:4. Em alguma época durante o século sexto a.C. os nabateus conseguiram expulsar os edomitas de suas fortalezas nas rochas e conquistar a cidade de Petra" (Predição 3B). 22/40

Ao discutir o cumprimento da Predição 4B, Bernard Ramm explica a conquista de Petra e Edom pelos judeus. "A conquista de Edom pelos judeus está provada por dois textos: 1 Macabeus 5:3 e *Antigüidades* (livro escrito por Josefo) 12.18.1. Foram os edomitas atacados primeiramente por João Hircano e depois por Simão de Gerasa. Portanto, cumpriu-se a predição de que os judeus também iriam conquistá-las". 48/103

A época do nascimento de Cristo, Petra era uma cidade próspera. Citando Estrabão, que viveu àquela época, George Davis explica: "Petra também era uma cidade bastante próspera. Estrabão conta que ela ficava numa das extremidades das grandes rotas comerciais da Ásia. Era o mercado onde os árabes

vendiam suas especiarias e incenso". 11/52

O *Unger's Bible Dictionary* (Dicionário Bíblico de Unger), ao tratar de Edom durante a época romana, registra: "Os edomitas estavam agora incorporados à nação judaica, e escritores gregos e romanos freqüentemente designavam a província pelo nome *deldwnaea* (Idumêia). Imediatamente antes do cerco de Jerusalém por Tito, 20.000 idumeus entraram na Cidade Santa, perpetrando muitos roubos e realizando muitos atos de violência. A partir de então os edomitas, como um povo distinto, desaparecem das páginas da história". 54/286

Quando os judeus mais precisaram de ajuda, durante o cerco romano em 70 A.D., foi aí então que os edomitas mais atacaram os judeus. "Depois do massacre dos judeus", escreve David Higgins, "os idumeus retornaram à sua terra. Mas, com a queda de Jerusalém em 70 A.D., já não há mais registros históricos dos filhos de Esaú como um povo distinto" (Predição 5B). 22/44, 45

A fortaleza de Petra, construída nas rochas, sobreviveu. Lemos na Enciclopédia Britânica que Petra "já estava em decadência à época da invasão islâmica, no século sétimo (Predição 3B). No século doze os cruzados ali construíram um castelo, a que deram o nome de Sei. Fora isso, o local esteve ocupado apenas por tribos nômades, e se encontrava nessa condição quando, em 1812, a cidade foi redescoberta para o mundo ocidental pelo viajante suíço J. L. Burckhardt" (Predição 8B). 15/ v. 17. p. 751

George L. Robinson diz: "Desde que, em 1812, Burckhardt descobriu essa metrópole deserta e inóspita, apenas exploradores ocasionais e um número relativamente pequeno de turistas se aventuraram a correr o risco de visitar suas ruínas". 49/4

A respeito do ceticismo quanto à existência de Edom, Henry Morris explica que "Edom e os edomitas são mencionados repetidas vezes na Bíblia, mas estiveram totalmente esquecidos pela história secular até o século XIX, quando se encontraram referências a eles em monumentos egípcios e assírios. Finalmente foram descobertos os restos esplendidamente conservados da capital edomita, Petra, 'a cidade de rocha'. Assim, mais uma vez os críticos, que haviam sustentado que os edomitas não passavam de uma lenda, tiveram que se calar" (grifo nosso). 39/93

A isso Davis acrescenta: "Petra, a capital da terra de Edom, era uma das maravilhas do mundo antigo. Foi construída no meio de uma montanha de rocha. Muitos de seus edifícios foram escavados na rocha sólida. Petra proporciona uma visão estupenda devido aos edifícios em pedra lavrada, escavados no próprio lado da montanha, que era de uma rocha de uma cor entre o vermelho e o rosa. Era praticamente invencível ao assalto inimigo. Havia somente uma garganta estreita e comprida que servia de entrada. Nesse local uma pequena força de soldados era capaz de evitar a tomada da cidade por um grande exército". 11/50-52

Mas com que é que Petra se parece hoje? A descrição faz lembrar alguns dos mais assustadores contos de Edgar Allan Poe, mas é totalmente fiel à realidade. George Smith apresenta uma descrição bem marcante de Edom, citando vários autores:

"E igualmente total o cumprimento dessas profecias, e tão minuciosamente exato como no caso da profecia precedente. O capitão Mangles, que visitou essas ruínas, diz que quando estava admirando o cenário de Petra, 'os gritos das águias, falcões e corujas, que em grande número voavam acima de nossas cabeças, aparentemente aborrecidos com a aproximação de uma pessoa para perto de suas habitações solitárias, tornaram aquela cena ainda mais singular'. O dr. Shaw descreveu a terra de Edom e o deserto do qual atualmente faz parte como uma região 'abundante de diversas espécies de lagartos e víboras, existentes em grande número e que preocupam bastante'. E Volney conta que 'os árabes, em geral, evitam as ruínas das cidades da Iduméia devido aos enormes escorpiões que infestam o local'. Conforme observou Cory, é tão grande o número de escorpiões 'em Petra que, embora estivesse frio e houvesse neve, nós os encontrávamos sob as pedras, algumas vezes dois deles debaixo de uma única pedra!' O xeque e seu irmão, que acompanhavam Cory, lhe asseguraram que 'freqüentemente se vêem tanto leões como leopardos em Petra e nas colinas imediatamente atrás da cidade, mas que nunca descem até a planície ali perto'. Como se sabe que o termo 'sátiro' geralmente se emprega para designar um animal mitológico, o uso da palavra nas Escrituras tem provocado alguma surpresa e indagação. A palavra significa 'ser cabeludo', e é bem possível que tenha sido utilizada para designar a cabra selvagem, que se encontra em grandes rebanhos nessas montanhas". (Predições 1B, 2B, 7B, 9B). 51/221, 222

Higgins relaciona a profecia com os cumprimentos: "Veza após veza é predita a desolação de Edom. A época dos profetas parecia bem improvável o cumprimento de uma predição como essa. Mesmo depois que os edomitas haviam sido expulsos, os nabateus desenvolveram uma civilização florescente que durou

séculos. Mas Deus havia dito que iria tornar desertas as cidades de Edom. Hoje a terra está abandonada, um testemunho silencioso acerca da Palavra do Senhor, que não erra. Petra é um exemplo notável do cumprimento literal dessa profecia. Essa grande e antiga capital, com "um teatro para 4.000 pessoas sentadas, templos, altares e monumentos, encontra-se agora silenciosa e solitária, deteriorando-se com a passagem do tempo" (Predições 1B, 2B, 8B). 22/55

Herbert Stewart apresenta uma descrição mais detalhada: "O chão está coberto de colunas quebradas e pisos arrebatados, montões de pedras lavradas e muitas outras ruínas. Existe uma grande quantidade de escorpiões e corujas entre as ruínas. Burckhardt, um dos mais ousados e corajosos dentre os exploradores, diz que nunca conheceu o que era o medo até que chegou perto de Petra. Ao cair da noite ouviu-se o uivo do chacal, vindo do alto das rochas, respondido por outro uivo mais distante, vindo do lado da nascente do Wadi. A pedra em que o viajante sente talvez esteja cercada de urtigas e cardos podendo estar no que foi a área interna de belíssimos templos ou palácios ou outras edificações. E tudo o que é mencionado nos trechos citados (Isaías 34:10-14; Jeremias 49:16) encontrou, nestes últimos séculos, um lugar de descanso na cidade abandonada" (Predições 1B, 7B, 8B). 52/71, 72

George L. Robinson elucida os sentimentos de estar em Petra hoje: "Petra é um lugar que causa surpresa e perplexidade, mas que, acima de tudo, fascina. A primeira visita que você faz ao local é um acontecimento sem precedentes em sua vida. Você tem uma sensação da atuação de Deus através do homem e também sem o homem. Se você nunca teve essa sensação antes, é em Petra que você sentirá a influência do sobrenatural. O lugar parece tão remoto, sem qualquer relação com o ambiente ao seu redor ... um lugar que não foi descoberto e ao mesmo tempo impossível de ser descoberto. Que outra cidade esteve perdida por um milhar de anos e, finalmente, quando encontrada por acidente, ainda revelava manter tanto do seu esplendor a ponto de deixar surpreso o atônito explorador?" 49/9

Uma outra descrição bem marcante de Petra é feita por Alexandre Keith no livro *Evidence of the Truth of the Christian Religion* (Provas da Verdade da Religião Cristã): "Eu gostaria que o céptico pudesse ficar como eu fiquei no meio das ruínas dessa cidade entre as rochas, e ali abrir o livro sagrado e ler as palavras do escritor inspirado, escritas quando esse lugar desolado era uma das maiores cidades do mundo. Posso ver o zombeteiro imóvel, rosto pálido, lábios trêmulos e coração palpitando por causa do temor, enquanto a cidade em ruínas clama a ele numa voz alta e forte como a voz de alguém que ressurgiu dos mortos — embora prefira não crer em Moisés e nos profetas, ele crê que Deus escreveu com o próprio punho na desolação e nas ruínas eternas que o cercam". 27/339

5A. CUMPRIMENTOS ESPECÍFICOS

Analisaremos agora uma a uma cada predição. A primeira já foi vista de modo bem claro: não há dúvida de que Edom é um local abandonado. Já foi igualmente demonstrado o cumprimento da segunda predição. Pode-se com toda segurança identificar a conquista de Edom pelos muçulmanos, no século sexto A.D., com a conquista pelos "pagãos", que é a terceira predição. A quarta predição é que Edom seria conquistada por Israel: "Em Ezequiel 25:14 encontramos a predição de que Deus usaria

Israel para se vingar de Edom. Considerando o fato de que à época da entrega da profecia Israel se encontrava cativo na Babilônia, uma profecia dessas provavelmente pareceria ridícula. No entanto, aproximadamente quatro séculos depois a predição se cumpre nas pessoas de Judas Macabeu e João Hircano. Milhares de edomitas foram mortos e a nação foi obrigada a se submeter à circuncisão judaica, e, para todos os propósitos práticos, os edomitas tornaram-se judeus". 22/58, 89

A quinta predição, a de uma história sangrenta, vem em seguida: "Um estudo da história de Edom já revelou esse aspecto. A Assíria invadiu a terra e obrigou Edom à servidão. A vinda de Nabucodonosor representou um preço elevado pago pelos edomitas. A migração dos nabateus diminuiu o seu número. Quarenta mil edomitas morreram às mãos de Judas Macabeu". 22/55

Floyd Hamilton descreve o cumprimento da sexta predição, a que menciona Tema: "E por estranho que pareça, Tema, ou Ma'an, como é chamada hoje, continua sendo uma cidade próspera, na fronteira oriental da terra de Edom, e a única cidade em toda a terra que não está abandonada! Será que se poderia achar um cumprimento de profecia mais maravilhoso que esse? Reflita sobre a ínfima chance que um simples homem teria em escolher apenas uma em todo o país como a única que continuaria a existir através dos séculos, enquanto todas as demais cidades teriam o destino comum de destruição e abandono! Só Deus poderia prever um resultado desses, e, logicamente, o livro que contém tais profecias deve ser o Seu livro!" 20/312,

Raphael Patai explica que "Petra era a principal cidade da malha de rotas de caravana que ia da África à Ásia menor... Seria possível imaginar a cidade no auge de sua prosperidade... No entanto, apesar de toda sua importância, é bem estranho que Petra tenha sido literalmente uma cidade perdida por cerca de seiscentos anos. Absolutamente nada se sabe da cidade entre 1200 e 1812 A.D., quando foi redescoberta... Mesmo hoje, embora sua fama tenha se espalhado por todo o mundo, o número de pessoas que chegaram de fato a ver a cidade é insignificante. Permanece escondida e perdida, sendo um dos mais estranhos e ao mesmo tempo mais belos cenários do mundo; uma necrópole enorme e colorida, vigiada por águias". 45/121, 122

A sétima predição, que diz respeito aos animais selvagens, já foi enfocada.

Sobre a oitava predição, término do comércio, lemos: "Inclui-se na profecia das desolações de Edom", diz D. Higgins, "o fato do término do comércio. Isaías disse que 'para todo o sempre ninguém passará por ela' (34:10); ao que Ezequiel acrescenta: 'eliminaré dele o que por ele passa' (35:7). Era algo impensável que o comércio de Edom viesse a acabar, pois as rotas de comércio se cruzavam naquela terra. Mas a profecia cumpriu-se literalmente..." 22/56

Em *A Manual of Bible History* (Um Manual de História Bíblica), de autoria de William G. Blaikie, lemos, a respeito da profecia de que "ninguém passará por ela", que "a objeção de que a profecia... não se cumpriu literalmente, pelo fato de que viajantes têm passado por Edom é evidentemente leviana. Quando se repara que o grande volume de tráfego comercial que costumava passar por Edom já não circula ali, de tal modo que nunca mais se viu uma única caravana percorrendo aquelas rotas, certamente a profecia tem dado abundantes provas de confirmação". 5/141

A nona predição, a de que os que vissem os acontecimentos ficariam atônitos, também foi totalmente analisada. Higgins faz um bom resumo a respeito: "Jeremias mencionou que aqueles que passassem por Edom ficariam surpresos diante de sua devastação... As imponentes cidades de Edom ficaram desertas e os curiosos viajantes que passam por lá nunca deixam de manifestar surpresa diante das fortalezas abandonadas, nas montanhas" (Predição 9B). 22/59

Iain Browning assinala que "... os que visitam Petra não se surpreendem tanto pelos maravilhosos cenários, frutos da ação do tempo, como pela devastação que faz crer que Deus operou". 61/72

"Para o viajante, antigamente uma visita a Petra era uma das grandes experiências que poderia ter ... O que surpreende é que, muito embora hoje seja bem simples e seguro fazer uma visita a essa cidade que esteve perdida por tanto tempo, o mesmo sentimento de excitação e encantamento ainda domina a expedição e os visitantes ainda experimentam aquela mesma sensação de suspense e clímax de que nossos antepassados escreveram". 61/78

6A. PROBABILIDADE E CONCLUSÃO

Peter Stoner chega a um número elevado no cálculo da probabilidade de se cumprirem minuciosamente apenas três das predições sobre Edom: "Assim se calculou a probabilidade do cumprimento desses três diferentes pontos (acerca das profecias sobre Edom): (1) 1 chance em 10 (de Edom ser conquistado); (2) 1 em 10 (de subsequentemente ficar devastado); (3) 1 em 100 (de nunca voltar a ser habitado). Isso dá a profecia uma probabilidade de 1 em 10^4 ". 47/93

Em outras palavras, 1 em 10.000.

"Muitos provavelmente percebam que é difícil compreender esse cálculo de probabilidade da profecia. Diante disso, a melhor opção é fazer uma comparação com algo a que estejamos familiarizados. Edom tinha aproximadamente 100 quilômetros de largura e 180 quilômetros de comprimento. Esse reino, cuja área tinha um formato retangular, tinha cerca de 18.000 quilômetros quadrados. O Rio de Janeiro tem cerca de 44.000 quilômetros quadrados. Imagine uma predição assim: (1) Rio de Janeiro será devastado; (2) após ser conquistado nunca voltará a ser habitado; (3) será invadido por homens do oriente, vindos do outro lado do oceano; (4) também será conquistado por homens do nordeste; (5) terá um futuro ainda mais sangrento e corrupto do que qualquer outra parte da República Federativa do Brasil; (6) será inteiramente destruído até suas fronteiras; (7) a área do antigo reino estará infestada de animais selvagens.

Se alguém fizesse tal predição hoje em dia, ou seria ridicularizado, ou ignorado, ou internado num hospício. Soa algo simplesmente absurdo. Uma chance em 300.000.000 parece um número conservador, no entanto, é aproximadamente o que aconteceu a Edom na vida real. Edom tinha uma grande população e era poderoso; Israel se encontrava destruído e cativo na Babilônia, e foi Ezequiel que fez profecias

fantásticas demais para serem verdades — no entanto, elas se *tornaram* verdade. A dura realidade está bem diante de nós. A profecia é real. A ira de Deus é real. Ezequiel é real. As ruínas de Petra são bem reais.

7. TEBAS E MÊNFIGIS

Parecem existir poucas terras mais encantadoras e fascinantes do que o antigo Egito. Ezequiel profetizou a respeito de muitas cidades desse país, mas trataremos de apenas duas: Tebas (a antiga "No") e Mênfigis (a antiga "Noph"). O livro *The Wonders of Prophecy* (As Maravilhas da Profecia) constitui uma fonte valiosíssima para este estudo sobre o Egito.

1A. TEXTO BÍBLICO E DATAÇÃO

Ezequiel 30 (592-570 a.C):

13. Assim diz o Senhor:
"Também destruirei os ídolos e darei cabo das imagens em Mênfigis; já não haverá príncipe na terra do Egito, onde implantarei o terror".
14. "Farei desolada a Patros. Porei fogo a Zoã e executarei juízo em Nô".
15. "Derramei o meu furor sobre Sim (ou Pelusa), fortaleza do Egito, e exterminarei a multidão de Nô".

2A. PREDIÇÕES

1B. Destruição dos ídolos de Mênfigis (Ezequiel 30:13).

2B. Tebas será destruída, "dividida" e incendiada (Ezequiel 30:14).

- Tebas: Exterminarei a multidão de... (Ezequiel 30:15)

4B. Já não haverá príncipe natural do Egito (Ezequiel 30:13).

3A. HISTÓRIA

Primeiramente veremos a história de Mênfigis. John Urquhart nos fornece as informações iniciais: "Esse nome preserva a designação Pa-Nouf, com que os egípcios chamavam a antiga cidade que conhecemos como Mênfigis. Ela teria sido fundada por Menes, e teria sido nela que se elaboraram os primeiros regulamentos para a adoração dos deuses e o culto nos templos. É certo que o nome era tido na mais profunda veneração". 55/45

Podemos notar o grande valor dado a imagens e ídolos no início da história de Mênfigis. O texto que temos em seguida encontra-se na obra *A Commentary: Critical, Experiential and Practical on the Old and New Testament*. (Um Comentário Crítico, Experimental e Prático sobre o Antigo e o Novo Testamentos): "Mênfigis, capital do Médio Egito e fortaleza de 'ídolos'. Embora não haja registros que indiquem a destruição desses ídolos por Nabucodonosor, *Heródoto* nos informa que Cambises tomou Pelusa, o principal ponto estratégico do Egito, ao colocar cachorros, gatos e outros animais na frente do seu exército, animais que eram considerados sagrados pelos egípcios, de modo que nenhum egípcio usaria qualquer arma contra eles. Cambises destruiu violentamente Apis, o boi sagrado, e queimou outros ídolos do Egito" 23/ v. 4, p. 318 (Predição 1B; Urquhart calcula que essa invasão ocorreu em 525 a.C, bem depois da profecia ser dada).

Visto que Iavé se opunha fortemente à idolatria, parece especialmente irônico que a queda de uma cidade idolatra ocorresse por causa desse pecado. Temos em seguida uma paráfrase da parte do livro de John Urquhart em que ele trata do Egito.

Olhar para Mênfigis à época de Cristo e, então, examinar as profecias faz com que as predições se tornem ainda mais improváveis. Estrabão calculou que Mênfigis só ficava atrás de Alexandria em tamanho. No entanto, com a fundação do Cairo ali nas proximidades, por volta do século sétimo A.D. começou a

decadência de Mênfis. Partes de Mênfis começaram a ser transferidas para o Cairo, muito embora parecesse que a cidade nunca chegaria a desaparecer totalmente. Um viajante do século treze, Abdul-Latif, afirmou que uma parte importante de Mênfis ainda continuava no local e continuava agradando à vista. A frase que esse viajante usou para descrever o local foi "uma coleção de obras maravilhosas". 55/46

Urquhart prossegue com uma explicação sobre o presente. Ele diz que um século atrás havia dúvida até mesmo sobre o verdadeiro local da cidade. Com o surgimento dessa dúvida confirma-se o cumprimento da profecia. 55/46

Muitos outros viajantes têm feito comentários sobre Mênfis. John Urquhart cita Wilkinson, que ficou surpreso com o fato de ter restado tão pouco da outrora enorme cidade. Também temos o caso de Amélia B. Edwards, que em seu livro *Thousand Miles Up the Nile* (Mil Milhas Nilo Acima; pp. 97-99) menciona a existência de umas poucas e dispersas peças e objetos de antigo esplendor. Quase não vale a pena o esforço de ver grande parte do que sobrou. O que restou é tão pouco que facilmente se pode fazer uma lista de tais peças e objetos. "É difícil crer que uma grande cidade tenha florescido nesse local". 55/47, 48

A história de Tebas foi diferente. De acordo com Urquhart os juízos pronunciados contra Tebas foram tão duros que os historiadores, sem o notarem, apresentaram o cumprimento de tais juízos. Dois golpes iriam derrubar Tebas ao chão, sendo que nenhum deles ocorreu antes de feitas as predições. Urquhart assinala que Ezequiel viveu durante o reinado de Nabucodonozor, e que treze anos depois que esse rei tinha morrido e os persas eram o império dominantes, Cambises (525 a.C.) invadiu o Egito e infligiu uma destruição tão grande à parte alta de Tebas que só uma pessoa tão obcecada assim o faria. Queimou os templos e tentou destruir as enormes estátuas. Tebas recuperou-se rapidamente desse golpe, mas carregou consigo uma cicatriz da qual nunca se livraria. 55/26, 27

Urquhart registra que o segundo golpe foi desferido no século que antecedeu ao nascimento de Cristo. Até então, Tebas continuava sendo uma das principais cidades da região do ponto-de-vista financeiro. Contudo, por volta de 89 a.C, foi imposto um cerco à cidade, que durou três anos, quando finalmente Tebas caiu em esquecimento para sempre. Foi virtualmente aplainada, cumprindo assim Ezequiel 30:14, 15. A grande multidão de moradores foi exterminada, e os que sobraram nunca voltaram ao local. 55/27

Urquhart cita que Deodoro Sículo, que viveu por volta de 50 a.C., viu Tebas depois da queda e admirava a cidade devido à sua importância religiosa. Mesmo depois da queda, Deodoro pôde ver a grandeza e a beleza da cidade: sua circunferência tinha sido de 2,8 quilômetros, seus muros tinham tido 7 metros de largura e 20 metros de altura, e suas riquezas eram o produto das habilidades dos melhores operários e artesãos que viveram durante inúmeros reinados. 55/25

Diz-se que Estrabão observou Tebas em 25 a.C. e que afirmou que a cidade estava dividida em inúmeras vilas, forma em que a cidade tem permanecido até os tempos modernos — dividida e desunida. É assombroso notar que a profecia estipulou até mesmo a condição em que a cidade permaneceria para sempre. 55/28

Para fazer uma comparação entre as duas cidades devemos nos lembrar de que Tebas seria dividida e o povo exterminado, e que Mênfis teria os ídolos destruídos, o que significava a destruição da cidade inteira. Floyd Hamilton explica a respeito: "Se compararmos Mênfis com Tebas, onde os ídolos ainda existem em grande número e onde ainda se vêem imagens nas paredes dos templos, é ainda maior o impacto da maravilha da profecia cumprida. Como é que aconteceu que as profecias a respeito das duas cidades não foram trocadas? Como foi que aconteceu que não foi Tebas que teve os ídolos destruídos e que não foi Mênfis que sobreviveu embora dividida? Como foi que aconteceu que, dentre todas as cidades devastadas do Egito, Mênfis foi escolhida para o destino específico de ter os ídolos destruídos?" 20/308

Urquhart também encontrou uma bela comparação feita por Brugsch Bey no livro *Egypt Under the Pharaohs* (O Egito dos Faraós), em que Bey considera Mênfis como a cidade dos deuses. É compreensível que o Deus que não suporta a idolatria se colocasse contra Mênfis — embora à época a queda dessa cidade parecesse algo quase impossível. Em outros lugares, por exemplo, em Tebas, que foi devastada à época do auge de Mênfis, os ídolos permaneceram. Por outro lado, o juízo sobre Mênfis também permanece. 55/45

A predição final tem sido ignorada, mas se aplica ainda hoje. A profecia a respeito da ausência de um príncipe nativo do Egito tem-se cumprido totalmente. Obviamente, a predição não era de que haveria permanentemente uma anarquia, mas que o governo do Egito estaria em mãos estrangeiras. Os persas se apoderaram do Egito em 525 a.C, mas ela se manteve em estado de rebelião durante 170 anos. Em 350 a.C. Okhos finalmente esmagou o Egito e a partir de então estrangeiros têm controlado o governo. 55/42

Finalmente, John Urquhart mostra que quando não se tiram essas profecias do seu contexto, elas nos

ensinam a respeito do juízo de Deus por causa do pecado e do orgulho. Deus é soberano e jamais esquece Suas advertências ou Suas promessas. 55/42

8. NÍNIVE

Devemos nos lembrar em conjunto dos próximos dois temas proféticos pois não são bem semelhantes. As duas principais cidades do mundo antigo eram Nínive e Babilônia. As duas eram cidades incrivelmente fortes, como logo teremos oportunidade de ver. Eram bem populosas e com uma forte índole militarista — eram centros de impérios militares extremamente fortes. No entanto, à época do auge do poder e influência de cada uma, profecias de condenação foram atiradas contra seus meios e logo depois elas foram conquistadas — Nínive, depois de um sítio de três meses (o que é um período muito curto) e a Babilônia, sem qualquer luta.

A primeira cidade a ser analisada será Nínive, a ímpia capital do império assírio. Naum foi enviado a pregar arrependimento — mas não houve qualquer arrependimento — e então profetizar a vontade do Senhor.

1A. TEXTO BÍBLICO

Naum (661 a antes de 612 a.C.)

- 1:8 "Mas com inundação transbordante acabará duma vez o lugar desta cidade; com trevas perseguirá o Senhor os seus inimigos".
- 1-10 "Porque, ainda que eles se entrelaçam com os espinhos, e se saturam de vinho como bêbados, serão inteiramente consumidos como palha seca".
- 2-6 "As comportas dos rios se abrem, e o palácio é destruído".
- 3:10 "Todavia ela foi levada ao exílio, foi para o cativoiro; também os seus filhos foram despedaçados nas esquinas de todas as ruas; sobre os seus nobres lançaram sortes, e todos os seus grandes foram presos com grilhões".
- 3:13 "Eis que as tuas tropas no meio de ti são como mulheres; as portas do teu país estão abertas de par em par aos teus inimigos; o fogo consome os teus ferrolhos".
- 3:19 "Não há remédio para a tua ferida; a tua chaga é incurável; todos os que ouvirem a tua fama baterão palmas sobre ti; porque, sobre quem não passou continuamente atua maldade?"

2A. PREDIÇÕES E EXPLICAÇÃO

- 1B. Será destruída num estado de embriaguez (Naum 1:10).
- 2B. Será destruída "com inundação transbordante" (Naum 1:8; 2:6).
- 3B. Será queimada (Naum 3:13).
- 4B. Será totalmente destruída ("a tua chaga é incurável") e ficará devastada (Naum 3:19).

3A. DATAÇÃO

Acerca da data de Naum, George E. Meisinger escreveu: "As datas mais antigas e mais recentes que

se pode atribuir ao profeta Naum são dadas pelo próprio profeta. A data mais antiga está indicada em 3:8, onde o profeta vê a conquista de No-Amom (Tebas) como um acontecimento passado. Pelos Anais Assírios fica-se sabendo que Assurbanípal saqueou Tebas em 663 a.C. (BRIGHT, John. *A History of Israel* (Uma História de Israel). Filadélfia: Westminster Press, 1960. p. 289).

A data mais recente possível fica estabelecida pela natureza do conteúdo do livro; isto é, olha para a queda de Nínive como um acontecimento futuro. A *Crônica Babilônica* indica a data da queda de Nínive como sendo 612 a.C. (WISEMAN, D. J. *Chronicles of Chaldean Kings (685-556 a. C.) In the British Museum* (Crônicas dos Reis Caldeus - 685 a 556 a.C. - Existentes no Museu Britânico). Londres: Trustees of the British Museum, 1956. p. 24-26.). 37/12

4A. FUNDO HISTÓRICO

Conforme uma análise mais aprofundada irá revelar, os rios que cercam Nínive desempenham um papel importante na história.

Escreve Walter A. Mair: "Senaqueribe, avô de Assurbanípal, reclamou que o rio não apenas vinha transbordando repetidas vezes através dos séculos, mas que também minava os alicerces de alguns palácios e provavelmente foi a causa de sua destruição. Nos dias de Senaqueribe o rio constituía uma ameaça tal que ele desviou o curso do rio, talvez eliminando algumas curvas a fim de aumentar sua vazão. Também fortaleceu os alicerces do templo com o emprego de 'grandes blocos de pedra calcária', a fim de que 'a parte alevada do piso do templo não cedesse quando o rio transbordasse". 34/124

Eram muito impressionantes as defesas de Nínive. A partir de algumas fontes (Deodoro Sículo 12.1.26-27; 12.2.2.3; 12.2.3.2 (12); *International Standard Bible Encyclopaedia* (Enciclopédia Bíblica Modelar Internacional), p. 2148-2151 (20)) podemos ter uma boa idéia das especificações de Nínive, inigualada em tamanho por qualquer das cidades da antiguidade

- muralha interna: 30 metros de altura (igual a um prédio de 10 andares)
- 15 metros de largura (6 a 7 automóveis lado a lado)
- capacidade para circularem três carruagens lado a lado
- torres de 60 metros de altura (prédio de 20 andares)
- 15 portas
- fosso de 45 metros de largura
- circunferência de 11 quilômetros

Austen H. Layard, que se especializou no estudo de Nínive e Babilônia, fez o seguinte comentário no livro *Discoveries Among the Ruins of Niniveh and Babylon* (Descobertas em Meio às Ruínas de Nínive e Babilônia): "Um inimigo que se aproximasse pelo lado oriental, o lado da fortificação mais sujeito a ataques, tinha que, primeiramente, vencer uma enorme muralha que era fortalecida por postos avançados. Dois fossos profundos e mais duas muralhas, em que a interior era pouco menor em tamanho do que a exterior, tinham então de ser ultrapassados antes que se pudesse tomar a cidade.

(De acordo com Rich, a distância entre o lado interno da muralha interior e o lado interno da muralha exterior era de 600 metros. Somados aos 60 metros da muralha exterior, a largura de todas as fortificações seria de aproximadamente 660 metros, ou bem mais de meio quilômetro.)

"As ruínas remanescentes dessas fortificações praticamente confirmam as afirmações de Deodoro Sículo de que as muralhas tinham sessenta metros de altura e que três carruagens podiam andar lado a lado em cima do muro e fazem concluir que os historiadores antigos, ao descreverem as plataformas elevadas que circundavam a cidade toda, estavam fazendo confusão entre essas plataformas e aquelas que incluíam apenas um conjunto de edifícios ou uma residência real, erro que também cometeram ao descrever a Babilônia. Enquanto os muros internos foram construídos de pedra e alvenaria, parece que os muros externos foram feitos de pouco mais do que terra, seixos rolados e pedregulhos retirados dos fossos, que foram feitos com muito trabalho, escavando-se em rocha sólida". 32/660

5A. HISTORIA

Principiaremos com uma impressionante análise feita por George Meisinger (*The Fall of Niniveh* (A

Queda de Nínive). Dissertação de mestrado apresentada em 1986 ao corpo docente do Seminário Teológico de Dallas): "Psamético (um revolucionário egípcio que lutou contra o domínio assírio) logo deu início a uma pequena insurreição que, de uma vez por todas, acabou com as aspirações assírias sobre o Egito. Os assírios perderam o território elamita antes da morte de Assurbanípal. Embora fossem perdas pequenas, da mesma forma como tinham sido conquistas pequenas, elas apontavam para o fato de que a providência divina se voltava agora contra a Assíria. Ela estava em vias de realizar seu último papel no palco da história. Um dos mais difíceis enigmas da história é o fato de 'que essa nação — tendo experimentado o seu apogeu em 663 a.C. — tenha caído no esquecimento apenas cinquenta e um anos depois, para dela nunca mais se ouvir falar". 37/65

A Assíria parecia se desintegrar, muito embora as muralhas de Nínive estivessem em boas condições.

"No verão de 614 a.C", prossegue Meisinger, "Ciaxares marchou contra a própria Nínive e, embora o texto disponível esteja defeituoso exatamente nesse ponto, fica claro que ele não conseguiu irromper pelas muralhas. Ele então se voltou para pastagens mais verdejantes. Tarbis, que ficava a poucos quilômetros a noroeste de Nínive foi saqueada. Então Ciaxares marchou para o sul. Ninrode foi saqueada. (MALLOWAN, M. E. L. *Nimrude and Its Remains* (Ninrode e suas Ruínas). Londres: Collins St. James Place, 1966. vol 2, p. 388, 389, 391.)" 37/82

Diz mais ainda Meisinger: "Ainda que se aceite que os revezes nacionais e/ou militares experimentados nos últimos anos tivessem causado uma queda no moral das tropas, ainda assim é impossível atribuir a isso o pavor generalizado exibido pelo exército assírio no colapso definitivo de 612. Algo extraordinário tem que explicar a reação emocional de Nínive". 37/88

Meisinger desenvolve seu raciocínio: "Um inimigo do ponto-de-vista militar surpreendentemente forte não é algo suficiente para se harmonizar com a descrição de Naum. Aceitando-se que a aliança dos inimigos de Nínive possuísse *todas* as mais avançadas técnicas, estratégias e armamentos da época, ainda assim não teria conseguido penetrar com 'facilidade' pelas muralhas de Nínive. Muralhas com trinta metros de altura, com torres tripuladas por um exército veterano, mais um fosso de quarenta e cinco metros de largura, não sucumbem assim facilmente num prazo de três meses". 37/88

E então, o golpe final. "No final do reinado de Assurbanípal os medos e as tribos confederadas de Umman-Manda 'estavam se reunindo rapidamente... como urubus esperando a morte da vítima (HALL, H. R. *The Ancient History of the Near East* (A História Antiga do Oriente Próximo). Londres: Methuen and Co., 1932. p. 511)'. Em 612 a.C. os urubus avançaram sobre sua vítima e devoraram-na totalmente." 37/87

Um cerco de apenas três meses é algo incrível. "Quando se leva em conta que Psamético sitiou Asdode por vinte e nove anos (Heródoto, 2,157, (Azoto = Asdode), uma cidade de dimensões consideravelmente menores do que Nínive, é surpreendente que Nínive tenha caído em apenas três meses. Contudo, o profeta Naum predisse que essa grande cidade cairia com facilidade. Ele profetizou que assim como um figo maduro cai da figueira quando esta é sacudida, assim seria a queda de Nínive" (Naum 3:12). 37/87

Agora deixemos Meisinger para citar Gleason Archer (*Merece Confiança o Antigo Testamento?* São Paulo. Vida Nova, 1974); "Naum 2:6 contém uma predição notavelmente exata, pois a história subsequente registra que uma parte vital das muralhas da cidade de Nínive foi levada embora por uma grande inundação e que esse colapso do sistema de defesa permitiu aos medos e caldeus que sitiavam a cidade que irrompessem dentro da cidade sem dificuldade" (Predição 2B). 1/341

Nínive levou um grande tombo. O que segue é uma paráfrase de *Deodoro da Sicilia*, 2.26 e 2.27.50.

Acampado do lado de fora das muralhas da cidade, o rei da Assíria, que não estava consciente da deterioração de sua situação do ponto-de-vista militar e que estava confiante devido às suas vitórias sobre o inimigo, relaxou na vigilância e, junto com seus soldados, começou a indulgir num banquete em que se comiam muitos animais e bebiam-se muito vinho e outras bebidas (Predição 1B). Esse fato, da deterioração das defesas assírias chegou aos ouvidos do general inimigo, Arbaces, através de desertores. Foi realizado então um ataque noturno. Com grande sucesso, as tropas disciplinares de Arbaces derrotaram de modo surpreendente o acampamento desorganizado dos assírios e, lutando, fê-los recuar à cidade, inflingindo-lhes pesadas perdas. Essa batalha, aparentemente decidida sobretudo pela embriaguez e desorganização dos assírios, foi a cena final antes que se travasse a verdadeira batalha pela cidade: o cerco. Percebendo a situação precária em que se encontrava, o líder assírio, Sardanápalo, fez preparativos para a defesa da cidade bem como de seu reino. Na terra existia uma ofecia que dizia: "Nenhum inimigo jamais tomará Nínive de surpresa a menos que o rio se torne primeiro o inimigo da cidade". Sardanápalo

decidiu que isso nunca aconteceria e, portanto, sentiu-se seguro.

O inimigo dos assírios sentia-se muito feliz com as vitórias alcançadas até esse momento, mas não conseguia vencer as fortes muralhas da cidade. Os habitantes possuíam grande quantidade de comida armazenada e, conseqüentemente, a cidade permaneceu resistindo aos atacantes por três anos' mas depois de três anos e fortes chuvas, o rio, transbordando, rompeu uma boa parte dos muros e inundou uma área da cidade. O rei entrou em pânico, crendo que a profecia mencionada há pouco tinha se cumprido. Perdeu todas as esperanças e ordenou que seus bens reais, bem como suas concubinas, etc. fossem colocados numa área do palácio, e, lacrando o palácio, pôs fogo nele e o destruiu totalmente (Predição 3B). Os que sitiavam a cidade, ouvindo a respeito da brecha no muro, atacaram esse ponto, forçando a entrada na cidade, e se apoderaram da cidade inteira na qualidade de vencedores. Arbaces foi coroado rei de Nínive e recebeu autoridade absoluta sobre a cidade.

"Grandes vestígios de cinzas, que indicam o saque da cidade pelos babilônios, citas e medos em 612 a.C, foram encontrados em muitas partes da Acrópole. Depois disso a cidade deixou de ser importante".

Chegamos agora ao presente.

Joseph P. Free afirma: "Um século atrás essas cidades bíblicas com nomes que nos soam familiares, tais como... Nínive... e muitas outras, eram morros informes, sendo que em alguns casos desconhecia-se a própria identidade de tais morros" (Predição 4B). 18/5

Edward Chiera acrescenta: "Se o turista de hoje, depois de tudo o que se escreveu sobre as antigas civilizações da Babilônia e da Assíria, não consegue ter uma idéia exata de como foi o passado, poderá facilmente imaginar que os primeiros viajantes atravessaram inúmeras vezes a região sem suspeitar que estavam próximos de locais históricos como Babilônia e Nínive. Mesmo exploradores com uma mentalidade científica, que pela Bíblia sabiam da existência dessas duas cidades e que estavam tentando achá-las, passaram algumas vezes pelas suas próprias ruínas sem o saberem" (Predição 4B). 8/40

Merrill Unger registra a devastação de Nínive: "Em 612 a.C. a antiga e esplêndida cidade e capital do império assírio foi tão completamente destruída, de acordo com a dizimação profetizada pelos profetas hebreus, que se tornou quase que um mito até que, no século XIX, veio a ser redescoberta por Sir Austen Layard e outros. Atualmente o local já tem sido amplamente escavado". 54/795

George Meisinger se dirige aos críticos que zombavam até mesmo da idéia da existência de Nínive na antigüidade: "Os registros valiosíssimos acerca desse outrora destemido império estiveram fora dos anais da história mundial até que, no século XIX, Sir Henry Layard, aquele infatigável arqueólogo pioneiro inglês, foi o primeiro a desvendar os mistérios dessa nação - uma nação que por tanto tempo se recusou a revelar seus segredos à humanidade. Contudo, quase desde a primeira vez que a pá de Layard escavou o local, a cidade (Nínive) começou a fornecer centenas e então milhões de dados informativos sobre o passado. Durante séculos as únicas informações de que esse império existiu se encontravam em declarações diretas e indiretas existentes na Bíblia. Com o passar dos séculos e como não surgiam quaisquer descobertas arqueológicas que 'confirmassem' os registros bíblicos, começou a haver dúvidas sobre se esse povo chegou a existir. A extinção da Assíria foi tão completa que o historiador duvidava e o cético zombava dos relatos bíblicos!" 37/4, 5

Os arqueólogos se vêem numa situação difícil, escreve Merrill Unger: "Nínive é um lugar tão imenso que talvez jamais venha a ser totalmente escavado. Um vilarejo moderno está em cima de um dos maiores palácios. Cemitérios que não podem ser tocados cobrem outras áreas. Escavadores têm de fazer poços medindo entre 15 e 22 metros de profundidade, perfurando-os através do entulho, para alcançarem o estrato assírio". 54/796

M. E. L. Mallawan faz uma descrição marcante de destruição da Assíria: "A condição em que a encontramos (a sala do trono do palácio de Salmaneser) era um exemplo impressionante do saque final: O reboco da parede se tornara amarelo devido ao fogo e então enegrecera com a fuligem que nele penetrou. O calor intenso fez a parede do lado sul se inclinar perigosamente para dentro e o chão da própria câmara se queimou sob uma grande pilha de entulho queimado, de mais de um metro e meio de altura, cheia de cinzas, carvão, pequenos objetos... Também havia centenas de fragmentos de objetos esculpidos em marfim que tomaram uma cor negra e cinza devida ao fogo, algumas vezes chegando a ficar com uma aparência bem lustrosa. Esse entulho estava misturado com cereais inflamáveis: painço, cevada e trigo. Já tive oportunidade de ver pessoalmente o entulho de muitos incêndios antigos — em Ur dos Caldeus, em Nínive, em Arpaquias, em locais nos vales de Habur e de Bali — mas nunca vi um exemplo tão perfeito de uma fogueira motivada pela vingança, em que o material queimado ainda estava fofo como em todas as

fogueiras, e em que a fuligem ainda pairava no ar enquanto nos aproximávamos. Depois desse grande holocausto, partes das paredes desabaram sobre a câmara, que, com aqueles destroços de alvenaria, chegou a formar uma pilha com um total de três metros de altura. Somando mais um metro e meio de entulho sobre o entulho da fogueira; essa coberta rígida finalmente selou o conteúdo que permaneceu intocado até que chegamos a ele em 1958". 35/ v.2, p.434

6A. CUMPRIMENTOS ESPECÍFICOS

A profecia mencionava uma inundação. A citação seguinte, de autoria de Walter Maier, é uma forte prova em favor da inundação. "Três vezes Naum prediz que Nínive será destruída por uma inundação... (1:8)... (2:7)... (2:9). Essa ênfase tríplice numa inundação é mais do que uma figura de linguagem, e as expressões 'comportas dos rios', 'inundação transbordante' e 'açude de água' não podem ser explicadas como simples imagem poética". 34/118

George Meisinger diz: "Além disso demonstrou-se que até mesmo a aliança de inimigos de Nínive não conseguiu dar uma explicação para todos os detalhes envolvidos na queda da cidade. Por essa razão, os estudiosos rejeitaram a tradição que atribui a uma inundação a queda da cidade. No entanto, nesta dissertação defendo que há provas suficientes para demonstrar que uma inundação, como explicação para o colapso de Nínive é a única solução satisfatória que leva em conta todos os detalhes. Uma inundação que destruiu parte do sistema defensivo de Nínive permitiu à aliança inimiga saquear Nínive e lançar sua vingança sobre ela". 37/96

Walter Maier declara: "Por inferência, o tablete babilônico apresenta um contexto aceitável para o cumprimento da profecia de Naum. De acordo com a cronologia do tablete, Nínive caiu no mês de Ab. Em Nínive a época de chuvas pesadas ocorre geralmente em março, enquanto que os rios atingem o nível mais alto em abril e maio, período que equivale aproximadamente ao mês de Ab". 34/118, 119

Meisinger cita Gadd (*The Fali of Niniveh: The Newly Discovered Babylonian Oironicle* (A Queda e Nínive: A Crônica Babilônica Recém-Descoberta). Londres: Oxford University Press, 1923, pp. 27-30), quando diz: "O mais famoso dentre os relatos antigos sobre a queda de Nínive é o de Deodoro, que cita o muito mais antigo Ctesias. Ele contou que continuamente se tentou tomar a cidade de assalto, atacando suas muralhas, mas não houve sucesso. Entretanto, no terceiro ano (esta é evidentemente uma contagem a partir do ano 614 a.C, quando Ciaxares empreendeu uma tentativa fracassada de fazer uma brecha nos muros de Nínive. Não foi um cerco *ininterrupto* de três anos, pois a *Crônica Babilônica* é clara ao dizer que os medos não estavam presentes na Assíria em 613 e que o exército assírio participava de manobras ofensivas contra o exército babilônico naquele mesmo ano) uma série de chuvas pesadas aumentou o nível do Eufrates (sic), inundou parte da cidade e fez desabar o muro da cidade num comprimento de 20 estádios". 37/89, 90

George Badger registra: "O evento (da inudação) aqui registrado cumpre literalmente a profecia de Naum (1:8; 2:7) e oferece explicação para um estrato de seixos e areia, encontrado poucos metros abaixo da superfície do rio na altura das localidades de Coiuniuque e Ninrode". 3/1, 78,79

Alguns estudiosos crêem que o rio Tigre nem mesmo passava pela antiga Nínive uma vez que não o faz atualmente.

Walter Maier responde a essas críticas e apresenta referências para consultas mais aprofundadas: "... a maioria dos estudiosos tem sustentado que o Tigre passava pelo lado oeste da cidade (RITTER, Karl, *Die Erdkun-de* (Geografia). 1822-1859, p. 224; LAYARD, Sir Austin Henry. *Niniveh and Babylon* (Nínive e Babilônia), 1875, p. 77; JONES, Felix. *Niniveh's Location* (A Localização de Nínive), *Journal of Royal Asiatic Society* (Revista da Real Sociedade Asiática), (15): 316, 323, 1855; PEISER, F. E. *Tigris to the East of Niniveh* (O rio Tigre a leste de Nínive), *Mitteilungen der Vorderasiatischen Geselkchaft* (Boletim Informativo da Sociedade de Estudos da Ásia Menor), (3): 277, 278; LEHMANN, C. F. e HAUPT, Paul. *Israel, seine Entwicklung im Rahmen der Weltgeschichte* (Israel, seu desenvolvimento no contexto da história mundial), 1911, p 149; HER-MANN, Claude & JOHNS, Walter. *Location of Tigris* (A Localização do Tigre), In: *Encyclopaedia Britannica* (Enciclopédia Britânica), 11 ed. 1911, vol. 19, p. 421)". 34/120

Meisinger acrescenta: "Vem diminuindo o debate a respeito, havendo a conclusão de que esse rio (o Tigre), em condições de cheia, não seria capaz de provocar destruição". 37/93

Mas não apenas o rio Tigre seria capaz de fazê-lo, como também existem duas outras possibilidades.

Walter Maier prossegue:

"O segundo rio que poderia ter provocado a inundação transbordante era o Khosr... Em ambas as barragens (para impedir o transbordamento do Khosr), construídas segundo o t pico estilo assírio, os investigadores crêem que existia originalmente uma comporta ou eclusa para regular o fluxo da  gua. Quão fácil, então, teria sido para o exército que sitiava a cidade represar o rio Khors nesse lugar, fechar as eclusas do *agammu*, cortar essa fonte de suprimento de água (a água do Tigre não era potável) e, então, abrir as comportas, deixar que a massa de água represada fosse avançada até a cidade condenada, arrebentasse as comportas da cidade, inundasse as regiões mais baixas de Nínive e assim ajudasse a pronunciar o início do fim de Nínive! Ainda hoje, no suposto local da comporta Ninlil, junto aos muros da cidade, o Khosr se alarga, fazendo lembrar as palavras do profeta: Wnive   como um a de de  guas" (2:9). 34/121, 122

"O terceiro rio, cujas comportas poderiam ter sido abertas ou cujas águas poderiam ter provocado a inundação destruidora é o Tebiltu. Como o próprio nome indica (muito significativamente Tebiltu se origina do verbo assírio *tabalu*, 'tirar', 'despedaçar'), o rio poderia se tornar uma corrente violenta". 34/123

Em resumo, as predi es se cumpriram:

1. Nínive caiu num estado de embriaguez.

Bernard Ramm afirma: "Parte do sucesso da vitória dos medos se deveu ao otimismo dos ninivitas, que presumiram que sempre seria possível fazer o inimigo retroceder e se entregaram a beber e a banquetear". 48/107

Com toda honestidade podemos presumir que:

2. Nínive foi destruída numa inunda o.

3. Nínive foi queimada.

4. Nínive foi totalmente destruída e se tornou deserta.

Em *The Road to Niniveh* (A Estrada para Nínive), Kubie escreve: "Ali em Nínive — se   que isto foi Nínive — não encontramos nenhuma daquelas graciosas colunas, nem daquelas esculturas e inscri es legíveis... Ali, na Terra entre os Rios, não havia quaisquer árvores nem quaisquer videiras floridas entre as ruínas, não havia correntes d'água nem aquedutos... Uma terra cruel, de aspecto abandonado mesmo na primavera... Ali não havia *nada* que indicasse o que poderia existir sob aquelas colinas feitas pelo homem, que se elevavam abruptamente no meio da planície. Laylard não conseguia imaginar o formato dos edifícios — se   que havia algum edifício. Ele estava um tanto seguro de que devia haver: 'acreditava-se que os grandes edifícios e monumentos que haviam feito de Nínive uma das cidades mais famosas e imponentes do mundo haviam sido destruídos com o seu povo, e, tal como o povo, não haviam deixado qualquer vestígio. Mas assim mesmo,   medida que eu vagueava por cima e por entre as grandes eleva es, estava convencido de que elas deviam estar cobrindo os vestígios dos palácios da grande capital, e senti um forte desejo de escav -las". 30/56

9. BABILÔNIA

A misteriosa cidade de Babilônia, capital do mundo antigo, cabeça do império babilônico, o centro de comércio, cultura, educa o e de uma dezena de outras atividades, foi também o centro de certas profecias.

1A. TEXTO BÍBLICO E DATA O

Isaías 13 (783-704 a.C):

19. "Babilônia, a jóia dos reinos, glória e orgulho dos cal-deus, será como Sodoma e Gomorra, quando Deus as transtornou".
20. "Nunca jamais será habitada, ninguém morará nela de geração em geração; o arábio não armará ali a sua tenda, nem tão pouco pastores farão ali deitar os seus rebanhos".
21. "Porém nela as feras do deserto repousarão, e as suas casas se encherão de corujas; ali habitarão as avestruzes, e os sátiros pularão ali".
22. "As hienas uivarão nos seus castelos, os chacais nos seus palácios de prazer; está prestes a chegar o seu tempo, e os seus dias não se prolongarão" .
Isaías 14:
23. "Reduzi-la-ei a possessão de ouriços e a lagoas de águas; varrê-la-ei com a vassoura da destruição", diz o Senhor dos Exércitos. Jeremias 51 (626-586 a.C)
26. "De ti não se tirarão pedras, nem para o ângulo nem para fundamentos, porque te tornarás em desolação perpétua", diz o Senhor.
43. "Tornaram-se as suas cidades em desolação, terra seca e deserta, terra em que ninguém habita, nem passa por ela homem algum".

2A. PREDIÇÕES

1B. A Babilônia será como Sodoma e Gomorra (Isaías 13:19).

2B. Jamais tornará a ser habitada (Jeremias 51:26; Isaías 13:20).

3B. Os árabes não armarão tendas ali (Isaías 13:20).

4B. Não haverá rebanhos de ovelhas no local (Isaías 13:20).

5B. Animais do deserto infestarão as ruínas (Isaías 13:21).

6B. As pedras das ruínas não serão utilizadas em outras construções (Jeremias 51:26).

7B. A antiga cidade não será visitada com frequência (Jeremias 51:43). 8B. Estará coberta de pântanos (Isaías 14:23).

3A. A HISTORIA

Quanto à história do local, lemos na *Enciclopédia Britânica* que "até o século XIX o conhecimento a respeito da Babilônia e da Assíria baseava-se no Antigo Testamento e em uns poucos escritores gregos. Só após a descoberta nos dois países de monumentos antigos e de documentos escritos, e especialmente após a decifração da escrita cuneiforme e das línguas que utilizavam essa escrita, é que a história e a civilização da Babilônia e da Assíria tornaram-se conhecidas" (Predição 1B, 2B). 15/ v. 2, p. 950

Babilônia era uma cidade rica "Muito antes de Babilônia derrotar sua rival Nínive", escreve Austen Layard, "já era famosa pela amplitude e importância do seu comércio. À época, para manter comércio com todas as regiões do mundo conhecido, nenhuma posição geográfica poderia ser mais favorável do que a de Babilônia. Ela ficava junto a um rio navegável que... a certa altura do seu curso ficava a quase cento e sessenta quilômetros do mar mediterrâneo e que desembocava num golfo do oceano Indico. Paralelamente a esse rio corria um outro pouco menor em tamanho e importância. O rio Tigre... atravessava os férteis distritos da Assíria e transportava seus diversos produtos para as cidades babilônicas. Com um pouco de habilidade e empreendimento, facilmente a Babilônia se tornou não apenas o mercado abastecedor do mundo oriental, mas o principal elo no intercâmbio comercial entre o oriente e o ocidente". 32/455

A Babilônia era uma cidade movimentada. Joseph Free fala a respeito dos grandes edifícios: "As escavações arqueológicas feitas na Babilônia revelaram inscrições que mencionam as grandes atividades de construção empreendidas por Nabucodonosor. A inscrição da Casa da Índia Oriental, atualmente em Londres, tem seis colunas em escrita babilônica contando as impressionantes operações de construção, as quais o rei realizou para ampliar e embelezar a Babilônia". 18/228

Tudo isso teve início com Nabopolassar. Em *The Prophecy of Ezekiel* (A Profecia de Ezequiel), Charles Feinberg acrescenta: "No fim do século sétimo e no início do século sexto a.C, Nabopolassar e seu filho Nabucodonosor reconstruíram a cidade, cujos restos existem até hoje; e foi nessa época que a Babilônia atingiu o auge da fama". 15/ v. 2, p. 948

Era cercada de pântanos. Escreve Austen Layard: "De acordo com o testemunho unânime de autores da antiguidade, a cidade era dividida em duas partes pelo rio Eufrates. As principais ruínas remanescentes localizam-se a leste do rio; há bem poucas ruínas no lado oeste, entre Hillah e Birs Ninrode. Aliás, em algumas partes da planície não há ruína alguma. Até certo ponto esse fato é explicável da seguinte maneira. Até hoje o Eufrates tende a alterar o seu curso e a ficar meio perdido em meio aos pântanos a oeste do leito atual. Notamos que, desde os períodos mais antigos, a região baixa do lado oeste era sujeita a constantes inundações e ficamos sabendo, com base numa tradição existente, que Semíramis construiu aterros para controlar o rio, enquanto parece que mais tarde uma rainha quis tirar vantagem do transbordamento do rio para fazer um grande lago do lado de fora das muralhas (Heródoto l.i.c. 184, 185). Com base no que Arriano escreveu (Lib. vii. c.17. e Deodoro Sículo ii. 7.) também ficamos sabendo que o lado oeste da cidade era cercado e defendido por enormes pântanos, que impediam qualquer acesso à cidade. A água para esses charcos vinha do Eufrates". 34/420

Com base em dados fornecidos por *International Standard Bible Encyclopaedia* (Enciclopédia Bíblica Modelar Internacional) e por Heródoto (1. 178-181), podemos ver que as medidas da Babilônia são bem impressionantes:

484 quilômetros quadrados

22 quilômetros de lado

90 quilômetros de circunferência

cercada por um fosso de 9 metros de largura

muralhas duplas

muralha externa: 93 metros de altura — aproximadamente a altura de um prédio de 30 andares; 26 metros de largura — o que daria para estacionar 11 automóveis, um ao lado do outro.

100 portões e respectivas dobradiças e vergas, tudo de bronze maciço 250 torres de vigia, 30 metros mais altas do que as muralhas externas 44/350; 18

Muitos estudiosos acreditam que as medidas apresentadas por Heródoto são exageradas, e que se deve ser mais conservador no cálculo das dimensões de Babilônia. Heródoto e especialmente Xenofonte, na obra *Cyropaedia* (Traduzida para o inglês por Walter Miller. In: PAGE, T. E. e ROUSE, W. H. *Loeb Classical Library* (Biblioteca Clássica de Loeb). The Macmillan Co., 1914. pp. 261-285) fazem a seguinte descrição da queda da Babilônia a Grande. Os persas, depois de sitiarem a cidade, viram que de modo algum iriam conseguir romper as enormes muralhas ou pôr os portões abaixo. Mas eles contavam com dois desertores babilônios, que passaram para o lado deles, Gobrias e Gádatas. A essa altura, Crisantas, um conselheiro de Ciro, observou que o rio Eufrates passava por baixo dessas gigantescas muralhas e que era suficientemente fundo e largo para que um exército passasse ali, debaixo das muralhas. Ciro ordenou que suas tropas cavassem valas enormes e que os dois desertores planejassem o ataque à Babilônia a partir de dentro de suas muralhas. Enquanto os persas estavam construindo canais para desviar o curso do rio, os babilônios riam e zombavam do inimigo que estava do lado de fora das muralhas, aparentemente sem saber o que fazer. Os babilônios estavam se embebedando numa festa anual em homenagem aos seus deuses e comemorando a vitória sobre os persas (conforme está registrado em Daniel 8), sem perceber que Ciro havia desviado o rio Eufrates, de modo que este já não passava por debaixo das muralhas da cidade, e estava entrando na cidade naquele exato momento junto com suas tropas. Pode-se dizer que a cidade foi tomada sem luta alguma, graças a dois desertores e à embriaguez dos babilônios. (Veja também Isaías 21:5; 44:27; Jeremias 51:36. Sobre a morte de Belsazar veja Isaías 14:18-20; Jeremias 51:57).

Assim, Babilônia a Grande caiu pacificamente, conforme o registra Merrill Unger em *Unger's Bible Dictionary* (Dicionário Bíblico de Unger): "Em 13 de outubro de 539 a.C. a Babilônia caiu diante de Ciro da Pérsia, e a partir daquele momento teve início a decadência da cidade. Xerxes a saqueou. Alexandre o Grande pensou em restaurar o seu grande templo, que estava em ruínas em seus dias, mas viu-se impedido de fazê-lo diante do custo proibitivo. Durante o período dos sucessores de Alexandre a área experimentou uma rápida decadência e logo se tornou um deserto" (Predição 1B). 54/116

(Nota: a obra *International Standard Bible Encyclopaedia* (Enciclopédia Bíblica Modelar Internacional);

p. 3.126) indica que o reinado de Xerxes ocorreu de 485 a 456 a.C.)

A morte de Alexandre foi lamentável. Gerald A. Larue escreve: "Imediatamente começou a luta entre os generais de Alexandre pela partilha do império. A Babilônia ficou arrasada com as lutas políticas e militares pelo seu controle e com os saques realizados pelas tropas que lutavam entre si. A posse da cidade passava de um lado para outro até que finalmente a Babilônia se tornou propriedade dos selêucidas. Tão destruída e arrasada estava a outrora bela cidade que era visível que a reconstrução sairia tão cara quanto a construção de uma nova cidade, e os selêucidas decidiram então por esta última possibilidade. A cidade de Selêucia foi construída às margens do rio Tigre num local a sessenta quilômetros ao norte de Babilônia, e, um a um, os estabelecimentos comerciais e aqueles que dirigiam o comércio mudaram-se da Babilônia para Selêucia". 31/79

Babilônia experimentou uma morte lenta. Prossegue Larue: "Durante o reinado de Augusto (27 a.C. a 14 A.D.) Estrabão visitou o local e comentou: 'A grande cidade tornou-se um deserto'" (xvi:i). 31/79, 80

"Durante a campanha que empreendeu contra os partos, Trajano visitou a Babilônia em 116 A.D. e, de acordo com Dio Cássio, encontrou 'montes e lendas acerca dos montes'" (68.30). 31/80

"Em 363 A.D., o imperador Juliano envolveu-se numa guerra contra os governantes sassânidas da Pérsia e numa das campanhas destruiu os muros de Babilônia, que haviam sido parcialmente restaurados pelos sassânidas, que utilizavam a área cercada como uma reserva de caça" 31/80 (Predição 5B).

"Oitenta e seis quilômetros ao sul da moderna Bagdá encontram-se as minas abandonadas, tomadas pela areia, da outrora orgulhosa cidade de Babilônia." 31/11 (Predições 1B, 2B; veja ilustrações no final do item sobre Babilônia.)

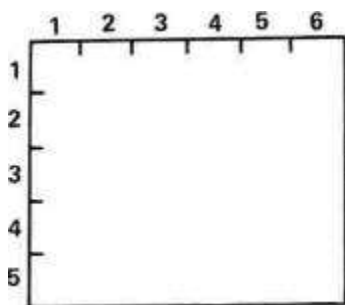
Os cientistas modernos revelam surpresa. George Davis registra: "O professor Kerman Killprect, conhecido arqueólogo, diz no livro *Explorations in Bible Lands in the Nineteenth Century* (Explorações das Terras Bíblicas no Século Dezenove): '... Que diferença entre a civilização antiga e a atual degradação! (Predição 1B). Animais selvagens, javalis, hienas, chacais, lobos e um ou outro leão infestam a selva*' (Predição 5B). 11/78, 79

Os escavadores se surpreendem diante da gigantesca tarefa de escavação.

Robert Koldeway, autor de *The Excavation at Babylon* (A Escavação na Babilônia), é bem conhecido pelas suas descobertas na Babilônia. Ele diz que "os muros da cidade... que em outras cidades da antigüidade tinham 3 metros, ou no máximo 6 ou 7 metros de espessura, na Babilônia têm entre 17 e 22 metros. Em muitos sítios arqueológicos o monte formado pela área soterrada não tem mais do que 2 ou 3 ou quem sabe 6 metros de altura, enquanto aqui temos de trabalhar em montes que têm de 12 a 24 metros, e a enorme área que outrora foi habitada se reflete na grande quantidade de minas". 29/v

No livro *The Bible as History* (A Bíblia como História) Werner Keller explica: "Os arqueólogos alemães tiveram de remover mais de 27.000 metros cúbicos de entulho antes que atingissem uma parte do templo de Marduk, às margens do Eufrates, que fora reconstruído no reinado de Nabucodonosor. Incluindo os anexos, a estrutura media aproximadamente 450 por 540 metros. Bem de frente ao templo se erguia o figurante, a torre do santuário de Marduk". 28/299, 300

O tamanho significa que o templo media o equivalente ao comprimento de quatro campos de futebol (100 metros) pelo comprimento de cinco campos de futebol:



4A. CUMPRIMENTOS ESPECÍFICOS

A partir da história da Babilônia, que acabamos de ver, podemos ver os cumprimentos específicos de profecias: a predição 1B diz que a Babilônia seria destruída e se tornaria como Sodoma e Gomorra (Isaías

13:19). Note que não é uma predição de destruição da mesma maneira como aconteceu com Sodoma e Gomorra.

Austen H. Layard, em *Discoveries Among the Ruins of Ninive and Babylon* (Descobertas entre as Ruínas de Nínive e da Babilônia), descreve de modo marcante o que restou da destruição da Babilônia, em comparação com Sodoma e Gomorra. Também aborda os cumprimentos específicos das predições 2B, 3B, 4B e 5B (nenhuma tenda árabe, nenhum rebanho de ovelhas, cidade habitada por animais do deserto): "... A área da Babilônia é um terreno totalmente deserto e assustador. Corujas levantam vôo a partir de umas poucas moitas existentes e chacais mal-cheirosos movimentam-se furtivamente pelas reentrâncias existentes no chão. Verdadeiramente, 'a jóia dos reinos, glória e orgulho dos caldeus, é como Sodoma e Gomorra, quando Deus as transtornou. Nela as feras do deserto repousam, e as suas casas se enchem de corujas; ali habitam as avestruzes, e os sátiros pulam ali. As hienas uivam nos seus castelos, os chacais nos seus palácios de prazer', pois chegou o seu tempo". (Isaías 13:19-22) 32/413

Layard acrescenta: "Uma coruja de uma espécie grande e cinzenta é encontrada em grande quantidade, freqüentemente em grupos de quase uma centena, nos pequenos arbustos existentes no meio das ruínas da Babilônia". 32/414

A referência aos animais parece ser uma das principais observações feitas por viajantes e arqueólogos que, em tempos recentes, têm estado na Babilônia.

Floyd Hamilton esclarece a respeito: "Viajantes contam que não há ninguém morando na cidade, nem mesmo beduínos. Existem inúmeras superstições que circulam entre os árabes, as quais fazem com que eles não armem suas tendas no local, enquanto a natureza do solo impede o crescimento de vegetação apropriada para a pastagem de rebanhos". 20/310

Peter Stoner diz: "Não há rebanhos de ovelhas ao redor de Babilônia". 53/93, 94

Enquanto estava no local da antiga Babilônia, Edward Chiera escreveu uma carta:

"O Sol acabou de desaparecer, e o céu cor de púrpura parece sorrir, sem se importar com o cenário de abandono...

Uma cidade morta! Visitei Pompéia e Ostra, mas essas cidades não estão mortas: estão apenas temporariamente abandonadas. Ainda se ouve o somido da vida nessas cidades, e nelas a vida viceja por todos os lados... Aqui só existe morte, morte real...

Eu gostaria de encontrar uma explicação para todo este estado de abandono. Por que uma cidade florescente, capital de um império, iria desaparecer completamente? Será que foi o cumprimento de uma maldição profetizada que transformou um templo esplêndido num covil de chacais?" 7/xii-xiv

Nora B. Kubie escreve: "Ainda se ouve o gemido da coruja e o rugido do leão nas ruínas da Babilônia". 30/272

Kubie prossegue, dizendo que os empregados de Austen Layard "se recusavam a armar acampamento perto das ruínas abandonadas da Babilônia. Uma sensação de mistério e medo pairava sobre a massa informe de pedras e areia". 30/272

Stoner faz uma exposição sobre a predição de que "as pedras não seriam levadas embora" (Predição 6B): "Tijolos e materiais de construção de vários tipos têm sido recuperados das minas para serem usados em cidades ao redor, mas as rochas, que foram importadas para a Babilônia a um preço bem elevado, jamais foram removidas". 53/94

A sexta predição (6B) é complicada. Em Jeremias 51:26 temos um caso de sujeito indeterminado, de modo que a referência pode ser ao conquistador. Neste caso, então Ciro o Grande, o conquistador da Babilônia, cumpriu as profecias conforme já vimos. O fato é que se têm encontrado pedras de construção da Babilônia em outros locais. Uma pergunta a ter em mente é se uma pedra de construção, um tijolo, pode ser entendida como o tipo de pedra de que Jeremias fala, ou se o profeta está se referindo especificamente a pedras literalmente usadas como fundamento, isto é, alicerces.

A predição 7B, de que "homem algum passará pelas ruínas" é explicada por Peter Stoner: "Embora quase todas as cidades da antigüidade estejam em importantes rotas turísticas, isso não acontece com a Babilônia, que tem bem poucos visitantes". 53/94

Lemos na *Enciclopédia Britânica* acerca do cumprimento da predição °B. de que a cidade estaria "coberta de pântanos": "Uma grande parte da cidade, sepultada sob uma grossa camada de lodo, ainda aguarda ser encontrada, e a Babilônia de Hamurábi, da qual se encontraram apenas os menores vestígios, agora jaz sob o espelho d'água". 15/ v.2, p. 950

Austen Layard prossegue: "Grande parte da região abaixo da antiga Babilônia já faz séculos que é um

grande pântano... Os diques de contenção dos rios, totalmente negligenciados, romperam-se e as águas se espalharam pela superfície da terra" (veja Isaías 21:1). 32/480

Kubie comenta a respeito de parte da Babilônia estar sob água: "Nem uma só folhinha de grama é capaz de crescer naquele terreno, que está como que envenenado, e os pântanos ao redor, cheios de juncos, produzem emanções de febre" (referindo-se às explorações de Layard ao redor da área da Babilônia).

"... Layard olhou para o terreno pantanoso e marcado pela malária, que os árabes chamam de 'o deserto das águas' ... Depois da queda da cidade, as grandes obras de engenharia da Babilônia foram negligenciadas, os canais de irrigação ficaram obstruídos e os rios transbordaram". 30/ 272, 274-275

5A. CONCLUSÃO E PROBABILIDADES

Todas as oito predições se cumpriram. Floyd Hamilton nos desafia a "repararmos na diferença entre as profecias sobre a Babilônia e o Egito! A nação babilônica estava destinada a desaparecer, o Egito a continuar como uma nação e de fato *continuou* a existir basicamente como uma nação. Como é que esses dois acontecimentos improváveis vieram a ocorrer exatamente de acordo com a maneira como a profecia foi dita, e que os nomes dos países não foram trocados"? 20/311

Werner Keller faz uma observação interessante: "A Babilônia não era apenas uma metrópole comercial, mas também religiosa, conforme se percebe a partir de uma inscrição: 'No total existem na Babilônia 53 templos dos principais deuses, 55 santuários de Marduk, 300 santuários para adoração de divindades terrenas, 600 santuários para adoração de divindades celestiais, 180 altares à deusa Istar, 180 aos deuses Nergal e Asdade, e 12 outros altares a diferentes deuses⁷". 28/299

No mundo antigo houve muitos centros de adoração religiosa, dentre os quais citamos Mênfis-Tebas, Babilônia, Nínive e Jerusalém. As divindades pagas que, segundo os homens, afirmavam estar em pé de igualdade com o único Deus, Iavé, nunca duraram, especialmente depois de Jesus Cristo. Iavé recusou-se a até mesmo se considerar em bases iguais com esses deuses pagãos, e, mais do que isso, chegou a condenar as cidades onde esses deuses eram adorados. Uma coisa é fazer ameaças, outra é cumpri-las. Por isso, o importante é olhar para a história. Dentre as cidades acima mencionadas qual continuou a existir?

Peter Stoner faz um cálculo a respeito das primeiras sete predições e chega a um número incrivelmente alto de uma chance em cinco bilhões de todas as predições se cumprirem: "O provável cumprimento de cada um dos itens da profecia sobre a Babilônia foi assim calculado: (1) 1 em 10 (será destruída); (2) 1 em 100 (jamais voltará a ser habitada); (3) 1 em 200 (os árabes não armarão suas tendas no local); (4) 1 em 4 (não haverá rebanhos de ovelhas ali); (5) 1 em 5 (animais selvagens tomarão conta das ruínas); (6) 1 em 100 (pedras não serão tiradas para serem usadas em outras construções); (7) 1 em 10 (os homens não passarão pelas ruínas). Isso faz com que a probabilidade de toda a profecia se cumprir seja de 1 em 5×10^9 Isto é 1 em 5.000.000.000. 53/95

É preciso fazer dois breves comentários sobre o par de profecias sobre Nínive e Babilônia. O primeiro envolve a questão de defesas. Mesmo durante a primeira guerra mundial, defesas do porte que tinham essas duas cidades teriam conseguido parar a marcha de todo um exército. Só após o aperfeiçoamento dos aviões e o desenvolvimento do arsenal de artilharia é que a técnica de defesa das cidades por meio de muros se tornou totalmente ultrapassada.

Babilônia

36 km fosso ao redor de toda a cidade muralhas duplas 93 metros de altura (prédio de 30 andares) 26 metros de largura (11 automóveis lado a lado) 100 portões de bronze maciço área dentro da cidade com espaço suficiente para cultivo

Nínive

fosso com 45 metros de largura
torre com 60 metros de altura (prédio de 20 andares)
30 metros de altura (10 andares)
15 metros de largura (6 automóveis)
3 carruagens circulando em cima da muralha lado a lado

Há uma conclusão que podemos tirar disso. Não há uma só muralha suficientemente alta, nem

suficientemente grossa, nem um só fosso suficientemente fundo, nem uma defesa suficientemente forte para manter Deus ou Seu juízo à distância. É impossível ignorar Deus mediante muralhas, assim como é impossível fazê-lo mediante o racionalismo ou qualquer outra coisa.

O segundo comentário envolve a probabilidade das duas cidades caírem. Embora Nínive e Babilônia fossem semelhantes em alguns aspectos, em outros eram diferentes, da mesma forma como quaisquer duas cidades dos dias de hoje. Se hoje perguntassem a alguém qual cidade seria destruída, São Paulo ou Rio de Janeiro, a pessoa, responderia que nenhuma, ou talvez escolhesse uma das duas, mas nunca escolheria as duas. O completo estado de abandono das antigas Nínive e Babilônia representou na época algo sobrenatural, da mesma forma como a destruição de São Paulo e Rio de Janeiro junto com os seus arredores, seria sobrenatural nos dias de hoje. Contudo as duas cidades morreram lentamente — para nunca mais virem a ser habitadas.

6A. CONCLUSÃO

O texto a seguir é uma conclusão apropriada para este segmento de estudos sobre as profecias. Inclui parte de uma carta de Edward Chiera, publicada no prólogo do livro *They Wrote on Clay: The Babylonian Tablets Speak Today* (Escreveram em Argila: Os Tabletes Babilônios Falam Hoje). Chiera escreveu essa carta a sua mulher enquanto fazia escavações em Kish, uma antiga cidade bem próxima da Babilônia, mais precisamente treze quilômetros a leste. Este é o enfoque pessoal do arqueólogo: "Nesta tarde fiz minha costumeira peregrinação ao monte que cobre a torre do antigo templo..."

"Vista debaixo, não parece tão alta como seria de se esperar de uma torre de um templo babilônico. Não foi da Babilônia que pretenderam chegar ao céu? Tem-se a resposta depois de chegar lá em cima. Embora bem baixa (dificilmente tem mais de 150 metros de altura), ainda assim, do alto da torre, pode-se enxergar a uma enorme distância a planície interminável... As ruínas da Babilônia estão mais perto. Por todo o redor da torre pequenas elevações de poeira representam tudo o que restou de Kish, uma das mais antigas cidades da Mesopotâmia".

"... A vasta rede de canais, que nos tempos antigos distribuía as águas do Eufrates por toda esta terra, agora é representada por uma série de pequenos montículos de poeira, que se espalham por todas as direções. Até mesmo o Eufrates abandonou esta terra, tendo mudado o seu curso..."

"Uma cidade morta! Visitei Pompéia e Ostra, e caminhei pelos corredores vazios do palatino. Mas essas cidades não estão mortas: estão apenas temporariamente abandonadas. Ainda se ouve o som da vida nessas cidades, e nelas a vida viceja por todos os lados. Elas são apenas um passo rumo ao progresso, passo dado por aquela civilização, a que elas contribuíram com todo seu vigor e que prossegue avançando diante dos seus próprios olhos".

"Aqui só existe morte, morte real. Nem uma só coluna ou arco permanece em pé para demonstrar a perpetuidade da obra humana. Tudo se desintegrou, virando poeira. A própria torre do templo, a mais imponente de todas essas construções antigas, perdeu completamente o seu formato original. Onde estão agora os sete níveis do templo? Onde está a larga escada que conduzia ao topo? Onde está o santuário que coroava o templo? Não vemos nada além de uma elevação de terra — tudo o que resta dos milhões de seus tijolos. Bem no topo existem alguns vestígios de paredes. Mas são informes: o tempo e o abandono concluíram seu trabalho".

"Sob meus pés existem alguns buracos, feitos por raposas e chacais para lhes servirem de tocas. À noite saem furtivamente de suas habitações para a difícil tarefa de encontrar comida. E pode-se ver a silhueta deles contra o céu. Esta noite parecem estar sentindo minha presença e permanecem escondidos, talvez surpresos diante desse estranho que veio perturbar a paz que desfrutavam. A elevação de terra está coberta de ossos brancos, provas que se acumularam das caçadas feitas por eles".

"... Nada quebra o silêncio mortal..."

"Agora um chacal está uivando, uivo que é meio choro e meio ameaça. Todos os cachorros do vilarejo árabe imediatamente aceitam o seu desafio, e por um instante a paz é perturbada por uivos e latidos".

"... Mas uma certa fascinação me prende a isto aqui. Eu gostaria de encontrar uma explicação para todo este estado de abandono. Por que uma cidade florescente, capital de um império, iria desaparecer completamente? Será que foi o cumprimento de uma maldição profetizada que transformou um templo esplêndido num covil de chacais? Será que o procedimento das pessoas que aqui viveram tem alguma coisa a ver com isto, ou será que o destino fatal da humanidade é que todas as suas civilizações têm que se desintegrar quando atingem o ápice? E o que é que estamos fazendo aqui, tentando arrancar os segredos que

o passado guarda consigo, quando provavelmente nós mesmos e nossas realizações talvez nos tornemos objeto de pesquisa para povos que venham a existir?" 8/xi-xiv

10. CORAZIM, BETSAIDA, CAFARNAUM

Uma profecia do Novo Testamento já cumprida é algo de fato singular, mas é isso o que iremos analisar agora. À guisa de introdução, citaremos George T. B. Davis: "Lemos no Novo Testamento a respeito de quatro cidades antigas que tinham uma localização privilegiada perto do mar da Galiléia, ou às suas margens. Essas quatro cidades eram Cafarnaum, Corazim, Betsaida e Tiberíades. Três dessas cidades desapareceram. Somente a última continua a existir hoje em dia". 11/33

A profecia, registrada em Mateus, foi dita por Jesus de Nazaré.

1A. TEXTO BÍBLICO E DATAÇÃO

Mateus 11 (50 A.D.):

"Passou, então, Jesus, a increpar as cidades nas quais ele operara numerosos milagres, pelo fato de não se terem arrependido".

"Ai de ti, Corazim! ai de ti, Betsaida! porque se em Tiro e em Sidom se tivessem operado os milagres que em vós se fizeram, há muito que elas se teriam arrependido com pano de saco e cinza".

"E contudo vos digo: No dia do juízo haverá menos rigor para Tiro e Sidom, do que para vós outros."

"Tu, Cafarnaum, elevar-te-ás, porventura, até ao céu? Descerás até ao inferno; porque se em Sodoma se tivessem operado os milagres que em ti se fizeram, teria ela permanecido até ao dia de hoje".

24. "Digo-vos, porém, que menos rigor haverá no dia do juízo para com a terra de Sodoma, do que para contigo."

Embora não se tenha o registro de qualquer profecia específica que dissesse como as cidades seriam destruídas, a marca inconfundível do juízo e insatisfação divinos é visível na história dessas três cidades. A história registra algo diferente em relação a essas cidades.

2A. HISTORIA

A *Enciclopédia Britânica* faz um breve menção a Cafarnaum: "... uma antiga cidade, na margem noroeste do mar da Galiléia, em Israel, identificada com o local que se encontra em ruínas em Tell Hum... A fama da cidade não impediu que desaparecesse completamente e que houvesse um prolongado debate acerca de sua localização". 15/ v. 4, p. 826

Em *Bible Prophecies Fulfilled Today* (Profecias Bíblicas Cumpridas na Atualidade), George Davis registra que, "por volta de 400 A.D., um terremoto destruiu Cafarnaum e, sem dúvida alguma, Corazim e Betsaida desapareceram na mesma época". 11/36

Davis se aprofunda na questão: "A localização da antiga Betsaida, às margens do mar da Galiléia, era tão privilegiada que por volta de 700 A.D. o rei Albalid I, de Damasco, decidiu construir um magnífico palácio de verão no local da cidade destruída. Durante quinze anos seus operários trabalharam na edificação do palácio. Então o rei Albalid morreu e o palácio nunca foi concluído. Com o passar dos séculos o palácio se transformou em simples ruínas. Hoje tudo que resta de seu antigo esplendor são algumas pedras dos alicerces e alguns pisos, ainda não terminados, com desenhos em mosaico. Os arqueólogos cobriram com areia esses mosaicos, para que também não fossem roubados por vândalos e assim se perdessem todos os vestígios do palácio". 11/36, 37

Samuel Clemens (Mark Twain) apresenta no livro *Innocents Abroad* (Inocentes em Viagem) uma descrição do lago Tahoe, situado nos Estados Unidos. "O lago é um local ermo, apenas com peixes, além de pássaros e esquilos nas margens. Na água do lago se encontram todas as criaturas que poderiam fazer com que ele deixasse de ser um local ermo. Mas essa não é a espécie de solidão que deixa alguém amedrontado. Para experimentar isso é só vir à Galiléia. Se esses desertos desabitados, essas elevações avermelhadas, sem qualquer vegetação, que nunca, nunca mudam de aparência, permanecendo com aquele jeito enauseante, essas tristes ruínas de Cafarnaum, esse entediante vilarejo de Tiberíades..." 9/238s

Davis explica a situação de Cafarnaum: "Durante séculos, à semelhança do restante da cidade

destruída, a sinagoga permaneceu sepultada debaixo da terra... Um homem teve a idéia de, partindo das ruínas existentes, restaurar a antiga sinagoga. Depois de longo tempo parte dos muros da construção foram novamente levantados, e várias colunas foram erigidas".

"Então aconteceu o inesperado. O arquiteto da sinagoga parcialmente restaurada morreu repentinamente — assim como séculos antes e rei Albalid havia morrido antes que o seu palácio em Betsaida ficasse pronto". 11/38

O *Unger's Bible Dictionary* (O Dicionário Bíblico de Unger) resume a situação desfavorável das três cidades objeto de condenação: "O juízo pronunciado contra Cafarnaum e as outras cidades incrédulas (Mateus 11:32) cumpriu-se de modo notável, Tell Hum, que hoje em dia geralmente se aceita como sendo o local de Cafarnaum, é um monte de ruínas, próximo a Betsaida e Tabga, e, ao ser escavado, revelou uma sinagoga do século terceiro A.D.". 54/180

Davis conclui a profecia tecendo comentários acerca de Tiberíades: "Nem uma só palavra de juízo foi pronunciada por nosso Senhor contra a cidade de Tiberíades. Já foi parcialmente destruída algumas vezes, mas sempre foi reconstruída". 11/40

Davis acrescenta: "A cada vez que temos visitado Tiberíades e a região ao redor do mar da Galiléia temos mais uma vez ficado impressionados com a veracidade e a inspiração sobrenatural da Palavra de Deus. Ali estão as ruínas de três cidades, destruídas exatamente como nosso Senhor predisse, e ali está uma cidade, Tiberíades, contra a qual não se pronunciou qualquer palavra de juízo, ainda de pé e florescente, depois de dezenove longos séculos". 11/41

11. CRESCIMENTO DE JERUSALÉM

Jeremias, que viveu em 626 até depois de 586 a.C, fez uma surpreendente predição em 31:38-40. Ele fez um mapa em que descrevia o futuro crescimento da cidade de Jerusalém.

1A. TEXTO BÍBLICO E DATAÇÃO

Jeremias 31(626-586 a.C):

38. "Eis que vêm dias", diz o Senhor, "em que esta cidade será reedificada para o Senhor, desde a torre de Hananeel até à Porta da Esquina".
39. "O cordel de medir estender-se-á para diante, até ao outeiro de Garebe, e virar-se-á para Goa".
40. "Todo o vale dos cadáveres e da cinza, e todos os campos até ao ribeiro Cedrom até à esquina da Porta dos Cavalos para o oriente, serão consagrados ao Senhor. Esta Jerusalém jamais será desarraigada ou destruída".

2A. CUMPRIMENTO

Esta profecia poderá parecer um tanto quanto vaga a menos que se verifique o mapa no final deste segmento. O livro de George T. B. Davis *Fulfilled Prophecies That Prove the Bible* (Profecias Cumpridas que Provam a Bíblia) baseia-se num livreto escrito por G. Olaf Matson, "The American Colony Palestine Guide" (Guia da Palestina para a Colônia Americana), para falar do cumprimento dessa profecia. O que se tem a seguir é uma paráfrase e citações do livro de Davis. 12/88-104

"Seria difícil citar uma profecia bíblica que seja mais explícita e visualizável do que a da predição feita por Jeremias sobre a cidade tantas vezes destruída de Jerusalém". 12/90

Jeremias utiliza pontos de referência bem claros para indicar a direção do crescimento incomum da cidade. Esses pontos de referência têm existido durante muitos séculos até que alguns deles foram destruídos devido ao crescimento da cidade, isto é, ao cumprimento da profecia.

Zacarias tem uma outra passagem que desenvolve um dos aspectos tratados por Jeremias. Zacarias 14:10 diz o seguinte: "Toda a terra se tornará como a planície de Geba à Rimom ao sul de Jerusalém; esta será exaltada e habitada no seu lugar, desde a porta de Benjamim até ao lugar da primeira porta, até à porta da esquina, e desde a torre de Hananeel até aos lagares do rei".

O que se fará em seguida é um acompanhamento do cumprimento de cada ponto da profecia. Nomes atuais serão utilizados para se referir a alguns dos pontos de referência de Jerusalém e deve-se ter em mente o devido contexto da antiga Jerusalém. A Jerusalém de Jeremias ficava nem no sul da atual cidade. A maioria dos mapas mostra que a cidade vem crescendo principalmente para o lado norte.

O canto noroeste da área contígua à mesquita de Omar é onde ficava a Torre de Hananeel e a atual porta de Jafa é onde ficava a antiga "Porta da Esquina". A área entre esses dois pontos fica dentro dos muros e foi construída antes desta geração, mas algum tempo depois de Jeremias. Passamos em seguida para fora dos muros da cidade, para a colina de Garebe, que fica a nordeste da porta da Esquina. Esta área de terra foi vendida nesta geração, tendo sido comprada em grande parte por judeus. O outeiro de Garebe é onde mora atualmente grande parte dos judeus russos. E o atual crescimento da cidade tem acompanhado a seqüência ditada por Jeremias.

O Orfanato de Schneller, uma escola industrial alemã, está localizado no outeiro de Goa. Aí tem início a virada do crescimento da cidade para o lado norte, local que é assinalado com o número 4 no mapa preparado por Stoner, que se encontra no final deste segmento. Até recentemente este era o limite dos subúrbios a noroeste de Jerusalém. A cidade cresceu facilmente ao longo desse sentido desde que a Estrada de Jafa se tornou uma importante via de acesso. Esse é o ponto 3 no mapa de Stoner, a área povoada antes do crescimento da região da colina de Goa.

O "Vale dos Cadáveres", local do viveiro de árvores governamental, está assinalado com o número 5 no mapa. Antigamente esse vale era um cemitério. É aí que a profecia de Zacarias se encaixa. Os lagares do rei encontram-se ao norte do vale dos Cadáveres. Bem recentemente, desde aproximadamente 1925, um novo grupo de judeus iemenitas se instalou na área. O mapa de Stoner não traz isto assinalado com um número. Mas prossigamos com a profecia de Jeremias. Caso tivéssemos estado por ali, até recentemente teríamos visto "montes de cinza" a sudeste de Goa Mas entre 1900 e 1930 as cinzas foram pouco a pouco desaparecendo devido à construção. Eram cinzas de verdade, supostamente restos dos sacrifícios no templo. Essa cinza era um bom ingrediente para a preparação de argamassa, de maneira que foi pouco a pouco retirada do local. Essa área foi povoada, enchendo assim a área em forma de gancho que é assinalada nos mapas. No mapa de Stoner a área das cinzas recebe o número 6.

Durante algum tempo o crescimento parou por aí. Os pontos 7, 8 e 9 eram os "campos" junto ao ribeiro Cedrom, no vale do Cedrom. Esta é, sem dúvida alguma, a área para onde a cidade crescerá, visto que em 1931 (data do copirraite do livro de Davis) muitas novas casas estavam surgindo por toda essa área. A "Porta dos Cavalos" ficava junto ao muro oriental da velha cidade e desapareceu, mas não é longe da Porta Dourada, que foi fechada com muros.

O crescimento da cidade não significou que as áreas foram totalmente ocupadas na seqüência prescrita, mas esse crescimento tem *acompanhado*, ponto por ponto, a ordem estabelecida em Jeremias. O profeta contou passo a passo o progresso e crescimento de Jerusalém, e esse processo tem se concretizado em obediência à profecia. Existem outras profecias que falam de áreas de crescimento ao sul, as quais também sistematicamente têm-se cumprido.

Jeremias 31:40 assim resumiu a profecia que, entre aproximadamente 1880 e 1935, teve seu cumprimento: "... serão consagrados ao Senhor. Esta Jerusalém jamais será desarraigada ou destruída".

Davis resume essa passagem no livro de sua autoria (lembre que o livro foi escrito antes de 1948, data do copirraite) da seguinte maneira:

"Quanto a esta parte final do versículo, isto é, quando serão consagrados ao Senhor, ou apenas como isso acontecerá, é uma pergunta mais fácil de ser feita do que respondida nesta época de animosidades e lutas políticas e raciais. Mas, sem sombra de dúvida, isso acontecerá na hora certa, assim como o aspecto mais material da profecia já aconteceu; e quando isso ocorrer, será de uma maneira tão natural quanto no caso do cumprimento da primeira parte". 12/104

No livro *Israel: An Uncommon Guide* (Israel: Um Guia Diferente), Joan Comay escreve: "Nada do ambiente sereno da Jerusalém atual faz lembrar seus 33 séculos de história turbulenta, que incluiu terremotos, dezenove cercos militares, duas destruições totais por conquistadores inimigos e muitas reconstruções. A existência e a teimosa sobrevivência de uma cidade importante nesse local parecem desafiar a razão. Está situada longe do litoral ou de qualquer bacia fluvial, e também está distante das importantes rotas de caravanas das eras antigas. Cercada de colinas desertas, está num local de difícil acesso e, no passado, tinha poucas fontes de água..."

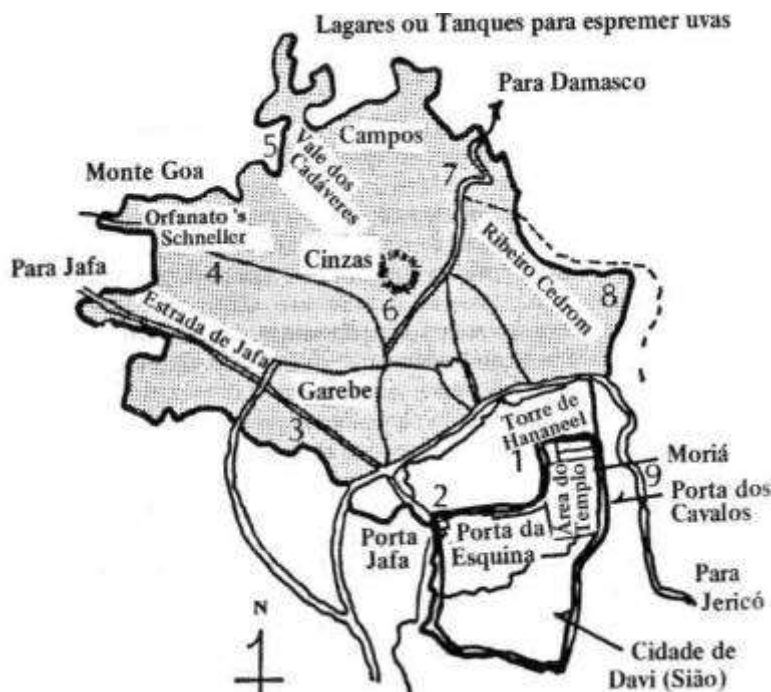
"Mas durante o transcorrer de todos esses milhares de anos existe uma constante: essa singular

dedicação do povo judeu a Jerusalém... Durante todos os séculos de dispersão, mesmo estando nos recantos mais longínquos da terra, os judeus têm orado pela sua volta a Sião... Na história não se encontra qualquer paralelo com essa união mística; sem ela não existiria o Estado de Israel".

Abaixo há um mapa que inclui certos pontos de referência mencionados nas profecias. (Repare também que o texto bíblico foi dividido em frases, mostrando assim os passos da profecia.)

"Eis que vêm dias", diz o Senhor, "em que esta cidade será reedificada para o Senhor, desde a *torre de Hananeel* até à *Porta da Esquina* ."

"O cordel de medir estender-se-á para diante, até ao *outeiro de Garebe*."



VELHA JERUSALÉM (Branco) E SUBÚRBIOS (Sombreados)

"e virar-se-á para *Goa*. "

"Todo o *vale dos cadáveres*"

"e da *cinza*,"

"e todos os campos até ao *ribeiro Cedrom*"

"até à esquina da *Porta dos Cavalos* para o oriente,"

"serão consagrados ao Senhor. Esta Jerusalém jamais será desarraigada ou destruída" (Jeremias 31:38-40).

"O crescimento inicial da cidade", escreve Stoner, "abrange os itens 1 e 2 (veja o mapa); essas áreas estão dentro do muro de Suleimã. Cinquenta anos atrás Jerusalém passou pelo muro e começou a crescer em direção do ponto número 3" .53/88

"Assim, são citados nove itens sobre o crescimento da cidade de Jerusalém. Primeiramente, foi profetizado que a cidade cresceria, então foi apresentada a seqüência em que esse crescimento se daria". 53/88

Peter Stoner apresenta o seguinte cálculo de probabilidades do cumprimento dessa profecia:

"É bem fácil encontrar o número de caminhos pelos quais a cidade de Jerusalém poderia ter crescido em seus primeiros nove passos ou etapas. A cidade velha possui seis esquinas facilmente visíveis. Certamente o crescimento poderia ter começado por qualquer uma dessas esquinas, para não se falar das laterais da cidade. Digamos, então, que o início do crescimento poderia ter ocorrido em qualquer uma dessas seis esquinas. Tendo a área do ponto número 1 ficando povoada, a cidade poderia ter tido em seguida um

crescimento junto de qualquer uma das outras esquinas, ou crescido em qualquer um desses locais numerados a partir do número 2; assim, a segunda fase de crescimento poderia ter ocorrido em qualquer um dos oito lugares. Continuando nesse raciocínio pelos nove locais e multiplicando os resultados entre si, chegamos à conclusão de que, com base no conhecimento humano, Jeremias teria tido uma chance em 8×10^{10} de escrever essa profecia e de que ela se tornasse realidade". 53/88

A chance é de 1 em 80 bilhões.

12. PALESTINA IA. TEXTO BÍBLICO E DATAÇÃO

Levítico 26 (1520-1400 a.C):

31. "Reduzirei as vossas cidades a deserto, e assolarei os vossos santuários, e não aspirarei o vosso aroma agradável".
32. "Assolarei a terra, e se espantarão disso os vossos inimigos que nela morarem".
33. "Espalhar-vos-ei por entre as nações, e desembainharei a espada atrás de vós; a vossa terra será assolada, e as vossas cidades serão desertas".

Ezequiel 36 (592-570 a.C):

33. Assim diz o Senhor Deus: "No dia em que eu vos purificar de todas as vossas iniquidades, então farei que sejam habitadas as cidades e sejam edificadas os lugares desertos."
34. "Levantar-se-á a terra deserta, em vez de estar desolada aos olhos de todos os que passavam".
35. "Dir-se-á: 'Esta terra desolada ficou como jardim do Éden; as cidades desertas, desoladas e em ruínas, estão fortificadas e habitadas'".

O último tema de profecia que analisaremos é a Palestina. Essa é uma área em que a documentação é virtualmente desnecessária pelo fato de a profecia estar se cumprindo diante dos nossos olhos. No entanto, quanto mais a pessoa se aprofunda neste tema, mais intrigada fica. No que diz respeito à questão de datação, Levítico faz parte do Pentateuco, que são os cinco livros de Moisés. *O Unger'se Bible Dictionary* (Dicionário Bíblico de Unger) diz que o livro de Levítico foi escrito numa data dentro do período que vai de 1520 a 1400 a.C. (a duração da vida de Moisés). O último texto bíblico, de Ezequiel, tem data de 592 a 570 a.C. Contudo, ao examinar-se o cumprimento dessas profecias é ridículo tentar pós-datá-las.

2A. PREDIÇÕES

1B. As cidades na Palestina ficarão desertas (Levítico 26:31, 33).

2B. Os santuários experimentarão assolações (Levítico 26:31).

3B. A terra experimentará assolações (Levítico 26:32, 33).

4B. A Palestina será habitada por inimigos (Levítico 26:32).

5B. O povo de Israel será disperso (Levítico 26:33).

6B. Os judeus serão perseguidos (Levítico 26:33).

7B. A Palestina voltará a ser habitada pelos judeus, as cidades reviverão e a terra será cultivada (Ezequiel 36:33-35).

3A. CUMPRIMENTO

O cumprimento dessas profecias não começou senão depois de Cristo. John Urquhart é uma fonte de informações excepcionalmente boa. Em *The Wonders of Prophecy* (As Maravilhas da Profecia), ele se aprofunda no estudo do destino da Palestina e dos israelitas.

John Urquhart começa dizendo que os judeus já sabiam da advertência desde que, pela primeira vez, tinham entrado na Terra Prometida. No livro de Levítico, Moisés advertiu que se pecassem contra o plano divino, um destino horrível os acometeria, conforme mencionado em Levítico 26:21-33.

Isso se tornou realidade quando, em 70 A D., as legiões romanas invadiram, despedaçaram e esmigalharam as regiões vitais daquela terra, e os habitantes resistiram fanaticamente aos invasores. Conseqüentemente, os romanos demonstraram ainda menos piedade, e tudo aquilo que tinha ligação com o judaísmo foi destruído (Predição 2B). O templo foi arrasado e queimado. A imagem abominável de um porco foi posta sobre a Porta de Belém. Desde então os judeus nunca mais sacrificaram e a antiga prática de sacrifícios foi abruptamente interrompida (Predição 2B). A dispersão dos judeus é um fato histórico bem conhecido. Foram desarraigados e expulsos, mas isso não aconteceu com todos os judeus por ocasião da primeira destruição da Palestina pelos romanos. Nessa oportunidade os judeus foram derrotados e experimentaram grandes sofrimentos, mas não foram realmente dispersos. Essa predição cumpriu-se totalmente em 135 A D., quando o imperador Adriano confiscou toda a terra e vendeu-a aos gentios. A partir de então os gentios, os inimigos dos judeus, têm tido o controle da Palestina e, embora a terra freqüentemente tenha mudado de dono, os proprietários têm sido gente com duas características em comum: origem gentílica e hostilidade perante os judeus (Predições 4B, 5B).

Entretanto, o cumprimento da predição sobre a dispersão dos judeus parecia prejudicar o cumprimento a respeito da assolação das cidades. Os novos moradores reconstruíram as cidades e a terra não se encontrava nada devastada. Com Constantino no trono, surgiram novas igrejas em lugares famosos da história bíblica. A região se tornou tão poderosa e forte que chegou a deter a invasão persa (século sétimo), sob o comando de Cósroas. Mais tarde, Jerusalém resistiu quatro meses de ataques dos árabes. Os cruzados (século onze) ainda tiveram oportunidade de ver o vigor das cidades da Palestina, embora a profecia sobre as cidades não fosse uma ameaça em vão, e já faz tempo que se reconheceu que ela está cumprida (Predição 1B).55/114-119

Werner Keller entra em detalhes sobre o acontecimento de 70 AD):.

"Os arqueólogos não têm encontrado qualquer prova material da presença de judeus na Palestina depois do ano 70, nem mesmo uma lápide com uma inscrição judaica. As sinagogas foram destruídas, até mesmo a casa de Deus na silenciosa Cafarnaum foi reduzida a ruínas. A mão inexorável do destino havia eliminado Israel do pacto das nações" (Predições 1B, 2B, 5B). 28/408

Samuel L. Clemens, de pseudônimo Mark Twain, cita a Palestina no livro *Innocents Abroad* (Inocentes em Viagem) e claramente descreve a maneira como a viu em 1869: "Não há sequer um vilarejo em toda essa área — não há nada assim por 50 quilômetros em ambas as direções. Existem dois ou três pequenos acampamentos de beduínos, mas nenhuma única habitação permanente. Pode-se cavalgar quinze quilômetros pela redondeza sem encontrar nem mesmo dez seres humanos" (Predição 3B). 9/213

Existem alguns escritores que tentam apresentar uma bela descrição de uma cena desoladora. Sobre isso Clemens comenta: "Classifiquei basicamente em dois grupos o tipo de testemunho dado pela maioria dos escritores que visita a região. Um diz: 'Não encontro palavras para descrever a beleza do cenário', e passa a cobrir com um manto de afirmações bombásticas uma coisa que, examinada mais de perto, revela ser apenas uma insignificante bacia fluvial, um terreno montanhoso e desolado e uma árvore. O outro tipo de escritor, depois de um esforço consciencioso de fazer um paraíso terrestre a partir do mesmo material, com o acréscimo de 'uma cegonha altiva e imponente', põe tudo a perder ao, inconscientemente, revelar no final a desagradável verdade... A veneração e o carinho que alguns desses homens tinham para com o cenário que descreviam estimulou suas fantasias e interferiu na apreciação que faziam; mas, de qualquer maneira, as agradáveis falsidades que escreveram estavam repletas de sinceridade". 9/242

Clemens apresenta uma descrição de um inimigo traiçoeiro: "Descansamos e almoçamos, e viemos a este lugar, Ain Mellahah (que os rapazinhos chamam de Baldwinsville). Para um dia de viagem foi um trajeto bem curto, mas o guia não quis prosseguir, e inventou uma mentira plausível sobre a região estar além desta área infestada de ferozes árabes, que fariam com que dormir no meio deles se tornasse um passatempo perigoso. Bem, os árabes devem ser perigosos. Eles carregam uma velha espingarda de pederneira, enferrujada e surrada pelo tempo, a qual tem um cano maior do que eles; ela não tem mira; não

atira mais longe do que uma pedra atirada à mão, e não é uma arma tão segura. E na grande faixa enrolada várias vezes ao redor da cintura carregam duas ou três ridículas pistolas de cavalaria, enferrujadas por nunca terem sido usadas — armas que para disparar demorariam tempo suficiente para você sair do seu alcance, e então explodiriam e decepariam a cabeça do árabe. Esses filhos do deserto são excessivamente perigosos" (Predição 4B). 9/210

Esse velho e rústico escritor foi levado a citar o texto de Levítico 26:32-34, e então confessou que ninguém poderia visitar Ain Mellahah em 1869 e deixar de reconhecer que a profecia tinha-se cumprido. 9/214

John Urquhart cita o rabino Nowitz, que inspecionou a região com vistas a um possível repovoamento por judeus: "Nesse ínterim, contudo, a condenação permanece de pé. O rabino Nowitz, que em 1882 foi à Palestina com o propósito de decidir se as 'tribos dos pés errantes e corações exaustos' eventualmente poderiam encontrar refúgio na sua antiga terra, teve que abandonar a idéia. Teve que admitir que o solo pobre e a opressão pelo governo turco inviabilizavam o retorno". 55/116,117

Mesmo numa data tão recente quanto 1927, a Palestina era uma "terra em ruínas".

"De acordo com aquela profecia", escreve Floyd Hamilton, "as cidades da terra deveriam se tornar desertas, e o país deveria estar assolado. Hoje a Palestina é uma terra em ruínas. Em quase nenhum outro país ou região as ruínas das cidades e vilas são tão numerosas como na Palestina de hoje. A terra que, no passado, sustentava uma população tão grande, na atualidade está estéril e consegue sustentar apenas uma pequena fração da antiga população". 20/316

Por fim, conforme George Davis assinala: "O retorno de mais de um milhão de judeus à terra de Israel, depois de terem estado fora de sua pátria por quase 2.000 anos, é um dos milagres mais surpreendentes e notáveis de todos os tempos. E o que nos deixa atônitos diante desse retorno dos judeus à sua terra nos tempos modernos é que há 2500 anos isso foi predito com detalhes pelo profeta Jeremias" (Predição 7B). 11/1

A terra será cultivada: "Durante muitas gerações, o Negueve, na região sul de Israel, foi em grande parte um deserto seco e isolado. Ali existiam algumas cidades e vilarejos, mas uma grande parte dos habitantes eram grupos nômades de beduínos. Hoje em dia, áreas do Negueve, durante longo tempo estéreis, estão sendo cultivadas e, pouco a pouco, vão sendo transformadas de desertos em regiões férteis e frutíferas". 11/80

E as cidades serão reconstruídas: "Durante anos", escreve Davis, "Berseba foi uma pacata cidade árabe, com edificações e habitações rústicas. Mas não muito depois de os judeus se apoderarem do Negueve, por ocasião da guerra árabe-israelense, começou a acontecer uma transformação em Berseba. No início a transformação foi lenta. Quando visitei Berseba em 1950, dois anos depois da guerra, havia pouquíssimos sinais de progresso. Três anos mais tarde, quando estive novamente em Berseba, a transformação estava em pleno desenvolvimento. Residências modernas estavam substituindo as velhas habitações que foram derrubadas, à medida que grande número de judeus começou a morar em Berseba. Mostraram-me uma área fora da cidade velha que iria ser o centro empresarial de Berseba, e um distrito que seria designado para a instalação de fábricas. A população da cidade já ultrapassou os 20,000 e ainda está crescendo e se expandindo". 11/85

4A. CUMPRIMENTOS ESPECÍFICOS E PROBABILIDADES

A Palestina é uma região bem movimentada. E está crescendo. Depois de 1900 anos de opressão, é notável como repentinamente, só a partir de 48, os judeus construíram sua nação. Antes disso eles peregrinavam de um lugar para outro; mas dê-lhos um lugar para ficar e mesmo assim ali "ao se fixarão. Peter Stoner calcula em uma chance em 20.000 as probabilidades deste conjunto de predições sobre a Palestina se cumprir. Segue-se um breve resumo das profecias cumpridas bem como uma análise item por item das probabilidades. 53/90,91

1B. As cidades ficaram desertas (1 chance em 10).

2B. Os santuários foram assolados (1 em 2).

3B. A terra ficou deserta (1 em 10).

4B. Inimigos habitaram a Palestina (1 em 2).

5B. Os judeus foram dispersos (1 em 5).

6B. Os judeus foram perseguidos (1 em 10).

7B. Os judeus estão voltando a se reunir, a construir e a cultivar (1 em 10).

Em seguida temos uma paráfrase de um texto do livro *The Wonders of Prophecy* (As Maravilhas da Profecia), escrito por John Urquhart, texto este que motivou a escolha desta profecia para encerrar o estado de doze diferentes profecias. Esse texto diz respeito à Predição 6B, "desembainharei a espada atrás de vós" (Levítico 26:33). 55/233-235

A perseguição dos judeus é, sem dúvida alguma, uma demonstração do que o homem é capaz de fazer em seus piores momentos. No século segundo houve revoltas de judeus em Chipre, no Egito, na Babilônia e em Cirene, as quais foram cruelmente esmagadas. Foram expulsos de Chipre sob ameaça de pena de morte, sendo que até mesmo a hipótese de um eventual naufrágio na ilha não era aceito como justificativa ou desculpa. O Egito os esmagou de maneira tão inclemente que alguns crêem que um menor número deles escapou do Egito junto com Moisés, do que os que ali foram mortos (600.000 homens).

A história dos judeus é sinônimo de perseguição. Mas a violência com que foram tratados era também, num certo sentido, causada pela brutalidade deles próprios. Ajudaram os persas a capturarem Jerusalém (século sétimo) e massacraram os prisioneiros cristãos, bem como cristãos persas que estavam cativos. Isso foi o estopim. Não se passou muito tempo até que Pedro o Eremita deu início à primeira Cruzada - início ocorrido não na Terra Santa, mas na Alemanha, onde, para proteger sua pátria "cristã" os gentios furiosamente assassinaram todos os judeus que viam pelo caminho. Ninguém aprendeu nada com esse acontecimento porque cinquenta anos depois a mesma loucura varreu a Renânia. Os judeus sofreram muito em cada levante acontecido naquele lugar.

Em *History of the Jews* (História dos Judeus; p. 222, 223), Milman destaca que parece que esses períodos de loucura não eram caracterizados por qualquer acontecimento especial, mas que pareciam emergir à superfície, frutos de um ódio oculto e profundo que não conhece limites. Milman então diz que os judeus foram acusados de serem os responsáveis pela peste negra. Também os flageladores, um insano movimento de entusiastas, marchavam atrás de um crucifixo e se torturavam por causa de seus pecados, e, como fazem as pessoas cegas pelo fanatismo, chegaram à absurda conclusão de que, para a glória de Deus e para a expiação dos pecados, deviam atacar e massacrar os judeus de Francfurte e outros locais, o que fizeram. Espalharam-se histórias de "fontes envenenadas, crianças crucificadas, hóstias roubadas e profanadas". As leis não proporcionavam aos judeus uma justa proteção. Eles se espalharam e vaguearam de um lugar para outro: Alemanha, Braunschweig, Áustria, Francônia, Renânia, Silésia, Brandemburgo-Prússia, Boêmia, Lituânia e Polônia. Os judeus eram estrangeiros odiados num mundo cheio de pecado.

Por meio de Milman, Urquhart fica sabendo da habilidade que mesmo um déspota esclarecido como Frederico o Grande tinha de infligir um tratamento vergonhoso aos judeus.

Na Inglaterra a situação não foi muito melhor. Roubados e ridicularizados pela nobreza e pelo povo em geral, entre 500 e 1.500 judeus morreram num incidente em York. No final do século treze todos os seus bens foram tomados, e eles foram brutalmente expulsos do reino, só sendo permitida sua volta no reinado de Carlos II.

Durante algum tempo a França foi para eles um paraíso. Ocuparam postos no governo, inclusive alguns de destaque, tinham muito boa educação e cultura. No entanto, essa posição elevada fez com que experimentassem uma opressão e um roubo maiores do que quando em posição mais humilde. Foram escravizados e tiveram seus bens roubados pelos herdeiros dos nobres a quem originalmente serviam de conselheiros. Filipe Augusto baniu-os depois de roubá-los. Obtiveram permissão de, pagando uma taxa, retornarem; mas, tarde demais, descobriram que essa era uma armadilha. Luís VIII cancelou todos os juros de dívidas devidas a eles e os condenou à escravidão feudal. Em 1239, em Paris, surgiram grupos de desordeiros para atacá-los, os quais agiram de modo bem parecido com aos alemães. Entre 1400 e 1794 os

judeus estiveram banidos de toda a França.

A história dos judeus na Espanha é pior ainda. É bem conhecido o ódio enfrentado por eles em outros países não mencionados.

"O desprezo e o ódio com que os judeus ainda são tratados ali e em outros lugares da Europa continental são bem conhecidos, e o coração tremente de que falou o profeta ainda é uma realidade". 55/235, 236

A esta altura talvez alguém lembre o que um judeu farisaico escreveu antes da queda de Jerusalém: "... pois todos pecaram e carecem da glória de Deus" (Romanos 3:23).

Parece que, fora de todo este mundo de ódio e injustiça, em algum lugar deve haver um Deus que conheça o amor e a justiça, que vá trazer equilíbrio às coisas e acabar com o ódio; em resumo, deve haver um Deus justo que dê um fim a toda injustiça humana. Graças a Deus que existe!

PROBABILIDADE PROFÉTICA

Uma excelente fonte para este estudo é o livro de Peter Stoner *Science Speaks* (A Ciência Fala). 53/95-98

As probabilidades de cumprimento das oito profecias que analisamos e de três outras analisadas por Stoner, são:

Tiro	1 em $7,5 \times 10^7$
Samaria	1 em 4×10^4
Gaza e Ascalom	1 em $1,2 \times 10^4$
Jerico	1 em 2×10^5
A Porta Dourada	1 em 10^3
Sião Trilhada	1 em 10^2
Jerusalém Ampliada	1 em 8×10^{10}
Palestina	1 em 2×10^5
Moabe e Amom	1 em 10^3
Edom	1 em 10^4
Babilônia	1 em 5×10^9

Caso escritas com base no conhecimento humano, calculam-se as chances dessas 11 profecias se tornarem realidade da seguinte maneira: Deve-se multiplicar todos esses números, uns pelos outros e o resultado encontrado será 1 chance em $5,76 \times 10^{10}$.

Alguns dirão que as estimativas feitas em algumas dessas profecias são grandes demais e que devem ser diminuídas. Outros poderão dizer que algumas das profecias estão relacionadas entre si, de modo que as estimativas devem ser menores. Talvez estejam certos. Por isso quero fazer uma sugestão: que alguém que tenha problemas com esses números que apresentei volte a analisar as profecias e faça o seu próprio cálculo. Os números que serão encontrados ainda assim serão suficientemente grandes para serem conclusivos. Outra sugestão é que também analise outras profecias e calcule as probabilidades de elas se cumprirem. Analise, por exemplo, profecias como aquelas que se referem à cidade de Sidom (Ezequiel 28:20 -23); Cafarnaume Betsaida (Lucas 10:13, 15); a desolação do Egito (Ezequiel 29:12-14; 30:13); etc. Estou certo de que existe um número suficiente de profecias cumpridas para se chegar ao número acima apresentado, mesmo quando os cálculos são feitos por um crítico conservador.

Outros poderão alegar que esses relatos da Bíblia não são profecias, mas relatos históricos escritos depois que os acontecimentos ocorreram. Isso é absurdo, pois todas essas profecias encontram-se no Antigo Testamento e todo mundo reconhece que o Antigo Testamento foi escrito antes de Cristo. Uma dessas profecias cumpriu-se totalmente antes de Cristo. Pequenas partes de duas outras cumpriram-se antes de Cristo e as partes restantes depois. Todas as outras profecias analisadas se cumpriram totalmente depois de Cristo. Caso eliminássemos todas as estimativas feitas para partes de profecias cumpridas antes de Cristo, ainda assim o cálculo de probabilidade indicaria um número tão grande que não se poderia deixar de aceitar a força do argumento.

Tentemos visualizar o que significa uma chance em $5,76 \times 10^{59}$. Vamos arredondar esse número para 5×10^{59} . Suponhamos que tivéssemos esse número de dólares de prata. Qual seria o tamanho de uma

pilha dessas?

O volume do sol é mais de 1.000.000 de vezes maior do que o da terra. Entretanto, com esses 5×10 moedas de prata de um dólar daria para se fazer 10 bolas de prata maciça do tamanho do sol.

O grupo de estrelas, que chamamos de nossa galáxia, abrange todas as estrelas que pertencem a esse único grupo. É uma quantidade extremamente grande, de pelo menos 100.000.000.000 estrelas, sendo que cada estrela tem em média o tamanho do nosso sol. A grandes distâncias de nossa galáxia existem outras galáxias parecidas com a nossa, e que contêm aproximadamente o mesmo número de estrelas. Se você fosse contar os 100.000.000.000 de estrelas e as contasse à velocidade de 250 por minuto, você levaria 750 anos, contando dia e noite, e no final você teria contado apenas as estrelas de uma única galáxia.

(Nota: Todos os cálculos são aproximados, e todos os números são expressos com apenas um ou dois dígitos significativos.)

Estima-se que o universo todo tenha cerca de dois trilhões de galáxias, cada uma tendo aproximadamente 100 bilhões de estrelas. Com as nossas 5×10 moedas de prata de um dólar poderíamos fazer todas as estrelas de todas as galáxias não apenas uma vez, mas 2×90^5 vezes.

Suponha que tivéssemos marcado uma dessas moedas e a tivéssemos lançado no meio de toda a pilha de moedas, antes de delas fazermos bolas do tamanho do sol. Suponha então que tivéssemos colocado uma venda nos olhos de um homem e lhe tivéssemos dito para ir em todas essas bolas apanhar o dólar que ele achasse ser o dólar certo. Que chance ele teria de achar a moeda certa? Seria uma enorme tarefa olhar em toda essa massa de dólares. Se o nosso homem vendado fosse viajar à velocidade de 100 quilômetros por hora, levaria cinco anos para dar uma única volta ao redor de uma estrela. Isso lhe daria uma diminuta chance de escolher o que poderia ser a moeda marcada, mas, se o tempo gasto nessa estrela fosse de cinco anos, ele gastaria 500 bilhões de anos em cada galáxia. Mas suponhamos que nosso homem fosse extremamente rápido, capaz de passar por todos os dólares existentes em 100 bilhões de estrelas a cada segundo (em vez de 500 bilhões de anos); ainda assim ele levaria aproximadamente 3×10^9 anos (três bilhões de anos) para passar por toda a massa de moedas. É absurdo imaginar que ele teria alguma probabilidade de apanhar o dólar certo.

A probabilidade dessas onze profecias terem sido escritas com base na sabedoria humana e de terem se tornado realidade é parecida com a possibilidade desse homem, com uma venda nos olhos, apanhar o dólar certo. Mas essas profecias, e muitas outras, tornaram-se realidade. Só podemos então tirar uma única conclusão: Deus inspirou a redação de cada uma dessas profecias. Que prova melhor alguém poderá pedir da inspiração da Bíblia?

Em Isaías 42:23 o profeta externou o desafio aos deuses pagãos:

"Anunciai-nos as cousas que ainda não de vir, para que saibamos que sois deuses".

Deus aceitou esse desafio. Predisse um grande número de acontecimentos que iriam ocorrer no futuro. Esses eventos aconteceram exatamente como foram preditos, muito embora em alguns casos houvesse um espaço de milhões de anos até o cumprimento. Deus demonstrou pela sua sabedoria que é o nosso Deus sobrenatural. Não temos alternativa senão crer.

CONCLUSÃO

O que pareceu ser um grande golpe contra a fé cristã, a invasão da Terra Santa pelos muçulmanos e o fracasso militar que as Cruzadas experimentaram no final, é na realidade uma grande vitória para o cristão. Os muçulmanos precipitaram o cumprimento final de muitas profecias. Só neste estudo quantas cidades que eram objeto de condenação caíram durante as cruzadas e as invasões muçulmanas? Ou caíram diretamente como consequência desses eventos? (Tiro, Petra, Samaria, Ascalom). É bem irônico que o aparente inimigo do cristianismo, após uma análise mais minuciosa, seja o principal fantoche utilizado pelo Senhor para completar seus objetivos na Era da Igreja.

A surpreendente verdade, que está se tornando clara como consequência direta deste estudo, é que a mão de Deus está mexendo diretamente na história. Esses profetas não tinham controle algum sobre o cumprimento do que diziam, e jamais afirmaram falar por sua própria autoridade. Afirmaram ser profetas do Deus vivo e, conseqüentemente, o Deus vivo é diretamente responsável pelo cumprimento desses juízos.

BIBLIOGRAFIA

1. ARCHER, Gleason L. *Merece Confiança o Antigo Testamento?* São Paulo: Ed. Vida Nova, 1974.
2. ARRIANO *Mistory of Alexander and Indica* (História de Alexandre e Indica). Traduzido para o inglês por E. Iliff Robson, a partir do texto existente em "Loeb Classical Library" (Biblioteca Clássica Loeb), editada por T. E. Page, 2 vol. Cambridge: Harvard University Press, 1954.
3. BADGER, George Percy. *The Nestorians and Their Rituais* (Os Nestorianos e Seus Rituais). Londres: s. ed., 1852.
4. BECK Jr. John Clark. *The Fali of Tyre According to EzekieVs Prophecy* (A Queda de Tiro Segundo a Profecia de Ezequiel). Dissertação de mestrado não publicada. Dallas: Dallas Theological Seminary, 1971.
5. BLAIKIE, William G. *A Manual of Bible History* (Manual de História Bíblica). Londres: Thomas Nelson e Sons, 1904.
- BROWNING, Iain. *Petra*. Parkridge: Noyes Press, 1973.
- CHIERA, Edward. *They Wrote on Clay: The Babybniam Tablets Speak Today* (Escreveram em Argila: Os Tabletes Babilônicos Falam Hoje). Chicago: University of Chicago Press, 1938.
8. _____. *They Wrote on Clay: The Babylonian Tablets Speak Today* (Escreveram em Argila: Os Tabletes Babilônicos Falam Hoje). Editado por George C. Cameron. Edição revista. Chicago: University of Chicago Press, 1966.
9. CLEMENS, Samuel L. (Mark Twain). *Innocents Abroad or The New Pilgrim's Progress* (Inocentes em Viagem, ou O Novo Peregrino). Nova Iorque: Harper & Brothers Publishers, 1869. vol. 2.
10. CÚRCIO, Quinto. *History of Alexander* (História de Alexandre). Traduzido para o inglês por John C. Rolfe, a partir do texto existente em "Loeb Classical Library" (Biblioteca Clássica Loeb), editada por T. E. Page. 2 vols. Cambridge: Harvard University Press, 1946.
11. DAVIS, George T. B. *Bible Prophecies Fulfilled Today* (Profecias Bíblicas Cumpridas na Atualidade). Filadélfia: The Million Testaments Campaigns, 1955.
12. _____. *Fulfilled Prophecies that Prove the Bible* (Profecias Cumpridas que Provam a Bíblia). Filadélfia: The Million Testaments Campaign, 1931.
13. DELITZSCH, Franz. *Biblical Commentary of the Prophecies of Isaiah* (Comentário Bíblico sobre as Profecias de Isaías). Traduzido do alemão para o inglês por James Martin. 2 vols. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1963. Usado com permissão.
14. DOUGLAS, J. D., ed. *O Novo Dicionário da Bíblia*. São Paulo: Ed. Vida Nova, 1966.
15. ENCYCLOPAEDIA Britannica (Enciclopédia Britânica). Citado com permissão de Encyclopaedia Britannica, copirraite de 1970.
16. FEINBERG, Charles Lee. *The Prophecy of Ezekiel* (A Profecia de Ezequiel). Chicago: Moody Press, 1969.
17. FODOR, Eugene. *Fodofs Israel* (O Israel de Fodor). Nova Iorque: David Mckay Co., 1974.
18. FREE, Joseph P. *Archaeology and Bible History* (Arqueologia e História Bíblica). Wheaton: Scripture Press Publications, 1950.
19. GILLETT, E. *H. Ancient Gties and Empires* (Cidades e Impérios da Antigüidade). Filadélfia: Presbyterian Publication Committee, 1867.
20. HAMILTON, Floyd E. *The Basis of Christian Faith* (O Alicerce da Fé Cristã). Nova Iorque: George H. Doran Company, 1927.
21. HERÓDOTO. *Herodotus*. Traduzido para o inglês a partir do texto existente em "Bohn's Classical Library" (Biblioteca Clássica de Bohn). Londres: George Bell and Sons, 1904.
22. HIGGINS, David C. *The Edomites Considered Historically and Prophetically* (Os Edomitas Analisados do Ponto de Vista Histórico e Profético). Dissertação de mestrado não publicada. Dallas: Dallas Theological Seminary, 1960.
23. JAMIESON, Robert; FAUSSET, A. R.; BROWN, David. *A Commentary: Criticai, Experiential and Practical on the Old and New Testaments* (Um Comentário Crítico, Experimental e Prático sobre o Antigo e o Novo Testamentos). Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1961. Usado com permissão.
24. JIDEJIAN, Nina. *Tyre Through the Ages* (Tiro Através dos Séculos). Beirute: Dar El-Mashreq Publishers, 1969).
25. JOSEFO, Flávio. *Jewish Antiquities* (Antigüidades dos Judeus). Traduzido para o inglês por Ralph Marehus, a partir do texto existente em "Loeb Classical Library"

- (Biblioteca Clássica Loeb), editada por T. E. Page. 5 vol. Cambridge: Harvard University Press, 1963.
26. KEIL, C. F. *Biblical Commentary on the Old Testament: The Prophecies of Jeremiah* (Comentário Bíblico sobre o Antigo Testamento: As Profecias de Jeremias). Traduzido para o inglês por David Patrick. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1964. vol. 1. Usado com permissão.
 27. KEITH, Alexander. *Evidence of the Truth of the Christian Religion* (Provas da Veracidade da Religião Cristã). Londres: T. O. Nelson and Sons, 1861.
 28. KELLER, Werner. *The Bible as History* (A Bíblia como História). Traduzido para o inglês por William Neil. Nova Iorque: William and Company, 1956.
 29. KOLDEWAY, Robert. *The Excavations at Babylon*. (As Escavações na Babilônia). Traduzido para o inglês por Agnes S. Johns. Londres: Macmillan and Company, 1914.
 30. KUBIE, Nora Benjamin. *Road to Niniveh* (Estrada para Nínive). Nova Iorque: Doubleday and Company, 1964.
 31. LARUE, Gerald A. *Babylon and the Bible* (Babilônia e a Bíblia). Grand Rapids: Baker Book House, 1919.
 32. LAYARD, Austen H. *Discoveries Among the Ruins of Niniveh and Babylon* (Descobertas em Meio às Ruínas de Nínive e Babilônia). Nova Iorque: Harper and Brothers, 1853.
 33. LUCKENBILL, Daniel David. *Ancient Record of Assyria and Babylonia* (Arquivos Antigos da Assíria e Babilônia) 2 vols. Chicago: University of Chicago Press, 1926.
 34. MAIER, Walter A. *The Book of Nahum: A Commentary* (O Livro de Naum - Comentário). St Louis: Concórdia Publishing House, 1959.
 35. MALLOWAN, M. E. L. *Numrud and Its Remains* (Ninrode e Suas Ruínas). 3 vol. Londres: Collins, St. James Place, 1966.
 36. MAURICE, Thomas. *Observations on the Ruins of Babylon, Recently Visited and Described by Claudius James Rich, Esq.* (Observações a Respeito das Ruínas da Babilônia, Recentemente Visitadas e Descritas pelo Ilustríssimo Claudius James Rich). Londres: John Murray of AlbermaleSt., 1816.
 37. MEISINGER, George E. *The Fall of Niniveh* (A Queda de Nínive). Dissertação de mestrado não publicada. Dallas: Dallas Theological Seminary, 1968.
 38. MICHAUD, Joseph François. *History of the Crusades* (História das Cruzadas). 2 vol. Filadélfia: George Barrie.
 39. MORRIS, Henry M. A Bíblia e a Ciência Moderna. São Paulo: Imp. Batista Regular, s.d.
 40. MYERS, Philip Van Ness. *General History for Colleges and High Schools* (História Geral para Faculdades e Colégios). Boston: Ginn and Company, 1889.
 41. NASIR-I-KHURRAN. *Diary of a Journey Through Syria and Palestine em 1047 A.D.* (Diário de uma Viagem através da Síria e da Palestina em 1047 A.D.) Londres: s. ed., 1893.
 42. NELSON, Nina. *Your Guide to Lebanon* (O Seu Guia para o Líbano). Londres: Alvin Redman, Ltd., 1965.
 43. NEWTON, Benjamin Wills. *Babylon: Its Future History and Doom* (Babilônia: O Seu Futuro Destino e Condenação). Londres: Wertheimer, Lea and Co., 1890.
 44. ORR, James, ed. *International Standard Bible Encyclopedia* (Enciclopédia Bíblica Modelar Internacional). Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1960. Usado com permissão.
 45. PATAI, Raphael. *The Kingdom of Jordan* (O Reino da Jordânia). Princeton: Princeton University Press. 1958.
 46. PLÍNIO o Velho. *Natural History* (História Natural). Traduzido para o inglês por H. Rackman e W. H. S. Jones, a partir do texto existente em "Loeb Classical Library" (Biblioteca Clássica Loeb), editada por T. E. Page. Cambridge: Harvard University Press, 1951.
 47. RACKL, Hans-Wolf. *Archaeology Underwater* (Arqueologia Subaquática). Traduzido para o inglês por Ronald J. Floyd. Nova Iorque: Charles Scribner's Sons, 1968.
 48. RAMM, Bernard. *Protestant Christian Evidences* (Provas Cristãs Protestantes). Chicago: Moody Press, 1957. Usado com permissão.
 49. ROBINSON, George Livingston. *The Sarcophagus of an Ancient Civilization* (O Sarcófago de uma Antiga Civilização). Nova Iorque: Macmillan Company, 1930.
 50. SFCULO, Deodoro. *Bibliotheca Histórica* (Biblioteca Histórica).

- Traduzido para o inglês por Francis R. Walton, C. H. Oldfather, C. L. Sherman, C. Bradford Welles e Russel M. Greer, a partir do texto existente em "Loeb Classical Library" (Biblioteca Clássica Loeb), editada por T. E. Page. Cambridge: Harvard University Press, 1957.
51. SMITH, George. *The Book of Prophecy* (O Livro da Profecia). Londres: Longman, Green, Reader, and Dyer, 1865.
52. STEWART, Herbert. *The Stronghold of Prophecy* (O Baluarte da Profecia). Londres: Marshall, Morgan and Scott Publications, Ltd., 1941.
53. STONER, Peter W. *Science Speaks: An Evaluation of Certain Christian Evidences* (A Ciência Fala: Uma Avaliação de Certas Provas do Cristianismo). Chicago: Moody Press, 1963. Usado com permissão.
54. UNGER, Merrill F. *Unger's Bible Dictionary* (Dicionário Bíblico de Unger). Edição levista. Chicago: Moody Press, 1966.
55. URQUHART, John. *The Wonders of Prophecy* (As Maravilhas da Profecia). Nova forque: C. C. Cook, s.d.
56. VOS, Howard Frederico *Fulfilled Prophecy in Isaiah, Jeremias, and Ezekiel* (Proferi^ Cumpridas de Isaías, Jeremias e Ezequiel). Dissertação de mestrado não publicada. Dallas: Dallas Theological Seminary, 1950.
57. WARD, Philip. *Touring Lebanon* (Viajando pelo Líbano). Londres: s. ed., 1971.
58. WRIGHT, Thomas. *Early Travels in Palestine* (Primeiras Viagens pela Palestina). Londres: Henry G. Bohn, 1848.
59. XENOFONTE. *The Anabasis of Cyrus* (O Avanço Militar de Ciro).
Traduzido para o inglês por Carleton L. Brownson, a partir do texto existente em "Loeb Classical Library" (Biblioteca Clássica Loeb), editada por T. E. Page. Cambridge: Harvard University Press, 1950.
60. YOUNG, E. J. *Introduction to the Old Testament*. Grand Rapids, William B. Eerdmans Company, 1956. Usado com permissão.

capítulo 12 :

A Singularidade da Experiência Cristã...

A seguir você tem um esboço preparado para ajudá-lo a usar com eficácia este material

1A. INTRODUÇÃO

1B. Definição da Experiência Cristã

2B. Necessidade da Experiência Cristã

2A. O SIGNIFICADO IMPAR DA EXPERIÊNCIA CRISTÃ

1B. Seu Ponto de Convergência — Jesus Cristo

2B. Sua Realidade Objetiva

3B. Sua Universalidade

3A. TESTEMUNHOS DE EXPERIÊNCIA CRISTÃ

1A. INTRODUÇÃO

1B. O que é a Experiência Cristã?

A experiência cristã é o estado ou condição operado na natureza mental, moral e espiritual do homem, através do poder do Espírito Santo, como resultado do estabelecimento de um relacionamento pessoal com o Cristo ressurreto.

2B. A Necessidade da Experiência Cristã

A experiência cristã tem que ser relevante em todas as fases da vida humana. Em *Protestant Christian Evidences* (Provas Cristãs Protestantes), Bernard Ramm afirma que "o que quer que seja aceito como verdade deve ter relação direta com a vida e a experiência... É de se duvidar se o cristianismo teria tido a influência que teve e tem em milhões de pessoas caso lhe faltasse uma relação direta com a vida e a experiência, muito embora tivesse erigido um edifício teológico e filosófico tão imponente. Por ser verdadeiro, o cristianismo deve ser relevante para cada aspecto significativo do universo e da experiência humana. Deve não apenas fornecer o material para a elaboração de uma grande filosofia — o teísmo trinitário cristão — e de uma grande teologia, mas também ser relevante para a experiência, isto é, ter relação com ela". 38/208

O cristianismo fracassa se não puder ser aplicado à vida na terra. Por outro lado, a experiência cristã não tem significado algum caso a vida morte e ressurreição de Cristo não sejam fatos históricos. As duas coisas são interdependentes e inseparáveis. No entanto, as provas favoráveis à validade de ambas são surpreendentes. Conforme afirma Kenneth Scott Latourette, renomado historiador da universidade de Yale, "nunca Jesus teve uma influência tão vasta e tão profunda na humanidade como nas últimas três ou quatro gerações. Através dEle milhões de indivíduos têm sido transformados e têm começado a viver o tipo de vida que Ele exemplificou". 26/227

Kenneth Scott Latourette prossegue dizendo: "Através dEle têm surgido movimentos na sociedade, os quais têm tornado possível aquilo que a humanidade crê que é o melhor para ela — com reflexos na transformação interior das vidas humanas, na ordem política, na produção e distribuição de bens que atendam às necessidades físicas dos homens, na cura de enfermidades físicas, nas relações entre as raças e entre as nações, nas artes, na religião e nas conquistas da inteligência humana. Medido pelas conseqüências que se seguiram, o nascimento, vida, morte e ressurreição de Jesus têm sido os acontecimentos mais importantes da história do homem. Medido pela Sua influência, Jesus é essencial à vida humana". 26/227

2A. O SIGNIFICADO IMPAR DA EXPERIÊNCIA CRISTÃ

1B. O Ponto de Convergência da Experiência Cristã — Jesus Cristo

Muitas pessoas têm a idéia de que a conversão cristã é uma experiência psicologicamente induzida, provocada por uma lavagem cerebral no indivíduo, mediante o emprego de palavras persuasivas e apresentações emotivas de "mitos cristãos". Um evangelista é visto como um psicólogo que manipula mentes fracas e desamparadas, fazendo-as se conformarem aos seus pontos-de-vista.

Alguns até chegaram a sugerir que se pode explicar a experiência cristã com base nos reflexos condicionados. Tais pessoas afirmam que qualquer um, depois de ficar repetidas vezes exposto ao pensamento cristão, pode ser apanhado numa espécie de "hipnose espiritual" em que reagira mecanicamente, isto é, de determinadas maneiras, em determinadas condições.

Em *Você Pode Explicar Sua Fé?* Paul Little conclui que "tentar explicar toda experiência cristã a partir da psicologia é algo que não se ajusta aos fatos". Ele acrescenta que "se pode descrever psicologicamente a experiência cristã, mas isso não explica por que ela ocorre nem nega sua realidade". 29/178

A "razão" da experiência cristã é a pessoa de Jesus Cristo. Esse fato distingue o cristianismo de todas as demais religiões, pois é somente o cristianismo que proporciona uma fonte inteiramente nova de poder para viver.

Robert O. Ferm comenta acerca da singularidade da conversão cristã: "Para o cristão esse novo centro de energia é a pessoa de Cristo. A diferença entre o cristão e o não-cristão passa então a ser, não a diferença de sintomas psicológicos, mas o objeto em torno do qual se integra a nova personalidade. O que, então, torna diferente a conversão cristã é Cristo". 16/225

Além do mais, esse "objeto" de nossa fé não é alguma invenção filosófica produzida pela mente humana, mas uma realidade histórica e física. Os capítulos anteriores apresentaram provas surpreendentes em favor disso.

O Deus do cristianismo não é um Deus imperceptível, desconhecido, mas um que possui atributos e características específicos, os quais estão revelados nas Escrituras. Ao contrário de algumas religiões que se dedicam a um deus místico, os cristãos põem sua fé num Deus que pode ser identificado e que se revelou *na história* ao enviar Seu Filho, Jesus Cristo. Os cristãos podem crer que seus pecados foram perdoados, porque o perdão foi alcançado e registrado na *história* mediante o derramamento do sangue de Cristo na cruz. Os cristãos podem crer que Cristo vive agora dentro deles porque Ele ressuscitou dos mortos na *história*.

2B. A Importância de uma Realidade Objetiva por detrás da Experiência Subjetiva.

Recentemente eu estava apresentando meu testemunho durante um debate numa aula de História e, quando eu estava quase terminando, o professor daquela turma se dirigiu a mim e comentou: "Veja, McDowell, estamos interessados em fatos, não em testemunhos. É que eu já tive contato com dezenas de pessoas de todo o mundo que têm sido transformadas por Cristo". Eu o interrompi e disse: "Obrigado pela sua observação. Deixe-me apenas concluir o que estou compartilhando e então farei comentários sobre suas colocações".

Depois de dar meu testemunho de como Cristo transformou minha vida, desenvolvi o seguinte raciocínio perante a classe: "Muitos de vocês estão dizendo: 'Cristo transformou a sua vida, e daí?' Uma coisa que para mim tem confirmado a realidade da ressurreição de Jesus Cristo dois mil anos atrás é a

transformação das vidas de milhões de pessoas quando, pela '^^' passam a se relacionar com a pessoa de Jesus. Embora oriundas de todos os níveis e procedentes de todas as nações do mundo, são transformadas de maneiras impressionantemente parecidas. Desde o professor mais brilhante até o selvagem mais ignorante, quando alguém confia em Cristo sua vida começa a mudar".

"Alguns dizem que isso não passa de força do pensamento, ou simplesmente se recusam a analisar a questão dizendo que isso não prova nada. Para um cristão, por detrás de sua experiência subjetiva existe uma realidade objetiva servindo de base. Essa realidade objetiva é a pessoa de Jesus Cristo e Sua Ressurreição".

"Por exemplo, digamos que um aluno entre nesta sala e diga: 'Gente, tenho um tomate refogado dentro do meu tênis direito. Este tomate transformou a minha vida. Deu-me paz e amor e alegria como eu nunca experimentei antes, mas não é só isso. Agora eu consigo correr os 100 metros em 11 segundos marcados'".

"É difícil argumentar com um aluno desses se a vida dele sustenta o que afirma (especialmente se, na pista de atletismo, ele consegue dar muito mais voltas que você). Um testemunho pessoal é, com frequência, um argumento subjetivo em favor da realidade de alguma coisa. Portanto, não faça pouco caso de uma experiência subjetiva, achando que é irrelevante."

"Existem duas perguntas ou testes que faço a uma experiência subjetiva. Primeiro, qual é a realidade objetiva por trás da experiência subjetiva? E, segundo, quantas outras pessoas têm tido a mesma experiência subjetiva como resultado de se identificarem com essa realidade objetiva? Quero agora aplicar essas perguntas ao aluno com o 'tomate refogado' dentro do tênis direito."

"À primeira pergunta ele daria a seguinte resposta: 'Um tomate refogado dentro do meu tênis direito'. Então a segunda pergunta seria expressa da seguinte maneira: 'Quantas pessoas nesta sala, universidade, neste país e neste continente, etc, têm experimentado o mesmo amor, paz e alegria, e um aumento na sua velocidade na pista de atletismo, como resultado de um tomate refogado dentro de seu tênis direito?'"

A essa altura, a maioria dos alunos de História caiu na gargalhada. Eu não os culpei, porque era óbvio que a resposta à segunda pergunta era: 'Nenhum!'

Bem, eu tive de aplicar essas mesmas duas perguntas à minha própria experiência subjetiva:

1. Qual é a base ou realidade objetiva para minha experiência subjetiva — uma vida transformada?
Resposta: a pessoa de Cristo e Sua ressurreição.
2. Quantas outras pessoas têm tido esta mesma experiência como resultado de se identificarem com a realidade objetiva, Jesus Cristo?

Conforme se vê nas páginas seguintes são surpreendentes as provas de que, verdadeiramente, milhões de pessoas de todas as origens, nacionalidades e profissões tenham visto suas vidas experimentarem novos níveis de paz e alegria pelo fato de as entregarem a Cristo. De fato, o professor de História confirmou isso ao dizer: "Eu já tive contato com dezenas de pessoas de todo o mundo que têm sido transformadas por Cristo".

Àqueles que dizem que isso não passa de uma ilusão só resta dizer: Mas que ilusão mais poderosa! E. Y. Mullins escreve: "Um alcoólatra que aceitou a Cristo, tendo lembranças marcantes de um passado sem esperança e cheio de derrotas e tendo uma nova sensação de poder através de Cristo, estava respondendo à acusação de que 'sua religião era uma ilusão'. Ele disse: 'Graças a Deus pela ilusão. Essa ilusão deu roupas para os meus filhos, e pôs sapatos em seus pés e comida em suas bocas. Transformou-me num homem e trouxe alegria e paz ao meu lar, que vinha sendo um inferno. Se é uma ilusão, espero que Deus a envie aos que estão, em todos os lugares, escravizados pela bebida, pois a escravidão que experimentam é uma terrível realidade'".34/294, 295

Para uma análise mais detalhada do argumento subjetivo, veja o excelente capítulo "É Válida a Experiência Cristã", no livro *Você Pode explicar sua Fé?* de autoria de Paul Little.

3B. A Universalidade da Experiência Cristã

As afirmações de grande número de pessoas que confessam a Cristo são surpreendentemente parecidas, não importa qual o local, a época, o ambiente ou a formação de cada uma delas. Elas confirmam que Cristo satisfaz as mais profundas necessidades mentais e espirituais de todas as mentalidades, idades, raças e nacionalidades. As seguintes citações vêm em apoio a estas afirmações.

Bernard Ramm: "Nós, cristãos, sentimos que temos tido as mesmas experiências básicas... Nós não apenas dizemos as mesmas coisas, mas temos os mesmos sentimentos em relação a elas e a mesma consideração. É espírito dando testemunho a espírito. A razão básica é que temos sido salvos pelo mesmo Deus, através do mesmo Salvador e pelo mesmo Evangelho". 38/214

K Y. Mullins: "Pelo menos para mim, possuo provas irrefutáveis da existência objetiva da Pessoa que está me impulsionando. Quando acrescento a esta experiência pessoal a de milhões de cristãos ainda vivos e de uma seqüência ininterrupta de cristãos que já faleceram, seqüência que chega até Cristo, e quando encontro no Novo Testamento o registro de várias experiências iguais, junto com uma explicação clara sobre a origem e a causa dessas experiências todas, minha certeza se torna absoluta. Uma das mais urgentes dentre todas as responsabilidades que tem o cristão moderno é afirmar clara e vigorosamente as certezas da experiência cristã". 34/284, 285

Gordon Allport: O cristianismo "...tem tudo. Para a mente mais teórica, o cristianismo permite acomodar tudo o que a ciência consegue descobrir e ainda desafia a ciência a se aprofundar mais e mais. Para a mente Preocupada com o aspecto social, o cristianismo oferece um excelente Caminho para a justiça em todas as relações sociais, até mesmo uma solução para os problemas de guerra. Para a mente estética, proporciona uma concepção absolutamente satisfatória de harmonia e beleza. Para os que se Preocupam com política e economia traz sentido para as questões relativas à produção e ao poder, e apresenta um guia de conduta".

Allport prossegue dizendo que "os alvos e ideais do cristianismo estão sempre além daquilo que qualquer ser humano consegue atingir plenamente. O cristianismo jamais é capaz de saturar porque até para os mais santos, a perfeição cristã está mais adiante. Os objetivos cristãos são elevados demais para que se possa alcançá-los completamente. Tendo experimentado a bênção da certeza, e mesmo que seja por um só momento, você jamais ficará satisfeito, mas será levado a tentar recuperar e ampliar essa experiência para a sua vida inteira". 3/20, 21

Em resumo, fica claro que é o conteúdo da fé cristã que a torna diferente de qualquer outra. Robert O.Ferm conclui: "É por essa razão que é preciso insistir que se deve estudar todo o fenômeno da conversão, não do ponto-de-vista do psicólogo, mas daquele que estuda as Escrituras, pois o psicólogo não tem meio algum para julgar a autenticidade dessa experiência. Por essa razão ele deve passar a estudar pessoalmente as Escrituras, estar plenamente informado a respeito, nascer de novo pelo Espírito de Deus, caso queira estar preparado para estudar o fenômeno da conversão dos evangélicos". 17/225

3A. UM NÚMERO ENORME DE CONVERSÕES E VIDAS TRANSFORMADAS

Os testemunhos apresentados a seguir, dados por homens e mulheres dos mais diferentes contextos, demonstram a unidade da experiência cristã. Embora cada um tenha uma formação, uma profissão ou uma cultura diferente, ainda assim cada um aponta para o mesmo objeto como a fonte de um novo poder que transforma vidas — Jesus Cristo. Multiplique esses testemunhos pelos de outros milhões e você começará a ter uma idéia aproximada do impacto que Cristo tem tido no mundo nestes últimos dois mil anos.

É válida a experiência cristã? As pessoas mencionadas a seguir e milhões de outras acreditam que sim, e têm vidas novas confirmando o que dizem.

Ao ler estes 58 testemunhos, você descobrirá que Deus Se revelou ao homem de muitas e diferentes maneiras. Deus Se revela da maneira certa a cada pessoa.

DIFERENTES PROFISSÕES

1. ESPECIALISTA EM COMPUTAÇÃO

"Quando acontece a conversão a Cristo, Deus se esquece de nossos pecados, mas Ele não os apaga de nossa memória. Continuamos em condições de sermos 'lidos'. Mas através de Jesus Cristo ganhamos a capacidade de dizer para Deus: 'Assuma a operação'. Isso implica o bloqueio de certas informações e a

liberação de outras. Homens e computadores não são a mesma coisa, pois o computador não tem amor, nem pecado. Mas somos parecidos em que as instruções são resultado de decisões. Somos controlados por instruções, mas essas instruções humanas, que controlam o comportamento humano e os padrões de reação, são condicionadas por decisões anteriormente experimentadas. O jogo de golfe, por exemplo, não se torna parte integrante de nós até que comecemos a balançar o taco, preparando-o para a jogada. As decisões que tomamos abrem perspectivas de atividades, que antes não nos eram disponíveis.

É um verdadeiro milagre quando acontece um renascimento espiritual. Um acontecimento desses ocorreu em minha vida. Bem, mesmo o computador mais perfeito tem um mau desempenho, caso, sem que saibamos, haja informações imprestáveis armazenadas em determinadas áreas. A maioria dos programas complexos de computador tem de ser depurada. As instruções humanas formam-se ao longo da vida através das experiências tidas e das decisões tomadas (o que é muito complexo). Um ser humano é incapaz de intencionalmente apagar quaisquer decisões anteriores, não importa o quanto ele deseje fazê-lo, da mesma forma como um computador é incapaz de depurar o seu próprio programa. A fim de tornar o sistema operacional, antigas instruções erradas têm que ser canceladas e deve-se armazenar novos padrões de instrução. E é isso o que exatamente aconteceu em minha vida quando pedi a Jesus Cristo que viesse habitar em mim e evitasse que eu fizesse o que Ele não desejava". 43/8,9

O dr. Gerhard Dirks foi consultor administrativo na área de pesquisa e desenvolvimento da IBM. Nascido em Herbsleben, na Alemanha, o dr. Dirks é doutorado em Direito pela Universidade de Leipzig, na Alemanha. Atualmente ele detém várias importantes patentes de estruturas de memória dos modernos computadores eletrônicos.

2. POLICIAL

"Já estive dos dois lados da cerca: já fui membro de quadrilha e também policial. Tenho visto tragédias, pessoas deformadas permanentemente no seu físico, prejuízos causados à propriedade, vidas desperdiçadas, e tenho visto a morte como resultado do pecado.

Toda a minha maneira de encarar a vida mudou desde que Cristo veio habitar em minha vida e, sendo um policial cristão, enxergo as coisas de um modo bem diferente. Em todos os meus serviços eu estou constantemente cômico de que devo compartilhar o maravilhoso plano divino de salvação com os outros enquanto continuo 'patrulhando para Deus'."

Melvin Floyd foi eleito pela organização Nacional Jaycees como um dos "Dez Jovens de Destaque nos Estados Unidos" no ano de 1969.

3. EX-PROSTITUTA

Esta é uma citação do livro de Arthur Blessitt *Tuned On To Jesus* (Ligado em Jesus):

"Certa noite, quando os negócios iam mal, encontrei Linda vestida num biquíni e toda contorcida numa cadeira reclinável, ali no bar do Al.

'As coisas vão indo muito bem', disse ela puxando conversa. 'Está tudo bem, não tenho mais problema nenhum'.

'Você está mentindo e você sabe disso', disse eu. 'Você não é feliz. Você é uma pobre infeliz. Se você fosse realmente feliz, você não precisaria ficar tomando todas essas drogas para ficar dopada e tentar se livrar da culpa.'

'Arthur Blessitt, consigo lidar com todas as pessoas, menos com você. Você está certo. Sou uma pobre infeliz. Hoje eu tentei pular do carro do Al enquanto estávamos na auto-estrada. Ele me segurou firme pelo braço e me puxou para dentro.'

Compartilhei Cristo com Linda por mais de uma hora.

Funcionou! Foi uma das mudanças mais inesperadas com que eu já me defrontei. Linda se ajoelhou junto comigo e orou, lágrimas lavavam sua maquiagem, deixando marcas pelo rosto. Depois que oramos ela olhou para cima e seus olhos brilhavam.

'Estou salva!',"disse ela com muita alegria. 'Jesus me encontrou e eu vou voltar para cuidar do meu filhinho.'

Ainda ajoelhados, ouvimos tocar a campainha. Levantei-me e fui até a porta.

'Já estão funcionando?', indagou o cliente, um cinquentão com cabelo cortado rente e óculos de aro de tartaruga.

'Sim, pode entrar.'

Ao entrar, entreguei-lhe um dos meus folhetos sobre a Grande Pergunta. Aproximou o folheto para perto do rosto e pareceu perturbado enquanto lia. Então olhou para Linda, ainda ajoelhada. Começou a voltar para a porta. 'Devo estar no lugar errado'".3/128

4. PILOTO NAZISTA NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

"Moelders foi um coronel da Luftwaffe, o ás dentre todos os ases da Alemanha, premiado com a mais alta condecoração dada por seu país aos seus combatentes — Cavaleiro da Cruz de Ferro, com Folhas de Carvalho e Diamantes.

Desceu do avião todo perfurado de tiros. Seus olhos estavam fixos. As mãos geladas tremiam; o corpo ainda tomado de emoção. Werner Moelders havia visto o rosto da Morte, e estava transformado. Naqueles momentos terríveis, quase sem o perceber, ele havia cochichado: 'Deus, Deus Todo-poderoso que estás nos céus - livra-me desta situação. Só TU podes me salvar!' Suas palavras ecoaram na carlinga do avião — 'Só Deus pode salvar...'

De volta ao alojamento, Moelders trancou-se a sós. Ele precisava de tempo para pensar. Era óbvio que a fé em Hitler e no nazismo era incapaz de dar-lhe forças. Em sua mente ele voou de volta ao lar em Stettin, aos seus pais bastante religiosos, ao seu bondoso pastor. Ele se lembrou da história da Cruz e do amor redentor de Deus em Cristo Jesus, que havia morrido por pecadores como ele. E ele sabia que jamais teria conseguido sobreviver àquele terrível perigo, caso não tivesse clamado ao Deus eterno. O medo havia lhe ensinado a fé.

Agora, liberto para sempre do pesadelo do nazismo, sentiu-se aliviado, feliz; uma sensação da realidade de Deus encheu seu coração de paz. Sentou-se e pôs seus pensamentos no papel, numa carta ao pastor em Stettin...

Dia após dia Moelders falava a seus colegas a respeito da fé que tinha e a respeito do amor de Deus em Cristo Jesus. Mas isso não agradou seus superiores. Num misterioso acidente, morreu o mais famoso ás da Alemanha — silenciado para sempre; pelo menos é o que criam os líderes nazistas...

A Gestapo entrou em ação contra os fiéis amigos de Moelders que copiaram e distribuíram sua carta. Foi oferecida uma recompensa de 40.000 dólares a quem quer que denunciasse alguém que cresse naquilo que Moelders cria e estivesse passando adiante aquela carta. 10/22-25

5. EX-CRIMINOSO

"Andando de um lado para outro na cela da prisão, Leo D'Arcangelo estava profundamente perturbado. E quem é que não estaria se estivesse no lugar dele, tendo de enfrentar o que vinha pela frente?"

Menino ainda, com apenas onze anos, havia apanhado a bolsa de uma senhora dentro de um bonde lotado. Foi o começo.

Passaram-se cinco anos roubando até que, aos dezesseis, fosse preso pela primeira vez numa loja de departamentos, na Filadélfia.

Pouco depois de ser solto começou a tomar heroína na veia. Tem início a seqüência aparentemente interminável de prisões: novembro de 1954 por uso e porte de drogas, janeiro de 1955 por bater carteiras. Pouco depois, foi preso em Los Angeles por ter deixado de se apresentar durante a condicional.

...Enquanto caminhava pela cela, percebeu umas poucas palavras rabiscadas ali na parede.

'Quando você chegar ao fim da sua viagem e este problema estiver torturando a sua cabeça, e parecer que não existe nenhuma outra saída senão apenas chorar, volte-se para Jesus, pois é Ele que você tem que encontrar'.

Essa frase fez com que começasse a pensar.

Este é o fim da minha viagem. E o que é que eu consegui com isso? Nada além de um passado péssimo e um futuro ainda pior.

Jesus, preciso da sua ajuda. Tornei a minha vida um lixo e este é o fim da viagem, e todo o meu choro não vai mudar o meu passado. Jesus, se puder mudar a minha vida, por favor, faça isso. Ajude-me a fazer o

amanhã diferente.

Pela primeira vez Leo sentiu alguma coisa além de desespero. ... Libertado da prisão em setembro de 1958, Leo recebeu o diploma de segundo grau e foi estudar numa faculdade, a Faculdade Estadual de West Chester, e em seguida num seminário, o Seminário Episcopal Reformado, localizado na Filadélfia.

Atualmente trabalha ativamente em capelania penitenciária e atua como conferencista em reuniões de igrejas e de mocidade". 25

6. MINISTRO

"Nas duas primeiras igrejas que pastoreei preguei tudo sobre o que eu sabia: honestidade, fé (sem saber o que significava), bons hábitos, frequência à igreja, honra e uma constante exortação a ser 'bom', a servir a Deus. Eu falava a respeito dos frutos desconhecendo suas raízes. Naquela época o entusiasmo me impulsionava — o entusiasmo e o vigor da juventude. Mas essas duas coisas não foram suficientes.

A religião de minha esposa consistia de uma crença em Deus, adoração do que é belo, uma ética social e pessoal, estética, música agradável, pores-do-sol e uma apreciação pela natureza. Eu cria em conversão, pregava conversão, mas não sabia o seu significado.

Nosso casamento estava começando a enfrentar dificuldades.

Minha esposa cria numa coisa. E eu noutra. Decidimos estudar a respeito de Jesus, sem qualquer tipo de ajuda e isso fizemos com um pequeno grupo no Canadá, durante o espaço de sete semanas... Começou a ficar claro para mim que se eu entregasse minha vontade nas mãos de Deus... isso seria a mesma coisa que fazer a vontade de Deus... Eu estava me dedicando a Deus, a tudo de Deus que eu conseguia ver em Jesus, mais a tudo de Deus que seria revelado no dia seguinte e no outro dia e no outro... A luz irrompeu dentro de mim. Chorei como uma criança dizendo para minha esposa: 'Eu tenho estado errado. Eu tenho estado profundamente errado'. Todos esses anos havia pregado apenas ética, ética social e pessoal, mas não o evangelho... O evangelho era o Cristo vivo que veio habitar em mim. Ele me libertou. Ele me deu a certeza de que meus pecados foram perdoados... Surgiu um novo centro que atriu todas as minhas preocupações sociais — agora elas não estavam mais centralizadas no espaço humano — estavam centralizadas em Cristo... Passei a experimentar uma certa medida de força interior". 23/125-127

7. JOGADOR DE BEISEBOL DO TIME 'DALLAS COWBOYS'

"Santo Agostinho disse: 'Tu nos fizeste para Ti mesmo, ó Deus, e nossos corações não encontram descanso enquanto não descansarem em Ti'.

Pois eu descobri essa verdade com a idade de 33 anos. Creio que o fato maiá desapontador da minha vida é que eu esperei tanto tempo para descobrir a comunhão com Jesus Cristo. Como a minha vida teria sido muito mais maravilhosa se eu tivesse dado esse passo muitos anos antes!"

Tom Landry

8. JOGADOR DE GOLFE

Em 1974 Rick Massengale, um jogador profissional de golfe, estava pronto a trocar os tacos pelo chapéu de fazendeiro. Igual ao seu jogo de golfe, a vida tinha perdido a vibração. Massengale estava pensando em abandonar o esporte para se dedicar ao ramo dos laticínios.

Magro devido ao esforço físico despendido pelo circuito da Associação de Golfistas Profissionais dos Estados Unidos, com o casamento começando a afundar, Massengale passou por muitos sofrimentos durante a sua quinta temporada como profissional, num ano em que seus ganhos caíram para 14.193 dólares por ano.

Certa noite, porém, estava em casa com sua mulher, Cindy, e começou a assistir ao filme *The Greatest Story Ever Told* (A Maior História Já Contada), que fala da vida de Cristo, A vida do casal - e o jogo

vacilante de Rick - experimentou a partir daí uma transformação impressionante.

"Começamos fazendo perguntas e decidimos participar do estudo bíblico realizado por pessoas envolvidas com o circuito de tênis", recorda-se Massengale, que no passado havia sido um esportista de destaque na Universidade do Texas. O evangelista Billy Graham era o orador convidado naquela primeira noite em que participaram.

"Percebi em seguida que, intelectualmente, eu sempre tinha crido que Cristo era o Filho de Deus. Naquela semana, depois de ouvir Billy Graham falar, pedi a Cristo que viesse morar em minha vida."

Com uma nova maneira de ver a vida, Massengale começou a jogar como se fosse um outro golfista. "Quando eu cometia um erro, eu ficava estraçalhado por dentro. Hoje Cristo me deu domínio próprio e tranqüilidade. Um mau desempenho já não é mais o fim do mundo."

Desde essa transformação que Massengale experimentou na sua vida espiritual e mental, ele conquistou alguns campeonatos, inclusive, em 1977, o famoso Bob Hope Desert Classic. A vitória colocou-o numa posição destacada na lista dos que mais ganharam dinheiro naquela temporada. 31/28

Rik Massengale

9. TENISTA

Recordando-se de uma partida de tênis, Stan Smith diz: "Eu estava tentando descobrir onde tinha ido parar a minha confiança. Afinal, não era verdade que eu sempre tinha tido confiança em meu jogo?"

"Nem sempre. Pelo menos não até chegar ao segundo ano da faculdade. Naquele ano comecei a me reunir com um grupo de atletas na Universidade do Sul da Califórnia. Eram pessoas diferentes de todas as que eu já tinha conhecido — e me falaram a respeito de uma pessoa inteiramente nova e estimulante para mim — Jesus Cristo. Já perto do fim daquele ano entreguei minha vida nas mãos dEle. Pedi-Lhe que desse mais sentido à minha vida. Ele me ajudou a me encontrar e me deu autoconfiança.

Minha frustração pareceu desaparecer. Experimentei confiança de novo.

Cristo me ajudou a vencer a mim mesmo. Agora é muito claro para mim que em todas as coisas devo ser um espelho dos ensinamentos dEle". 46

Stan Smith

10. JOGADOR DE FUTEBOL AMERICANO

"O meu futuro, sem dúvida, vai muito além do futebol, e é exatamente isso que me deixa animado. O cristianismo é a parte mais importante da minha vida e eu sempre irei falar sobre ele. Eu tenho a felicidade de ter sido abençoado com certos talentos e habilidades, e eles são a razão de ter me tornado uma pessoa conhecida, ocupando uma posição que atrai a atenção e que faz com que os outros me ouçam. Eu estaria rejeitando o amor e as bênçãos de Deus caso não aproveitasse ao máximo as oportunidades de falar sobre minha fé, sobre por que é tão preciosa para mim. Para desfrutar ao máximo algo tão belo como isso, é preciso partilhar isso com os outros..."

Nosso mundo é bem dinâmico, andando a passos rápidos. Ele pode se tornar terrivelmente agitado. Algumas vezes parece que sua cabeça vai fundir quando começa a pensar em tudo o que está acontecendo. Parece que as coisas estão acontecendo uma atrás da outra, sem parar, de maneira que você simplesmente não consegue desfrutar uma paz íntima. Para mim existe uma solução bem simples para esses problemas. Se você tiver um relacionamento com Cristo, Ele lhe dará paz interior. Se tentarmos viver sem pensarmos apenas na vida terrena em que estamos diariamente envolvidos, não haverá problemas como Watergate, guerras, adultérios, preconceitos e crimes. Se olharmos para além desta vida, poderemos suportar qualquer coisa em nossas vidas porque, estaremos vivendo para Deus e não para nós mesmos..." 47/274, 275, 279

11. MISS AMÉRICA 1973

"Desde quando era bem pequena, eu sonhava em ser uma cantora profissional e uma atriz, e ver o meu nome na marquise de um teatro. Depois de um ano na faculdade, tive minha primeira oportunidade de cantar junto com um pequeno grupo em cabarés, no meio-oeste dos Estados Unidos. Foi quando eu fui pega de surpresa por uma porção de coisas para as quais eu não estava preparada: alcoolismo, péssimos casamentos e um monte de gente que estava tentando fugir da realidade.

Então, em 1970, me uni ao conjunto New Christy Minstrels. Mas também me desiludi com essa experiência, pois fizemos apresentações em 50 semanas durante o ano, enfrentando todos os tipos de dificuldades. Assim mesmo eu estava cada vez mais decidida a fazer qualquer coisa que fosse preciso para chegar lá em cima.

Tudo isso mudou depois de uma apresentação numa universidade batista em Kansas. Durante a apresentação o pessoal batia palmas todas as vezes que mencionávamos qualquer coisa sobre Deus ou Jesus Cristo. Naquela hora pensei que estavam malucos, mas, depois, enquanto eu estava num automóvel, uma das alunas cristãs se aproximou e começou a conversar comigo.

Por alguns momentos falamos de trivialidades sobre a vida artística e a vida na estrada, viajando sempre. Então ela me fez uma pergunta que ninguém antes me havia feito em todos os meus 22 anos de vida: 'Você é cristã?' Quando respondi que cria em Deus, ela disse: 'Não, você não compreendeu,' e rapidamente me explicou a respeito do amor de Deus e do desejo que Ele tinha de ter um relacionamento comigo através de Jesus Cristo.

Ela me deu um livreto das Quatro Leis Espirituais e me disse para que o lesse aquela noite de modo que, no dia seguinte, pudéssemos conversar a respeito na hora do café da manhã. Fiquei com vontade de fazer o que ela dizia, pois vi que ela tinha uma paz que eu não tinha, a paz que eu estava procurando. Comecei a apenas folhear o folheto até que percebi como era curto e objetivo. Antes de me dar conta do que acontecia, estava lendo a oração sugerida no fim do folheto e pedindo a Deus que me perdoasse e me desse a paz que nunca tinha encontrado na vida artística.

No dia seguinte aquela moça cristã demonstrou uma alegria genuína acerca de minha decisão e manifestou ainda mais amor por mim como fazia muito tempo eu não experimentava pessoalmente. E quando nosso grupo estava para partir, deu-me uma Bíblia e disse: 'Não importa se você estiver muito ocupada — se você ler apenas um capítulo por dia, prometo-lhe que sua vida mudará'.

E mudou. Comecei a perceber que Jesus era alguém que compreendia a mim e as minhas inseguranças e incertezas a respeito da vida artística. Coisas bem específicas também mudaram em minha vida. Eu estava bem gorda e naquela época fumava um maço e meio de cigarros por dia. Isso mudou, e com isso também mudou a auto-imagem negativa que sempre tive de mim mesma.

Logo depois que deixei aquele conjunto, vi-me de novo em minha casa, em DePere, estado de Wisconsin, sem qualquer dinheiro e sem qualquer meio de conseguir a preparação profissional para ser cantora e atriz. Foi quando uma amiga minha me incentivou a participar do concurso Miss América — embora eu me sentisse Velha' aos 22 anos de idade. Ela argumentou dizendo que, por ser um concurso limpo e sem apelação, eu não teria de transigir a minha crença e talvez até ganhasse a bolsa de estudos que eu precisava.

A partir daquele ponto, Deus começou a abrir as portas, fazendo acontecer o Seu plano para minha vida. Esse plano incluía eu me tornar Miss América 1973. Então, durante meu reinado, Deus operou mais mudanças — em minha maneira de ver minha carneira e meu futuro. Percebi que, embora estivesse orando a Deus, pedindo-lhe orientação para minha carreira, na verdade eu não estava prestando atenção às *Suas* respostas. Agora entendo que, antes de mais nada, minha responsabilidade é para com Deus, em segundo lugar é para com meu marido (Tom) e os filhos que vieram. Depois disso posso começar a pensar numa carreira.

É engraçado como Deus também me deu um desejo de me conformar à Sua vontade. Talvez Ele ainda me leve a ter uma ocupação de tempo integral — assim como me levou a produzir um álbum de disco com músicas evangélicas e a começar a escrever um livro. Só que agora minha motivação é diferente. Já não me importo em querer estar no palco, sendo o centro das atenções de todos — porque descobri que as únicas coisas duradouras são aquelas que fazemos para Cristo". 6/15, 16

Terry Meeuwsen Camburn

12. BILIONÁRIA

"Vestida de um jeito bem simples que quase chega a chamar a atenção, June está cercada pelo império de seu pai, com sede em Dallas, estado do Texas, nos Estados Unidos. Esse império possui bens calculados em bilhões de dólares. São petróleo, indústria eletrônica, imóveis, investimentos, indústria farmacêutica e indústria de cosméticos.

O que é ser a filha de um dos homens mais ricos do mundo? June responde com seu jeito sulista de falar arrastado e macio: 'Para mim a minha fase de crescimento representou a oportunidade de fazer muitas coisas. Agora tenho a oportunidade de fazer as coisas para as quais tenho mais capacidade'.

June identifica o início de sua vida cristã ativa com um certo dia durante a adolescência, quando veio a conhecer o Senhor. Ela explica: 'Fui educada numa denominação que não explicava o verdadeiro sentido da salvação. Então meu pai nos levou para freqüentar uma igreja que cria na Bíblia. Aos quinze anos de idade notei que algumas pessoas na igreja tinham um tipo de vida que era diferente, e tentei descobrir o que era. Pensei que seria capaz de imitá-las em seu estilo de vida simplesmente observando-as. Quando me indagaram se eu era cristã, respondi que sim, sem perceber a enorme diferença entre religião e um relacionamento com Jesus Cristo. O fato de você ir a uma garagem não torna você um automóvel. Minhas idas a uma igreja cristã não me tornavam cristã'.

'Alguém explicou Apocalipse 3:20 para mim: Eis que estou à porta, e bato; se alguém ouvir a minha voz, e abrir a porta, entrarei...! Sou uma pessoa que analisa tudo, de modo que pesei os prós e os contras de me tornar cristã: o que eu ganharia e o que eu perderia. Cheguei à conclusão de que valia a pena correr todos os riscos, caso Ele pudesse me dar a qualidade de vida que eu estava procurando, de modo que com quinze anos de idade convidei Cristo para entrar em minha vida'.

Naquele momento, June nem se deu conta de que esse era apenas o primeiro passo para o seu atual objetivo de servir ao Senhor.

Cantar músicas com mensagens sobre Cristo é o que a violonista de Dallas realmente gosta de fazer, e cantar é o que ela faz em convenções, cruzadas, reuniões de mocidade e grupos de mulheres cristãs.

'Desejo compartilhar a vida abundante que Jesus Cristo oferece a cada um que O aceita'.

E isso vale muito mais que um bilhão de dólares." 50

June Hunt

13. DESENHISTA DE HISTÓRIA EM QUADRINHOS

"Sou filho único. Minha mãe morreu na mesma semana em que eu nasci.

Antes de prestar o serviço militar conheci um pastor de uma igreja local... Comecei a freqüentar os cultos daquela igreja.

... Quanto mais eu pensava sobre a questão durante aqueles estudos bíblicos, mais eu percebia que eu realmente amava a Deus.

... Não consigo indicar um momento específico de entrega a Cristo; foi tão de repente que cheguei 'ali', que não sei quando exatamente aconteceu de eu chegar até ele.

Tenho uma constante gratidão a Deus pela paciência que tem comigo e com todos nós. Não consigo deixar de me emocionar cada vez que leio as coisas que Jesus disse, e estou cada vez mais convencido da necessidade de segui-LO. Para mim Jesus significa o seguinte: nEle somos capazes de ver a Deus e de compreender os Seus sentimentos para conosco".42

Charles Schultz

14. ARTISTA DE CINEMA

"Atingi muitos dos meus objetivos. Tinha uma linda esposa que me amava, três filhos maravilhosos,

uma Ferrari no valor de 23.000 dólares, uma garagem com quatro motocicletas de corrida, uma fazenda na Califórnia com plantação de abacate, e ganhava de 15.000 a 20.000 dólares por semana quando estava fazendo algum filme. No entanto, não havia qualquer sentimento de realização.

Devido à frustração que sentia, certa noite cheguei a dirigir minha Ferrari a mais de 160 quilômetros por hora pelas estradas sinuosas do Canyon de Malibu, não com algum desejo de me matar, mas com um sentimento de que, se perdesse o controle do carro, que diferença faria? Não seria uma grande perda. Brinquei de ficar seguindo a faixa demarcatória central da estrada, com o que o carro conseguia não sair da pista em todas aquelas curvas.'

'Certa vez realizei uma viagem de motocicleta, junto com dois amigos, até a Península de Baja, no México, a quilômetros de distância da civilização. Pararam para comprar cerveja de uma família mexicana impressionantemente pobre. Dean deu um facão para um velho e uma calça jeans a um dos homens mais moço. Mas o que realmente o deixou chocado foi ver uma menininha com feridas abertas no rosto. Moscas estavam ao redor de toda a menina, pousando nas feridas.

Fiquei tão indignado com o que vi que pulei na minha moto e acelerei muito - acelerei demais para o terreno irregular. Dominado pela emoção, amaldiçoei a Deus e gritei para o vento: Deus, se você existe, o que eu duvido, por que é que você deixa criancinhas experimentarem esse tipo de miséria?

Lágrimas me cegaram os olhos. A última coisa de que me lembro era uma pequena valeta bem à minha frente. Ao ver a valeta, tive o pensamento: *Gire o acelerador e empine o pneu dianteiro.*

Não girei. Quando acordei, um dos meus amigos estava com uma das mãos no meu quadril, tentando estancar uma hemorragia que me seria fatal. O pedal traseiro da motocicleta havia batido violentamente na bacia, fraturando a pélvis em 13 lugares diferentes. Sofri uma concussão cerebral (com amnésia parcial) e um deslocamento do ombro direito. Além disso, quase cada centímetro do meu corpo estava esfolado pelo chão do deserto. Fiquei ali em estado de choque por um dia e meio até que se conseguiu providenciar transporte para um hospital em Burbank, nos Estados Unidos'.

Todo esse estado de desespero chegou ao clímax no verão de 1973, quando ele estava em Cherry Hill, estado de Nova Jersey, participando da produção do filme *1776*.

'Eu me sentia tão vazio que certa noite fui para o alojamento e fiquei de pé junto à janela observando o belíssimo cenário natural lá fora.

Percebi que em toda minha vida eu tinha tido uma motivação egoísta. E eu tinha chegado ao ponto em que a preocupação só comigo mesmo já não seria capaz de me fazer viver. Ia chegar a hora em que eu já não teria motivação suficiente para continuar vivendo. Talvez até mesmo desse um tiro na cabeça, como fez Ernest Hemingway. Afastei-me da janela, fui para a beira da cama, me ajoelhei e comecei a orar.

Deus, provavelmente você não existe. Provavelmente eu estou apenas falando com as paredes daqui, mas... Comecei a despejar diante de Deus minhas dúvidas, fraquezas e fracassos, chorei como uma criança.

Finalmente disse qualquer coisa assim: Se Você de fato existe, se Você é real, e se Você quer se revelar para mim de alguma maneira, eu O servirei pelo resto da vida. Foi uma entrega total.

De repente minha alma ficou cheia de uma paz que não dá para entender. Encheu aquele vazio. Foi como se Bambi, aquele veadozinho da floresta, percebesse que tudo tinha ficado em silêncio. Os passarinhos pararam de cantar, os grilos pararam de trilar e todos os outros sons simplesmente acabaram. Houve um silêncio tal que se tornou algo que eu ouvia. Eu ouvia a tranquilidade. No meu íntimo não havia agitação nem ansiedade'.

Naquela época Dean não tinha entendido totalmente o que lhe acontecera, mas ele e a esposa, Lory... começaram a procurar uma igreja. Finalmente Deus os levou a uma igreja no vale de San Fernando, e em 10 de fevereiro de 1974, tanto ele como a esposa confessaram publicamente a fé em Jesus Cristo".52/16ss

Dean Jones

15. CANTOR

"... Em 1970 ele já havia ganho 13 milhões de dólares. Em 1976, apesar do sucesso em vender mais de 32 milhões de discos, inclusive o grande sucesso 'Raindrops Keep Falling On My Head', B. J. Thomas devia mais de 800.000 dólares.

Não era apenas na área financeira que sua vida estava falida. Apesar da carreira bem sucedida de cantor,

durante anos B. J. Thomas sentia-se uma pessoa profundamente angustiada. Era viciado em drogas, gastando três mil dólares por semana em cocaína. Além disso, estava tão dependente de estimulantes e tranqüilizantes que tomava de 40 a 50 comprimidos de cada vez, apenas para se manter.

'Com quinze anos de idade comecei a mexer com música e quase imediatamente me meti com drogas,' disse Thomas.

'Onze anos depois eu era um viciado. Não conseguia ir dormir sem ingerir as drogas. Não conseguia fazer nada sem elas'.

Estava tão dopado que mal se lembra da gravação do seu grande sucesso de 1969, 'Raindrops'. E o sucesso o ajudou a atirar-se a drogas ainda mais pesadas. A cocaína estava dirigindo sua vida. Seu casamento estava aos pedaços e mal conseguia se relacionar fisicamente com a esposa.

Certa vez tomou 80 pílulas e foi retirado inconsciente de um avião no Hawaí, estado norte-americano. Foi levado às pressas a um hospital. Quase morreu por excesso de drogas, e naquela época pouco se importava se tivesse ou não morrido.

Quando recuperou os sentidos perguntou á freira que cuidava dele no hospital católico se ele 'tinha chegado perto'. Ao que ela respondeu: 'Bem perto'. E lhe contou que tinha estado ligado ao aparelho por uma hora e quarenta minutos, o que era a única razão para ele ter recuperado os sentidos. 'Não entendo por que fiz isso', disse à enfermeira. 'Realmente não queria fazer'. A enfermeira pediu que abaixasse a cabeça e ela orou por ele. Depois disse: 'Deus deve ter alguma coisa que queira fazer em sua vida'.

Numa outra excursão artística, percebeu que estava perdendo a cabeça. Enquanto seu irmão e seu companheiro de viagens, justamente as pessoas que o amavam, olhavam com piedade para ele, ele os odiava. 'Eu queria matá-los. Na verdade eu tinha medo de chegar a fazê-lo'.

B. J. Thomas ficou tão intoxicado com drogas que passava dias sem conseguir dormir. Não conseguia ficar alto. Não havia nada que pudesse fazer para voltar a ter aquela sensação de euforia. Desesperado, telefonou para sua esposa, Glória. Pensou que talvez, se fosse para casa, conseguiria dormir um pouco ali.

'Ao longo dos anos nós já tínhamos nos separado algumas vezes', Thomas explicou. 'A razão é que eu estava me comportando de modo muito louco'. Mas ultimamente, quando havia telefonado para ela, tinha sentido uma paz e uma tranqüilidade que Glória estava transmitindo para ele pelo telefone. Ela havia pedido para que viesse para casa, dizendo: 'Existe ajuda aqui', mas não explicava que tipo de ajuda era aquela...

Quando chegou, descobriu que sua esposa se tornara cristã e que havia uma porção de pessoas orando por ele e querendo falar-lhe sobre o Senhor.

'Essa era a última coisa que eu queria fazer', Thomas se recorda. Mas certa noite sua esposa levou-o para fazer uma visita casual ao lar dos amigos que a tinham levado ao Senhor.

O marido, Jim Reeves, estava fora, mas a esposa os convidou para ficarem para jantar. 'Senti tanta paz naquele lar', disse B. J. Thomas, 'que eu sabia que deviam conhecer Deus. Quando Jim chegou em casa perguntei-lhe a respeito, e ele começou a me falar sobre o Senhor'.

'Jim Reeves me contou que enquanto conversava comigo havia algo a meu respeito, ou a respeito de meu rosto ou de meus olhos que o assustava. Ele notou que eu desejava ouvir, mas num minuto eu estava receptivo, e já no minuto seguinte não estava mais. Esse fato estranho chamou sua atenção. Perguntou se ele podia orar por um instante. Curvou a cabeça bem ali na mesa da sala de jantar e pediu para que, caso houvesse naquela sala quaisquer forças ou qualquer poder de Satanás que estivessem atrapalhando B. J. Thomas de ouvir a palavra de Deus, que essas forças fossem expulsas pelo sangue que Jesus Cristo derramou'.

'Enquanto orava', conta B. J. Thomas, 'senti uma perturbação em meu peito. Durante um minuto senti uma forte dor e pensei que estivesse com uma costela quebrada. Então tive a sensação de que algo estava 'simplesmente indo' e uma paz me invadiu. Tive então uma atitude receptiva e ouvi atentamente tudo o que me diziam. Então abaixei minha cabeça e comecei a orar. Orei durante aproximadamente vinte minutos. E orei dizendo todas as boas coisas que haviam me dito que eu devia dizer'.

Quando ergui a cabeça esses amigos estavam chorando, eu estava tão feliz que eu só pulava de um lado para outro. Aquela experiência de conversão era para mim uma coisa bem milagrosa. Pois eu tinha sido uma pessoa bem ruim'.

O que aconteceu naquela noite provocou uma mudança mental e uma mudança física em B. J. Thomas. Ele tinha um pouco de maconha, mas foi para casa e jogou aquilo fora. Durante anos ele era dependente de Valium. Precisava desse remédio mais do que todos os outros comprimidos. Mas naquela

mesma noite parou de tomar Valium.

B. J. Thomas esperava que fosse enfrentar dores terríveis como resultado de abandonar as drogas. Estava disposto a passar por isso. Já tinha passado por isso antes, só que sempre tinha voltado às drogas. Mas dessa vez ele superou o problema sem nenhum sintoma de dependência de drogas: nada de tremores, nada de sensações ou sonhos ruins. Sua libertação das drogas foi algo tão maravilhoso quanto sua salvação, e a partir daquele dia (29 de janeiro de 1976) até hoje, nunca duvidou da experiência que teve com o Senhor nem de que a salvação que recebeu é real " 53/1,34

B. J. Thomas

16. ESCRITORA

"Com trinta e três anos de idade eu tinha perdido quase todo interesse em tentar saber por que estou aqui. Estudar as filosofias existentes havia estimulado minha mente, mas também havia deixado meu coração vazio. Estudar as muitas religiões do mundo deixou-me exausta. Eu sabia que, de alguma forma, eu não tinha suficiente desejo de 'conhecer a verdade' para poder passar pelas complicadas etapas de desenvolvimento intelectual e espiritual que essas religiões exigiam para se 'chegar a Deus'.

Fui ganha por Ellen Riley, uma amiga de infância com quem encontrei novamente em Charleston, depois daqueles dezoito anos. Ellen se tornara uma cristã dinâmica. Para ela Cristo era uma Pessoa. Ela tinha vindo de Nova Iorque, de férias, até sua cidade natal, Chicago. Ao me rever ficou horrorizada ao notar que a garota que ela tinha conhecido como uma adolescente alegre e vibrante era agora uma pessoa cansada, entediada, com aparência de intelectualizada. Ela disse que eu parecia como se estivesse me defendendo de um golpe".

'...O que é que você realmente acredita sobre Deus?', perguntei a ela. 'Creio que Deus veio à terra na Pessoa de Jesus Cristo para nos mostrar como Ele é de verdade e para nos salvar do pecado'.

...E assim, na manhã dominical de 2 de outubro de 1949, depois de bastante resistência de minha parte, eu de repente olhei para ela e disse: 'Está bem. Presumo que você está certa'. E foi assim. Deus não exige nenhuma apresentação pomposa e formal.

"A partir de então, dia após dia, a vida com Cristo tem sido uma experiência contínua de novas descobertas uma após outra. Agora gosto de me levantar de manhã. Ele é a razão para eu despertar!" 37

Eugenia Price

17. HOMEM DE NEGÓCIOS

"Existe um conceito fundamental que aprendi bem claramente devido a minha experiência nos negócios. Há necessidade de um roteiro claro e bem compreensível para a realização de operações empresariais. Uma vez definido o roteiro, há necessidade de se crer completamente no programa que ele apresenta.

Na vida cristã a Bíblia é o nosso roteiro. É a autoridade suprema sobre nossas vidas e é suficiente para nossas necessidades. Creio que uma exigência de suprema importância é que Cristo seja o Senhor de nossa vida toda, e que nossa lealdade a Ele jamais seja uma lealdade parcial.

... Mediante Jesus Cristo Ele preparou o caminho para que, pela nossa entrega a Ele, satisfaçamos as exigências de Deus e possamos ser aceitos.

... A relação com Deus e com Jesus Cristo é uma relação estritamente pessoal... É impossível permanecer neutro diante dEle." 11

O dr. Elmer W. Engstrom é presidente do Comitê Executivo da RCA norte-americana. Formou-se pela Universidade de Minnesota, estado de Minnesota, e recebeu títulos honorários de Doutor em Ciências, Doutor em Direito e Doutor em Engenharia, por parte de dez faculdades diferentes.

Elmer Engstrom

18. MÉDICO

"Depois da guerra comecei a clinicar na região de Harrisburg, estado da Pensilvânia, nos Estados Unidos. Fui convidado a participar de uma vida social que eu achava necessária para ser bem sucedido. Isso incluía participar de freqüentes coquetéis bem como bailes no clube-de-campo. Eu achava que isso era ótimo, porque nesses breves momentos eu me desligava dos problemas do dia e fugia da realidade.

Por volta de 1952 tive oportunidade de me desligar ainda mais ao freqüentar festas duas a três vezes por semana. Antes disso eu teria me considerado um bom bebedor, mas agora eu não conseguia me controlar na bebida.

Senti que meu trabalho médico estava ficando prejudicado e, pior de tudo, senti a perda do respeito de minha esposa e minha família. Finalmente reconheci que precisava desesperadamente de ajuda.

... Um irmão meu havia confiado em Cristo como seu Salvador um ano antes. Ele me convidou certo dia a ir com ele a um jantar promovido pelo Comitê de Homens de Negócios Cristãos. Naquele encontro ouvi testemunhos em que homens contaram como suas vidas haviam sido transformadas. Um homem tinha tido uma vida bem parecida com a minha até que Cristo o transformou.

... Esses homens eram diferentes daqueles com quem me relacionava, e queriam me ajudar por eu estar com sérios problemas. Melhor do que tudo, disseram-me que a minha necessidade era conhecer o Senhor Jesus Cristo.

... Em 21 de maio de 1959, numa viagem a serviço, enquanto dirigia pela estrada fui tomado de uma profunda convicção. Orei a Deus para que me salvasse. Percebi que estava perdido e que precisava da ajuda de Deus. Mas só quando eu disse: 'Senhor, qualquer coisa que queira que eu faça eu farei' é que consegui crer. E aconteceu aquela experiência indescritível. Lágrimas de alegria escorriam pela minha face enquanto era removido o enorme peso do pecado. Deus me deu a certeza de que eu era uma nova criatura em Cristo Jesus. Desde então não tive tentações de voltar a beber um só copo de bebida. Meu principal problema não era o alcoolismo, mas o fato de que eu não conhecia Jesus Cristo". 12/65-69

Vernon R. Phillips

19. FAZENDEIRO

"Quando jovem, minha ambição era ser um fazendeiro bem sucedido. Decidi não ir para a faculdade porque gostava muitíssimo do trabalho na fazenda e porque era necessário ficar ali.

Não importa a maneira como você encare a questão, o fato é que eu achava que estava indo muito bem. Na verdade eu achava que não enfrentava qualquer tipo de problema. Não estava bem consciente de que eu tinha uma enfermidade que ninguém poderia curar à base de remédio — a doença do pecado.

Não estava consciente disso até que ouvi as palavras bíblicas de Romanos 3:23. Foi quando percebi que todas as freqüentes idas à igreja e toda a respeitabilidade que tinha diante da comunidade não poderiam me livrar das conseqüências do pecado. Aquele versículo diz: 'Pois todos pecaram e carecem da glória de Deus'. Não há justo, nem sequer um (Romanos 3:10).

Isso tornou a questão bem clara. Eu precisava de algo mais do que já podia fazer por mim mesmo. Precisava ser purificado pelo poder de Deus. Isso só pôde acontecer quando confiei em Jesus Cristo.

Sem duvida, desde então tenho voltado a ser contaminado pela doença do pecado, mas que homem não experimentou isso também? Mas agradeço ao Senhor porque posso procurá-lo para receber a cura. Cristo, ao me perdoar a cada vez, leva embora a doença do pecado.

E assim como eu fico animado com minha criação de porcos de raça Yorkshire, e livres de moléstias específicas, também fico animado em contar a outros homens a respeito de Jesus Cristo. É por isso que faço parte do Comitê de Homens de Negócios Cristãos da cidade de Barde. Desejo ser capaz de convidar outros homens a experimentarem o poder que Jesus Cristo tem para libertar da enfermidade". 16

Murray G. Faris

20. EX-CONSELHEIRO DA CASA BRANCA

"Tive uma estranha sensação de indiferença quando deixei a Casa Branca. Eu devia ter sido aplaudido

porque sempre fiz todas as coisas que comecei, e sempre com rapidez. Fiz faculdade de Direito à noite, trabalhei de dia, ganhei bolsas de estudo, fui o mais jovem comandante de companhia dos Fuzileiros Navais e o mais jovem assistente administrativo do Congresso norte-americano. Cheguei ao topo da montanha e não consegui-a imaginar nenhuma outra montanha.

Então me encontrei com Tom Philips, um velho amigo. É alguém em muitos aspectos parecido comigo: filho de imigrantes, fez faculdade à noite, tornou-se engenheiro da empresa Raytheon com vinte e cinco anos de idade, e aos trinta e seis já era vice-presidente executivo. Aos quarenta chegou a presidente - a história de um tremendo sucesso. Bem ocupado e elétrico, trabalhava gritando ordens, bem agressivo e dinâmico.

Quando eu o vi na primavera de 73 pareceu-me totalmente diferente. Estava sorrindo, estava radiante, estava preocupado comigo. Perguntei-lhe o que havia acontecido. Disse-me que havia dedicado sua vida a Jesus Cristo.

Eu havia aprendido a ver Jesus Cristo como sendo uma personagem histórica, um profeta, alguém avançado demais para seu próprio tempo. Mas essa idéia de um homem de negócios inteligente, de boa educação e bem sucedido dizer que aceitou e dedicou a vida a Ele me surpreendeu. Pensei que Tom tinha tido alguma espécie de experiência estranha — e mudei de assunto.

Passaram-se os meses, meses bem difíceis em Washington. E tudo aquilo que Tom significava Washington não tinha. Fiquei maravilhado com o que Tom representava e quis descobrir por mim mesmo, de maneira que telefonei para ele e ficamos até tarde da noite na varanda de sua casa. Do livro de C. S. Lewis *A Razão do Cristianismo* ele me leu o capítulo sobre o orgulho. Foi um torpedo. Eu podia ver claramente minha vida toda ali. Senti-me sujo. Então Tom me disse que ele mesmo havia experimentado uma profunda necessidade e desejo espirituais até que foi a uma cruzada de Billy Graham, em Nova Iorque, e aceitou a Cristo.

Era uma história tão linda, mas eu não queria admitir isso para ele. Eu era o mais famoso advogado de Washington.

Naquela noite eu não conseguia pôr a chave na ignição porque estava chorando aos soluços. Eu não gostava de chorar porque nunca gostei de demonstrar fraqueza. Orei no carro e pensei. Causava uma espécie de sensação de perigo ficar sentado sozinho à beira da estrada, mas agora já não estava mais sozinho. Naquela noite experimentei uma tremenda sensação de purificação. Então passei uma semana no litoral do estado do Maine, e no final daquela semana tornaram-se óbvias para mim as alegações a favor de Cristo.

Meu maior problema sempre foram as barreiras intelectuais. Eu sabia que existia um Deus, mas nunca conseguia perceber como o homem poderia ter um relacionamento pessoal com Ele. Mas a defesa intelectual do cristianismo se tornou muito forte para mim depois de ler *A Razão do Cristianismo*. No final daquela semana eu não conseguia imaginar como se pode deixar de crer em Jesus Cristo".⁴⁵

Charles Colson

21. SENADOR NORTE-AMERICANO

"Creio que a menos que nós, como americanos, comecemos a seguir a Cristo e a amá-lo em todos os aspectos de nossa vida, jamais conseguiremos enfrentar os sérios desafios do nosso tempo. Pois é impossível equacionar mediocridade com as coisas de Jesus Cristo. Pessoalmente eu gostaria de estar cada vez mais na situação em que tudo o que eu faço é para Ele.

Percebi que durante 31 anos eu tinha vivido para mim mesmo. Decidi que desejava viver o resto da minha vida para Jesus Cristo somente. Pedi a Deus que me perdoasse e que tomasse conta de minha vida. A Palavra de Deus me garantiu: 'Se alguém está em Cristo é nova criatura: as cousas antigas já passaram; eis que se fizeram novas'.

Nestes dias de incerteza precisamos de paz para o indivíduo, para cada família, cada cidade, cada estado, cada nação e para o mundo. O fato de que 'Deus estava em Cristo, reconciliando consigo o mundo', ainda permanece válido. Servir a Cristo é o método divino para termos paz e propósito e para permitir que sejamos Seus embaixadores.

Seguir a Cristo tem sido uma experiência de desafio, aventura e felicidade cada vez maiores. Vale

totalmente a pena nos dedicarmos a Ele. Quão verdadeiras são suas palavras: 'Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância'.

Cristo não nos chama a uma vida fácil e medíocre, mas à vida de discípulo, vida com o poder de Cristo. Não importa qual seja nossa missão nesta vida, somos chamados a ser inteiramente leais e dedicados a Ele. Ele se torna nosso padrão de excelência. Nenhuma causa, por mais nobre que seja, é capaz de satisfazer ou de transmitir propósito sem a direção pessoal de Jesus Cristo. Posso afirmar com toda sinceridade que se dedicar a Ele é algo verdadeiramente recompensador". 19

Mark Hatfield, senador pelo estado do Óregon

22. EX-PRESIDENTE DA ASSEMBLÉIA GERAL DAS NAÇÕES UNIDAS

"Tendo plena consciência de que o mundo inteiro encontra-se como que se desintegrando diante de nossos próprios olhos, é impossível fazer perguntas de maior envergadura do que estas três: O que é então que está surgindo? Onde Cristo fica nisso? E que diferença nós estamos provocando em tudo isso?

Em resumo: a vida do espírito é a vida em Jesus Cristo. NEle e através dEle podemos levantar essas três questões fundamentais e respondê-las. NEle e através dEle podemos ser salvos da desintegração universal do mundo.

Os dias atuais são dias importantes e o que está sendo decidido nestes dias é algo absolutamente histórico. Mas todas essas coisas irão passar, e, junto com elas, a própria vida. O que, então, vem a ser a vida que não passa? O que, então, é a vida que é eterna? Essa é a primeira e última pergunta. Eu creio que 'a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste' (João 17:3)... A fé em Jesus Cristo é o significado inicial e final de nossas vidas. Para mim não é importante quem você é ou o que você faz. Apenas coloco uma pergunta diante de você: 'Você crê em Jesus Cristo?'" 30

O dr. Charles Malik foi em 1959 o presidente da Assembléia Geral das Nações Unidas. Atualmente leciona na Universidade Americana, em Beirute, no Líbano.

23. URBANISTA

'Tive uma educação muito boa. Bem cedo na vida eu tinha uma segurança econômica. Quando criança, o ambiente em casa era excelente. Contudo, eu tinha um problema com o meu ego. Eu pensava que eu era melhor em tudo.

... Parecia como se tudo em que eu me envolvesse se tornasse um sucesso no final.

... Na verdade eu passara a ter mania de grandeza e me tornara alguém que bebia 'socialmente'.

... Ganhei uma bolsa de estudos da faculdade por jogar no time de basquete... Meu nome sempre era cogitado para participar de congressos.

... Durante os dez anos seguintes fui um pária social. Durante esse período tive todos os tipos de emprego. Devido ao uso excessivo de álcool, geralmente eu pedia demissão antes de ser despedido por ausência continuada no serviço. Também me lembro muito bem do primeiro ataque que tive de *delirium tremens* (DT). Pensei que estava ficando louco. Durante rápidos intervalos de sono eu tinha visões do céu ou do inferno. Ao me recuperar do primeiro ataque, comecei a pesquisar nos livros que tratavam de alcoolismo. Quando descobri que na verdade eu não estava louco, comecei a beber novamente. Depois de cada ataque de DT aumentava a quantidade de álcool que eu ingeria. Subseqüentemente abandonei minha família.

Certa noite um velho amigo parou para me ver. Era evidente que havia ocorrido uma transformação em sua vida. Então participei com ele de algumas reuniões matinais de oração e de um jantar anual do Comitê de Homens de Negócio Cristãos.

... Ele me enviou um folheto intitulado 'Manna from Heaven' (Maná Celestial). Isso me deixou furioso. Quem era esse que achava que era melhor do que os outros?

... O folheto me colocou no caminho que conduzia a um 'encontro pessoal' e final com Cristo.

... Desde então tenho tido muitas oportunidades de falar a respeito de cidades modelos. Essas ocasiões

oferecem uma maravilhosa oportunidade de falar umas poucas palavras sobre Cristo, que mudou minha vida controlada pelo ego. 36

Charles H.Penn

24. FILÓSOFO

"O dr. Cyril E. M Joad, chefe do Departamento de Filosofia da Universidade de Londres... cria que Jesus era apenas um homem, que Deus era uma parte do universo e que, caso o universo fosse destruído, Deus seria destruído. Acreditava que não existe uma coisa dessas chamada pecado, que o homem está destinado a uma utopia, onde, em pouco tempo, o homem construiria o céu na terra.

Em 1948, no suplemento do jornal *Los Angeles Times*, apareceu uma fotografia desse venerável e idoso erudito, e junto dela havia uma declaração acerca da impressionante mudança ocorrida em sua vida. Ele contou como durante muitos anos tinha tido uma atitude negativa diante do cristianismo. Agora ele tinha passado a crer que o pecado era uma realidade.

Para ele, duas guerras mundiais e a iminência de uma outra haviam demonstrado de um modo conclusivo que o homem era pecador. Agora acreditava que a única explicação para o pecado encontrava-se na Palavra de Deus, e que a única solução encontrava-se na cruz de Jesus Cristo. Antes de morrer, o dr. Joad tornou-se um seguidor zeloso do Salvador. 4/2,3

Cyril E.M. Joad

25. PSICÓLOGO

"O professor era educado demais para dizer que o proprietário do apartamento já havia advertido sobre seu vizinho protestante. 'É um protestante bem zeloso', o dono do prédio havia dito. 'Irá tentar converter você'.

O rosto do professor Ruda então revelou um misto de sorriso e tranqüilidade, característico dos povos latinos. 'Deixe que venha. Vamos ver quem é o melhor. Talvez eu consiga convertê-lo para ser um livre-pensador como eu. Não acha?'

O professor sentiu que não tinha nada a temer do zeloso protestante. Ele tinha algum conhecimento pessoal de religião e psicologia. Não tinha sido criado na fé católica, ainda que não mais aceitasse os velhos dogmas? Era doutor em Psicologia e professor de Lógica, e pesquisador na área de Psicologia na Universidade do Sul, na Argentina. Sua principal área de estudo e ensino era desenvolvimento da personalidade. Pensou que talvez fosse aprender alguma coisa ao analisar a personalidade de um missionário protestante.

Depois de assistir a reuniões na igreja do missionário e depois de trocar idéias, esperando mostrar-lhe os erros, Ruda finalmente tomou a decisão ao lado de Cristo. Assim ele explica sua decisão:

'Como um pesquisador no campo do desenvolvimento da personalidade, analisei centenas de pessoas. Procurava descobrir a motivação interior que orienta as atitudes básicas da vida.

Mas quando me encontrei com Charles Campbell vi que ali estava alguém cuja personalidade eu não conseguia explicar racionalmente. Então, quando me tornei cristão, compreendi que, em sua vida, o ingrediente transformador de vida era Cristo. Para mim, hoje a mais importante prova do cristianismo é a surpreendente mudança que se produziu em minha própria vida. A paz e a confiança em Deus tomaram o lugar da ansiedade e da preocupação. Meus problemas aumentaram quando me tornei um cristão, mas Cristo me deu forças para ter vitória sobre todos eles.'" 20/59-64

26. PROFESSOR UNIVERSITÁRIO

"Desde o início de meu tempo de escola tive muito interesse em religião. Li muitos dos principais escritos religiosos da humanidade, inclusive a Bíblia, o Alcorão, a Bhagavad-Gita (dos hindus) e o Tao te

Ching (dos taoístas), desejando chegar às minhas próprias conclusões, formar a partir de um ponto-de-vista intelectual, minha opinião pessoal quanto ao que eu iria crer.

Em 1966 Billy Graham realizou uma Cruzada em Berlim e, junto com outras dez a quinze mil pessoas, sentei-me ali num grande auditório e ouvi enquanto explicava o Jesus Cristo da Bíblia. À medida que falava, percebi que todas as minhas tentativas de formar uma opinião pessoal eram uma preparação para esse exato momento, quando precisei confessar meus pecados e me entregar a Cristo. A partir de minhas próprias leituras e da mensagem de Billy Graham, pude julgar que o evangelho de Jesus Cristo era a verdade real para mim.

A princípio não considerei as outras religiões como falsas, crendo que elas poderiam ter *parte* da verdade ou ter uma outra maneira de expressar a verdade. Mas, posteriormente, enquanto prosseguia meus estudos em literatura comparada nas universidades de Berlim e Genebra, percebi que *não* há qualquer alternativa para a verdade histórica da ressurreição de Jesus Cristo. Realizando a mais cuidadosa investigação, nenhum cientista, nenhum historiador, nenhum crítico literário, caso seja honesto com o seu próprio campo de conhecimento, será capaz de negar a verdade básica do evangelho do Novo Testamento. Nenhuma outra religião ou filosofia da humanidade pode reivindicar esse tipo de confirmação histórica.

É claro que o cristianismo envolve não apenas o intelecto, mas também o espírito e as emoções. É um estilo de vida, e um estilo de vida implica ocupar todo seu ser e todo seu tempo. Minha crença é um assunto pessoal — algo dentro de mim mesmo. Mas quando converso com outra pessoa sobre minha fé, tenho de fazê-lo a nível intelectual, racional, pois a base da crença de uma pessoa é a historicidade da ressurreição.

Hoje são raras as universidades onde a verdadeira fé cristã é ensinada. Os modernos teólogos e filósofos alemães afirmam empregar métodos objetivos de análise literária para determinar o quanto do Novo Testamento é lendário. Mas ao comparar os escritos desses críticos, vejo que estão agindo com base em preconceitos que tinham antes de iniciar a crítica, ignorando qualquer verdade histórica que contradiga suas próprias crenças.

Creio que é possível demonstrar que tudo que está escrito no Novo Testamento dispõe de provas históricas e literárias que lhe dão apoio. Desejo apresentar um método cristão de analisar a literatura, principalmente para fornecer aos estudantes uma alternativa aos métodos comuns de interpretar a literatura (positivismo, estruturalismo, nova crítica, existencialismo, etc). Parece uma tarefa gigantesca, mas eu não estou sozinho tentando realizá-la, Cristo age em mim, dando-me as idéias.

Através dos anos tenho crescido e me fortalecido na fé, e estou com mais certeza acerca de minhas crenças. Meu desejo de encontrar a verdade através do exame de várias religiões e filosofias foi satisfeito nas palavras e na pessoa de Jesus Cristo. Dentro de mim mesmo estou seguro de que minha fé baseia-se em fatos que jamais poderão ser provados como sendo falsos". 48/11

Carsten Thiede é professor assistente de Literatura Alemã e Comparada, na Universidade de Genebra.

Carsten Thiede

27. EX-CHEFE DE QUADRILHA

Este texto extraído da autobiografia de Nicky Cruz, *Foge, Nicky, Foge*, conta a história de sua conversão:

"Wilkerson falava outra vez. Disse algo sobre arrependimento de pecados. Eu me achava sob a influência de um poder um milhão de vezes mais forte do que qualquer droga. Não era responsável por meus movimentos, minhas ações ou palavras. Era como se eu tivesse sido apanhado por uma correnteza selvagem, em um rio turbulento. Não tinha forças para resistir. Não compreendia o que estava acontecendo dentro de mim. Só sabia que o medo desaparecera".

"Wilkerson dizia: 'Ele está aqui! Ele está nesta sala. Ele veio especialmente para vocês. Se querem que suas vidas sejam transformadas, este é o momento exato'. Exclamou então com autoridade: 'Levantem-se! Os que desejam receber Jesus Cristo e ser transformados, levantem-se! Venham à frente!'

Percebi que Israel ficou de pé. 'Rapazes, eu estou indo. Quem vai comigo?'

Eu estava de pé. Virei-me para a minha quadrilha e acenei com o braço: 'Vamos'. Houve um movimento espontâneo: levantaram-se e foram à frente. Mais de 25 dos Mau-maus atenderam ao apelo. Atrás de nós, cerca de 30 rapazes de outras quadrilhas seguiram o nosso exemplo".

"... Eu desejava ser um seguidor de Jesus Cristo."

"... Eu me sentia feliz, mas chorava. Algo estava acontecendo em minha vida, sobre o qual eu não tinha controle ... e aquilo me trazia felicidade."

Desde sua conversão e posterior estudo na faculdade, Nicky tem passado quase todo final de semana atravessando os Estados Unidos, compartilhando sua fé em Jesus Cristo com os jovens norte-americanos.

Num determinado ano, em cruzadas realizadas em cidades, em cultos em igrejas, em reuniões em colégios e faculdades, e em outros encontros, Nicky Cruz falou a mais de 200.000 jovens. 9/147, 148

28. PRESIDÁRIO

"Sou negro. Tenho apenas 23 anos de idade, mas estou pronto para ir, como você pode perceber. Bem, se eu fosse chamado exatamente neste momento, estaria pronto para me encontrar com Deus. Estou de fato feliz. Nesta semana tive um sonho que vou levar comigo quando for para a cadeia. Eu estava indo para o céu. Jesus estava comigo. Mas eu dava quatro passos enquanto ele dava dois. Perguntou-me porque ia tão rápido. Disse-lhe que tinha uma grande vontade de chegar lá. Então cheguei, e fui cercado por um número enorme de anjos.

Algumas pessoas podem pensar que esse é um papo estranho vindo da parte de um homem que chegou à prisão sendo ateu. Mas é assim mesmo que eu me sinto. Você compreenderá melhor quando eu lhe contar como me encontrei com Deus certa madrugada.

Não muito depois de ser preso, o que aconteceu no último dia 23 de março, uma mulher negra como eu, sra. Flora Jones, da Igreja Batista Oliver, me convidou a participar de um culto evangélico para os presos. Na hora eu estava jogando cartas com alguns companheiros de prisão e ri dela. 'Por que eu iria? Nem mesmo creio que existe um Deus', disse com orgulho, e continuei jogando cartas, com a mulher ainda insistindo comigo. Na verdade eu me sentia tão pecador que não queria saber nada a respeito de Deus, mesmo que Ele existisse. Por isso ignorei a mulher.

De repente uma coisa que ela estava dizendo prendeu minha atenção. 'Se você não acredita em Deus', ela disse do lado de fora da cela, 'faça apenas esta pequena experiência. Esta noite, antes de dormir, peça-Lhe que o acorde a qualquer hora que você queira. Então peça-Lhe que perdoe os seus pecados.' Ela tinha fé de verdade. E aquilo me pegou.

Não fui ao culto, mas me lembrei da experiência. Ali deitado na cama, murmurei: 'Deus, se você é real, me acorde às duas e quarenta e cinco'.

Lá fora estava muito frio. As janelas tinham crostas de gelo do lado de dentro. Durante as primeiras horas dormi profundamente, então meu sono se tornou agitado. Finalmente estava bem acordado. Eu estava quente e suando, embora a cela estivesse bem fria. Tudo estava quieto excetuando a respiração pesada de alguns presos e o ronco de alguém ali ao lado. Então ouvi passos fora de minha cela. Era um guarda fazendo a inspeção rotineira. Ao passar eu o parei. 'Que horas são?', indaguei. Olhou para seu relógio de bolso. 'Quinze para as três...' 'É a mesma coisa que duas e quarenta e cinco, não é?', perguntei com o coração de repente batendo mais rápido.

O guarda afirmou com um murmúrio e se afastou. Ele não me viu descer da cama e cair de joelhos. Eu não me lembro exatamente o que disse a Deus, mas pedi-Lhe que fosse misericordioso comigo, um assassino mau e pecador. Sei que me salvou naquela noite. Desde então tenho crido em Seu Filho Jesus.

Eu havia prometido que, no dia seguinte, ia dar uma surra num outro presidiário. Naquela manhã fui até ele. Ele recuou. 'Não quero lutar com você. Você costumava lutar box', ele disse.

'Não quero lutar', respondi. 'Vim apenas ver você.' Alguns presos haviam feito uma rodinha para ver a luta e ficaram desapontados.

'Mas Deus me salvou de meus pecados — por que eu ia querer brigar? Logo espalharam que eu estava tentando dar uma de bem comportado para ver se conseguia escapar da cadeia elétrica'.

Mais tarde meu caso chegou até a Suprema Corte do estado de Illinois, mas eles mantiveram a pena de morte. Sem dúvida isso me abalou um pouco, mas não perdi a fé em Deus. Sei que Ele irá comigo. Como você pode ver, realmente não estou com medo".

(Pete Tannis, que então realizava um trabalho de capelania penitenciária, estando ligado à Missão Pacific Garden, de Chicago, passa a contar a história a partir daqui e descreve as últimas horas de Ernest Gaither na terra.)

"Pude entrar na cela de Ernest cerca de uma hora antes da meia-noite. A atmosfera parecia carregada e

os guardas que estavam ali de pé, perto da cela, ficavam falando para manter a mente de Ernest longe de pensar na viagem da meia-noite. Mas as coisas que diziam eram forçadas e sem sentido, como as coisas que você diz quando não sabe o que dizer.

Quando entrei, Ernest sorriu e me cumprimentou. Um capelão negro estava lendo a Bíblia com ele. Passou-me o Livro e pediu-me que lesse. Escolhi o primeiro capítulo de Filipenses. Ernest se inclinou para a frente e atentamente ouviu enquanto lia:

'Porquanto, para mim o viver é Cristo, e o morrer é lucro... Ora, de um e de outro lado estou constrangido, tendo o desejo de partir e estar com Cristo, o que é incomparavelmente melhor'.

... Um instante depois um capuz foi colocado em sua cabeça e ele começou a dar sua última caminhada. De cada lado havia um guarda, ambos visivelmente nervosos. Ernest percebeu e disse: 'Por que é que vocês estão tremendo? Eu não estou com medo'.

... Finalmente, aos três minutos da madrugada, três descargas elétricas atravessaram o seu corpo.

À meia-noite e quinze cinco médicos já haviam, um a um, examinado Ernest e confirmado sua morte.

Mas eu sabia que o verdadeiro Ernest Gaither ainda estava vivo — só que seu corpo estava morto. Ao deixar a prisão lembrei-me do versículo que ele tanto gostava: 'Para mim o viver é Cristo, e o morrer é lucro'. 1/149-155

DIFERENTES NACIONALIDADES

29. HONG KONG

"Nasci numa família que adorava ídolos, de maneira que eu também os adorava. Por essa razão, o que eu mais gostava de fazer era ficar zombando dos meus colegas de escola que eram cristãos.

Certa noite recebi um folheto evangelístico da Cruzada Mundial de Literatura. O título do folheto era 'O Todo- Poderoso'. Ao ler o folheto senti-me bastante tocado, de modo que escrevi meu nome e endereço no cartão de decisão e o enviei à Cruzada.

Conheço Jesus e agora sou um cristão." 44

30. JAPÃO

Formado em Física pela Universidade de Tóquio, Kosuke Maki recebeu o cobiçado prêmio oferecido pelo governo para quem se destacasse em pesquisas. Depois disso ele estudou em algumas universidades e seminários. Mais tarde passou a fazer parte do corpo docente da famosa Universidade de Tóquio.

Seu tutor, o general comandante da guerra russo-japonesa, o havia educado para levar uma vida extremamente frugal e disciplinada.

"Recebi Jesus Cristo em minha vida quando ainda criança. Mais tarde fui enviado para a guerra, para lutar contra a Rússia. Depois que o Japão perdeu a guerra perdi meu título de nobreza e meus bens. Viver tornou-se muito difícil. Tornei-me cético para com Deus".

"Dois anos depois meu melhor amigo estava à beira da morte. Ele me disse: 'Maki! Não tenho esperanças, não tenho paz. Estudei medicina, mas o conhecimento e o dinheiro não são tudo. Por favor, me ajude!' Como eu fiquei me culpando! Eu não era capaz de ajudar em coisa alguma. Profundamente arrependido, recebi o maravilhoso perdão de Deus. A única Pessoa com a resposta que, lá no íntimo, ansiamos é Jesus Cristo. Cristo é a única esperança real em que podemos basear nossa vida e nossa morte".

22

31. BRASIL

"Chamava-se Papa e até 1954 nunca tinha visto um homem branco.

De amigos da tribo xavante ele ouviu histórias a respeito de intrusos vindos do estranho mundo lá de fora, mas Papa nunca acreditou muito nelas. Eles lhe falaram de pessoas com rostos pálidos. Um grupo que havia saído para caçar havia surpreendido os homens brancos à margem do rio Coluene e os havia chamado de deuses. Flechas que eram capazes de matar um periquito a vinte metros de distância por alguma maneira não atingiram os missionários quando os xavantes dispararam diretamente neles.

Com um impulso de coragem, Papa foi até Batovi acompanhado de dois outros indígenas para ver

pessoalmente aquelas estranhas criaturas. Com coragem vinda de algum lugar desconhecido, ele ousou tocar o braço de Tom Young e, de uma vez por todas, chegou à conclusão de que o branco era um ser humano de carne e osso.

Pouco a pouco se rompeu a barreira da língua. Papa ajudou Young e a esposa a aprenderem o complicado idioma xavante — e com todo orgulho aprendeu algumas palavras simples do português. E mais do que isso, ele ouvia com atenção.

Então certo dia Papa calmamente falou em língua xavante ao Filho de Deus e disse: 'Jesus, você é bom. Eu sou mau. Entre em meu coração e faça com que eu também seja bom'.

Papa se tornou o primeiro pregador xavante — o primeiro de sua tribo a falar a outros a respeito de Jesus Cristo.

Seu rosto radiante é um testemunho eloqüente da obra da graça operada em seu coração. Muitos xavantes seguiram as pisadas de Papa. Mais de 300 de seus companheiros de tribo são crentes em Jesus Cristo" 49

32. ZAIRE (CONGO)

"Certa noite eu me meti numa briga por causa de um problema de infidelidade. Fui parar na prisão por causa disso... Eu fiquei tão cego de ódio com um amigo bem chegado, por ter ele traído a esposa, que eu apanhei um pedaço de pau e bati nele com tanta força que o matei instantaneamente. Fui condenado à prisão perpétua e fiquei preso junto com outro homem, também condenado por assassinato. A noite ele me contava sobre o seu Salvador. Depois de dez meses foi transferido para outro lugar. Comprei uma Bíblia, mas ela foi encontrada e queimada... Dois outros prisioneiros que tinham ficado interessados em conhecer mais sobre Cristo me ajudavam todos os dias, levando seus pedaços de Bíblia sob os uniformes, Togo abaixo do cinto... Eu me entreguei a Ele. Paulo começou a ser meu exemplo... Tudo o que me resta fazer é servi-IO e louvá-IO, pois dEle sou, com todo desejo, prisioneiro para sempre". 23/90, 91

Appollo Maweja

33. INDÍGENA NORTE-AMERICANA

"Nascida na reserva indígena de Klamath, no sul do estado do Õre-gon, June Wright Poitras pouco se importava com a vida indígena e não tinha orgulho algum de sua herança racial.

Ela ia batizar o Modoc Point, um navio de carga da classe Liberdade, que foi lançado em Portland, estado do Õregon. Ela recebeu de presente uma gravação daquela festa, e à medida que, repetidas vezes, punha a gravação para tocar, ficava impressionada com a oração de dedicação, feita por um pastor de Portland, rev. Kenneth Dulkenberger... Ela veio a aceitar Jesus Cristo como seu Salvador e Senhor.

A alegria de conhecer Jesus Cristo não apenas como Salvador mas também como Amigo tem dado a ela uma nova apreciação pelo estilo de vida e tradições indígenas". 21

34. TCHECOSLOVÁQUIA

"Aos 16 anos de idade eu era um ateu. Aos 18, eu organizava células da Juventude Comunista em nossa fábrica. Agora eu tinha acabado de ser eleito presidente nacional da Juventude Comunista. Fui, então, dormir e sonhei.

... Ouvi uma voz vinda do céu; 'Vede que ninguém vos engane. Porque virão muitos em meu nome, dizendo: Eu sou o Cristo... então... verão o Filho do homem vindo sobre as nuvens com poder e muita glória'.

... Acordei assustado. Meu coração batia disparado. Tentei me convencer de que aquilo não passava de um sonho. Mas a presença de Deus era real naquele quarto. Ajoelhando-me ao lado da cama, orei: 'Qh! Senhor. Perdoa-me. Aceita-me'.

Passei orando o resto da noite. Então às primeiras luzes do dia ouvi uma outra voz falando dentro de mim: 'O que é que você fez? Você terá de abandonar tudo aquilo pelo que você lutou. Seus velhos amigos irão zombar de você, fazer pouco caso de você, perseguir você. Desista dessa idéia antes que seja tarde

demais'.

Eu estava cheio de temores, mas dentro de mim Deus me disse: 'Não tema; o meu Espírito dará testemunho em seu lugar'.

'... Estou renunciando às minhas funções como líder de vocês pois eu não posso mais ser um comunista', foi o que eu disse.

'Você está louco!', responderam. 'Por que quer fazer uma tolice dessas?'

'Não posso mais seguir os ensinamentos de Marx e Lênin', eu disse, 'porque agora sigo a Jesus Cristo'.

... Atualmente pastoreio uma pequena igreja próxima à fronteira com a Rússia. Se for mandado para a prisão, não me importo, pois onde quer que eu estiver eu O sirvo, e Ele me fortalece.

Lênin ensinou que você transforma o homem ao transformar a sociedade. Jesus, contudo, ensina que você transforma a sociedade ao transformar o homem. Sirvo na 'nova ordem mundial' de Deus, que teve início com o maior revolucionário de todos os tempos — Jesus Cristo." 7

Jan Chelcicky

35. VIETNÃ

"Uma comitiva de líderes da tribo halang recentemente esteve na capital da província de Kontum, no planalto vietnamita. Estavam à procura de um pastor vietnamita e explicaram o propósito de sua ida à capital. Disseram que haviam observado que o caminho cristão proporcionava uma maneira de viver mais feliz e melhor. De modo que eles solicitavam que algum professor os acompanhasse.

Din... era o chefe do vilarejo halang, onde o casal Jim e Nancy Cooper, da Associação Wycliffe de Tradutores da Bíblia, se instalou em 1963, para aprender o idioma halang. Os Coopers aprenderam a maior parte do que sabiam sobre aquela língua através das histórias que Din lhes contava.

A maioria das histórias contadas por Din eram sobre sacrifícios aos espíritos e tabus que as pessoas tinham que aceitar. Parecia que não existia nada que se pudesse fazer para apaziguar os espíritos. O próprio Din tinha uma profunda consciência disso. Sua esposa ficou doente e depois perdeu a casa num incêndio. As pessoas começaram a dizer que os espíritos estavam com raiva dele porque ele estava revelando costumes dos halangs ao casal Cooper. Ainda assim continuou trabalhando com os missionários.

Não se passou muito tempo e Din começou a demonstrar um interesse pelo evangelho que estava ajudando a traduzir. Ele tinha o costume de escrever bilhetes para o missionário e deixá-los na escrivaninha ou máquina de escrever. Geralmente os bilhetes só tratavam de coisas como sair mais cedo na sexta-feira ou talvez um adiantamento do salário. Mas numa determinada manhã o bilhete dizia: 'Ensine-me sobre a sua religião'.

Jim Cooper explicou que a religião cristã está na Palavra de Deus, que está na Bíblia. Din já havia ajudado a traduzir a história de Jesus morrer pelos homens para que ficassem livres do pecado e pudessem se tornar filhos de Deus. Ainda havia uma porção de perguntas para se responder, mas aconteceu uma transformação fundamental na vida de Din. Passou a dedicar todas as suas energias e tempo disponíveis para conhecer Deus e Sua Palavra. Certa vez estava sentado num jipe, num campo de aviação, tão absorto em ler a Palavra de Deus que nem mesmo a ameaça de um acidente de avião que aconteceu bem à sua frente conseguiu distraí-lo.

Então, num determinado dia, apareceu um bilhete na máquina de escrever do missionário. Dessa vez dizia: 'O que me deixa feliz? Jesus me deixa feliz.' E bem ali está a explicação para a comitiva de líderes tribais que vieram a Kontum pedir um professor." 51

ESTUDANTES DE TODO O MUNDO

36. CANADÁ

"Quando eu estava no segundo grau eu achava que era o tipo de gente que todo mundo manda para o vestiário para limpar o chão. A imagem que eu tinha de mim mesmo não mudou quando cheguei à faculdade.

Por volta do segundo ano de faculdade eu havia passado a depender de tranqüilizantes, porque eu não conseguia levar a vida sem isso.

... Então entreguei a Ele todas as partes de mim mesmo — o meu intelecto, a minha vontade, as minhas emoções.

... Comecei a perceber o quanto Deus estava me transformando. Descobri que eu estava liderando as pessoas em vez de ir atrás de outras. Descobri que podia ter confiança, não em mim mesmo, mas na ação de Deus em minha vida. Isso me deu condições de encarar os meus estudos com uma nova atitude.

Eu era uma pessoa totalmente derrotada, mas Deus me transformou em alguém que O serve e que confiança na capacidade que Ele tem de dirigir a vida." 8/10

David Cale

37. TAILÂNDIA

"Embora criado numa família budista, eu cria que em algum lugar do universo existia um ser supremo, só que eu não sabia quem Ele era.

... Medo, solidão e um vazio ainda dominavam meu coração.

_ Eu O convidei para vir ao meu coração e à minha vida, para ser o meu Salvador e Senhor.

... Meu patrão me fez uma pergunta. Olhou para mim e disse: 'O que é que aconteceu com você?'

Cristo também mudou minha atitude para com minha família. Eu sempre tinha me preocupado com eles, mas depois de confiar em Cristo eu os entreguei a Deus.

_ Deus me deu um novo coração e uma nova vida". 8/21

38. QUÊNIA

"Deve ser óbvio que existe uma grande diferença entre uma pessoa e uma atividade. No entanto, eu nunca considerei Jesus como uma pessoa, mas como algo ao redor do qual existiam muitas atividades.

.. Pela primeira vez vi claramente que apenas estar ativo nas coisas cristãs não era o suficiente. Para conhecer Deus de verdade eu precisava pedir a Jesus Cristo para entrar em meu coração.

... Cristo fez várias mudanças importantes em minha vida. Encontrei mais sentido para a vida. Deus mudou minha maneira de agir. Deixei de dar mais valor às atividades para passar a conhecer melhor a Jesus. 8/17

Samson Nginyo Karugo

39. CANADÁ

"Eu não gostava de ser egoísta, mas eu não conseguia resolver esse meu problema.

... Fui estudar numa faculdade numa outra cidade. Comecei a experimentar muitas coisas diferentes. Comecei a duvidar da existência de Deus. Fui a uma reunião religiosa só para agradar meus pais.

... Quando cheguei ao local da reunião fiquei realmente bem impressionada com a felicidade demonstrada pelas pessoas e pelo amor que tinham umas pelas outras, pois a maioria das pessoas que eu conhecia estava tentando ser feliz, mas não conseguia.

_ Eu apenas tive que aceitá-lo ali na hora.

... Desde então minha vida nunca mais foi a mesma. Encontrei tanta alegria que quero falar a todo mundo sobre Cristo.

Deus também mudou a atitude que eu tinha para com a minha família.

.. Em vez de fazer tudo o que eu posso para, de um modo egoísta, me satisfazer a mim mesma, eu desejei ir até os outros e ajudá-los". 8/10, 11

Beth Cale

40. FINLÂNDIA

"A certa altura da minha vida eu realmente não tinha qualquer idéia específica acerca de Deus.

Na universidade aonde fui estudar encontrei um grupo de estudantes tão entusiasmado com o relacionamento pessoal que tinham com Deus que eu me perguntei por que não poderia ter o mesmo tipo de certeza que eles tinham. Quando me disseram que tudo o que eu tinha que fazer para conhecer pessoalmente a Deus era pedir a Jesus Cristo que entrasse em meu coração como o Senhor e Salvador, eu imediatamente me entreguei ao Seu controle amoroso".

... Talvez a maior mudança que Deus operou em minha vida seja na atitude para com os outros. Agora a coisa mais importante que posso fazer pelos outros é dizer-lhes como podem ter um relacionamento pessoal com Deus através de Seu Filho, Jesus Cristo, porque as pessoas em todos os lugares estão prontas, apenas esperando ouvir as boas novas a respeito do amor que Deus tem para com cada uma delas". 8/5

Olli Valtonen

41. PANAMÁ

"Eu não conseguia pôr as minhas idéias em ordem. Eram tão abstratas e vazias.

... Recebi a Cristo em minha vida.

Comecei a perceber que minha vida estava mudando. Uma das primeiras provas da presença de Deus em minha vida foi que, no momento em que recebi a Cristo, senti que, com a ajuda de Deus, eu poderia me tornar uma boa enfermeira". 8/29

Maria Rodriguez

42. INGLATERRA

"Esqueça Deus. Foi essa a atitude que desenvolvi quando tinha 14 anos de idade.

... Mas quando cheguei à faculdade, senti que a vida não era nada mais do que envelhecer e morrer.

... Certa noite comecei a ler o Novo Testamento.

... Naquela noite eu orei: 'Jesus, se você está aí e se essa é a sua história, venha até mim porque eu quero conhecer você.'

... É difícil descrever a paz e a alegria que invadiram minha vida naquela hora. Deus começou a me transformar.

Sei pelas mudanças grandes e pequenas que encontrei a realidade de Deus. Estou em contato com Ele". 8/4

David Taylor

43. ÍNDIA

"Minha vida estava sendo uma vida de preocupação com os problemas sociais e econômicos e com a sua solução. Eu estava frustrado e aborrecido com quase tudo.

... Cheguei à conclusão de que Deus era um produto da imaginação e escravo de pessoas anormais.

... Tornei-me um marxista radical. Tive oportunidade de assistir a uma reunião promovida pela entidade College Life (Vida Universitária).

... O conferencista apresentou as reivindicações que Jesus de Nazaré fazia a toda a raça humana. Senti que ele havia demonstrado que as filosofias em que eu havia crido estavam erradas.

... Desde que Jesus Cristo entrou em minha vida, encontrei propósito e significado para a minha vida. A frustração foi embora.

... Era época de eleições na faculdade, quando me tornei cristão. Os candidatos à eleição tinham permissão para falar cinco minutos a cada classe.

De maneira que fui às classes e disse: 'Quero apresentar um dos maiores candidatos em que você pode votar'. Então eu falava sobre a singularidade dessa pessoa e finalmente eu dizia: 'Ele é o único que merece o seu voto. O seu nome é Jesus de Nazaré'." 8/20

Charlie Abero

44. GUATEMALA

"Pode-se definir uma idéia errada como sendo uma compreensão errada. Isso descreve muito bem o problema que eu tinha com Deus.

... Alguns amigos e eu começamos a estudar livros de filosofia e psicologia.

... Cheguei à seguinte conclusão: os problemas do mundo são culpa de Deus.

... Um obreiro da Cruzada Estudantil e Profissional para Cristo me contou como eu poderia conhecer a Deus melhor ao pedir a Cristo que viesse habitar em minha vida como meu Salvador pessoal. E assim fiz.

Agora vejo como Deus realmente é amor". 8/29

Arturo Jimenez

45. BERLIM, ALEMAHHA

"O suicídio parecia ser a única solução. Quando começaram a surgir grandes problemas, eu não conseguia resolvê-los. Minha vida ficou tão sem sentido, que cheguei à conclusão de que das duas uma: ou Deus não existia ou Ele estava fazendo troça de mim. No meu desespero comecei a ler Nietzsche, Sartre e outros filósofos que acreditavam que Deus está morto, mas isso também não me satisfaz".

Uma amiga começou a me falar de um novo relacionamento que ela passara a experimentar com Jesus Cristo.

... Através da oração eu O convidei a entrar em meu coração e tomar conta de minha vida.

... Cristo realmente veio para a minha vida. Minha vida tem sentido. Eu ainda enfrento os mesmos problemas, mas através de Cristo posso encará-los e resolvê-los.

... Estou feliz por ter entregado minha vida a Ele". 8/4,5

CONVERTIDOS DE OUTRAS RELIGIÕES

46. JUDAÍSMO

"Mas enquanto eu ia à sinagoga tinha outras indagações...

Será que realmente importa para Deus o tipo de alimento que eu como? E se eu jejuar e observar certas tradições, será que essa questão de alimentos não será menos importante? Será que tudo o que há na vida é dinheiro, materialismo, sexo e popularidade?

... Li nas Escrituras que Deus iria enviar um sacrifício perfeito para fazer expiação pelos meus pecados, um sacrifício chamado Messias.

Mas como eu poderia saber quem seria esse Messias? Então, na Bíblia judaica, vi todas as profecias que O identificavam, tais como que nasceria em Belém da Judéia, nasceria de uma jovem virgem, morreria crucificado e ressuscitaria dos mortos!

Eu sabia que, em toda a história da humanidade, só uma única Pessoa poderia ser seriamente considerada — Yeshua, conhecido pelos gentios como Jesus!

E eu, um judeu, ainda rapazinho, não sendo muito religioso, estando sozinho ali no meu quarto, orei... 'Messias, se você está aí, ENTRE NO MEU CORAÇÃO E NA MINHA VIDA, E PURIFIQUE-ME COM O SEU PRECIOSO SANGUE DE EXPIAÇÃO! '

Foi como se eu estivesse num quarto às escuras e de repente alguém acendesse as luzes!

Deus, que tinha estado a milhões de quilômetros de distância, repentinamente passou a estar mais perto de mim do que minha própria mãe, minha irmã, minhas mãos ou até mesmo meu próprio fôlego! FINALMENTE ENCONTREI A PAZ, O PROPÓSITO DE VIDA, A ALEGRIA E A REALIDADE QUE EU VINHA PROCURANDO!! !"5

Manny Brotman
Presidente do Movimento Internacional
dos Judeus Messiânicos

47. ISLAMISMO

"O bispo John A. Subhan, da Igreja Metodista Episcopal em Hyderabad, Paquistão, foi alguém que se converteu do islamismo. Nascido em Calcutá, na Índia, pertencia a uma próspera família muçulmana, cujos ancestrais eram da raça mongólica e tinham servido na corte do império mongol.

A nova etapa em sua vida teve início com um acontecimento bem simples: um amigo muçulmano deu-lhe uma cópia do Evangelho. Quando a mesma coisa havia acontecido alguns anos antes, ele havia rasgado o livro em pedaços, apesar de um grande desejo não satisfeito. Esse desejo, o de conhecer e compreender a revelação dada em Jesus, nunca diminuiu. Pelo contrário, o conhecimento íntimo que tinha do sufismo só fez aumentar esse desejo. Dessa vez ele decidiu estudar o livro. Ele ainda considerava o livro como tendo sofrido corrupções, mas raciocinava que devia conter pelo menos algumas partes da revelação original. Quanto às partes blasfemas, certamente poderiam ser facilmente detectadas e rejeitadas como interpolações ou invenções feitas por maus cristãos!

O resultado da leitura inicial foi surpreendente. Primeiro, não encontrou uma única frase ou expressão blasfema ou satânica, embora houvesse lido com bastante atenção. Segundo, o bom senso lhe dizia que a corrupção deliberada de livros sagrados deve ter boas razões para tanto. O exame cuidadoso que fez do Evangelho não apresentou motivos razoáveis que indicassem uma possível corrupção do texto. O elevado ensino ético do Evangelho, por exemplo, não revelava qualquer sinal de deturpação; ali não havia qualquer ética baseada na conveniência. Chegou também à mesma conclusão ao estudar as narrativas do Evangelho. Nenhum discípulo teria inventado a história da crucificação com todo aquele tratamento vergonhoso dado ao fundador do cristianismo. Mesmo que fosse um fato real, a crucificação teria sido a primeira coisa a ser retirada ou modificada. Como a crucificação refutava tão claramente a afirmação de que Jesus era o Filho de Deus! É revelador o conflito do jovem muçulmano com suas idéias preconcebidas sobre o Novo Testamento".

A segunda leitura que fez do Evangelho deixou-o com a profunda convicção de que aquele era o verdadeiro Injil, de que era a palavra de Deus e Sua revelação. O resultado de ler o Evangelho era visivelmente diferente daquele produzido pelo recitar do Alcorão.

Ao fazer a segunda leitura Subhan decidiu tornar-se cristão. Estava convencido de que o cristianismo era a única religião verdadeira. Essa convicção e a decisão que tomou são notáveis, pois, além do Evangelho que recebera, não tinha conhecimento algum da fé cristã. Durante todo esse tempo sua vida vinha girando em torno do islamismo, ele não tinha qualquer amigo cristão. O Evangelho foi-lhe dado por um muçulmano.

Subhan assim resume sua experiência de cristianismo: 'Não é uma mera aceitação de crenças e dogmas, embora sejam necessários, mas em essência é viver em íntima comunhão com Cristo. Não é apenas uma religião para se praticar, mas também uma vida para viver'." 14/51-61

48. HINDUÍSMO

"Anath Nath Sen nasceu em Calcutá, na Índia...

Ainda jovem, Anath Nath levava a religião de seus ancestrais muito a sério. Observava estritamente todas as leis, costumes e tradições da sociedade hindu. Tornou-se um hindu zeloso e era especialmente consagrado a Krishna. Esse zelo era acompanhado de um ódio impressionante contra o cristianismo, porque achava que era uma religião estrangeira. Junto com outros rapazes, Anath Nath costumava realizar certas atividades com o propósito de atrapalhar as reuniões dos cristãos. Algumas vezes faziam um barulho terrível, algumas vezes atiravam objetos. Quando essas tentativas falhavam, Anath Nath organizava bandos de rapazes para comprarem porções dos evangelhos, folhas de hinos e também folhetos, e então os queimavam na frente dos missionários.

Num determinado ano Anath Nath e seus companheiros planejaram incendiar a casinha de sapé que os missionários utilizavam como sala de leitura e livraria. Na noite anterior Anath Nath entrou furtivamente na sala de leitura e, por curiosidade, roubou uma Bíblia. Já em seu quarto, sozinho, começou a lê-la. Primeiro leu o Sermão do Monte, então relatos sobre o chamado de Cristo aos pecadores, e, finalmente, depois da meia-noite, a descrição que São Lucas faz da crucificação. Os princípios de não-violência e não-

resistência ensinados e praticados por Cristo mexeram com a consciência de Anath Nath. Em consequência disso, ele cancelou o plano de incêndio, para grande surpresa de seus colegas de conspiração. Estes acharam-no covarde, mas não tiveram coragem de contestá-lo.

No entanto, ele ainda esperava encontrar na religião de seus ancestrais a verdade que tanto almejava. Fez peregrinações a Benares, Prayag, Gaya, Brindaban, Hardwar, Rishikesh e a vários outros lugares. Esteve junto de sanyases, ou ascetas, e de faquires, mas a paz interior parecia fugir dele. Um missionário fez amizade com Anath Nath. Através desse missionário ele percebeu que Jesus era uma pessoa histórica, real, 'o verdadeiro Salvador do mundo'.

Ele já estava a caminho de uma entrega total a Cristo. Ele mesmo descreve com detalhes a experiência que teve na época. 'Ouvi Jesus dizer: Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim.' Não está bem claro se foi uma voz audível ou interior a que ouviu, mas ele comenta: 'Para mim foi uma revelação maravilhosa, e a partir daquele momento compreendi que Jesus Cristo era o Mestre do mundo e decidi procurá-lo, encontrá-lo e adorar o Seu Pai como o verdadeiro Deus.'" 14/4145

49. HINDUISMO

"Nasci numa família que era considerada de casta sikh e na qual o ensino do hinduísmo era considerado profundamente essencial. Minha querida mãe era um exemplo vivo e uma expoente fiel desse ensino. Ela costumava levantar-se todos os dias antes do alvorecer e, depois de banhar--se, costumava ler a Bhagavad Gita.

Com freqüência eu costumava ler as escrituras hindus até à meia-noite a fim de satisfazer de alguma maneira a sede de paz que existia em minha alma.

Freqüentemente pedia ao pândita que me explicasse as dificuldades espirituais que experimentava.

'Você não conseguirá de uma só vez alcançar esse grau de espiritualidade. Para alcançá-lo é essencial que transcorra um longo período de tempo. Por que você está tão apressado? Se você não satisfizer essa fome durante esta sua vida, você irá satisfazê-la nos seus próximos renascimentos, contanto que você continue buscando-a', foi o que disse.

Num intervalo de poucos meses perdi minha mãe e meu irmão mais velho. Isso foi um choque muito grande para mim. A idéia de que nunca mais devia vê-los de novo lançou-me no desespero e no abatimento, pois eu jamais poderia saber em que forma eles tinham renascido, e nem mesmo poderia saber o que eu provavelmente seria nos próximos renascimentos.

Na religião hindu, o único consolo para um coração partido como o meu era que eu deveria me submeter à minha religião e me curvar diante da inexorável lei do karma, que é a lei de obras e retribuição.

Então ocorreu uma outra mudança em minha vida. Para receber educação secular, fui enviado a uma pequena escola primária que fora aberta pela Missão Presbiteriana Norte-Americana no vilarejo de Rampur, onde morávamos. Naquela época eu tinha tantos preconceitos contra o cristianismo que não aceitava ler a Bíblia nas aulas diárias de religião. Meus professores insistiam comigo para que eu freqüentasse as aulas, mas eu me opunha tanto que no ano seguinte deixei aquela escola e fui estudar numa escola do governo em Sanewal, cerca de cinco quilômetros de distância, e ali estudei durante alguns meses.

Até certo ponto os ensinamentos do Evangelho acerca do amor de Deus me atraíram, mas eu ainda achava que era algo falso. Eu estava tão convicto de minhas opiniões que certo dia, na presença de meu pai e outras pessoas, piquei um Evangelho e o queimei.

Pela minha maneira de pensar, eu achava que tinha feito algo bom ao queimar o Evangelho, no entanto minha insatisfação íntima aumentou e, nos dois dias seguintes, eu me senti um miserável. No terceiro dia, quando senti que não ia conseguir agüentar mais aquela depressão, levantei-me às três da manhã e, depois de lavar-me, orei para que se houvesse um Deus de verdade Ele se revelasse para mim, me mostrasse o caminho da salvação e acabasse com aquela agitação da minha alma. Tomei a firme decisão de que, se essa oração não fosse ouvida, antes do raiar do sol eu desceria até a linha da estrada de ferro e colocaria minha cabeça sobre o trilho antes de passar o expresso de Ludhiana.

Até as quatro e meia continuei orando, esperando e aguardando ver Krishna, Buda ou algum outro

avatar da religião hindu, mas eles não apareceram. Parecia haver uma luz brilhando no quarto, e abri a porta para ver de onde ela vinha, mas lá fora estava tudo escuro. Voltei para dentro e parecia que a esfera de luz aumentou em intensidade. Nessa luz apareceu não a forma que eu esperava, mas o Cristo vivo que eu considerava morto.

Por toda a eternidade jamais esquecerei Seu rosto glorioso e amoroso, nem as poucas palavras que falou: 'Por que me persegue? Veja, morri na cruz por você e pelo mundo inteiro'. Essas palavras incendiaram meu coração como se eu tivesse sido atingido por um relâmpago, e caí ao chão perante Ele. Meu coração estava cheio de alegria e paz indizíveis, e minha vida inteira foi totalmente transformada. Então o velho Sundar Singh morreu e um novo Sundar Singh nasceu para servir ao Cristo vivo.

Uma das características dessa nova vida é o constrangimento a levar outras pessoas a Cristo. Constrangimento não por obrigação, mas pelo desejo de deixar outros experimentarem a alegria dessa experiência maravilhosa. Durante as férias de verão fui a Subathu e a Simla, e, em vez de voltar à escola, fui batizado e comecei a viajar como um *sadhu* e a pregar o Evangelho.

Sem Cristo eu tinha estado sem esperança e cheio de medo quanto à vida futura. Agora, com a Sua presença, Ele tem transformado medo em amor, e desesperança em clara compreensão das verdades espirituais. O medo é passageiro, o amor é eterno. A fé e o amor podem ser comparados às gavinhas de uma trepadeira, as quais se agarram fixamente à coluna. De modo que a fé e o amor, recebendo a luz e o calor do sol de Deus, crescem em direção ao céu, e se apegam em torno do Senhor de amor; mas sem Ele, estando sem esperança e em trevas, pouco a pouco enfraquecem e morrem".

Sundar Singh, provavelmente o cristão de origem hindu que teve a conversão mais incomum, a partir daí pregou o evangelho salvador de Jesus Cristo entre seu povo. Empreendeu algumas perigosas viagens missionárias ao Tibete, sendo que da última jamais voltou. 40

50. SATANISMO

"Meus pais eram membros de igreja e eu tinha freqüentado a igreja regularmente junto com eles. Mas isso era uma coisa vazia. Jesus Cristo era uma personagem um tanto quanto vaga e distante, com quase nenhum significado para mim. Quando fazia perguntas sobre Deus a meus pais, eles se esquivavam de responder. 'Você só sabe fazer perguntas', diziam. 'Faça como a gente. Simplesmente aceite.' Mas eu era incapaz de simplesmente aceitar e, quanto a mim, a igreja não tinha nada a oferecer.

Entretanto, eu estava constantemente em busca de alguma coisa que preenchesse o vazio em minha vida. Com a idade de 17 anos encontrei uma médium espírita.

'A única maneira de viver', disse a minha nova amiga, 'é através do que dizem as cartas e o horóscopo. Venha, quero lhe mostrar como funcionam'.

Fiquei fascinada. Ela parecia controlada por um espírito estranho, e numa visão, como que em transe, ela pôs as cartas sobre a mesa e me falou de acontecimentos passados da minha vida com uma exatidão impressionante. Também demonstrou uma estranha capacidade para curar enfermidades. Com freqüência médicos enviavam pacientes para ela.

'Aqui está um baralho', ela me ofereceu certo dia. 'Você sempre deve começar o seu dia lendo as cartas.' Com bastante agilidade abriu as minhas cartas e me ensinou a interpretá-las. Aprendi as diferentes combinações e o significado delas. Logo já era capaz de prever acontecimentos futuros, ou pelo menos assim parecia'.

Nos meses seguintes eu me vi mais e mais controlada por essa misteriosa mulher. Passo a passo ela me conduziu ao mundo dos espíritos até que certo dia ela declarou: 'Agora você é como nós. Quer fazer o juramento?'

Incapaz de dizer não, balancei a cabeça afirmativamente. Quase sem saber o que estava fazendo, cortei o meu dedo e com o meu próprio sangue escrevi: 'Eu te entrego, ó Satanás, meu coração, meu corpo e minha alma.'

Minha vida passou a ser totalmente controlada pelas cartas e pelo horóscopo. Eu nem tinha coragem de respirar sem primeiramente consultá-los.

O demônio, que agora possuía controle sobre minha alma, me atormentava sem parar. Eu fazia coisas que não podem ser contadas em público. Aos 19 anos de idade eu estava totalmente desmoralizada.

A melancolia e a depressão tomaram conta de mim. Eu tinha ataques nervosos. Eu não conseguia me dedicar ao meu trabalho de enfermeira por causa da agitação que enfrentava no íntimo e o meu trabalho, por causa disso, ficava prejudicado.

Em março de 1960 assinei o mapa astrológico que previa que eu iria tirar a minha própria vida no dia 26 de julho. De acordo com o horóscopo, minha vida já não tinha qualquer valor. E foi assim que na noite de 25 de julho eu fiquei perambulando pelas ruas escuras à procura de uma saída. Eu estava apavorada com a idéia de morrer.

Uma musica muito bonita penetrou na minha alma agitada e fui atraída até uma reunião religiosa que estava sendo realizada numa grande tenda. Disfarçadamente entrei na tenda. A música terminou e o conferencista, Leander Penner, da Missão à Grande Europa, ficou de pé. 'Esta noite vou lhes falar acerca do maravilhoso poder do Evangelho', ele disse.

Eu queria correr dali, mas não tinha força alguma. Em todos os meus anos em que freqüentara a igreja jamais tinha ouvido desse Cristo — um Salvador pessoal que havia morrido pessoalmente por mim. Ah! como eu gostaria de me libertar de Satanás.

'Só Cristo pode quebrar o poder de Satanás', disse o pregador. Ele convidou os ouvintes a irem à frente e confessarem a Cristo. Com esforço fui até a frente e indaguei: 'Existe esperança para uma pecadora como eu? Pregador, se aquilo que você diz é verdade, eu quero libertação. Ore por mim'.

O evangelista orou e então me assegurou que Cristo podia e iria perdoar o maior dos pecadores se ele apenas Lhe pedisse. 'O que vem a mim, de modo nenhum o lançarei fora', disse, citando João 6:37.

Mas eu não consegui pedir ajuda a Cristo. A cada vez que eu tentava, sentia uma mão invisível estrangulando minha garganta.

Eu queria gritar: 'Mas amanhã será tarde demais!' Fui para casa amedrontada.

A longa noite de terror passou. Não consegui dormir. Só pude ficar mais apavorada com o dia que se aproximava. Lentamente a luz do dia foi invadindo meu quarto e eu mecanicamente abri as cartas e me aprontei para ir trabalhar.

Eu me estremeci toda ao cruzar o rio a caminho do hospital. Logo eu estaria lá embaixo. Cheguei ao trabalho e mais uma vez tentei escapar de meu atormentador. Apanhei o telefone e, com o dedo trêmulo, disquei para o evangelista. 'Pode vir agora aqui?', perguntei. 'É uma questão de vida ou de morte.'

Quando chegou correndo, perguntei exigindo uma resposta: 'O seu Cristo realmente tem poder sobre Satanás?'

'É claro que sim', ele me assegurou.

'Entreguei-lhe a caixa contendo o meu horóscopo e a promessa de morte cuidadosamente dobrada. Leia', implorei. 'Se o seu Cristo não puder me resgatar agora, terei de pular no rio esta tarde. A hora, o local e o método já foram determinados para mim'.

Orou fervorosamente e senti como se estivesse sendo rasgada ao meio. Eu me contraía e tremia incontrolavelmente. Lágrimas esfriaram o meu rosto. Em vão eu tentava alcançar Cristo. Tentei orar, mas um poder invisível me sufocava, tal como antes. 'Não adianta. Não consigo', gritei.

'Você não consegue, mas Cristo consegue', foi a resposta sincera que ouvi. Durante meia hora o pregador orou e dentro de mim travava-se uma batalha. Com uma violenta contorção atirei-me de joelhos e implorei ao Senhor que tirasse de mim essa terrível obsessão demoníaca. O poder de Cristo saiu ganhando, e um sentimento de paz inundou minha alma. Eu sabia que poderia viver.

Durante uma semana, após esse acontecimento, lutei para ter a coragem de viver sem as muletas do ocultismo. Por fim, bastante apreensiva, coloquei tudo aquilo numa sacola e entreguei-a ao Senhor Penner. Então comecei a subir a longa estrada rumo à estabilidade e serenidade espirituais. Ao longo do caminho tenho experimentado retrocessos, e algumas vezes sinto uma presença sinistra, mas a força de Cristo é sempre suficiente quando suplico por ela.

Hoje, pela graça de Deus estou trabalhando num centro de orientação bíblica, ajudando a imprimir e a distribuir folhetos evangelísticos. Minha oração diária é: 'Senhor, por favor, deixa-me ser uma bênção para alguém que ainda esteja preso a Satanás.'" 2/68-71

Anônimo

CÉTICOS CONVERTIDOS

51. FRANK MORISON

Frank Morison foi um jornalista inglês que se lançou a provar que a história da ressurreição de Cristo não passava de um mito. No entanto, suas investigações o levaram ao ponto de pôr sua fé no Cristo ressurreto. Morison passou a escrever um livro em que narra suas descobertas, livro que leva o título de *Who Moved the Stone?* (Quem Moveu a Pedra?).

"Eu desejava apanhar essa última etapa da vida de Jesus, com todo seu drama movimentado e vibrante, com seu contexto bem antigo e claramente definido, e com seu enorme interesse psicológico e humano — e desvencilhá-la dessas crenças primitivas e suposições dogmáticas que tomaram conta da história, para então poder enxergar essa pessoa supremamente grande tal como era.

Não é preciso descrever aqui como, depois de mais de dez anos, surgiu a oportunidade de estudar a vida de Cristo tal como, havia muito tempo, eu desejava fazer; investigar as origens da literatura que trata dessa história, examinar pessoalmente algumas provas e formar meu próprio juízo sobre o problema que a vida de Cristo apresenta. Apenas direi que esse estudo operou uma revolução em minhas idéias. Daquela história muito antiga surgiram coisas que anteriormente eu julgara impossíveis. Lenta mas bem claramente cresceu dentro de mim a convicção de que o drama daquelas semanas inesquecíveis da história humana era mais estranho e de significado mais profundo do que parecia. Foi a singularidade de muitas coisas notáveis na história que primeiramente atraiu e manteve meu interesse. Somente mais tarde foi que a lógica irresistível do significado dessas coisas veio a aparecer". 33/11,12

52. C. S. LEWIS

C.S.Lewis, escritor britânico e professor renomado por sua perspicácia, imaginação e clareza de expressão, foi um cético até se converter em 1931. Os trechos seguintes, extraídos de *The Letters of C. S. Lewis* (As Cartas de C. S. Lewis) contam a história.

De uma carta escrita por C. S. Lewis ao pai, em 31 de março de 1928: "Está ocorrendo um reavivamento religioso entre os alunos de nossa faculdade... Esse reavivamento está sendo conduzido por um tal de dr. Buchman. Ele reúne um grupo de jovens (algumas informações dizem que há inclusive mulheres, mas não creio nisso) e eles confessam seus pecados uns aos outros. Engraçado, não acha? Mas o que é que se pode fazer? Se você tentar acabar com isso apenas criará mártires..." 29/126

Carta a Owen Barfield, 1930: "Coisas terríveis estão acontecendo comigo. O 'Espírito' ou o 'Eu Verdadeiro', está revelando uma tendência alarmante de se tornar muito mais pessoal e está tomando a iniciativa e se comportando exatamente como Deus. É melhor você vir o mais tardar na segunda-feira, caso contrário é possível que eu entre para um mosteiro". 25/141

Seu irmão conta acerca da decisão: "Lembro-me muito bem daquele dia em 1931, quando fomos visitar o Zoológico de Whipsnade... Foi durante aquele passeio que ele tomou a decisão de voltar para a Igreja. Para mim isso não pareceu um repentino mergulho numa nova vida, mas, ao contrário, uma lenta e progressiva recuperação de uma enfermidade espiritual séria e prolongada..." 29/19

Carta a Owen Barfield, 1933: "Desde que comecei a orar, descobri que minhas idéias radicais sobre a personalidade estão mudando. O meu próprio eu empírico está se tornando mais importante, e isso é exatamente o oposto a uma elevada auto-estima. Você não ensina uma semente a crescer até ser árvore feita jogando-a ao fogo: e ela tem de tornar-se uma boa semente antes de valer a pena enterrá-la..." 29/155

Antes de morrer, o que ocorreu em 1963, Lewis escreveu vários livros cristãos, *Milagres* (São Paulo; Ed. Mundo Cristão, 1983), *O Problema do Sofrimento* (São Paulo Ed. Mundo Cristão, 1984), e *A Razão do Cristianismo* (São Paulo: Ed. Vida Nova, 1964).

Em *A Razão do Cristianismo* C. S. Lewis faz a seguinte afirmação: "Um homem que fosse um simples homem e dissesse o tipo de coisas que Jesus disse não seria um grande mestre de ensinamentos éticos. Seria um lunático — estando em pé de igualdade com o homem que diz que é Napoleão — ou, então, seria o Diabo vindo do inferno. Você tem que tomar a sua decisão. Ou esse homem era e é o Filho de Deus, ou, então, era um louco ou algo pior. Você pode fazê-LO se calar, se tomá-LO por tolo; você pode cuspir nEle e matá-LO, tendo-O por um demônio; ou você pode cair a Seus pés e chamá-LO de Senhor e Deus. Mas que ninguém apareça com algum tipo de insensatez paternalista, afirmando que Ele foi um grande mestre

humano. Ele não deixou conosco a responsabilidade de decidir a respeito. Não pretendeu fazê-lo".
39/40,41

53. LEW WALLACE

Lew Wallace convenceu-se da divindade de Cristo depois de estudar a Bíblia, enquanto se preparava para escrever *Ben-Hur*, uma obra que teve no início o propósito de apresentar Cristo como um simples homem.

Não é de estranhar que ele considerasse *Ben-Hur* como a sua melhor obra. Ela foi o marco de uma crise em sua própria experiência espiritual. Tornou-se cristão através do estudo que fez da vida de Cristo, enquanto se preparava para escrever a história. Tem-se contado que um amigo ateu, certa vez conversando com ele, predisse que em poucos anos as pequenas igrejas da região rural do estado de Indiana, nos Estados Unidos, região que Wallace tanto apreciava, seriam apenas uma vaga lembrança sepultada no colapso geral de toda a religião. Wallace era ignorante demais para responder com argumentos cristãos àquela afirmação. Não tinha convicção a respeito de Deus e de Cristo. No relato fascinante de como veio a escrever *Ben-Hur*, ele nos conta que era terrivelmente ignorante acerca do assunto daquele debate com seu amigo, 'assuntos tão elementares como Deus, a vida vindoura, Jesus Cristo e sua divindade'. Ali mesmo decidiu estudar a questão até que tivesse convicções próprias a respeito. Tomou a própria Bíblia como fonte de informações. Confiaria em sua formação no campo da lógica, formação recebida no curso de Direito, para levá-lo às conclusões corretas e iria tornar mais atraente aquilo que pensava que seria um estudo um tanto quanto árido, incorporando numa história do Cristo o material análogo que conseguisse encontrar. Contudo, estava lidando com fatores sobrenaturais dos quais não tinha idéia. Ninguém é capaz de, com mente aberta, ler a Bíblia, desejando conhecer a verdade em relação a Jesus Cristo, sem ficar convencido de Sua divindade. À medida que estudava o contexto histórico da situação do mundo na época de Cristo, os males da sociedade e a própria necessidade que os homens têm de um Salvador divino pareceram um argumento em favor de aceitar o Salvador que tinha vindo. O propósito em escrever a história dos anos transcorridos entre Belém e o Calvário foi fazer os leitores perceberem esse argumento a favor de Cristo". 13/116,117

54. GIOVANNI PAPINI

"Embora Giovanni Papini fosse um dos mais destacados homens de letras da Itália, a publicação em 1921 de sua obra *A Vida de Cristo* causou uma comoção em muitos de seus amigos e admiradores. Pois Papini tinha sido um ateu, um inimigo da Igreja que dizia o que pensava e que nomeara a si mesmo zombador de qualquer manifestação de misticismo. Dificilmente se conseguiria imaginar uma fonte mais improvável para uma reverente descrição de Jesus.

O que provocou sua repentina conversão — que tanto fazia lembrar a de Saulo no caminho de Damasco? Tal como muitos céticos, ele era, no seu íntimo, uma alma atormentada, desencantado com a humanidade que pôde aceitar a primeira guerra mundial, incapaz de ter esperança de coisas melhores a menos que, de alguma maneira, fosse possível transformar os corações dos homens. E, conforme disse mais tarde, ele ansiava ter 'uma migalha de esperança'.

Durante a guerra levou a família para morar num vilarejo nas montanhas. Ali, vivendo próximo a lavradores, observando seus atos de devoção, algo começou a lhe acontecer. Algumas noites pediram-lhe que lesse em voz alta histórias do Novo Testamento. Essa redescoberta da Bíblia, em contraste com o contexto de suas próprias incertezas, tornou-se uma revelação para ele, e logo decidiu-se a escrever sua própria versão da vida de Cristo. Não muito depois ele se convenceu de que o único poder capaz de transformar os corações dos homens era o ensino de Jesus.

Essa convicção permeia *A Vida de Cristo*, um livro que, nas palavras de um crítico de renome, 'por muitos anos permanecerá sendo um símbolo de rejuvenescimento para milhares que, com sofrimento, lutam por um mundo menos desumano, porque é possível um mundo mais parecido com Cristo'. 15/8

EXEMPLOS DE SOFRIMENTO PELO EVANGELHO

55. REV. RICHARD WURMBRAND

"O Rev. Richard Wurmbrand é um pastor evangélico que passou 14 anos preso e sendo torturado pelos comunistas em sua terra natal, a Romênia. Dentre os líderes, escritores e educadores cristãos romenos ele é um dos mais conhecidos. Poucos nomes são mais conhecidos em sua terra.

Em 1945, quando os comunistas tomaram o poder na Romênia e tentaram controlar as igrejas com propósito de manipulação, imediatamente Richard Wurmbrand iniciou um ministério 'subterrâneo' eficaz e vigoroso junto a seu povo escravizado e junto aos soldados russos invasores. Finalmente, em 1948, foi preso juntamente com sua esposa, Sabina. Durante três anos ela foi uma trabalhadora-escrava. Richard Wurmbrand passou três anos na solitária — não vendo ninguém além dos comunistas que o torturavam. Em seguida foi transferido para uma cela coletiva, onde ficou mais cinco anos, período em que as torturas continuaram.

Por ser um líder cristão conhecido internacionalmente, diplomatas de países livres indagaram ao governo comunista acerca de sua segurança. Foram informados de que ele havia fugido da Romênia. Elementos da polícia secreta, fazendo-se passar de companheiros de prisão recém-libertados, disseram a sua esposa que haviam assistido a seu sepultamento no cemitério da prisão. Disseram a sua família na Romênia e seus amigos no estrangeiro que o esquecessem, pois agora estava morto.

Depois de oito anos foi liberto, e imediatamente retomou o trabalho junto à Igreja Subterrânea. Dois anos depois, em 1959, foi novamente preso e condenado a 25 anos de prisão.

Em 1964 Wurmbrand foi liberto por ocasião de um indulto geral, e mais uma vez continuou realizando seu ministério subterrâneo. Percebendo o grande perigo que representaria para ele, uma terceira prisão, cristãos da Noruega negociaram com as autoridades comunistas uma autorização para que saísse da Romênia. O governo comunista havia começado a 'vender' seus prisioneiros políticos. O 'preço usual' de um prisioneiro era de 1.900 dólares. O preço pago por Wurmbrand foi 10.000 dólares.

Em maio de 1966 ele testemunhou em Washington, capital dos Estados Unidos, perante o Subcomitê de Segurança Interna do Senado daquele país, e tirou a camisa para mostrar 18 feridas profundas, provocadas pela tortura, e que cobriam seu corpo. A história de Wurmbrand foi divulgada pelo mundo através de jornais nos Estados Unidos, na Europa e na Ásia. Em setembro de 1966 foi advertido que o regime comunista da Romênia tinha tomado a decisão de assassiná-lo. No entanto, ele não se calou diante dessas ameaças de morte. Tem sido chamado de 'a voz da Igreja Subterrânea'. Líderes cristãos têm-no chamado de 'um mártir vivo' e de 'Paulo da cortina de ferro'." 54/5,6

O que segue é um pequeno trecho do livro de Wurmbrand *Tortured for Christ* (Torturado por causa de Cristo).

"Um pastor chamado Florescu foi torturado com tiçoeiros de ferro incandescente e com facas. Foi surrado violentamente. Então através de um cano largo, mandaram ratos famintos para sua cela. Não podia dormir, mas tinha de ficar se defendendo o tempo inteiro. Se descansasse um só instante, os ratos iriam atacá-lo.

"Foi obrigado a ficar de pé durante duas semanas, dia e noite. Os comunistas queriam forçá-lo a trair seus irmãos em Cristo, mas resistiu firmemente. No fim, trouxeram seu filho de 14 anos de idade e começaram a chicotear o rapazinho na frente do pai, dizendo que iriam continuar batendo no menino até que o pastor dissesse o que desejavam. O pobre homem estava quase louco. Suportou o máximo que conseguiu.

Quando não agüentava mais ver aquela cena, gritou para o filho: 'Alexander, tenho de dizer o que eles querem! Não suporto mais ver você apanhar! O filho respondeu: 'Pai, não cometa a injustiça de me fazer ter um pai traidor. Fique firme! Se me matarem, morrerei com as palavras: Jesus é a minha pátria.' Os comunistas, enraivecidos, caíram sobre a criança e bateram nela até morrer, com sangue espirrando pelas paredes da cela. Morreu louvando a Deus. O nosso querido irmão Florescu nunca mais foi o mesmo depois de presenciar essa cena." 54/36

56. MÁRTIR NO VIETNÃ

"Gaspar Makil, missionário da Associação Wycliffe de Tradutores da Bíblia, foi alvejado em 4 de março de 1963 por guerrilheiros comunistas, diante de sua esposa, Josephine, que a tudo presenciou. No mesmo instante também foram mortos a filhinha de quatro meses de idade, Janie, um outro missionário e um soldado vietnamita. Tommy, de três anos de idade filho de Gaspar e Josephine, foi gravemente ferido. A família Makil e uma outra família de missionários estavam viajando num jipe pela estrada mais movimentada do Vietnã do Sul, a Rodovia 20. Foram parados por guerrilheiros comunistas, cerca de 20 em número. Quando um caminhão do exército apareceu na estrada, os guerrilheiros do Vietcong abriram fogo com suas metralhadoras. Gaspar era filipino e se converteu enquanto estudava engenharia nos Estados Unidos. Poucos dias antes de embarcar de navio para o Vietnã do Sul, escreveu: 'Não sabemos o que nos aguarda no Vietnã do Sul, mas sabemos que o Senhor vai conosco, tendo-nos nomeado para este ministério. O tempo de cada um de nós está nas mãos de Deus e Ele faz todas as coisas acontecerem no Seu próprio tempo, que é o tempo certo. O Senhor está interessado em cada detalhe em particular de nossas vidas.'" 32

57. MISSIONÁRIOS ENTRE OS ÍNDIOS AUCAS

"Em 8 de janeiro de 1956 o mundo inteiro foi surpreendido pela notícia de que um grupo de índios aucas, os mais cruéis e violentos aborígenes do Equador, haviam atingido fatalmente com suas lanças um piloto missionário norte-americano, Nate Saint, e seus quatro colegas de trabalho, Jim Elliot, Roger Youderian, Ed McCuliy e Peter Fleming. Depois que investigações oficiais confirmaram a tragédia, tropas equatorianas e missionários que serviam em tribos vizinhas realizaram uma expedição rio acima para sepultar as vítimas. Encontraram o avião desmantelado, sua estrutura em pedaços.

O piloto era meu irmão. Ele e seus colegas estavam envolvidos naquilo que, a partir de então, passou a ser conhecido como 'Operação Auca', uma missão para levar o Evangelho de Jesus Cristo a essa tribo rude, da idade da pedra, localizada na vastidão da Amazônia.

Através de um milagre após outro, conforme se conta em *The Dayuma Story* (A História de Dayuma), todos os cinco assassinos confessaram a Cristo como Salvador. Creio que é significativo que, dentre os aucas, os primeiros a crerem em Cristo foram os cinco assassinos ainda vivos - Kimo, Minkayi, Gikita, Dyuwí e Nimonga. Quando se realizou o primeiro culto de batismos em Tiwaeno, pouco mais de dois anos depois de nossa entrada na tribo, quatro dos cinco foram batizados. O quinto foi batizado na vez seguinte. Nesta segunda vez meu irmão Phil realizou os batismos. Cada uma das esposas dos cinco também abriu o coração para o Senhor Jesus Cristo e foi batizada." 41

58. REV. JOON GON KIM

O Rev. Joon Gon Kim é diretor da Cruzada Estudantil e Profissional para Cristo na Coreia.

"O dr. Kim teve uma experiência pessoal e trágica com os comunistas. Quando, em 1950, irromperam greves nas universidades coreanas, os comunistas se apoderaram de todas as faculdades com exceção de uma universidade cristã. Bem mais de 70% dos estudantes estavam a favor do comunismo. Milhões deles eram sustentados financeiramente na universidade pelos comunistas russos. Esses alunos passaram a ser os líderes ativos durante a Guerra da Coreia.

Conta o dr. Kim: 'Certa noite fui acordado pelo barulho de homens me chamando pelo nome. Minha família e eu fomos levados a um lugar onde 60 pessoas, inclusive velhos, mulheres e crianças, estavam sendo mortos. Dez policiais, todos moradores conhecidos em nosso vilarejo, receberam a tarefa de executar minha família. Minha esposa e meu pai foram mortos diante dos meus olhos. Eu fui

espancado e dado como morto.'

Kim sobreviveu ao selvagem espancamento dos comunistas e pediu a Deus que lhe desse um amor pelas almas dos seus inimigos. Kim conduziu a Cristo 30 dos comunistas, inclusive o líder responsável pela morte de seus entes queridos.

"O dr. Kim sabe por experiência própria que Jesus Cristo é a resposta ao comunismo, assim como é a resposta para todos os outros problemas da vida." 24

BIBLIOGRAFIA

1. ADAIR, James R. *Saints Alive* (Santos ainda Vivos). Wheaton: Van Kampen Press, 1951.
2. e MILLER, Ted, ed. *We Found Our Way Out* (Encontramos a Saída para Nós). Grand Rapids: Baker Book House, 1964.
3. BLESSITT, Arthur. *Turned on to Jesus* (Ligado em Jesus). Nova Iorque: Hawthorne Books, 1971.
4. BRIGHT, Bill. *Jesus and the Intellectual* (Jesus e o Intelectual). Campus Crusade for Christ International, 1968.
5. BUT You Don't Look Very Jewish (Mas Você Não Tem Muita Aparência de Judeu). (Folheto.) The Messianic Jewish Movement International, 1971. Usado com permissão.
6. CABBURN, Terry Meeuwsen. "Miss America 1973". *Worldwide Challenge* (Desafio Mundial), San Bernardino: Campus Crusade for Christ, 3 (2): 15,16, for. 1976.
7. CHELCICKY, Jan. "My Last Days as a Communist" (Meus Últimos Dias como Comunista). *Guideposts* (Placas de Sinalização). Carmel, 1971. Usado com permissão.
8. COLLEGIATE Challenge (Desafio Universitário). San Bernardino: Campus Crusade for Christ, 11(2): 4,5 1972.
9. CRUZ, Nicky. *Foge, Nicky, Foge*. Belo Horizonte: Ed. Betânia.
10. DENNIS, Clyde H., ed. *These Live On* (Estes Continuam a Viver). Westchester: Good News Publishers, 1966.
11. ENGSTROM, Elmer W. "Christ and the Century of Change" (Cristo e o século das Mudanças). *Collegiate Challenge* (Desafio Universitário). San Bernardino: Campus Crusade for Christ, 5 (2): 12, 13. 1966.
12. ENLOW, David R. *Men Made New* (Homens Tornados Novos). Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1964. Usado com permissão.
13. ERDMAND, Walter C. *More Sources of Power in Famous Lives* (Mais Fontes de Poder em Vidas Famosas). Nashville: Cokesbury Press, 1937.
14. ESTBORN, S. *Gripped by Christ* (Agarrado por Cristo). Londres: Lutterworth Press, 1965.
15. FAMILY Treasury of Great Biographies (Tesouro Familiar de Grandes Biografias). Pleasantville: Reader's Digest Association, 1970. vol. 3.
16. FARIS, Murray G. "Disease Free" (Livre de Doenças). *Contact* (Contato). Glen Ellyn: Christian Business Men's Committee, mar. 1972, p.9.
17. FERM, Robert O. *The Psychology of Christian Conversion* (A Psicologia da Conversão Cristã). Westwood: Fleming H. Revell Company, 1959.
18. FOOTBALL Was the Name of the Game (Futebol Era o Nome do Jogo). (Folheto.) Cradell: American Tract Society, s.d. Usado com permissão.
19. HATFIELD, Mark O. "Excellence: The Christian Standard" (O Padrão Cristão de Excelência). *Collegiate Challenge* (Desafio Universitário). San Bernardino: Campus Crusade for Christ, 4 (3): 6, 7. 1965.
20. HEFLEY, James C. *Living Miracles* (Milagres Vivos). Grand Rapids: Zondervan Publishing House, copirraite de 1964. Usado com permissão.
21. HOW June Poitras Found God (Como June Poitras Encontrou Deus). *Indian Life* (Vida Indígena). Rapid City: American Indian Mission, 6 (2): 7
22. JAPANESE Feudal Lord Finds the Answer (Senhor Feudal Japonês Encontra a Resposta). *Collegiate Challenge* (Desafio Universitário). San Bernardino: Campus Crusade for Christ, 1 (8): 7. 1962.

23. JONES, E. Stanley. *A Conversão*. São Paulo: Junta Geral de Educação Cristã, s.d.
24. JOON Gon Kim. Cópia xerográfica de testemunho pessoal, tirado pelo escritório internacional da Cruzada Estudantil e Profissional para Cristo.
25. JOURNEY'S End (Fim de Viagem). (Folheto.) Oradell: American Tract Society, s.d. Usado com permissão.
26. LATOURETTE, Kenneth Scott. *Anno Domini*. Nova Iorque: Harper and Brothers, 1940.
- LEWIS, C. S. *Cristianismo Autêntico*. São Paulo: ABU Ed. S/C, 1979.
- LEWIS, W. H. *Letters of C. S. Lewis* (Cartas de C. S. Lewis). Londres: GeoffreyBles Ltd., 1966.
29. LITTLE, Paul E. *Você pode explicar sua fé?* São Paulo: Ed. Mundo Cristão, 1972.
30. MALIK, Charles. "Hope for a World in Crisis" (Esperança para um Mundo em Crise). *Collegiate Challenge* (Desafio Universitário), San Bernardino: Campus Crusade for Christ, 7 (2): 32-35. 1968.
31. MASSENGALE, Rick. *Athletes in Action*. (Atletas em Ação). San Bernardino: Arrowhead Springs Publications, 1977. p. 38.
32. MOODY Alumni Martyrs (Mártires dentre os Ex-Alunos do Instituto Bíblico Moody). Chicago: Moody Bible Institute.
33. MORISON, Frank. *Who Moved the Stone?* (Quem Moveu a Pedra?). Londres: Faber and Faber, 1958.
34. MULLINS, E. Y. *Why Is Christianity True?* (Por Que o Cristianismo é Verdadeiro?). Chicago: Christian Culture Press, 1905.
35. ON Patrol for God (Patrulhando para Deus). (Folheto.) Oradell: American Tract Society, s.d. Usado com permissão.
36. PENN, Charles H. "A Blighted Life Can Be Changed" (Uma Vida Arruinada Pode Ser Transformada). *Contact* (Contato). Glen Ellyn: Christian Business Men's Committee, set. 1971.
37. PRICE, Eugenia. "Personally Involved... and Transformed" (Pessoal mente Envolvida... e Transformada). *Collegiate Chalenge* (Desafio Universitário). San Bernardino: Campus Crusade for Christ, 1 (4): 6 7.1962.
38. RAMM, Bernard. *Protestant Christian Evidences* (Provas Cristãs Protestantes). Chicago: Moody Press, 1953. Usado com permissão.
39. THE ROOTS of Religion (As Raízes da Religião). *Pastoral Psychology* (Psicologia Pastoral), 5 (43), abr. 1954.
40. SADHU Sundar Singh. *With and Without Christ* (Com e Sem Cristo). Nova Iorque: Harper and Row Publishers, 1929.
41. SAINT, Rachel. "Ten Years After the Massacre" (Dez Anos Depois do Massacre). *Decision* (Decisão). Minneapolis: The Billy Graham Evangelistic Association, jan. 1966.
42. SCHULTS, Charles. *CoUegiate Challenge* (Desafio Universitário). San Bernardino: Campus Crusade for Christ, 4 (3): 3-5. 1965.
43. A SCIENTIFIC Approach (Um Enfoque Científico). *Decision* (Decisão). Minneapolis: The Billy Graham Evangelistic Association, nov. 1966.
44. SHE Was an Atheist Until She Met a God of Love (Ela Era Ateísta até que encontrou um Deus de Amor). *Pray* (Ore). World Literature Crusade, fev. 1969.
45. SHORT, Shirl. "Exclusive Interview with Charles Colson" (Entrevista Exclusiva com Charles Colson). *Moody Monthly* (Revista mensal de moody). Chicago: Moody Bible Institute, fev. 1976. Usado com permissão.
46. SMITH, Stan. "My Way of Playing" (Meu Modo de Jogar). *Guideposts* (Placas de Sinalização). Carmel: Guideposts Associates, 1972, p. 22, 23.
47. STAUBACH, Roger. *Staubach: First Down, Lifetime to Go* (Staubach: Primeira Tentativa, A Vida Inteira Pela Frente). Waco: Word Incorporated, 1974. p. 274, 275, 279. Usado com permissão.
48. THIEDE, Carsten. *CoUegiate Challenge* (Desafio Universitário). San Bernardino: Campus Crusade for Christ, 16, p. 11. 1977.
49. THREE Steps from Darkness (Três Passos para Sair da Escuridão). (Folheto.) Lake Worth: South America Mission, s.d.
50. WELLS, Ginny. "Worth More than a Billion" (Vale mais que um Bilhão). *Moody Monthly* (Revista Mensal de Moody). Chicago: Moody Bible Institute, 1972. Usado com permissão.
51. WHATIs Happiness for A Vietnamese Tribesman? (Que é Felicidade

- para o Morador de uma Tribo Vietnamita?). Wycliffe Bible Trans- ators. (Cópia xerográfica de um testemunho pessoal.)
52. WHITE, Lona A. "How the Shaggy D. A. Became a Lamb" (Como o Ouriçado D. A. Se Tornou Manso como um Cordeiro). *Christian Life* (Vida Cristã). Wheaton: Christian Life, 39 (9), jan. 1978. Usado com permissão.
53. WILLEMS, Betty. "B. J. Thomas: Home Where He Belongs" (B. J. Thomas: No Lar que é Dele). *Contemporary Christian Acts* (Atos Cristãos Contemporâneos). Santa Ana: Contemporary Christian Acts, jan. 1978, p. 1, 34. Usado com permissão.
54. WURMBRAND, Richard. *Torturado por Amor a Cristo*. Porto Alegre: Cruzada de Literatura Evangélica do Brasil, 1970.

ELE TRANSFORMOU MINHA VIDA

de Josh McDowell

Jesus Cristo está vivo. O fato de eu estar vivo e fazendo as coisas que faço é uma evidência de que Jesus Cristo ressuscitou dentre os mortos.

Tomás de Aquino escreveu: "Toda alma tem sede de felicidade e significado". Nos meus tempos de adolescência eu queria ser feliz. Não há nada de errado nisso. Eu queria ser um dos indivíduos mais felizes em todo o mundo. Eu também queria ter um propósito na vida. Desejava obter respostas para as minhas dúvidas. "O que sou?" "Por que estou aqui?" "Para onde vou?"

Mais do que tudo, eu queria ser livre. Queria ser um dos indivíduos mais livres do mundo inteiro. Liberdade para mim não é sair e fazer o que quiser. Qualquer um pode fazer isso e uma porção de gente está agindo desse modo. Liberdade é ter o poder de fazer aquilo que se sabe que deve ser feito". A maioria das pessoas sabe qual o seu dever, mas não consegue fazê-lo. Elas são prisioneiras.

Comecei então a procurar respostas. Parece que quase todo mundo pertence a algum tipo de religião, fiz portanto o óbvio e fui para a igreja. Devo ter, no entanto, encontrado a igreja errada. Alguns de vocês sabem do que estou falando: eu me sentia pior por dentro do que aparentava. Ia para a igreja pela manhã, à tarde, e à noite.

Sempre fui muito prático e quando uma coisa não funciona eu a ponho de lado. Rejeitei a religião. A única coisa que lucrei com ela foram os 25 centavos que colocava na oferta e os 35 que tirava para o refrigerante. Isso é praticamente tudo que muitos conseguem extrair da "religião".

Comecei a me perguntar se prestígio seria a resposta. Ser um líder, aceitar uma causa, entregar-se a ela, e "ser conhecido" talvez resolvesse o problema. Na primeira universidade que freqüentei, percebi que os líderes entre os alunos é que manejavam o dinheiro e faziam o que queriam. Candidatei-me então a presidente da turma do primeiro ano e fui eleito. Gostei muito de conhecer todo mundo no campus e receber os cumprimentos deles. Era ótimo tomar decisões, gastar o dinheiro da universidade e dos alunos, e escolher os preletores que me interessavam. Foi muito bom no começo, mas acabou virando rotina como tudo o mais que eu tentara. Na segunda-feira de manhã eu geralmente me levantava com dor de cabeça por causa da farra da noite anterior, e logo pensava, "Tenho de agüentar mais cinco dias". Eu me arrastava de segunda a sexta. A felicidade se restringia a três noites por semana: sexta-feira, sábado e domingo. O círculo vicioso se repetia então.

Fingi muito bem na universidade. Todos pensavam que eu era o rapaz mais sem problemas entre todos. Durante as campanhas políticas usamos a frase, "Felicidade é Josh". Dei mais festas com o dinheiro dos alunos do que qualquer outra pessoa, mas eles nunca descobriram que a minha alegria se assemelhava à de muitos outros. Ela dependia das minhas circunstâncias. Se tudo ia bem, eu me sentia bem. Quando as coisas ficavam feias, eu perdia o ânimo.

Eu era como um barco no oceano, lançado ao sabor das ondas: as circunstâncias. Existe um termo bíblico para descrever esse estilo de vida: inferno. Mas eu não conseguia achar ninguém que vivesse de outro modo nem alguém que pudesse ensinar-me como viver de modo diferente, ou ajudar-me a fazê-lo. Todos me diziam o que deveria fazer, mas ninguém tinha condições de dar-me o poder para realizar o meu intento. Comecei a sentir-me frustrado.

Suspeito que poucas pessoas nas universidades e faculdades deste país possam ter sido mais sinceras na

sua tentativa de encontrar sentido, verdade e propósito para a vida do que eu. Não descobrira essas coisas até então, mas não percebi isso a princípio. Comecei depois a notar na universidade um pequeno grupo de pessoas: oito alunos e dois professores, em cuja vida havia algo diferente. Eles pareciam saber a razão da sua fé. Gosto de conviver com pessoas assim. Não me importa quando não concordam comigo. Alguns de meus amigos mais íntimos contestam algumas de minhas crenças, mas eu admiro o homem ou mulher de convicção. (Não conheço muitos, mas os admiro quando tenho oportunidade de encontrar-me com eles.) Esse o motivo que me faz sentir mais à vontade com alguns líderes radicais do que com muitos cristãos. Alguns dos cristãos que encontro são tão vacilantes que fico me perguntando se talvez 50% deles não estão apenas fingindo ser cristãos. Mas as pessoas naquele pequeno grupo pareciam saber para onde iam. Isso é incomum entre alunos universitários.

Os indivíduos que comecei a notar não *falavam* apenas sobre o amor. Eles se envolviam nele. Pareciam estar sempre acima das circunstâncias da vida na escola. Todos os demais, no entanto, davam a impressão de estar carregando um fardo. Uma coisa importante que me chamou a atenção foi que eles pareciam possuir uma felicidade, um estado de mente, que não dependia das circunstâncias. Pareciam ter uma fonte interior permanente de alegria. Eram desgostosamente felizes. Possuíam algo que eu não possuía.

Como quase todo estudante, quando alguém tinha uma coisa que eu não tinha, logo queria também outra igual. É por isso que as bicicletas precisam ficar presas com cadeado nas universidades. Se a educação fosse realmente a resposta, a universidade seria provavelmente a sociedade mais elevada num sentido moral. Mas isso não acontece. Decidi então fazer amizade com aquelas pessoas que me intrigavam.

Duas semanas após essa decisão, estávamos todos sentados ao redor de uma mesa no centro estudantil, seis alunos e dois professores. A conversa começou a girar em torno de Deus. Quando você é inseguro e a conversa toma esse rumo, você no geral coloca uma fachada. Todo campus ou comunidade tem um "tagarela", alguém que diz, "Ah! Cristianismo, ha, ha! Isso é para os coitados e não para os intelectuais". (No geral, quanto maior a falação tanto maior o vazio.)

Eles já estavam me aborrecendo e olhei então finalmente para uma das estudantes, uma moça bonita (eu costumava pensar que todas as cristãs eram feias); inclinando-me para trás em minha cadeira, por que não queria que os outros pensassem que eu estava interessado, indaguei dela: "Diga-me, o que mudou a vida de vocês? Por que elas são tão diferentes das dos outros estudante, dos líderes do campus, dos professores? Por que?"

Aquela jovem deve ter tido muita convicção. Ela me olhou diretamente nos olhos, sem sorrir, e disse duas palavras que jamais julguei que ouviria como parte de uma solução na universidade.

Ela disse, "Jesus Cristo". Eu respondi, "Oh, por favor, não comece com esse lixo. Estou farto de religião; farto da igreja; farto da Bíblia. Não me fale desse lixo de religião". Ela retrucou de imediato, "Moço, eu não disse religião, eu disse Jesus Cristo". Ela salientou algo que eu jamais soubera antes, o cristianismo não é uma religião. Religião é o homem tentando abrir caminho até Deus através de boas obras. O cristianismo é Deus se aproximando dos homens e mulheres através de Jesus Cristo, oferecendo a eles uma relação com a sua Pessoa.

Existem provavelmente nas universidades mais gente com idéias erradas sobre o cristianismo do que em qualquer outro lugar do mundo. Encontrei recentemente um auxiliar de professor que comentou num seminário de estudos que "toda pessoa que entra numa igreja se torna cristã". Eu repliquei, "Entrar numa garage transforma você num carro?" Não existe correlação. O cristão é alguém que coloca sua fé em Cristo.

Meus novos amigos me desafiaram a examinar intelectualmente as alegações de que Jesus Cristo é o Filho de Deus; que ao tomar forma humana Ele viveu verdadeiramente entre homens e mulheres e morreu na cruz pelos pecados da humanidade, que Ele foi sepultado e ressuscitou três dias mais tarde e que tinha poder para transformar a vida de uma pessoa no século XX.

Eu julgava tudo isso uma farsa. De fato, na minha opinião a maioria dos cristãos não passava de idiotas ambulantes. Já conhecera alguns deles. Eu costumava esperar que um crente dissesse alguma coisa na sala de aula para poder arrasá-lo por completo e dar golpes de morte no professor inseguro. Imaginava que se um cristão tivesse uma célula no cérebro ela morreria de solidão. Eu não sabia realmente nada.

Aquelas pessoas, porém, continuaram me desafiando. Eu aceitei finalmente o desafio. Mas fiz isso por orgulho, para poder refutá-las. Eu não sabia que existiam fatos. Não sabia que havia evidência passível de avaliação.

Acabei chegando à conclusão de que Jesus Cristo deve ter sido quem Ele dizia ser. Em meus dois primeiros livros, meu objetivo era combater o cristianismo. Quando não pude fazer isso, tornei-me cristão. Faz agora 13 anos que venho documentando a razão de crer que a fé em Jesus Cristo é intelectualmente possível.

Naquela ocasião, porém, eu tinha um grande problema. Minha mente dizia que tudo isso era verdade, mas minha vontade me puxava em outra direção. Descobri que tornar-se cristão era anular o ego. Jesus Cristo fez um desafio direto à minha vontade para confiar nele. Permita uma paráfrase. "Olhe! Tenho estado à sua porta e batido constantemente. Se alguém ouvir meu chamado e abrir a porta, eu entrarei" (Apocalipse 3.20). Eu não me importava se Ele andara na água ou transformara a água em vinho. Eu não queria um desmancha-prazeres por perto. Não podia pensar num meio mais rápido de estragar uma diversão. Ali estava eu então: minha mente me dizia que o cristianismo era verdadeiro e a minha vontade se opunha.

Toda vez que me aproximava daqueles cristãos entusiastas, o conflito surgia de novo. Se você já ficou perto de pessoas felizes quando se sente horrível, compreende como isso é perturbador. Elas eram tão alegres e eu tão infeliz, que literalmente me levantava e fugia correndo do centro estudantil. Cheguei ao ponto de ir para a cama às 10 da noite sem conseguir dormir até as 4 da manhã. Sabia que tinha de tirar tudo aquilo da cabeça antes de perder a cabeça! Eu sempre tive a mente aberta, mas não tão aberta a ponto de perder os miolos.

Mas como a minha mente era mesmo aberta, no dia 19 de dezembro de 1959, à 8:30 da noite, durante meu segundo ano de universidade, me tornei cristão.

Alguém me perguntou, "Como sabe disso?" Respondi: "Olhe, eu estava lá. Isso mudou minha vida". Naquela noite orei. Orei quatro coisas, a fim de estabelecer uma relação com o Cristo ressurreto e vivo, que desde então transformou minha vida.

Primeiro, eu disse, "Senhor Jesus, agradeço por ter morrido na cruz por mim". Segundo, eu disse, "Confesso aquelas coisas em minha vida que não agradam ao Senhor e peço que me perdoe e purifique". (A Bíblia diz, "Ainda que os vossos pecados são como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve" [11.18]). Terceiro, eu disse, "Neste momento, da melhor forma que sei, abro a porta do meu coração e da minha vida e confio no Senhor como meu Salvador e Senhor. Tome o controle de minha vida. Me transforme inteiramente. Torne-me o tipo de pessoa que me criou para ser". A última coisa que orei foi, "Obrigado por entrar em minha vida pela fé". Não era uma fé baseada na ignorância, mas na evidência e no fatos da história e da Palavra de Deus.

Estou certo de que você já ouviu várias pessoas religiosas contando a respeito do "relâmpago" que caiu sobre elas. Comigo, no entanto, depois que orei não aconteceu nada. Quero dizer, nada mesmo. E eu ainda continuo sem asas. De fato, depois que tomei essa decisão, me senti pior. Tive enjôos, pensando que fosse vomitar. Me sentia doente por dentro. "Oh! Veja no que você foi se meter!" eu ficava pensando. Na verdade me parecia que perdera a cabeça (e tenho certeza que muitos tinham a mesma opinião!)

Posso dizer-lhe uma coisa: depois de um período de seis meses a um ano descobri que não enlouquecera. Minha vida *estava* mudada. Eu comecei a discutir com o chefe do departamento de história numa universidade do Meio-Oeste e contei-lhe que minha vida fora transformada. Ele me interrompeu com as palavras, "McDowell, você está tentando afirmar que Deus mudou realmente sua vida no século XX? Em que áreas?" Depois de 45 minutos ele disse, "Está bem, isso basta".

Um dos problemas de que falei foi a minha inquietação. Eu precisava estar sempre ocupado. Tinha de ir para a casa da namorada ou conversar com alguém. Eu atravessava o campus e minha mente girava como um remoinho de conflitos. Eu me sentava, tentando estudar ou pensar e não conseguia. Mas, alguns meses depois de ter aceito Cristo, uma espécie de paz mental surgiu. Não me entenda mal. Não estou falando da ausência de conflito. O que descobri foi que a relação com Jesus não era tanto a ausência de problemas, mas a capacidade de enfrentá-los. Não trocaria isso por nada deste mundo.

Outro ponto em que comecei a mudar foi o meu mau gênio. Eu costumava explodir só de alguém me olhar esquisito. Conservo ainda as cicatrizes por ter quase morto um homem em meu primeiro ano de universidade. Meu gênio era uma parte tão integrante da minha personalidade que não tentei mudá-lo conscientemente. Cheguei certa vez a uma crise em que normalmente perderia o controle, mas descobri que minha raiva desaparecera! Em 20 anos só perdi a calma numa ocasião — e quando explodi, dessa vez passei seis anos me arrependendo!

Há um outro aspecto do qual não me orgulho. Quero, porém, mencioná-lo porque existem inúmeras

peças que necessitam a mesma mudança em suas vidas, e eu encontrei a fonte da mudança: uma comunhão com o Cristo vivo, ressurreto. Esse problema é o ódio. Minha vida estava cheia de ódio. Não se tratava de uma coisa aparente, mas ele me corroía por dentro. Eu me aborrecia com as pessoas, com coisas, com detalhes. Como muitos outros, eu era inseguro. Toda vez que encontrava alguém diferente de mim, esse indivíduo constituía uma ameaça.

Eu odiava no entanto um homem mais do que qualquer outra pessoa no mundo. Meu pai. Odiava tudo nele. Ele era para mim o bêbado da cidade. Se você mora numa cidade pequena e um de seus pais é alcoólatra, já sabe do que estou falando. Todos sabem. Meus amigos chegavam na escola e faziam piadas sobre meu pai estar bebendo nos bares do centro. Eles não achavam que isso pudesse magoar-me. Eu fazia o que todos fazem, ria por fora e chorava interiormente. Eu ia para o celeiro e via minha mãe caída no estêreo, sem poder levantar-se, por ter apanhado muito. Quando amigos nos visitavam, eu levava meu pai e o amarrava no estábulo, estacionando o carro num lugar escondido. Dizíamos aos amigos que ele tivera de sair. Acho que ninguém poderia odiar uma pessoa como eu odiava meu pai.

Depois de ter tomado minha decisão por Cristo, talvez cinco meses mais tarde, um amor vindo de Deus através de Jesus Cristo, entrou em minha vida e era tão forte que desalojou o ódio, mudando-o completamente. Eu consegui olhar meu pai de frente e dizer, "Pai, amo você" E era verdade. Depois de algumas das coisas que eu tinha feito, isso o abalou.

Quando me transferei para uma universidade particular sofri um acidente grave de carro. Com o pescoço num aparelho de tração, fui levado para casa. Jamai esquecerei quando meu pai entrou em meu quarto e perguntou, "Filho, como pode amar um pai como eu?" Respondi, "Pai, há seis meses eu desprezava você". Depois contei a ele minhas conclusões sobre Jesus Cristo: "Pai, deixei que Cristo entrasse em minha vida. Não posso explicar muito bem, mas como resultado desse relacionamento descobri a capacidade de amar e aceitar não só você, mas também outras pessoas como elas são".

Quarenta e cinco minutos mais tarde uma das maiores emoções da minha vida ocorreu. Alguém de minha própria família, alguém que me conhecia tão bem que eu não podia enganar de jeito algum, me disse, "Filho, se Deus pode fazer na minha vida o que eu vi que Ele fez na sua, então quero dar-lhe essa oportunidade". Bem ali, na minha frente, meu pai orou comigo e confiou em Cristo.

As mudanças geralmente ocorrem num período de vários dias, semana ou meses, até mesmo um ano. Minha vida se transformou em cerca de seis meses a um ano e meio. A vida de meu pai mudou diante de meus olhos. Era como se alguém tivesse estendido a mão e ascendessem uma lâmpada. Jamais vi uma transformação tão rápida antes ou depois. Meu pai só tocou em bebida uma vez novamente. Ele a levou aos lábios e foi só. Cheguei a uma conclusão: a relação com Jesus Cristo muda vidas.

Você pode rir do cristianismo, pode zombar dele e ridicularizá-lo, mas ele funciona. Ele transforma vidas. Se você vier a confiar em Cristo, comece observando seu próprio comportamento e ações, porque Jesus está ocupado em mudar vidas.

O cristianismo não é, porém, algo que você empurra garganta abaixo da pessoa ou força sobre alguém. Você tem de viver sua vida e eu a minha. Tudo o que posso fazer é contar-lhe o que aprendi. Depois disso, a decisão é sua.

Talvez a oração que fiz ajude você: "Senhor Jesus, preciso do Senhor. Dou graça por ter morrido na cruz por mim. Perdoe-me e purifique-me. Neste justo momento creio que é Salvador e Senhor. Torne-me o tipo de pessoa que me criou para ser. Em nome de Cristo. Amém".

(Extraído do livro de Josh McDowell (More Than a Carpenter). *Mais Que um Carpinteiro* Wheaton: Thyndale House Publishers, Inc., 1977. Usado com permissão.)

EVIDÊNCIA QUE EXIGE UM VEREDITO

FONTES HISTÓRICAS ADICIONAIS PARA ESTUDO DO CRISTIANISMO

A seguir são apresentadas outras fontes seculares que fazem menção de Cristo e do cristianismo:

- (1) JOSEFO. *Antigüidades*, Livro 18, capítulo 5, parágrafo 2. Esta é uma referência interessante a João Batista e a sua execução em Maque-ro, por ordem de Herodes Antipas.
- (2) TRAJANO, Imperador romano. (In: PLÍNIO o Jovem. *Epístolas* 10: 97). Esta é uma carta escrita pelo imperador a Plínio, dizendo-lhe para não punir aqueles cristãos que eram forçados pelos romanos a abandonar as suas crenças. Diz a Plínio que as autoridades romanas não devem aceitar informações anônimas a respeito dos cristãos.
- (3) MACRÓBIO. *Saturnália*, livro 2, capítulo 4. Pascal (Pensamento 753) menciona essa citação de Augusto César como uma confirmação de matança das criancinhas em Belém.
- (4) ADRIANO, Imperador romano. (JUSTINO Mártir. *A Primeira Apologia*, capítulos 68, 69). Justino cita a carta de Adriano a Minúcio Fundano, procônsul da Ásia Menor. A carta trata de acusações dos pagãos contra os cristãos.
- (5) Antonino Pio, Imperador romano. (JUSTINO Mártir. *A Primeira Apologia*, capítulo 70). Justino, ou um de seus discípulos, cita a carta de Antonino à Assembléia Geral da Ásia Menor. Basicamente a carta diz que as autoridades da Ásia Menor estavam ficando preocupadas com os cristãos da província e que não haveria mudanças no método de Antonino lidar com os cristãos dali.
- (6) MARCO AURÉLIO, Imperador romano (JUSTINO Mártir. *A Primeira Apologia*, capítulo 71). Essa carta enviada pelo imperador ao Senado romano foi acrescida ao manuscrito de Justino por um de seus discípulos. O imperador descreve o desempenho em combate por parte de soldados cristãos do exército romano.
- (7) JUVENAL. *Sátiras*, 1, linhas 147-157. Juvenal faz uma menção velada da tortura de cristãos em Roma, por parte de Nero.
- (8) SÊNECA, *Epístolas Morais*, Epístola 14, "Das Razões para Retirar-se do Mundo", parágrafo 2. À semelhança de Juvenal, Sêneca descreve as crueldades com que Nero tratou os cristãos.
- (9) HIERÓCLES (EUSÉBIO. *O Tratado de Eusébio*, capítulo 2) Essa citação feita por Eusébio preserva parte do texto do livro perdido de Hierócles, Philaletes, ou *Amante da Verdade*. No trecho citado Hierócles condena Pedro e Paulo como sendo feiticeiros.

Ao estudar Cristo como uma personagem da história, uma das mais importantes coleções de material é um livro publicado em 1923, em Cambridge, por C. R. Haines, com o título de *Heathen Contact with Christianity During Its First Century and a Half* (Contato de Pagãos com o Cristianismo Durante os Seus Primeiros Cento e Cinquenta Anos). O livro tem como subtítulo "Being Ali References to Christianity Recorded in Pagan Writings During that Period" (Todas as Referências ao Cristianismo Registradas em Escritos Pagãos Durante Esse Período).

INFORMAÇÕES SOBRE AUTORES CITADOS

Albright, W. F. Doutor em Filosofia, Doutor em Letras, ocupou a cadeira W. W. Spence de Línguas Semíticas, no Seminário Oriental, do qual também foi professor. Esse seminário pertence à Universidade Johns Hopkins, nos Estados Unidos, na qual Albright foi professor de 1929 a 1958. Foi presidente da International Organization of Old Testament Scholars (Organização Internacional de Estudiosos do Antigo Testamento), diretor da American School of Oriental Research (Escola Norte-Americana de

- Pesquisa Oriental), localizada em Jerusalém, e liderou inúmeras expedições arqueológicas no Oriente Médio. Escreveu mais de 800 livros e artigos sobre temas arqueológicos, bíblicos e orientais. Em 1933 ele se descreveu como uma pessoa "nem conservadora nem radical no sentido comum dessas palavras" (*Bulletin of the American Schools of Oriental Research* (Boletim das Escolas Norte-Americanas de Pesquisa Oriental), (51): 5,6, set. 1933).
- Anderson, J. N. D. Oficial da Ordem do Império Britânico, Doutor em Letras, membro da Academia Britânica, tem, durante muitos anos, dado aulas sobre Direito Islâmico. É professor de Direito Oriental e diretor do Instituto of Advanced Legal Studies (Instituto de Estudos Legais Avançados) da Universidade de Londres.
- Archer Jr, Gleason L. É diretor da Divisão de Antigo Testamento na Trinity Evangelical Divinity School (Escola Teológica Evangélica Trindade), localizada em Deerfield, Illinois, Estados Unidos. Bacharelou-se em Ciências Humanas pela Universidade de Harvard, onde também fez mestrado em Ciências Humanas e Doutorado em Filosofia. É ainda formado em Direito pela Escola de Direito da Universidade Suffolk, localizada em Boston, e em Teologia pelo Princeton Seminary (Seminário Princeton).
- Bruce, Alexander Balmain (1831-1899). Doutor em Teologia, lecionou Teologia (Apologética e Exegese do Novo Testamento) na Free Church College (Faculdade da Igreja Livre), em Glasgow, Escócia, atual Trinity College (Faculdade Trindade).
- Bruce, F. F. Mestre em Ciências Humanas, Doutor em Teologia, foi professor da cadeira Rylands de Crítica Bíblica e Exegese na Universidade de Manchester (Inglaterra).
- Delitzsch, Franz Julius (1813-1890), estudou na Universidade de Leipzig, na Alemanha, tendo sido professor em Rostock em 1846, e em Erlangen em 1850.
- Earle, Ralph. É chefe do Departamento de Novo Testamento do Nazarene Theological Seminary (Seminário Teológico Nazareno), em Kansas City, Estados Unidos.
- Edersheim, Alfred (1825-1889). Estudou na Universidade de Viena, Áustria. Foi professor de idiomas em Pest, na Hungria. Foi professor da cadeira Warbutonian no Lincoln's Inn (que é uma espécie de Ordem dos Advogados da Grã-Bretanha, localizado em Oxford). E foi professor da cadeira Grinfield de Septuaginta.
- Free, Joseph P. Doutor em Filosofia, é professor de Arqueologia e de História na Bemidji State College (Faculdade Estadual de Bemidji). Anteriormente foi diretor de Estudos Arqueológicos na Wheaton College (Faculdade Wheaton).
- Geisler, Norman L. Formou-se em Filosofia pela Wheaton College (Faculdade Wheaton) e fez mestrado em Teologia na Wheaton Graduate School (Escola de Pós-Graduação Wheaton). Também estudou na Detroit Bible College (Faculdade Bíblica de Detroit), onde obteve o título de Bacharel em Teologia. Atualmente Geisler é professor assistente de Bíblia e Filosofia na Trinity College (Faculdade Trindade), em Deerfield, estado de Illinois, Estados Unidos.
- Green, Cônego E.M. B. É diretor da St. John's College (Faculdade de São João), em Nottingham na Inglaterra. Deu aulas de Literatura Clássica na Exeter College (Faculdade Exeter), em Oxford, e de Teologia na Queen's College (Faculdade da Rainha), em Cambridge.
- Greenlee, J. Harold. É professor de Grego Neo-testamentário na Oral Roberts University (Universidade Oral Roberts), nos Estados Unidos.
- Hengstenberg, Ernst Wilhelm (1802-1869). Aos dezessete anos de idade qualificou-se para entrar na Universidade de Berlim, Alemanha. Lá ele recebeu uma base tão boa em línguas e filosofias orientais que, com apenas vinte e um anos, foi capaz de preparar uma edição de uma obra árabe em alemão.
- Hort, Fenton John Antony (1828-1892). Estudou em Rugby (escola Rugby) e na Trinity College (Faculdade Trindade), em Cambridge. Em 1857 tornou-se pastor da igreja de Santo Hipólito, próxima a Cambridge. A Universidade de Cambridge freqüentemente o convidava a servir como examinador, conferencista e professor. Durante seis anos deu aulas sobre temas vinculados ao Novo Testamento e à Patrística na Emmanuel College (Faculdade Emanuel) em Cambridge. Em 1878 foi nomeado professor de Teologia da cadeira Hulsean.
- Kenyon, Sir Frederic George. Foi um estudioso e administrador britânico. Foi depositário-assistente de manuscritos do Museu Britânico (1898-1909). Tornou-se então diretor do museu, cargo que ocupou até 1930. Publicou numerosas obras, inclusive: *The Palaeography of Greek Papyri* (A Paleografia dos Papiros Gregos), *Our Bible and Ancient Manuscripts* (Nossa Bíblia e os Manuscritos Antigos), *Hand-*

- book to the Textual Criticism of the New Testament* (Manual da Crítica Textual do Novo Testamento) e *The Bible and Archaeology* (A Bíblia e a Arqueologia).
- Kevan, Ernest F. É diretor da London Bible College (Faculdade Bíblica de Londres), na Inglaterra. É bacharel em Divindades e Mestre em Teologia pela Universidade de Londres.
- Lewis, C. S. Foi, até falecer em 1963, professor de Literatura Medieval e Renascentista, na Universidade de Cambridge, na Inglaterra.
- Little, Paul. Foi diretor de evangelização da Inter-Varsity Christian Fellow-ship (Comunidade Cristã Universitária, entidade filiada à Comunidade Internacional de Estudantes Evangélicos, a qual também é filiada a Aliança Bíblica Universitária do Brasil). Teve oportunidade de falar em mais de 180 faculdades e universidades por todos os Estados Unidos e em 29 países da Europa e da América Latina. Periodicamente Paul Little desempenhou funções de professor assistente de Evangelismo na Trinity Evangelical Divinity School (Escola Teológica Evangélica Trindade), em Deerfield, estado de Illinois, Estados Unidos.
- Metzger, Bruce M. É professor de Língua e Literatura do Novo Testamento no Princeton Theological Seminary (Seminário Teológico Princeton).
- Montgomery, John Warwick. Foi professor e diretor da Divisão de História Eclesiástica e História do Pensamento Cristão, bem como Diretor da Biblioteca da Trinity Evangelical Divinity School (Escola Teológica Evangélica Trindade). Atualmente leciona várias matérias na Melody-land School of Theology (Escola de Teologia Melodyland), em Anaheim, estado da Califórnia, Estados Unidos.
- Morris, Henry M. Estudou na Universidade de Minnesota (onde obteve os títulos de Mestre em Ciências e Doutor em Filosofia) e na Universidade Rice (onde obteve o título de Bacharel em Ciências). Foi professor de Engenharia Hidráulica e Chefe do Departamento de Engenharia Civil do Virgínia Polytechnic Institute (Instituto Politécnico de Virgínia). No momento é Diretor do Christian Research Science Center (Centro Cristão de Ciências e Pesquisa) e Vice-Presidente Acadêmico da Christian Heritage College (Faculdade Herança Cristã), em San Diego, estado da Califórnia, Estados Unidos.
- Nix, William. Ensinou na Detroit Bible College (Faculdade Bíblica de Detroit), LeTourneau College (Faculdade LeTourneau), Kilgore College (Faculdade Kilgore) e Trinity College (Faculdade Trindade). É doutor em Filosofia pela Universidade de Oklahoma.
- Ramm, Bernard. É atualmente professor de Teologia no Eastern Baptist Theological Seminary (Seminário Teológico Batista do Leste). É Doutor em Filosofia pela Universidade do Sul da Califórnia e escreveu livros como *Protestant Christian Evidences* (Provas Cristãs Protestantes), *The Christian View of Science and Scripture* (O Ponto-de-Vista Cristão sobre a Ciência e a Bíblia) e *Protestant Biblical Interpretation* (A Interpretação Protestante da Bíblia).
- Ramsey, Sir William. Foi um arqueólogo britânico. Foi professor de Arqueologia Clássica em Oxford (1885-1886) e de Língua e Literatura Latina na Universidade de Aberdeen (1886- 1911). Fez descobertas de geografia e topografia na Ásia Menor, como também de sua história antiga. Escreveu *The Historical Geography of Asia Minor* (A Geografia Histórica da Ásia Menor), *The Cities of St. Paul* (As Cidades de São Paulo) e *The Letters to the Seven Churches in Asia* (As Cartas às Sete Igrejas da Ásia).
- Smith, Wilbur. Doutor em divindade, foi professor de Bíblia Inglesa no Fuller Theological Seminary (Seminário Teológico Fuller) e na Trinity Evangelical Divinity School (Escola Teológica Evangélica Trindade). Suas obras incluem: *The Supernaturalness of Jesus* (A Sobrenaturalidade de Jesus) e *Therefore Stand: Christian Apologetics* (Permanecei, Pois, Firmes: Apologética Cristã).
- Sparrow-Simpson, W. J. Foi capelão do Hospital de Santa Maria, em Ilford, na Inglaterra, sendo pessoa muito respeitada na Grã-Bretanha. Foi um dos colaboradores da Biblioteca de Teologia Prática da Universidade de Oxford.
- Stauffer, Ethelbert. Estudou e foi professor em algumas universidades alemãs. Foi professor assistente nas Universidades de Halle e de Bonn, e foi professor de Estudos Néo-Testamentários e de Numismática Antiga na Universidade de Erlangen. Também escreveu seis livros sobre Cristo e sobre a Teologia Cristã.
- Stoner, Peter W. Mestre em Ciências, foi diretor do Departamento de Matemática e Astronomia em Pasadena City College (Faculdade da Cidade de Pasadena) até 1953, diretor do Departamento de Ciências da Westmont College (Faculdade Westmont) entre 1953 e 1957, sendo atualmente professor emérito de Ciências, da Westmont Colle-

- Stott, John R. W. É pastor da Ali Souls Church (Igreja de Todas as Almas), em Londres, Inglaterra, autor de vários livros e comentários bíblicos.
- Tenney, Merrill C. É deão da Wheaton Graduate School (Escola de Pós-Graduação Wheaton) e professor de Filosofia e Bíblia no Wheaton College (Faculdade Wheaton), em Wheaton, estado de Illinois, Estados Unidos. É doutor em Filosofia pela Universidade de Harvard.
- Unger, Merrill F. Tem o Bacharelado em Ciências Humanas e o Doutorado em Filosofia pela Universidade Johns Hopkins, e o Mestrado em Teologia e em Divindade pelo Dallas Theological Seminary (Seminário Teológico de Dallas). Leciona no Dallas Theological Seminary.
- Vos, Howard F. Recebeu sua educação na Wheaton College (Faculdade Wheaton; Bacharel em Ciências Humanas), Dallas Theological Seminary (Seminário Teológico de Dallas; Mestre em Teologia e em Divindade), Northwestern University (Universidade do Noroeste; Mestrado em Ciências Humanas, Doutorado em Filosofia), Universidade Metodista do Sul e Instituto Oriental da Universidade de Chicago. Leciona História na Trinity College (Faculdade Trindade), em Deerfield, estado de Illinois, Estados Unidos.
- Warfield, Benjamin. Deu aulas de Língua e Literatura do Novo Testamento no Western Theological Seminary (Seminário Teológico do Oeste), em Pittsburgh. Recebeu em 1892 o título de Doutor em Direito de duas escolas, a College of New Jersey (Faculdade de Nova Jersey) e a Davidson College (Faculdade Davidson), em 1911 o título de Doutor em Letras da Lafayette College (Faculdade Lafayette), e em 1913 o título de Doutor em Teologia Sacra da Universidade de Utrecht. Em 1886 foi chamado para suceder a Archibald Alexander Hodge como professor de Teologia Sistemática no Princeton Theological Seminary (Seminário Teológico Princeton), posição que ocupou com grande distinção até seu falecimento, em 1921.
- Westcott, Brooke Foss (1825-1901). Estudou na King Edward VI's School (Escola do Rei Eduardo VI), em Birmingham, Inglaterra, e na Trinity College (Faculdade Trindade), em Cambridge, tendo-se formado com distinção.
- Wiseman, Donald J. Desde 1948 serve como depositário-assistente do Departamento de Relíquias Egípcias e Assírias (atualmente denominado Departamento de Relíquias da Ásia Ocidental) do Museu Britânico. Estudou na King's College (Faculdade do Rei), em Londres, e na Wadham College (Faculdade Wadham), em Oxford. Tem feito escavações em Ninrode, Iraque, e em Harã, sul da Turquia, e tem participado de equipes de pesquisa arqueológica em outros países do Oriente Próximo. É professor de Assiriologia na Universidade de Londres.
- Young, E. J. É formado pela Universidade Stanford. Recebeu o título de Doutor em Filosofia na área de Ensino do Hebraico e Línguas Cognatas, da Dropsie College (Faculdade Dropsie), na Filadélfia, Estados Unidos. Passou dois anos na Palestina, Egito, Itália e Espanha estudando línguas antigas, e estudou na Universidade de Leipzig enquanto esteve na Alemanha. Desde 1936 tem atuado como professor de Antigo Testamento no Westminster Seminary (Seminário Westminster), localizado na Filadélfia.

Você Conhece as Quatro Leis Espirituais?



PÁGINA 1: APRESENTANDO O LIVRINHO

Quando você tirar o livrinho das Quatro Leis Espirituais do bolso ou da bolsa, você pode usar uma destas declarações que já se comprovaram eficientes para introduzir o livrinho na conversação:

1. "Você já ouviu falar das Quatro Leis Espirituais? (Então, começando na página 2) Exatamente como há leis físicas que governam..."

2. "Eu gostaria de ouvir a sua opinião sobre um livrinho especial. O conteúdo dele mudou a minha vida. Chama-se as Quatro Leis Espirituais, e mostra que exatamente como há leis físicas que governam..."

3. Sabe de uma coisa? Eu descobri um livrinho que explica claramente como podemos ter um relacionamento pessoal com Deus (ou, que explica claramente qualquer outro assunto que vocês estejam comentando). Chama-se Quatro Leis Espirituais, e diz que exatamente como há leis físicas que governam..."

4. Se você pensa que a pessoa é cristã mas não tem certeza, você pode dizer: "Há algum tempo descobri como expressar minha fé de maneira que realmente faz sentido, e gostaria de partilhar isso com você. Já ouviu falar das Quatro Leis Espirituais?"

1

Exatamente como há leis físicas que governam o universo, também há leis espirituais que governam o seu relacionamento com Deus.

PRIMEIRA LEI

DEUS O AMA E OFERECE UM PLANO MARAVILHOSO PARA A SUA VIDA.

(As referências contidas neste livrinho devem ser lidas diretamente da Bíblia sempre que possível.)

2

O amor de Deus

"Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna" (João 3:16).

O plano de Deus

(Disse Jesus:) "Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância" (para que seja uma vida plena e significativa) (João 10:10).

Mas por que a maioria das pessoas não experimentam essa vida abundante?
Porque...

3

PÁGINAS 2 e 3: UM PONTO DE PARTIDA POSITIVO

Pegue uma caneta ou lápis, segure o livrinho de modo que o ouvinte possa acompanhá-lo, e comece a ler. Use uma inflexão de voz apropriada. Leia moderadamente, nem depressa demais nem devagar. (Não leia o material que se encontra entre parêntesis ao pé da página 2.)

As páginas 2 e 3 estabelecem o fato importante de que Deus ama o ouvinte, e oferece um plano maravilhoso para a sua vida. Enquanto muitos não-cristãos esperam um assalto condenatório, esta apresentação começa com o caloroso amor de Deus.


2

SEGUNDA LEI
O HOMEM É PECADOR E ESTÁ SEPARADO DE DEUS. PORTANTO, NÃO PODE CONHECER E EXPERIMENTAR O AMOR E O PLANO DE DEUS PARA A SUA VIDA.

O homem é pecador
 "Pois todos pecaram e carecem da glória de Deus" (Romanos 3:23).
 O homem foi criado para ter comunhão com Deus; mas, por causa de seu egoísmo e teimosia, preferiu andar independentemente e sem ter comunhão com Deus. Essa obstinação, caracterizada por uma atitude de rebeldia ativa e indiferença passiva, é evidente no que a Bíblia chama de pecado.

4

O homem está separado
 "Porque o salário do pecado é a morte" (separação espiritual de Deus) (Romanos 6:23).



Este diagrama ilustra que Deus é santo e o homem é pecador. Um grande abismo separa os dois. As flechas mostram que o homem está continuamente tentando alcançar a Deus e receber a vida abundante através de seus próprios esforços, como uma vida boa, alguma filosofia ou religião.

A terceira lei explica que a única maneira de transpor esse abismo, . . .

5

PÁGINAS 4 e 5: POR QUE O HOMEM ESTÁ SEPARADO DE DEUS

Continue lendo as páginas 4 e 5, palavra por palavra. Olhe para o seu ouvinte ocasionalmente enquanto lê, tanto para personalizar o que você está dizendo como para avaliar se ele o está acompanhando

As páginas 4 e 5 enfatizam o motivo por que as pessoas não experimentam o amor e o plano de Deus: o pecado. Romanos 3:23 mostra que o pecado é universal: *Todos* pecaram, e carecem do perdão de Deus. Romanos 6:23 diz que a consequência do pecado é a morte, ou separação eterna de Deus. Essa é a parte mais difícil para o ouvinte, mas é essencial que entenda essa separação de Deus.

Você vai ver que os desenhos são especialmente úteis para a explicação do evangelho. Eles dão ao ouvinte um visual para entender as verdades da Palavra de Deus. Pratique no uso deles para que você possa apontar os desenhos enquanto explica os textos relacionados.

TERCEIRA LEI

3

JESUS CRISTO É A ÚNICA PROVISÃO DE DEUS PARA O PECADO DO HOMEM. ATRAVÉS DELE PODEMOS CONHECER E EXPERIMENTAR O AMOR E O PLANO DE DEUS PARA A SUA VIDA.

Ele morreu em nosso lugar

“Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco, pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores” (Romanos 5:8).

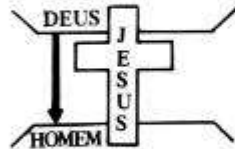
Ele Ressuscitou dos Mortos

“Cristo morreu pelos nossos pecados, . . . foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras. E apareceu a Cefas, e, depois, aos doze. Depois foi visto por mais de quinhentos. . .” (1 Coríntios 15:36).

6

Ele é o Único Caminho para Deus

“Respondeu-lhe Jesus: Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim” (João 14:6).



Este desenho mostra que Deus colocou uma ponte sobre o abismo que nos separa dEle, enviando o Seu Filho, Jesus Cristo, para morrer na cruz em nosso lugar e pagar a penalidade pelos nossos pecados.

Mas não basta simplesmente conhecer estas três leis. . .

7

PÁGINAS 6 E 7: A NOTÍCIA MAIS ALEGRE QUE JÁ FOI ANUNCIADA

Eis aí! A provisão de Deus para o homem pecador: como, através de Jesus Cristo, o homem pode escapar do reino das trevas e passar para o reino da luz. As páginas 6 e 7 mostram como Cristo morreu pelo pecado do homem, ressuscitou dos mortos e é o único meio do homem ter comunhão com Deus. Deus colocou uma ponte sobre o abismo de separação através de Seu Filho Jesus

QUARTA LEI

4

TEMOS DE INDIVIDUALMENTE ACEITAR JESUS CRISTO COMO SALVADOR E SENHOR; ENTÃO PODEMOS CONHECER E EXPERIMENTAR O AMOR E O PLANO DE DEUS PARA AS NOSSAS VIDAS.

Temos de aceitar a Cristo
 “Mas, a todos quantos O receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus; a saber, aos que crêem no Seu nome” (João 1:12).

Nós aceitamos Cristo pela fé
 “Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie” (Efésios 2:8,9).

Quando aceitamos Cristo, experimentamos um novo nascimento (Leia João 3:1-8).

8

Aceitamos Cristo fazendo um convite pessoal
 (Jesus está dizendo:) “Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir a minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa. . .” (Apocalipse 3:20).

Aceitar a Cristo envolve uma mudança de direção, de mim para Deus (arrepentimento) e confiar em Cristo para entrar em nossas vidas, perdoar nossos pecados e nos transformar no tipo de pessoas que Ele deseja. Concordar apenas intelectualmente que Jesus Cristo é o Filho de Deus e que Ele morreu na cruz pelos nossos pecados não é suficiente. Também não basta passar por uma experiência emocional. Recebemos Jesus Cristo pela fé, em um ato da vontade.

Estes dois círculos representam dois tipos de vidas:

VIDA AUTODIRIGIDA
 E = Eu estou no trono
 T = Cristo está fora de minha vida
 ● = Os interesses são dirigidos pelo eu, irei querientemente resultando em discordância e frustração.

VIDA DIRIGIDA POR CRISTO
 T = Cristo está no trono e na minha vida
 E = O eu submisso a Cristo
 ● = Os interesses são dirigidos por Cristo, resultando em harmonia com os planos de Deus.

Qual é o círculo que representa a sua vida?
 Qual o círculo que você gostaria que representasse a sua vida?
 Vamos ver a seguir como você pode aceitar Cristo.

9

PÁGINAS 8 e 9: PERSONALIZANDO AS BOAS NOVAS

Estas páginas enfatizam o fato de que não basta simplesmente consentir intelectualmente com as três primeiras leis. É preciso *aceitar* Jesus Cristo pessoalmente como Salvador e Senhor para conhecer e viver o amor e o plano de Deus. O ouvinte toma conhecimento de como pode aceitar Cristo, e o que envolve esse ato.

Preste atenção especial para os dois círculos no alto da página 9. São especialmente eficientes para ajudar o ouvinte a perceber onde está em relação a Deus. Recentemente eu pedi a Lance, um funcionário de um aeroporto na costa leste, para ler o livrinho das Quatro Leis Espirituais enquanto eu reunia a minha bagagem. Quando eu já estava de posse de todas as malas, eu perguntei: "Qual é o círculo que representa a sua vida?"

"O da esquerda", respondeu Lance.

"Qual o círculo que você gostaria que representasse a sua vida?"

"O da direita", ele disse resolutamente.

Dentro de alguns poucos minutos, Lance percebera qual era a sua posição com Deus, e entendeu que desejava aceitar Jesus Cristo como Senhor e Salvador. Juntos nos afastamos do burburinho do aeroporto e Lance fez a oração sugerida. Quando nos apertamos as mãos e ele me deu o seu endereço, ele se alegrava com o seu recém-descoberto relacionamento com o Senhor.

Aprenda bem o diagrama do círculo. Ele ajuda o ouvinte a visualizar a verdadeira diferença existente entre o homem auto-direcionado e o homem dirigido por Cristo, e incentiva-o a identificar exatamente onde está. Você vai descobrir que é prático em uma variedade de situações. Algumas pessoas o tem usado com sucesso para *início* de conversa sobre coisas espirituais.

VOCÊ PODE ACEITAR CRISTO AGORA MESMO PELA FÉ ATRAVÉS DE ORAÇÃO

(Orar é conversar com Deus)

"Senhor Jesus, eu preciso de ti. Obrigado por teres morrido na cruz pelos meus pecados. Eu abro a porta de minha vida e te aceito como meu Salvador e Senhor. Obrigado por perdoares os meus pecados e por me dares a vida eterna. Assuma o controle do trono da minha vida. Faze de mim o tipo de pessoa que tu queres que eu seja."

Esta oração expressa o desejo do seu coração?

Então, faça-a agora mesmo, e Cristo entrará em sua vida como prometeu.

10

PÁGINA 10: UMA ORAÇÃO SUGERIDA

A pessoa recebe Cristo pela fé e não por meio da oração. A oração, entretanto, é um meio tangível e consciente de expressar a fé e de "abrir a porta" da vida para Cristo. A oração sugerida nesta página contém diversas confissões e compromissos importantes da parte do ouvinte, por isso leia-a cuidadosamente junto com ele.

Então você deve fazer as duas mais importantes perguntas de toda a oportunidade de testemunho:

"João, esta oração expressa o desejo do seu coração?"

"Você gostaria de fazer esta oração agora mesmo?"

Não seja acanhado neste ponto. É o ponto em que o ouvinte precisa de sua liderança confiante e calma. Quando diz "sim", peça-lhe que repita a oração acompanhando-o, uma frase de cada vez. (Vamos discutir no próximo capítulo o que fazer quando o ouvinte hesita ou diz "não".) Quando terminarem de orar juntos, felicite-o e, então, diga: "Agora vou lhe fazer algumas perguntas só para ver se você entendeu o que acaba de acontecer..." Continue com a página 11.

Como saber se Cristo se encontra em sua vida

Você recebeu Cristo em sua vida? De acordo com a Sua promessa em Apocalipse 3:20, onde está Cristo agora em relação a você? Cristo disse que Ele entraria em sua vida. Será que Ele poderia enganá-lo? Com que autoridade você sabe que Deus respondeu sua oração? (A veracidade do próprio Deus e da Sua Palavra).

A Bíblia promete vida eterna a todos os que aceitam Cristo.

"E o testemunho é este, que Deus nos deu a vida eterna; e esta vida está no Seu Filho. Aquele que tem o Filho tem a vida; aquele que não tem o Filho de Deus não tem a vida. Estas cousas vos escrevi a fim de saberdes que tendes a vida eterna, a vós outros que credes em o nome do Filho de Deus" (1 João 5:11-13).

Agradeça a Deus freqüentemente porque Cristo está na sua vida e porque Ele nunca vai abandoná-lo (Hebreus 13:5). Com base na promessa dEle você pode saber que Cristo vive em você e que você tem a vida eterna, desde o momento em que você O convidou para entrar. Ele não o enganará.

Um lembrete importante. . . 11

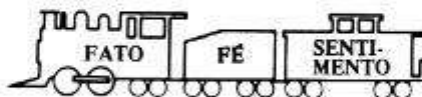
PÁGINA 11: CERTEZA DE SALVAÇÃO

Faça as perguntas do alto da página 11 para ajudar o novo crente a compreender as promessas da Palavra de Deus. Ele pode ter certeza, porque Deus e a Sua palavra são dignos de confiança, de que Cristo está agora em sua vida.

E, sendo Deus e a Sua Palavra dignos de confiança, ele agora tem a vida eterna. Leia 1 João 5:11-13 para confirmar este fato. Você pode lhe perguntar agora: "João, de acordo com a Palavra de Deus, quando você morrer o que vai acontecer com você?" (Receber a vida eterna no céu de acordo com 1 João 5:11-13, João 3:16, Romanos 6:23.)

NÃO DEPENDE DE SENTIMENTOS

A promessa da Bíblia, a Palavra de Deus, não os nossos sentimentos, é a nossa autoridade. O cristão vive pela fé (confiança) na fidelidade do próprio Deus e de Sua Palavra. O desenho desse trem ilustra o relacionamento que há entre o **fato** (Deus e a Sua Palavra), a **fé** (nossa confiança em Deus e na Sua Palavra) e os **sentimentos** (o resultado de nossa fé e obediência) (João 14:21).



O trem vai continuar andando com ou sem o vagão. Contudo, seria difícil tentar puxar o trem pelo vagão. Da mesma forma, nós, os cristãos, não dependemos de sentimentos ou emoções, mas colocamos a nossa fé (confiança) na fidelidade de Deus e nas promessas de Sua Palavra.

12

PÁGINA 12: "VOCÊ NÃO TEM DE SE SENTIR DIFERENTE"

A página 12 trata da questão dos sentimentos. Algumas pessoas têm conversões dramáticas, enquanto outras fazem uma decisão calma e sossegada. Continue lendo o texto palavra por palavra, enfatizando como o desenho do trem apresenta a devida seqüência. Temos *fé* no *fato* da Palavra de Deus. Os *sentimentos* são um resultado de nossa fé, não a causa de nossa fé. Algumas vezes nossos sentimentos podem estar lá em cima, enquanto em outras ocasiões eles podem estar lá em baixo, mas o *fato* da fidelidade de Deus permanece constante.

AGORA QUE VOCÊ ACEITOU CRISTO

No momento em que você aceitou Cristo pela fé, em um ato da vontade, muitas coisas aconteceram, inclusive o seguinte:

1. Cristo entrou em sua vida (Apocalipse 3:20 e Colossenses 1:27).
2. Seus pecados foram perdoados (Colossenses 1:14).
3. Você se tornou um filho de Deus (João 1:12).
4. Você recebeu vida eterna (João 5:24).
5. Você iniciou a grande aventura para a qual Deus o criou (João 10:10; 2 Coríntios 5:17 e 1 Tessalonicenses 5:18).

Você pode imaginar alguma coisa mais maravilhosa que poderia acontecer do que aceitar a Cristo? Você não gostaria de agradecer a Deus fazendo uma oração agora mesmo pelo que Ele fez por você? Agradecendo a Deus, você vai demonstrar a sua fé.

Para desfrutar de sua nova vida
em toda a plenitude, . . .

13

PÁGINA 13: RESUMO DA NOVA VIDA

A página 13 é uma revisão rápida do que aconteceu na vida do novo crente quando ele aceitou Cristo. Você deve encorajá-lo a levar o livrinho para casa, a abrir a Bíblia e procurar cada uma das referências do contexto para confirmar que Deus realmente operou um milagre de amor em sua vida. Se houver tempo, orem juntos conforme sugerido em baixo da página 13, agradecendo a Deus pelo que Ele tem feito.

SUGESTÕES PARA O CRESCIMENTO ESPIRITUAL

O crescimento espiritual resulta da confiança em Jesus Cristo. "O justo viverá pela fé" (Gálatas 3:11). Uma vida de fé vai capacitá-lo a confiar em Deus cada vez mais em cada detalhe de sua vida, e a praticar o seguinte:

- C ultivar uma vida de oração (João 15.7).
- R evigorar-se pela leitura diária da Palavra de Deus (Atos 17:11).
- E star sempre disposto a obedecer à vontade de Deus (João 14:21).
- S er uma testemunha fiel, no viver e no falar (Mateus 4.19, João 15.8).
- C onsagrar a Deus seu corpo, tempo e talentos (1 Coríntios 6.19, 20).
- E sperar de Deus a orientação para a vida (1 Pedro 5.7).
- R vestir-se do poder do Espírito Santo para a vida vitoriosa (Atos 1.8; Gálatas 5.16, 17).

14

COMUNHÃO NUMA BOA IGREJA

A Palavra de Deus nos adverte para que "não deixemos de congregar-nos..." (Hebreus 10:25). Achas de lenha juntas fazem uma fogueira; mas uma só colocada de lado sobre o chão frio acaba se apagando. O mesmo acontece com o seu relacionamento com os demais cristãos. Se você não participa de uma igreja, não espere ser convidado. Tome a iniciativa; visite o pastor de uma igreja próxima onde Cristo seja honrado e a Sua Palavra pregada. Comece nesta semana, e faça planos para frequentá-la regularmente.

EXISTE MATERIAL ESPECIAL À DISPOSIÇÃO DO CRISTÃO PARA O SEU CRESCIMENTO.

Se você já conhece Cristo pessoalmente através desta apresentação do evangelho, escreva pedindo um livrinho grátis especialmente escrito para ajudá-lo em seu crescimento cristão.

Temos também uma série de estudos bíblicos especiais e abundância de outro material útil para o crescimento cristão. Para maiores informações, escreva para a Cruzada Estudantil e Profissional para Cristo - Caixa Postal 20.822 - São Paulo, SP - Brasil.

Você vai querer partilhar esta importante descoberta. . .

15

PÁGINAS 14 e 15: SUGESTÕES PARA O CRESCIMENTO

Eis aqui um minicurso sobre o que fazer para crescer no recém- descoberto relacionamento com Jesus Cristo. Incentive o novo crente a estudá-lo sozinho também.

Creemos fortemente no compromisso com a igreja local. Um crente novo precisa encontrar uma congregação de cristãos cheios de amor e fiéis que amem o Senhor e a Sua Palavra inspirada, que vão encorajar e fortalecer a sua caminhada com Deus.

Vamos falar mais sobre isso no capítulo 11, "Como discipular um crente novo", mas é importante observar que há uma variedade de material útil para isso, que você pode usar com um novo convertido, tanto pessoalmente como pelo correio. Alguns dos melhores se encontram relacionados no apêndice E.

Livros de Josh McDowell

PROPHECY: FACTOR FICTION?
MORE THAN A CARPENTER
EVIDENCE THAT DEMANDS A VERDICT
MORE EVIDENCE THAT DEMANDS A VERDICT
THE RESSURRECTION FACTOR
ANSWERS TO TOUGH QUESTIONS
GIVERS, TAKERS AND

OTHER KINDS OF LOVERS

PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

RESPOSTAS ÀQUELAS PERGUNTAS

Josh McDowell e Don Stewart

RAZÕES PARA CÉTICOS CONSIDERAREM O CRISTIANISMO

Josh McDowell e Don Stewart